Nada mais a perder

"Uma história de amor inspiradora."
Daily Mail



Da autora de
Como eu era antes de você

JOJO MOYES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Nada mais a perder

JOJO MOYES

Tradução de Ana Ban



Copyright © Jojo's Mojo Ltd, 2009
Esta edição não pode ser exportada para Portugal.

TÍTULO ORIGINAL
The Horse Dancer

PREPARAÇÃO
Nina Lua

REVISÃO
Marcela de Oliveira
Juliana Pitanga

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Sarah Gibb

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

E-ISBN
978-85-8057-971-0

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

25
26
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça os outros títulos da autora
Leia também

Para C, S, H e L
E para Mecca Harris

Mostre-me seu cavalo e eu lhe digo o que você é.
Antigo provérbio inglês

PRÓLOGO

A primeira coisa que ele viu foi o vestido amarelo dela, brilhando à luz que se esvaía; um facho claro na outra extremidade do estábulo. Ele parou por um instante, sem saber ao certo se podia confiar nos próprios olhos. Então ela ergueu o braço bem branco, e a cabeça elegante de Gerontius se abaixou por cima da portinhola para pegar o petisco que oferecia. Ele caminhou depressa, quase correndo, com a ponta metálica das botas estalando no piso de pedra molhado.

— Você chegou!

— Henri!

Quando ela se virou, ele já a abraçava. Ele a beijou e afundou o rosto no maravilhoso perfume do cabelo dela. O suspiro que lhe escapou parecia vindo de algum lugar dentro das botas.

— Nós chegamos hoje à tarde — contou ela com o rosto encostado no ombro dele. — Mal tive tempo de me trocar. Devo estar horrorosa… Mas eu estava na plateia e vi você pela cortina. Tinha de vir aqui lhe desejar boa sorte.

As palavras dela tinham saído embaralhadas, mas, de qualquer maneira, ele mal conseguia escutar. Estava embevecido pela pura e simples presença da garota, pela sensação de tê-la em seus braços depois da ausência de tantos meses.

— E olhe só para você!

Ela deu um passo atrás, percorrendo com o olhar do chapéu preto pontudo até a parte de baixo do imaculado uniforme dele, então tirou com a mão um fiapo imaginário dos alamares dourados. Agradecido, ele reparou na sua relutância em recolher os dedos. Ficou maravilhado por não haver mal-estar, apesar de terem se passado tantos meses. Nada de provocações. Ela era totalmente sincera; a garota de sua imaginação estava ali mais uma vez, em carne e osso.

— Você está incrível — elogiou ela.

— Eu… não posso demorar. A apresentação começa daqui a dez minutos.

— Eu sei… O Le Carrousel é muito emocionante. Nós assistimos aos motoqueiros e ao desfile de tanques. Mas vocês, Henri, vocês e os cavalos definitivamente são a maior atração. — Ela deu uma olhada atrás dele, na direção da arena. — Acho que a França inteira está aqui para ver vocês.

— Você… pegou *les billets*?

Eles se entreolharam com a testa franzida. O idioma ainda era um problema, apesar de todo o esforço dos dois.

— *Billets*… — Ele sacudiu a cabeça, irritado consigo mesmo. — Ingresso. Ingressos. Os melhores ingressos.

Ela ficou radiante, e a breve insatisfação dele evaporou.

— Ah, sim. Edith, a mãe dela e eu estamos na primeira fila. Elas mal podem esperar para ver você cavalgar. Contei tudo sobre você a elas. Estamos hospedadas no Château de Verrières. — A voz dela baixou para um sussurro, apesar de não haver ninguém por perto. — É muito grandioso. Os Wilkinson têm muito dinheiro *mesmo*. Muito mais do que nós. Foi muita gentileza deles me trazer.

Ele a observava falar, distraído pelo arco do cupido dos lábios dela. Ela estava ali. As mãos dele, cobertas pelas luvas de pelica branca, aninhavam seu rosto.

— Florence… — disse ele com um suspiro e voltando a beijá-la. O cheiro do sol permeava a pele dela, apesar de já ter anoitecido. Era inebriante, como se ela tivesse sido criada para irradiar calor. — Sinto sua falta todos os dias. Antes, não havia nada além de Le Cadre Noir. Agora… nada é bom sem você.

— Henri…

Florence acariciou a bochecha de Henri com o corpo colado ao dele. O homem quase ficou tonto.

— Lachapelle! — Ele se virou de supetão. Didier Picart estava parado próximo à cabeça de seu cavalo com o cavalariço ao lado, preparando a sela. Estava colocando as luvas. — Talvez, se você pensasse na sua

montaria tanto quanto pensa na sua vagabunda inglesa, nós conseguiríamos alguma coisa, hein?

Florence não sabia francês o suficiente para entender o que fora dito, mas percebeu a breve expressão de Picart. Henri então viu que ela adivinhara que as palavras do outro francês não tinham sido nada elogiosas.

A irritação de sempre veio à tona, e ele cerrou os dentes para se controlar. Sacudiu a cabeça para Florence, tentando indicar a estupidez e a irrelevância de Picart, que Picart vinha agindo assim, com insultos e provocações, desde a viagem à Inglaterra, quando ela e Henri se conheceram. Garotas inglesas não tinham classe, exclamara Picart no refeitório, depois do encontro; Henri sabia que o comentário havia sido dirigido a ele. Elas não sabiam se vestir. Comiam feito porcos na cocheira. Iam para a cama com qualquer um em troca de alguns francos, ou do equivalente a uma caneca daquela cerveja horrível.

Henri levara semanas para compreender que o mau humor de Picart tinha quase nada a ver com Florence e tudo a ver com sua fúria por seu lugar no Le Cadre Noir lhe ter sido roubado, por ter sido preterido pelo filho de um camponês. Não que isso tornasse mais fácil ouvir tudo aquilo.

A voz de Picart ecoou pelo pátio:

— Ouvi dizer que há quartos perto do cais Lucien Gautier. Seria um pouco mais adequado do que um estábulo, *n'est-ce pas*?

A mão de Henri apertou a de Florence. Ele tentou manter a voz calma ao retrucar:

— Mesmo que você fosse o último homem da terra, ela seria demais para você, Picart.

— Por acaso não sabe, seu camponesinho, que qualquer vagabunda fica com você se pagar o preço certo?

Picart sorriu com desdém, apoiou a bota perfeitamente engraxada no estribo e montou o cavalo. Henri passou a impressão de que ia dar um passo à frente, mas Florence o deteve.

— Querido… olhe, é melhor eu voltar para o meu lugar — disse, afastando-se. — Você precisa se preparar. — Ela hesitou, então estendeu o

braço e o beijou mais uma vez, puxando-o pela nuca com a mão delicada e branca. Henri sabia o que ela estava tentando fazer: queria que ele parasse de pensar no veneno de Picart. E estava certa; era impossível sentir qualquer coisa que não alegria quando os lábios de Florence tocavam os seus. Ela sorriu. — *Bonne chance, écuyer*.

— *Écuyer!* — repetiu ele, distraído por um instante, comovido pelo fato de ela, na sua ausência, ter descoberto a palavra certa para "cavaleiro".

— Estou aprendendo!

Ela jogou um beijo, seus olhos cheios de travessura e de promessa, e então se foi, a garota inglesa dele, correndo de volta pelo longo estábulo, com os saltos estalando no piso de pedra.

* * *

O festival militar anual Le Carrousel marcava o fim de um ano de treinamento para os jovens oficiais da cavalaria de Saumur. Como sempre, no fim de semana de julho a cidadezinha medieval se enchia de visitantes, ansiosos para ver não apenas o desfile dos jovens cavaleiros, mas também as exibições tradicionais de montaria, acrobacias em motocicletas e o desfile de tanques com as enormes carrocerias ainda marcadas pela guerra.

Era 1960. A velha guarda vacilava perante um massacre da cultura pop e das atitudes em mutação e de Johnny Hallyday, mas em Saumur havia pouca fome de mudança. A apresentação anual dos vinte e dois cavaleiros de elite franceses, alguns militares, outros civis, que formavam o Le Cadre Noir, o ápice do fim de semana do Le Carrousel, sempre bastava para garantir que os ingressos esgotassem em poucos dias, comprados pela comunidade local, por gente que se orgulhava da herança cultural da França e, em nível menos cerebral, por pessoas instigadas pelos cartazes espalhados por toda a região do Loire que prometiam "Pompa, Mistério, Cavalos que desafiam a gravidade".

Le Cadre Noir fora criado quase duzentos e cinquenta anos antes, depois de a cavalaria francesa ter sido dizimada nas Guerras Napoleônicas.

Na tentativa de reconstruir aquilo que tinha sido considerado um excelente bando de cavaleiros, foi aberta uma escola em Saumur, a cidadezinha que abrigava uma academia equestre desde o século XVI. Ali, um corpo de instrutores tinha sido formado com representantes das melhores escolas de montaria de Versailles, das Tuileries e de Saint Germain para transmitir as elevadas tradições da montaria formal a uma nova geração de oficiais, e continuou sendo assim desde então.

Com o advento dos tanques e da aparelhagem de guerra mecanizada, Le Cadre Noir enfrentava questionamentos sobre a utilidade de uma organização tão arcaica. Mas, por décadas, nenhum governo fora capaz de acabar com a instituição que, àquela altura, tinha se tornado parte do legado cultural da França. Os cavaleiros, com seu uniforme preto, tinham se transformado em ícones, e a França, com suas tradições da Académie Française, da *haute cuisine* e da *couture*, compreendia a importância da tradição. De sua parte, os cavaleiros, talvez cientes de que a melhor maneira de garantir sua sobrevivência era criando um novo papel para si mesmos, ampliaram seu escopo de ação: além de treinar homens de cavalaria, a escola abriu as portas para revelar suas habilidades raras e seus cavalos magníficos em apresentações públicas na França e no exterior.

Assim era o Le Cadre Noir em que Henri Lachapelle então se encontrava, e a apresentação daquela noite era a de maior importância simbólica no ano, na sede do grupo, uma oportunidade de mostrar aos amigos e familiares as habilidades adquiridas com tanto esforço. O ar cheirava a caramelo, vinho e busca-pés, e fazia calor com os milhares de corpos que se moviam com delicadeza. A multidão já se reunia no entorno da place du Chardonnet, no coração da École de Cavalrie, com suas construções elegantes desgastadas pelo tempo. O clima de festejos era acentuado pelo calor do verão em julho, pelo ar parado da noite e pela crescente expectativa. Crianças corriam de um lado para outro com balões ou palitos de algodão-doce; os pais se perdiam nos aglomerados que examinavam as barraquinhas vendendo cata-ventos de papel e espumante, ou apenas caminhavam em grupos que, às risadas, atravessavam a grande

ponte até os cafés na calçada do lado norte. Enquanto isso, um bochicho baixo de empolgação emanava das pessoas que já tinham ocupado seus assentos ao redor do Grand Manège, a ampla arena de areia da apresentação pública, e agora se agitavam, impacientes, abanando-se com leques e transpirando à luz que ia enfraquecendo.

— *Attends!*

Henri, ao ouvir o pedido de atenção, conferiu a sela e a rédea, perguntou ao *dresseur* pela décima quinta vez se o uniforme dele estava direito e então afagou o focinho de Gerontius, seu cavalo, admirando as trancinhas minúsculas e com fitas que o cavalariço tinha feito na crina do animal, balbuciando elogios e palavras de incentivo nas orelhas aparadas com elegância. Gerontius tinha dezessete anos — idade avançada para os padrões da academia — e logo seria aposentado. Era a montaria de Henri desde a chegada dele ao Le Cadre Noir, três anos antes, e uma conexão instantânea e passional se formara entre os dois. Ali, no confinamento dos muros antigos da escola, não era incomum ver rapazes beijando o focinho dos cavalos e murmurando palavras afetuosas que teriam vergonha de declamar a uma mulher.

— V*ous êtes prêt*? — Le Grand Dieu, o cavaleiro-mestre, dirigia-se ao centro da arena de preparação, seguido por um cortejo de *écuyers*, com seu uniforme dourado e o quepe que o distinguiam como o membro mais importante entre os praticantes da escola. Ele se colocou na frente dos jovens cavaleiros e de seus cavalos irrequietos. — Como sabem, este é o ponto alto do nosso ano. A cerimônia remonta a mais de cento e trinta anos, e as tradições da nossa escola, de muitos anos antes disso, até o tempo de Xenofonte e a era dos gregos. Tanta coisa no mundo de hoje parece estar relacionada à necessidade de mudança, ou a jogar fora os métodos tradicionais em busca do que é gratuito ou fácil. Le Cadre Noir acredita que ainda há lugar para uma *élite*, para a busca da excelência acima de tudo. Esta noite vocês são embaixadores, demonstrando que a verdadeira graça e a verdadeira beleza só podem ser resultado de disciplina, paciência, solidariedade e abnegação. — Ele olhou ao redor e continuou: — A nossa arte é do tipo que desaparece no momento em que é

criada. Vamos fazer com que o povo de Saumur se sinta privilegiado por testemunhar tal espetáculo.

Ouviu-se um murmúrio de aprovação, então os homens montaram os cavalos, alguns ajeitaram o chapéu ou esfregaram marcas inexistentes nas botas — pequenos gestos para dispersar a ansiedade que tomava conta deles.

— Está pronto, Lachapelle? Não está muito nervoso?

— Não, senhor.

Henri permaneceu ereto, sentindo os olhos do homem mais velho passear por todo o seu uniforme, em busca de qualquer mácula à perfeição. Ele tinha consciência de que a calma ensaiada era traída pelo suor que escorria das têmporas até a gola chinesa engomada.

— Não é vergonha nenhuma sentir um pouco de adrenalina no primeiro Le Carrousel de que se participa — disse ele, acariciando o pescoço de Gerontius. — Este velho ajudante vai garantir que tudo dê certo. Então, você fará o *capriole* na apresentação da segunda equipe. Depois, montado no Phantasme, o *croupade*. *D'accord*?

— Sim, senhor.

Ele sabia que os *maîtres écuyers* não tinham sido unânimes quanto a dar a ele um papel de tamanho destaque na apresentação anual, tendo em vista seu histórico dos últimos meses, as discussões, a clara e catastrófica falta de disciplina dele… O cavalariço de Henri tinha lhe contado o que fora dito na sala dos arreios: que a rebeldia dele quase tinha lhe custado seu lugar no Le Cadre Noir.

Ele não tentara se defender. Como poderia explicar a eles a mudança sísmica que tinha ocorrido dentro de si? Como poderia explicar que, para um homem que nunca escutara uma única palavra afetuosa, nem sentido um toque suave, a voz, a gentileza, os seios, o perfume e o cabelo dela tinham se revelado não apenas uma distração, mas uma obsessão muito mais forte do que um tratado intelectual sobre os mínimos detalhes do ofício de cavaleiro?

A infância de Henri Lachapelle fora um mundo de caos e desordem dominado pelo pai. Refinamento era uma garrafa de vinho de dois francos,

e qualquer tentativa de aprendizado era recebida com menosprezo. Entrar para a cavalaria tinha lhe oferecido algo a que se apegar, e a progressão dele nas fileiras até ser recomendado para uma das raras posições no Le Cadre Noir parecera o auge do que qualquer homem poderia esperar da vida. Aos vinte e cinco anos, ele se sentia em casa pela primeira vez.

O talento dele era prodigioso. Os anos passados na fazenda tinham lhe dado uma rara capacidade para o trabalho árduo. Ele possuía aptidão para lidar com cavalos difíceis. Havia uma conversa de que ele talvez pudesse se tornar um *maître écuyer* — em momentos mais fantasiosos, até um Grand Dieu. Ele então estava certo de que o rigor, a disciplina, o puro prazer e a satisfação do aprendizado seriam o suficiente para o resto de seus dias.

E então Florence Jacobs, de Clerkenwell, Londres, que nem sequer gostava de cavalos, mas tinha ganhado um ingresso para a apresentação da escola de hipismo francesa na Inglaterra, havia acabado com toda a sua paz de espírito, sua determinação, sua paciência. Bem mais tarde, com o tipo de perspectiva que só se adquire com a experiência, ele teria dito a seu eu mais jovem que tal paixão só se esperava do primeiro amor, que sentimentos assim tão cataclísmicos iriam se atenuar e talvez até desaparecer. Mas Henri, um homem solitário com poucos amigos que pudessem oferecer conselhos assim tão sábios, só sabia que não conseguiu pensar em mais nada desde o momento em que reparou na moça de cabelo escuro que assistiu às três noites de apresentação da lateral da arena com os olhos arregalados. Ele tinha ido falar com ela depois do espetáculo, sem nem sequer ter certeza do que o levara a fazer isso e desde então cada minuto passado sem ela parecia uma irritação ou, pior, um abismo sem fim e sem sentido. E, com isso, como ficava todo o resto?

A concentração dele desapareceu quase da noite para o dia. Ao voltar para a França, ele começou a questionar a doutrina, passou a se irritar com os mínimos detalhes que considerava irrelevantes. Acusou Devaux, um dos *maîtres écuyers* seniores, de estar "preso ao passado". Só quando faltou à terceira sessão de treino seguida, e seu cavalariço avisou-lhe que seria dispensando, foi que Henri percebeu que precisava tomar jeito.

Estudou Xenofonte, debruçou-se sobre suas obras. Tomou cuidado com o asseio. Ele se sentia seguro pelas cartas cada vez mais frequentes de Florence, com a promessa dela de que iria à França para vê-lo no verão. Alguns meses depois, talvez como recompensa, ele recebeu o papel principal em Le Carrousel: fazer o *croupade*, um dos movimentos mais difíceis que um cavaleiro poderia tentar, preterindo Picart e deixando o rapaz privilegiado ainda mais injuriado, seja lá quais fossem seus motivos anteriores.

O Grand Dieu montou seu cavalo, um garanhão português robusto, e deu dois passos elegantes para perto dele.

— Não me decepcione, Lachapelle. Vamos tratar esta noite como se fosse um recomeço.

Henri assentiu, silenciado por um ataque de nervos repentino. Ele montou o cavalo, pegou as rédeas, conferiu se o chapéu de pontas estava bem ajeitado na cabeça. Escutava o murmúrio da multidão, o burburinho abafado e cheio de expectativa enquanto a orquestra tocava algumas notas introdutórias, o tipo de silêncio pesado que só pode ser criado por mil pessoas assistindo a algo com atenção. Ele mal notou os votos de boa sorte murmurados entre os companheiros e então já estava conduzindo Gerontius para seu lugar, no meio da perfeita fila militar de cavalos reluzentes com a crina trançada. A montaria de Henri esperava ansiosa o primeiro comando dele quando a cortina vermelha pesada foi puxada, convidando-os a entrar na arena iluminada por holofotes.

* * *

Apesar da aparência calma e organizada dos vinte e dois cavaleiros, da natureza graciosa de suas apresentações públicas, a vida no Le Cadre Noir era cheia de provações físicas e intelectuais. Dia após dia, Henri Lachapelle ficava exausto, quase reduzido a lágrimas de frustração devido às infinitas correções dos *maîtres écuyers*, a sua aparente incapacidade de convencer os enormes e hipersensíveis cavalos a executar os "ares acima do solo" de acordo com os padrões específicos. Embora não pudesse

provar, ele percebia um preconceito palpável contra quem tinha entrado na escola de elite vindo do Exército, como era o caso dele, e não das competições de hipismo civis, não como parte da alta classe da sociedade francesa que sempre tivera o luxo combinado de ter bons cavalos à disposição e tempo para refinar suas habilidades. Em teoria, todos eram iguais no Le Cadre Noir, separados apenas pela destreza em cima do cavalo. Henri tinha consciência de que o igualitarismo não ia além dos uniformes de sarja.

No entanto, devagar e de modo contínuo, trabalhando das seis da manhã até tarde da noite, o camponês de Tours tinha construído a reputação de ser dedicado e hábil em se comunicar com os cavalos mais difíceis. Como os *maîtres écuyers* observavam de baixo de seus chapéus pretos, Henri Lachapelle tinha um "jeito tranquilo". Ele era *sympathique*. Foi por essa razão que, além de seu adorado Gerontius, ele tinha sido alocado a Phantasme, o jovem cavalo castrado cinza-chumbo e explosivo, que por qualquer motivo tinha um comportamento catastrófico. Henri passara a semana toda com uma ansiedade disfarçada em relação a colocar Phantasme em tal papel. Mas, ali, sob o olhar da multidão, a beleza musical das cordas enchendo seus ouvidos, o ritmo contínuo dos passos de Gerontius embaixo de si, ele de repente sentiu, nas palavras de Xenofonte, que era de fato um "homem com asas". Ele sentia o olhar admirado de Florence e sabia que mais tarde seus lábios tocariam a pele dela, por isso cavalgou com mais sagacidade e elegância, com uma leveza que fez o cavalo veterano se exibir, com as orelhas asseadas se inclinando para a frente de prazer. *Nasci para isso*, pensou, cheio de gratidão. *Tudo de que preciso está aqui*. Viu as chamas das tochas tremeluzindo nas paredes das pilastras antigas, ouviu as batidas ritmadas dos cascos dos cavalos ao entrarem bem organizados em uma fila, um atrás do outro, ao redor dele. Seguiu a meio-galope na formação ao redor do grande picadeiro, perdido no momento, ciente apenas do cavalo que se movia com tanta beleza embaixo dele, agitando os cascos de um jeito que fez Henri ter vontade de rir. O cavalo velho estava se exibindo.

— Aprume as costas, Lachapelle. Está montado feito um camponês. — Ele piscou, deu uma olhada em Picart, que se aproximava, cavalgando a seu lado, e passou por ele ombro a ombro. — Por que está tão agitado? A sua vagabunda passou sarna para você? — sibilou, bem baixinho.

Henri fez menção de retrucar, mas deteve-se quando Le Grand Dieu gritou:

— *Levade!*

Em uma fileira, os cavaleiros fizeram os animais se erguerem nas patas traseiras e receberam uma salva de palmas.

Quando as patas da frente dos cavalos tocaram o chão, Picart se virou para o outro lado, mas a voz dele continuava clara e audível.

— Ela também trepa igual a uma camponesa?

Henri mordeu os lábios por dentro, forçando-se a manter a calma para não deixar a irritação passar pelas rédeas e contaminar seu cavalo dócil. Ele ouvia o locutor explicando os aspectos técnicos dos movimentos dos cavaleiros e tentou domar seus pensamentos, para deixar as ordens fluírem dentro de si. Em silêncio, repetiu as palavras de Xenofonte: "A raiva mina a eficiência da comunicação com o seu cavalo." Ele não permitiria que Picart destruísse aquela noite.

— *Mesdames et messieurs*, agora, no centro da arena, verão Monsieur de Cordon fazendo a *levade*. Vejam como o cavalo se equilibra nas patas traseiras no ângulo exato de quarenta e cinco graus.

Henri estava levemente ciente do cavalo negro que empinava em algum lugar atrás dele, do súbito arroubo de aplausos. Ele se forçou a se concentrar, a manter a atenção de Gerontius. Mas não parava de pensar na expressão de Florence quando Picart tinha berrado suas obscenidades perto dela, a ansiedade que tinha tomado conta de seu rosto. E se ela soubesse mais francês do que deixava transparecer?

— E agora verão Gerontius, um dos nossos cavalos mais velhos, fazendo a *capriole*. Este é um dos movimentos que exigem mais talento, tanto do cavalo quanto do cavaleiro. O cavalo salta e dá um coice com as quatro patas no ar.

Henri fez Gerontius desacelerar, combinando a resistência das mãos com um comando rápido das esporas. Sentiu o animal começar a sacudir, fazendo o *terre à terre*, o movimento de cavalinho de balanço parado que concentraria a força sob ele. *Vou mostrar a todos*, pensou, e depois: *Vou mostrar a ele.*

Tudo o mais desapareceu. Eram só ele e o velho cavalo corajoso, a força que aumentava embaixo dele. E então, gritando de "*Derrière!"*, ele levou a mão com o chicote para a traseira do cavalo, com as esporas fincadas na barriga do animal, e Gerontius pulou no ar estendendo as patas traseiras atrás de si. Henri notou um espocar repentino de flashes, um enorme *uaaaaau* estereofônico de encantamento, aplausos, e então ele seguiu a meio-galope na direção da cortina vermelha, levando consigo um vislumbre de Florence, que o aplaudira de pé, com um enorme sorriso de orgulho.

— *Bon! C'était bon!*

Ele já estava apeando de Gerontius, esfregando o ombro do cavalo, e o *dresseur* já o levava embora. Henri tinha uma vaga consciência de algumas exclamações de aprovação, depois da mudança de ritmo da música na arena, um vislumbre através da cortina vermelha e dois outros *écuyers* fazendo a própria apresentação a pé, controlando os cavalos por duas rédeas compridas.

— Phantasme está muito nervoso. — O cavalariço tinha aparecido ao lado dele, com as sobrancelhas pretas e grossas juntas em sinal de preocupação. Ele deu uma chicotada no cavalo cinzento, que fez uma volta ao redor deles. — Cuidado, Henri.

— Ele vai conseguir — disse Henri, sem se incomodar e levantando o chapéu para secar o suor da testa.

O cavalariço entregou as rédeas para o cavaleiro que esperava ao lado dele e então se virou para Henri e tirou seu chapéu. O próximo movimento era feito com a cabeça descoberta para não haver risco de se distrair com um chapéu escorregando, mas aquilo sempre fazia Henri se sentir estranhamente vulnerável.

Ele observou o cavalo cinzento como o metal de uma arma cavalgar pela arena à sua frente, com o pescoço já escuro de suor, e um homem de cada lado.

— Vá. Agora. Vá.

O *dresseur* esfregou as costas da jaqueta dele com força e então o empurrou para a arena. Três *écuyers* rodearam o cavalo, um de cada lado da cabeça, outro na traseira.

Ele foi para baixo das luzes, de repente desejando que, como eles, tivesse a presença de um cavalo como âncora a que se agarrar.

— *Bonne chance!* — Ele ouviu a voz do cavalariço antes de ela ser engolida pelos aplausos.

— *Mesdames et messieurs*, *voilà La Croupade*, que se originou na cavalaria do século XVIII, quando conseguir permanecer na sela era considerado um teste das habilidades de um integrante dessa tropa. Pode levar de quatro a cinco anos para dominar estes movimentos. Monsieur Lachapelle montará Phantasme sem rédeas nem estribos. Este movimento, que remonta ao tempo dos gregos, é ainda mais difícil para o cavaleiro do que para o cavalo. Trata-se de uma versão mais elegante do rodeio, se assim preferirem.

Ouviu-se uma grande onda de risos. Henri, meio cego por causa dos holofotes, deu uma olhada em Phantasme; o olho esbranquiçado do animal revirava com uma mistura de nervosismo e fúria mal contida. Cavalo naturalmente acrobático, ele não gostava de ser segurado com tanta firmeza na cabeça, e o barulho, os sons e os cheiros do Le Carrousel pareciam ter exacerbado seu mau humor.

Henri tocou o ombro tenso do cavalo.

— Ssshiii — murmurou. — Está tudo bem. Está tudo bem.

Deu uma olhada nos breves sorrisos de Duchamp e Varjus, os dois homens ao lado da cabeça de Phantasme. Ambos eram cavaleiros eficientes, rápidos na reação às variações de humor mercuriais dos cavalos.

— Bem acomodado, hein? — comentou Varjus, sorrindo, ao lhe oferecer apoio para o pé. — *Un, deux, trois… hup*.

O cavalo irradiava tensão. Isso é bom, disse Henri a si mesmo e se ajeitou no lombo do animal. A adrenalina vai lhe dar mais altivez. Vai ficar mais bonito para o público, para Le Grand Dieu. Ele se forçou a respirar fundo. Foi então, quando cruzou as mãos na lombar, na posição de passividade tradicional que sempre o fazia pensar com desconforto em um prisioneiro, que Henri olhou para o lado e percebeu quem estava na traseira de Phantasme.

— Vamos ver que tipo de cavaleiro você é de verdade, hein, Lachapelle? — provocou Picart.

Henri não teve tempo de responder. Esticou as pernas o máximo possível, apertando as mãos enluvadas às costas. Ouviu o locutor dizer mais alguma coisa e sentiu o clima de expectativa na arena.

— *Attends*. — Varjus olhou para trás. O *terre à terre* ia aumentando embaixo de Henri. — *Un, deux, derrière!*

Ele sentiu o cavalo ganhando impulso, ouviu um estalido repentino quando o chicote de Picart atingiu os flancos do animal. Phantasme deu um coice, lançando o traseiro para o alto, e Henri foi jogado para a frente com tanta força que mal conseguiu manter as mãos unidas atrás de si. O cavalo se aquietou e ouviu-se uma explosão de aplauso.

— Nada mal, Lachapelle. — Henri escutou Varjus balbuciar, apoiado no peito de Phantasme.

E então, de repente, antes que Henri tivesse tempo de se preparar, ouviu mais um grito "*Derrière!*". As patas de Phantasme o lançaram para cima e para a frente, mas dessa vez Henri abriu os braços para tentar manter o equilíbrio.

— Não tão rápido, Picart. Assim vai desestabilizá-lo.

Desorientado, Henri ouviu a voz irritada de Varjus, o guincho mal contido do cavalo enquanto se preparava para saltar de novo.

— Dois segundos. Preciso de dois segundos — balbuciou Henri, tentando se ajeitar.

Mas, antes que pudesse se recompor, ouviu outro estalido. O chicote desceu forte, bem do alto, e dessa vez o coice do cavalo foi violento. Henri

foi jogado para a frente mais uma vez a uma distância abrupta e desconcertante entre si e o lombo do animal.

Phantasme naquele momento se jogava de lado, furioso, e os homens se esforçavam para segurar sua cabeça. Varjus sibilou algo que Henri não conseguiu escutar. Estavam perto da cortina vermelha. Ele deu uma olhada em Florence, com seu vestido amarelo, percebeu sua confusão e preocupação. E então:

— *Enfin! Derrière!*

Antes que pudesse se reposicionar, ele ouviu mais um estalo alto atrás de si. Foi lançado para a frente outra vez, com as costas viradas, e Phantasme, enfurecido pelo uso desregrado do chicote, saltou para a frente e para o lado bem no momento em que Henri enfim perdeu o equilíbrio. Foi parar em cima da crina trançada do cavalo, ficou de ponta-cabeça, tentando se segurar no pescoço de Phantasme, quando o cavalo deu mais um coice e ele atingiu o chão (com um *uou* audível).

Henri ficou estirado ali, pouco ciente da comoção na arena: Varjus xingando, Picart reclamando, o locutor rindo. Quando ergueu a cabeça da areia, mal pôde distinguir as palavras:

— Então é isso. Um movimento muito difícil de manter. Mais sorte no ano que vem, Monsieur Lachapelle, hein? Sabem, *mesdames et messieurs*, às vezes são necessários muitos anos de prática para alcançar os altíssimos padrões dos *maîtres écuyers*.

Henri ouviu *un, deux, trois* e Varjus estava ao seu lado, sibilando *remonte, remonte*. Olhou para baixo e percebeu seu imaculado uniforme preto estava coberto de areia. Então estava em cima do cavalo, com mãos em suas pernas, em seus pés, e deixaram a arena sob aplausos de solidariedade. Foi o som mais dolorido que ele ouviu na vida.

Estava atordoado com o choque. À sua frente, reparou que Varjus e Picart discutiam em voz baixa e mal conseguia escutar por cima do rugido do sangue nos ouvidos.

— O que foi aquilo? — Varjus sacudia a cabeça. — Ninguém nunca caiu durante a *croupade*. Você nos deixou parecendo idiotas.

Levou um minuto para Henri perceber que Varjus se dirigia a Picart.

— Não é culpa minha se a única coisa que Lachapelle sabe montar é a vagabunda inglesa.

Henri apeou do cavalo e foi até Picart, com um zumbido nos ouvidos. Não tomou consciência do primeiro soco, só do som de algo se quebrando quando o punho fechado encontrou os dentes do homem, acompanhado por uma sensação quase satisfatória, um conhecimento físico de que algo havia se despedaçado muito antes de a dor suscitar a possibilidade de que pudesse ter sido a mão dele. Cavalos relinchavam e saltavam. Homens gritavam. Picart estava estatelado na areia, a mão pressionando contra o rosto, os olhos arregalados de espanto. Então ele se levantou com dificuldade, jogou-se para cima de Henri e deu uma cabeçada no peito dele, deixando-o sem fôlego. Foi um golpe que poderia ter derrubado um homem maior, e Henri só media um metro e setenta e sete de altura, mas a vantagem era que tinha levado muitas surras na infância, além dos seis anos na Guarda Nacional. Em poucos segundos, ele estava em cima de Picart, com os punhos voando para o rosto, as bochechas e o peito do rapaz mais jovem, despejando toda a raiva contida dos últimos meses.

O punho dele acertou algo duro e quebrado. Fechou o olho esquerdo quando um golpe maldoso o atingiu. Havia areia em sua boca. E então mãos o arrastavam, acertando-o; vozes davam bronca, exaltadas e descrentes.

— Picart! Lachapelle!

Quando sua visão se turvou e depois clareou, ele se levantou, cuspindo e cambaleando, mãos agarrando seus braços, os ouvidos ainda cheios do adágio de cordas que vinha de trás da cortina. Le Grand Dieu estava em pé diante dele, o rosto vermelho de raiva.

— *Que. Diabo. É. Isto?*

Henri sacudiu a cabeça e então reparou no sangue respingando.

— Senhor… — Ele arfava, só agora se dando conta da magnitude de seu erro.

— Le Carrousel! — sibilou Le Grand Dieu. — O epítome da graça e da dignidade. *Da disciplina*. Onde está o seu autocontrole? Vocês dois nos

envergonharam. Voltem para o estábulo. Eu tenho uma apresentação a terminar.

Ele montou o cavalo quando Picart passou mancando, pressionando um lenço no rosto pálido. Henri o observou enquanto ele se afastava. Aos poucos, deu-se conta de que a arena além da cortina estava estranhamente quieta. Eles tinham visto, percebeu com pavor. Eles sabiam.

— Dois caminhos. — Le Grand Dieu olhou para ele do alto do garanhão português. — Dois caminhos, Lachapelle. Eu lhe disse da última vez. A escolha era sua.

— Eu não posso… — começou Henri.

Mas Le Grand Dieu já tinha partido em direção aos holofotes.

1

"O cavalo que assim recua é uma coisa tão maravilhosa que prende o olhar de todos os espectadores, jovens e velhos."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*, C. 350 A.C.

AGOSTO

O trem das seis e quarenta e sete para a Liverpool Street estava abarrotado. Parecia ridículo que um trem estivesse assim tão cheio àquela hora da manhã. Natasha Macauley se sentou, já com calor apesar do ar fresco do início do dia, murmurando um pedido de desculpas para uma mulher que precisou tirar a jaqueta do assento. O homem de terno que tinha subido no vagão atrás dela havia se enfiado em uma brecha entre os passageiros do outro lado e logo abriu o jornal, alheio à mulher cujo livro ele em parte cobriu.

Não era o trajeto que ela costumava fazer para chegar ao trabalho: tinha passado a noite em um hotel em Cambridge depois de um seminário sobre direito. Levava no bolso do casaco um número satisfatório de cartões de visitas de advogados de várias especialidades; tinham lhe dado parabéns por sua palestra, então sugeriram reuniões futuras e possíveis trabalhos. Mas o vinho branco barato que circulara em abundância agora fazia seu estômago revirar, e ela desejou, por um instante, que tivesse arrumado tempo para tomar café da manhã. Ela não costumava beber e era difícil controlar o consumo em eventos em que sua taça era completada o tempo todo enquanto estava distraída com a conversa.

Natasha apertava com força o copo de isopor com café escaldante e deu uma olhada na agenda, prometendo a si mesma que em algum momento daquele dia iria encontrar um pouquinho mais do que meia hora para clarear as ideias. A agenda deveria ter uma hora reservada para a academia. Ela deveria tirar uma hora de almoço. Afinal, era como a mãe sempre dizia, brigando: ela tinha que *cuidar de si mesma*.

Mas, no momento, estava escrito na agenda:

- *9h LA contra Santos, Sétimo Tribunal*
- *Divórcio Persey. Avaliação psicológica da criança?*
- *Honorários! Ver com Linda a situação do auxílio legal*
- *Fielding — onde está a declaração da vítima? MANDAR FAX HOJE*

Cada página, pelo menos durante as duas semanas seguintes, era uma série de listas feitas e refeitas de modo incansável e infinito. Quase todos os colegas dela no escritório Davison Briscoe tinham migrado para os eletrônicos, que usavam para organizar a vida, mas ela preferia a simplicidade da caneta e do papel, apesar de Linda reclamar que as agendas dela eram ilegíveis.

Natasha tomou um gole do café, se deu conta de que dia era e fez uma careta. Adicionou:

- *Flores/desculpas — aniversário da mamãe*

O trem sacudia em direção a Londres, o terreno plano de Cambridgeshire se transformando nos arredores cinzentos e industriais da cidade. Natasha não tirava os olhos de seus papéis, esforçando-se para se concentrar neles. Estava de frente para uma mulher que parecia achar normal comer um hambúrguer com queijo extra no café da manhã e um adolescente cuja expressão vazia não combinava em nada com o tum-tum-tum que emanava de seus fones de ouvido. O dia seria brutalmente quente: o calor penetrava o vagão de trem lotado, transferido e intensificado pelos corpos.

Fechou os olhos e desejou ser capaz de dormir em trens, então os abriu ao ouvir o celular tocar. Remexeu na bolsa e encontrou o aparelho entre a maquiagem e a carteira. Uma mensagem de texto pipocou na tela:

> Autoridade local do caso Watson adiou. Não precisa estar no tribunal às 9h.
> Ben

Nos últimos quatro anos, Natasha fora a única advogada do escritório Davison Briscoe que lidava diretamente com os clientes e não atuava nas cortes mais altas, papel que tinha se mostrado adequado já que sua especialidade era representar crianças e adolescentes. Eles ficavam menos abalados de ir ao tribunal com a mulher para quem já tinham se explicado em seu escritório. De sua parte, Natasha gostava de poder ter uma relação

com os clientes e ainda curtia os elementos mais controversos da advocacia.

Obrigada. Chego ao escritório em meia hora

* * *

Foi a resposta que ela mandou, com um suspiro de alívio. Então xingou em silêncio: no fim das contas, ela não precisava ter pulado o café da manhã.

Estava guardando o celular quando o aparelho voltou a tocar. Era Ben, seu estagiário:

— Só queria lembrar que nós… Ah… remarcamos a garota paquistanesa para as dez e meia.

— Aquela cujos pais estão sendo acusados de maus-tratos? — A mulher ao lado dela tossiu para chamar sua atenção. Natasha olhou para cima e leu "É proibido o uso de celulares" escrito na janela, baixou a cabeça e folheou a agenda. — Também temos os pais do caso de sequestro infantil às duas. Você pode providenciar os documentos relevantes? — murmurou.

— Já providenciei. E comprei alguns croissants — completou Ben. — Imagino que você não tenha comido nada.

Ela nunca comia nada. Suspeitava que, se o escritório algum dia acabasse com o programa de estágio, ela morreria de fome.

— São de amêndoas. Os seus preferidos.

— Ben, o puxa-saquismo vai te levar longe.

Natasha fechou o celular e depois a bolsa. Tinha acabado de pegar na pasta a papelada da menina quando o telefone voltou a tocar.

Dessa vez, os passageiros suspiraram alto, indicando irritação. Ela murmurou um pedido de desculpas sem fazer contato usual com ninguém.

— Natasha Macauley.

— Sou eu, Linda. Acabei de receber uma ligação de Michael Harrington. Ele concordou em trabalhar com você no divórcio dos Persey.

— Maravilha.

Era um divórcio envolvendo muito dinheiro, com questões complicadas de guarda. Ela precisava de um advogado peso pesado para cuidar do lado financeiro.

— Ele quer discutir algumas questões hoje à tarde. Pode ser às duas?

Natasha estava ponderando quando a mulher ao seu lado começou a resmungar num tom nada simpático.

— Acho que tudo bem. — Ela se lembrou da agenda que estava na pasta. — Ai. Não. Tenho uma reunião. — A mulher no trem cutucou o ombro dela. Natasha cobriu o bocal do celular com a mão. — Só vou demorar mais dois segundos — disse, em um tom mais brusco do que pretendia. — Sei que neste vagão é proibido usar celular e sinto muito, mas preciso terminar esta ligação.

Ela prendeu o celular entre a orelha e o ombro, achou a agenda com dificuldade na pasta e então se virou irritada quando a mulher voltou a cutucar seu ombro.

— Eu disse que só vou…

— Seu café está em cima da minha jaqueta.

Ela olhou para baixo. Viu o copo equilibrado com precariedade na borda da jaqueta cor de creme.

— Ah. Desculpe. — Pegou o copo. — Linda, será que podemos reorganizar a tarde? Devo ter uma brecha em algum momento.

— Hah!

A risada da secretária ecoou em seu ouvido depois que ela fechou o celular. Riscou a ida ao tribunal na agenda, adicionou a reunião e ia guardá-la na bolsa quando algo na manchete do jornal à sua frente lhe chamou a atenção.

Ela se inclinou para conferir se tinha lido direito o nome no primeiro parágrafo. Curvou-se tanto que o homem que lia o jornal abaixou-o e olhou feio para ela.

— Desculpe — disse, ainda atônita pela notícia. — Será que eu… Será que eu poderia dar uma olhadinha no seu jornal?

Ele ficou muito espantado para recusar. Natasha pegou o jornal, encontrou a página certa e leu a matéria duas vezes, empalideceu e

devolveu o jornal para o homem.

— Obrigada — falou, com a voz fraca.

O adolescente ao lado dela dava um sorrisinho, como se mal pudesse acreditar na quebra de decoro entre passageiros que acabara de acontecer diante dele.

* * *

Sarah cortou o segundo quadrado de sanduíche duas vezes na diagonal, então embalou os dois conjuntos com cuidado em papel-manteiga. Um, ela colocou na geladeira, o outro, guardou com cuidado na mochila, junto de duas maçãs. Ela limpou a bancada com um pano úmido e depois examinou bem a cozinha em busca de migalhas antes de desligar o rádio. O avô detestava migalhas.

Lá embaixo, o lamento distante do caminhão de leite assinalava sua partida do quintal. O leiteiro não entrava mais nos apartamentos para fazer as entregas desde que alguém fora embora com o caminhão enquanto ele estava no quinto andar. Ele ainda deixava garrafas para as velhinhas do prédio do outro lado da rua, mas todas as outras pessoas tinham de ir ao supermercado e depois carregar as caixas em ônibus lotados ou levá-las a pé em sacolas de compras grandes. Se ela chegasse lá embaixo a tempo, ele lhe deixaria comprar uma; na maioria das manhãs, ela conseguia.

Conferiu o relógio e depois o filtro de papel para ver se o líquido marrom-escuro tinha passado por completo. Toda semana ela dizia ao avô que o de verdade custava muito mais do que o instantâneo, mas ele apenas dava de ombros e argumentava que algumas economias eram porcas. Ela limpou o fundo da caneca, então seguiu pelo corredor estreito e parou diante do quarto dele.

— Vô?

Havia muito tempo que ela tinha parado de chamá-lo de Vovô.

Ela empurrou a porta com o ombro. O quartinho brilhava com o sol da manhã e, por um minuto, dava para fingir que o lado de fora era um lugar bonito, uma praia ou um jardim no interior, em vez de um imóvel gasto da

década de 1960 na parte leste de Londres. Do outro lado da cama dele, uma pequena cômoda brilhava com suas escovas de cabelo e de roupas bem alinhadas embaixo da fotografia da Vovó. Ele não tinha uma cama de casal desde que ela morrera; dizia que seu quarto ficava mais espaçoso com uma de solteiro. Sarah sabia que ele não conseguiria encarar o vazio de uma cama grande sem a esposa.

— Café.

O idoso se ergueu da cama e tateou a mesinha de cabeceira em busca dos óculos.

— Está saindo agora? Que horas são?

— Seis e pouquinho.

Ele pegou o relógio e estreitou os olhos. Aquele homem, que usava as roupas como se fossem uniformes, parecia estranhamente vulnerável de pijama. Vovô sempre estava vestido de maneira adequada.

— Vai conseguir pegar o das seis e dez?

— Se correr, eu consigo. Seus sanduíches estão na geladeira.

— Diga ao caubói maluco que vou pagá-lo hoje à tarde.

— Eu avisei ontem, Vô. Ele disse que não tem problema.

— E peça que ele traga alguns ovos. A gente come amanhã.

Ela conseguiu pegar o ônibus, mas só porque ele se atrasou um minuto. Arfando, Sarah entrou no veículo com a mochila balançando sem parar às costas. Ela mostrou o passe, sentou-se e cumprimentou com um aceno a indiana que se sentava à sua frente todas as manhãs, ainda segurando o esfregão e o balde.

— Dia lindo — disse a mulher quando o ônibus passou diante da casa de apostas.

Sarah deu uma olhada para além da moça, para as ruas cinzentas iluminadas pela luz úmida da manhã.

— Vai ser — concordou.

— Você vai sentir calor com essas botas — observou a mulher.

— Estou com os sapatos da escola aqui — explicou ela, dando um tapinha na mochila.

As duas trocaram um sorriso sem jeito, como se depois de meses de silêncio estivessem acanhadas por terem dito tanta coisa, e Sarah se acomodou no assento e se virou para a janela.

* * *

O trajeto até o Cowboy John demorava dezessete minutos àquela hora da manhã; uma hora mais tarde, quando as ruas que levavam à parte leste da cidade estavam com trânsito pesado, demoraria quase o triplo do tempo. Sarah costumava chegar antes dele e era a única pessoa a quem o homem dera cópias das chaves. Na maioria dos dias, ela já estava soltando as galinhas quando ele chegava subindo a rua com as pernas rígidas. Geralmente, vinha cantarolando.

Sheba, a pastora-alemã, latiu uma vez quando Sarah remexeu no cadeado do portão de alambrado, mas, ao se dar conta de quem era, sentou-se e esperou balançando o rabo ansiosa. Sarah tirou um petisco do bolso e jogou para a cadela, entrou no pequeno pátio e fechou o portão com uma batida abafada atrás de si.

No passado, aquela parte de Londres era pontilhada de estábulos cravados no fim de ruazinhas estreitas e de paralelepípedos, atrás de portas de madeira e embaixo de arcos. Cavalos puxavam as carretas das cervejarias e os reboques de carvão e de sucata, e não era incomum ver uma charrete transportando uma família amorosa ou um casal trotando em um passeio no parque em uma tarde de sábado. O de Cowboy John era um dos poucos que tinham sobrado, ocupando uns quatro arcos com três ou quatro baias e depósitos em cada um, no final de uma alameda que dava na rua principal. Havia um pátio murado na frente dos arcos, com piso de pedra sobre o qual se empilhavam pallets, ninhos de galinha, latas de lixo, um ou dois latões e qualquer carro velho que Cowboy John estivesse vendendo, além de um braseiro sempre aceso. A cada vinte minutos mais ou menos, um trem passava no alto fazendo barulho, mas nem os animais nem os humanos reparavam. Galinhas ciscavam, um bode mordia algo que não deveria estar comendo para descobrir o que era, e os olhos cor de

âmbar de Sheba observavam com cautela o mundo além do portão, pronta para atacar qualquer um que não estivesse em seus registros.

Havia doze cavalos morando ali no momento, incluindo os Clydesdale gêmeos de Tony, o carreteiro aposentado, os trotadores de pescoço fino e olhos agitados de Maltese Sal e seu grupo de apostas, além de um sortimento de pôneis desmazelados pertencentes às crianças locais. Sarah não tinha noção de quantas pessoas sabiam que eles existiam. O guarda do parque, que costumava expulsá-los de lá, sabia e de vez em quando eles recebiam cartas endereçadas aos "Donos dos Cavalos, Arcos de Sparepenny Lane", com ameaças de processos se os animais continuassem invadindo a propriedade. Cowboy John ria e as jogava no braseiro.

— Até onde eu sei, os cavalos estavam aqui primeiro — dizia ele com sua fala arrastada.

Ele se dizia um integrante original dos Philadelphia Black Cowboys. Eles não eram caubóis de verdade, pelo menos não do tipo que trabalhava em fazenda de gado. Nos Estados Unidos, ele dizia, havia estábulos urbanos feito o dele, maiores, onde se podia manter os animais e organizar competições, e crianças frequentavam o lugar para aprender e vislumbrar outras possibilidades além do confinamento do gueto. Ele chegou a Londres nos anos 1960, vindo atrás de uma mulher que havia se revelado "problemática demais". Tinha gostado da cidade, mas sentia tanta falta dos cavalos que comprara um puro-sangue com as patas machucadas no mercado de Southall e estábulos vitorianos meio que abandonados da subprefeitura. Pelo que se sabia, a subprefeitura se arrependera da venda.

Hoje Cowboy John era uma instituição, ou um incômodo, dependendo do ponto de vista. Os funcionários da prefeitura não gostavam do estábulo e sempre emitiam advertências relativas à saúde ambiental e ao controle de pragas, apesar de John dizer-lhes que podiam passar a noite toda sentados ali, cobertos de queijo derretido, que não veriam um roedor sequer: ele tinha um bando de gatos malvados. Os incorporadores imobiliários não gostavam nada daquilo porque queriam enfiar seus blocos de apartamentos ali e Cowboy John se recusava a vender o espaço. Mas a maioria dos vizinhos não se incomodava: eles davam uma passada por ali

todos os dias para bater papo ou comprar qualquer produto fresco que ele tivesse para oferecer. Os restaurantes locais gostavam do estábulo: às vezes Ranjeet ou Neela do Raj Palace ligavam querendo frangos ou ovos ou se precisassem do bode estranho, e havia também algumas pessoas feito Sarah, que sempre apareciam quando não precisavam estar na escola. Com as baias vitorianas arrumadas e as pilhas oscilantes de feno e de palha, aquele era um refúgio do barulho implacável e do caos das ruas da cidade ao redor.

— Já soltou aquele ganso bobo?

Sarah estava jogando feno para os pôneis quando Cowboy John chegou. Ele usava seu chapéu de caubói Stetson — para o caso de as pessoas não entenderem o recado — e suas bochechas caídas estavam marcadas pelo esforço de caminhar e fumar sob o sol já quente.

— Não. Ele fica bicando as minhas pernas.

— As minhas também. Vou ver se aquele restaurante novo quer ficar com ele. Nossa, minhas canelas estão cheias de marcas. — Os dois observaram a enorme ave que John comprara numa extravagância na feira da semana anterior. — Molho de ameixa! — vociferou ele, e o bicho sibilou em resposta.

Sarah já não se lembrava mais de ter vivido um período em que não passava a maior parte do tempo em Sparepenny Lane. Quando era bem pequenininha, Vô a colocava nos pôneis peludos Shetland de Cowboy John e Vó estalava a língua, fingindo desaprovação, como se a paixão por cavalos de Vô não devesse ser passada adiante. Logo que a mãe de Sarah os abandonou pela primeira vez, Vô levava a menina ali de vez em quando para que não ouvisse Vó chorando ou, nas poucas ocasiões em que a mãe de Sarah voltava para casa, berrando com ela ou implorando para que tomasse jeito.

Foi ali que Vô a ensinou a montar, correndo para cima e para baixo pelas ruas secundárias até que ela dominasse o trote crescente. Vô desprezava a forma como a maioria dos donos no estábulo de Cowboy John cuidava de seus cavalos; ele dizia que estar na cidade não era desculpa para não exercitá-los todos os dias. Nunca permitia que ela

comesse antes que seu cavalo tivesse sido alimentado, nunca permitia que tomasse banho antes de engraxar as botas. E então, depois que Vó morreu, Baucher, que eles chamavam de Boo, chegou. Precisavam de algo em que se concentrar, uma razão para ficar fora de casa, que já não parecia mais um lar. E Vô, que via perigos para uma garota de olhos arregalados que mal tinha entrado na adolescência, concluíra que ela precisava de uma válvula de escape. Ele começou a treinar o potro cor de cobre e a neta. Ele a treinou para muito além do que as crianças locais chamavam de montaria: subir no lombo de um pônei com um único impulso e correr pelas ruas até chegar ao charco, saltar bancos do parque, caixotes de frutas, qualquer obstáculo desafiador. Vô a fazia repetir inúmeras vezes coisas que nem sequer percebiam — o ângulo correto da parte de baixo da perna com margem de erro de um milímetro, a imobilidade perfeita das mãos — até ela chorar porque às vezes só queria brincar com os outros e ele não deixava. Não apenas porque ele queria proteger as patas de Boo das ruas asfaltadas, mas também porque, Vô dizia, ela devia aprender que a única maneira de atingir algo mágico era por meio do trabalho e da disciplina.

Vô ainda falava assim. Era por isso que John e os outros o chamavam de Capitão. Era para ser uma brincadeira, mas Sarah sabia que também tinham um pouco de medo dele.

— Quer chá? — perguntou Cowboy John, apontando para o bule.

— Não. Só tenho meia hora para montar. Preciso chegar cedo na escola hoje.

— Ainda está trabalhando nos seus truques?

— Na verdade — começou ela, com polidez exagerada —, nesta manhã vamos trabalhar a meia-passada, com troca de patas no ar e uma tal de *piaffe*. São ordens do Capitão.

Sarah acariciou o pescoço reluzente do cavalo.

Cowboy John deu uma risadinha.

— Tenho que tirar o chapéu para o seu avô. Da próxima vez que o circo passar pela cidade, vão ficar loucos por ele.

* * *

Na área de atuação de Natasha, não era raro ver, em um intervalo de poucas semanas, uma criança que ela havia acabado de representar no tribunal recebendo mais uma vez medidas restritivas ou uma ordem de detenção. De vez em quando seus clientes até viravam matéria de jornal. No entanto, aquela notícia a surpreendeu, não apenas devido à gravidade do crime cometido, mas por causa de quem era. Dia após dia, crianças chegavam e contavam histórias de desespero, maus-tratos e negligência. Na maior parte do tempo, ela conseguia escutar sem estremecer. Depois de dez anos, já tinha ouvido tantas histórias que poucas a faziam ir além da lista de checagem mental: Ele se encaixa nos critérios? Ela assinou os documentos de assistência legal? Quão forte será a defesa? O testemunho dele tem credibilidade? Assim como os outros, Ali Ahmadi deveria ter desaparecido da memória dela, cuidado por sua equipe, mais um nome na transcrição do tribunal que logo seria esquecido.

Ele fora ao escritório dela dois meses antes, com a expressão cautelosa e olheiras, a desconfiança e o desespero que tantos exibiam, com os pés espremidos nos tênis baratos de doação, com uma camisa que não servia direito, muito larga para seu corpo magro. Ele precisava de uma ordem liminar para não ser mandado de volta ao país que, segundo alegava, quase o havia destruído.

— Na verdade, eu não trabalho com imigração — explicara ela, mas Ravi, que cuidava desse tipo de caso, saíra de férias, e eles estavam desesperados.

— Por favor — pediu a mulher do lar temporário. — Eu conheço você, Natasha. Pode fazer isso por nós.

Dois anos antes, Natasha tinha representado outra de suas crianças.

Ela examinou a papelada, olhou para ele e sorriu, e, depois de um tempo, ele retribuiu o sorriso. Não um sorriso confiante, foi mais de conciliação. Como se esperassem isso dele. Enquanto Natasha lia as anotações muito depressa, ele começou a falar cada vez com mais

urgência, enquanto a mulher traduzia e fazia gestos para ilustrar as palavras que a advogada não entendia.

A família dele tinha sido marcada como dissidente política. O pai havia desaparecido no caminho de volta do trabalho; a mãe fora espancada na rua, depois sumiu com a irmã dele. O desespero de Ali fora tal que ele andou até a fronteira em treze dias. Começou a chorar enquanto falava, tentando conter as lágrimas, cheio da vergonha típica de adolescente. Ele seria morto se voltasse para casa. Estava com quinze anos.

A história dele não tinha nada de extraordinário, como costumava acontecer.

Linda estava à porta.

— Pode ligar para o auxiliar do juiz para mim? Veja se conseguimos o Quarto Tribunal.

Quando saíram, ela tocou o ombro do menino, e só então se deu conta de como ele era alto. Ali parecia ter encolhido enquanto contava sua história, como se partes dele lhe tivessem sido arrancadas com a narrativa.

— Vou fazer o possível — prometeu ela. — Mas ainda acho que seria melhor que outra pessoa o ajudasse.

Natasha conseguiu a ordem e não teria mais pensado nele, só que, enquanto guardava os papéis na pasta, preparando-se para deixar o tribunal, reparou que Ali voltara a chorar, no canto da sala, com grandes soluços silenciosos que agitavam seu corpo. Um tanto surpresa, Natasha desviou o olhar ao passar por ele, que se desvencilhou da mulher do lar temporário, tirou uma corrente do pescoço e a pressionou na mão dela. Não olhou para ela nem quando Natasha disse que aquilo não era necessário. Só ficou ali parado, com a cabeça baixa, o corpo bem curvado, as palmas das mãos encostadas nas dela apesar desse contato ir contra as regras da religião dele. Ela se lembrava de como as mãos do garoto tinham se fechado sobre as suas em um gesto estranhamente adulto.

As mesmas mãos que duas noites antes aparentemente tinham perpetrado um “ataque prolongado e perverso” a uma vendedora de vinte e seis anos, cujo nome fora omitido, na casa dela.

O celular de Natasha tocou de novo. Mais interjeições em sinal de desaprovação, dessa vez de modo generalizado. Ela pediu desculpas novamente, juntou suas coisas e saiu andando pelo vagão lotado, tentando a todo custo se manter de pé quando o trem guinou de repente para a esquerda. Enfiou a pasta embaixo do braço e avançou com dificuldade até a área em que se ficava de pé e encontrou um espacinho perto da janela, o mais próximo possível de um vagão em que era permitido falar ao celular. Ela largou as bolsas no momento em que a pessoa do outro lado da linha desligou e xingou. Perdera o assento à toa. Estava prestes a enfiar o celular no bolso quando viu a mensagem de texto:

Oi. Preciso pegar algumas coisas. E conversar. Posso passar aí na semana que vem? Mac

Mac. Ela ficou encarando a telinha e tudo ao seu redor congelou. *Mac*. Ela não tinha escolha.

Sem problema

Respondeu e então fechou o celular.

* * *

No passado, aquela região da City, o centro financeiro de Londres, era cheia de escritórios de advocacia, um ao lado do outro, em prédios dickensianos, com as placas douradas de "associados" prometendo representar a variedade empresarial, tributária e matrimonial. A maioria deles havia muito tempo se mudara para novas premissas comerciais, em prédios de vidro reluzente nos arredores do distrito financeiro, em espaços projetados por arquitetos que faziam os ocupantes sentirem que sua visão do século XXI estava refletida ali de maneira adequada. Até então, o Davison Briscoe tinha resolutamente falhado em seguir essa tendência, e a sala apertada de Natasha, abarrotada de livros, no prédio georgiano capenga que acomodava a ela e mais cinco advogados, parecia mais a sala de um acadêmico do que uma empreitada comercial.

— Aqui estão os documentos que você pediu. — Ben, um rapaz desengonçado e dedicado, com faces tão lisas que não combinavam com seus vinte e cinco anos, colocou a pasta amarrada com fita cor-de-rosa na frente dela. — Você nem tocou nos croissants — observou.

— Desculpe. — Ela analisou as pastas na mesa. — Perdi o apetite. Ben, você poderia me fazer um favor? Ache a pasta de Ali Ahmadi. Ordem liminar há uns dois meses.

Então Natasha deu uma olhada no jornal que tinha comprado no caminho do escritório, em uma tentativa vã de se convencer de que o que tinha lido era uma alucinação, talvez causada pelas poucas horas de sono.

A porta se abriu e Conor entrou. Vestia a camisa azul listrada que ela lhe dera de presente de aniversário.

— Bom dia, Poderosa. — Ele se inclinou por cima da mesa e lhe deu um selinho. — Como foi ontem à noite?

— Foi bom — respondeu ela. — Bom mesmo. Sentiram sua falta.

— Minha noite de ficar com os meninos. Desculpe, mas você sabe como é. Até eu ter mais acesso, não tenho coragem de perder nem uma noite sequer.

— Vocês se divertiram?

— Foi uma loucura. DVD do Harry Potter, feijão com torrada. A gente curtiu de verdade. E aquela cama enorme de hotel ficou grande demais sem mim?

Natasha se aprumou na cadeira.

— Conor, por mais desesperada que eu fique pela sua companhia, estava tão destruída à meia-noite que poderia ter dormido em um banco de parque.

Ben entrou na sala mais uma vez e, com um aceno de cabeça para Conor, deixou a pasta na mesa dela.

— Do Sr. Ahmadi — avisou.

Conor deu uma espiada.

— Não foi o seu caso de deportação de uns dois meses atrás? Por que pegou esse arquivo?

— Ben, você poderia pegar um café para mim, por favor? Vá comprar um, não quero a água suja de Linda.

Conor lhe deu uma nota de dinheiro e disse:

— Para mim também. Um espresso duplo. Sem leite.

— Você vai se matar — ralhou Natasha.

— Mas, por Deus, vou fazer isso direito. Certo — retrucou ele ao notar que Natasha estava esperando Ben sair. — O que está acontecendo?

— Isto.

Ela entregou-lhe o jornal, apontando para a matéria. Conor leu depressa.

— Ah. É o seu rapaz — observou ele.

— Pois é. — Ela esticou os braços e abaixou a cabeça por um instante. Então pegou um croissant de amêndoas. — É o meu rapaz. Não sei se devo contar a Richard.

— Nosso sócio sênior? Ah, não, não, não! Não há motivo para se martirizar, Poderosa.

— O crime é muito sério.

— E você não tinha como prever. Deixe para lá, Natasha. Faz parte do nosso trabalho, querida. Você sabe disso.

— Sei, sim. É que é tão… tão horrível. E ele era… — Balançou a cabeça ao se lembrar. — Não sei. Ele simplesmente não parecia ser esse tipo de cara.

— Não parecia ser esse tipo de cara — repetiu Conor, rindo.

— Bom, não parecia. — Natasha tomou um gole do café frio. — Eu simplesmente não gosto de ter feito parte de algo tão terrível. Não consigo deixar de me sentir responsável.

— Como assim? Por acaso você o forçou a atacar a moça?

— Você sabe que não é isso que eu quis dizer. Apresentei uma boa defesa para que ele pudesse permanecer no país. Sou a responsável por ele estar aqui.

— E nenhuma outra pessoa teria feito com que ele ficasse, não é mesmo?

— Bem…

— Desencane, Natasha. — Conor deu um tapinha na pasta. — Se Ravi estivesse aqui, teria sido ele. Deixe para lá. Siga com a vida. Vamos sair para tomar um drinque hoje à noite. Ainda está de pé? Que tal o Archery? Eles agora estão servindo *tapas*, sabia?

Mas Natasha sempre foi boa apenas em dar conselhos, não em acatá-los. Naquele mesmo dia, ela se pegou abrindo a pasta de Ahmadi pela segunda vez, em busca de pistas, de alguma razão para aquele garoto, que tinha chorado, que havia segurado as mãos dela com tanta delicadeza, ter sido capaz de um ato de violência tão aleatório. Não fazia sentido.

— Ben? Preciso que você me arrume um atlas.

— Um atlas?

Em vinte minutos, ele encontrou um exemplar surrado com lombada costurada e algumas partes faltando.

— Deve estar bem desatualizado. Tem, hum, referências à Pérsia e a Bombaim — explicou, em tom de quem pede desculpas. — É melhor procurar o que você precisa na internet. Posso fazer isso para você.

— Eu sou avessa à tecnologia, Ben — retrucou Natasha, folheando as páginas. — Você sabe muito bem disso. Preciso ver no papel.

Quase como um desatino, ela resolvera olhar no mapa a localização da cidade de onde o rapaz vinha; o nome tinha ficado gravado na sua memória.

Foi aí que, olhando o mapa, percorrendo os nomes dos lugares com o indicador, percebeu que nenhum dos assistentes sociais, ninguém da equipe jurídica, nem a mulher do lar temporário tinha feito a pergunta mais óbvia a Ali Ahmadi. Mas lá estava a questão, encarando Natasha: como alguém poderia caminhar quase mil e quinhentos quilômetros em treze dias?

* * *

Naquela noite, Natasha se acomodou no bar e ficou se maldizendo por não ter sido cuidadosa. Contou a história a Conor, que riu, uma risada curta e seca, e então deu de ombros.

— Você sabe como esses garotos ficam desesperados. Eles falam o que acham que você quer ouvir.

Ela via crianças assim todos os dias: refugiados, garotos e garotas "problemáticos", jovens que tinham sido expulsos ou negligenciados, adolescentes que nunca receberam um elogio nem um abraço, com o rosto prematuramente, a mente já treinada para buscar a sobrevivência a qualquer custo. Natasha se achava capaz de identificar os que estavam mentindo: as meninas que alegavam que os pais eram abusivos porque não queriam mais morar com eles; os que buscavam asilo jurando ter doze ou treze anos, apesar de ser possível identificar os pelos bastos da idade adulta em seus rostos. Ela estava acostumada a ver sempre os mesmos jovens infratores em um ciclo infinito de mau comportamento e suposto arrependimento, mas tinha ficado *comovida* com Ahmadi.

Conor lhe deu toda a atenção.

— Certo. Tem certeza de que é essa a cidade?

— Está nos depoimentos.

Natasha pediu água mineral a um garçom que passava.

— E ele realmente não poderia ter caminhado tanto assim?

— Em menos de duas semanas? — Ela foi sarcástica, não pôde evitar. — São uns cento e quinze quilômetros por dia. Eu calculei.

— Não sei por que você está tão aborrecida. Está protegida pelo privilégio advogado-cliente. Não sabia nada disso quando fez a defesa dele, então, de que importa? Você não precisa contar nada. Não precisa *fazer* nada. Caramba, isso acontece comigo o tempo todo. Preciso pedir para metade dos meus clientes calar a boca na primeira reunião antes que me digam algo que eu não deveria saber.

Mas, se tivesse verificado a história dele por conta própria, Natasha queria dizer, poderia ter descoberto antes que Ahmadi estava mentindo. Poderia ter se retirado do caso, alegando "constrangimento". Isso em geral bastava para fazer as pessoas analisarem os fatos com um pouco mais de atenção. Ela poderia ter salvado a mulher, a vendedora desconhecida de vinte e seis anos. Mas Natasha só havia dado uma olhada nas anotações. E tinha deixado o rapaz partir, permitiu que ele desaparecesse entre as

rachaduras da paisagem de Londres, acreditando que era um dos bons que não voltariam ao tribunal algum dia.

Se ele foi capaz de mentir sobre como chegara até ali, pode ter mentido sobre qualquer coisa.

Conor se inclinou para trás e tomou um grande gole de vinho.

— Ah, deixe para lá, Natasha. Um garoto desesperado conseguiu não ser mandado de volta para um buraco infernal infestado de pragas. E daí? Siga com a sua vida.

Mesmo quando tratava dos casos de maior destaque, Conor tinha um ar confiante que enganava qualquer um, radiante fora do tribunal, todo simpático, como se o resultado dos julgamentos não o afetasse. Ele apalpou os bolsos.

— Você me paga mais um? Preciso passar no caixa eletrônico.

Ela remexeu na bolsa para pegar a carteira e seus dedos se enroscaram em algo. Então tirou a mão da bolsa. Era o pequeno amuleto, o cavalo de prata grosseiro que Ahmadi lhe dera na manhã em que ganharam o caso. Natasha havia decidido enviá-lo para a casa do rapaz — ele tinha pouquíssimos bens para dar algo —, mas logo se esqueceu disso. Agora o objeto era um lembrete de como havia falhado. De repente ela se recordou da visão improvável daquela manhã, uma aparição sobrenatural em ambiente urbano.

— Conor, eu vi a coisa mais estranha do mundo hoje de manhã.

O trem tinha ficado parado quinze minutos em um túnel perto da estação de Liverpool Street, apenas tempo suficiente para a temperatura subir a um ponto em que as pessoas começaram a se agitar incomodadas nos assentos e um murmúrio de descontentamento percorrer todo o trem. Tempo suficiente para Natasha, agora protegida das ligações telefônicas, olhar para o nada escuro feito breu e pensar em um ex-marido que não era ex o bastante.

Ela havia se mexido, desconfortável quando, com um guincho alto de metal superaquecido, o trem avançou bem devagar para a luz do dia. Ela não iria pensar em Mac. Não iria pensar em Ali Ahmadi, que de modo tão

deprimente tinha se revelado tão díspar da pessoa que lhe tinha apresentado.

E foi naquele instante que ela viu, tão rápido e tão improvável que, mesmo quando virou o pescoço para tentar ver melhor, não teve certeza se havia registrado corretamente. Desapareceu em um segundo, engolido pelas ruas e quintais dos fundos borrados, pelas sacadas imundas e pelos varais de roupa salpicados de chumbo.

Mas a imagem tinha ficado gravada na mente dela o dia inteiro, muito depois de o trem tê-la levado até o centro enevoado do distrito financeiro. Em uma rua de pedras tranquila, espremida entre quarteirões de arranha-céus, ladeada por pátios de caminhões e carros estacionados, havia uma menina em pé com o braço erguido e segurando uma vara comprida: não em sinal de ameaça, mas de instrução.

Além dela, no meio da rua, um cavalo enorme, perfeitamente equilibrado nas patas traseiras reluzentes e musculosas, recuava.

Natasha largou o pingente de prata na bolsa, mal conseguindo refrear um calafrio.

— Você ouviu o que eu acabei de dizer?

— Hã?

Conor estava lendo o jornal, já tinha perdido o interesse. Siga com a vida, ele sempre lhe dizia. Como se *ele* pudesse fazer isso.

Natasha ficou encarando-o.

— Nada — respondeu. — Vou pegar as bebidas.

2

"Faça com que o potro seja gentil, goste dos homens e esteja acostumado com sua mão. (...) Em geral ele fica assim quando se sente à vontade."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Boo não era o tipo de cavalo que costuma ser visto nos pátios das ruazinhas da parte leste de Londres. Não era um cavalo de carga pesadão com patas peludas nem um puro-sangue de pescoço esguio de andadura, do tipo que poderia ser montado rapidamente para que se realizassem corridas ilegais na faixa de pista dupla, trotando para os registros particulares que faziam maços grossos de notas de apostas ilegais mudarem de mãos. Ele não era um cavalinho bem-comportado de escola de hipismo no Hyde Park nem pertencia a uma das várias espécies de pôneis baixinhos e corpulentos, brancos e pretos ou malhados, que toleravam com grau variado de bom humor descer escadas, saltar barris ou entrar em elevadores para que, sob risadas e gritinhos, seus donos pudessem levá-los até a sacada dos apartamentos para dar uma voltinha.

Boo era um Selle Français, um puro-sangue de ossos largos com patas mais firmes e lombo mais forte do que sua raça poderia sugerir. Era atlético, mas tinha passo firme. Por causa do dorso estreito, era bom para saltos, e sua natureza dócil, quase como a de um cachorro, fazia dele um animal tolerante e simpático. Ele não se deixava abalar pelo pior dos trânsitos nem por companhias indesejáveis. Também se entediava com facilidade, e Vô tinha pendurado tantas bolas com cordas na baia para Boo se distrair que Cowboy John resmungava que ele deveria arrumar um lugar para o cavalo na liga de basquete.

Os outros alunos da escola de Sarah ou os jovens que moravam na região se divertiam com pacotinhos de papel ou saquinhos de plástico, cantando pneu de carros roubados em pequenos terrenos baldios ou gastando horas se arrumando para ficar parecidos com celebridades, estudando as revistas com muito mais atenção do que jamais dariam aos livros didáticos. Sarah não se importava com nada daquilo. No instante em que colocava a sela e sentia o familiar cheiro de cavalo quente e do couro limpo, ela se esquecia de todo o resto.

Montar Boo a afastava de tudo que era irritante, imundo e deprimente. Ajudava a fazê-la esquecer que era a menina mais magricela da turma e a única com pouca justificativa para usar sutiã; que ela era a única — além de Renee, a menina turca com quem ninguém falava — que não tinha celular nem computador. Sarah se esquecia de que eram apenas ela e Vô.

Era isto que sentia por seu cavalo nos dias bons: reverenciava seu porte majestoso, a força bruta embaixo de si e o que o animal faria por ela. Ele só se comportava mal quando a menina não pedia do jeito certo — quando ainda estava com a cabeça na escola, ou tinha sede ou estava cansada — e a doçura que irradiava dele quando fazia tudo certo dava um nó na garganta dela. Boo era seu, e era especial.

Vô dizia a quem não entendia nada de cavalos que Boo era um Rolls-Royce comparado a um trator: tudo era bem ajustado, bom de manobrar, elegante. A comunicação era silenciosa, não precisava de alarde nem de gritos. Havia uma comunhão de mentes, de objetivos. Ela fazia um pedido a Boo: ele se aprumava, as ancas se firmavam, a cabeça pendia até o peito e então ele a obedecia. Vô dizia que os únicos limites do animal eram os limites de Sarah. Dizia que, de todos os cavalos que conheceu, Boo era o que tinha o maior coração.

As coisas não haviam sido sempre assim: Sarah tinha duas cicatrizes em forma de lua no braço onde ele a mordera, e havia dias em que ele se desvencilhava do cabresto e saía em disparada pelo parque, com o rabo erguido feito um estandarte, enquanto mães berravam e saíam correndo com os carrinhos de bebê, e Vô rezava em francês, em voz alta, para que Boo não fosse atropelado por um carro. Toda vez que isso acontecia, Vô

dizia que a culpa era dela, o que deixava Sarah com vontade de gritar com ele, mas agora ela entendia mais as coisas e sabia que Vô tinha razão.

Os cavalos, talvez até mais do que qualquer outra criatura, eram moldados pelo homem. Podiam ser naturalmente assustadiços, medrosos ou teimosos, mas suas reações ao mundo eram delineadas pelo que se fazia com eles. Uma criança é capaz de lhe dar uma segunda chance porque tem a esperança de ser amada. Um cachorro volta todo submisso depois de levar uma surra. Um cavalo nunca mais permitirá que você — ou qualquer outra pessoa — se aproxima dele novamente. Por isso, Vô jamais gritava com Boo. Nunca perdia a paciência nem demonstrava frustração, mesmo quando ficava claro que Boo estava sendo malandro ou desobediente feito qualquer adolescente.

E com oito anos, agora ele estava adulto. Era educado o suficiente para ter bons modos, inteligente o bastante para que seus passos flutuassem, elegante o suficiente, se Vô o tivesse avaliado de forma tão precisa quanto parecia avaliar tudo o mais, para levar Sarah para longe daquela cidade caótica em direção a seu futuro.

* * *

Cowboy John se apoiou na vassoura e olhou através dos portões para o parque, onde a menina cavalgava a meio-galope em círculos pequenos e regulares no canto perto das árvores, desacelerando de vez em quando para elogiar o animal ou permitir que ele se esticasse um pouco. Ela estava sem capacete — um raro ato de rebeldia contra o avô, que não permitiria que ela montasse em um cavalo sem o acessório —, e o sol iluminava seu cabelo com o mesmo brilho que dava às ancas do cavalo. Ele viu o carteiro passar de bicicleta e gritar algo para ela, Sarah então ergueu a mão para cumprimentá-lo sem desviar o olhar do que estava fazendo.

Ela era uma boa menina, bem diferente de muitas das crianças que iam ao estábulo. Elas disputavam corrida com os cavalos pelas ruas vazias até seus cascos racharem e os puxavam de volta às baias, suados e exaustos, antes de retornarem para casa apressadas, prometendo que a mãe ou o pai

pagaria no dia seguinte. Elas enganavam os adultos e gastavam o dinheiro do lanche em cigarros que Cowboy John confiscava quando estavam no estábulo.

— Não estou nem aí para os pulmões deles, mas não quero ver meus amigos virarem churrasco — dizia ele.

A fala costumava vir acompanhada de uma tragada pensativa no próprio cigarro. O último maço apreendido por ele fora tirado de um menino que não tinha nem oito anos.

Ele duvidava que Sarah Lachapelle tivesse fumado um único cigarro na vida. O Capitão a mantinha com a rédea tão curta quanto fazia com o cavalo: nada de brincar até tarde, nada de beber, nada de fumar, nada de ficar à toa pela rua. A menina parecia nunca questionar. Era como se ele também a tivesse domado.

Bem diferente da mãe dela.

Cowboy John tirou o chapéu e enxugou a testa, já sentindo o calor do dia penetrar pelo couro surrado até sua pele. Maltese Sal havia lhe garantido que, se assinasse o contrato de aluguel, o cavalo do Capitão ficaria seguro ali, assim como os animais de qualquer um que não estivesse devendo. O lugar continuaria sendo o que era havia quarenta anos: um estábulo.

— Eu preciso de uma base — repetia a Cowboy John. — Aqui é perto da minha casa, meus cavalos se sentem à vontade. — Ele falava como se já estivesse decidido.

E essa propriedade velha caindo aos pedaços seria uma fachada útil para qualquer coisa que você quisesse comprar ou vender, Cowboy John queria lhe responder, mas isso não era algo que se diria a um homem feito Sal. Ainda mais com ele oferecendo a quantia que estava sugerindo.

A verdade era que Cowboy John estava cansado. Ele bem que gostava da ideia de se aposentar e ir para o interior, de trocar sua casa por um chalé com um terreno onde os cavalos pudessem pastar. A vida na cidade estava piorando, e ele, envelhecendo. Estava cansado de brigar com a prefeitura, de recolher as garrafas quebradas que os bêbados e os idiotas jogavam pelo portão toda noite para os animais se cortarem. Estava

cansado de discutir com crianças que não queriam pagar o que deviam. Cada vez mais, ele se imaginava em uma varanda em algum lugar, olhando para um horizonte formado apenas por uma linha de verde.

Sal manteria o lugar como estábulo. E estava oferecendo uma boa quantia de dinheiro, suficiente para que Cowboy John realizasse seu sonho. Mas, mesmo assim… Apesar do dinheiro, apesar da promessa de paz, de ver seus velhos companheiros abanando o rabo no meio do capim alto, parte dele relutava em deixar tudo nas mãos daquele homem. Pressentia que as promessas de Sal não tinham valor algum.

* * *

— *Bon anniversaire!*

Sarah, com um pouco de dificuldade para tirar a chave da fechadura, entrou no apartamento e escutou a voz do avô antes de vê-lo. Ela sorriu.

— *Merci!*

Pensara que ele talvez houvesse arrumado a mesa da cozinha com um bolo de aniversário, como fizera no ano anterior, mas ela atravessou o corredor e o encontrou diante da televisão.

— *Voilà!* Sente-se, sente-se — pediu Vô, depois de dar um beijo nas bochechas dela. Estava usando sua melhor gravata.

Sarah deu uma olhada na mesinha da cozinha.

— Não vamos tomar chá?

— Pizza. Depois. Você escolhe — respondeu, apontando para um cardápio.

Pedir comida fora era um luxo raro.

— Depois do quê?

Ela largou a mochila e se sentou no sofá, sentindo um arroubo de animação. Vô parecia tão contente, com um sorriso se formando no canto da boca. Ela não se lembrava da última vez que o vira assim. Desde que Vó morrera, quatro anos antes, ele havia se retraído, só se revelando quando Boo chegou. Ela sabia que o avô a amava, mas o amor dele não era do tipo que se vê na televisão: ele não lhe dizia que a amava, não

perguntava o que estava pensando. Vô garantia que ela estivesse sempre alimentada, limpa e que fizesse o dever de casa. Ensinava coisas práticas a ela, sobre dinheiro, fazer consertos e hipismo. Havia muito tempo os dois tinham dominado a máquina de lavar, as tarefas da casa e a forma de economizar ao máximo nas compras da semana. Quando Sarah estava triste, ele colocava a mão no ombro dela e às vezes lhe dizia para analisar o contexto da situação. Se estava agitada de tanto entusiasmo, ele esperava até que ela se acalmasse. Se Sarah fizesse algo errado, ele lhe mostrava sua insatisfação sendo um pouco seco, com um olhar de desaprovação. Em resumo, ele provavelmente a tratava um pouco como tratava um cavalo.

— Primeiro nós vamos assistir a uma coisa — anunciou Vô.

A menina acompanhou o olhar dele e reparou no aparelho de DVD que até a hora em que ela saiu de manhã não estava ali.

— Você comprou um aparelho de DVD para mim?

Ela se ajoelhou e passou o dedo pela superfície metálica brilhante.

— Não é novo — explicou ele, em tom de desculpa. — Mas está *parfait*. E não é roubado. Comprei em uma queima de estoque.

— A gente pode assistir a qualquer coisa?! — exclamou Sarah.

Ela poderia alugar filmes como as outras meninas da escola. Sarah sempre estava anos atrasada quando o assunto era cinema.

— Não vai ser qualquer coisa. Vamos assistir a *un spectacle*. Mas, primeiro… — Ele colocou a mão atrás de si e pegou uma garrafa, que abriu com um floreio e serviu. — Quatorze anos, hein? Já tem idade suficiente para tomar um pouco de vinho. — Ele assentiu ao lhe entregar a taça.

Sarah deu um gole e tentou disfarçar o fato de não ter ficado impressionada com o sabor amargo. Teria preferido Coca Zero, mas achou que não deveria estragar o momento com tal pedido.

Vô pareceu satisfeito, ajustou os óculos, examinou o controle remoto e, com um gesto exagerado que sugeria que havia ensaiado mais cedo, apertou um botão. A tela da televisão se acendeu e ele se acomodou no sofá ao lado da neta, sempre ereto apesar das almofadas que sucumbiam.

Tomou um gole do vinho. Sarah observou a expressão de prazer silencioso do Vô e se recostou nele.

A música começou a tocar, música clássica, e um cavalo branco atravessou espalhafatosamente a tela.

— Isso é…?

— Le Cadre Noir — confirmou ele. — Agora você vai ver o que almejamos.

* * *

Era raro até entre conhecedores de cavalos alguém ter ouvido falar do Le Cadre Noir. Tratava-se de uma organização obscura de cavaleiros de elite franceses que existia desde o século XVIII e ainda seguia as práticas estabelecidas por seus fundadores, uma academia em que os debates podiam girar em torno do ângulo exato das patas traseiras de um cavalo ao executar manobras milenares como *croupade* ou *levade*, e os cavaleiros usavam um uniforme preto antigo. A instituição só aceitava um ou dois novos membros por ano e não tinha o objetivo de ganhar dinheiro nem de disseminar suas habilidades e conhecimento para as massas, mas de alcançar a perfeição em coisas que a maioria das pessoas nem era capaz de notar. Ciente disso, era possível questionar o propósito da academia, mas ninguém que visse aqueles cavalos se movendo sob os cavaleiros com uniformes escuros, alinhados em simetria perfeita ou desafiando a gravidade com saltos surpreendentes, observando os passos de dança estranhos, a aceitação muscular dos desejos de seus cavaleiros, poderia não se emocionar com a obediência, a beleza, a agilidade espantosa daqueles animais. E talvez, mesmo que não gostasse especialmente de cavalos (ou de franceses), a pessoa ficaria contente de saber que uma organização como aquela ainda existia.

Sarah assistiu à apresentação de quarenta minutos em silêncio. Ficou hipnotizada. Queria ir até Boo e copiar o que tinha visto. Ele conseguiria fazer aquilo, ela sabia que sim. Ele era mais estreito, mais forte do que alguns dos cavalos que ela vira na tela, mas tinha o mesmo poder: Sarah

sentira aquilo várias vezes. Enquanto assistia, as mãos e os pés da garota se mexiam, cavalgando os cavalos da tela, incentivando-os para além dos limites, nos movimentos executados desde o tempo da Grécia Antiga.

A arena dela podia até ser um parque descoberto e cheio de lixo e não o palácio amplo de uma cidadezinha histórica francesa, ela vestia calça jeans e camiseta em vez do paletó preto formal, alamares dourados e quepe. Mas sabia como aqueles homens se sentiam: quando a câmera focava por alguns instantes nos rostos tensos de esforço e compaixão, cheios de desejo, ela sentia uma afinidade que nunca havia sentido em relação às garotas da escola. Todas as coisas que Vô lhe ensinara começaram a fazer sentido. Ele disse que os dois ainda tinham anos de trabalho pela frente. Disse que permitir que ela tentasse seria como se o Cowboy John quisesse correr uma maratona com o cigarro na mão. E agora ela entendia qual era o objetivo dele, o grande propósito: *capriole*. O movimento mais complexo, exigente e bonito que um cavalo poderia executar, tirando os quatro cascos do chão em um salto gracioso e preciso, erguendo-se como se não pesasse nada, dando um coice no ar como se desafiasse as leis da gravidade. Lindo. Apavorante. Imponente.

Quando Vô falava repetidas vezes sobre a escola francesa, Sarah nunca conseguira expressar o que sentia e questionar: que chance eles de fato tinham? Apesar do que Vô dizia, ela nunca tinha conseguido transpor sua vida no estábulo de Cowboy John e as sessões de treinamento no parque para o futuro que ele descrevia. Agora, enquanto assistia aos créditos, percebeu que o DVD tinha surtido o efeito contrário ao que ele esperava. Simplesmente confirmara que Vô estava alimentando um sonho. Não importava quão bom era o cavalo dela. Como alguém poderia executar o salto que mais desafiava a gravidade das ruazinhas de Londres para a glória refinada do Le Cadre Noir?

Ela se sentiu culpada quase no mesmo instante em que o pensamento surgiu. Os olhos dela foram até ele, e Sarah se perguntou se seus pensamentos eram tão óbvios quanto pareciam. Vô continuava vidrado na tela. Foi então que ela viu a lágrima escorrer pela bochecha dele.

— Vô?

O maxilar dele ficou tenso. Ele levou um instante para se recompor, então disse, baixinho:

— Sarah. É assim que você vai escapar. — Escapar do quê? Ela nunca tinha achado que sua vida fosse tão ruim quanto Vô parecia achar que era. — É isto que eu quero para você.

Ela engoliu em seco.

Vô então ergueu a caixa do DVD e continuou:

— Tenho uma carta de Jacques Varjus, meu velho amigo de Saumur. Ele me contou que já aceitaram duas mulheres. Durante centenas de anos, a academia não aceitava mulheres, nem considerava essa possibilidade, mas agora aceita. Não é preciso ser militar. Basta ser excelente. É uma oportunidade, Sarah. — Ela ficou um pouco nervosa com a intensidade dele. — Você tem habilidade. Só precisa da disciplina. Não quero que desperdice a sua vida. Não quero vê-la aqui, andando com esses *imbéciles*, para acabar empurrando um carrinho de bebê por este bairro.

Ele acenou para a janela, em direção ao estacionamento.

— Mas eu…

Vô ergueu a mão.

— Não tenho nada a lhe dar a não ser isto. O meu conhecimento, o meu esforço. — Ele sorriu e tentou suavizar o tom. — Minha menina vestida de preto, que tal? *La fille du Cadre Noir*.

Sarah assentiu sem falar nada. Seu avô nunca era emotivo, mas naquele momento parecia vulnerável, arrependido, e ela estava um pouco assustada. Era o vinho, disse a si mesma — ele raramente bebia. O vinho tinha exaltado as emoções dos dois. Remexendo a taça, ela tentou não olhar no rosto dele.

— Foi um presente legal.

Ele se arrastou até ela, parecendo ter controlado as emoções.

— *Non! Un demi cadeau* — disse ele. — Quer saber qual é a segunda parte?

Ela sorriu, aliviada.

— Pizza?

— Pff! Pizza! *Non, non… regarde*.

Ele pegou um envelope e lhe entregou.

— O que é isto?

Vô indicou o envelope com a cabeça.

Sarah o abriu, examinou o conteúdo e suas mãos ficaram imóveis. Quatro ingressos. Dois para uma viagem de trem e balsa. Dois para uma apresentação do Le Cadre Noir.

— De Varjus. *En novembre*. Vamos tirar férias.

Eles nunca tinham saído do país, nem quando Vó era viva.

— Vamos para a França?

— Está na hora. Está na hora de você ver, de eu voltar. O meu amigo Varjus agora é o Grand Dieu. Você sabe o que é isso? É o cavaleiro mais importante e com mais experiência do Le Cadre Noir. Não… da França.

Ela olhou para o folheto, para os cavaleiros vestidos de preto e os cavalos reluzentes.

Vô parecia tomado por um novo zelo.

— Preenchi os formulários para os passaportes. Só preciso da sua foto.

— Mas como conseguiu dinheiro?

— Vendi algumas coisas. *Pas du tout*. Está feliz? É um bom aniversário?

Foi então que Sarah reparou que o avô não estava usando o relógio de pulso. O Longines tinha sido presente de casamento de Vó. Um objeto tão precioso que, quando era pequena, ela não podia tocá-lo. Quis perguntar, mas as palavras se embaralharam em sua garganta.

— Sarah?

Ela deu um abraço nele, incapaz de murmurar agradecimentos com o rosto no pulôver macio e puído dele, porque as palavras não lhe vieram.

3

"Nunca lide com o cavalo em meio a um arroubo de paixão, raiva, impaciência, medo. (...) Praticamente toda emoção humana acaba com a eficiência da comunicação com um cavalo."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Nos dias em que conseguia pensar naquilo de maneira racional, Natasha observava, com uma espécie de humor negro, que seu casamento havia começado com a mão esquerda e terminara com a direita. Estranho os dedos dela serem capazes de tal desgraça, mas tinha sido assim.

A ironia era que ela e Conor ainda nem haviam se beijado quando Mac a deixou. E não foi por falta de oportunidade. À medida que o casamento dela se deteriorava e os almoços brincalhões e atenciosos de Conor forneciam um alívio bem-vindo, ele deixara bem claro o que sentia por ela.

— Você parece deprimida, moça. Terrível — dizia Conor com o charme habitual. Ele apoiava a mão sobre a dela, gesto que Natasha sempre afastava. — Precisa resolver a sua vida.

— Para acabar como você?

A ferocidade do divórcio dele tinha virado lenda no escritório.

— Ah. É só é uma dor intensa e debilitante. Você se acostuma.

Mas, devido a sua situação, Conor entendia um pouco do que ela estava vivendo. E isso era mais do que qualquer outra pessoa conseguia.

No mundo dos pais dela, casamentos terminavam com catástrofes, por causa de morte, desastre ou infidelidade recorrente e descarada. Acabavam porque as feridas se tornavam insuportáveis, e os danos colaterais, grandes demais. Não morriam como o casamento de Natasha, devagar, por causa

de negligência. Com frequência, nos últimos meses, ela se perguntava se de fato estava casada. Mac, raramente estava presente, não apenas do ponto de vista emocional, mas físico também, já que desaparecia em serviços cada vez mais regulares no exterior. Quando estava em casa, as trocas mais inofensivas entre os dois se transformavam em discussões amargas e cheias de ressentimento. Ambos agora tinham tanto medo de se magoar ou de serem ainda mais rejeitados que era mais fácil não ter que lidar um com o outro.

— Tem uma conta de gás aqui que precisa ser paga — dizia ele.

— Está me pedindo para pagar ou está dizendo que vai pagar?

— Só achei que você ia querer dar uma olhada.

— Por quê? Por que você não mora mais aqui de verdade? Quer um desconto?

— Não seja ridícula.

— Bom, então vá lá e pague a conta em vez de agir como se, de algum modo, a responsabilidade fosse minha. Ah, por falar nisso, Katrina ligou de novo. Você sabe qual, a Katrina de vinte e um anos siliconada. A que chama você de "Mackie". — Ela tremeu a voz em uma imitação ofegante da modelo.

Nesse ponto, ele sempre batia a porta e fugia para outra parte da casa.

Eles tinham se conhecido sete anos antes, em um voo para Barcelona. Ela estava com amigos da faculdade de direito, comemorando que um deles havia passado no exame da ordem. Ele estava voltando de férias curtas, depois de ter esquecido a câmera no apartamento de um amigo. Mais tarde ela percebeu que deveria ter considerado aquilo um aviso emblemático da natureza caótica da vida dele, de sua falta de praticidade (ele nunca ouvira falar do FedEx?). Mas, na ocasião, a única coisa em que ela conseguira pensar fora na sorte de se sentar ao lado do homem charmoso de cabelo curtinho com jaqueta de sarja que, além de rir das piadas dela, parecera interessado, interessado de verdade, no que ela fazia.

— Então, o que mesmo você vai fazer?

— Vou atuar como advogada nas instâncias mais baixas. Então vou representar as pessoas dos casos que estou cuidando. Sou especializada em

casos envolvendo crianças.

— Crianças criminosas?

— Na maior parte, crianças sob a tutela do estado, mas também trabalho em poucos casos de divórcio, tentando cuidar dos interesses dos filhos. É uma área em expansão, por causa do Estatuto da Criança.

Ela ainda tentava obter o melhor acordo para as crianças atingidas por divórcios, ainda forçava autoridades locais e agências de imigração a lhes oferecer um lar temporário. Mas, para cada criança desesperada, havia uma tentativa dissimulada de obter asilo; para cada nova colocação em lar temporário, um ciclo deprimente de abuso e retorno. Natasha tentava não pensar muito nisso. Era boa no que fazia e dizia a si mesma que as poucas vidas que conseguia impactar bastavam.

Mac tinha gostado dela por causa disso. Disse que ela tinha conteúdo, bem diferente da maioria das pessoas que ele conhecia em seu trabalho. Uma namorada mal-humorada fora encontrá-lo no aeroporto de Barcelona e ficou olhando feio quando Natasha se despediu dele com educação. Em menos de seis horas Mac já havia ligado para o celular dela, depois de dispensar a namorada, para perguntar se poderia convidá-la para sair em Londres. Natasha não deveria se sentir culpada por causa da namorada, ele completou, todo alegre. Não era sério. Nada na vida de Mac era sério.

Ela era a responsável pelo casamento deles: por Mac, os dois teriam ficado apenas morando juntos para sempre. Natasha tinha percebido, com certa surpresa, que queria se casar. Queria aquela noção de permanência, que o ponto de interrogação fosse removido da relação deles.

Não houve pedido de casamento propriamente dito.

— Se é tão importante assim para você, eu caso — disse ele, na cama, certa tarde, com as pernas enroscadas nas dela. — Mas você vai ter que organizar.

Mac participou ainda que não o bastante; a história do casamento deles.

No começo, ela não se importou. Compreendeu que tinha tendências controladoras, como Mac falava brincando. Gostava das coisas do jeito dela. Essa era a forma que tinha encontrado de organizar a vida, que era tão frenética, o resultado de ter sido criada em uma casa cheia e caótica.

Ela e Mac entendiam as fraquezas um do outro, faziam piada delas. Mas então o bebê que nenhum dos dois sabia que queria criou uma divisão que se transformou em abismo.

Quando sofreu o aborto espontâneo, Natasha sabia que estava grávida havia apenas uma semana. Tinha atribuído o atraso da menstruação ao estresse (estava trabalhando em dois casos difíceis ao mesmo tempo) e, quando se deu conta do tamanho do atraso, o número de dias era irrefutável. No começo, Mac havia ficado bem chocado, mas ela não poderia ficar brava porque também fora um choque para ela.

— O que vamos fazer? — questionou ela com o teste na mão, rezando para não odiá-lo por causa da resposta.

Ele tinha passado a mão no cabelo.

— Não sei, Tash. Eu aceito o que você decidir.

E então, antes que tivessem a oportunidade de pensar no que fariam, aquele montinho de células, o bebê em suspenso, havia tomado a própria decisão e ido embora.

A tristeza que sentiu a deixou chocada. O alívio que esperava ter não se concretizou.

— No ano que vem — concordaram depois de ela lhe fazer essa confissão. — Vamos tirar umas boas férias este ano. Aí vamos tentar direito.

Eles ficaram um pouco agitados de animação. Mac arranjaria uma série de trabalhos de verdade em vez de só ficar fazendo bico. Ela conseguiria um emprego em um escritório com bons benefícios para funcionários com filhos.

Então ofereceram a ela o emprego no escritório Davison Briscoe, e os dois concordaram que seria melhor esperar mais um ano. E depois mais um, após comprarem uma casa em Islington e Mac começar a fazer a reforma. Naquele ano, duas coisas aconteceram: a carreira de Mac sofreu uma queda vertiginosa e a dela foi para a estratosfera. Eles passaram meses quase sem se ver. Quando estavam juntos, Natasha pisava em ovos, tentando evitar que seu sucesso destacasse o fracasso dele. E então, talvez

mais por acaso do que por qualquer coisa tão definitiva quanto uma tentativa, ela engravidou de novo.

* * *

Mais tarde, bem mais tarde, ele acusou Natasha de se isolar dele muito antes de a situação com Conor Briscoe ter começado. O que ela poderia dizer? Sabia que era verdade, mas era seu direito não falar sobre o assunto. Afinal, o que havia para ser dito? Três possíveis bebês em quatro anos, nenhum deles indo muito além da fase de girino. O médico disse que ela estava "qualificada" para uma investigação mais detalhada, como se isso fosse alguma espécie de conquista. Mas Natasha não quis. Não queria que ninguém a tocasse, não queria reviver aquelas horas lúgubres. Não queria provas de suas suspeitas.

E Mac, que Natasha esperava que vencesse a raiva e as lágrimas dela, que a abraçasse, que a reconfortasse, simplesmente se retraiu. Parecia que ele não era capaz de lidar com a dor dela, nem com a Natasha confusa e chorona que passou uma semana sem sair da cama e que caía em prantos toda vez que via um bebê na televisão.

Quando conseguiu se recompor, ela se sentiu traída. Mac não esteve presente quando ela precisou. Só muito tempo depois ocorreu a Natasha que ele também devia ter sofrido. Mas aí já era tarde demais. Na época, só notava que ele preferia viajar para mais um trabalho e gritava quando ela reclamava, dizendo que não tinha como agradá-la, que ela sempre lhe fazia exigências. A vida sexual do casal se tornara inexistente. Ela ficou supereficiente, dando conta de tudo com uma determinação gélida, e se enfurecia com ele por não conseguir fazer o mesmo.

E, durante o tempo todo, as garotas não paravam de ligar. Vozes coquetes com sotaque eslavo, adolescentes insolentes que pareciam indignadas quando não o encontravam em casa.

— É trabalho — insistia Mac. — Os books são o meu ganha-pão. Você sabe que não gosto de fazer isso.

Dada a ausência de intimidade entre eles, Natasha não sabia em que acreditar. E durante todo aquele tempo, houve Conor… Conor com o cérebro brilhante para assuntos jurídicos, que compreendia casamentos desastrosos devido ao colapso espetacular do próprio.

— Uma pequena questão de infidelidade em série da minha parte — argumentava ele. — Só Deus sabe como algumas mulheres são irracionais.

Ela enxergava a dor por trás da máscara de alegria, e algo nela se identificava com aquilo. Natasha via a própria vida refletida ali.

Os dois tinham passado a almoçar juntos, era tão frequente que o pessoal no escritório reparou. Então começaram os drinques esporádicos depois do trabalho. Que mal fazia já que Mac nunca estava presente? Às vezes ela achava que o flerte com Conor era justificável. Mac devia estar paquerando alguém no mesmo momento, em alguma locação glamorosa. Mas, quando Conor se debruçou na mesa do pub certa noite e encostou os lábios nos dela, Natasha recuou.

— Eu ainda sou casada, Conor — censurou, perguntando-se, antes de terminar a frase por que tinha incluído a palavra ainda. E desejando não ter tanta vontade de retribuir o beijo.

— Ah. Você não pode condenar uma alma solitária por tentar — retrucou ele, que a levou para almoçar no dia seguinte.

Não demorou muito para Natasha começar a confiar nele. Ela não se sentia culpada; parecia não fazer diferença alguma para Mac se ela era legal ou não com outro. Os dois já nem discutiam mais: a vida do casal se resumia agora a uma série de questionamentos educados e repostas malcriadas, com a raiva borbulhando sob a superfície, e de vez em quando entrando em erupção e se transformando em algo que o fazia lhe dar as costas ou bater mais uma vez a porta.

* * *

A festa deles, planejada durante tanto tempo, a princípio era para comemorar o fim da reforma da casa, para alardear o ressurgimento deles de baixo dos plásticos de proteção e da poeira do reboco, transformados

em algo não apenas bonito, mas a que aspirar. Quando chegou a hora, Natasha não queria mais dar festa nenhuma, achava que tinham pouco a celebrar. Mas cancelar o evento parecia uma declaração tão definitiva que ela achou que não conseguiria fazê-lo.

Teve serviço de bufê e uma banda com quatro músicos no jardim. Para alguém de fora, deveria parecer que ela e Mac formavam um casal perfeito, com a turma de Mac, os fotógrafos acompanhados de modelos lindíssimas, se misturando com os amigos dela do mundo da advocacia, com as risadas de todos se elevando para além dos muros altos de tijolinhos. Natasha percebera que deveria usar a festa como oportunidade de fazer contatos e, apesar de estar um pouco atordoada por morar em uma casa tão grande e tão elegante, ela sabia que a presença deste juiz titular ou daquele juiz condecorado não lhe faria mal algum. O champanhe corria solto, a música tocava, o sol de Londres adentrava a tendinha que tinham montado no canto do jardim. Era uma cena gloriosa.

E ela se sentia arrasada.

Mac a evitara durante a maior parte do dia. Estava com um grupo de pessoas que ela não conhecia, de costas para ela, gargalhando. Todas as mulheres convidadas por ele pareciam ter um metro e oitenta de altura, Natasha observou com amargura. Usavam roupas interessantes, aparentemente vestidas meio que ao acaso, sem pensar muito, o que as fazia parecerem sofisticadas e sensuais. Ela não tivera tempo de passar o vestido que queria usar e a blusa e a saia que escolhera para substituí-lo pareciam desalinhadas, sem estilo. Mac não lhe dissera que estava bonita. Nos últimos tempos, era raro ele fazer comentários sobre a aparência dela.

Do alto dos degraus de pedra York, Natasha observou Mac. Será que era tarde demais para salvar a relação? Será que havia restado algo a ser salvo? Enquanto estava ali parada, ele cochichou no ouvido de uma mulher alta algo que a fez estreitar os olhos e dar um sorriso maroto. O que ele tinha dito? *O que ele tinha dito?*

— Tome jeito — disse uma voz ao lado dela. — Você é muito transparente. Vamos tomar um drinque.

Conor. Natasha permitiu que ele a conduzisse pelo jardim, abrindo caminho pelos grupos de convidados, agora com um sorriso estampado no rosto.

— Você está bem? — perguntou ele quando chegaram ao canto da tenda.

Ela fez que não com a cabeça sem falar nada.

Conor a encarou por alguns segundos. Ele não fez piada.

— Margarita. É a cura de todos os males conhecidos.

Ele pediu para o barman preparar quatro, ignorando os protestos dela, e a fez beber duas, uma atrás da outra.

— Ah, uau — disse Natasha, alguns minutos depois, apoiada no braço dele. — Mas que diabo você fez?

— Fiz você relaxar um pouco. Não ia querer que ficassem cochichando: "Nossa, o que há de errado com ela?" Você sabe como esse pessoal gosta de uma fofoca.

— Conor, o que você fez? — Ela deu uma risadinha. — Estou me sentindo com uns setenta por cento de teor alcoólico.

— Natasha Margarita. Soa muito bem. Venha comigo, vamos dar uma volta.

Ela sentiu os saltos afundarem na grama e não sabia ao certo se tinha equilíbrio suficiente para dar mais um passo. Conor percebeu o impasse e estendeu o braço, no qual ela se apoiou, agradecida. Foram até alguns advogados de um tribunal em que sempre atuavam.

— Vamos conversar com esse pessoal — murmurou Conor. — Você soube que Daniel Hewitson foi flagrado em um bordel no mês passado? Então, faça qualquer coisa, mas não comente: "Ouvi dizer que você foi pego em um bordel." — Ele esperou um instante. — É a única coisa em que você consegue pensar agora, não é?

— Conor! — murmurou ela, sem largar o braço dele.

— Está melhor agora?

— Só não se afaste de mim. Talvez eu precise me apoiar em você.

— Estou à disposição, querida.

Com um cumprimento animado, Conor os introduziu ao grupo.

Natasha só tinha uma leve noção da conversa ao seu redor. Os efeitos da margarita pareciam se intensificar à medida que o álcool se espalhava pelo corpo. Ela já não se importava mais, só estava feliz por ter Conor ao seu lado. Recusou-se a pensar em qualquer coisa que não fosse a presença dele, assegurou-se de rir das piadas certas, assentindo e sorrindo para todos a sua volta. Os saltos voltaram a se enterrar na grama, e Natasha, tonta, se apoiou nele. O jardim estava tão abarrotado de gente que não parecia fazer diferença; as pessoas naquele canto estavam bem juntas, em grupos. Quando sentiu a mão de Conor passar atrás do seu corpo, em busca da sua, ela pegou o mindinho dele e não soltou mais, tentando transmitir sua gratidão. Ele a salvara, impedindo que fizesse papel de boba. Foi um passo tão fácil de dar, uma progressão tão natural do ponto em que se encontravam, que demorou alguns minutos para ela suspeitar que o calor que sentia na nuca talvez não fosse só do sol.

Ela se desligou da conversa e virou a cabeça apenas o suficiente para ver Mac parado a uns seis metros. Olhava fixamente para a mão de Natasha. Desequilibrada e vermelha, ela largou o dedo de Conor. Depois percebeu que aquela era a pior coisa que poderia ter feito, um gesto carregado de culpa. Mas o mal já estava feito.

A expressão de Mac deixou claro que a relação estava acabada. Talvez já estivesse havia muito tempo.

* * *

— Você realmente precisa de um bom corte no cabelo — disse Linda atrás dela.

No descanso de tela, Natasha só distinguiu os lábios curvados da secretária. O pano de prato do escritório cobria os ombros de Natasha para aparar os fios louro-escuro cortados enquanto ela trabalhava.

— Não tenho tempo. — Natasha voltou a pegar a pasta à sua frente, com os óculos na ponta do nariz, os pés cobertos por meia-calça apoiados na mesa. — Preciso ler o conteúdo dessas pastas. Tenho que voltar ao tribunal às duas para fazer o encerramento.

— Mas a sua raiz cresceu. Precisa retocar as luzes.

— Você não pode fazer?

— Há anos não faço luzes em ninguém, ainda mais na hora do almoço. Você ganha bem. Deveria fazer direito. Ir a um desses cabeleireiros de celebridades.

Ela pegou uma mecha de cabelo e a soltou. Natasha desdenhou.

— Meu pior pesadelo.

— Você deveria se cuidar mais.

— Parece meus pais falando. Vai sair mais chá?

Natasha fez uma leitura dinâmica da última página de suas anotações, então fechou a pasta e pegou a seguinte, que estava embaixo. O celular apitou. Mac tinha mandado duas mensagens de texto para ela naquela manhã, perguntando quando poderia passar na casa. Já fazia quase dez dias que ela o enrolava.

Desculpe. Estou ocupada demais amanhã. Quem sabe na quinta. Eu aviso.

Mal tinha largado o celular quando o aparelho apitou de novo.

Meia hora. Quarta à noite.

Ela não queria encará-lo. Havia coisa demais acontecendo. Ele tinha passado um ano afastado; mais um ou dois dias não faria mal algum. Ela respondeu:

Não vou conseguir sair. Ordem liminar. Desculpe.

Mas naquele dia aparentemente Mac perdeu a paciência:

Preciso das minhas coisas. Sexta que vem é o limite. Posso pegar tudo sem você. Por favor, diga se trocou as fechaduras.

Natasha fechou o celular e parou para organizar os pensamentos.

— Mas, Lin, por que eu deveria ir a um cabeleireiro de verdade? Os seus cortes são ótimos.

— Chega de bajulação, Sra. Macauley.

— Senhorita.

— Ah, sim. Ia mesmo perguntar como deve ficar o seu cartão de visitas novo… Preciso fazer uma nova encomenda. Coloco seu nome de solteira?

— Por que eu ia querer mudar?

Linda deu de ombros.

— Sei lá. Parece o seu estilo.

Natasha se inclinou para a frente, para longe da tesoura, e se virou para trás na cadeira giratória.

— Que estilo?

Linda não pestanejou.

— Independente, quer que todo mundo saiba disso, e é feliz por ser assim. — Ela refletiu sobre a questão. — Voltar ao nome de solteira dá a impressão de que não está nem aí. Ficar com o de casada dá a entender que você se preocupa em manter o status de mulher casada. — Colocou as mãos nas laterais da cabeça de Natasha e a virou para a frente.

— Não está nem aí — repetiu Natasha. — Não sei se você acaba de me insultar ou se disse algo bem legal.

Ben entrou e colocou mais uma pasta na mesa. Ela se inclinou para pegá-la, provocando um palavrão atrás de si.

— Linda, a assistente social ligou para dar o retorno sobre Ahmadi?

Natasha não sabia ao certo o que perguntar, mas precisava de pistas: como poderia ter se enganado tanto sobre o garoto? Será que outra pessoa tinha percebido que a história dele não podia ser verossímil?

— Ahmadi… É aquele garoto que apareceu no jornal? Aquele que você representou? Achei mesmo que conhecia o nome de algum lugar. — Linda não deixava passar nada. — Ele atacou alguém, não foi? Que surpresa, de verdade. Ele não parecia ser desse tipo.

Natasha não queria discutir o assunto na frente do estagiário.

— Eles nunca parecem. Ande logo, Linda, você já devia ter terminado. Preciso estar no tribunal daqui a vinte minutos e ainda nem comi um sanduíche.

* * *

— Como foi?

Conor estava a espera dela do lado de fora do tribunal. Ela se inclinou e o beijou, já não se preocupando mais com os olhares dos outros advogados. Os dois agora formavam um casal estabelecido. Duas pessoas divorciadas, mais velhas, mais sábias. Não tinha nada de escandaloso ali.

— Acabei com eles. Sabia que acabaria. Pennington estava tão despreparado que deu dó.

— Essa é a minha garota. — Conor fez carinho na nuca dela. — Seu cabelo ficou legal. Vamos jantar?

— Nossa, eu adoraria, mas preciso ver uma tonelada de papéis para amanhã. — Natasha percebeu que o rosto de Conor se anuviou, então pegou no braço dele. — Mas um drinque me faria bem. A gente mal se viu essa semana.

Atravessaram a relativa paz do Lincoln's Inn depressa e saíram para a rua cheia e movimentada. O sol refletia na calçada quando atravessaram a rua para chegar ao pub, por isso Natasha já estava tirando o casaco antes de entrarem.

— Neste fim de semana eu não posso — disse logo Conor ao se aproximarem do balcão. — Vou ficar com os meninos. Achei que deveria avisar com antecedência.

Os filhos de Conor tinham cinco e sete anos e, ao que parecia, estavam magoados e vulneráveis demais para saberem da existência da namorada do papai, por mais que estivesse divorciado da mãe deles havia mais de um ano. Natasha tentou não parecer tão decepcionada.

— Que pena — disse ela como quem não quer nada. — Fiz uma reserva no Wolseley.

— Está de brincadeira.

Ela tentou sorrir.

— Não. É o nosso aniversário de seis meses, caso não tenha reparado.

— E eu aqui achando que você tinha um coração de pedra.

— Você não detém o monopólio dos gestos bacanas, sabe? — retrucou ela, coquete. — Acho que terei que achar outra pessoa para me acompanhar.

Tal possibilidade não pareceu incomodá-lo. Ele pediu os drinques e se virou para ela mais uma vez.

— Ela vai passar o fim de semana em Dublin. — Colin sempre se referia à ex-mulher como "ela". — Por isso, vou ficar com eles de sexta até segunda de manhã. Só Deus sabe o que vou fazer com os dois. Eles querem patinar no gelo. *Patinar no gelo*, dá para acreditar? E está fazendo oito graus.

Natasha deu um gole na bebida, perguntando-se se valia a pena se oferecer para ajudar. Se Conor tivesse que recusar a companhia dela pela segunda vez, com certeza ia ficar um climão. Fingir que não havia possibilidade de ela querer acompanhá-lo tornava a situação mais segura e fácil para todos.

— Tenho certeza de que você vai dar um jeito — disse ela com cautela.

— Que tal segunda-feira à noite? Posso ir direto para a sua casa se quiser. Vou estar recuperado e pronto para você.

— Vou me contentar com o que posso ter — respondeu Natasha, sem deixar que o amargor maculasse suas palavras.

Por que ele não a apresentava aos filhos? Será que a relação deles era apenas temporária e por isso não valia a pena eles a conhecerem? Ou, pior, será que ela transmitia um ar nada maternal, fazendo com que Conor tivesse medo de apresentá-los?

Natasha passava o dia todo lidando com conflitos no tribunal, e o último ano tinha feito com que ela não buscasse desentendimentos na vida pessoal.

— Segunda, então — concordou com um sorriso.

Eles terminaram o vinho, conversaram sobre questões de trabalho, e Conor a aconselhou sobre um juiz com quem ela lidaria na semana seguinte. Eles se despediram na porta do pub e ela voltou para o escritório e ficou ali por mais uma hora. Ligou para a mãe, ouviu um corolário sobre os problemas de saúde do pai e tentou dar a entender que tinha vida social quando a mãe perguntou o que ela andava fazendo. Às nove fechou tudo, saiu naquela noite de verão e chamou um táxi para voltar para casa.

Observou as ruas de Londres passarem depressa pela janela, com casais saindo preguiçosamente de pubs e restaurantes. O mundo ficava cheio de casais quando se estava sozinho. Talvez ela devesse ter saído com Conor, mas o trabalho era a única constante em sua vida. Se ela o deixasse de lado para jantar com ele, sua vida inteira teria sido em vão.

De repente, sentiu uma tristeza profunda e enfiou a mão na bolsa à procura de um lenço de papel, então se forçou a dar uma olhada em uma das pastas separadas para o dia seguinte. Vamos lá, Natasha, tome jeito, disse a si mesma, tentando entender por que se sentia tão instável. Encontrar a resposta não era difícil.

Fechou a pasta, então examinou as mensagens de texto que tinham acabado de chegar. Respirou fundo e digitou:

> Não troquei as fechaduras. Venha quando quiser. Se for tarde, por favor, deixe a luz acesa e feche as cortinas quando sair.

4

"O som mais doce de todos é o elogio."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Quando ela chegou, Ralph estava no portão. Olhou para ele, meio sem entender, então conferiu o relógio. Aos doze anos, ele raramente se levantava antes do meio-dia. Segundo Ralph, a escola era algo opcional. O horário dele era praticamente todo noturno.

— Maltese Sal está tendo uma discussão — contou, indicando o caminhão do outro lado da rua. Sal dava de ombros dentro da jaqueta, conferindo o celular. — Você vem comigo?

— Para onde?

— Para o viaduto. O que fica perto dos campos de futebol. Só vai levar vinte minutos. Venha… Vicente disse que dá uma carona para a gente na traseira da caminhonete dele.

Ralph olhou para ela, cheio de expectativa, com um cigarro na boca.

— Eu ajudei Sal a preparar a égua. Está irrequieta.

Ela então entendeu por que havia o dobro de carros do que o normal do lado de fora, em Sparepenny Lane. Homens entravam nos veículos, batiam as portas, falavam em voz baixa na manhã estagnada. Ela ouviu os carros dando partida, sentiu o cheiro da expectativa no ar. Sarah olhou mais uma vez para o relógio, um pouco incerta.

— Cowboy John já está lá — observou Ralph. — Vamos, vai ser divertido.

Ela deveria estar treinando Boo, mas Ralph estava ali parado, esperando. E ela era a única ali que nunca tinha assistido a uma corrida.

— Vamos, provavelmente será a última do verão.

Ela hesitou apenas por um instante, então saiu correndo atrás dele em direção à picape vermelha, que já soltava uma fumaça roxa pelo escapamento no ar parado da manhã. Jogou a mochila na traseira, segurou a mão de Ralph para subir e então se acomodou na pilha de cordas e lonas. Vicente lhes disse para se segurarem, depois saiu para a rua tranquila atrás de quatro outros veículos, cada um deles cheio de homens de cabelo escuro e com fumaça de cigarro escapando das janelas um pouco abertas.

— Ele fez uma aposta alta contra o pessoal de Picketts Lock — gritou Ralph por cima do barulho do motor.

Eles se abaixaram por um tempo, quando uma viatura da polícia passou.

— Qual é a égua?

— Ele vai disputar a corrida com a cinza.

— A que deu um coice na charrete?

— Ele comprou uma nova, além de antolhos melhores. Colocou um dinheirão nisso, estou dizendo. *Muito* dinheiro.

Ralph afastou as mãos uns quinze centímetros e deu um enorme sorriso.

— Não conte a Vô que vim com você — gritou Sarah.

Ele deu uma tragada profunda e então jogou a bituca do cigarro na rua. Algumas coisas não precisavam ser ditas.

* * *

Ao contrário da corrida de cachorros ou do futebol amador, a corrida de charrete era um acontecimento intermitente e não anunciado nos anais do esporte na zona leste da cidade. Não havia estádio, não havia pista iluminada por holofotes na qual os melhores cavalos pudessem competir, nenhum agente de apostas regulamentado para falar das melhores probabilidades e bancar as apostas. Em vez disso, várias vezes por ano, os competidores combinavam de se encontrar em um local ermo com uma extensão de asfalto liso acertada com antecedência.

O fato de a "pista" inevitavelmente ser uma via pública não era obstáculo para a realização de uma corrida. Caminhonetes dos dois lados

simplesmente iam para o local depois do amanhecer, quando havia pouco trânsito. Iam fazendo manobras ao redor umas das outras até ocuparem as duas pistas da via de mão dupla e então, em pontos combinados, diminuíam a velocidade, ligavam o pisca-alerta e forçavam os outros veículos a pararem atrás deles. Antes que os outros motoristas se dessem conta do que estava acontecendo, os cavalos rivais já estavam na pista com as charretinhas leves de duas rodas atreladas atrás de si. A corrida então se desenrolava em uma reta de dois quilômetros, acompanhada de gritos, suor, xingamentos, um borrão de patas e chicotes, os condutores inclinados para a frente, instando os animais a cruzar logo a linha de chegada combinada, talvez um pedaço de fita segurada por dois garotos. Em questão de minutos a fita era rompida, a corrida estava decidida e os participantes desapareciam nas ruas secundárias para comemorar, discutir ou distribuir o dinheiro das apostas. Quando a polícia chegava, havia poucas evidências — fora uma ou outra pilha de esterco, algumas guimbas de cigarro — sugerindo que algo acontecera ali.

Ralph contou a Sarah que aquela era a pista de corrida preferida de Maltese Sal.

— Asfalto novo, não é?

Ele passou a bota na superfície lisa em um gesto de aprovação.

Eles tinham pulado da traseira da caminhonete e agora estavam embaixo do viaduto que saía do parque industrial, observando o dinheiro mudar de mãos a alguns metros de distância. Homens tatuados saídos de trailers, pouco visíveis sob as pilastras de sustentação, estavam sentados diante de caminhonetes reluzentes com rodas superdimensionadas, com celular colado na orelha e os cigarros sempre presentes entre os dedos grossos e sujos. Tiravam notas de maços enormes de dinheiro e cuspiam na palma antes de trocar apertos de mão, com os olhos frios e brilhantes revelando a falta de confiança e amizade no gesto. O lado de Sal, mais curto e lustroso do que o dos viajantes, tinha carros mais feios, porém as roupas eram imaculadas. Cada grupo estava de um lado da rua. Cowboy John estava encostado em uma caminhonete, fumando de modo pensativo um cigarro enrolado à mão, apontando para os cavalos e conversando com

alguém no banco do carona. Um garoto que Sarah não reconheceu estava montado nas costas nuas de um cavalo preto, com as pernas para a frente, conduzindo o animal por entre os carros com um cabresto.

Perto dali, Maltese Sal conferia os fechos do arreio de seu cavalo, dando bronca quando a égua se agitava, com o amplo sorriso revelando um dente de ouro, um boné enfiado em cima do cabelo cortado bem curto. Ele estava rindo, desdenhando do cavalo dos adversários, imitando o ângulo infeliz das patas dele, do peito supostamente estreito demais.

— Eles odeiam Sal — revelou Ralph, acendendo mais um cigarro. — Foi flagrado com a mulher de alguém no ano passado. Vai ser forçado a vender.

— Forçado a vender?

Ralph a encarou como se fosse burra.

— Se perder, ele terá que abrir mão da égua.

— Mas não vai ficar louco da vida? — questionou Sarah.

Ralph cuspiu no chão.

— Que nada. Os Pikey sabem que todo pessoal do Sal vem em grande número. E eles vieram preparados, só para garantir. Acho melhor ficarmos na caminhonete de Vicente, para o caso de precisarmos sair correndo.

Ele riu. Sempre se animava com a perspectiva de confusão.

Os homens estavam voltando para as caminhonetes e Sarah tremeu, sem saber muito bem se de nervoso ou de animação. Acima deles, apoiado nos pilares de concreto rústico gigantescos, o trânsito rugia pelo viaduto e evidenciava o início da hora do rush através da densidade crescente de veículos.

Alguém assobiou, um cachorro latiu, e Ralph a puxou para a entrada da rodovia. Três caminhonetes deram ré, voltando na direção de onde tinham vindo, numa formação previamente acertada. Desapareceram, prontas para se juntar ao trânsito no viaduto, e então só havia homens parados na entrada da rodovia, e os cavalos, com vapor saindo das narinas, os cascos batendo delicadamente na superfície de asfalto, com a cabeça firme, segurada pelos encarregados. Atrás da égua cinza, Sal estava agachado em sua charrete vermelha, pernas a postos, rédeas frouxas na mão, olhando

para trás o tempo todo, esperando o sinal. A presença dele era magnética. Sarah se pegou observando-o, seu sorriso longo e confiante, os olhos que pareciam saber de tudo. Ralph, ao lado dela, acendeu mais um cigarro e resmungou, baixinho:

— Vamos lá, vamos lá…

Agora todos os olhos estavam fixos no trânsito no viaduto. Os homens resmungaram entre si. O fluxo de carros era intenso.

— Aposto que Donny foi parado por um guarda. Ele não pagou a porcaria do imposto.

Alguém riu, quebrando a tensão.

E então se ouviu um grito e, acima deles, dava para ver a picape de um dos adversários com o pisca-alerta ligado, formando a barreira de segurança.

— Vão! — gritou alguém. — Vão!

E, com um movimento fluido, os dois cavalos estavam na entrada da rodovia, com as rodas das charretes quase se tocando, os dois condutores curvados para a frente, os chicotes em riste enquanto instigavam os animais a avançar pela extensão da estrada vazia.

— Vai, Sal! — berrava Ralph com a voz aguda de animação. — Vai!

E Sarah sentiu quando ele pegou a manga do seu blazer e a puxou em direção à caminhonete de Vicente, que já estava acelerando, pronta para seguir os cavalos de corrida, então quase fora de vista.

Ele a empurrou para a traseira e Sarah ouviu as buzinas dos carros que estavam parados, a borracha cantando no asfalto. Agarrou firme as barras do vidro traseiro, o vento cantava em seus ouvidos.

— Ele está ganhando! — berrava Ralph. — Ele está na frente!

Sarah viu a égua cinza com seu trote nada natural, rápido demais, um passo surreal. Dava para discernir a careta do adversário, com o chicote erguido enquanto incitava o cavalo a ir mais depressa, a comemoração dele quando entrou a um galope breve que arrancou dos Maltese urros de protesto.

— Vamos, Sal! *Acabe* com ele!

O coração dela estava na boca, os olhos fixos na eguinha valente, cujos tendões estavam todos retesados com o esforço de manter aquela velocidade no trote, com os pequenos cascos mal tocando a superfície da estrada. *Vai*, ela incentivava, com medo de que a égua perdesse e fosse entregue aos adversários, perdida para sempre em alguma terra desolada coberta de mato, com cavalos feios e carrinhos de supermercado quebrados. Ela sentia uma comunhão silenciosa com a eguinha, lutando pela própria sobrevivência entre os gritos, o suor e o barulho. *Vai.*

E então, com um grito de vitória, estava terminado, os cavalos fora do viaduto tão depressa quanto o tinham tomado. As caminhonetes se dispersaram atrás deles, os carros avançaram em uma confusão mal-humorada. E a caminhonete de Vicente fez uma curva à esquerda na entrada da rodovia, os joelhos e os braços de Sarah bateram dolorosamente nas laterais do veículo quando passaram em um buraco, a sua mochila da escola se abriu e seus livros, com as folhas balançando, voaram. Ela ergueu a cabeça e viu Sal descendo da charrete antes mesmo de a eguinha parar, a mão erguida em triunfo, um colega cumprimentando-o com um toca aqui. Ela e Ralph riam, abraçavam-se, contagiados pela loucura e pela vitória de Sal.

A eguinha cinza estaria a salvo durante mais algumas semanas. A salvo no estábulo de Cowboy John.

— Eu tinha apostado um centavo! — berrava Ralph com o rosto corado, agarrando o blazer do uniforme da escola dela. — Vamos! Sal disse que, se ganhasse, pagaria o café da manhã para todos nós quando voltássemos ao estábulo.

* * *

Vô estava lá quando ela voltou, depois da escola. Estava na baia de Boo, abaixado, escovando o pelo do animal até deixar seus quartos brilhando como espelho. Sarah ouviu a respiração pesada antes de vê-lo e reparou no T de suor na camisa bem passada antes de ele se virar. Vô só fazia algo se

pudesse fazê-lo da maneira correta. Era por causa de todos aqueles anos de treinamento militar.

Quando ela entrou nos arcos, Cowboy John estava apoiado na porta da baia tomando uma caneca de chá cor de verniz. Ele nunca parecia se esforçar muito para nada, mas de algum modo o estábulo estava sempre em ordem.

— A menina do circo chegou — avisou, e Ralph, apoiado na traseira de um cavalo de trabalho branco e preto com a cabeça achatada, piscou para ela.

— O ônibus atrasou — explicou Sarah, colocando a mochila em cima de um fardo de feno.

— Ela esqueceu o tutu — brincou Cowboy John.

— Já recebeu a nota da prova de matemática? — perguntou Vô.

— Tirei seis.

Sarah acenou com o livro, torcendo para que ele não percebesse as marcas de pneu e a sujeira na capa. Olhou para Ralph, que teve um ataque de tosse repentino.

— Eu lhe contei que Maltese Sal comprou e vendeu aquele cavalo preto hoje, o que ele conseguiu com os italianos de Northolt?

O avô dela apoiou a mão no peito de Boo, que recuou, obediente.

— Aquele de andadura? — perguntou.

Maltese Sal sempre comprava e vendia cavalos de trote. Cowboy John assentiu.

— O sujeito veio buscá-lo hoje à tarde.

— Ele vai ter sorte se conseguir fazer aquele cavalo andar rápido — ponderou Ralph. — O bicho corre igual a um caubói de pernas arqueadas usando salto alto.

— Do jeito que ele o vendeu, era Bucéfalo. — Cowboy John imitou a maneira como Sal sacudia a cabeça. — O cavalo saiu da baia como se estivesse pronto para o Derby do Kentucky.

— Mas como… — começou Sarah.

— Sal enfiou uma bolinha de gude na orelha dele — interrompeu Ralph.

Cowboy John bateu no garoto com o chapéu.

— Você anda escutando as minhas conversas?

— Você falou isso para todo mundo que passou por aqui hoje à tarde — protestou Ralph.

— O cavalo saiu daqui sacudindo a cabeça como se fosse selvagem. Com o dinheiro que recebeu por ele, Sal comprou mais dois. Chegam no sábado. Os dois para corrida.

Sarah sabia que Vô não gostava dos truques dos velhos negociantes. Ele fingia que não escutava a conversa.

Ralph tirou o chiclete da boca e colou na porta da baia.

— Lembra quando você vendeu aquele velho cavalo palomino para o italiano lá do campo e enfiou um pedaço de gengibre no rabo dele para parecer animado?

O chapéu de Cowboy John desferiu mais um golpe.

— Não sei como foi parar lá! — afirmou. — Não tinha nada de errado com aquele cavalo. Nada. Vocês estão me difamando. Você tem sorte por eu deixá-lo ficar aqui no estábulo, com o tanto que fala mal de mim. Você deveria estar na escola. Por que diabo nunca vai à escola?… — Ele saiu pisando firme em direção ao portão, resmungando sozinho e correndo aos gritos quando viu uma ruiva de meia-idade passando na rua. — Sra. Parry! Foi a senhora que eu vi na televisão ontem à noite? — A mulher seguiu andando. Parado ao lado do portão, ele tirou o chapéu e acenou para chamar a atenção dela. — Foi, sim! Eu sabia!

Ela desacelerou o passo e virou um pouco a cabeça, perplexa.

Ralph deu uma gargalhada.

— No *Britain's Next Top Model*! Pronto… viu? Está sorrindo. Eu sabia que era a senhora. Quer comprar alguns ovos? Também tenho uns abacates bem bonitos. Uma bandeja inteira, se quiser. Não? Volte logo, viu? Quando o contrato de modelo terminar. — Ele estava sorrindo quando voltou para o arco da ferrovia. — Essa Sra. Parry do correio, ela é *bacaaana*. — Ele prolongou a palavra em tom de apreço. — Se fosse vinte anos mais nova…

— …ela poderia ajudá-lo com o andador — disparou Ralph.

Vô não falou nada. Tinha voltado a escovar Boo com força, em movimentos ríspidos: de vez em quando o cavalo tinha que se escorar contra a pressão.

Cowboy John deu mais um gole no chá.

Sarah adorava tardes assim, quando os cavalos ficavam sonolentos ao sol e os homens trocavam insultos de brincadeira. Ali, Vó não parecia uma grande ausência. Aquele era o lugar em que Sarah se encaixava.

— Menina, eu vivo dizendo para o seu avô. É por isso que ele nunca vai arrumar outra namorada. Olhe só para isso! — Ela seguiu o olhar dele até onde a escova de Vô passava pela anca reluzente de Boo com força. Cowboy John estendeu as mãos e deslizou-as com ar sonhador para o lado, então piscou para Sarah. — Vou lhe dizer uma coisa, Capitaine, as mulheres gostam de mão lenta, de tratamento *suave*.

Vô o olhou com desprezo, então voltou à sua tarefa.

— E eu aqui pensando que os franceses deviam ser ótimos amantes — provocou Cowboy John.

O avô dela deu de ombros e bateu a poeira da escova.

— John, se você não sabe qual é a diferença entre amar e escovar, não é para menos que os seus cavalos pareçam tão confusos.

Os meninos gargalharam. Sarah sorriu com malícia, apesar de saber que não deveria entender a piada, então fez uma expressão séria quando Vô lhe pediu para pegar o capacete.

* * *

O sol ia se pondo, baixando em direção à ponte da ferrovia e do viaduto além dela. Era a hora do rush, e filas de veículos esperavam no engarrafamento ao redor do parque enquanto os motoristas se distraíam por um instante com o que viam no gramado.

Sarah não reparou neles. Vô estava ao seu lado com os braços abertos, ajudando a concentrar a energia que impulsionaria Boo para o alto.

— Sente-se ereta — murmurou. — Está tudo no jeito como você se senta, Sarah. Mantenha a perna esticada… mas imóvel, controle o cavalo

pelo assento, *comme ça*.

Ela suava de tanto esforço. Via o chicote de Vô pelo canto do olho esquerdo — ele nunca encostou na bela pelagem castanho-avermelhada de Boo —, sentia a força se concentrando embaixo de si. Estava sentada o mais imóvel possível, com as pernas apoiadas de leve nas laterais, olhando diretamente através das orelhas pontudas do cavalo.

— *Non* — disse ele mais uma vez. — Para a frente. Faça-o avançar. Agora tente outra vez.

Estavam trabalhando no *piaffe* havia quase quarenta minutos, e o suor tinha colado a camisa da escola dela nas costas, com o sol batendo na cabeça quente. Avançar em trote, então parar, depois trotar de novo, tentando concentrar a energia para que o animal trotasse sem sair do lugar, com o passo ritmado que seria o ponto de partida de movimentos mais complexos, que Vô tinha lhe dito várias vezes que ela ainda não era boa o bastante para executar.

Alguns meses antes, quando ela implorou, Vô lhe mostrara do chão como Boo poderia ser convencido a fazer o *levade*, equilibrado nas patas traseiras, como se estivesse empinando, e ela ficou louca para experimentar os movimentos que o fariam sair do chão — o *courbette*, o *capriole* — com ela em cima. Mas Vô não deixou. Tinha que fazer o trabalho de base, vez após outra. Com certeza não haveria *levade* em um parque público com gente olhando. O que ela estava tentando fazer? Dizer a Boo que ele era um cavalo de circo? Ela sabia que o avô tinha razão, mas às vezes o treino era muito entediante. Era como ficar presa na largada de uma corrida para sempre.

— Podemos fazer um intervalo? Estou com muito calor.

— Como é que você vai conseguir se não treinar? Não. *Continue.* Ele está pegando o jeito.

Ela fez bico em um protesto mudo. Não adiantava discutir com Vô, mas parecia que estavam fazendo a mesma coisa havia horas. Sarah pensou na eguinha cinza daquela manhã. Pelo menos ela havia ido a algum lugar.

— Vô…

— Concentre-se! Pare de falar e concentre-se no seu cavalo.

Duas crianças passaram correndo, e uma delas berrou:

— Manda ver, caubói!

Ela manteve o olhar fixo entre as orelhas de Boo. O curto espaço entre as duas estava molhado de suor.

— E avance. Dê uma recompensa a ele. — Sarah permitiu que o cavalo avançasse, então meio que fez com que parasse, tentando trazê-lo para trás com uma transferência de peso e a pressão mais leve possível nas rédeas. — *Non*! Está se inclinando para a frente de novo.

Ela se jogou sobre o pescoço do cavalo e resmungou.

— *Não* estou!

— Está enviando sinais conflitantes para ele — ralhou Vô com o rosto marcado pela frustração. — Como ele vai entender se as suas pernas dizem uma coisa e a sua posição diz o contrário?

Ela mordeu o lábio. Por que estamos fazendo isto?, queria berrar. Nunca serei boa o bastante para o que você quer. Isto aqui é uma idiotice.

— Sarah… concentre-se.

— Eu *estou* concentrada. Ele está com calor demais e incomodado. Não está mais me escutando.

— Ele sabe que você não me escuta. É por isso que ele não escuta você. — A culpa era sempre dela. Nunca do cavalo. — Se você se senta *comme ça*, está ensinando a ele a não escutar.

Ela estava esquentada demais.

— Certo — disse, pegando as rédeas com uma das mãos e descendo do cavalo. — Se sou tão incompetente, faça você.

Sarah ficou ali parada no chão, surpresa com o próprio desafio. Era raro ela contradizer Vô.

Ele olhou feio para a neta, com os olhos ardendo de raiva de um jeito que fez com que ela, feito um cachorro desgraçado, baixasse a cabeça.

— *Je m'excuse* — disse ele de repente.

Sarah esperou, sem saber o que Vô ia fazer. Ele foi a passos firmes até a lateral de Boo e, com um leve resmungo por causa do esforço, colocou o pé esquerdo no estribo, ergueu-se e deixou o corpo descer com suavidade sobre o lombo do cavalo. As orelhas de Boo se voltaram para trás, o

animal ficou assustado com o peso desconhecido. Vô não disse nada para ela. Cruzou os estribos na frente da sela e deixou as pernas soltas. Então, com as costas incrivelmente retas e as mãos aparentemente imóveis, ele fez Boo percorrer um círculo amplo, depois colocou o cavalo em ação.

Sarah, com a mão na testa para proteger os olhos do sol, observou o avô, um homem que ela nunca tinha visto montado em um cavalo, pedir, com movimentos quase imperceptíveis, algo que o animal não sabia como fazer, e Boo, com a boca branca de espuma, ergueu as patas cada vez mais alto enquanto permanecia no mesmo lugar. Sarah perdeu o fôlego. Vô era como os homens do DVD. Fazia tudo enquanto parecia não fazer nada. Ela percebeu que as mãos tinham se fechado em punhos e estavam enfiadas nos bolsos. Boo estava tão concentrado que o suor escorria em filetes pelo pescoço musculoso. O avô dela ainda parecia não fazer nada enquanto os cascos de Boo cravavam uma tatuagem ritmada na terra marrom craquelada. De repente, ele passou para o movimento de balanço, o meio-galope estacionário do *terre à terre*. E finalmente, do nada, ela escutou um "Hup!" e, quando ela deu um passo atrás, Boo se ergueu nas patas traseiras com o par dianteiro bem dobradinho sobre o corpo, com os músculos dos quartos tremendo enquanto ele se esforçava para manter o equilíbrio. *Levade.*

Alguém berrou: "U-huh!" do passeio, e ouviu-se um murmúrio coletivo de preocupação vindo de algumas pessoas atrás de Sarah. E então Boo baixou. Vô passou a perna por trás da sela; o único sinal de seu esforço eram as marcas escuras na camisa azul.

Ele murmurou algo para o cavalo e passou a mão devagar pelo pescoço dele, em agradecimento, então entregou as rédeas à neta. Sarah quis perguntar como ele tinha feito aquilo, por que não montava mais se era capaz de montar daquele jeito. Mas Vô falou antes que ela conseguisse articular o que queria dizer.

— Ele está se esforçando demais — disse, com indiferença. — Está tenso demais. Precisamos fazer com que recue um estágio para que se preocupe menos com o equilíbrio.

Um grupo de mulheres estava sentado na grama, observando a uma distância segura. Chupavam picolés com as saias erguidas acima dos joelhos, revelando pernas bronzeadas.

— Faça de novo — gritou uma delas.

Sarah ainda estava um pouco estupefata com o que tinha visto.

— Quer que eu continue tentando? — perguntou a garota.

Vô passou a mão no pescoço de Boo.

— Não — respondeu, baixinho. Então passou a mão no próprio rosto para limpar o suor. — Não. Ele está cansado.

Ela soltou as rédeas e Boo esticou o pescoço, agradecido.

— Monte. Vamos voltar — disse Vô.

— Tem um carrinho de sorvete ali — disse Sarah, esperançosa, mas ele pareceu não escutar.

— Não se sinta tão frustrada — disse Vô enquanto caminhava. — Às vezes… às vezes eu exijo demais. Ele é novo… Você é nova…

Ele tocou a mão da neta, e Sarah percebeu que aquilo era o mais próximo que conseguiria de uma confissão de que ele estava errado.

* * *

Eles deram uma volta no perímetro do parque para permitir que os músculos de Boo se alongassem e relaxassem, então pegaram a trilha até o portão do parque. Vô parecia imerso em pensamentos e Sarah não sabia o que dizer. Ela ficava pensando no avô montado no cavalo. Ele parecia alguém que ela nunca tinha visto. Sarah sabia que o avô fora um dos cavaleiros mais jovens do Le Cadre Noir. Vó havia lhe contado que apenas vinte e dois homens tinham permissão para vestir o uniforme preto com os alamares dourados que os distinguia como mestres de sua arte. A maioria deles já havia representado o país no exterior — em adestramento, cross-country ou salto —, mas Vô havia entrado para a academia do jeito mais difícil: tinha subido pelas fileiras da cavalaria até que enfim o filho de um camponês agricultor de Toulon fora aceito como parte da *élite* na escola clássica.

Quando o viu pela primeira vez, Vó contou a Sarah, olhando para a fotografia dos dois juntos, achou Vô tão bonito montado no cavalo que seu coração parou e ela pensou que ia desmaiar. Ela nem gostava de cavalos, mas viajara para vê-lo todos os dias, ficando em pé na parte frontal do auditório público, perdida na contemplação do homem que também estava perdido, concentrando-se em algo que ela não era capaz de entender.

Aquilo foi o que Vó tinha visto, pensou Sarah ao se lembrar de como o avô simplesmente ficou ali sentado, e Boo entendera, como que por telepatia, o que lhe era pedido. Sarah tinha visto a magia.

Com um aceno de cabeça e um gesto para o vigia do portão, que nunca se incomodou com eles, os dois subiram a rua até o estábulo, com os cascos de Boo estalando no asfalto, suas pernas se movendo, pesadas.

Finalmente, quando atravessaram a rua principal em direção ao estábulo, Vô rompeu o silêncio:

— John me contou que está pensando em vender.

Ele só se referia a John pelo nome, e não como "o caubói maluco", quando o assunto era sério.

— Mas onde vamos deixar Boo? — perguntou ela.

— Ele disse que nós não precisamos ir a lugar algum. O estábulo será vendido, mas continuará funcionando como está.

Mal se passava um mês sem que Cowboy John recebesse uma oferta em dinheiro para deixar o estábulo; às vezes eram valores altos, somas que o faziam debochar de tão ridículas. Ele sempre recusara, pedindo ao comprador em potencial que lhe explicasse para onde levaria os cavalos, os gatos e as galinhas dele.

Vô sacudiu a cabeça.

— Ele diz que alguém próximo está interessado, e que nada vai mudar. Não estou gostando disso. — Ele hesitou para enxugar o rosto, parecendo distraído. — Nós pegamos os ovos, não é?

— Eu disse que sim, Vô. Estão no estábulo.

— É este calor — disse ele.

O colarinho da sua camisa estava escuro de suor. Se é que não estava pior do que quando ele montava. Vô estendeu a mão até o pescoço do

cavalo como se buscasse apoio e a passou pela crina dele, murmurando algo para o animal.

Quando ela refletiu sobre a questão mais tarde, concluiu que deveria ter notado como o humor dele mudou, como ele não corrigiu Boo quando não ficou quietinho no meio-fio — Vô sempre insistia que um cavalo tinha que ficar imóvel e quieto ao receber a ordem de parar. Dois caminhões passaram e o motorista de um deles fez um gesto grosseiro. Como Vô estava de costas, Sarah retribuiu a ofensa. Alguns homens gostam de pensar que meninas montam cavalos pelas razões erradas.

Eles foram para as ruas mais tranquilas, onde as castanheiras ofereciam uma sombra bem-vinda. Boo se esticou, empurrando as costas do avô dela, como se quisesse chamar a atenção, mas ele pareceu não ter notado. Enxugou o rosto de novo, depois o braço.

— *Omelette* hoje à noite — anunciou. — *Omelette aux fines herbes*.

— Eu preparo — disse Sarah. Estavam atravessando a rua que levava ao estábulo e ela ergueu a mão para agradecer ao motorista que tinha diminuído a velocidade para eles. — Podemos fazer uma salada também.

Então Vô largou as rédeas que vinha segurando.

— Você pega… ovo — disse ele e apertou os olhos.

— O quê?

Mas ele não estava escutando.

— Está na hora de se sentar…

— Vô?

Ela deu uma olhada no carro, que esperava. Eles ainda estavam no meio da rua.

— Tudo se foi — murmurou Vô.

Sarah não entendia o que ele estava fazendo.

— Vô — gritou. — Nós precisamos atravessar.

Boo estava agitado, com os cascos tirando faíscas das pedras da rua, a cabeça puxando para trás. Na frente, o avô de Sarah se sentou, como que se preparando para se deitar na cama, com o corpo um pouco virado para o lado. O homem no carro buzinou uma vez, impaciente, então pareceu notar que algo estava errado e olhou com mais atenção pelo para-brisa.

Tudo desacelerou ao redor de Sarah. Jogou-se de cima do cavalo, pousando com leveza no asfalto.

— Vô! — berrou, puxando o braço dele sem soltar as rédeas.

Os olhos dele se fecharam e ele parecia estar pensando com muita força em algo tão no fundo de sua mente que não conseguia escutar a neta, por mais alto que ela berrasse. Um dos lados do rosto dele ficou caído, como se alguém estivesse puxando, e a expressão estranha daquele homem que ela sempre tinha visto como controlado e reservado a assustou.

— Vô! Levante!

O som fez Boo dar um solavanco e tentar se desvencilhar dela.

— Ele está bem? — gritou alguém do outro lado da rua.

Não estava. Sarah sabia que não estava.

Então, quando o homem desceu do carro e correu até Vô, Sarah se agarrou ao cavalo agitado e deu um grito estridente, com a voz tomada de medo:

— John! John! Me ajude!

A última coisa de que ela se lembrou foi de Cowboy John, o habitual ar descontraído dele sumindo à medida que absorvia a cena à sua frente, berrando algo que ela não conseguiu entender enquanto corria pela rua ao seu encontro.

* * *

O faxineiro se movia devagar pelo linóleo, as escovas duplas da enceradeira zumbindo com eficiência. Cowboy John estava sentado na cadeira de plástico duro ao lado da menina e conferiu o relógio pela quadragésima sétima vez. Fazia quase quatro horas que estavam sentados ali, e só uma enfermeira tinha parado para conferir se estava tudo bem com Sarah.

Ele já deveria ter voltado para o estábulo àquela altura. Os animais deviam estar com fome, e ele tinha sido obrigado a trancar o portão, então no dia seguinte provavelmente precisaria passar pelos sete círculos do inferno por Maltese Sal e a garotada não terem podido entrar.

Mas ele não tinha como deixá-la. Por Deus, ela era só uma menina. Estava imóvel, com as mãos bem unidas no colo; o rosto pálido era uma máscara de concentração intensa, como se estivesse fazendo o velho ficar bom de novo.

— Você está bem? Quer que eu pegue um café para você?

O faxineiro passou devagar por eles. Deu uma olhadinha no chapéu de Cowboy John e então seguiu direto para a ala da cardiologia.

— Não — respondeu ela. Então completou, baixinho: — Obrigada.

— Ele vai ficar bom — disse Cowboy John, pela décima vez. — O seu avô é resistente como um par de botas velhas. Você sabe disso. — Ela assentiu, mas sem convicção. — Aposto que alguém vai aparecer aqui a qualquer minuto para nos dizer isso.

Uma leve hesitação. Então ela assentiu outra vez.

E os dois esperaram, ignorados pelas enfermeiras, que passavam apressadas com aventais de plástico, escutando os apitos e zumbidos distantes das máquinas. John se remexeu, querendo uma desculpa para se levantar e se distrair. Não conseguia tirar o rosto do velho da cabeça: o olhar angustiado e furioso, o maxilar ainda rígido enquanto caía, claramente mortificado por algo assim derrubá-lo.

— Srta. Lachapelle?

Sarah estava tão imersa em pensamentos que se sobressaltou quando o médico falou.

— Sim? Ele está bem?

— O senhor é… da família?

O médico estava olhando para John.

— Sou como se fosse — respondeu ele, levantando-se.

O médico deu uma olhada para o corredor.

— A rigor, não posso falar com ninguém além da…

— Sou o melhor que há à disposição — disse John devagar. — O Capitão não tem família viva, só Sarah. E eu sou o amigo mais antigo dele.

O médico se sentou ao lado deles. Dirigiu-se a Sarah.

— O seu avô sofreu uma hemorragia cerebral. Um derrame. Você sabe o que é isso?

Ela assentiu.

— Mais ou menos.

— Ele está estável, mas um pouco confuso. Não consegue falar nem fazer nada sozinho.

— Mas ele vai ficar bem?

— Ele está estável, como eu disse. As próximas vinte e quatro horas são muito importantes.

— Posso vê-lo?

O médico olhou para John.

— Acho que nós dois gostaríamos de ver se ele está bem — disse John com firmeza.

— Ele está atrelado a vários aparelhos. Pode ser um pouco chocante.

— Ela é forte. Feito o avô.

O médico conferiu o relógio.

— Certo. Venham comigo.

* * *

Meu Deus, o velho estava em um estado deplorável. Parecia trinta anos mais velho, com tubos enfiados no nariz e presos à pele com fita adesiva; o rosto estava cinzento e flácido. John levou a mão à boca em um gesto involuntário. Ao redor dele, aparelhos mostravam linhas em néon, chamando uns aos outros com apitos baixos e irregulares.

— O que eles fazem? — perguntou, para quebrar o silêncio.

— Só monitoram os batimentos cardíacos, a pressão, esse tipo de coisa.

— E ele está bem?

A resposta do médico foi genérica e, John desconfiou, vazia.

— Como eu disse, as próximas vinte e quatro horas são cruciais. Vocês fizeram bem ao procurar ajuda tão rápido. Isso é vital em casos de derrame.

Os dois homens ficaram parados em silêncio enquanto Sarah se aproximou da beirada da cama e se sentou na cadeira ao lado com cuidado, como se temesse incomodar o avô.

— Pode conversar com ele se quiser, Sarah — disse o médico, baixinho. — Diga a ele que você está aqui.

Ela nunca chorou. Não derramou nem sequer uma lágrima. Estendeu a mão magra para tocar a dele e a segurou por um instante. Mas estava com o maxilar tenso. Era mesmo neta de seu avô.

— Ele sabe que ela está aqui — disse John, que saiu da área fechada pela cortina para lhe dar um pouco de privacidade.

* * *

Estava escuro quando eles foram embora. John já estava do lado de fora havia um tempo, andando de um lado para outro no estacionamento das ambulâncias, fumando, ignorando as enfermeiras que olhavam feio quando passavam.

— Querida — disse a uma delas. — Vocês deviam me agradecer. Só estou garantindo o emprego de vocês.

Ele precisava dos cigarros. O Capitão sempre fora forte, sempre dera a impressão de que estaria ali, orgulhoso e inflexível, sólido como uma árvore, muito depois de John ter partido para outro lugar. Vê-lo ali, deitado indefeso feito um bebê naquela cama, com enfermeiras para limpá-lo e enxugar-lhe a baba… Bem, aquilo lhe dava calafrios.

Ele então a viu parada à porta de correr com as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos e os ombros curvados. Sarah não tinha reparado nele.

— Tome — ofereceu ele ao perceber que a menina não havia trazido nada consigo. — Pegue o meu casaco. Você está com frio.

Ela fez que não, presa na própria tristeza.

— Você não vai ajudar o Capitão em nada pegando um resfriado — argumentou John. — Além do mais, ele vai me xingar de todos aqueles palavrões franceses dele se eu não tomar conta de você.

Sarah olhou para ele.

— John, você sabia que meu avô sabia montar… Quer dizer, montar de verdade?

John perdeu o equilíbrio por um instante. Deu um passo teatral para trás.

— Montar? Claro que eu sabia. Não posso dizer que concordo com todas aquelas coisas espalhafatosas, mas, caramba, sim, eu sabia. O seu vovô é um cavaleiro.

Sarah tentou sorrir, mas ele percebeu que era forçado. Ela aceitou a jaqueta jeans velha que John jogou sobre seus ombros, e os dois caminharam assim, o velho caubói negro e a menina, até o ponto de ônibus.

5

"Ao avaliar um potro não domado, o único critério obviamente é o corpo, já que ainda não é possível detectar qualquer sinal claro sobre seu temperamento."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

As luzes da casa estavam acesas. Ela ficou observando enquanto desligava o carro, tentando lembrar se as tinha deixado acesas de manhã. Nunca deixava as cortinas abertas, pois denunciava que não havia ninguém em casa. Só que havia alguém, sim.

— Ah — disse ela ao abrir a porta da frente. — Era para você ter vindo há semanas. — Ela soou amarga, mas não tinha sido sua intenção.

Mac estava parado no corredor, carregando um monte de papel fotográfico.

— Desculpe. O trabalho ficou meio insano. Tive que resolver algumas coisas. Mas deixei um recado no seu celular hoje à tarde avisando que vinha.

Ela remexeu na bolsa em busca do aparelho.

— Ah — disse, ainda eletrizada pela presença dele. — Eu não recebi.

Os dois ficaram parados, frente a frente. Mac, ali, na casa dela, na casa deles. O cabelo dele estava um pouco diferente, e ela não reconheceu a camiseta que vestia. Ele parecia melhor, Natasha percebeu, com uma pontada — melhor por ter passado quase um ano sem ela.

— Preciso de alguns equipamentos — disse ele, apontando para trás de si. — Só que não estão onde achei que estivessem.

— Eu mudei de lugar — retrucou Natasha, notando, ao proferir as palavras, que tinha soado desagradável, como se estivesse determinada a

remover todos os vestígios dele. — Está tudo no andar de cima, no escritório.

— Ah. Foi por isso que não achei. — Ele tentou sorrir.

— Precisei colocar alguns arquivos meus aqui… e… — A voz dela foi sumindo. *E era doloroso demais ver todas as suas coisas ao meu redor. De vez em quando, só de vez em quando, tive vontade de destroçar tudo com uma marreta*.

Natasha queria ter se preparado para ele. Tinha trabalhado até tarde, tomado café demais, mesmo sabendo que isso lhe tiraria horas de sono mais tarde. Havia muito tempo a maquiagem tinha saído. Ela desconfiava que parecia pálida, cansada.

— Vou dar uma subidinha, então — disse Mac. — Não vou demorar.

— Não… não! Não se apresse. Eu tenho que… preciso mesmo sair para comprar leite. Vai encontrar tudo de que precisa.

Sinto muito, dissera ela. Mac, sinto muito.

Pelo quê? A voz dele parecera tão calma, tão racional. Você acabou de me dizer que não aconteceu nada. Ele olhara para ela sem entender. Você realmente acha que estou indo embora por causa dele, não acha?

Ela saiu da casa antes de escutar o protesto dele. Sabia que Mac estava sendo educado. Provavelmente achava que ela havia chegado tarde em casa porque estava com Conor. Mas ele não diria isso. Não era do seu feitio.

* * *

Ela não costumava ir àquele supermercado, que ficava na pior parte do bairro; era o tipo de lugar em que alguém de vez em quando ia embora com um carrinho sem pagar e todo mundo na loja comemorava. Mas ela já estava no carro antes de se dar conta do que fazia, tinha desligado o celular por medo ou raiva. Ela só queria se afastar daquela casa.

Estava parada no corredor dos laticínios, tentando evitar um mendigo que conversava com um *frozen yoghurt*, e seus pensamentos zuniam tanto que ela esquecera por que estava ali.

Mac, o material de casamento mais inapropriado que os pais dela já tinham visto, o enigma de homem incapaz com quem ela havia se casado, a outra metade combalida de uma união que quase destruiu os dois, estava de volta à casa deles.

Natasha tinha se recusado a pensar nele por tanto tempo, e Mac havia facilitado as coisas. Às vezes a sensação era de que ele tinha evaporado da face da Terra. Durante o último ano do casamento, ele passara tanto tempo fora que Natasha até parecia solteira. Quando ele estava em casa, ela percebia que se irritava tanto com tudo que a solidão parecia mais fácil. Pegue as suas coisas e vá embora, Mac, tinha vontade de dizer, sentindo um eco desconfortável dos dias mais sombrios que apenas recentemente tinham sido eliminados. Não quero lidar com nada disso. Não quero sentir nem o menor vestígio do que senti no ano passado. Faça o que tem de fazer e me deixe em paz.

Ela foi trazida de volta à realidade por uma confusão no corredor adjacente, ao lado dos caixas. Foi até a ponta das gôndolas dos cereais, de onde podia ver o que estava acontecendo.

Um homem negro bem gordo segurava uma adolescente. Ela não devia ter mais de dezesseis anos e tentava se desvencilhar dele com força, o cabelo caindo no rosto, mas ele a segurava sem piedade pela parte superior dos braços.

— Está tudo bem? — perguntou Natasha ao sair de trás dos flocos de aveia. Tinha se dirigido à menina; a cena era confusa. — Sou advogada — explicou. Foi então que reparou no crachá de segurança do homem.

— Pronto. Vai precisar de uma advogada na delegacia — disse a mulher do caixa. — Nem vai precisar dar um telefonema.

— Eu não roubei. — A menina sacudiu o braço de novo. Seu rosto estava pálido sob a implacável luz néon e seus olhos, arregalados e alertas.

— Hã. Então o peixe empanado simplesmente saltou para fora do freezer e foi parar no seu casaco?

— Eu só coloquei aqui enquanto ia pegar outras coisas. Olhe, por favor, me solte. Juro que não estava roubando.

A menina estava quase chorando. Não tinha a atitude desafiadora da garotada que Natasha costumava ver.

— Ela passou direto por mim, direto — afirmou a mulher do caixa. — Como se achasse que eu sou burra.

— Que tal se ela pagasse agora e vocês a deixassem ir embora? — sugeriu Natasha.

— Ela vai pagar? — O homenzarrão deu de ombros. — Não tem dinheiro.

— Essa gente nunca tem — sentenciou a mulher.

— Eu devo ter deixado cair. — A menina estava de cabeça baixa. — Eu não volto mais aqui, ok? Só me deixem procurar o meu dinheiro antes que alguém o pegue.

— Quanto custa? — perguntou Natasha, pegando a bolsa. — O peixe empanado?

A mulher do caixa ergueu as sobrancelhas.

Natasha estava cansada. Só queria ir para casa sem a imagem de uma menina aos soluços pega por um segurança.

— Vamos partir do princípio de que este é um erro sincero. Eu pago.

Os dois a olharam como se, de algum modo, ela fizesse parte da armação, até que Natasha estendeu uma nota de cinco libras. E então, depois de uma pausa minúscula, a mulher do caixa bateu o peixe empanado e lhe entregou o troco.

— Não quero mais ver a sua carinha de ladra aqui — ameaçou, apontando o dedo manchado de nicotina. — Entendeu?

A menina não retrucou. Ela se desvencilhou do segurança e correu para a porta com o peixe empanado na mão. A porta se abriu automaticamente, libertando-a, e ela sumiu, engolida pela escuridão.

— Olhe só para isso. — A pele do segurança reluzia sob a iluminação forte. — Nem agradeceu.

— Ela roubou o empanado. Nós a pegamos na semana passada, mas na ocasião não pudemos provar.

— Se isso faz vocês se sentirem melhor, esta provavelmente será a melhor refeição que ela terá na semana — disse Natasha.

Ela pagou o leite, deu uma olhada no mendigo, que estava discutindo com os sabões em pó, e saiu para a rua.

Só tinha dado alguns passos quando a menina surgiu ao seu lado. Se estivesse menos preocupada, poderia ter se sobressaltado, teria imaginado alguma motivação escusa, mas a menina estendeu a mão.

— Encontrei uma parte. Acho que caiu do meu bolso.

Na palma de sua mão, Natasha viu uma moeda de cinquenta centavos e algumas de um centavo. Mais tarde se lembrou de que a mão era estranhamente calejada para uma menina daquela idade.

Mas não queria se envolver ainda mais, por isso continuou andando.

— Guarde o seu dinheiro — disse ela. Abriu a porta do carro. — Tudo bem.

— Eu não roubei — insistiu a menina.

Natasha se virou.

— Você sempre faz compras às onze da noite?

A menina deu de ombros.

— Tive que visitar uma pessoa no hospital. Acabei de chegar em casa e não tinha comida.

— Onde você mora?

A menina era mais nova do que Natasha havia pensado. Talvez não tivesse mais do que treze ou quatorze anos.

— Sandown.

Natasha deu uma olhada no condomínio monolítico e extenso; dava para ver os prédios daquela rua. O lugar tinha má reputação no bairro. Ela não sabia por que fez aquilo. Talvez só detestasse a aparência daquele lugar no escuro. Talvez não estivesse pronta para voltar para casa e ver Mac, ou, pior, perceber sua ausência. Ao seu redor, a cidade fervilhava: carros buzinavam a distância, na esquina dois homens travavam uma discussão acalorada, as vozes erguidas em ultraje mútuo.

Não acho que você seja tão durona quanto parece, dissera-lhe Conor Deans certa vez, baixando a voz. *Acho que tem uma Natasha Macauley totalmente diferente aí dentro.*

Ah, eu sou cheia de surpresas, respondera ela. Até mesmo para Natasha, aquilo tinha soado como um desafio.

Os dois homens estavam brigando, trocando chutes e pontapés ligeiros. A energia no ambiente se transformou, sugada para um vórtice de violência. Ouviram-se alguns xingamentos gritados, depois passos quando outras sombras de homens correram ao encontro deles. Natasha viu o brilho de uma barra de ferro.

— Você não deveria estar sozinha na rua assim tão tarde — disse ela e caminhou depressa até o carro. — Venha. Eu levo você para casa.

A menina a examinou por um instante, a roupa de trabalho, os sapatos elegantes, depois deu uma olhada no carro. Talvez tenha concluído que alguém que dirigia um veículo tão austero e sensato quanto um Volvo velho provavelmente não iria sequestrá-la.

— A tranca da porta do carona está quebrada — avisou Natasha. — Talvez isso faça você se sentir um pouco melhor…

A menina suspirou, como se nada que pudesse fazer ou dizer fizesse diferença, e entrou no carro.

* * *

Natasha tinha começado a se arrepender das atitudes precipitadas um pouco antes de entrar no estacionamento do condomínio. Grupos de jovens se reuniam em rodinhas amorfas, alguns se separavam para empinar bicicletas, outros jogavam guimbas de cigarro no chão e insultavam uns aos outros. Pararam por um instante, aparentemente registrando o carro desconhecido enquanto ela entrava de ré em uma vaga.

— Você não me disse qual é o seu nome — falei Natasha.

A menina hesitou.

— Jane.

— Faz tempo que mora aqui?

Ela assentiu.

— Está tudo bem — disse ela, baixinho, e fez menção de sair do carro.

Natasha queria ir para casa, para sua sala de estar segura e aconchegante. Para a paz de seu lar confortável, com boa música, uma taça de vinho tinto. Para o seu mundo. A experiência lhe dizia que deveria dar meia-volta com o carro e ir embora. Os condomínios populares eram dominados pelos jovens, alguns deles raramente se distanciavam mais do que três quilômetros dali e tinham interesse ferrenho, quase feroz, por tudo o que acontecia em seu "território". Natasha sabia que o carro e a roupa a marcavam como classe média em um mundo muito mais difícil, muito mais duro do que o que existia a várias ruas de distância. Mas então olhou para a menina magra e pálida ao seu lado. Que tipo de pessoa a despacharia sem se certificar de que estava segura em casa?

Enfiou discretamente a aliança no bolso de trás, junto dos cartões de crédito. Se arrancassem sua bolsa, só levariam alguns trocados.

— Não se preocupe — disse Jane, olhando para os garotos. — Eu conheço todos eles.

— Vou acompanhá-la até em casa — disse Natasha com o tom de voz desinteressado e profissional que usava com seus jovens clientes. Como a menina não pareceu nada contente, completou: — Está tudo bem. Não vou falar nada sobre o que aconteceu. Está tarde e quero ter certeza de que você chegará em casa em segurança.

— Só até a porta — disse a menina.

Saíram do carro, e Natasha caminhou um pouco mais ereta e com mais determinação do que de costume, com os saltos batendo firme pelos caminhos cheios de chiclete velho grudado.

Quando se aproximaram da escada, um garoto passou de bicicleta. Natasha tentou não se retrair. A menina nem sequer olhou.

— Aquela é a novinha do seu avô, hein, Sarah?

Ele cobriu a cabeça com o capuz e se afastou, rindo, com o rosto envolto em sombras sob a iluminação fraca da rua.

— Sarah?

Os elevadores estavam quebrados, por isso as duas subiram a escada até o terceiro andar. A escada tinha uma familiaridade deprimente: coberta de pichações, fedendo a urina, repleta de embalagens de comida que ainda

emanavam o odor de gordura rançosa ou peixe. Em um corredor, música ribombava por janelas abertas e, embaixo, o alarme de um carro tinha disparado. Natasha levou um segundo para perceber que não era o dela.

— Meu apartamento é aqui — disse Sarah e apontou. — Obrigada pela carona.

Mais tarde, Natasha não soube dizer ao certo por que simplesmente não foi embora. Talvez por causa do nome falso. Talvez a menina estivesse um pouco ansiosa demais para se livrar dela. Mas Natasha continuou avançando, seguindo a menina apressada à sua frente. E então chegaram à porta, e Sarah parou. Foi sua postura de surpresa que fez Natasha se dar conta de que a porta não estava aberta para recebê-la. Tinha sido arrombada. A madeira estilhaçada perto da fechadura apontava para um apartamento com todas as luzes acesas.

Ficaram ali, imóveis, por um instante. Então Natasha deu um passo adiante e abriu a porta de vez.

— Tem alguém aí?

Natasha não sabia o que esperava que os intrusos fizessem… Responder à pergunta? Olhou para Sarah, que tinha levado a mão à boca.

Quem quer que fosse o invasor já tinha ido embora havia muito tempo. A porta dava para um corredor pequeno que levava à sala de estar imaculada o suficiente para destacar qualquer discrepância. Um vazio gritante em um rack. As portas abertas dos armários da cozinha. Gavetas puxadas na pequena cômoda, um porta-retratos esmagado no chão. Foi até ele que Sarah se dirigiu primeiro: pegou-o do chão e tirou o vidro quebrado da foto. Era uma foto em preto e branco de um casal na década de 1960. De repente, Sarah pareceu muito nova e pequena.

— Vou chamar a polícia — disse Natasha, tirando o celular da bolsa e ligando-o.

Cheia de culpa, viu que Mac tinha telefonado para ela.

— Não adianta — avisou Sarah, cansada. — Eles não se importam com o que acontece aqui. Assaltaram o apartamento da Sra. O’Brien na semana passada e a polícia disse que não valia a pena vir até aqui.

Ela então circulou pelo apartamento, desaparecendo em outros cômodos e voltando.

Natasha foi até a porta da frente pelo corredor e a fechou com a correntinha. Ainda escutava os garotos reunidos ali embaixo e tentou não se preocupar com o carro.

— O que está faltando? — perguntou, seguindo a menina.

Aquele não era o lar caótico que talvez esperasse encontrar. Aquele era um lar com algumas coisas decentes, um lar arrumado.

— A televisão — respondeu Sarah com o lábio inferior tremendo. — O meu DVD. O dinheiro para as nossas férias.

Ela pareceu de repente se lembrar de algo e disparou para dentro de um dos quartos. Natasha ouviu uma porta sendo aberta, o som de algo sendo remexido. Sarah reapareceu.

— Não levaram — disse ela e, por um instante, abriu um leve sorriso. — O talão da aposentadoria do meu vô.

— Onde estão os seus pais, Sarah?

— Minha mãe não mora aqui. Somos só eu e o meu Vô — respondeu, sem jeito.

— Onde ele está?

Ela hesitou.

— No hospital.

— Então, quem está cuidando de você? — Sarah não respondeu. — Há quanto tempo está sozinha?

— Há umas duas semanas.

Natasha suspirou discretamente. Havia tanta coisa acontecendo na sua vida, tantas coisas que tinha que se virar para dar conta, e se metera naquilo. Deveria ter deixado o supermercado com a caixa de leite de que nem precisava. Deveria ter ficado em casa e brigado com o ex-marido.

Digitou o número de casa.

— Meu Deus, Tash, onde diabo você se meteu? — explodiu Mac. — Quanto tempo você demora para comprar uma caixa de leite?

— Mac — disse ela, com cuidado. — Preciso que você venha até onde estou. Traga as suas ferramentas. E a minha bolsa… Preciso da minha

agenda de telefones.

* * *

Mac levara quatro anos para concluir a reforma da casa deles. Aos olhos dos pais de Natasha, era isso que o redimia. Ele havia passado massa corrida e feito o serviço de carpintaria, praticamente tudo menos o telhado e o trabalho de alvenaria. Até participou do projeto. Trabalhava bem com as mãos, era tão habilidoso com ferramentas elétricas quanto com sua câmera. Natasha não tinha nenhum pendor artístico, mas ele enxergava as coisas muito antes de se concretizarem: o formato de um cômodo, a composição de uma vista ou uma fotografia. Era como se tivesse uma biblioteca de imagens bonitas na cabeça, só esperando para se tornarem realidade.

Uma fechadura nova em uma porta não era problema, ele disse a Natasha, assobiando entre dentes. Natasha havia compreendido bem rápido que chamar um chaveiro de emergência estava muito além das possibilidades da menina, principalmente porque ainda estava irritada por causa do dinheiro das férias. Mac tinha levado uma fechadura velha e demorou menos de quarenta minutos para instalar.

— Crista? É Natasha. — E então, ao receber como resposta um silêncio total, completou: — Natasha Macauley.

— Natasha. Oi. Não deveria ser eu te ligando?

— Eu sei. Mas estou com uma situação inusitada aqui. Preciso de uma colocação de emergência para uma adolescente.

Resumiu então os acontecimentos.

— Não temos nada — respondeu Crista. — Absolutamente nada. Recebemos quatorze crianças em busca de abrigo que chegaram ao distrito ontem de manhã e todos os lares provisórios estão cheios. Passei a noite toda ao telefone.

— Eu…

— E antes que você venha com uma liminar, saiba que o único lugar em que conseguirei colocá-la hoje à noite é na delegacia de polícia local. É

melhor você economizar o seu tempo e o de um juiz e levá-la direto para lá. Talvez amanhã a situação esteja melhor, mas, sinceramente, eu duvido.

Quando ela voltou para a sala, Mac havia terminado. Tinha trazido consigo uma faixa de ferro — só Deus sabe onde ele guardava todas aquelas coisas — e a aparafusara ao batente da porta.

— Assim ninguém mais entra aqui — disse enquanto guardava a última ferramenta.

Natasha sorriu sem jeito, grata por ele ser tão prático, pelo fato de não ter proferido nenhuma palavra de ressentimento por ter sido arrastado no meio da noite para fazer um conserto simples. Mac estava sentado a certa distância de Sarah no sofá. Examinava as fotos emolduradas — esse era o primeiro ponto de referência para ele na casa de qualquer pessoa.

— Então, este é o seu avô?

— Ele antes era capitão — respondeu Sarah, baixinho, com um lencinho amassado em uma bola na mão.

— Essa foto é fantástica — elogiou Mac. — Você não acha, Tash? Olhe só para os músculos do cavalo.

Ele tinha aquele jeito de fotógrafo de deixar as pessoas à vontade. Era raro não conseguir estabelecer uma intimidade imediata e descontraída com as pessoas. Natasha tentou parecer impressionada, mas só pensava no fato de que precisava dizer a Sarah que a próxima cama dela seria em uma cela de delegacia.

— Você preparou uma mala? Pegou o uniforme da escola?

Sarah deu um tapinha na bolsa de viagem ao seu lado. Ela parecia um pouco desconfortável, e Natasha teve de lembrar a si mesma que a garota não conhecia as pessoas que de repente tinham invadido sua vida. Já passava de meia-noite e meia.

— Então, para onde vamos levar você, mocinha? — perguntou Mac, mas se dirigindo, na verdade, a Natasha.

A advogada respirou fundo.

— Hoje à noite está um pouco difícil. Vamos ter que colocar você em acomodação de emergência até encontrarmos um lugar mais adequado. — Os dois olharam para ela, cheios de expectativa. — Falei com as pessoas

que conheço e, infelizmente, não tem muita coisa disponível. É o horário… e chegaram muitas crianças…

— Então, para onde nós vamos? —perguntou Mac.

— Infelizmente temos que levar você para a delegacia hoje à noite. Não tem nada a ver com o que aconteceu antes — garantiu Natasha ao ver Sarah empalidecer. — É só que não há nenhuma casa de acolhimento disponível. Nem camas em albergues. E provavelmente não haverá nas próximas horas.

— Delegacia? — questionou Mac, sem acreditar.

— Não temos opção.

— Mas você deve ter contatos. Passa a vida toda fazendo esse tipo de coisa, forçando as autoridades a acolherem crianças.

— E às vezes algumas vão parar em delegacias. É só por um tempo, Mac. Crista disse que arranjará um lugar melhor pela manhã. Ela vai nos encontrar lá.

Sarah negava com a cabeça.

— Eu não vou ficar em uma cela de delegacia.

— Sarah, você não pode ficar aqui sozinha.

— Não vou.

— Tash, isso é ridículo. Ela tem quatorze anos. Não pode ir para uma cela de delegacia.

— É a única opção que temos.

— Não, não é. Eu já disse. Vou ficar bem aqui — argumentou Sarah.

Um longo silêncio se instalou.

Natasha se sentou, tentando raciocinar.

— Sarah, tem mais alguém que você conhece? Algum amigo da escola que pode hospedar você? Outros parentes?

— Não.

— Você tem o telefone da sua mãe?

O rosto de Sarah se fechou.

— Ela está morta. Somos só Vô e eu.

Natasha se virou para Mac, na esperança de que ele compreendesse.

— Não é tão insólito assim, Mac. Vai ficar tudo bem, é só por uma noite. E não podemos deixá-la aqui.

— Então ela fica na nossa casa. — Natasha ficou chocada tanto com o uso do pronome possessivo quanto com a ideia por trás dele. — Eu não vou jogar uma menina de quatorze anos que acaba de ter a casa arrombada em uma cela de delegacia com Deus sabe quem — completou.

— Ela estará segura lá — ponderou Natasha. — Não ficará em uma cela com outras pessoas. Vão cuidar dela.

— Não quero saber — retrucou ele.

— Mac, eu não posso levá-la para casa. É contra todos os procedimentos, todos os conselhos…

— Fodam-se os procedimentos. Se os procedimentos dizem que é certo jogar uma menina em uma cela de delegacia em vez de na casa aconchegante e segura de alguém para passar a noite, então os seus procedimentos não valem porra nenhuma.

Era raro Mac usar palavrão. Isso fez Natasha perceber que ele estava falando muito sério.

— Mac, nós não temos permissão para abrigar crianças necessitadas. Ela será considerada vulnerável…

— A minha ficha é limpa. Tive tudo checado quando comecei a dar aula no ensino médio.

Dar aula?

Ele se virou para Sarah e continuou:

— Você ficaria mais contente na… nossa casa? Podemos ligar para o seu avô e avisar.

Ela olhou para Natasha, depois de novo para ele.

— Acho que sim.

— Tem mais algum motivo de procedimento para ela não poder passar a noite na nossa casa?

Ele disse “procedimento” com sarcasmo, como se Natasha estivesse tentando dificultar as coisas.

Meu emprego, Natasha quis responder. Se corresse a notícia de que estou acolhendo crianças necessitadas, minha isenção profissional seria

questionada. E eu não conheço essa menina. Eu a encontrei roubando em um supermercado, e ainda não estou convencida da explicação que deu.

Encarou Sarah, tentando não pensar em Ahmadi, outro jovem que parecia desesperado e que a convencera a se arriscar.

— Podem me dar cinco minutos?

Ela foi para o quarto da menina e ligou para Crista.

— Estou atrasada — disparou Crista antes que Natasha pudesse falar. — Estamos com um problema em um dos lares. Precisamos buscar uma criança.

— Não é isso. — Natasha se apressou em dizer. — Crista, estou com um problema. A menina se recusa a ir para a delegacia. O meu… Mac também não gostou nada da ideia. A ficha dele é limpa, já foi checada pelo sistema de ensino. Mac acha que ela deveria ficar na nossa casa. — Um longo silêncio se instalou. — Crista?

— Certo… Você é amiga da família dessa menina? Conhece os pais dela? Pode dizer que eles pediram para você cuidar dela?

— Não exatamente.

Mais um longo silêncio.

— Afinal, você a conhece?

— Nós nos conhecemos hoje à noite.

— E você está… contente com isso?

— Ela parece… — Natasha hesitou, lembrando-se do supermercado — …ser uma boa menina. Capaz. Só que não tem ninguém em casa e o apartamento foi arrombado. É… difícil.

Ela percebeu a descrença no silêncio de Crista. Fazia quase quatro anos que a conhecia e não havia nada que sugerisse que Natasha poderia ser capaz de tal coisa. Então falou, por fim:

— Vou lhe dizer uma coisa. O melhor conselho que posso lhe dar é que nós nunca tivemos esta conversa. Ainda não há nenhum registro. Se você acha que não tem nada de errado com ela e que ela vai ficar mais segura com vocês, e prefere não passar metade da noite na delegacia, sinceramente, eu não preciso saber que ela existe até amanhã. Ligue para mim amanhã.

Natasha fechou o celular. O quarto da menina era limpo e organizado, mais do que se esperaria de uma garota da sua idade. Havia fotos de cavalos por todos os lados, grandes imagens coloridas de cavalos trotando que vieram de graça em revistas, fotos pequenas de uma menina que podia ser ela com um cavalo castanho. Os fundos de campinas verdejantes e praias sem fim eram incongruentes comparados à paisagem do outro lado da janela de vidro duplo.

Ela estava cansada e fechou os olhos por um momento, então foi para a sala. Mac e Sarah pararam de conversar e olharam para ela. Natasha reparou que Sarah estava com olheiras de exaustão e choque.

— Você vai passar a noite na nossa casa — disse, forçando um sorriso. — E amanhã de manhã vamos resolver tudo com uma assistente social.

* * *

Ela fora dormir sem reclamar. Tinha ficado em silêncio durante o trajeto, como se tivesse acabado de se dar conta da precariedade de sua posição, e Mac, talvez por perceber isso, havia se esforçado para brincar e fazê-la se sentir segura. Mal parecia o homem com quem Natasha conversara da última vez: estava doce, atencioso, gentil. Era difícil ver o melhor dele dirigido a outra pessoa. Era mais fácil quando ela se lembrava das deficiências.

Natasha não falou quase nada enquanto dirigia, agitada pelas emoções conflitantes que a presença de Mac e da garota tinham despertado nela. A noite havia se tornado cada vez mais surreal. Ele era tão familiar e, ao mesmo tempo, depois de um período tão curto, estranho. Como se pertencesse a outro lugar.

Ela havia se esquecido de como Mac sabia ser legal com pessoas mais novas, porque, tirando os sobrinhos dela, era muito raro estarem perto de crianças.

— O quarto de hóspedes está arrumado? — perguntou Mac quando ela se afastou da porta para deixá-los entrar.

— Tem algumas caixas na cama.

Os livros dele. Coisas que ela havia separado nos dias em que conseguia encarar tal tarefa. Mac era tão desligado que ela sentia medo de que misturasse suas coisas com as dela.

— Eu as tiro dali. — Ele fez um gesto para Sarah. — Por que não pergunta a ela se quer beber alguma coisa?

— Chocolate quente? — ofereceu Natasha. — Algo para comer?

Ela se sentiu uma idiota quase no mesmo instante em que disse aquilo, feito uma tia velha que não fazia ideia Das Coisas De Que os Jovens Gostavam Hoje em Dia.

Sarah fez que não. Deu uma olhada pela porta aberta na sala. Mac tinha tentado arrumar suas coisas de fotografia: caixas cobriam o chão.

— A sua casa é bacana.

Natasha de repente a viu através dos olhos de uma desconhecida: grande, confortável, mobiliada com bom gosto. Demonstrava uma renda alta, coisas escolhidas com cuidado. Ela se perguntou se a menina percebia as lacunas, as pistas de um homem que recentemente fora embora.

— Posso lhe ajudar com alguma coisa antes de você subir? Quer que eu… passe o seu uniforme?

— Não, obrigada.

Sarah segurou a mala um pouco mais próxima de si.

— Então vou acompanhá-la até lá em cima — disse Natasha. — Tem um banheiro perto da escada que você pode usar.

* * *

— Espero que você não se incomode — disse Mac enquanto descia a escada devagar. — Eu arrumei o sofá-cama no escritório.

Ela meio que esperava por isso; não podia colocá-lo para fora àquela hora da madrugada, não depois de tudo que ele tinha feito. Ainda assim, a perspectiva de Mac dormir sob o mesmo teto que ela estranhamente a perturbava.

— Quer uma taça de vinho? — ofereceu ela. — Sei que estou precisando.

Ele respirou fundo.

— Ah, sim.

Ela serviu duas taças e lhe entregou uma. Mac se sentou no sofá, e Natasha tirou o sapato, então recolheu as pernas para se acomodar na poltrona. Eram quinze para as duas.

— Amanhã você vai ter que resolver tudo, Mac. Tenho que estar no tribunal bem cedinho.

— Só me diga o que fazer.

Ela notou distraidamente que ele não deveria ter que trabalhar, do contrário não teria oferecido.

— Escreva para quem eu devo ligar ou onde devo deixá-la. Talvez eu a deixe dormir até um pouco mais tarde… Ela teve uma noite e tanto.

— Todos nós tivemos.

— Foi um choque horrível para ela — observou ele. — Teria sido difícil até para um adulto.

— Ela lidou muito bem com a situação.

— Foi a coisa certa a fazer — disse ele, indicando a escada. — Teria parecido… errado abandoná-la. Com tudo aquilo.

— É.

Deram um gole no vinho em silêncio.

— Então, como você está? — perguntou Natasha enfim, quando o peso de não indagar se tornou insuportável.

— Ok. Você parece bem. — Ela ergueu as sobrancelhas. — Certo, cansada, mas bem. O corte fica bem em você.

Ela se segurou para não levar a mão ao cabelo. Mac sempre fazia aquilo com ela.

— No que você está trabalhando? — perguntou, para mudar de assunto.

— Estou dando aula três vezes por semana e fazendo trabalhos comerciais no resto do tempo. Retratos. Um pouco de turismo. Não muita coisa, para ser sincero.

— Dando aula? — Ela se esforçou para não deixar a incredulidade transparecer na voz. — Achei que tinha entendido errado.

— Eu não me incomodo. Paga as contas.

Natasha digeriu a informação. Por anos ele se recusara a se comprometer. Quando o trabalho com publicidade mingou, ele havia desprezado a sugestão dela de dar aulas. Não queria ficar amarrado, comprometido de um jeito que pudesse impedir que aceitasse um serviço mais interessante de última hora. Apesar de isso significar que o lado dele das finanças do casal era claramente oito ou oitenta, com mais frequência o primeiro.

Agora ele era Mac, o Maduro, Mac, o Motivado. Natasha se sentiu traída.

— É. Eu me desiludi um pouco com a cena comercial. Dar aula não é tão ruim quanto achei. Parece que gostam de mim.

Ah, mas que surpresa, pensou Natasha.

— Vou continuar dando aula até saber o que fazer. O salário não é dos melhores.

Ela se retesou, preparando-se para o impacto.

— E…

— E, em algum momento, Tash, teremos que pensar em como dividir a casa.

Ela sabia o que ele estava dizendo. Acordos financeiros permanentes.

— E isso quer dizer o quê?

— Não sei. Mas não posso viver só com uma mala para sempre. Já faz quase um ano.

Natasha olhou para a taça durante muito tempo. *Então é isso*, pensou. Mas, quando ergueu o rosto e olhou para ele, assegurou-se de estar com uma expressão vazia.

— Está tudo bem com você?

Ela bebeu o resto do vinho.

— Tash?

— Não posso pensar nisso agora — disse, abruptamente. — Estou cansada demais.

— Claro. Amanhã, talvez.

— Tenho que estar no tribunal bem cedo. Eu já disse.

— Eu sei. Mas quando você…

— Você não pode simplesmente voltar aqui e de uma hora pra outra achar que vou vender a minha casa — explodiu.

— A nossa casa — corrigiu ele. — E não pode fingir que isso surgiu do nada.

— Nos últimos seis meses, eu nem sabia em que país você estava.

— Poderia ter ligado para a minha irmã se precisasse entrar em contato. Mas foi muito conveniente ficar aqui sem fazer nada, esperando a poeira baixar.

— A poeira baixar? — repetiu ela.

Ele suspirou.

— Não quero brigar, Tash. Só quero resolver as coisas. Você era quem sempre pegava no meu pé para eu me organizar.

— Eu sei muito bem disso. Mas estou cansada. Tenho um dia cheio pela frente, então, se você não se incomodar, eu gostaria de dividir os bens matrimoniais numa outra hora.

— Tudo bem. Mas tenho que lhe dizer que daqui para a frente preciso ficar em Londres, preciso de um lugar para mim. E, a menos que você tenha uma objeção muito boa, eu gostaria de ficar no quarto de visitas até nós resolvermos as coisas.

Natasha ficou imóvel, certificando-se que tinha escutado direito.

— Ficar aqui?

— Sim, aqui.

— Está de brincadeira?

Ele deu um sorrisinho.

— Morar comigo era tão ruim assim, é?

— Nós não estamos mais juntos.

— Não. Mas sou dono de metade desta propriedade e preciso de um teto sobre a minha cabeça.

— Mac, vai ser impossível.

— Eu dou conta, se você der. Será apenas por algumas semanas, Tash. Sinto muito por jogar sujo, mas, se você não gostar da ideia, pode alugar outro local para morar. Até onde sei, eu deixei você ficar aqui sozinha

durante quase um ano. Agora tenho direito a algo. — Ele deu de ombros. — Fala sério. A casa é grande. Só será um pesadelo se a gente quiser.

Ele estava relaxado de um jeito que a deixou desconcertada. Estava quase feliz.

Ela queria xingá-lo.

Queria jogar algo na cabeça dele.

Queria sair batendo a porta da frente e ir para um hotel. Mas havia uma desconhecida de quatorze anos na sua casa, e ela havia concordado em assumir a responsabilidade conjunta por ela.

Sem falar mais nada, ela saiu, irritada, e subiu a escada até o quarto que não parecia mais ser seu, imaginando se seria muito difícil para um corretor vender uma casa onde a cabeça da proprietária explodira.

6

"É igual com cavalos e homens: é mais fácil curar todas as destemperanças em tenra idade do que quando já se tornaram crônicas e foram tratadas de forma inadequada."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

A menina na foto olhava radiante para os pais, que a seguravam pelas mãos como se estivessem prestes a erguê-la do chão. "Lar provisório", dizia o pôster. "Faz toda a diferença." Então, não eram os pais dela. Em todo caso, não havia uma família ali. Provavelmente eram todos modelos, pagos para agir como uma família feliz.

De repente irritada pelo sorriso da criança, Sarah se remexeu na cadeira da sala da assistente social e deu uma olhada pela janela, pela qual via os arbustos e as árvores do parque municipal. Ela precisava ir a Sparepenny Lane. Sabia que Cowboy John cuidaria de Boo naquela manhã se ela não aparecesse, mas não era a mesma coisa. Ele precisava sair. Precisava manter o treinamento.

A mulher tinha terminado de escrever.

— Então, Sarah, agora temos a maior parte dos seus dados e vamos traçar um plano de cuidados para você. Vamos tentar encontrar um lar temporário até o seu avô melhorar. O que acha disso?

A mulher falava com ela como se tivesse a idade da criança no pôster. Cada frase se elevava no fim, como se fosse uma pergunta, apesar de estar claro que não havia nenhuma questão no que ela tinha dito.

— Eu sou da Equipe de Recepção e Avaliação dos Serviços à Criança — dissera ela. — Vamos ver se conseguimos resolver o seu caso, certo?

— Como isso funciona? — perguntou Mac, ao lado. — Há famílias que… se especializam em ficar com crianças por períodos curtos?

— Nós temos muitas famílias que recebem crianças nos nossos registros. Alguns jovens, os nossos clientes, só passam uma noite com elas. Outros podem ficar vários anos. No seu caso, Sarah, esperamos que seja só por um período curto.

— Só até o seu avô melhorar — disse Mac.

— É — confirmou a mulher. Tinha um quê de indefinição na maneira como a mulher tinha respondido, pensou Sarah. — Mas há muitos jovens em situação parecida com a sua, Sarah, de famílias que necessitam de um pouco de ajuda. Não precisa se preocupar.

Mac e a esposa tinham falado só com ela durante o café da manhã, não um com o outro. Sarah ficou imaginando se haviam brigado, se tinha alguma coisa a ver com ela. Não conseguia se lembrar de nenhuma discussão entre Vô e Vó. Vó brincava que até podia discutir com Vô, mas que ele nunca respondia. Quando se irritava, Vô só ficava quieto, com o rosto impassível.

— É como discutir com uma estátua — dizia ela em tom de conspiração, como se fosse uma grande piada interna delas.

Lágrimas começaram a se formar, fazendo seus olhos arderem, e ela contraiu o maxilar, refreando-as. Já estava arrependida de ter ido para a casa de Mac e Natasha. Na noite anterior ela havia ficado com medo, mas no momento percebia que o controle de sua vida lhe estava sendo tirado. Por pessoas que não entendiam nada da sua vida.

A mulher tinha consultado um arquivo.

— Vejo que os seus avós têm a sua guarda. Você sabe onde a sua mãe está, Sarah? — A menina fez que não. — Posso perguntar qual foi a última vez que você a viu?

Sarah olhou de soslaio para Mac. Ela e Vô nunca falavam sobre sua mãe. Parecia estranho lavar a roupa suja da família na frente de desconhecidos.

— Ela está morta. — Sarah se atrapalhou com as palavras, silenciosamente furiosa por ter que dar tal informação. — Morreu há

alguns anos.

A menina viu compaixão no rosto deles, mas nunca sentira saudade da mãe, não como sentia saudade de Vó. Sua mãe nunca tinha sido um abraço caloroso, um par de braços em que se jogar, mas sim uma sombra caótica e imprevisível sobre os primeiros anos de sua vida. Sarah se lembrava dela como uma série de imagens, de ser arrastada para a casa de várias pessoas, de dormir em sofás, do barulho distante de música alta e discussões, uma sensação desagradável de impermanência. E então, quando ela foi morar com Vó e Vô, ordem, rotina. Amor.

A mulher estava escrevendo.

— Tem certeza de que não tem nenhum amigo com quem possa ficar? Nenhum parente?

Ela parecia esperançosa, como se não quisesse ter que lidar com Sarah. Mas Sarah precisou admitir que não havia ninguém que pudesse querê-la em sua casa por semanas a fio. Ela não era popular. Os poucos amigos que tinha moravam em apartamentos tão pequenos quanto o dela; ela não conhecia ninguém bem o suficiente para pedir, mesmo que quisesse.

— Eu preciso ir — disse ela baixinho para Mac.

— Eu sei — retrucou ele. — Não se preocupe, a escola sabe que você vai chegar atrasada. É mais importante resolvermos isto.

— E onde mesmo você disse que o seu avô está?

A mulher sorriu para ela.

— Ele está no hospital Santa Teresa. Disseram que será transferido, mas não sei quando.

— Podemos descobrir isso para você. Vamos providenciar para que entrem em contato.

— Vou poder visitá-lo todos os dias? Como eu tenho feito?

— Não sei dizer. Vai depender de onde conseguirmos colocar você.

— Como assim? — questionou Mac. — Não vão colocá-la em um lugar perto da casa dela?

A mulher suspirou.

— Infelizmente, o sistema está sob enorme pressão. Não podemos sempre garantir que os clientes fiquem tão próximos de onde moram

quanto gostaríamos. Mas vamos fazer o possível para garantir que Sarah visite o avô com regularidade até que ele volte para casa.

Sarah distinguia lacunas enormes entre as palavras da mulher, buracos onde deveria haver certeza. Imaginei a si mesma acomodada com alguma família sorridente a quilômetros de distância de Vô. De Boo. Como é que cuidaria dele se demorasse horas para chegar a qualquer lugar? Isso não daria certo.

— Quer saber de uma coisa? — disse ela, olhando para Mac. — Eu posso cuidar de mim mesma. Na verdade, se alguém puder só dar uma ajudinha, ficarei bem em casa.

A mulher sorriu.

— Sinto muito, Sarah, mas, legalmente, não podemos deixar você morar sozinha.

— Mas eu dou conta. O problema foi ter sido assaltada. Eu preciso ficar perto de casa.

— E nós vamos fazer o possível para garantir que isso aconteça — disse a mulher com delicadeza. — E agora é melhor você ir para a escola. A sua assistente social vai se encontrar com você depois da aula e, espero, vai levá-la para o seu lar temporário.

— Não posso — disparou Sarah. — Preciso ir a um lugar depois da aula.

— Se for um clube da escola, podemos acertar direto com a secretaria. Tenho certeza de que não vão se importar se você faltar uma vez.

Sarah ponderou quanto revelaria a eles. O que fariam se ela falasse sobre Boo?

— Certo, Sarah. Se pudermos ver a questão da religião agora, não vai demorar muito. Pode me dizer em qual destas categorias você se encaixa?

A voz da mulher ficou distante e Sarah se pegou encarando Mac. Dava para ver que ele não se sentia à vontade naquele lugar. Estava agitado, como se preferisse estar em qualquer outro lugar. Bem, agora ele sabia como ela se sentia. De repente sentiu ódio dele, raiva dele e da esposa por metê-la naquela confusão. Se não tivesse ficado tão chocada no dia anterior, ela poderia ter consertado a porta sozinha. Cowboy John poderia

ter ajudado. E ela ainda estaria em casa, tocando a vida, vendo Boo duas vezes por dia, dando conta de tudo, esperando Vô voltar.

— Sarah? Igreja anglicana? Católica? Hinduísta? Muçulmana? Outra?

— Hinduísta — respondeu, em um ato de rebeldia. Então, quando os dois olharam para ela, descrentes, repetiu: — Hinduísta. — Quase riu quando viu a mulher anotar a resposta. Talvez, se ela dificultasse bem as coisas, teriam que deixá-la ir para casa. — E sou vegana — completou.

O rosto de Mac lhe mostrou que ele se lembrava do sanduíche de bacon que preparara para ela no café da manhã. Ela o desafiou a contradizê-la.

— Ceeeerto. — A mulher continuou escrevendo. — Estamos quase terminando. Sr. Macauley, se precisar ir embora, posso resolver tudo sozinha.

— E sou claustrofóbica. Não posso morar em nenhum lugar com elevador.

Dessa vez, a expressão da mulher ficou séria. Sarah desconfiou que ela não era assim tão compreensiva como tinha parecido no começo.

— Bem — disse ela, ríspida. — Preciso conversar com a sua escola e com o seu médico. Sem dúvida, se houver alguma exigência ou problema real, eles poderão confirmar.

Mac estava rabiscando algo.

— Você está bem? — perguntou, baixinho, para Sarah.

— Estou ótima.

Ele parecia preocupado. Sabia que tinha destruído a minha vida, pensou Sarah. Entregou um pedaço de papel para ela.

— São os meus telefones — explicou. — Se tiver algum problema, pode me ligar, certo? Eu ajudo como puder. Está bem assim? — completou, dirigindo-se à mulher.

Ela sorriu para Mac. Sarah tinha reparado que várias mulheres sorriam para ele.

— Claro que sim. Nós incentivamos nossos clientes a manter o máximo possível de sua rotina normal.

Mac se levantou para sair e entregou a Sarah a pasta de documentos e papéis pessoais que pegara no apartamento para ela.

— Cuide-se, Sarah — disse ele. Demorou-se, como se não tivesse certeza se deveria ou não ir embora. — Espero que vá logo para casa.

Sarah chutou a perna da cadeira e não disse nada. Estava descobrindo que não fazer nem dizer nada era o único poder que lhe restava.

* * *

— Graças a Deus. Achei que teríamos que apelar para a internet.

— Desculpe. Tive um imprevisto. — Mac deixou as bolsas das câmeras no chão. Deu um beijo em Louisa, a diretora de arte, que ele reconheceu, então se voltou para a moça sentada diante do espelho, digitando mensagens de texto furiosamente, alheia à maquiadora atrás dela, que torcia mechas de seu cabelo em enormes bobs de cerâmica. — Oi, eu sou o Mac — apresentou-se, estendendo a mão.

— Ah. Oi. Serena.

— Você deveria ter chegado há uma hora.

Maria bateu no relógio com o dedo. A sua calça jeans era tão baixa que beirava a indecência; acima da calça, duas camadas de tecido escuro esvoaçante estavam habilmente amarradas, revelando a barriga em forma. Atrás dela, alguém mexia em um CD-player.

— Achei melhor dar mais tempo para você fazer a sua mágica, querida. — Deu-lhe um beijo na bochecha e passou a mão pelas suas costas nuas. — Vou montar o equipamento, pode ser? Louisa, que tal repassar o briefing?

Louisa especificou o tipo de visual e clima que eles queriam para o ensaio da jovem atriz; a menina do figurino ficou assentindo, prestando atenção. Mac também assentiu, parecendo lhe dar toda a atenção, mas sua cabeça estava no departamento do bem-estar da criança. Ele tinha descido os degraus do prédio desolador correndo, quarenta minutos antes, sentindo-se menos aliviado do que esperava. Sarah parecia arrasada, retraindo-se enquanto estavam naquela sala à medida que se dava conta da extensão das mudanças em sua situação. Ele meio que tinha pensado em perguntar a Tash se a menina poderia ficar com eles, mas quando

formulara a frase, enquanto preparavam o café da manhã em um silêncio pesado, percebeu como a ideia era absurda. Tash havia deixado claro que sua carreira estava ameaçada pela presença de Sarah, e ela mal conseguia lidar com a presença dele em casa. Aquele lugar já nem parecia mais a casa de Mac. Como ele poderia lhe impor a presença de uma desconhecida?

— Muito vermelho. Bem ousado. Nós queremos mandar uma mensagem com esta foto, Mac. Ela não é só mais uma jovem atriz, é uma atriz séria do futuro, uma Judi Dench jovem, uma Vanessa Redgrave menos politizada.

Mac olhou para Serena, que ria de uma mensagem de texto, e conteve um suspiro. Ele tinha perdido a conta das jovens atrizes excepcionais que fotografara nos últimos dez anos. Apenas duas haviam sobrevivido à torrente de divulgação inicial e conseguido um papel em um seriado de comédia.

— Certo. Ela está pronta para você.

Maria surgiu à porta com um pincel fino de maquiagem entre os dentes, ajeitando o cabelo loiro da moça com dedos habilidosos. A figurinista tirava roupas de uma arara comprida e as pendurava no braço.

— Vou levar estas aqui.

— Vamos começar em dez minutos. Só vou checar o cenário — disse Louisa antes de sair.

Maria se aproximou dele.

— Eu ia perguntar por que você se atrasou tanto — comentou ela com seu sotaque eslavo carregado. — Mas aí percebi que não estou nem aí.

Mac enganchou o dedo no passador da calça dela e a puxou para perto. O cabelo da mulher tinha cheiro de maçã, a pele, de maquiagem e spray de cabelo, as camadas de unguento de sua profissão.

— Se eu lhe contasse, você não acreditaria.

Ela tirou o pincel da boca.

— Estava por aí pegando mulheres.

— Meninas de quatorze anos, na verdade.

A boca de Maria estava tão próxima que dava para ver a pintinha minúscula ao lado do lábio superior.

— Não é surpresa alguma. Você é um homem nojento.

— Eu faço o que posso.

Ela o beijou, então se afastou.

— Tenho outro trabalho quando sair daqui. Soho. Quer se encontrar comigo depois?

— Se pudermos ir para a sua casa.

— Está na casa da sua ex-mulher?

— A casa é minha também. Eu já disse.

— E essa mulher não se importa de você voltar a morar lá?

— Não posso dizer que conversamos sobre o assunto nesses termos.

Ela estreitou os olhos.

— Não confio nela. Que mulher com amor-próprio aceitaria o ex-marido de volta assim? Quando o meu ex-namorado na Cracóvia tentou voltar para a minha casa, apontei o revólver do meu pai para ele — revelou Maria, imitando o gesto.

Mac refletiu sobre a questão.

— É uma opção… acho.

— Não me senti nada bem com isso depois. E ele só queria devolver o meu CD-player. — Ela se virou para sair e pegou uma uva da fruteira no caminho até a porta. — Foi bom eu ter errado o alvo.

* * *

A porcaria do portão estava emperrado de novo. Cowboy John puxava, tentando fazer com que as duas partes ficassem alinhadas, brigando com o cadeado, quando viu uma silhueta conhecida correndo na sua direção, com a mochila batendo na cintura.

— Eu estava fechando — disse ele, tirando o cadeado. — Passei o dia inteiro ontem esperando você. Achei que tinha acontecido alguma coisa. Por onde andou, menina?

Ele tossiu, um som rouco e áspero.

— Me mandaram para Holloway.

Ela largou a mochila da escola na rua de pedra e foi correndo até a baia de Boo.

Cowboy John fechou o portão e foi atrás dela, mancando. O frio do outono penetrava em seus ossos.

— Você foi para a cadeia?

— Não é cadeia — respondeu ela, tentando abrir a tranca da porta da baia. — É serviço social. Disseram que não posso mais ficar em casa sem o Vô lá e me obrigaram a ficar com uma família idiota. Mas eles moram em Holloway. Acham que estou visitando Vô agora… foi o único jeito que encontrei para vir até aqui.

Sarah se jogou no pescoço do cavalo e o homem percebeu que a menina chegou a estremecer, como se toda a tensão concentrada do dia tivesse sido liberada.

— Um minuto, só um minuto. — Ele acendeu a luz. — Precisa voltar. Que diabo está acontecendo?

Ela o encarou com os olhos marejados.

— Arrombaram o nosso apartamento na terça-feira. E uma mulher que me deu carona até em casa, e é advogada ou algo assim, me fez passar a noite na casa dela porque disse que não era seguro ficar ali. Então eles me levaram para o serviço social e, quando eu vi, estava morando na casa de outra pessoa, e vou ter que ficar lá até Vô melhorar. A família em Holloway. E eu nem conhecia aquela gente. Levei uma hora e quinze minutos no ônibus para chegar aqui.

— Por que eles estão se dando a esse trabalho todo?

— Eu estava bem — disse ela. — Até o arrombamento.

— O seu avô está sabendo disso?

— Não sei. Só vou poder ir lá amanhã. Ninguém sabe sobre Boo. Não posso deixar que saibam, ou podem querer mandá-lo para outro lugar também.

Cowboy John sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe. Ele não vai a lugar algum.

— Eu nem tenho o dinheiro do aluguel para te pagar. Levaram os talões da aposentadoria de Vô, por isso não tenho nada além do dinheiro do ônibus e do almoço.

— Não se preocupe — disse ele, enquanto ela estava girando, transformando-se em um minifuracão. — Eu resolvo o aluguel com o seu vô quando ele voltar. Você tem dinheiro para a comida do seu cavalo?

Ela enfiou a mão no bolso, contou o dinheiro e entregou a ele.

— Tenho o suficiente para quatro fardos de feno e dois sacos de comida. Mas preciso que dê a comida para ele. Nem sei se vou conseguir vir aqui para limpar a baia.

— Certo, certo. Eu limpo a baia dele para você, ou mando um dos meninos limparem. Mas e o ferreiro? Você sabe que ele vem na terça-feira, certo?

— Eu sei. Tenho algumas economias. Posso usar esse dinheiro para pagar este mês, mas não posso pagar o aluguel.

— Eu já disse, seguro o aluguel até o Capitão estar de volta.

— Eu vou pagar.

Sarah soou como se achasse que ele não acreditaria nela. Cowboy John deu um passo atrás.

— Eu sei. Acha que eu sou idiota? — Ele fez um gesto na direção dos outros cavalos. — Eu não permitiria que nenhum desses ratos de esgoto atrasasse um único dia de aluguel, já você e o seu Vô… Agora, acalme-se, cuide do seu cavalo e vamos resolver tudo, um dia de cada vez.

Ela pareceu relaxar um pouco. Pegou uma escova e começou a escová-lo, descendo o braço pela lateral do animal de maneira metódica, ritmada, como o seu avô fazia, como se aquela simples ação lhe trouxesse conforto.

— Sarah… eu poderia oferecer a minha casa para você, mas é meio pequena. E eu moro sozinho há muito tempo. Se a minha casa fosse maior, ou se tivesse uma mulher… Não sei bem se é o tipo de arranjo que eles acham adequado para uma menina.

Sarah disse a ele que não tinha problema.

Ele ficou ali parado durante um minuto.

— Tem problema você trancar tudo se eu for embora? — Dava para ver que ela não ia querer sair dali tão cedo. Ele se apoiou na porta da baia e colocou o chapéu para trás, para ver melhor o rosto dela. — Quer saber, Sarah. Quer que eu vá visitar o seu avô amanhã para você vir aqui?

Ela aprumou o corpo.

— Você faria isso? Não quero deixá-lo sozinho por dois dias.

— Sem problema. Ele iria querer que Boo continuasse com o lance de circo dele. Mas eu preciso dizer uma coisa para ele. E, querida, também tenho que conversar com você sobre isso. — Ela então pareceu preocupada, à espera de mais um golpe. — Estou pensando em vender para Maltese Sal.

Ela arregalou os olhos.

— Mas o quê…

— Vai ficar tudo bem. Como vou dizer ao seu avô, nada vai mudar. Vou ficar por aqui até a minha casa ser vendida. Até lá, vou continuar abrindo o estábulo e cuidando dos negócios.

— Para onde você vai?

Ela havia abraçado o pescoço do cavalo e estava agarrada a ele como se o animal também estivesse sendo despachado para outro lugar.

— Eu vou me mudar para o interior. Para algum lugar com um pouco de verde. Acho que os meus meninos merecem. — Indicou com a cabeça os cavalos. Hesitou. Tirou o cigarro dos lábios e cuspiu no chão. — Ter visto o que aconteceu com o seu avô, Sarah, me deixou balançado. Já não sou tão jovem quanto antes, e se só tiver mais alguns anos, quero passar esses anos em um lugar tranquilo.

Ela não disse nada, só olhou para ele.

— Maltese Sal me prometeu que nada vai mudar, menina. Ele sabe do Capitão, sabe que as coisas não estão fáceis para você agora. Ele diz que vai deixar tudo do jeito que está.

Sarah não precisou dizer nada. Ele viu no rosto dela. Dada a situação em que se encontrava, como ela poderia acreditar naquilo?

* * *

— Obrigada por me atender tão rápido, Michael. A Sra. Persey vai chegar daqui a pouco e eu queria dar uma olhada em alguns dos documentos preliminares com você. — Ela hesitou quando Ben entrou com uma caixa de lenços de papel e uma garrafa de vinho branco gelado. — Nós geralmente não incentivamos a "hora do choro" — explicou ela no momento em que a garrafa foi colocada com cuidado em sua mesa —, mas quando se tem uma cliente desse calibre…

— …você permite que ela chore um pouco.

Natasha sorriu.

— E amenize a dor com uma taça de seu Chablis preferido.

— Achei que nesta parte da cidade o negócio era mais confiscar uma lata de cerveja ou outra.

Famoso advogado de divórcios, o charme e o modo divertido de falar de Michael Harrington escondiam a mente afiada como navalha. Natasha se lembrava da primeira vez que o vira no tribunal, quando era estagiária e ele representava a outra parte. Ela queria ter um gravador para depois imitar a maneira dissimuladamente relaxada como ele destruiu os argumentos do advogado para quem ela trabalhava.

— Certo. — Ela deu uma olhada no relógio. — Em resumo, casada por doze anos, segunda esposa, alguma discordância sobre como ela e o Sr. Persey acabaram ficando juntos depois que a primeira esposa o deixou. Há pouco mais de um ano, ela o pegou em flagrante com a babá. O de sempre. Nós temos dois problemas. Primeiro, não há acordo sobre a questão financeira, devido a declaração de bens inadequada. Segundo, ela se recusa a permitir a visitação, alegando que ele cometeu abusos físicos e mentais contra ela durante o casamento, além de agredir verbalmente a filha de onze anos.

— Que confusão.

— Nem me diga. Os documentos não sugerem que isso tenha ficado evidente durante o casamento. — Natasha folheou a pasta. — Ela afirma que fez o possível para esconder, porque não queria prejudicar a imagem dele no meio profissional. Agora ela diz que não tem nada a perder. Mas

ele está ameaçando retirar a oferta de acordo financeiro que fez por causa da restrição à visitação.

— Não preciso nem dizer que este será um caso de grande importância devido à reputação dele. A audiência está marcada para o Cartório Principal da Vara de Família dos Tribunais Reais de Justiça. A audiência de conciliação foi um total desastre. Mas a Sra. Persey parece… Bem, ela parece bastante disposta a divulgar sua versão dos fatos. Não tenho mais o que fazer para impedir que procure os jornais. — Ela hesitou, unindo as pontas dos dedos. — Você vai ver, Michael, que ela não é das clientes mais fáceis de representar.

Ben enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

— Ela chegou.

Com um brevíssimo olhar para Natasha, Michael se levantou com a mão estendida, pronto para dar as boas-vindas a Sra. Persey.

Natasha tinha visto muitas mulheres espancadas no tempo que passou no Davison Briscoe; tinha representado crianças cujas mães juravam que o parceiro jamais encostaria o dedo em vivalma, apesar de os pontos na têmpora ainda nem estarem cicatrizados e os olhos ainda estavam roxos. Tinha visto mulheres tão tolhidas por anos de abusos que mal conseguiam falar alto o suficiente para serem ouvidas. Nunca havia conhecido alguém como Georgina Persey.

— Ele está me ameaçando de novo! — Antes mesmo de Ben ter fechado a porta, ela segurou o braço de Natasha com ambas as mãos, as unhas bem-feitas cravadas na pele de Natasha. — Ele me ligou ontem à noite para dizer que, se não puder ver Lucy, vai fazer com que eu sofra um acidente.

O cabelo longo dela caía sobre os ombros em cachos cuidadosamente esculpidos. As roupas caras se acomodavam sobre um corpo que passava por exercícios rigorosos, marcado por anos de autonegação. Mas seu rosto, com maquiagem imaculada, parecia paralisado em uma careta perpétua de ultraje. Quando ela falava, era como se toda a energia fosse sugada da sala.

— Por favor, sente-se, Sra. Persey. — Natasha a colocou na frente da cadeira, serviu uma taça de vinho e entregou para ela. — Permita-me

apresentá-la a Michael Harrington. Ele é o advogado sobre o qual conversamos, lembra? Vai representá-la no tribunal.

Pareceu que a Sra. Persey não tinha ouvido.

— Eu disse a ele que estava tudo gravado. As ameaças. Tudo. Não gravei, é claro, mas fiquei com muito medo. Disse a ele que, se fizesse algo comigo, eu daria a fita para você. E sabe o que ele fez? Ele riu. Também ouvi aquela vagabunda rindo atrás dele. — Ela olhou para Michael Harrington com ar de súplica. — Ele cancelou os meus cartões de crédito. Você tem noção da vergonha que é ter o cartão recusado na Harvey Nichols? Tinha conhecidos meus na fila atrás de mim.

— Vamos fazer o máximo possível para ter um acordo provisório em poucos dias.

— Quero uma ordem de restrição. Quero que ele fique longe de casa.

— Sra. Persey — começou Natasha. — Eu já expliquei que é muito difícil para nós ajudá-la nessa questão sem termos provas de que a senhora ou sua filha correm risco de agressão.

— Ele está tentando me enlouquecer, Sr. Harrington. Está me pressionando cada vez mais para que eu pareça louca e o juiz tire a minha filha de mim.

Agora que o advogado estava presente, ela só se dirigia a ele. Era o tipo de mulher para quem outras eram irrelevantes, pensou Natasha.

— Sra. Persey. — Michael Harrington se sentou ao lado dela. — Pelos documentos que vi até agora, sou obrigado a dizer que corremos muito mais risco de a senhora perdê-la por não acatar as determinações da Justiça do que por qualquer sugestão de instabilidade mental.

— Eu *nunca* vou deixar a minha filha nas mãos dele — disse ela enfaticamente. Como se tivesse notado a presença de Natasha pela primeira vez, arregaçou a manga da blusa e mostrou o braço. Uma longa cicatriz branca ia até o cotovelo. — Isto é de quando ele me empurrou escada abaixo. Você acha que ele não faria isto com Lucy? Acha que eu devo deixar a minha filha ficar em casa com aquele homem?

Michael examinava a papelada. Natasha se inclinou para a frente.

— Nós dissemos que precisamos corroborar as suas afirmações relativas aos riscos a Lucy. A senhora me disse que a babá uma vez viu seu marido bater na senhora, mas não há menção a isso nos depoimentos dela.

— Foi a babá da Guatemala, não a da Polônia.

— A babá da Guatemala pode dar um depoimento?

— Como eu vou saber? Ela está na Guatemala! Ela era péssima. Tivemos que mandar embora. — Deu um gole no vinho. — Eu a flagrei experimentando as minhas roupas. Como se fossem servir nela! Devia ser no mínimo manequim quarenta e dois.

Michael Harrington tampou a caneta.

— Sra. Persey, alguma outra pessoa testemunhou qualquer ato de violência contra a senhora ou a sua filha?

— Eu já disse! Ele é tão sagaz! Fez tudo a portas fechadas. Disse que ninguém acreditaria em mim.

Ela explodiu em soluços altos. Natasha olhou para Michael e pegou a caixa de lenços de papel, que estendeu para a mulher.

— Vou falar com a imprensa! — A Sra. Persey a encarou com uma expressão petulante. — Vou contar para o mundo como ele é, ele e aquela vagabunda.

— Sugiro que não abra fogo na mídia por enquanto — disse Michael em tom diplomático. — Isso não vai nos favorecer com o juiz, e é muito importante que nós pareçamos irrepreensíveis em nossas ações.

— Vocês acham? — Os dois advogados assentiram. — Mas é tão horrível — completou, assoando ruidosamente no lencinho. — Tão horrível.

— Fique à vontade, Sra. Persey — disse Michael enquanto ela soluçava.

O tempo foi passando. *Impressionante como os advogados podem ficar relaxados quando alguém está pagando trezentas e cinquenta libras por hora*, pensou Natasha.

— Agora talvez possamos recomeçar. É muito importante fazer isso da maneira certa.

Natasha mandou uma mensagem de texto para Ben:

Pode sair mais cedo hoje. Vamos ficar aqui um tempão. Até amanhã.

* * *

Ficar na companhia de gente rica de verdade é um pouco como ler revistas de decoração, pensou Natasha enquanto examinava as roupas em sua cama. Fazia qualquer um se sentir insatisfeito com a parte que lhe cabia. Ao observar aquela mulher com a pele impecável, as roupas de caxemira e seda de corte incrível, os sapatos de marca minúsculos, o guarda-roupa utilitário de Natasha de repente pareceu desmazelado, e seu corpo — que não era maior do que o padrão — de repente pareceu grosseiro e gordo. Mas ela havia sobrevivido ao divórcio melhor do que Georgina Persey, pensou, ao dobrar a calça jeans. A mulher havia tagarelado por mais de uma hora, sem escutar os conselhos oferecidos, contradizendo as próprias afirmações, em uma confusão de fúria, rancor e talvez ansiedade genuína. Quando ela foi embora, até Michael Harrington estava exausto.

Agora, em pé ao lado da cama, Natasha se sobressaltou ao ouvir a porta da frente sendo aberta. Houve uma breve pausa, como se ela estivesse ponderando o que dizer, e então o ouviu oferecer, um tanto incerto, do corredor:

— Oi.

Natasha contraiu o maxilar em um gesto involuntário: oi, querida, cheguei, como se de algum modo tivessem voltado a ser uma família feliz. Ela esperou um instante, então gritou, em um tom que não soava como convite:

— Estou aqui em cima.

Para irritá-la, subiu mesmo assim. Enfiou primeiro a cabeça pela porta, então preencheu com o corpo todo o espaço vazio.

— Estou pensando em pedir comida e achei que você também podia querer.

— Não — respondeu ela. — Eu… eu vou sair.

— Vai viajar — corrigiu ele, claramente reparando na mala.

— Só vou passar o fim de semana fora.

Natasha foi até a cômoda e pegou duas blusas dobradas.

— Vai para algum lugar bacana?

— Kent. — Ela havia se perguntado se deveria lhe contar sobre o chalé que alugara desde que ele fora embora. Mas teve medo de que ele achasse que ela tinha outro lugar para morar, o que lhe faria acreditar que tinha ainda mais direito sobre a casa. Conor a alertara para que não revelasse nada a Mac, por mais que ele parecesse legal (*No fim, tudo se volta contra você*). — Então, pode ficar com a casa toda para você no fim de semana — completou.

Ajeitou as roupas na mala e foi ao banheiro da suíte para pegar o hidratante e a maquiagem. Mac tinha enfiado as mãos bem no fundo dos bolsos da calça jeans. Olhava ao redor, sem jeito, como se o espectro do tempo que os dois haviam passado juntos naquele quarto estivesse ali para assombrá-lo. Natasha percebeu que não tinha mudado nada desde que ele fora embora. Desconfiava que essa fosse uma das razões para Conor não gostar de passar a noite ali.

— Então — disse ele. — Vai ser festa a noite toda para mim.

Natasha se virou para ele de supetão.

— Estou brincando. Você esqueceu a escova de cabelo.

Ela hesitou, então a pegou. Não podia dizer a ele que tinha uma no chalé.

Mac passou a mão no cabelo.

— Imagino que vá viajar com Conor.

Ela ficou de costas para ele, arrumando a mala.

— Vou.

— Como ele está?

— Bem.

— Se for porque estou aqui, não se preocupe — disse ele. — É só pedir que eu passo a noite fora. Não quero invadir o espaço de ninguém. Não se sinta na obrigação de sair de casa.

— Não me sinto. Quer dizer, você não está invadindo — mentiu ela. — Passamos quase todos os fins de semana fora.

— Tenho lugares para onde posso ir. É só pedir.

Ela continuou arrumando a mala. A presença dele fazia com que se sentisse cada vez mais constrangida e invadida. O quarto era seu santuário, o único lugar que sentia que continuava sendo seu desde que ele havia voltado. O fato de ele estar ali era um lembrete sombrio dos momentos em que tinham caído na cama alegremente, do tempo que passaram assistindo a DVDs e comendo torradas queimadas… das noites em que se deitou a dezesseis frios centímetros de distância dele, sentindo-se a pessoa mais solitária do mundo. Tênis, botas, calças jeans. Escova de cabelo. Teve dificuldade para organizar os pensamentos.

— Para que lugar de Kent você vai? — perguntou ele.

— O que é isto? Um questionário? — As palavras ríspidas saíram antes que pudesse refreá-las.

— Só estou sendo educado, Tash. Estamos pisando em ovos um com o outro todos os dias. Estou tentando agir como se nós pelo menos pudéssemos ter uma conversa civilizada. — Ele continuou, com a voz firme: — Aliás, sou eu quem estou aqui me despedindo da minha mulher…

— Ex-mulher.

— …quase ex-mulher, que vai passar um fim de semana com o amante. Acho que isso é bem civilizado, certo? Será que não podemos encontrar um meio-termo?

Natasha quis dizer que estava achando difícil, muito mais do que esperava, porém até essa pequena confissão parecia entregar demais.

— É só… — disse ela — …uma cidadezinha perto da divisa com Sussex.

Ele franziu a testa se mexeu desconfortável.

— Bem, acho que não vou ficar por aqui mais muito tempo. Os corretores me ligaram para dizer que concluíram os detalhes. Vai ser posta à venda amanhã.

De novo aquela sensação de ter sido enganada. Ela ficou parada no meio do quarto com um par de botas pendurado na mão.

— Nós combinamos, Tash — disse Mac ao ver sua expressão.

— Pare de me chamar assim — retrucou, irritada. — Meu nome é Natasha.

— Desculpe. Se eu tivesse dinheiro para não precisar fazer isso, não faria. Também não gosto da ideia de esta casa ser vendida. Não se esqueça de quanto tempo dediquei a ela.

Natasha pressionou as botas no corpo. Do lado de fora, alguém colocou música para tocar e as batidas ecoavam sem perdão nas fachadas iguais das casas geminadas.

— Mas talvez assim seja mais fácil ao longo prazo.

— Duvido muito — disse ela, ríspida. — Mas se é isso que precisa ser feito, então façamos logo.

Natasha fechou o zíper da mala com um sorrisinho que não era bem um sorriso, passou pelo homem que em breve seria seu ex-marido e desceu a escada.

7

"Qualquer sinal repentino fará com que um cavalo espirituoso se sobressalte da mesma maneira que um homem se sobressalta com qualquer visão, som ou outra experiência repentina."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Ele tinha sido transferido de novo, e Sarah levou vinte minutos para localizá-lo. Vô estava na ala das vítimas de derrame, onde tinha ficado até a semana anterior, quando a pneumonia fizera com que voltasse para o CTI.

— Esperávamos que ele estivesse um pouco melhor a esta altura — disse a enfermeira ao conduzir Sarah até a área fechada com cortina. — Mas o problema é a disfagia, a dificuldade de engolir. Coitado deste velho rapaz, está lutando um bocado.

— Ele não é rapaz — disse Sarah, ríspida. — Tem setenta e quatro anos.

A enfermeira hesitou, como se fosse dizer algo mais, então simplesmente passou a andar mais depressa, e Sarah teve que se apressar um pouco para acompanhá-la. Parou na frente de uma cortina azul florida e a abriu para deixar Sarah entrar.

A menina puxou uma cadeira para perto da cama, que estava com a cabeceira levantada, para que ele ficasse meio sentado. Sarah sofria ao ver o queixo grisalho dele apoiado no peito. Nunca tinha visto o avô com mais de um dia de barba por fazer, e aquele desleixo com os cuidados pessoais iria deixá-lo magoado.

Ela abriu o armário ao lado da cama sem fazer barulho, para descobrir se os pertences dele tinham sido trazidos para aquela ala, junto com ele. Era comum ela precisar ir atrás das enfermeiras para descobrir onde estavam. Desde que fora internado, dois pijamas tinham sumido junto do sabonete novo e do saco de barbeadores que ela havia trazido. Examinou a prateleira e viu com alívio a nécessaire dele, uma toalhinha e a foto dele com Vó. Pegou a foto e colocou em cima do armário. Se Sarah a posicionasse com cuidado, ele poderia passar o dia inteiro olhando para ela.

Deu uma olhada no relógio para calcular quanto tempo ainda tinha. A família Hewitt era inflexível quando o assunto era rotina. Queriam que ela

estivesse em casa às quatro da tarde, apesar de lhes ter dito aonde ia. Eram quase duas horas, e seria impossível ir até Sparepenny Lane a tempo de levar Boo para dar uma volta.

Tocou a mão do avô. A pele dele, seca e fina como papel, fez algo dentro dela se contrair. Quatro semanas no hospital pareciam ter sugado a essência dele, arrancado sua robustez. Era difícil imaginá-lo como alguém que havia montado um cavalo que empinava apenas algumas semanas antes. A inversão de seus papéis fazia com que ela se sentisse irrequieta, sem um lar para onde voltar, como se mais nada em seu mundo fizesse sentido.

— Vô? — Ele abriu só um olho e olhou vagamente para o cobertor. Sarah se perguntou se ele estava tentando entender que lugar era aquele. Então ele ergueu a cabeça devagar. — Vô?

A expressão dele era vazia. Sarah olhou para a gama de remédios no carrinho ao lado dele. As enfermeiras lhe disseram que ele tomaria antibióticos durante algumas semanas só para garantir. Ela estendeu a mão e colocou os óculos dele.

— Eu trouxe iogurte.

Como tinham tirado o tubo da garganta dele, na maioria dos dias ela tentava trazer algo que o avô pudesse engolir com facilidade. Sabia que ele detestava a comida do hospital.

Os olhos dele se suavizaram, e Sarah percebeu que ele a tinha reconhecido. Ela segurou a mão dele.

— O de cereja negra que você adora. — Ele fechou a mão sob a dela. — Acho que vai gostar de saber que Boo já começou a ficar com a pelagem de inverno, mas ele está muito bem. Nós cavalgamos muito a meio-galope ontem, e ele não titubeou nenhuma vez. Aumentei um pouco a comida dele, porque está fazendo mais frio à noite. Estou dando uma porção extra de açúcar de beterraba… Tudo bem?

Ele assentiu de forma quase imperceptível, mas foi o suficiente. As coisas estavam como deveriam: ela buscando a aprovação dele.

— Vou ao estábulo quando sair daqui. Acho que vou com ele até a beira do rio. Não posso ir ao parque hoje, nem sábado à tarde, porque tem gente

demais. Mas ele vai gostar de esticar as patas. — Isso era mentira, mas, nos últimos tempos, Sarah editava tudo. Era importante que ele só tivesse coisas boas em que pensar enquanto estivesse ali, sem mais nada para fazer. — E a família nova com que estou é bacana. Tem muita comida, mas não é tão boa quanto a nossa. Quando você voltar, vou preparar um cozido de peixe com muito alho, do jeito que você gosta.

Os dedos dele se agitaram sob a mão dela. Era a mão ruim dele, a que tinha dificuldade de erguer. Sarah continuou falando, como se o papo furado pudesse trazer de volta a normalidade à vida deles.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou ela finalmente.

Ergueu o recipiente de plástico com a água dele. Uma leve inclinação da cabeça. Ela o levou até os lábios do avô e ergueu um pouco o queixo dele com a outra mão para que a água caísse na boca. Ela havia perdido o pudor de fazer esse tipo de coisa. Tinha percebido que, se não fizesse, provavelmente ninguém mais faria.

— *Temps* — disse ele. Sarah olhou para ele. — Pão. *Chapeau* — disse, fechando os olhos, irritado.

— Quer que eu chame a enfermeira? — Ele franziu a testa. — Deixe eu levantar você um pouco mais. — Ela ajeitou os travesseiros nas costas dele, tentando fazer com que ficasse mais aprumado. Ajustou a cama com mãos experientes, depois ajeitou a camisa do pijama ao redor do pescoço para que o avô parecesse mais digno. — Está melhor?

Ele assentiu. Parecia derrotado.

— Certo. Não desanime, Vô. O médico disse que vai melhorar. Disse que talvez seja a última coisa a voltar. Você lembra. E, como não tem passado muito bem, acho que esses remédios todos não ajudam. Talvez o tenham deixado confuso.

A desaprovação surgiu nos olhos do velho. Não gostava que Sarah fosse condescendente com ele. E então, enquanto ela observava, o olhar dele foi para a mesa, para a mochila dela.

— O iogurte. Quer um pouco de iogurte?

Ele suspirou e o alívio tomou conta de seu rosto.

— *Chapeau* — repetiu ele.

— Certo — retrucou Sarah. — *Chapeau*.

Pegou uma colher da mochila e tirou a tampa do iogurte.

* * *

Mesmo com a boa distância de um ano, era difícil ver a verdade sobre o que tinha levado ao fim do casamento deles. Talvez fosse impossível encontrar a verdade em tais situações; talvez a única coisa que se podia esperar era a verdade de cada uma das pessoas. Verdade do tribunal: nada de absoluto, apenas pontos de vista, dependendo de quem argumentava melhor. Só que, de algum modo, havia terminado muito antes que eles tivessem a oportunidade de argumentar.

Logo depois que Mac a deixara, Natasha tinha dito a si mesma que fora melhor assim. A natureza deles não combinava. Sentir-se irritada o tempo todo a tinha esgotado; aquilo a transformara em uma pessoa de quem ela não gostava, e estava claro que no último ano nenhum dos dois foi feliz. Era possível que, se tivessem passado mais tempo juntos, houvessem percebido mais cedo. Ela disse isso a si mesma muitas vezes.

Mas não conseguia ficar sozinha na casa de Londres. Afinal de contas, como ele costumava brincar, aquela era "A Casa que Mac Construiu", e ele permeava cada centímetro do lugar. Cada cômodo tinha um eco do que ela havia perdido: a escada que ele tinha refeito, as prateleiras que ele teve que instalar duas vezes, os espaços onde os livros, os CDs e as roupas dele costumavam ficar. Mac tinha levado a maioria das coisas, colocara em um depósito, e até isso a incomodava: as coisas que eles adoravam, que tinham escolhido juntos, largadas em algum espaço impessoal porque ele preferia deixá-las trancadas em vez de sugerir que alguma parte dele ainda integrava a vida dela.

— Pegarei o restante daqui a uma ou duas semanas — dissera Mac quando ela ficou parada no hall de entrada.

Ela se lembrava de ter ficado ciente da pedra fria sob seus pés descalços. Tinha assentido, como se de algum modo estivesse concordando que aquele era um plano sensato. E então, quando a porta se

fechou atrás dele, Natasha se permitira deslizar devagar parede abaixo, até o chão. Tinha ficado ali sentada por um período desconhecido, catatônica devido à escala do que tinha acontecido.

Durante semanas depois daquilo, muito antes de a família e os amigos saberem que o casamento havia acabado, nos fins de semana, cedo pela manhã ou tarde da noite, nos períodos em que era impossível para ela estar no escritório e se concentrar no trabalho, tinha pegado o carro e saído por aí. Percorria as ruas da cidade, passava por viadutos, embaixo de pontes e seguia por vias de mão dupla mal iluminadas, parando apenas para encher o tanque do carro. Dirigia escutando o rádio, ouvia programas de entrevistas em que os ouvintes que telefonavam supostamente deveriam lembrá-la de que a vida não era assim tão ruim, mas, de algum modo, isso não dava certo. Escutava os programas políticos, os documentários, os dramas e as novelas. Não escutava música: era o equivalente auditivo a andar por um campo minado. Logo que a pessoa achava que estava bem, alguma música cheia de significado surgia para despedaçá-la sem aviso prévio. Nós dançamos essa música, fizemos um churrasco com aquela. Natasha mexia no botão enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto. Era melhor ouvir o noticiário, desaprovar as manchetes, espantar-se com as notícias irritantes.

O cérebro dela, funcionando pela metade, só se concentrava nas exigências duplas de escutar e dirigir até que, em uma manhã de sábado, ela foi parar em Kent. Havia sentido um vazio inesperado no estômago e percebeu, com certa surpresa, que fazia quase dezoito horas que não comia. Tinha visto uma casa de chá do tipo que faz questão de parecer antiquada e que se enquadraria no ideal de Inglaterra dos não ingleses. Depois de ter comido meio pãozinho com manteiga (fazia semanas que não conseguia engolir nada), pagou a conta e saiu para caminhar na manhã úmida de outono pelas alamedas da cidadezinha, apreciando os cheiros defumados, as folhas em decomposição, o gosto amargo dos frutos de abrunheiro nas sebes. Para sua surpresa, sentiu-se um pouco melhor.

Quando viu o chalé com uma placa dizendo “aluga-se”, no meio de uma alameda que parecia levar apenas a uma fazenda, nem se deu ao trabalho

de dar uma olhada. Ligou para a corretora e deixou um recado, dizendo que, se ainda estivesse disponível, ela queria alugá-lo. Dinheiro não comprava felicidade, ela refletiu mais tarde, porém sem dúvida garantia lugares melhores onde se sentir arrasada.

De lá para cá, Conor tinha passado a maioria dos fins de semana ali com ela, quando não estava com os meninos. Ele não era prático como Mac, mas ficava feliz de estar na companhia de Natasha. Ficava deitado no sofá lendo jornal, acendia a lareira só pelo prazer de observar o fogo queimando ou a ajudava a preparar uma refeição. Na maior parte do tempo, se o clima estivesse bom, ele ficava sentado do lado de fora tomando uma cerveja enquanto ela cuidava do jardim. Natasha não entendia muito de plantas, mas logo descobriu prazer em arrancar ervas daninhas e circular em um jardim bem longe das infinitas tristezas urbanas que permeavam seu trabalho.

Já fazia quase um ano que ela alugava o chalé, e o trabalho investido no jardim dera resultados no verão: plantas perenes tinham brotado, sem percalços, do solo enriquecido, rosas haviam desabrochado, macieiras tinham dado frutos. A mulher da fazenda no fim da alameda, que era um haras e não uma fazenda, tinha deixado sacos de esterco no portão.

— Não, eu não quero nada em troca — dissera ela. Era do tipo direta. — Estou abarrotada disso. Quanto mais você usar nas suas rosas, melhor.

O chalé em Kent tinha lhe dado um pouco de paz de espírito. Não carregava nenhuma história anterior e demandava cuidados constantes. Nos fins de semana em que não conseguia ir até lá, ficava inquieta em casa.

E agora Natasha tinha mais um motivo para evitar ficar em Londres.

Mac tinha levado quase um ano para recolher aquilo que havia deixado para trás.

* * *

— Então… o que os meninos vão fazer neste fim de semana?

— Não tenho certeza. Acho que *ela* vai levá-los para a casa da mãe.

— Não tem certeza? Isso não é do seu feitio.

— É. Bem. Ela estava tão azeda quando os devolvi que a gente nem conversou — argumentou Conor com a boca curvada para baixo enquanto falava.

Natasha sempre ficava espantada com os sinais físicos de ressentimento que tomavam conta dele quando falava sobre a ex-mulher.

— Mas você disse que eles tinham gostado de patinar.

Estavam no carro esportivo de crise de meia-idade de Conor. Ele deu uma olhada no retrovisor e mudou de pista. Sua voz ficou mais leve.

— Adoraram. Eu parecia uma vovozinha, mas os dois já estavam patinando de costas no gelo depois de vinte minutos. Você trouxe água? Nossa, estou morrendo de sede.

Ela enfiou a mão na bolsa, pegou uma garrafinha e desenroscou a tampa para ele. Conor a levou aos lábios e bebeu.

— Você os levou ao restaurante de que eu falei? O do mágico?

— Levei — respondeu. — Eles adoraram. Desculpe… eu ia comentar.

— Acha que eles gostariam de ir de novo?

— Por que não? — Ele deu um longo gole. — Talvez eu os leve lá de novo no domingo que vem. Tenho quase certeza de que ficarão comigo.

Natasha ficou encarando-o, então pegou a garrafinha quando ele a entregou. Era raro ela ficar no apartamento de Conor — nunca estivera em uma residência tão impessoal. Tirando as fotos dos filhos, os brinquedos espalhados e a roupa de cama colorida no segundo quarto, nada ali sugeria que fosse algo mais do que uma suíte de hotel. Conor vivia com a estética de um monge. Ele tinha máquina de lavar, mas mandava a roupa para a lavanderia, que a entregava pronta para usar, porque não gostava de roupas estendidas pela casa. Não cozinhava — e por que cozinharia, ele dizia, se os restaurantes próximos faziam isso muito melhor? A cozinha ficava reluzente, intacta, e era limpa duas vezes por semana sem motivo algum.

Ela desconfiava que uma parte dele renegava aquela nova vida, que a recusa dele de fincar raízes no apartamento executivo era seu modo de dizer que não tinha intenção de ficar ali muito tempo. Ele se soltava um pouco no chalé de Kent: quando acendia a lareira ou a churrasqueira, ou

arrumava uma prateleira, Natasha tinha um vislumbre do homem superdedicado à mulher que ele deveria ter sido.

— Sabe… eu não deveria falar nada, mas, se o caso Persey for bem, Richard deve querer conversar com você.

— Sobre o quê?

— Ah, fala sério. Você não é assim tão ingênua.

Ele deu um sorrisinho.

— Quer que eu me torne sócia?

— Não fique tão espantada. Você anda trazendo muitos casos ultimamente, e este dos Persey está elevando o nosso status. Eu sei que ele estava receoso de você trabalhar mais na vara de família, mas está surpreso por estar rendendo frutos tão rápido. O que você tem agendado para a semana que vem?

Natasha tentou acalmar a mente, que de repente tinha disparado em direções inesperadas.

— Outra reunião com Harrington por causa dos Persey. Uma criança que foi sequestrada. Ah, e um caso de questionamento de idade de um jovem em busca de asilo. Mais um de Ravi. — Ela se lembrou de que não tinha conferido o celular naquela manhã e o pegou na bolsa. — O menino chegou sem documentos, alega ter quinze anos, as autoridades locais dizem que é mais velho.

Ele se enquadrava na Seção 17: as autoridades seriam obrigadas a pagar pelos cuidados com ele. Se provassem que era mais velho, o garoto seria transferido para o Serviço Nacional de Apoio aos Refugiados. Como sempre, era uma questão de despesas.

— Você vai pegar esse caso?

— Será um caso difícil. O ônus de provar que ele é criança é nosso. Minha única esperança está nos procedimentos: ele não recebeu um relatório do oficial de triagem quando a questão veio à tona. Vou contestar isso.

A documentação da criança era caótica, e casos assim estavam ficando mais difíceis de ganhar: a pressão política das instâncias superiores

significava que ou eram considerados adultos ou eram mandados de volta para casa.

— Você parece insegura. Em relação à idade dele.

— Não sei o que pensar. Quer dizer, ele não faz a barba nem nada, mas pode estar mentindo. Todos alegam que têm quinze anos hoje em dia.

— Mas que cética, Poderosa. Não é do seu feitio.

— Bem, é verdade. Ou então têm muitos meninos com barba por aí.

Ela sentiu que Conor a observava fixamente.

— Você nunca contou nada sobre aquele seu garoto iraniano, não é? — Natasha olhou para ele. — Aquele sobre quem você falou, o "Senhor Quilometragem", que não veio de onde disse que veio. Nem foi para onde deveria ter ido.

— Ali Ahmadi? Não.

— Nem com a assistente social?

Natasha cruzou o braços.

— O que eu poderia dizer? A coisa toda era inútil.

— Que bom. Você realmente poderia ter se prejudicado. Não é sua função julgar as pessoas. O seu trabalho é apenas representar as pessoas da melhor maneira possível com a informação que recebe. — Ele deu uma olhada nela, preocupado de talvez ter soado condescendente. — Só achei que você ficou envolvida demais com a história dele. E daí que o garoto não poderia ter andado tanto quanto disse que andou? Ele não estava tentando enganar você especificamente.

— Eu sei.

Natasha *tinha* levado aquilo para o lado pessoal: detestava quando mentiam para ela. Era por isso que havia se sentido tão culpada em relação a Mac por tanto tempo.

— Você não tinha como saber o que ele ia fazer.

— Eu *sei* — retrucou ela. — Você tem razão. Mas… isso realmente afeta a maneira como vejo todos eles. Fico lendo os relatórios e procurando os buracos.

— Mas não é sua função fazer um exame forense da história deles.

— Talvez não, mas isso não muda o fato de que o garoto será julgado pelo tribunal. E a culpa em parte é minha.

Conor sacudiu a cabeça.

— Você é exigente demais consigo mesma. Não está levando em conta a natureza humana. Caramba, se eu examinasse a fundo a história das pessoas que represento, não pegaria caso nenhum.

Ela desatarraxou a tampa da garrafinha e bebeu um pouco de água.

— Na maior parte do tempo, consigo me convencer de que estou fazendo algo bom. Penso que estou do melhor lado da lei. Não quero dizer que o seu lado não seja ótimo, mas você nunca quis tirar disso o mesmo que eu.

— O dinheiro.

— É. — Natasha riu. — Mas a coisa com Ahmadi… Bem, acho que aquilo me deixou *mesmo* cética, e eu nunca quis ser assim.

Conor deu um sorriso.

— Não seja tão rígida, moça. Se nunca quis ser cética, deveria trabalhar em um hospital de doentes terminais, não em um escritório de advocacia.

* * *

Conor não era do tipo possessivo; pelo contrário, durante toda a relação deles ele se esforçara para deixar bem claro que era incapaz de lhe dar qualquer demonstração de compromisso. Ele não pisava na bola: chegava na hora que combinava, ligava quando prometia que ia ligar, mas, da mesma maneira, mantinha paredes invisíveis ao redor de si. Não expressava nem desejo, nem carência. Era afetuoso, sem sugerir que isso pudesse significar algo. Por isso, Natasha tinha poucos motivos para acreditar que seu novo arranjo doméstico poderia ser um problema. Até que, enquanto tiravam as coisas do porta-malas do carro, ela contou para Conor.

— Ele passou a semana toda lá?

Conor colocou a mala dele no chão.

— Chegou na terça.

— E você nem pensou em me contar?

— Eu mal vi você esta semana. E foi difícil. Não vou passar por você no tribunal e cochichar: "Oi, querido, meu ex-marido voltou a morar lá em casa."

— Você poderia ter ligado.

— É. Mas não quis. Como eu disse, pareceria estranho.

— Imagino que sim.

Ele pegou a mala e um saco de compras e entrou no chalé, com as costas tensas.

— Mas não é assim, é? — perguntou ela ao perceber o tom dele.

— Não sei, Natasha. Como é? — retrucou Conor com a voz excessivamente calma.

Ela o seguiu para dentro da cozinha. As flores que ela havia deixado na pia no fim de semana anterior tinham murchado, com as pétalas marrons se curvando sobre a borda do vaso.

— Ele não tem onde ficar, e é dono de metade da casa.

Conor se virou para encará-la.

— Eu poderia ter uma doença terminal, estar falido e ter sido lobotomizado e, mesmo assim, não chegaria a vinte metros da minha ex e da casa dela.

— Bem, nós não passamos por todo o processo pelo qual vocês passaram.

— Está dizendo que não se divorciaram. Eu perdi alguma coisa?

— Você sabe que nós vamos nos divorciar, Conor. Estamos só no começo.

— No começo? Ou será que ainda não é definitivo?

Ele tinha começado a desempacotar as compras com vigor excessivo. Apesar de estar de costas para ela, dava para imaginar a rigidez de seu maxilar.

— Está falando sério?

— Você acaba de me contar que o seu ainda não ex-marido voltou a morar com você. Como é que posso não estar falando sério?

Natasha passou por ele pisando firme.

— Meu Deus, Conor! Como se a minha vida já não estivesse uma complicação danada. Você é a última pessoa que eu esperava que desse uma de Sr. Possessivo.

— O que quer dizer com isso?

— Você não assume o compromisso de passar férias comigo e agora vem me julgar pela maneira como o meu ex e eu dividimos os nossos bens?

— Não é a mesma coisa.

— Não? Você nem me apresentou para os seus filhos.

Ele jogou as mãos para o alto.

— Eu sabia. Eu sabia que você ia meter os dois no meio.

— Bem, se quer mesmo entrar nesse assunto, vou meter, sim. Como você acha que me sinto quando age como se eu não existisse? Você nem me encontra para tomar um café quando está com eles.

— Os meninos ainda estão em estado de choque. A vida deles anda o maior turbilhão. A mãe deles e eu mal nos falamos. Apresentá-los à mamãe número dois não vai ajudar muito, não é?

— Por que eu tenho que ser a mamãe número dois? Não posso ser só sua amiga?

— Você acha que crianças são burras? Vão entender o que está acontecendo rapidinho.

Agora ela estava gritando:

— Bem, e daí? Se estamos juntos, eu vou fazer parte da vida deles em algum momento. Ou será que sou eu que perdeu algo?

— Claro que não. E, sim, nós estamos juntos. Mas por que essa pressa toda? — Então ele suavizou o tom: — Você não entende as crianças, Natasha. Não vai entender até ter filhos. Eles… Eles precisam estar em primeiro lugar. Ainda estão magoados. Muito tristes com tudo. Eu tenho que protegê-los.

Natasha ficou encarando-o.

— E eu não teria como entender isso, não é, Conor? Afinal, sou *estéril* e tudo o mais…

— Ah, merda. Natasha, não leve as coisas para esse lado…

— Vá para o inferno — sibilou.

Ela subiu a escada correndo, dois degraus de cada vez, e se trancou no banheiro.

* * *

As narinas do cavalo pareciam pires, estavam tão abertas que ela via a carne rosada além do veludo negro. Os olhos estavam brancos, e ele agitava as orelhas para a frente e para trás, checando o tempo todo a atividade atrás de si, com as patas esguias imitando algum passo duplo complicado. Maltese Sal desceu da charrete de duas rodas, foi até o animal e passou a mão no pescoço dele, que reluzia de suor.

— O que acha, Vicente? Ele vai me render um dinheiro?

Começou a soltar os arreios da charrete e fez um gesto para que o sobrinho os soltasse do outro lado.

— Vai custar um pouco caro. Tem alguma coisa engraçada no passo dele. Não gostei das patas.

— Este cavalo venceu quatorze vezes de quinze. As patas dele são melhores do que as suas. Este é o equivalente equino de uma supermodelo.

— Você é que está dizendo.

— Você não sabe distinguir um trotador de um cavalo de andadura. Este cavalo é bom. Estou sentindo. Ralph? Você lava as patas do meu cavalo para mim?

Ralph se adiantou para pegar o cavalo, que, livre das amarras da charretinha, deu uma volta com passos graciosos pelo terreno, fazendo com que Ralph tivesse de segurar as rédeas com força.

Sarah se desviou deles, fechando o portão atrás de si. Cowboy John não estava à vista, e ela sempre se sentia um pouco acanhada perto dos homens de Maltese Sal.

Sal sempre estava rodeado por eles. Supostamente existia uma Sra. Sal, do mesmo modo que a maioria dos homens dele tinha esposa, mas Cowboy John dissera que, até onde sabia, ela nunca saía de casa.

— Acho que ele manteve a mulher trancada ali pelos últimos vinte anos. Ela só serve para cozinhar, limpar e… — Ele ajeitou o chapéu. — Deixe para lá.

Sarah tinha consciência do olhar deles sobre si ao avançar até a baia de Boo e ficou contente quando eles se distraíram com a incapacidade de Ralph de lavar as patas inquietas do animal.

Ela sempre sentia pena dos cavalos trotadores e de andadura: com patas esguias e olhos doces, eram mandados para o estábulo, alimentados até a tampa e explorados sem descanso até as patas cederem, ou Sal perder o interesse, e eles simplesmente desaparecerem. Vô não aprovava a maneira como eram forçados a se arrastar pelas ruas, os castigos severos dados aos que demonstravam medo ou desobedeciam. Havia trocas silenciosas de olhares quando Sal perdia a cabeça e batia em um deles. Mas ninguém nunca lhe dizia nada. Ele não era esse tipo de pessoa.

Boo assoprou com o focinho de leve quando Sarah entrou na baia; a cabeça já se esticava por cima da porta em busca de guloseimas. Ela lhe deu hortelã e abraçou o pescoço dele, sentindo seu cheiro doce, e deixou que ele fuçasse em seus bolsos em busca de mais comida, então foi trocar a água dele e ajeitar a forração de palha.

Apesar da ajuda de Cowboy John, cuidar de Boo estava ficando cada vez mais difícil. Os Hewitt, que nunca tiveram nem um peixinho dourado, haviam ficado frustrados pela aparente incapacidade dela de chegar em casa na hora estipulada. Sarah já não tinha mais explicações críveis (logo exauriu os ônibus atrasados, os castigos na escola e as visitas de emergência ao avô; sabia que já não acreditavam mais nela) e enfrentaria mais um sermão exasperado sobre como era importante eles sempre saberem por onde ela andava e sobre os perigos de ela sumir por horas a fio. Então, quando desconfiava que estavam mesmo monitorando-a, ela matava aula no dia seguinte. A escola não parecia ter reparado nas faltas, mas Sarah sabia que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. Mas que escolha tinha? Às vezes, esse era o único jeito de ela ir até o estábulo alimentá-lo.

Ela deixou Boo sair da baia e caminhou com ele, usando uma guia comprida, por Sparepenny Lane, sempre perto da calçada para evitar os carros que passavam e conversando baixinho com ele quando a energia armazenada fazia com que se deslocasse de lado ou refugasse com uma placa de trânsito. Isso era esperado: ele era um cavalo que gostava de trabalhar, que precisava não apenas do desafio físico, mas também do exercício mental.

— É inteligente demais para seu próprio bem — dizia Cowboy John depois que Boo abria a tranca da baia pela milésima vez.

— É inteligente demais para você — retrucava Vô.

— De quanto cérebro ele precisa para fazer piruetas?

Ela estava parada no fim da alameda, calada com o cair da noite, e tentou não pensar em como Vô parecera frágil naquele dia. Como deveria ter seu âmago de aço reduzido a algo fraco e dependente? Era difícil vê-lo daquele jeito, acreditar que ele voltaria ao apartamento deles, à antiga vida. Mas Sarah tinha que acreditar que sim.

Ela caminhou com o cavalo de ponta a ponta mais uma vez, pedindo-lhe desculpa pela falta de tempo, como se ele pudesse entender. Boo agitou a cabeça com as orelhas em pé e o passo apressado em um pedido mudo para ir mais rápido, mais longe. Quando ela virou em direção ao portão, ele pendeu um pouco a cabeça, como se estivesse decepcionado, e Sarah se sentiu culpada. Maltese Sal e os amigos estavam na outra extremidade do pequeno pátio, fumando e falando um mais alto do que o outro. Quando abriu o portão, ela viu Ralph próximo ao grupo. Ele idolatrava Maltese Sal; quando Sal jogava um cigarro para ele, chegava a corar de prazer.

Foi quando ela abriu o armário onde guardava a ração que seu coração ficou apertado. Havia quatro porções de feno, menos do que metade de um fardo. Ela passara a semana tão ocupada que tinha se esquecido de pedir mais a Cowboy John. O armário dele estava trancado.

Ela enfiou as mãos nos bolsos em busca de dinheiro, para quem sabe comprar um pouco mais de Ralph. Quarenta e seis centavos e o passe de ônibus.

Ouviu um barulho atrás de si. Sal estava abrindo o armário dele, assobiando. Pela porta, ela viu os fardos bem-arrumados em pilhas, os sacos de ração de cavalo cara. Nunca tinha visto tanta forragem boa em um lugar só. Enquanto Sarah observava, ele se virou para trás de repente e ela corou por ter sido pega observando.

Ele deu uma olhada no armário atrás dela.

— Você tem pouco, não é? — Ela não respondeu. Ocupou-se soltando uma rede de feno. Ele fez um barulho com a boca. — Parece que o armário está vazio.

— Está tudo bem — retrucou Sarah.

Maltese Sal deixou a porta se fechar atrás de si e deu um passo na direção dela. A camisa dele era imaculada, como se nem tivesse chegado perto de um cavalo, e o dente de ouro dele brilhou quando abriu a boca.

— Você tem feno suficiente?

Ela olhou nos olhos dele, então desviou o olhar.

— John ia… ia me emprestar um pouco.

— John está resolvendo uns negócios. Só volta amanhã. Então você está com um problema.

— Eu tenho feno o bastante.

Sarah pegou os quatro punhados de feno. Endireitou o corpo e fez menção de passar por ele, mas Sal estava em seu caminho. Não o bloqueava, porém isso bastou para que ela precisasse pedir que saísse da frente.

— O seu cavalo é muito bom.

— Eu sei.

— Não pode alimentar um cavalo desses com merda que cata no chão.

— É só até amanhã.

Ele tirou o cigarro da boca e pegou um chumaço de feno do monte que ela carregava, encostou a brasa acesa nele e ficou observando enquanto se reduzia a um fiapo preto.

— É bom para queimar. Só para isso. E mais nada. O seu avô continua doente, não é? — Ela assentiu. Um trem chacoalhou acima dos dois, mas

Sarah não tirou os olhos dele. — Não quero que você dê essa merda para o seu cavalo comer. Coloque aqui no chão.

Sal enfiou o cigarro de volta na boca, foi até seu armário e trouxe um fardo de feno. Ainda estava um pouco verde e exalava um cheio suave de campina. Ele o carregou sem esforço, segurando pelo barbante, indo até o armário dela e colocando no canto. Enquanto ela ficou ali parada, encostada na parede, ele voltou e pegou mais um. Então pegou um saco grande de ração premium de cavalo e, com um grunhido, colocou no armário dela.

— Pronto — disse ele. — Isso vai ajudar por um tempo.

— Não posso aceitar — sussurrou ela. — Eu não tenho dinheiro.

Ele parecia conseguir ler sua mente.

— Você me paga quando tiver dinheiro, certo? Se vou gerenciar este lugar, não quero ver um bom cavalo se deteriorar por causa de uma alimentação ruim. — Ele bateu com o calcanhar nos quatro punhados de feno. — Jogue isso no braseiro.

— Mas…

— Você aceita do John, não aceita? — Os olhos de Sal estavam fixos nela. Sarah assentiu com relutância. — Então, aceite de mim. Agora eu preciso cuidar da vida.

Ele saiu para o pátio gingando ao caminhar.

Sarah o observou se juntar aos homens e se abaixou para sentir o cheiro do feno novo. Tinha qualidade melhor do que a que estava acostumada. Sarah desconfiava que, se Vô estivesse ali, não iria deixá-la aceitar. Mas essa era a questão.

Olhou o relógio e sentiu um calafrio. Faltavam quatorze minutos para a hora em que deveria estar de volta à casa dos Hewitt. Quatorze minutos para percorrer um trajeto de ônibus que demorava cinquenta e cinco minutos. Cortou os barbantes do feno, pegou uma braçada e saiu meio que correndo até onde o seu cavalo esperava.

* * *

O silêncio de uma casa londrina tinha uma angústia curiosa, ela observou ao fechar a porta atrás de si, com seu chamado ecoando no nada. De algum modo, o silêncio da rua londrina que se estendia ao hall de entrada fez com que a dela parecesse bem mais vazia do que o chalé no interior. Ou talvez fosse a possibilidade de, naqueles últimos tempos, haver alguém em casa.

Natasha passou por cima das então onipresentes bolsas de câmeras e entrou na sala. Suspirou levemente ao ver o equipamento de iluminação fotográfica empilhado em um canto e conferiu a secretária eletrônica: a luz vermelha sem piscar lhe dizia que não havia mensagem.

Fungou em busca de vestígios de vinho ou de fumaça de cigarro, um sinal de que ele teria recebido visita, mas não havia nada. As almofadas do sofá estavam amassadas, revelando uma noite diante da televisão. Ela pegou uma por uma, afofou e devolveu ao lugar correto e então se sentiu levemente irritada por ter feito isso.

Voltou para o hall, pegou a mala e subiu a escada, com o som dos passos ecoando de um jeito que a deixou constrangida, sentindo-se uma estranha na própria casa.

Ela e Conor tinham salvado o fim de semana depois do início amargo, mas ela sabia que os dois haviam ficado chocados com a ferocidade da discussão, pelo espectro repentino de sentimentos que ambos tinham tentado negar. Em seu íntimo, ela estava contente por ele se incomodar com o fato de Mac estar ali, mas, ao mesmo tempo, sentia-se ressentida. Conor estava lhe pedindo permissão para opinar sobre a vida dela sem lhe abrir mais espaço na dele.

— Você vai conhecer os meninos, Poderosa — disse ele quando a deixou em casa. — Prometo. Só preciso de um pouco mais de tempo, certo?

Ele não tinha pedido para entrar em sua casa.

Natasha deixou a mala na cama e abriu o fecho. Ia colocar a roupa suja na máquina de lavar e depois passar as camisas sociais na frente da televisão. Mais tarde, iria se sentar à escrivaninha para preparar a papelada para o tribunal da manhã seguinte, garantindo que tinha tudo de que

precisava — uma rotina de domingo à noite tão conhecida para ela como a palma da mão.

Natasha ficou de pé, parada, por vários minutos, de algum modo paralisada por aquela nova atmosfera. Apesar da sua ausência física, Mac parecia onipresente na casa, como se a tivesse retomado para si.

— É melhor você conferir se ele não está pegando livros e fotos escondido — aconselhara Conor. — Dar-lhe acesso a tudo é o equivalente no divórcio a assinar um cheque em branco.

Mas ela não se incomodava com a perspectiva de perder coisas, mesmo que considerasse Mac capaz disso. Era a presença dele, o ar ao redor dele, que a desorientava.

Percebeu que ainda sentia raiva; raiva por ele não ter estado presente quando ela precisou, raiva por ele ter voltado para desestabilizar a vida dela quando a tinha reconstruído. Era típico de Mac entrar de sola sem pensar nas consequências. Ela o culpava pelo fim de semana, apesar de seu lado racional saber que a culpa não era dele. Ela o culpava pelo fato de ser obrigada a sair da própria casa. E ele parecia alheio a tudo isso: chegava, como sempre, com seu sorriso encantador e seu jeito simpático, como se nada pudesse afetá-lo. Como se seu casamento não tivesse passado de um pontinho minúsculo no radar emocional dele.

Quase sem saber o que estava fazendo, Natasha atravessou o patamar e foi até o quarto de visita. Chamou de novo, então empurrou a porta devagar; reparou na cama de Mac por fazer, as pilhas de roupa suja no canto, perto da cesta, o leve cheiro de maconha.

No fim das contas, ele não havia se emendado tanto assim. Natasha ficou à porta por um instante e então se pegou caminhando em silêncio pelo quarto até o banheiro anexo. O barbeador dele estava em um copo com a pasta de dentes e uma escova. O tapetinho estava embolado no piso ladrilhado e ela teve de se segurar para não ajeitá-lo. Mas a bagunça lhe dava uma noção de segurança perversa: um eco do homem que Natasha sabia que ele era. Caótico. Imperfeito. É por isso que estamos nos divorciando, lembrou a si mesma, quase sentindo carinho por ele por causa daquela certeza.

Foi quando ela estava saindo que reparou no pote na prateleira de vidro na outra ponta do banheiro, dentro de uma caixa cara cor de creme e dourada: o hidratante de uma mulher. Ao lado dele, um pacote de lencinhos demaquilantes.

Algo nela gelou e se solidificou. E então, piscando rápido, com os pés sem se importarem com onde pisavam nem se faziam barulho, Natasha deu meia-volta e saiu apressada do quarto de visita.

8

"A majestade dos próprios homens é mais bem percebida na maneira graciosa de lidar com tais animais."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

O tapete na sala do diretor era felpudo e azul, tão exuberante e macio que quase nenhum aluno que ia parar ali conseguia tirar da cabeça a ideia de como seria arrancar os sapatos e as meias e afundar os pés nele. Talvez fosse por isso que tantos visitantes esporádicos do Sr. Phipps pareciam distraídos, não refletindo fielmente o nível de déficit de atenção na escola.

Sarah não estava distraída por causa do tapete, mas sim pelo fato de não ter conseguido ir ao haras nas quarenta e oito horas anteriores.

— É a quarta vez que você perde os dois tempos de inglês neste semestre, Sarah. Antes, essa era uma das suas melhores matérias. — O Sr. Phipps examinou os papéis à mesa. Ela retorceu as mãos diante do corpo. — Sei que as coisas estão um pouco difíceis na sua casa, mas você nunca faltou às aulas. Está com dificuldade para chegar à escola? A família com que está morando não ajuda?

Ela não podia contar a verdade, que dissera a eles que perdera o passe de ônibus e usara o dinheiro que então lhe deram para comprar a forragem da baia de Boo.

— Eles têm a obrigação de garantir que você vá à escola, Sarah. Então, se não estiverem lhe ajudando a chegar aqui a tempo para as aulas da manhã, nós precisamos saber.

— Eles estão ajudando.

— Então por que você tem faltado?

— Eu… me confundo com as linhas de ônibus. Eu perdi o ônibus.

Boo estava começando a sentir falta da rotina. Naquela manhã, ele quase tinha fugido do estábulo, depois havia assustado uma mulher com um carrinho de bebê e disparado pela rua, o que fez um táxi buzinar para ele. Sarah ficou parada na frente do capô, berrando com o motorista. Quando chegara ao parque com Boo, ele refugara e então se recusara a obedecer às ordens dela, posicionando a boca no bidão. Ela ficara irritada e decepcionada com ele, mas se arrependera depois, quando voltaram para o estábulo, suados e arrasados.

— As autoridades locais vão pagar um táxi. Vamos fazer o que for necessário, Sarah, se o transporte for mesmo o problema. — Ele uniu as pontas dos dedos. — Mas não acho que você esteja me contando tudo. Diz aqui que faltou duas vezes à aula de geografia nas quintas-feiras à tarde e três vezes à educação física nas tardes de sexta-feira. Gostaria de me explicar como isso aconteceu?

Ela olhou para os pés. Alguém que tinha um tapete tão luxuoso como aquele não conseguiria entender uma vida como a dela.

— Eu fui visitar o meu avô — murmurou ela.

— Ele continua no hospital?

Ela assentiu. Até Vô ficara bravo quando ela aparecera lá na sexta-feira. Ele havia olhado para o relógio na parede e murmurado:

— Errado. *Après*.

Ela não precisara se esforçar para entender o que ele queria dizer. O avô tinha dito que não era mais para ela ir naquele horário. Mas ele não fazia ideia. Não sabia que ela passava a metade do dia correndo pelo nordeste de Londres, pulando de um pé para outro nos pontos de ônibus, ou disparando por ruazinhas para tentar chegar ao estábulo e sair de lá a tempo de respeitar os horários de todos.

— Ele está melhorando? — perguntou o diretor.

A expressão do homem tinha se suavizado. Se fosse um tipo diferente de pessoa, pensou Sarah, ela teria chorado: todo mundo sabia que Phipps não suportava ver meninas se esvaindo em lágrimas.

— Um pouco — respondeu.

— Este é um momento difícil para você. Eu compreendo. Mas precisa considerar a escola como algo constante na sua vida, algo em que pode se apoiar. Se está com dificuldades, Sarah, precisa conversar conosco. Comigo ou com seus professores. Todo mundo aqui quer que você tenha sucesso. — Ele se recostou na cadeira. — O que você não pode fazer é faltar aula para visitar o seu avô na hora em que quiser. Vai ter que começar a pensar nas suas provas em breve, e este momento é fundamental na sua vida escolar. Você acha algumas matérias difíceis, certo? Então, precisa vir às aulas, não importa o que esteja acontecendo na sua vida, para sair daqui com uma educação sólida. — Ela assentiu sem olhá-lo nos olhos. — Quero ver uma melhora, Sarah. Uma melhora real. Acha que pode fazer isso?

Cowboy John estava lá na última vez. Ele tinha ido visitar Vô e a primeira coisa que disse quando ela passou pelo portão foi que ia liberá-la de pagar o aluguel atrasado. Ele falaria com Maltese Sal, e ficaria tudo bem. Ela só teria que começar do zero quando Sal assumisse. Dava para ver pela expressão de John que ele esperava que Sarah ficasse aliviada. Mas ela havia sentido o sangue se esvair do rosto. Sabia o que aquilo significava: que ele já não acreditava que Vô poderia pagar a dívida.

Ele não acreditava mais que Vô voltaria para casa.

— Chega de matar aula, Sarah. Combinado?

Ela ergueu a cabeça.

— Combinado — disse, imaginando se o Sr. Phipps conseguia ler seus pensamentos.

* * *

Natasha se sobressaltou quando o viu na cozinha. Eram quinze para as sete da manhã. Quando moravam juntos, ele mal se mexia antes da dez.

— Arrumei um trabalho em Hertfordshire. Um ensaio publicitário. Cabelo, maquiagem, o serviço completo. Vou demorar uma boa hora e meia para chegar lá. — Mac estava com cheiro de xampu e creme de barbear, como se já tivesse tomado banho. Ela não tinha ouvido nada que

indicasse aquilo, pensou, enquanto disfarçava o choque preparando o café da manhã. — Espero que você não se incomode. Eu usei o último saquinho de chá. — Ele ergueu a mão e acenou com uma fatia de pão torrado. Estava lendo o jornal. — Compro mais hoje. Você ainda toma café, certo?

Ela fechou a porta do armário.

— Acho que vou ter que tomar — respondeu.

— Ah. E lembra que eu disse que ia sair quinta-feira e passar uns dias fora? Bom, o trabalho foi cancelado, então vou ficar por aqui, no fim das contas. Tudo bem por você?

— Tudo.

Ele havia derramado um pouco de leite na bancada da pia.

— Quer ler? — Ele indicou o jornal. — Desculpe. Eu não tive a intenção de roubá-lo.

Natasha sacudiu a cabeça. Tentou resolver onde ia se sentar. Se ficasse em frente a ele, os dois poderiam encostar os pés. Se ficasse ao lado de Mac na mesa, poderia parecer que queria estar perto dele. Paralisada entre as duas opções, Natasha permaneceu em pé ao lado dos armários com sua tigela de cereal.

— Eu fico com a seção de esportes. Pode ficar com a parte principal. Alguma notícia do corretor? Eu queria ter perguntado ontem à noite.

— Dois casais vão visitar a casa no fim de semana. Aliás, eu queria que você não fumasse maconha aqui.

— Você não se incomodava com isso antes.

— Na verdade, eu me incomodava, sim. Só nunca falei. Mas essa não é a questão. Se vai ter gente aqui para ver a casa, não acho que seja bom o lugar cheirar como um café de Amsterdã.

— Anotado.

— E o corretor tem a chave, então você não precisa estar em casa.

Ele ajeitou a cadeira para olhar melhor para ela.

— *Eu* não preciso estar aqui? Você vai viajar de novo?

— Vou.

— Nossa, você tem passado muitos fins de semana fora. Para onde vai dessa vez?

— Faz diferença?

Ele ergueu as mãos.

— Só estou tentando ser educado, Tash.

— Vou para Kent de novo.

— Legal. Você deve gostar de lá. Conor tem uma casa lá, é isso?

— Algo assim.

— Ele não vem muito aqui, vem?

— Por que será?

Ela se concentrou no cereal.

— Você me surpreende. Até parece que ele se preocupava tanto quando a gente ainda estava junto… Certo… Certo — completou ao vê-la levantar a cabeça de supetão. — Eu sei. Ano zero. A gente não deve falar sobre O Que Aconteceu Antes.

Natasha fechou os olhos e respirou fundo. Era cedo demais para aquilo.

— Claro que a gente pode conversar sobre o que houve antes, Mac. Só acho que a vida vai ficar mais fácil sem comentários sarcásticos sobre o que aconteceu no nosso casamento. Ou sobre o que não aconteceu — retrucou ela, dando uma ênfase maior às últimas palavras.

— Por mim, tudo bem. Eu já disse que, se ele quiser vir aqui, eu posso sair. A gente pode combinar as noites se você quiser. Eu saio na terça, você sai na quarta, esse tipo de coisa. — Ele examinou algo no jornal com muita concentração e completou: — A gente pode ser um ex-casal moderno.

Natasha estendeu a mão para pegar o café.

— Acredito que tudo isso será resolvido muito antes de a gente começar a combinar "noites de namoro".

Noites de namoro. Ela sentiu a existência da mulher invisível com toda a força: sabia que, nos fins de semana em que não ficava em casa, a mulher estava lá, mesmo não entrando mais escondida no banheiro de visitas para confirmar. Às vezes desconfiava que dava para detectar o cheiro da outra no ar. Outras vezes, era só o comportamento de Mac. Ele ficava solto, relaxado… do mesmo jeito que costumava ficar depois de

passarem boa parte do dia na cama. *Você passou o fim de semana inteiro transando na nossa casa*, pensava ela, então se condenava por isso.

O cereal tinha ficado empapado em sua boca. Engoliu o resto e empurrou a tigela na direção do lava-louça.

— Está tudo bem com você?

— Tudo.

— Tudo bem de novo. Não está achando isso difícil demais?

Às vezes Natasha tinha a impressão de que ele a estava testando. Como se quisesse que ela dissesse que não aguentava mais e fosse embora. Não vá embora, Conor a tinha advertido, apesar do que sentia. No momento em que saísse de casa, ela perderia a vantagem moral e jurídica. Se Mac estava investindo tanto tempo e esforço naquilo, talvez não quisesse tanto assim ir embora.

— É ele que quer vender — argumentara Natasha.

— É o que ele quer que você pense — respondera Conor. Ele conseguia vislumbrar possibilidades subversivas em quase todo tipo de comportamento e considerava a presença de Mac semelhante à de um inimigo em plena ocupação. — Não ceda nem um centímetro. Não recue. Não permita que ele saiba quais são os seus planos.

— Não estou achando nem um pouco difícil — respondeu ela, animada.

— Ótimo. — A voz de Mac ficou mais suave. — Antes de voltar, eu fiquei com um pouco de medo de como isso funcionaria.

Ela não sabia bem se acreditava naquilo. Mac não parecia nem um pouco preocupado com coisa alguma. Isso não havia mudado.

— Bom, como eu disse, não se preocupe por minha causa. — Ele não encarou Natasha. — O que foi? — perguntou ela.

— Nada muda, não é mesmo, Tash?

— O que você quer dizer com isso?

Ele a examinou por um momento, sem sorrir.

— Você continua sem revelar nada. — Eles se encararam. Mac desviou o olhar primeiro e engoliu o chá, então comentou: — Ah, aliás, eu lavei roupa ontem à noite e tinha algumas coisas suas na cesta, então lavei tudo.

— Que coisas?

— Ah… uma camiseta azul. E basicamente roupa íntima. — Ele terminou de tomar o chá. — Quer dizer, lingerie. — Virou uma página do jornal. — Reparei que você deu um upgrade desde que a gente se separou… — O rosto de Natasha ficou quente. — Tudo bem. Eu coloquei na temperatura baixa. Entendo dessas coisas. Acho que até botei no modo delicado.

— Não — disse ela. — Não…

Ela se sentiu terrivelmente exposta. Só de pensar naquilo.

— Eu só estava tentando ajudar.

— Não. Não estava. Você está… está… — Ela pegou a pasta de trabalho e saiu, irritada, em direção à porta. Então deu meia-volta. — Não encoste na minha roupa íntima, certo? Não encoste nas minhas roupas. Não encoste nas minhas coisas. A sua presença aqui já é ruim o suficiente sem você remexendo nas minhas calcinhas.

— Ah, fala sério. Você acha que a maior emoção que eu posso ter é remexer na sua roupa suja? Caramba, eu só estava tentando ajudar.

— Bom, não tente, pode ser?

Ele jogou o jornal na mesa.

— Não se preocupe. Daqui para a frente não vou nem chegar perto das suas calcinhas. Se me lembro bem, na verdade, nunca cheguei mesmo.

— Ah, mas que legal — disse ela. — Isso é mesmo algo muito legal para se dizer, maravilha.

— Desculpe. Eu só…

Mac suspirou fundo. Os dois ficaram olhando para o chão, então ergueram o olhar e se encararam. Ele levantou as sobrancelhas.

— Vou passar a lavar a minha roupa separada. Certo?

— Ótimo — disse ela, fechando a porta com firmeza atrás de si.

* * *

Sarah estava debruçada por cima do pescoço do cavalo, os dedos dos pés apertados nos estribos, o vento levando as lágrimas que escorriam na horizontal pelo canto de seus olhos. Avançava tão rápido que seu corpo

todo doía: as mãos, que seguravam firme na cernelha com as rédeas bem presas; a barriga, por conta do esforço para manter a posição contra as forças conjuntas do vento e da gravidade; as pernas, que se empenhavam para se prender com firmeza nos flancos do animal. A respiração dela era ofegante, os braços apertavam o pescoço do cavalo à medida que ele disparava, enquanto o trovejar dos cascos enchia os ouvidos dela. Sarah não faria com que ele parasse. Fazia semanas que Boo precisava daquilo, e ali o terreno era amplo e nivelado o suficiente para que ela o deixasse disparar até que se cansasse.

— Vá em frente — sussurrou para ele. — Vá.

As palavras ficaram presas na garganta dela. Boo não teria escutado nem se tivesse berrado; estava perdido em algum mundo puramente físico só dele. O instinto lhe dizia para aproveitar a liberdade, permitir que seus músculos tolhidos se esticassem, que as pernas voassem pelo chão áspero, que os pulmões se contraíssem com o esforço de manter a velocidade acelerada. Ela entendia. Também precisava daquilo.

Ao longe, pilares de aço perfuravam o horizonte, unidos por cabos que traçavam uma progressão delicada pela cidade. Abaixo deles, em uma faixa fina erguida por pilastras de concreto que atravessava os pântanos, o trânsito se movia em uma procissão infinita. Várias buzinas soavam a distância; talvez fossem para ela, mas Sarah não poderia se concentrar por tempo suficiente para saber. Boo avançava mais depressa do que os carros e caminhões presos no trânsito da hora do rush, e a maneira como aquilo a eletrizava ameaçava se transmutar em medo enquanto ela se perguntava se conseguiria parar. Nunca tinha ido tão longe com ele, nunca permitira que corresse tão rápido. Ele deu uma guinada para evitar uma bicicleta velha no meio do capim alto, quase fazendo com que ela caísse. Ao se esforçar para manter o equilíbrio, Sarah sentiu os quartos fortes do animal se retesando enquanto ele avançava com mais rapidez, deixando a visão dela borrada, prendendo sua respiração no peito. Ela ergueu a cabeça do pescoço dele e cuspiu os fios da crina que batiam em sua pele, tentando avaliar a distância que haviam percorrido. Puxou as rédeas de leve, reconhecendo que teria pouca força para segurá-lo se ele resolvesse se

rebelar. Alguma parte distante dela pouco se importava: como seria mais fácil para eles continuar indo em frente. Subir correndo aquele barranco de capim e atravessar direto a estrada, desviando do tráfego, as ferraduras soltando faíscas. Saltariam por cima dos carros, das cercas. Dispariam por sob as pilastras, passariam pelos armazéns e estacionamentos e seguiriam em frente até saírem da cidade. Só ela e seu cavalo, galopando no meio do capim alto rumo a um futuro descomplicado.

Mas em alguma medida Boo ainda pertencia a Vô. Sentindo a tensão crescente nas rédeas, ele diminuiu a velocidade, obediente, com as orelhas indo para a frente e para trás, como se tentasse conferir se tinha entendido a mensagem. Sarah se permitiu afundar na sela e foi deixando o corpo ereto lentamente, reforçando que dizia a ele para ir mais devagar. Para fazer o que ela pedia. Para retornar ao mundo deles.

A uns quinze metros da estrada de mão dupla, Boo desacelerou e passou a caminhar, com as laterais do corpo suadas, arfando com o esforço do que acabara de fazer; a respiração saía das narinas em arroubos curtos e ruidosos.

Sarah permaneceu sentada, estreitando os olhos para a distância que havia percorrido. Já não estava mais ao vento, porém as lágrimas continuavam escorrendo.

* * *

Ruth, a assistente social, estava no portão da escola. Sarah estava procurando moedas na mochila quando a viu. A mulher se postara de pé ao lado da saída e tinha estacionado o carrinho vermelho do outro lado da rua, como se não quisesse ser intrometida. Todos os alunos olhavam para ela de boca aberta ao sair pelo portão. Sarah foi até ela com relutância; Ruth não teria chamado mais atenção se estivesse usando um avental com as palavras “Assistente Social” escritas em néon. Todos os assistentes sociais tinham aquela mesma aparência, feito um policial à paisana.

— Sarah?

O coração dela deu um salto ao se dar conta do possível significado da presença da mulher ali. Ruth devia ter percebido, porque, quando Sarah correu na sua direção, disse:

— Não aconteceu nada com o seu avô. Não precisa se preocupar.

Seu peito murchou de alívio, e, com relutância, Sarah seguiu a mulher até o carro, abriu a porta do carona e entrou. Tinha planejado visitar Vô naquela noite; metade dela ficou se perguntando se conseguiria convencer Ruth a lhe dar uma carona. Foi então que reparou nas duas malas pretas no banco traseiro. Pela abertura de uma delas, identificou sua calça de moletom. Cinco semanas e duas mudanças lhe diziam o que aquelas malas significavam.

— Estou indo para algum lugar?

— Sarah, os Hewitt se cansaram. — Ela deu a partida no carro. — Não é você… Eles a acham uma menina adorável… Mas assumir a responsabilidade por alguém que vive desaparecendo é demais para eles. Foi o mesmo com os MacIver. Eles têm medo de que algo aconteça com você.

— Não vai acontecer nada comigo — disse Sarah, com a voz carregada de escárnio.

— A escola também está preocupada. Me contaram que você anda faltando às aulas. Quer me dizer o que está acontecendo?

— Não está acontecendo nada.

— Tem algum garoto envolvido? Algum homem? Você tem sumido por muito tempo, Sarah. Não pense que a gente não repara. Entre os Hewitt e a escola, fizemos as contas.

— Não. Não tem garoto nenhum. Nem homem nenhum.

— Então o que é?

Sarah raspou os pés no tapete de borracha. Queria que Ruth fosse para algum lugar em vez de ficar ali parada na frente da escola, onde todo mundo podia olhar para o carro ao sair pelo portão. Mas a assistente social estava esperando uma resposta.

— Eu queria ver o meu avô.

— Mas não é só isso, é? Fui ao hospital na terça-feira, na última vez que a escola me ligou para dizer que você tinha sumido. Fui pegar você lá, mas você não tinha ido ao hospital naquele dia. Onde estava?

Sarah ficou olhando para as mãos, que ainda tinham bolhas das rédeas. Eles iam descobrir. Ela sabia que iam. Pensou em Boo, na sensação de montá-lo, a noção fugidia de liberdade enquanto corriam rumo a um futuro diferente. Enfiou a mão na mochila, em um reflexo, procurando as chaves do estábulo.

— Você tem que me ajudar, Sarah. Estou ficando sem opção para você. Já passou por duas famílias em cinco semanas. Essas pessoas são boas, legais. Você quer ir parar em uma instituição? Posso colocá-la em um abrigo, onde vão se certificar de que você não saia. Podemos impor um toque de recolher, ou arrumar alguém para acompanhá-la até a escola na ida e na volta todos os dias. É isso que você quer, Sarah?

A menina enfiou a mão na mochila e tirou de lá um pedaço de papel.

"Qualquer coisa que você precisar", dissera ele. "Qualquer coisa mesmo."

— Mac — disse ela, erguendo o rosto para encarar Ruth. — Eu quero voltar para a casa de Mac.

* * *

Dez pessoas. Seis visitas à casa. E nenhuma oferta. O corretor tinha tentado se justificar.

— São as taxas de juros — argumentara ele. — Deixam as pessoas nervosas, e aí elas demoram o dobro do tempo para fazer uma oferta.

— Mas a gente precisa vender esta casa.

Natasha tinha se espantado consigo mesma. No começo não quisera sair, mas isso tinha sido antes de Mac fixar residência.

— Então minha única sugestão é reduzir o preço. Tudo vende se estiver barato o suficiente. Ah, e, se me permite dizer, acho que ajudaria se dessem uma arrumação no quarto de visita. Nunca ajuda quando

compradores em potencial precisam passar por cima de… hum… cuecas para chegar ao banheiro.

Natasha estava na banheira, imaginando quanto teriam que baixar o preço para conseguir vender. Precisaria ser o suficiente para atrair compradores, mas, se baixasse demais, ela se sentiria enganada. Era uma casa linda em uma rua bacana. Todo mundo dizia que aquela área de Londres estava em alta. Além disso, ela precisava do suficiente para comprar um apartamento em outro lugar.

Quando pensava sobre voltar a morar em um apartamento, não conseguia dispersar a nuvem de tristeza que pairava sobre ela. Ao chegar à metade da casa dos trinta, era de se esperar que a pessoa tivesse estabelecido a base da sua vida. Já deveria ter achado um parceiro e se fixado em uma casa que adorava, com uma boa carreira. Quem sabe um bebê ou dois. Mal dava para ver sua barriga lisinha por baixo do mapa em relevo das bolhas de sabão. Um em quatro dos requisitos. Pensando bem, não era um resultado nada bom. E, desde o episódio com Ahmadi, ela já nem sabia mais se realmente se sentia confiante em relação à carreira.

— Natasha?

Ela se sentou ereta na banheira e viu que tinha se lembrado de trancar a porta.

— Estou aqui — gritou ela.

Por favor, que ele não tenha trazido ninguém para casa.

Ela ouviu o baque seco de objetos sendo largados no chão, os passos dele na escada. O equipamento dele ia sendo empilhado cada vez mais no hall de entrada: montes de holofotes, bolsas de câmeras de lona, rebatedores de luz. Era tanta coisa que em breve Natasha seria forçada a brincar de saltar pedrinhas para entrar ou sair de casa.

— Estou na banheira — gritou de novo.

Escutou quando Mac parou do outro lado da porta e se sentiu estranhamente constrangida. Quase podia vê-lo com a camiseta e a calça jeans, passando a mão pelo topo da cabeça.

— Fui ao supermercado — disse ele. — Trouxe um monte de coisa. Está tudo na cozinha. Chá e tudo o mais. — *Maravilha*, pensou ela. *Quer*

uma medalha? — E liguei para o corretor — continuou ele. — Disse que aquelas últimas pessoas talvez ainda façam uma oferta. Só faz dois dias que estiveram aqui.

— Não vão fazer, Mac. Quando se gosta de um lugar, se faz uma oferta direto. Você sabe como funciona.

Ela escutou quando ele recebeu uma mensagem de texto. Ao voltar a falar, parecia distraído, como se estivesse escrevendo a resposta. Ele nunca conseguira fazer duas coisas ao mesmo tempo. Natasha afundou mais na banheira, deixando as bolhas subirem até o queixo, e a voz e Mac ficou abafada.

— Bom, de qualquer forma, ele deve ter contado para você que uma pessoa vem na quarta-feira. Então, nunca se sabe.

Eles tinham visto a casa juntos. Mac viera direto do trabalho, ainda com a câmera pendurada no pescoço. Ela tinha dito que ele parecia alguém querendo se exibir, mas ele havia tirado fotos dos cômodos, e depois os dois ficaram animados com a luz, com o espaço. Fizeram uma oferta na manhã seguinte.

— E eu recebi outra ligação.

Dessa vez ele pareceu um tanto inseguro. Natasha secou os olhos.

— O que foi?

Ela se sentou ereta.

— Da assistência social. Aquela menina que passou a noite com a gente.

— O que tem ela?

— Perguntaram se a gente poderia considerar ficar com ela durante algumas semanas. Parece que seu lar não está dando certo. — Ele hesitou. — Ela pediu para ficar com a gente.

Os olhos cautelosos daquela menina para o prato do café da manhã. A expressão de choque dela ao confrontar a devastação da sala do apartamento do quinto andar.

— Mas a gente não conhece a menina.

— Ela disse a eles que nós dois somos amigos da família dela. Eu não quis contradizer. Mas acho que é irrelevante. Eu respondi que achava que

não seria possível.

Natasha saiu da banheira.

— Por quê?

Ele não respondeu de imediato. Natasha ouviu quando Mac chegou mais perto da porta.

— É que você pareceu… relutante antes. Eu não sabia se ia querer uma estranha em casa, com tudo o que está acontecendo. Eu disse a eles que você talvez estivesse com trabalho demais.

— A gente não sabe nada sobre ela.

— É verdade.

Natasha se enrolou em uma toalha branca macia e se sentou na lateral da banheira.

— O que você acha?

Ela estava de frente para a porta.

— Eu não me incomodo, se for para ajudar a menina durante algumas semanas. Só até a gente vender a casa. Ela pareceu ser uma garota legal.

Natasha percebeu na voz dele que ficaria tão aliviado quanto ela. Um foco de atenção diferente. Uma quebra forçada na tensão.

Pensou de novo no pacote roubado de peixe empanado. A menina tinha jurado que ia pagar. Vamos lá, disse a si mesma. Nem todos os jovens estão condenados. Talvez ela só precisasse de uma chance.

— Tash?

Talvez isso fosse o mais próximo que ela chegaria de ser mãe.

— Acho que não teria mal em algumas semanas — respondeu. — Mas você vai ter que adaptar o seu trabalho em função dela. Vou começar um caso importante e não vou conseguir tirar folga.

— Acho que eu consigo.

— Não sei… É muita responsabilidade, Mac. Você vai ter que fazer sua parte: parar com os baseados, beber menos. Não vai poder ir e vir como bem entender. Seria uma grande mudança de estilo de vida para você. Aliás, não sei se você…

— Vou ligar para eles — interrompeu Mac. Seus passos já se dirigiam para a escada. — Para saber o que a gente precisa fazer.

9

"Primeiro, então, deve-se perceber que o humor em um cavalo é exatamente o mesmo que raiva em um homem."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Ela escutou Sarah descer a escada antes de vê-la. Seus passos enganavam de tão leves, quase como se ela não quisesse que a escutassem, mas, para Natasha, ainda muito consciente da presença de outras pessoas em sua casa, foi o bastante para distraí-la de seus documentos. Estava trabalhando na mesa da cozinha (tinha perdido o escritório para Mac, que passara a dormir lá) e se inclinou na cadeira para ver atrás da porta.

— Vai sair?

Sarah deu meia-volta no hall de entrada, quase como se não esperasse ter sido vista. Usava um casaco acolchoado e um cachecol de lã listrado.

— Não vou demorar — respondeu ela.

— Aonde você vai? — questionou Natasha, tentando parecer despreocupada.

— Vou visitar um amigo.

Natasha se levantou.

— Quer uma carona?

— Não… obrigada.

— Bom, quer que eu vá buscar você depois, agora que está ficando mais escuro no fim da tarde? Não me daria trabalho nenhum.

Sarah sorriu. Não foi muito convincente.

— Não, obrigada. Eu posso pegar o ônibus.

Antes que Natasha pudesse retrucar, a menina já tinha saído. A mulher ficou olhando para a porta de entrada, com a caneta ainda entre os dedos.

Fazia dez dias que Sarah estava com eles, e, depois do estranhamento inicial dos dois primeiros dias, em que a menina mal falara e ficara escondida no quarto nas horas em que Natasha estava em casa, os três tinham entrado em uma espécie de rotina. Natasha preparava o café da manhã (era geralmente quem acordava primeiro) e Mac deixava Sarah na escola, por conselho da assistente social. Ele era responsável pelas duas horas após a aula, e, depois, dependendo da hora que Natasha chegasse do trabalho, Sarah e Mac, ou os três, jantavam juntos em algum tipo de simulação de vida em família. No começo havia sido meio constrangedor fazer refeições com Mac. O papo era forçado e incerto. Mas ele falava com Sarah, e, mesmo que ela não dissesse muito em resposta, tinham pelo menos se acomodado com algo que parecia um pouco mais seguro e até, de vez em quando, agradável. A vida de Sarah, suas pequenas necessidades e até sua relutância davam foco ao diálogo deles.

A escola tinha ligado duas vezes para dizer que ela havia faltado à aula. Sarah afirmou que se confundira com o horário. E, uma vez, que estava presente e o professor se enganara. Tinham sido avisados por Ruth, a assistente social, de que a menina nem sempre seguia as rotinas estabelecidas para ela.

— Tivemos alguns problemas por ela não estar onde deveria — contara Ruth.

Natasha ficou com a impressão de que a assistente social não estava contando tudo o que eles precisavam saber.

— Mas esse não é o objetivo de ser adolescente? — comentara Mac, todo animado. — Eu nunca estava onde deveria.

— Só acho que vocês não devem dar tanta liberdade a ela — prosseguiu Ruth, direcionando os comentários a Natasha. — De acordo com o que sabemos, o avô dela era bem rígido, e ela parece estar saindo um pouco da linha para reagir à falta de estabilidade. Faltou a várias aulas e parece bem relutante em falar sobre o que anda fazendo. Não estou sugerindo que ela vá ser um problema para vocês — completou, depressa. — Só quero dizer que ela parece ser uma menina que se dá melhor quando tem uma rotina.

E, se vocês puderem estabelecer alguns limites em relação a quando ela sai e para onde vai, acho que será melhor para todos.

Ruth dissera, sorrindo, que tinham a vantagem de Sarah ter pedido para ficar com eles.

— Percebemos que os jovens ficam bem melhores quando estão no ambiente em que escolhem. Tenho certeza de que esse será o caso aqui.

Natasha não tivera tempo de se sentir lisonjeada. Depois que Sarah havia se acomodado, parecia ter vontade de passar o mínimo de tempo possível ali. Era monossilábica no jantar, ficava no quarto durante a maior parte do tempo em que estava em casa e passava tantas horas fora que às vezes nem parecia que eles estavam hospedando mais uma pessoa.

Naquele primeiro jantar, Mac dissera:

— Certo. A gente nunca teve uma hóspede da sua idade aqui em casa. Como você quer fazer?

Ele parecera muito animado e relaxado. Natasha estava ao fogão, raspando pizza queimada da assadeira, tentando fingir que não escutava.

— Eu costumo visitar os meus amigos depois da aula — respondera a menina, com cautela.

Mac dera de ombros.

— Tudo bem. Então vamos fazer isso duas vezes por semana para começar. Acho que você deve voltar direto para cá nos outros dias, e vamos repassar seu dever de casa juntos. Só não garanto ter a menor ideia do que você deveria estar fazendo.

— Estou acostumada a entrar e sair de casa sozinha.

— E a gente não está acostumado a ter alguém em casa, então será preciso um tempinho para todo mundo se ajustar, Sarah. Tenho certeza de que logo a gente vai poder dar as chaves para você, mas coopere por enquanto. Certo?

A menina tinha dado de ombros.

— Certo.

Natasha pensara que tê-la em casa era simplesmente a cortina de fumaça de Mac para disfarçar o desconforto que sentiam em relação um ao outro. Mas ele estava se desdobrando para cuidar de Sarah. Tinha parado

de fumar e não bebia mais do que uma taça de vinho ou um copo de cerveja por noite. Dera uma olhada nos livros de receita para cozinhar quando Natasha não estivesse em casa. Parecia saber de modo instintivo como conversar com Sarah, o que ela poderia gostar de comer ou ver na televisão. Algumas vezes, a garota sorria quando Mac dizia algo e contava a ele alguns acontecimentos do dia depois de voltar da escola.

Natasha tinha dificuldade de encontrar o tom certo: com frequência, até mesmo para os próprios ouvidos, soava como se estivesse falando com um cliente.

— Você precisa de alguma coisa? O que costuma levar de almoço para a escola?

Parecia sem jeito, um interrogatório, e Sarah ficava com uma expressão de cautela durante esses diálogos, como se de algum modo também parecessem constrangedores para ela.

A menina não quis que Natasha a ajudasse a personalizar o quarto de hóspede. Tinha sorrido educadamente quando a anfitriã lhe mostrara a nova capa de edredom que havia comprado e os produtos de higiene que colocara no banheiro. Recusara com gentileza o convite para sair no fim de semana e comprar alguns pôsteres ou fotos para pendurar na parede. Natasha tinha entrado no quarto certa tarde, quando Sarah estava na escola, para tentar entender quem ela era, do que podia estar precisando, mas seus pertences davam quase nenhuma pista: algumas roupas baratas de lojas de departamento, nada diferentes das que ela via em outras adolescentes, uma foto dela com dois idosos, provavelmente os avós. Alguns livros sobre cavalos e o uniforme da escola. Era estranho, porque, por mais que ela estivesse limpa, seus sapatos geralmente estavam imundos, cobertos de lama, e a calça jeans tinham manchas de terra e um cheiro que Natasha não conseguia identificar. Quando tentara tocar no assunto certa noite, Sarah ficara corada e dissera que ela e um amigo tinham passeado com o cachorro no parque.

— Tudo bem. Ela vai se abrir, dê um tempo — aconselhara Mac, depois que Sarah se enfiou no quarto. — Pense em como deve ser estranho para ela. Nos últimos meses, a vida dela virou de cabeça para baixo.

Natasha teve vontade de dizer que não tinha sido só a vida da menina. Mas pegou seus papéis e foi trabalhar na cozinha, sentindo-se uma intrusa na própria casa, como vinha acontecendo cada vez mais.

* * *

— …Então, eu não vou para Kent neste fim de semana.

Conor parecia não acreditar no que estava escutando.

— Você e Mac estão com uma criança? — repetiu ele.

— Não fale assim, Conor. A gente não está com ela desse jeito. É só uma menina que conheci e que vai ficar conosco até o avô melhorar. Na verdade… está tornando as coisas mais fáceis para nós. Está tudo menos tenso.

Conor não compartilhava do ponto de vista de Natasha.

— Será que estou entendendo errado, Poderosa? — perguntou ele, passando os dedos na pasta de couro. — Primeiro, ele volta para a sua casa. Agora, vocês dois estão cuidando de uma menina juntos. E você não pode passar o fim de semana comigo porque estão brincando de família feliz.

Ela estava conseguindo manter a calma.

— É o primeiro fim de semana que ela passa aqui. A assistente social vai fazer uma visita na sexta-feira à noite para ter certeza de que está bem acomodada, e eu não posso simplesmente sumir logo depois que ela acabou de se mudar.

— Então, vocês estão brincando de família feliz.

— Conor, as coisas estavam impossíveis. Acho que Mac também estava tendo muita dificuldade com a situação. Ter uma terceira pessoa em casa significa que a gente não precisa lidar um com o outro do mesmo jeito.

— Parece ótimo, mas estou com dificuldade de ver as coisas assim. Quando se tem filhos…

— Não é igual a *ter* filhos. É uma menina com vida e interesses próprios. Ela mal fica em casa na maior parte do tempo.

— Então qual é o objetivo se ela nem fica lá? Você disse que com ela em casa vocês nem têm que lidar um com o outro.

Meu Deus, ela detestava discutir com um advogado.

— Não tente distorcer as minhas palavras. Ela pediu para ficar, e tanto o Mac quanto eu consideramos isso uma possibilidade de transformar uma situação doméstica difícil em algo não tão ruim. E uma maneira de ajudar uma garota que está enfrentando problemas.

— Mas que altruísta da sua parte.

Ela deu a volta na mesa de trabalho, foi até onde Conor estava sentado e se acomodou ao lado dele. Baixou a voz.

— Se você conhecesse uma garota bem bacana que precisasse de um lar durante algumas semanas, alguém que você talvez pudesse ajudar a ter uma vida melhor, não diria sim? — Com esse argumento, ela o desarmou. — Você é pai. Imagine se fosse um dos seus filhos. Não ia querer que alguém decente o acolhesse? — Natasha tentou fazer com que ele a olhasse nos olhos. — Quando a gente vender a casa, ela vai voltar para onde mora e cada um vai poder tomar o seu rumo. Funciona para todo mundo.

Ela estendeu a mão para pegar a dele, mas Conor recolheu o braço e inclinou a cabeça.

— Claro. Entendo tudo isso. Mas me explique só uma coisa. — Ele se curvou para a frente. — Como foi que você explicou a sua situação para as autoridades? Tenho certeza de que deve ter parecido estranho… Duas pessoas que quase não se viram durante um ano, que nem gostam uma da outra até onde se sabe, de repente se oferecendo para tomar conta de uma alma em apuros… — Natasha respirou fundo, e Conor concluiu: — Ah. Ah, eu sabia…

— Não, Conor, é que…

— Não explicaram, não é mesmo? Eles acham que vocês ainda estão juntos. Para todos os efeitos, não passam de mais um casal. — A voz dele era ferina.

— Não havia motivo para levantar a questão… E você sabe muito bem que eu não mudei o meu sobrenome.

— Que conveniente.

— Acabei nunca contando para todo mundo — reclamou ela. — É só isso, nada mais. Profissionalmente, as pessoas me conhecem como Macauley. Eu não soube o que fazer.

— E agora o Sr. e a Sra. Macauley estão adotando uma menininha. Bom, isso ajeita bem as coisas para vocês, não é mesmo? Voltaram a ser uma família.

— A gente não está adotando a garota. Ela é uma adolescente que precisa de um lugar para ficar durante algumas semanas. Por favor, Conor. Não comece a procurar pelo em cabeça de ovo.

Mas ele parecia ver uma infinidade de intenções, subterfúgios, enganos. Fazia dias que estava de mau humor com ela, dizendo que tinha outros compromissos quando ela o convidava para sair ou a evitando. Ele vai acabar entendendo, Natasha disse a si mesma. Olhou para o celular, que mostrava, pela décima quarta vez naquele dia, que ninguém além do escritório tinha ligado. Trabalhe, aconselhou a si mesma. Apenas se concentre no trabalho.

A casa estava em silêncio. Durante algumas horas, seria só dela mais uma vez. Natasha apoiou a cabeça nas mãos e fechou os olhos. Então a ergueu, respirou como alguém que vem à tona de um mergulho, ligou para o escritório e deixou recado na caixa postal.

— Ben, quando receber esta mensagem, pode juntar todos os depoimentos dos especialistas no caso Nottingham? Preciso que esteja tudo na minha mesa quando eu chegar. E me avise imediatamente quando tiver notícias do Terceiro Tribunal. Acho que a autoridade local do caso Thompson vai recorrer.

* * *

Tinha acontecido de novo. Três fardos de feno fresquinhos estavam encostados na parede do armário dela, exalando um leve cheiro doce, um eco das campinas no verão. Ao lado deles havia um saco fechado de ração. Sarah não pagara por nada daquilo. Pegou o cadeado frio e ficou olhando

para a mesma coisa com a qual se deparara duas vezes nas semanas anteriores, sentindo uma mistura desconfortável de gratidão por Boo ter o que comer e preocupação acerca da origem daquilo.

O outono havia se firmado no estábulo, trazendo noites frias e uma fome que parecia insaciável nos cavalos. Sarah espiou para fora do armário e observou o braseiro, onde Cowboy John estava jogando vários envelopes pardos e conversando com o cachorro. Ele havia limpado a cabana de tijolos que chamava de escritório e queimava vários anos de correspondências oficiais que nunca haviam sido abertas. Sarah pedira feno para ele, que respondera, em tom de desculpa, que tinha vendido para Sal tudo o que não fosse para os próprios cavalos.

Sarah encheu uma rede de feno e atravessou o pátio até a baia de Boo. Completou os baldes dele com água e limpou a forragem, parando de vez em quando para enfiar os dedos enregelados embaixo do cobertor do cavalo, onde o pelo dele estava macio e quente, e escutando a mastigação ritmada do animal.

Pensara que ficar com os Macauley tornaria tudo mais fácil, e em certo sentido estivera certa. A casa era bacana. Era mais perto da escola e do estábulo. Mas o dinheiro era um problema. Sem Vô para pagar o aluguel, ela estava com dificuldades. Natasha fazia questão de preparar sanduíches para ela em vez de lhe dar dinheiro para o almoço, e tinham lhe entregado um novo passe de ônibus, de forma que não podia pedir dinheiro para a passagem. Davam mesada para ela todo fim de semana, algo que nenhuma das outras famílias havia feito, mas mesmo assim a quantia não cobria os custos de Boo.

Ela não gostava de pensar no quanto já estava devendo. Mesmo sem o feno.

Pensou no pote que vira no quarto de Natasha. A mulher não devia fazer a menor ideia de quantas moedas de uma libra havia ali. Ao passar pela porta dela, Sarah focou a atenção naquilo, calculando que devia haver centenas, misturadas com moedas prateadas. Natasha Macauley assinava cheques sem olhar a quantia. Deixara uma fatura de cartão de crédito na mesa da cozinha que mostrava que ela gastara quase duas mil libras no

mês anterior, apesar de Sarah não ter tido coragem de conferir com o que fora gasto. A advogada parecia ter tanto dinheiro que nem se importava com as moedas que jogava no pote. Era provável que só não quisesse que pesassem nos bolsos dos terninhos.

Sarah sabia o que Vô diria sobre meninas que pegavam dinheiro que não lhes pertencia. No entanto, cada vez mais se flagrava respondendo: *E daí? Você não está aqui. Como vou cuidar do nosso cavalo até você voltar para casa?*

— Sarah.

Ela se sobressaltou. Cowboy John tinha desaparecido em algum lugar, e Sheba não havia latido, como costumava fazer quando alguém chegava.

— Você me assustou.

Ela deu um passo atrás e bateu na porta do armário, sem largar o cadeado.

Maltese Sal estava atrás dela, com o rosto indistinto no escuro do anoitecer.

— Eu estava passando e vi o portão aberto — explicou ele. — Só quis ter certeza de que estava tudo bem.

— Está tudo bem — disse ela, virando-se e tentando se entender com a chave. — Eu já estava indo para casa.

— Vai trancar para John?

— Eu sempre tive as chaves — respondeu ela. — Eu ajudo quando ele precisa sair cedo. Eu… posso continuar fazendo isso quando você assumir.

— Quando eu assumir? — O dente de ouro brilhou. — Querida, eu sou dono deste lugar. Já faz mais de uma semana que é meu. — Ele se apoiou no batente da porta. — Mas, claro, fique com as suas chaves. Pode ser útil.

Sarah examinou o chão em busca da mochila, contente por saber que a lâmpada de sódio bruxuleante na calçada do lado de fora não deixava Sal ver que ela estava ficando vermelha.

— Para onde você vai?

— Para casa — respondeu ela.

— O seu avô voltou?

— Não. Estou… estou morando com umas pessoas.

— Está escuro — comentou ele. — Não é bom uma menina nova ficar andando sozinha à noite.

— Está tudo bem — disse ela, pendurando a mochila no ombro. — Sério.

— Quer uma carona? Tenho tempo de sobra.

Ela continuava sem ver o rosto dele. Sal tinha cheiro de tabaco, não o de cigarro, mas algo forte e doce.

— Prefiro ir sozinha.

Sarah fez menção de passar por ele, mas Sal ficou parado. Ela desconfiou de que deixar as pessoas desconfortáveis fosse uma brincadeira para ele. Ficou imaginando se os homens dele não estavam em outra parte do pátio, rindo dela.

— Você pegou o feno, certo?

— Obrigada. Desculpe. Eu ia agradecer. — Ela enfiou a mão no bolso e tirou o dinheiro que contara naquela manhã. — Isto é pelos dois últimos lotes.

Estendeu o braço e estremeceu de leve quando seus dedos tocaram a mão de Sal. Ele ergueu o dinheiro e o examinou sob a luz. Então riu.

— Querida, isto aqui é pelo quê?

— Pelo feno. E pela ração. Por duas semanas.

— Isto aqui não cobre nem dois daqueles fardos. Aquilo é coisa boa.

— Duas libras por fardo. É o que eu pago ao John.

— Este aqui é muito melhor do que o dele. Estes fardos custam cinco libras cada. Eu disse que só ia alimentar o seu cavalo com o que há de melhor. Você me deve o triplo dessa quantia.

Sarah ficou olhando para ele. Sal não parecia estar brincando.

— Eu não tenho tudo isso — sussurrou.

Sheba gania nas pernas dela.

— Isso é um problema — retrucou ele, assentindo, como que para si mesmo. — É um problema, porque também tem o aluguel atrasado.

— Aluguel atrasado?

— De acordo com os registros do Cowboy John, faz seis semanas que você não paga.

— Mas John disse que não ia cobrar o aluguel atrasado. Por causa do meu avô.

Maltese Sal acendeu um cigarro.

— A promessa é dele, querida. Não minha. Até onde sei, assumi o negócio e os registros dizem que há uma grande dívida no seu nome. Eu não sou uma instituição de caridade. Preciso do aluguel.

— Vou conversar com ele. Eu…

— O estabelecimento não é mais dele, Sarah. É a mim que você deve.

Sarah começou a calcular o aluguel equivalente a seis semanas, além do dinheiro que devia pela comida. A quantia fez sua cabeça girar.

— Não… não tenho como arrumar esse dinheiro, não de uma vez.

— Bem… — Maltese Sal deu um passo atrás para ela passar. Começou a caminhar em direção ao portão. — Tudo bem por enquanto. Eu não vou a lugar nenhum, Sarah. Você resolve e vem falar comigo depois.

* * *

Ela estava saindo do tribunal quando Linda chegou correndo pela escada. Natasha desviou a atenção do advogado com quem conversava e Linda enfiou um pedaço de papel em sua mão, ainda arfando.

— Você precisa ligar para essa mulher. Ela disse que uma menina chamada Sarah faltou à escola de novo.

— O quê?

A cabeça dela ainda estava cheia com os procedimentos do tribunal.

— Ligaram um pouco depois das dez. Eu não quis interromper. — Linda indicou com a cabeça o tribunal. Então, como Natasha parecia não ter entendido a mensagem, ela completou: — *Sarah não foi à escola hoje de manhã*. Acharam que você saberia o que isso significa. É uma cliente? Fiquei tentando entender de quem estavam falando.

Natasha deu uma olhada no relógio. Faltavam quinze para o meio-dia.

— Você ligou para Mac?

— Mac? — questionou Linda. — Mac, seu ex? Por que eu ligaria para ele?

Natasha procurou o celular.

— Não se preocupe. Eu explico outra hora.

Quando encontrou o aparelho, saiu pelo corredor, passando pelos clientes e advogados que estavam reunidos em grupinhos, até chegar a um canto tranquilo.

— Natasha?

Ele pareceu surpreso ao ouvir a voz dela. Ao fundo, ela escutou risadas e música, como se Mac estivesse em uma festa.

— Ligaram da escola. Ela faltou de novo.

— Quem? Sarah? — Ele tapou o bocal e mandou alguém ficar quieto. — Mas eu a deixei lá às quinze para as nove.

— Você a viu entrando pelo portão da escola?

Uma pausa.

— Pensando bem, não. Ela se despediu de mim antes de entrar. Caramba, não achei que a gente ia precisar levá-la pela mão.

— Ligaram duas vezes para mim. Legalmente, temos que informar que ela está desaparecida depois de duas horas. Você vai ter que resolver isso, Mac. Tenho menos de uma hora, depois ficarei presa no tribunal a tarde toda. Não vou sair antes das quatro, levando em conta a manhã de hoje.

— Droga. Estou no meio de uma sessão de fotos e depois tenho um trabalho na zona sul. — Ela quase podia escutar o cérebro dele trabalhando. Mac sempre cantarolava quando tentava resolver um problema. — Certo. Você telefona para a escola, confere se ela não apareceu, e eu vou para casa para ter certeza de que ela não está lá e ligo para você.

* * *

Sarah não estava em casa nem na escola, e também não estava no hospital. Mac ligou enquanto Natasha andava de um lado para outro no escritório e pediu para ela esperar até de noite para telefonar para a assistente social.

— Vamos conversar com ela primeiro — sugeriu ele.

— Mas e se tiver acontecido alguma coisa? Da última vez foi só uma aula. Agora é quase um dia inteiro. Mac… temos que ligar para a assistente social.

— Ela tem quatorze anos. Só está andando por aí, provavelmente com a cabeça cheia de cidra, na porta de algum lugar com os amigos.

— Ah, estou bem mais calma agora.

— Ela vai voltar. Não vai se afastar do avô, não é mesmo?

Natasha não conseguia ter a mesma certeza. Naquela tarde, sentiu dificuldade de se concentrar na audiência. Quando olhou para Lindsay, sua cliente de doze anos, sentada ali, cabisbaixa, ladeada por seu tutor e pelo assistente social que supervisionavam a última audiência para o pedido de acomodação segura, se lembrou do rostinho vazio de Sarah ao sair de casa. Estava acontecendo algo que eles não sabiam, e aquilo deixava Natasha nervosa. Ela variava entre a preocupação de que a menina estivesse de fato enfrentando problemas e uma ansiedade crescente e incômoda com a ideia de que havia trazido um monte de confusão para sua vida, até então segura e organizada.

— Suas anotações — sussurrou Ben, acomodando-se discretamente no assento ao lado dela. — Você esqueceu lá fora, na cadeira.

— Caramba. Obrigada.

Eu devia ter avaliado isso com mais cuidado, pensou enquanto escutava o advogado da autoridade local. *Fiquei tão nervosa com a perspectiva de dividir a casa com Mac que não passou pela minha cabeça a possibilidade de as coisas se complicarem ainda mais*.

— Sra. Macauley, tem algo a acrescentar? — perguntou o juiz.

Ela não estava prestando atenção. Sentiu que perdia a concentração.

— Não, Excelência. É só isso.

— Achei que você ia mencionar o relatório do psiquiatra — sussurrou Ben.

Droga. Ela se levantou abruptamente.

— Na verdade, peço desculpas, Excelência, há mais um item para o qual eu gostaria de chamar a sua atenção…

* * *

Mac estava à mesa da cozinha quando Natasha chegou em casa. Ela colocou a pasta ao lado da geladeira e tirou o cachecol.

— Nada ainda?

— Desde que você saiu do trabalho, não.

— Está escurecendo. Quanto tempo você acha que a gente deve esperar antes de ligar para alguém?

O nó apertado de ansiedade que surgira no estômago dela durante a primeira ligação de Mac havia se transformado em uma bola enorme e pesada. Natasha repassara várias vezes na cabeça a conversa com a assistente social. As autoridades iam considerá-los burros, ou, pior, irresponsáveis. A única coisa que tinham pedido era que se assegurassem de que ela fosse à escola. As pessoas do ramo iriam comentar. Poderiam até questionar a capacidade profissional de Natasha. E, por trás dessas preocupações, a voz apavorante no fundo de sua mente, que ela tentara abafar com racionalidade, praticidade e mais um telefonema para Mac: *e se, dessa vez, algo realmente tiver acontecido? Eu não tenho prática nisso. Pais de verdade têm anos para se acostumar a esse nível de ansiedade*.

— Vamos esperar mais meia hora — pediu ele. — Até as seis da tarde. Assim vamos ter dado chances suficientes a ela.

Natasha se sentou em frente a Mac e aceitou a taça de vinho que ele lhe havia servido. Ele não estava mais sorrindo. O ar relaxado de antes desaparecera, substituído por silêncio, tensão.

— Você conseguiu ir ao outro trabalho? — perguntou ela.

Ele fez que não com a cabeça.

— Achei melhor ir à escola na hora da saída. Só para o caso de ela aparecer. — Ele suspirou e tomou um gole de vinho. — Além do mais, eu não estava com cabeça. Mas tudo bem, me deixaram remarcar para amanhã.

Os dois se entreolharam por um instante. *Desde que ela apareça até amanhã*.

— Não rendi nada no tribunal — confessou Natasha. — Não consegui prestar atenção no caso de jeito nenhum. Fiquei surpresa comigo mesma.

— Não é do seu feitio.

— Não mesmo.

Havia perdido o caso. A expressão de Ben quando ela deixou o Alto Tribunal lhe dissera que ela própria tinha sido o motivo.

— Essas crianças, hein? — comentou Mac, desconsolado. Eles se sobressaltaram ao escutar a campainha. — Eu atendo — disse ele, afastando a cadeira da mesa.

Natasha ficou ali bebendo vinho, escutando Mac abrir a porta da frente. Ele balbuciou algo que ela não entendeu e então seus passos voltaram pelo corredor. Atrás dele, com o rosto meio escondido pelo cachecol e com a roupa ainda irradiando o frio da noite, estava Sarah.

— Bem-vinda de volta — disse Mac, virando-se para ela. — A gente não tinha certeza se você havia feito reserva em outro hotel. — Mal dava para ver os olhos da menina, que disparavam de um para outro enquanto tentava avaliar o tamanho da encrenca em que se metera. — Será que você pode contar por onde andou? — A voz de Mac era leve, mas Natasha detectou decepção nela.

Sarah baixou um pouco o cachecol.

— Saí com um amigo.

— Não estou falando de hoje à noite — retrucou Mac. — Estou falando do dia inteiro. Quando você deveria ter estado na escola.

Ela chutou alguma coisa invisível no chão.

— Eu não estava me sentindo bem.

— Então…

— Então saí para caminhar. Para arejar a cabeça.

Natasha não conseguiu mais se conter.

— Durante nove horas? Você fez uma caminhada de nove horas para arejar a cabeça? Tem alguma noção da confusão que causou?

— Natasha…

— Não! — Ela desprezou o aviso de Mac. — Eu perdi um caso hoje porque estava ocupada demais me preocupando em saber onde você

estava. Ficaram ligando para a gente da escola de hora em hora. Mac teve que cancelar um trabalho importante. O mínimo que você pode fazer é contar aonde foi. — Sarah levantou o cachecol mais uma vez e ficou olhando para o chão. — Você está sob nossa responsabilidade, Sarah. Isso significa que nós somos legalmente responsáveis por você. Temos que garantir que você vá à escola e depois volte para casa. É uma questão jurídica. Você compreende? — A menina assentiu, então Natasha indagou: — Pois bem, onde você estava?

Um silêncio longo e desconfortável se instalou. Por fim, a menina deu de ombros. Então Natasha continuou:

— Quer ir para uma instituição para menores? Porque essa é a quarta vez que você some em dez dias. Se fizer isso de novo, e se a escola notificar a assistente social primeiro, e não a nós, você vai para uma instituição. Sabe o que isso significa? — Natasha tinha aumentado o tom. — Significa que vão trancar você lá dentro.

— Tash…

— Isso não vai depender da gente, Mac. Simplesmente vão concluir que nós dois somos incapazes de tomar conta dela, e, se acharem que ela corre o risco de sumir, vão aplicar as normas jurídicas para mandá-la para uma instituição. — Os olhos da menina estavam arregalados por cima do cachecol. — É isso que você quer?

Sarah fez um gesto negativo com a cabeça devagar.

— Por favor — pediu Mac. — Vamos nos acalmar. Sarah, a gente só quer que você siga as regras, certo? A gente precisa saber aonde você vai.

— Eu tenho quatorze anos.

A voz dela era baixa, porém desafiadora.

— E está sob nossa responsabilidade — argumentou Natasha. — Você pediu para vir para cá, Sarah. O mínimo que pode fazer é obedecer as nossas regras.

— Desculpe — disse a garota.

Natasha não achou que ela estivesse arrependida. Em seguida, disse:

— Amanhã, o Mac vai levar você para a escola antes do sinal e vai entregá-la para o professor. E um de nós estará no portão na saída. Até

você nos provar que podemos confiar que está mesmo onde diz.

Mac se levantou, foi até o armário e pegou um pacote de macarrão.

— Certo, vamos deixar as coisas assim, e acredito que isso não vá se repetir. Sarah, tire o casaco e se sente. Você deve estar com fome. Vou preparar alguma coisa para a gente.

Mas Sarah deu meia-volta e saiu da cozinha. Os dois a ouviram subir a escada pisando duro e fechar a porta do quarto com força

Um breve silêncio se instalou.

— Isso correu bem.

Mac suspirou.

— Dê uma chance a ela. As coisas estão difíceis.

Natasha tomou um pouco de vinho, suspirou fundo e então olhou para ele.

— Será que isso significa que não é o melhor momento para eu lhe contar que anda sumindo dinheiro do pote no meu quarto? — Ficou em dúvida se ele tinha escutado. — Bastante dinheiro. Acabei de reparar que o nível baixou. E me lembro de ter colocado quatro moedas de uma libra no topo uma noite dessas. Ontem, não estavam lá.

Ele continuou medindo o macarrão.

— Ah… não… — disse ela.

— Eu não queria dizer nada — começou ele —, mas me lembro de ter deixado uma nota de cinco libras que tirei do bolso da calça na mesinha de centro outra noite e queria pegá-la na manhã seguinte. Quando desci, não estava mais lá. — Mac foi até a porta da cozinha e a fechou, sem fazer barulho. — Você acha que são drogas?

— Não sei. Nunca desconfiei de que ela estivesse alterada.

— Não… ela não parece…

— Não são roupas — observou Natasha. Era uma das coisas que considerara quase adoráveis. Sarah parecia não se interessar por moda nem por revistas de celebridades, não passava mais do que dez minutos no banheiro pela manhã. — Ela não tem celular, que eu saiba. E não cheira a cigarro.

— Ela está aprontando alguma.

Natasha ficou olhando para a taça de vinho. Em seguida, disse:

— Mac, preciso contar uma coisa. Quando eu a vi pela primeira vez, ela tinha sido pega roubando.

Ele parou o que estava fazendo.

— Era só uma embalagem de peixe empanado. Topei com ela em um supermercado. Ela jurou que ia pagar. — *Fui enganada de novo*, pensou. *Achei que estava fazendo uma coisa boa. Sua liberal de classe média idiota e cheia de culpa. Sou muito inocente*. — Sinto muito, de verdade. Eu deveria ter lhe contado.

Mac balançou a cabeça. Natasha percebeu, com gratidão, que ele não criaria caso por aquilo.

— Você acha… — começou ela, arriscando — …que a gente…

— Amanhã eu não posso — interrompeu Mac, enfim colocando o macarrão na água fervente. — Mas me dê um ou dois dias e vou segui-la. Para ver o que anda fazendo. Vamos descobrir o que está acontecendo.

10

"Que espírito e que índole. Como ele se conduz com altivez — uma alegria para variar e, no entanto, um terror a presenciar."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Por dois dias, Sarah foi um exemplo de obediência. Permitiu que Mac a acompanhasse até a sala de aula, apesar de se sentir muito ressentida, e estava no portão da escola, arrastando os sapatos, quando ele chegava para buscá-la. *Mas o bom dos adolescentes*, pensou Mac, *é que se achavam mais espertos do que todo mundo*. E Sarah não era exceção.

No terceiro dia, quando a deixou na escola, ele disse que não tinha tempo para acompanhá-la até a sala de aula e perguntou se haveria problema ela entrar sozinha. Mac percebeu um brilho momentâneo no rosto dela, logo suprimido, então acenou, saiu acelerando, como se estivesse com pressa, e deu a volta no quarteirão. Parou na frente de uma garagem, contou até vinte, então voltou devagar para a rua da escola. Ainda havia alunos entrando pelo portão com mochilas nos ombros, gritando uns para os outros ou reunidos em grupinhos mexendo no celular. E, claro, lá estava Sarah, andando na direção oposta, indo apressada para o ponto de ônibus.

Mac torceu para ela não virar para trás, mas a menina já estava muito concentrada em seu destino. Caramba, Sarah, disse ele em silêncio. Por que você está tão determinada a sabotar o próprio futuro? Mac observou quando ela entrou em um ônibus e anotou o número e o destino. Não ia na direção do hospital, observou. A assistente social a levara para visitar o avô na semana anterior e havia comentado onde ficava. Mac prometera

levá-la também no fim de semana e anotara o endereço. Então, aonde ela estava indo?

Ele ficou no carro, atrás do ônibus, já sem conseguir vê-la, mas com a certeza de que a avistaria quando descesse. Deixou dois carros passarem na sua frente, para ser mais discreto, porém o trânsito da hora do rush garantia que os carros e o ônibus avançassem devagar.

Por favor, que seja um menino, desejou Mac, mexendo no rádio. Se fosse, ele e Natasha poderiam convidá-lo para uma visita, conversariam com os dois. Um menino seria algo com que poderiam lidar. Marcar horário. Mas drogas, não. Por favor, que não sejam drogas.

Durante vinte minutos, o carro atravessou Londres lentamente, seguindo para a City. Mac gerou reclamações ferozes de vans brancas, com homens que berravam com ele por não andar mais rápido, e gestos grosseiros de mulheres elegantes que ele esperava que se comportassem melhor. Quando ficava ruim demais, Mac encostava por alguns segundos e deixava as pessoas passarem, imaginando o número de multas que levaria por entrar tantas vezes na faixa exclusiva para ônibus. Fora tão longe que não podia se dar ao luxo de perdê-la. Quando chegou nos limites de Square Mile, começou a chover, e ele se esforçou para discernir o uniforme escuro de Sarah no meio dos trabalhadores do centro financeiro, que a cada parada Saíam e entravam no ônibus, com seus ternos e guarda-chuvas. Ali, onde a população era mais densa, foi ficando cada vez mais difícil distinguir as pessoas. Várias vezes ele se perguntou se a teria perdido de vista, se estava alucinada em uma caçada, mas permaneceu no carro.

Finalmente, quando os arranha-céus espelhados da City começaram a se transformar em prédios mais acanhados e blocos residenciais de apartamentos, Mac a viu. Sarah saltou do ônibus, correu e pulou para a divisória entre as duas ruas. Mac prendeu a respiração, ciente de que, se ela olhasse para a direita, o veria. Mas ela estava focada no trânsito que corria na direção oposta. Ela soltou a grade e atravessou correndo. Antes que Mac se desse conta de que estava virado para o lado errado, Sarah já descia uma ruazinha lateral.

— Merda — xingou em voz alta. — *Merda, merda, merda*.

Mac contornou o ônibus, ergueu a mão para pedir desculpa quando o carro atrás dele teve que frear bruscamente e, no cruzamento, passou a toda velocidade pelo sinal amarelo. Uma pedestre chutou a lateral do carro em protesto.

— *Desculpe, desculpe, desculpe* — balbuciou ele, acelerando o mais rápido possível em direção à rotatória.

Deu a volta derrapando e voltou à estrada principal na mão oposta, examinando os arredores pelo para-brisa para tentar encontrar a garota. Foi até a ruazinha secundária em que a vira desaparecer e então percebeu, quando ligou o pisca-alerta, que era de mão única. Não podia entrar ali.

Mac hesitou por um momento. Então acelerou pela rua, rezando para conseguir chegar à esquina seguinte antes que alguém viesse na mão contrária.

— Eu sei… Eu sei… — berrou para a bicicleta motorizada que precisou desviar dele, enquanto o condutor berrava obscenidades sob o capacete.

E então, no cruzamento, não havia nada. Ele não viu nenhum carro, ninguém, apenas uma fileira de construções vitorianas manchadas de chumbo, a entrada de um estacionamento, um bloco de apartamentos. À esquerda, avistou uma rua comercial, um café e um restaurante *delivery* de comida indiana, escondido brevemente por um ônibus. Por impulso, Mac virou à direita e dirigiu devagar pela rua de pedras, examinando cada rua por onde passava em busca de uma menina de uniforme escolar. Nada. Parecia que ela havia evaporado.

Mac achou uma vaga e estacionou. Ficou ali parado por um momento, xingando a si próprio. Xingando Sarah. *Mas que diabo estou fazendo? Perseguindo uma estudante que mal conheço pela cidade inteira, e para quê?* De qualquer maneira, ela deixaria sua casa a algumas semanas. Se queria estragar a vida com namorados idiotas ou drogas, será que era mesmo problema dele? O avô dela iria melhorar, iria discipliná-la, e todos seguiriam com a vida.

O celular dele tocou. Procurou o aparelho embaixo do banco do carona ao perceber que sua perseguição alucinada fizera seus pertences voarem dos bolsos e se espalharem pelo carro. Demorou alguns minutos para localizá-lo.

— Mac?

Era Maria.

— Oi — respondeu ele.

— Não venha me dizer que queria me ligar, mas não conseguiu porque prendeu o pé embaixo de um móvel pesado. — A voz dela estava impregnada de mágoa. Mac não levou para o lado pessoal: ela usava aquele tom até mesmo se o seu chá ficasse da cor errada. — Você ia me ligar para a gente almoçar.

— Caramba. Desculpe, querida. Eu me enrolei. Não vou poder.

— É trabalho?

— Não exatamente.

Ele se recostou no assento e passou a mão na cabeça.

— É a sua ex-mulher de novo. Vocês passaram a noite toda transando feito loucos, apaixonados, e agora você não tem mais energia para mim.

Ela começou a rir.

— Não tem nada a ver com Natasha.

— Na Polônia, Natasha é o nome mais comum entre as prostitutas. Sabia?

— Vou contar para ela. Tenho certeza de que vai gostar de saber.

Maria berrou com alguém, então voltou ao telefone.

— Que triste para você. Não vai me ver nas próximas duas semanas.

— Não?

Será que era Sarah na outra ponta da rua estreita? Ele espiou, mas, quando a menina se virou, viu que estava empurrando um carrinho de bebê.

— Tenho um trabalho importante no Caribe. Eu lhe contei.

— É mesmo.

— É para a *Elle* espanhola. Adivinha quem vai fotografar?

— Maria, você sabe que não conheço os fotógrafos de moda.

— Sevi. Todo mundo conhece Sevi. — disse ela. Mac precisaria ligar para Tash e contar que havia perdido a menina. Os dois decidiriam juntos se telefonariam para a assistente social. — Ele fez a foto de capa da *Marie Claire* deste mês. — Quem sabe ele devesse ligar para a escola para dizer que ela tinha uma consulta médica. Então a forçaria a contar aonde fora. — *Marie Claire* — repetiu Maria, para dar ênfase.

— Devem ter mandado o meu exemplar para outra pessoa este mês.

— Você é um homem muito triste. Suas piadas são péssimas.

— Maria, querida. Preciso desligar. Tenho que dar um telefonema.

— Você está virando homossexual?

— Hoje, não, mas vou pensar no assunto.

— A minha irmã se casou com um homossexual. Já te contei?

Ele já não escutava. Um cavalo marrom grande passava por um portão no alambrado mais para cima na rua. O animal tomou um susto com uma caçamba de lixo, então derrapou um pouco de lado quando chegou à rua de pedras mais à frente, com os cascos fazendo barulho na superfície dura. Mac estreitou os olhos quando o cavalo se aproximou. O carro estava ficando embaçado, mas não havia dúvida sobre a identidade da cavaleira. Mac sentiu-se eletrizado de choque.

— Maria… preciso desligar. Ligue para mim de onde você estiver e a gente combina alguma coisa.

Ele enfiou o celular no bolso e, com o cavalo a uns bons seis metros de distância, abriu a porta sem fazer barulho e saiu do carro. O cabelo de Sarah estava preso. Seu corpo esbelto, acomodado sobre o animal enorme, o moletom da escola aparente. O cavalo deu um pulo para o lado mais uma vez, mas ela pareceu não se mover. Mac viu a menina acariciar o pescoço dele, como se tentasse reconfortá-lo.

Ele fechou a porta e foi depressa até o porta-malas, de onde tirou sua Leica, mal desgrudando os olhos da garota no cavalo. Trancou o carro e foi pela rua atrás dela, observando-a acomodada, tranquila, aparentemente alheia ao barulho e ao caos da cidade ao redor. Quando dobraram a esquina, Mac percebeu que ela se dirigia para o parque.

Pensou por um instante, então pegou o celular e deixou um número, abrigando-se na entrada de uma casa para que sua voz não fosse abafada pelo vento.

— É da secretaria da escola? Olá… Sim. Aqui é o tutor de Sarah Lachapelle. Estou ligando para avisar que ela tem uma consulta médica hoje de manhã e vai faltar. É, eu sinto muito… Sei que deveria ter ligado antes…

* * *

Até Vô ficar doente, quase todo o treinamento de Boo tinha sido feito do chão. Vô colocava uma rédea comprida no cavalo e ficava atrás dele, incentivando-o a compreender as diversas pressões da mão e da rédea como instruções, a ajustar o equilíbrio, a posicionar os quartos mais embaixo do corpo, a virar para a esquerda ou para a direita. Sarah se posicionava à cabeça ou ao ombro do animal, reforçando todas as instruções do avô com leves pressões ou com a voz suave, às vezes um estremecimento fraco ou uma chicotada didática. Dessa maneira, explicara Vô, Boo aprenderia sem ter que lidar com a perda de equilíbrio dela também. Vô sempre dava a impressão de que ela era um empecilho, que sua presença dificultava a vida de Boo. Havia muito tempo que ela parara de levar aquilo para o lado pessoal.

O avô já tivera um cavalo chamado Gerontius, que fora treinado com rédea comprida durante três anos antes que qualquer um tivesse permissão para montá-lo. Não é um substituto para o treino, dizia-lhe Vô. Era a fundação do treino. Todos os "ares acima do solo", os *sauts d'école*, derivavam dessa base. Essa fase não podia ser negligenciada.

Tudo isso era lindo, pensava Sarah, mas ela precisava montar. Acomodou-se e permitiu que Boo se alongasse um pouco, dando bronca com a voz firme quando ele se sobressaltava com postes, cones de trânsito e tampas de bueiro, obstáculos para os quais não teria nem piscado seis semanas antes. Ela fora forçada a ficar longe por dois dias: dois dias em que ele poderia ter sido alimentado e recebido água fresca, mas em que

não dera um passo para fora da baia. Para um cavalo inteligente e em forma como Boo, era o mesmo que tortura, e ela sabia que provavelmente pagaria por isso.

Tinha começado a chover mais forte, e Sarah estendeu o braço para pedir que os motoristas parassem enquanto atravessava a rua. Boo viu a grama, e ela sentiu a energia dele aumentar. A chuva deixaria o parque vazio, dando a ela espaço para treinar sem interrupção. Mas o cavalo estava eletrizado, talvez até demais. Depois do confinamento, seus cascos reagiriam à superfície macia como se o chão estivesse carregado de eletricidade.

Escute o que eu digo, disse ela a Boo por meio do jeito como se sentava, pelo posicionamento das pernas, das mãos. Mas havia algo de exultante em saber que tanta força estava apenas à espera de ser libertada.

Levade, disse uma vozinha na cabeça dela.

Vô dissera que ela não deveria tentar, que era um movimento ambicioso demais. O *levade* exigia que o animal colocasse todo o peso do corpo nas patas traseiras, mantendo um ângulo de trinta e cinco graus. Era um teste de força e equilíbrio, uma transição para os maiores desafios do adestramento clássico.

Mas Vô tinha conseguido. Ela o fizera do chão. Sabia que Boo era capaz.

Sarah inalou o ar úmido e enxugou a umidade do rosto. Fez o cavalo trotar em pequenos círculos, parando e em seguida avançando, forçando-o a se concentrar nela, criando uma arena invisível entre as latas de lixo, os postes e a cerca do *playground* do parque. Quando teve certeza de que ele estava aquecido, começou a avançar a meio-galope, primeiro em uma rédea, depois na outra, tentando lembrar as instruções do avô: sente-se afundada, com as mãos imóveis, as pernas um pouco para trás, mais contato na rédea externa. E em poucos minutos ela estava concentrada, distraída das frustrações sem fim de viver de acordo com as regras dos outros, do dinheiro que devia, da visão de Vô frustrado e infeliz em uma cama que cheirava a pinho químico e gente velha. Eram só ela e Boo, presos em seu ritmo, trabalhando até soltar vapor sob a névoa rala da

chuva. Ela fez o cavalo retornar ao passo e soltou as rédeas, permitindo que ele se alongasse. Boo não se sobressaltou mais com os barulhos da rua, nem com os três ônibus de dois andares que passaram: o treino duro o relaxava, fazia com que se firmasse. Vô teria ficado satisfeito com ele hoje, pensou ela, passando a mão pelo pescoço molhado do animal.

Levade. Seria mesmo um pecado tão grande testá-lo um pouquinho? Será que Vô precisava saber? Ela respirou fundo e firmou as rédeas mais uma vez, fazendo o cavalo entrar em trote lento, que foi restringindo até ele estar em *piaffe*, erguendo os cascos de maneira ritmada sem sair do lugar. Sarah se empertigou e tentou se lembrar das instruções do avô. As patas traseiras precisam ficar embaixo do centro de gravidade do cavalo, com os joelhos quase tocando o chão. Ela se inclinou um pouco para trás, incentivando-o com as pernas, dizendo-lhe que sua energia precisava ir para algum lugar, segurando-o com uma leve pressão na rédea. Sarah estalou a língua, dando uma série de instruções, e Boo ficou tenso, escutando-a com as orelhas agitadas. Ela percebeu que ele não conseguiria. Precisava de mais uma pessoa, alguém para lhe explicar do chão. Então sentiu a traseira de Boo se afundar e, por um instante, entrou em pânico, como se aquilo fosse fazê-los perder o equilíbrio. Contudo, de repente a parte da frente do corpo do cavalo começou a se erguer diante dela e Sarah se inclinou para a frente a fim de ajudá-lo, sentindo-o tremer na tentativa de manter a pose. Eles permaneceram ali, desafiando a gravidade, com Sarah olhando para o parque de um novo ângulo, mais elevado.

E então ele baixou. Pega desprevenida, Sarah desabou sobre o pescoço dele e Boo disparou adiante, refugando com exuberância uma, duas vezes, de modo que foi difícil não se desequilibrar.

Sarah se esforçou para voltar a se sentar ereta e riu. Sentiu um enorme êxtase se inflar dentro de si e deu tapinhas no pescoço do cavalo, reconhecendo seu esforço, tentando lhe transmitir uma noção de como era magnífico. Ela abaixou os braços e abraçou o pescoço dele.

— Mas que cavalo inteligente — disse de novo, enquanto observava as orelhas de Boo se agitarem ao escutarem a aprovação.

— Impressionante — elogiou uma voz atrás dela.

Sarah se virou na sela. Sentiu um nó no estômago. O casaco de Mac estava escuro por causa da chuva.

— Posso? — perguntou ele, depois avançou para acariciar o pescoço de Boo. — Ele está quente — observou, recolhendo a mão para esfregar as pontas dos dedos.

Ela não conseguia falar. Seus pensamentos sumiram e um pavor enjoativo tomou conta dela.

— Terminou? A gente pode voltar agora?

Mac fez um gesto na direção de Sparepenny Lane. Ela assentiu e apertou os dedos nas rédeas. Sua mente estava a mil. Ela podia fugir naquele momento. Podia simplesmente fazer Boo sair correndo, e os dois dispariam pelo parque em direção ao campo. Poderia percorrer quilômetros antes que Mac a alcançasse. Mas ela não tinha nada. Nenhum lugar para ir.

Caminhou devagar de volta ao estábulo, o pescoço de Boo esticado para baixo, aparentemente cansado por causa do trabalho intenso. A postura dela também era de derrota. Sarah examinava as costas de Mac enquanto ele andava, incapaz de detectar qualquer coisa nos gestos dele.

Parou diante do portão. Cowboy John saiu de sua cabana e o abriu para ela.

— Tomou chuva, Menina do Circo? Você está ensopada. — Ele deu uns tapinhas em Boo enquanto o cavalo passava, então viu Mac ao lado de Sarah. — Posso ajudar em alguma coisa, moço? Está interessado em alguns ovos? Frutas? Tenho belos abacates hoje. Posso lhe dar uma bandeja inteira por apenas três das suas libras.

Mac encarou Cowboy John, como se nunca tivesse visto algo feito ele. Talvez fosse porque John estava com seu chapéu de caubói mais esfarrapado, um lenço vermelho e a jaqueta néon que um dos operários que haviam consertado a rodovia deixara no estábulo no ano anterior. Mas provavelmente foi por causa do enorme cigarro enrolado preso entre os dentes amarelados.

— Abacates? — indagou Mac ao se recuperar. — Parece bom.

— Muito melhor do que bom, meu rapaz. Estão madurinhos. Se ficarem mais maduros, vão explodir para fora da casca e se transformar sozinhos em guacamole. Quer dar uma olhada? Meu Deus, esta vai ser a melhor oferta que você vai receber hoje.

Ele soltou uma risadinha maliciosa. Mac entrou pelo portão atrás de Sarah.

— Mostre o caminho — pediu.

Sarah levou o cavalo até a cocheira. Tirou a sela e o freio, enxugou as gotas de chuva e os guardou com cuidado no armário, então começou a cuidar de Boo. Do outro lado do pátio, ela viu Cowboy John entregando frutas e legumes a Mac, que assentia. Ele ficava olhando ao redor, como se tentasse absorver tudo; parecia fazer perguntas. Ela viu John apontando para os diversos cavalos, para as galinhas, para o escritório. Mac parecia interessado em tudo. Por fim, quando Sarah estava enchendo o balde de Boo com água limpa, John e Mac passaram por baixo do arco da ferrovia e foram até a cocheira. Estava chovendo ainda mais forte e riachos de água corriam pela descida, embrenhando-se nas pedras da rua.

— Terminou aí, Menina do Circo? — perguntou Cowboy John. Sarah assentiu e ficou parada ao lado do cavalo. — Faz dois dias que não vejo você. Está difícil vir aqui? O nosso velho Boo ameaçou fugir de mim de novo hoje de manhã.

Ela olhou para Mac, depois baixou a cabeça.

— Foi algo assim — respondeu.

— Foi visitar o seu avô?

Ela fez que não. Para seu pavor, achou que ia começar a chorar.

— A gente está indo lá agora — disse Mac. Sarah ergueu a cabeça de supetão. — Você quer ir? — perguntou ele.

— Conhece esta menina? — Cowboy John deu um passo atrás de modo teatral, então fez um gesto para a caixa de papelão cheia de frutas de Mac. — Você conhece a Sarah? Cara, deveria ter dito. Eu nunca ofereceria essa porcaria para você se soubesse que era amigo da *Sarah*. — Mac ergueu a sobrancelha. — Não posso vender isso para você. Volte ao meu escritório que vou lhe dar as coisas boas. Deixo isso aqui para as pessoas que

passam. Sarah, diga ao seu avô que eu mandei um oi. Avise que vou passar lá no sábado. Dê isto a ele — pediu, jogando um cacho de bananas para ela.

Enquanto os dois homens voltavam ao escritório, Sarah percebeu um sorrisinho surgindo na boca de Mac.

* * *

As roupas dela ainda estavam molhadas quando entrou no carro. Mac tinha recebido uma multa por estacionar em local proibido e estava descolando o papel do para-brisa para jogar no porta-luvas quando percebeu que ela estava tremendo.

— Quer uma roupa seca para vestir? Tem um blusão no banco de trás. Coloque por cima do uniforme.

Sarah fez o que ele disse. Mac saiu com o carro pela rua, com a mente em disparada enquanto tentava decidir o que dizer. Quando chegaram ao sinal, ele falou:

— Então o motivo é esse. É por isso que você falta à escola. E some. — Ele não mencionou o dinheiro.

Sarah assentiu de leve.

Ele ligou a seta e virou à esquerda.

— Bom… Você com certeza é cheia de surpresas. — Mac se sentiu seguro. Era só uma menina com um cavalinho. Apesar de o dela ser bem grande. — O que era aquilo que você estava fazendo? A coisa de saltar?

Sarah balbuciou algo que ele não conseguiu entender.

— *Levade* — repetiu ela, mais alto.

— E isso é o quê?

— Um movimento da *haute école*. É tipo adestramento.

— Adestramento? É aquela coisa de eles ficarem andando em círculos?

Ela deu um sorriso relutante.

— Mais ou menos.

— E o cavalo é seu?

— Meu e do Vô.

— Ele é bem esperto. Eu não entendo nada de cavalos, mas ele parece fantástico. Como foi que você arrumou um cavalo desses?

Sarah o observou por um instante, como se calculasse quanta informação podia confiar a ele.

— Vô comprou na França. Ele é um Selle Français. É a raça que usam na academia de hipismo onde Vô estudou. — Ela fez uma pausa. — Ele sabe tudo sobre hipismo.

— Sabe tudo… — murmurou Mac. — Faz tempo que você pratica isso?

— Desde que me entendo por gente — respondeu Sarah. O blusão dele a engolia. Ela cobriu as mãos puxando as mangas e enfiara os joelhos embaixo do casaco. Parecia uma bola de lã totalmente na defensiva. — Era para a gente ir lá. Ver os cavaleiros. Na França. Antes de ele ficar doente.

Mac a vira atravessando a estrada entre os ônibus e os caminhões, depois perdida nos próprios pensamentos enquanto traçava círculos pelo gramado. Mas que diabo nós fomos arrumar?, perguntou-se.

— Ia ser um presente — arriscou Sarah. — Para mim e para ele. Férias. Eu nunca saí do país. — Ela ficou mexendo nas mangas do blusão. — Eu não queria perder. Vô não queria perder.

— Bem… — Mac deu uma olhada no espelho do retrovisor. — Muita gente adia as férias quando alguém fica doente. Tenho certeza de que, se você explicar o que aconteceu, o agente de viagem vai deixá-los irem quando ele melhorar. — Mac a observou roendo as unhas. — A gente liga mais tarde. Eu ajudo, se você quiser. — Ela lhe deu um sorriso cauteloso. *Duas vezes em um dia*, pensou Mac. Talvez a gente possa fazer algum bem aqui, no fim das contas. Ele estendeu a mão e programou o GPS. — Certo. Para o hospital. Vamos aumentar a temperatura do aquecedor. Não posso deixar o seu avô ver você ensopada até os ossos.

* * *

Mac entendia quase tão pouco sobre questões médicas quanto entendia sobre cavalos, mas ficou claro para ele que, independentemente do que Sarah quisesse acreditar, o Sr. Lachapelle não sairia de férias (nem voltaria

para casa) no futuro próximo. O avô da menina estava deitado, parcialmente ereto, apoiado em travesseiros, com a pele daquele tom que indica uma doença grave, e não acordou quando eles entraram no quarto. Enfim, assim que Sarah segurou sua mão, ele abriu os olhos. Mac ficou à porta sem jeito, sentindo-se um intruso.

— Vô — chamou ela, baixinho.

Os olhos do idoso logo se fixaram nela e um véu se ergueu quando ele captou quem estava à sua frente. Deu um sorriso torto.

— Desculpe não poder ter vindo aqui nos últimos dois dias. Foi difícil.

O senhor sacudiu a cabeça. Apertou de leve a mão dela. Sarah percebeu o olhar dele se desviar para Mac.

— Este é o Mac. Ele é uma das pessoas que estão cuidando de mim. — Mac sentiu que estava sendo examinado. Apesar da fragilidade do idoso, havia algo de rígido nos olhos que o avaliavam, como se buscasse pistas. — Ele… é muito gentil, Vô. Ele e a esposa — completou Sarah, e Mac viu que ela corou, como se, em sua determinação de deixar o avô tranquilo, tivesse se exposto demais.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Lachapelle. — Mac deu um passo adiante e apertou a mão do homem. — *Enchanté*.

Outro pequeno sorriso. Um maior de Sarah.

— Você nunca contou que fala francês.

— Não tenho certeza se o seu avô vai concordar que eu falo — retrucou Mac.

Ele se acomodou na cadeira do outro lado da cama. Sarah foi arrumar o pequeno armário do avô, checando a nécessaire e reposicionando as fotografias.

Mac, pouco à vontade no silêncio, voltou a falar, ciente de que sua voz estava saindo um pouco alta demais.

— Eu vi a sua neta montar. Ela tem um talento fantástico.

Os olhos do idoso se voltaram para Sarah.

— Eu saí para montar hoje de manhã.

— Bom — disse ele devagar, com a voz rangendo feito uma dobradiça pouco usada.

Dessa vez, o sorriso de Sarah foi instantâneo e transformador.

— Bom! — repetiu ela, como que para confirmar o que ele dissera.

— Bom — repetiu o avô.

Os três assentiram em um gesto de satisfação. Mac ficou com a impressão de que aquele tinha sido um enorme avanço na conversa.

— Ele se esforçou de verdade, Vô. Estava chovendo, e você sabe como ele pode ficar ruim na chuva, mas apesar disso conseguiu se concentrar. A boca dele estava superleve, e ele estava obedecendo. — Sarah estava apoiada, com as costas eretas, as mãos à frente do corpo. O avô absorvia tudo o que ela dizia, prestando atenção a cada detalhe. — Você teria ficado satisfeito. De verdade.

— Eu nunca vi algo como aquilo — completou Mac. — Não entendo nada de cavalos, Sr. Lachapelle, mas, quando o vi saltitando daquele jeito nas patas traseiras, fiquei sem fôlego.

De repente, um silêncio se instalou. O senhor se virou devagar para encarar a neta. Já não estava sorrindo.

Mac gaguejou:

— Foi tão… bonito…

Ele percebeu que Sarah tinha corado até o couro cabeludo. O avô ainda a encarava.

— *Levade* — sussurrou ela, com a voz cheia de culpa. — Desculpe. — O idoso moveu a cabeça de um lado para outro. — É só que ele estava tão cheio de energia. E eu precisava de algo novo para prender a atenção dele. Precisava de um desafio…

Mac percebeu que, quanto mais ela apresentava argumentos, mais o avô sacudia a cabeça em uma fúria muda.

— *Gourmand* — disse ele. — *Non gourmand*. Pequeno. De novo. — Mac se esforçou para encontrar sentido no que ele dizia, até se dar conta de que não havia sentido. Lembrou que pessoas que sofriam um derrame tinham dificuldade de encontrar as palavras corretas. — O. *Avant. Non.* Cavalo. *Cavalo*. — Claramente decepcionado, o idoso tensionou o maxilar e desviou o olhar de Sarah.

Mac se sentiu péssimo. Sarah roeu as unhas. A expressão do avô era de um mutismo furioso. A culpa era toda dele, pensou. Tentou fingir que não estava ali, mas então ergueu a câmera, que continuava pendurada no pescoço, e a estendeu.

— Hum… Sr. Lachapelle? Tirei algumas fotos de Sarah montando. Trotando e tal. O senhor gostaria de ver?

Ele se debruçou por cima da cama e foi passando as imagens digitais. Quando enfim encontrou uma que provavelmente não despertaria a ira do idoso, ele a ampliou. Sarah colocou os óculos no avô.

Ele examinou a imagem e pareceu se distrair por um momento. Então se virou para Sarah e fechou os olhos, como se estivesse se concentrando muito.

— Boca — disse, por fim, agitando os dedos.

Sarah deu uma olhada na foto.

— É — concordou ela. — Boo estava resistindo a mim aí. Mas só fez isso no começo, Vô. Assim que consegui fazer os quartos traseiros dele entrarem no ritmo, passou a obedecer.

O velho assentiu, aparentemente satisfeito, e Mac sentiu uma expiração lenta saindo do próprio peito.

— Tem mais? — perguntou Sarah. — De mais tarde?

Mac deu uma olhada e então entregou a câmera para a menina.

— Para falar a verdade, eu preciso dar alguns telefonemas — disse ele. — Vou deixar vocês dois sozinhos. Tome, Sarah, pode passar as imagens assim. Amplie com este botão, para você e o seu avô poderem ver melhor. Encontro com você lá embaixo daqui a meia hora. — Ele ergueu a mão do idoso. — Monsieur Lachapelle, foi um prazer.

— Capitão — corrigiu Sarah. — Todo mundo chama o meu avô de Capitão.

— Capitão — disse Mac. — Espero voltar a vê-lo em breve. Prometo que vamos cuidar bem da sua neta até o senhor voltar para casa.

Só Deus sabe quando isso vai acontecer, pensou, ao sair do quarto.

* * *

— Você está de brincadeira.

— Não estou, não. Quer ver?

Ele lhe entregou a fotografia que imprimira ao chegar em casa. Natasha enfiou a mão na bolsa, pegou os óculos e o encostou no rosto para olhar. Antes ela não usava óculos, observou Mac.

— Não são drogas — disse ele, já que Natasha não falou nada.

Ela assentiu.

— É verdade. — Tirou os óculos e ergueu os olhos para ele. — Mas um *cavalo*? — Devolveu-lhe as fotos. — Mas que diabo a gente vai fazer com um cavalo?

— Até onde eu sei, a gente não tem que fazer nada. Ela é a dona do cavalo, cuida dele.

— Mas… durante todo esse tempo? É para lá que ela vai?

— Eu não a confrontei sobre o dinheiro, mas acho que podemos partir do princípio de que é para isso.

— Como é que uma garota dessas pode ter um cavalo?

— Ele fica embaixo de um arco de ferrovia — prosseguiu Mac. O cérebro dele ainda estava girando com as imagens do estábulo no meio da cidade. — Parece que tem algo a ver com o avô. Ele é algum tipo de mestre cavalariço. E não é um cavalo qualquer. O animal parece ter saído de um quadro de Stubbs. Tem um físico e tanto. E ela faz um monte… de coisas de adestramento com ele. Dá saltos.

— Ai, meu Deus. — Natasha olhou para o vazio. — E se ela se machucar?

— Até onde eu vi, o controle dela era perfeito.

— Mas a gente não entende nada de cavalos. A assistente social não disse nada.

— A assistente social não sabe. Ela não quer que ninguém saiba. Acha que, se souberem, vão tirá-lo dela. Eles podem fazer isso?

Natasha deu de ombros.

— Não faço a menor ideia. Acho que não existem muitos precedentes.

— Ela me fez prometer que não íamos falar nada — disse Mac.

Natasha o olhou, incrédula.

— Não podemos fazer essa promessa!

— Bom, eu fiz. E ela prometeu que não vai mais faltar à aula. Achei um bom acordo.

Ele havia deixado Sarah na escola na hora do almoço, depois de rabiscar um bilhete apressado. A garota parecia não acreditar que ele estava em conluio com ela.

— Esta é a única vez — advertira Mac, ciente de que já tinha sido bonzinho demais. — Vamos resolver isso quando você chegar em casa. Certo?

Ela assentira. Não agradecera, Mac se deu conta, mal-humorado, então riu de si mesmo quando se afastou com o carro. Estava pensando como se fosse pai dela. Quantas vezes ouvira os amigos reclamarem da suposta ingratidão dos filhos?

Natasha se sentou. Tinha resmungado alguma coisa sobre um caso difícil, violência entre famílias e dentro de casa, como se ele fosse entender o que ela estava falando. Mac percebeu, com um pouco de culpa, que durante anos raramente escutara o que Natasha lhe contava sobre seu trabalho.

— Olhe, essa é uma boa notícia, Tash — disse ele. — Significa que ela não está usando drogas. Não é um garoto mal-intencionado. Ela é só uma adolescente obcecada por cavalos. A gente consegue dar conta disso.

— Do jeito que você fala, parece fácil. — O tom de voz dela era quase ressentido. — Mas a gente está com um problema, Mac. Ela não pode cuidar do cavalo sozinha. É por isso que está matando aula. Você me disse que era o avô que fazia a maior parte do trabalho. Quem vai cuidar do animal enquanto ela supostamente está na escola? É você quem vai fazer isso?

Ele meio que riu.

— Eu não tenho como. Não entendo nada de cavalos.

— E eu, muito menos. Tem alguém que possa fazer isso para ela?

Mac pensou no velho americano com os cigarros estranhos.

— Acho que não. É, entendi sua questão — concordou ele. — É difícil.

Eles ficaram em silêncio durante algum tempo.

— Certo — disse Natasha. Ela não o encarou. — Tenho uma ideia.

11

"Faça com que ele se acostume com todos os tipos de visões e todos os tipos de ruídos. Sempre que o potro se assusta com qualquer uma dessas coisas, deve ser ensinado, não por meio de irritação, mas acalmando-o, mostrando que não há nada a temer."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Deveria ter ficado óbvio desde o início que a ideia de Kent seria um desastre, pensou Natasha depois. Sarah se opôs com veemência a transferir o cavalo.

— Não. Ele precisa continuar aqui, onde posso ficar de olho nele — dissera ela.

— Ele estará em total segurança no haras Howe. A Sra. Carter é cavalariça experiente.

— Ela não conhece o meu cavalo. Ele vai acabar rodeado de gente que não o conhece.

— Tenho certeza de que a Sra. Carter sabe mais sobre cavalos até do que você mesma.

— Mas ela não conhece o Boo.

Era estranho, pensou Natasha, que aquela menina, que não tinha falado praticamente nada durante dias, erguesse a voz com tanta insistência.

— Sarah, você não tem tempo para fazer tudo sozinha. Você mesma disse. E, se quiser que mantenhamos a nossa parte do trato e não informemos às autoridades, precisa aceitar que temos que encontrar outro jeito de cuidar dele, com o seu avô no hospital. E no haras Howe vão tomar conta dele a semana toda. Então poderemos visitá-lo no fim de semana, e você pode passar o dia inteiro com ele.

— Não. — Sarah estava de braços cruzados, o maxilar, travado. — Não vou deixar o meu cavalo em um lugar que não conheço.

— Mas você *vai* conhecer. E é só por pouco tempo. O lugar parece mais profissional do que onde ele está agora.

Sarah praticamente cuspiu a resposta:

— Ele está feliz lá. — Ela olhou feio para Natasha. — Você não sabe nada sobre ele. O Boo está feliz lá em Sparepenny Lane.

Natasha se esforçou para não erguer a voz.

— Mas não está dando certo, não é? Até sabermos quando o seu avô voltará para casa, não dá para manter as coisas como estão. Você não está conseguindo dar conta.

— Você não vai tirar o meu cavalo de mim.

— Não seja dramática, Sarah. Ninguém quer tirar o cavalo de você.

— Pense como se fossem férias para ele. — Mac estava esparramado no sofá, comendo uma maçã. A casa era dele também, Natasha tinha que ficar lembrando a si mesma. — Ele pode passar o dia todo galopando pelos campos, ou fazendo as coisas de cavalos. Isso deve ser melhor do que ficar enfiado embaixo de um arco de ferrovia, não é? — Com seu olhar de advogada, Natasha percebeu que Mac ganhou a garota ali. Por um instante, Sarah pareceu fraquejar. — Imagino que ele não tenha passado muito tempo brincando em um campo, não é? — continuou Mac, jogando o miolo da maçã no lixo, que bateu no alvo com um baque metálico.

— Às vezes eu o deixo pastar com uma corda comprida — disse a menina, na defensiva.

— Mas isso não é o mesmo que ter a liberdade de sair trotando como ele bem entender, não é?

— Mas ele nunca entrou em uma carreta de cavalo.

— Então ele vai ter que aprender.

— E ele…

— Na verdade, Sarah, por mais que eu deteste ditar as regras aqui, esse assunto não está aberto a discussão — interrompeu Natasha com firmeza. — Você não tem tempo de cuidar dele e estudar. Mac e eu não sabemos o suficiente sobre cavalos para ajudar. Podemos pagar de bom grado para ele

ficar no haras Howe, e, quando o seu avô ficar bom, pagaremos para trazê-lo de volta para cá, e vocês poderão continuar como antes. Agora, se me dá licença, preciso trabalhar.

Natasha hesitou um pouco ao sair da sala. Quando o avô de Sarah fora mencionado, Mac parecera sem jeito de repente, como se soubesse algo que não poderia contar. Ela sentiu os olhos rebeldes de Sarah queimando em suas costas muito tempo depois de deixar o cômodo.

* * *

A viagem foi traumática. Contrataram uma empresa de transporte de cavalos de Newmarket para levar Boo, como Sarah o chamava, em um sábado. Mac depois contou a Natasha que o caminhão enorme tivera dificuldade de chegar a Sparepenny Lane, e o motorista pareceu descontente com o endereço do estábulo, ainda mais quando viu o que teria pela frente.

— Ele estava acostumado com estábulos de corrida — contou Mac. — Lugares grandiosos.

— Não me surpreende, tendo em vista quanto eles cobraram — retrucou Natasha.

O cavalo, que já estava assustadiço por causa de alguma mudança microscópica no ar, recusou-se a entrar no caminhão. Sarah implorou e argumentou com ele, xingou todo mundo para que ficasse longe e tentou conduzi-lo várias vezes rampa acima, para dentro do vagão luxuoso. Mas Boo parou, ficou puxando a rédea, empinou várias vezes de medo e fez a pequena multidão de transeuntes pular para trás quando bateu os cascos nas pedras da rua ao recuar. Quanto mais a situação se arrastava, contou Mac, mais gente parava na rua para assistir, e mais perturbado ficava o cavalo, suando, com os olhos brancos, quase incontrolável. Garotos passavam de lambretas; motoristas bloqueados pela carreta de cavalo buzinavam de mau humor; Cowboy John, fumando ao portão, colocou o chapéu para trás e sacudiu a cabeça, como se tudo o que acontecia fosse um assunto digno de uma leve desaprovação.

Duas vezes, Sarah berrou para os observadores irem para casa, darem um pouco de paz para eles, até que o motorista e o ajudante dele disseram que não tinham tempo para esperar mais e, com uma mistura de força bruta e uma corda comprida, forçaram o cavalo a entrar. Deu para ouvir o animal relinchando lá dentro, os cascos batendo nas laterais enquanto o caminhão avançava devagar em direção à estrada.

Sarah não foi autorizada a viajar com eles ("É o seguro, cara, desculpe"). Quando a convenceu, com o rosto pálido, a entrar no carro dele, Mac observou que as palmas das mãos dela estavam sangrando.

Sarah se recusou a falar com ele durante todo o trajeto.

* * *

Mac contou tudo isso a Natasha pelo celular, durante uma breve parada na estrada. Ela havia ido na frente no próprio carro para preparar o chalé. Pelo menos era o que dissera a eles que queria fazer. Na verdade, queria eliminar qualquer sinal de Conor e, mais importante, preparar-se para aquilo que parecia uma invasão ao único espaço só dela que lhe restava.

O chalé só tinha dois quartos. Sarah ficaria com o quarto extra e Mac dormiria no sofá. A simples ideia de os dois irem até lá fazia Natasha se sentir tolhida, presa. Tinha medo de que, depois que Mac fosse embora, aquela casa também ficasse contaminada por seu casamento fracassado; um espaço que havia se livrado dele, de lembranças, passaria a carregar um eco indesejado. Como diabo ela tinha acabado ali? Como sacrificara sua independência, sua paz de espírito e possivelmente seu relacionamento? Conor fez questão de ignorá-la no trabalho, dizendo que estava ocupado se cometesse o erro de atender o telefone quando ela ligava. Natasha enviara uma mensagem de texto para ele naquela manhã, furiosa por ele estar lhe dando gelo.

Só porque a sua mulher foi cruel com você, não significa que sou farinha do mesmo saco.

Ela mandara a mensagem antes de o bom senso poder refreá-la.

Eu não mereço isso, Conor.

* * *

Natasha fechara o celular e ficara sentada na cozinha silenciosa, meio que esperando uma resposta. Mas não recebeu nada, e isso fez com que ela se sentisse ainda pior.

Foi até o jardim sentindo a aproximação do inverno nos pelos que se arrepiaram em seus braços. Tinha aparado a grama havia duas semanas, mas o frio crescente fizera com que crescesse mais devagar, e o gramado ainda estava uniforme e verde. Ela limpara as folhas, podara os arbustos que conseguira identificar e plantara fileiras compridas de bulbos onde antes havia mato. Por cima das floreiras ficavam lanternas chinesas reluzentes, com as cabeças cor de laranja brilhando sob o ar cinzento de outono. As últimas rosas tinham desabrochado alegres dos arbustos espinhentos. Aquele lugar, antes negligenciado e cheio de mato, até que estava bonito.

Ela respirou fundo e abraçou a si mesma, dizendo-se que não tivera opção. Com sorte, Mac nunca mais precisaria voltar ali. Ela traria Sarah consigo nos fins de semana (por mais que, pelo que parecia, a menina fosse preferir passar o tempo todo com o cavalo) e Conor nunca precisaria saber que Mac estivera ali. Talvez um dia Conor e Sarah pudessem se dar bem. Afinal de contas, ele entendia as crianças. Sabia falar com elas. Ao contrário de Natasha.

Ela caminhou devagar pelas beiradas, observando os sapatos escurecerem com a umidade, desejando não se sentir assim tão desequilibrada com a presença de Sarah em sua vida. Toda conversa que tinham parecia enviesada, como se ela nunca acertasse o tom. Enquanto isso, Mac tratava a menina com a naturalidade casual de um irmão mais velho. Quando os dois compartilhavam alguma piada interna à mesa da cozinha ou quando conversavam sobre o avô dela, Natasha se sentia excluída.

Pensou que Sarah não gostava dela. Tratava qualquer pergunta normal como se fosse um inquérito e parecia olhar para Natasha com uma desconfiança mal disfarçada. Quando Mac lhe contara ao telefone que Sarah estava se recusando a conversar com ele no carro, sentira-se quase alegre. Não sou só eu!, foi o que teve vontade de gritar. Ela também sabe ser mal-humorada com você!

Caso se forçasse a ser sincera, Natasha saberia que Sarah estava ciente de que não tinha a confiança dela. Sim, o dinheiro provavelmente fora gasto com o cavalo. Não, não havia sinal de uso de drogas nem de álcool. Mas a menina, de algum jeito, parecia contida demais, como se ainda houvesse coisas que não tinham sido reveladas.

Ela não podia dizer nada disso a Mac. Como poderia, se escondera dele a existência do chalé em Kent durante semanas? E a resposta dele a tudo era simplesmente que Sarah tinha passado por tantas dificuldades que era normal ela se fechar. O tom dele dava a entender que a culpa por não compreender era da própria Natasha.

Fantástico, era o que Natasha tinha vontade de dizer. Acabei abrigando o meu ex-marido, uma adolescente que não gosta de mim e ainda gastando dinheiro com uma porcaria de um cavalo. Quanto mais de compreensão você quer de mim?

* * *

Ele ligou de novo às quinze para uma.

— Pode vir ao haras nos encontrar? — perguntou ele. — Você conhece a mulher, certo?

— Acabei de colocar o almoço na mesa — respondeu ela, de olho nos pãezinhos frescos e na panela de sopa no fogão.

— Quer dizer isso ao cavalo? Ele acabou de sair em disparada do caminhão e quase matou alguém — disse Mac. — Ai, meu Deus! Sarah está gritando com a mulher. É melhor eu ir lá.

Natasha pegou o casaco e saiu correndo pela rua. Quando chegou, Mac estava tentando amaciar a Sra. Carter, que demonstrava sua desaprovação

comprimindo a boca em uma linha rígida.

— Ela anda um pouco exaltada — dizia Mac. — Estava preocupada com ele. Não teve intenção de dizer aquilo.

— Todos que deixam um cavalo aqui precisam obedecer às minhas regras — argumentou a Sra. Carter.

— Não quero que ele fique aqui — interrompeu Sarah de trás da porta da cocheira. De vez em quando, uma cabeça de cavalo aparecia ao lado dela, então desaparecia irrequieta na escuridão.

De dentro da cocheira, Natasha escutava os sons de tábuas rachando.

— Se ele quebrar a parede — alertou a Sra. Carter —, você vai ter que pagar.

— É porque você o assustou.

— Sarah, por favor — interveio Mac. — Claro que nós vamos pagar por qualquer dano.

Nós?, pensou Natasha.

Dois homens aguardavam ao lado da carreta de transporte.

— Alguém vai pagar a gente? — perguntou um deles. — A gente tem que ir.

Natasha foi até eles e enfiou a mão no bolso do casaco em busca da carteira.

— Deu um pouco de trabalho — observou um dos homens.

— Sinto muito, mas não entendo muito de cavalos — disse ela.

— Eu não estava falando do cavalo — retrucou ele.

Natasha se virou no momento em que Sarah saiu da cocheira. A discussão entre a menina e a Sra. Carter parecia estar esquentando.

— Faz quarenta anos que eu cuido de cavalos, mocinha, e não vou admitir esse tipo de comportamento no meu haras. Não vou aceitar que uma pessoa como você seja tão grosseira.

— Você nem deu uma chance para ele — berrava Sarah. — É a primeira vez que ele sai do estábulo. Ficou com medo.

— Aquele cavalo precisava sair da carreta antes que se machucasse.

— Vocês deveriam ter deixado que eu fizesse isso.

— Sarah, acalme-se. — Mac tentou fazer com que ela ficasse quieta de novo. — Vamos todos nos acalmar. Nós vamos pagar qualquer prejuízo — repetiu.

— Eu não quero que aquela mulher chegue perto dele — apelou a garota a Mac.

A Sra. Carter se virou para Natasha.

— Você disse que ele era comportado. Disse que a menina era comportada.

Sarah abriu a boca, mas foi Mac quem falou.

— Ele era muito tranquilo no outro estábulo — afirmou. — Eu vi. Era bastante calmo.

— Calmo? — repetiu a Sra. Carter.

— Ele fica bem perto de gente que sabe como tratar os cavalos.

Sarah estava chutando o chão.

— Mocinha, preciso lhe avisar que…

— Uma semana — interrompeu Natasha. — Por favor, apenas tome conta dele por uma semana. Se achar mesmo que não tem jeito, eu providencio para que seja levado de volta. — Ela olhou para Sarah. — E aí teremos que pensar em outra solução. — O caminhão estava indo embora. Natasha pensou na sopa que estava endurecendo na panela na cozinha. — Por favor, Sra. Carter, Sarah está obviamente exaltada, assim como o cavalo. E não podemos levá-lo daqui hoje. Do ponto de vista logístico, seria impossível.

A Sra. Carter suspirou. Olhou feio para Sarah, que se esticava por cima da porta da cocheira, ainda tentando acalmar o cavalo.

— Não posso garantir que vou sair com ele todos os dias.

— Tudo bem — disse Natasha, que não fazia a menor ideia do que a mulher estava falando.

— E ela terá que ficar com ele no bloco do outro lado, longe dos outros.

A senhora deu meia-volta e saiu a passos firmes em direção ao escritório.

— Ótimo. Tudo acertado — disse Mac. Ele sorriu, como se essa fosse uma conclusão definitiva. — Estou morrendo de fome. Venha, Sarah.

Vamos deixar que ele se acalme e vamos almoçar. Você pode voltar direto para cá e ficar com ele depois.

* * *

Sarah tomou a sopa em tempo recorde e passou o resto da tarde no haras. Mac sugeriu que a deixassem sozinha. Ela era uma garota bacana, de acordo com o raciocínio dele. A Sra. Carter provavelmente se daria conta disso quando passasse a conviver com a menina. As duas adoravam cavalos. Com certeza encontrariam interesses em comum bem rápido.

Natasha desejou se sentir tão confiante quanto ele.

Depois que Sarah saiu, os dois ficaram na cozinha, com Mac equilibrado nas pernas traseiras da cadeira. Ela o flagrou examinando a foto dos pais dela que antes ficava pendurada no escritório da casa deles em Londres e o equipamento de cozinha que ela havia trazido consigo.

— Este chalé não é do Conor, é? — perguntou ele enquanto Natasha tirava a mesa.

Ela viu o lugar do ponto de vista dele: um espaço feminino. Não que escolhesse coisas cheias de frufrus ou floridas, mas os objetos eram cuidadosamente posicionados, uma delicadeza de tom e arranjo que traía o sexo da ocupante do chalé.

— Eu não comprei, se é isso que você está perguntando. Eu só alugo.

— Não estou perguntando nada. Só… — ele se virou na cadeira e observou a sala através da porta — …estou um pouco surpreso. — Ela não sabia o que dizer, por isso não falou nada. — E é para cá que você vem todo fim de semana.

— A maioria dos fins de semana.

Ela de repente ficou constrangida, como se fosse derrubar a louça.

— Nunca achei que você fosse do tipo interiorano.

— E eu nunca achei que fosse do tipo que se divorcia. Mas, ei, acontece.

— Você, Sarah… São muitas surpresas.

— Bem, você aparecer à minha porta não foi exatamente anunciado.

Ela abriu a torneira da pia, grata por ter algo a fazer. Aquilo parecia tão estranho, ele estar ali, como se tivesse se transformado em alguém que ela não conhecia. Às vezes era difícil acreditar que um dia haviam estado juntos. Mac parecia tão mudado, tão afastado, e ela tinha consciência de que pouca coisa em sua vida avançara.

— Obrigado — disse ele, quebrando o silêncio.

Ela estava preparada para a resposta sarcástica.

— Pelo quê?

— Por permitir que a gente viesse aqui. Dá para perceber que não é fácil para você.

Não havia tom de sarcasmo na voz dele. Seus olhos castanhos eram sinceros. Aquilo a deixou muito assustada.

— Não é nada.

— Nesse caso, este seria o momento certo de lhe contar que durante todo esse tempo eu tinha um apartamentinho em Notting Hill? — Ele já estava rindo antes mesmo de ela se virar. — Brincadeira! — completou ele. — Tash, estou brincando!

— Hilário — retrucou ela, em tom ameno, então ficou se perguntando por que estava sorrindo.

— Ela vai acabar se acalmando, você sabe — disse Mac, um instante depois.

Natasha ficou paralisada. Então, ele também tinha visto.

Mac foi até o lado dela na pia. Natasha permaneceu com os olhos na louça.

— Acho… que não tem muita coisa que importa para ela além do avô e daquele cavalo. Levando em conta tudo o que aconteceu, ela provavelmente está apavorada com a ideia de perdê-lo também. E por isso está reagindo de um jeito exagerado. Não é difícil entendê-la. — Ele entregou a Natasha uma colher que sobrara. *Talvez para você*, pensou ela. Mas não podia admitir aquilo em voz alta. — Eu ampliei algumas fotos — comentou Mac, voltando a se sentar. — Estão no meu carro. Se eu fizer um chá, você dá uma olhada?

Ela não tinha mais nada para fazer. Tentou não reagir enquanto ele remexia nos armários em busca de xícaras e colheres. Com ele fazendo chá no lugar de Conor, Natasha se sentia como se estivesse sendo infiel. Com amargor, tomou consciência da ironia daquilo.

Os dois se acomodaram na sala, Mac, na poltrona que Conor geralmente preferia, ela, no sofá em frente. Ele examinava uma pasta transparente de fotos.

— O lugar em que ele fica é tipo da era vitoriana… tirando os carros e tal. Este velho — ele apontou para um homem negro já de idade com um chapéu de caubói esfarrapado — disse que ainda existem alguns desses estábulos pequenos espalhados pela zona leste de Londres. Antes tinha mais, porém as construtoras foram derrubando.

Natasha olhou para o estábulo apertado, o braseiro em chamas e as galinhas soltas, tentando encaixar aquele lugar em sua localização na cidade. Era uma mistura do seriado *Steptoe and Son* e algo oculto, mágico, remanescente de um modo de vida que desaparecera muito tempo atrás. Havia galinhas, cabras, cavalos enormes e crianças magrelas. Atrás de uma pilha enorme de estrados, um trem brilhante passava lá em cima, com os ocupantes alheios à cena abaixo deles. Aquele era o lugar de onde Sarah vinha. Era o mundo dela. Onde um local daqueles se encaixava nos tempos modernos? Como é que uma garota como Sarah se encaixava?

— O que você acha?

Quando Natasha tirou os olhos das fotos, Mac estava olhando para ela. Ele realmente queria saber.

— Nunca vi nada como isto, tenho certeza.

Outra imagem chamara a atenção dela, um cavalo empinando, mas com uma silhueta conhecida montada no lombo. Uma abertura nas nuvens tinha permitido que a cabeça do cavalo fosse iluminada pelo sol, em uma sobreposição etérea em contraste com a rua cinzenta atrás. Ela percebeu, com um sobressalto, que já vira aquilo. Uma vez, de um trem em movimento.

— Mas você gostou? — A voz de Mac estava mais animada. — Porque eu estava pensando em fazer um projeto fotográfico. Eu mostraria ao

curador daquela galeria perto de Waterloo… lembra? Aquela em que fiz uma exposição há uns três, quatro anos? Falei para ele sobre as fotos e ele pediu para ver. — Mac se inclinou para a frente e ajustou as mãos grandes em volta da imagem que ela examinava. — Achei que podia cortar esta bem aqui. O que você acha?

Mac tirara aquelas fotos com filme, não eram digitais, explicou. Usara sua antiga Leica, e aquelas eram só uns dez por cento das imagens nas folhas de contato. Fora impossível fazer uma foto ruim naquele lugar. Para todo lado que ele olhava, havia uma imagem prontinha para ser registrada. Não demoraria muito para aquele estábulo se transformar em um mundo perdido. O caubói tinha lhe dito. John sabia de uns cinco que ainda restavam, dos trinta originais. Quem sabe Mac até fosse dar uma olhada nos outros. Talvez ele pudesse transformar aquilo em uma série. Estava animado, entusiasmado. Fazia anos que Natasha não o escutava falar do trabalho daquele jeito.

No final, ele foi desistindo.

— Você está achando isso uma chatice — disse Mac, sorrindo como quem pede desculpas e recolhendo as fotos.

— Não — reagiu ela ao lhe entregar as fotos que tinha no colo. — De verdade. São maravilhosas. Acho que… são a melhor coisa que já vi você fazer. — Ele levantou a cabeça de supetão. — De verdade. São lindas. Não que eu entenda alguma coisa de fotografia.

Ele sorriu.

— Afinal de contas, você é a mulher…

— …que certa vez fotografou um rolo de filme inteiro com a lente tampada. Eu sei.

Eles riram, meio sem jeito. No silêncio que se seguiu, ela deixou o joelho marcado de tanto bater com o dedo nele.

— Mas, bem — continuou ele, levantando-se. — Ela já está lá há uma hora e meia. É melhor a gente ver que confusão o cavalo está causando na região.

Natasha ajeitou as revistas na mesa, estranhamente sentindo-se como se tivesse perdido alguma coisa. Não conseguia olhar para ele.

— É. Acho que é melhor irmos até lá.

* * *

Caminharam pela alameda na direção do haras Howe, agasalhados por causa do ar frio, Natasha acanhada e deslocada com seu sobretudo de lã azul. Enquanto andavam, esbarraram os cotovelos um no outro e ela se afastou.

Natasha ouvira casais que descreviam os ex como melhores amigos. Como isso era possível? Como é que se podia passar com tanta facilidade da paixão (seja amor ou ódio) ao tipo de familiaridade fácil em que dá para andar de braços dados? Natasha se lembrava de momentos em que odiara Mac de tal forma que tivera vontade de matá-lo, e outras vezes em que o desejara tanto que achara que morreria. Como toda essa energia podia ser convertida em algo tão neutro, tão *bege*, quanto a amizade? Como era possível que ele tivesse se divorciado disso sem nenhuma cicatriz visível? Ela sabia que o fim do casamento deles ainda estava muito perto da superfície para ela, revelando-se em seus gestos, suas reações nada naturais a ele, seus arroubos de raiva sempre presentes. E, no entanto, Mac seguia em frente, alheio, um barco em águas eternamente calmas. Natasha enfiou o queixo atrás do cachecol e caminhou um pouco mais depressa, como se estivesse impaciente para chegar, torcendo para que sua confusão não transparecesse no rosto.

Aquilo era muito diferente do estábulo urbano apertado das fotos de Mac. Ao redor de um pátio pitoresco de tijolinhos vermelhos, mulheres de meia-idade e adolescentes com coxas magrelas enfiadas em calças de montaria de todas as cores conversavam por cima do som de um rádio transistorizado minúsculo enquanto cuidavam dos cavalos e varriam as baias, com breves trechos das conversas chegando até ela.

— Ele nunca anda direito na areia. Parece que a traseira trava.

— Eu estava fazendo uma serpentina de três voltas com mudança de pata no meio…

— Jennifer só deu palha de cevada para ele, até começar a tossir. Está custando uma fortuna em serragem…

Os cavalos esperavam pacientemente ao lado de blocos de montar, ou enfiavam o focinho, curiosos, por cima das portas das baias, envolvidos em uma comunhão silenciosa entre si. Era um mundo fechado, com linguagens e costumes estranhos, com seus habitantes unidos por uma paixão que ela não podia nem começar a entender. Mac observava tudo com interesse, as mãos inquietas na lateral do corpo, como se ficassem perdidas sem uma câmera para segurar.

O cavalo de Sarah não estava na baia dele. A porta fora escancarada. A Sra. Carter saiu do escritório.

— Eu disse que ela podia usar a escola durante meia hora, apesar dos pesares. Achei que devia deixar o animal descansar, mas ela disse que ele se acalmaria mais rápido se fizesse exercício. — Sua opinião ficou clara no maxilar tenso. — Não dá para conversar muito com ela, não é?

— O avô dela tem muita experiência. Ele ensinou a maioria das coisas para ela.

— Não ensinou muito no que diz respeito à boa educação. — Ela fungou. — É melhor eu dar uma olhada. Para garantir que ela não está bagunçando a arena.

Natasha e Mac se entreolharam e Natasha percebeu que, perigosamente, estava com vontade de rir.

Seguiram os passos levemente artríticos da Sra. Carter, tentando não pisar no cachorrinho dela, e viraram uma curva, depois da qual encontraram Sarah parada no meio de um círculo de areia. O cavalo estava na ponta de duas rédeas compridas, trotando ao redor dela, mudando de direção várias vezes, seguindo alguma instrução invisível, desacelerando até parecer que trotava sem sair do lugar. Ela se aproximou dos quartos dele, quase encostada no animal. Sem dúvida, bem atrás de um cavalo era o lugar em que ninguém deveria ficar.

Natasha enfiou as mãos bem fundo nos bolsos e ficou observando em silêncio. O cavalo trotava tão devagar que parecia flutuar, os joelhos se erguendo, um leve saltitar no passo. Dava para ver a concentração intensa

do animal, espelhando a da menina. Os flancos dele tremiam, a cabeça descia à medida que ele erguia e baixava os cascos no ritmo de alguma batida que não se escutava. E então ele saiu a meio-galope mais uma vez, traçando um pequeno círculo ao redor da menina, que voltara a murmurar.

— Parece balé para cavalo — comentou Mac, ao lado dela. Ele estava com a câmera na frente do rosto e batia um rolo inteiro de fotos. — Eu já a vi fazendo essa coisa de erguer e baixar. Não lembro como chama.

— *Piaffe* — interveio a Sra. Carter. Ela estava em pé ao lado do portão, observando com atenção. Tinha ficado muito quieta.

— Ela é boa, não é? — perguntou Mac, baixando a câmera.

— O cavalo é talentoso — reconheceu a Sra. Carter.

— Ela quer fazer… adestramento com ele. Algo assim. Tipo movimentos de balé. Ar alguma coisa.

— Ares acima do solo?

— Acho que foi o que ela disse.

A Sra. Carter balançou a cabeça.

— Acho que você não entendeu bem. Ela não faria ares acima do solo. Não na idade dela. Isso é exclusivo das academias europeias.

Mac refletiu por um momento.

— Ela com certeza disse adestramento.

— Bom, ela precisa trabalhar nos testes básicos para começar, preliminar, noviça, elementar… Se for boa, pode chegar ao nível médio com o tempo, com instrução adequada, mas não vai chegar a lugar algum se não competir com ele.

A Sra. Carter parecia tão certa disso que Natasha sentiu uma pontada de solidariedade por Sarah. Ela não sabia muito bem o que via, mas a menina estava muito concentrada, muito focada nos movimentos do cavalo. Não havia sinal da adolescente ressentida, apenas uma competência calma, amor pelo que estava fazendo, uma atitude silenciosa, recíproca e de bom grado, do animal próximo a ela. *É isso*, pensou. *Sua grande paixão*.

— A senhora ainda não a viu montar — comentou Mac, como se defendesse Sarah. — Ela é fantástica.

— Qualquer um fica bem em cima de um cavalo um pouco decente.

— Mas ela só fica lá parada. Até quando ele faz aquela coisa de empinar…

Ele imitou o movimento de um cavalo em cima das patas traseiras.

Os olhos da Sra. Carter se arregalaram.

— Nenhum cavalo deve ser incentivado a empinar — disse com firmeza. — Se cair para trás, ele pode se machucar ou até se matar. Com o cavaleiro.

Mac ameaçou dizer algo, então suspirou fundo e fechou a boca.

Tinham terminado. Sarah se virou e começou a levar Boo na direção do portão. O cavalo estava de cabeça baixa e parecia relaxado. Ele a cutucou com o focinho quando ela se aproximou dos outros.

— Ele gostou daqui — disse ela, parecendo não pensar em si mesma por um momento. — Toda a ação dele mudou. Ficou saltitante. — Sarah sorria. — Ele nunca esteve em uma arena.

— Não? Mas onde você treina com ele? Em casa?

A Sra. Carter abriu o portão para deixá-la sair. Natasha deu vários passos nervosos para trás.

— No parque, principalmente. Na verdade, não tenho outro lugar.

— Em um parque?

— Eu delimitei uma área perto do *playground*.

— Você não pode treinar em um parque. No verão o solo fica duro demais, e no inverno você vai prejudicar os tendões dele se tiver lama. Vai estragar as patas dele se não tomar cuidado.

A voz da Sra. Carter tinha um tom de bronca, e Natasha viu Sarah se retesar.

— Eu não sou burra — retrucou a garota. — Só treino com ele quando o solo está bom.

Seu breve sorriso exultante desaparecera. *As coisas são assim com as crianças*, pensou Natasha. *Uma palavra dura no momento errado e elas se sentem esmagadas*. Ficou com a impressão de que Sarah não voltaria a sorrir para a Sra. Carter.

— Bom, coloque-o na cocheira. A que fica atrás das outras, como conversamos.

Sarah parou.

— Mas ele vai se sentir solitário lá. Está acostumado com a companhia de outros cavalos.

— Ele vai escutar os outros — disse a Sra. Carter, com firmeza. — É muito grande para aquela cocheira. E, além do mais, preciso pedir a Brian para consertar os buracos que ele abriu com os coices que deu na parede.

— Faça como a Sra. Carter diz — implorou Mac. — Vamos lá. Ele parece contente.

O olhar que Sarah lançou para ele foi de aceitação ressentida. Natasha não conseguia entender por que aquilo a fazia se sentir tão estranha, até se dar conta do que mais vira no rosto de Sarah. Confiança. A menina levou o cavalo até a cocheira nova.

— Certo. Preciso que vocês preencham alguns formulários — pediu a Sra. Carter, levando-os até o escritório. — Também gostaria de receber o cheque do depósito e o valor dos reparos se não se incomodam. — Ela estava ganhando velocidade, com o cachorro trotando atrás. Tocou o braço de Mac. Todas as mulheres que tinham uma oportunidade faziam isso. — Sabe, ele não é um cavalo ruim. A melhor coisa que poderia fazer, Sr. Macauley — disse ela, baixinho —, é achar um novo lar para ele. Algum lugar em que ele possa desenvolver seu potencial.

Um breve silêncio se instalou.

— Acho que eu prefiro garantir que isso aconteça com a dona dele — retrucou Mac.

* * *

Quando voltaram para o chalé, Sarah desapareceu em seu quarto. Natasha passou um tempo procurando toalhas limpas e arrumando o armário de roupa de cama e banho. Só quando voltou para o andar de baixo pensou em conferir o celular, que tinha ficado na mesa.

Havia uma ligação perdida de Conor e uma mensagem do corretor:

Sr. e Sra. Freeman fizeram oferta pela casa. Ligue urgente

Mac estava do lado de fora, pegando lenha para a lareira. Ela o observou se abaixar e se levantar com facilidade enquanto jogava a lenha para um lado, então foi para a cozinha fazer a ligação. O corretor disse que a oferta era "razoável", só uns dois mil abaixo do que pediam. Os compradores estavam desimpedidos e queriam se mudar logo.

— Eu recomendo que aceitem, tendo em vista a situação do mercado — aconselhou ele.

— Vou conversar com o meu… Eu retorno. Obrigada — disse ela, depois desligou.

— Fico surpreso por você não estar com os músculos iguais aos do Arnold Schwarzenegger depois de carregar estas coisas — comentou Mac, entrando cambaleante pela porta, de algum modo grande demais para a casinha, com uma cesta cheia de lenha. Ele a largou com um baque ao lado da lareira e uma chuva de lascas de madeira e poeira cobriu o chão.

— É que eu costumo trazer só dois ou três pedaços de cada vez, não a cesta toda.

Ele limpou as mãos na calça jeans.

— Quer que eu acenda, então? Vai ser gostoso ter uma fogueira. Dá para sentir que a temperatura está caindo.

Ele se sacudiu todo em um gesto teatral, e pedaços de casca de árvore caíram de seu casaco. O frio deixou as pontas de suas orelhas cor-de-rosa.

Ela ficou se perguntando como ele podia estar tão relaxado ao acender uma lareira em um lugar que com certeza parecia ser a casa de outro homem. Mac ajeitou a madeira em cima da isca, então se agachou, acendeu o jornal por baixo e soprou até ter certeza de que o fogo tinha mesmo pegado.

— Recebemos uma oferta pela casa — disse Natasha, estendendo o celular. — Menos dois mil do que pedimos, mas não há restrições contra os compradores. O corretor acha que devemos aceitar.

Ele a encarou por uma fração de segundo a mais do que o necessário, então se virou para o fogo mais uma vez.

— Para mim, parece bom — disse ele, colocando mais um pedaço de lenha no fogo. — Se estiver bom para você.

Em um filme, pensou Natasha depois, *esse teria sido o ponto em que ela diria algo. O ponto em que a coisa toda de fato se tornaria irreversível, quando os sentimentos e as ações assumiriam um ritmo próprio*. Porém, por mais que ela se esforçasse, não conseguia decidir o que queria falar.

— Vamos ter de contar para a Sarah — disse, afinal. — Para o caso… para o caso de as coisas acontecerem rápido e termos que encontrar outro lugar para ela ficar.

— A gente lida com esse problema quando chegar o momento.

Ele não tirou os olhos do fogo.

— Então, vou ligar para eles — disse ela.

Em seguida, voltou para a cozinha com os pés frios no piso duro, mesmo estando cobertos por meias.

* * *

Mac perguntara se podia cozinhar. Tirou do porta-malas do carro dele uma caixa cheia de ingredientes, coberta com um pano de prato, e avisou que não era para elas olharem até ficar pronto. Natasha, um pouco desarmada pelo fato de o ex-marido ter adquirido habilidades culinárias, sentiu-se mais abalada do que animada pela perspectiva daquele agrado nada característico. Por que ele tinha que se transformar no Sr. Perfeição quase imediatamente depois de eles se separarem? Mac estava mais bonito, comportava-se melhor, tinha se comprometido com um emprego de adulto. Não perdera nada de seu charme. A vida dela, em comparação, estava empacada. Era o máximo que havia conseguido fazer para seguir com seu dia a dia. Ela se sentiu estranhamente reconfortada quando a comida chegou à mesa.

— É… hum… mexicana — disse ele, com um leve tom de desculpa na voz.

Natasha e Sarah ficaram olhando para o monte pastoso marrom na tigela azul, com os tacos ainda no pacote. Tiras de uma substância irreconhecível nadavam em óleo pegajoso, intercaladas com alguma coisa

vermelha. Os olhos deles se encontraram por um breve instante, e todos começaram a rir espontaneamente.

— Certo… Então, eu ainda não dominei muito bem o tempo de preparo — reconheceu Mac. — Desculpem. A carne deve estar um pouco passada.

— O que é isso? — Sarah cutucou a montanha molenga de comida. Parecia, pensou Natasha, tentando não demonstrar, algo que o cavalo de Sarah poderia ter deixado para trás.

— São feijões refritos — respondeu Mac. — Você nunca comeu feijões refritos?

Ela balançou a cabeça, levemente desconfiada, como se a coisa toda talvez fosse uma pegadinha.

— O gosto é melhor do que a aparência. É sério.

Ele esperou, observando as duas.

— Ah, tudo bem — cedeu ele. — Vamos pedir comida.

— Por aqui não tem delivery, Mac — explicou Natasha. — Estamos no interior. Olhe. — Ela abriu o pacote de tacos. — Se a gente encher de sour cream e queijo, vai ficar bom. Afinal, comida mexicana é isso, certo?

* * *

Depois do jantar, Sarah desapareceu para tomar um banho, então voltou para dizer que, se eles não se incomodassem, iria dormir. Estava com um livro bem gasto debaixo do braço.

— São só nove e meia! — exclamou Mac. Ele e Natasha tinham ido para a salinha da frente, onde os pés dele estavam apoiados na cesta de lenha. — Que tipo de adolescente você é?

— Uma adolescente cansada, imagino — disse Natasha. — Você teve um dia e tanto.

— Que livro é esse?

Sarah pegou o livro embaixo do braço. Estava encapado com papel vermelho, preso com durex.

— É do meu avô — respondeu ela, e então, como os dois pareciam estar na expectativa, completou: — É Xenofonte.

— Você lê clássicos? — Natasha não conseguiu esconder a surpresa.

— É sobre cavalos. Vô costumava ler, então achei que podia ajudar…

— Os gregos têm coisas a ensinar sobre hipismo?

Ela entregou o livro para Mac, que examinou a capa.

— Nada muda muito. Sabe os cavalos brancos de Viena? — indagou a menina. Até Natasha já ouvira falar daqueles garanhões brancos reluzentes. Pensara que não passavam de uma atração turística decorativa, como os Beefeaters da Torre de Londres. Sarah continuou: — Aqueles cavaleiros ainda trabalham para o Tratado de La Guérinière, que foi redigido em 1735. *Capriole*, *croupade*, *curvets*… Os ares, os movimentos, quer dizer, não mudaram desde que foram apresentados para o Rei Sol.

— Muitos dos princípios da lei remontam a essa época — comentou Natasha. — Estou impressionada por você se interessar por textos clássicos. Já leu *A Ilíada*? Tenho um exemplar lá em cima, pode ser que você goste…

Mas Sarah já estava balançando a cabeça.

— É só… é para ensinar o Boo. Enquanto Vô não está aqui.

— Diga uma coisa, Sarah. — Mac pegou um taco e o enfiou na boca. — Que negócio é esse?

— O quê?

— Essa coisa dos ajustes. Tudo isso de ter certeza de que os seus pés estão exatamente no lugar certo. Que o seu cavalo move as patas exatamente desse ou daquele jeito. Que a cabeça dele está exatamente *aqui*. Quer dizer, eu vejo sentido em saltar obstáculos ou disputar corrida. Mas observei você no parque, fazendo as mesmas coisas várias vezes. Para que serve *aquilo*?

Ela ficou estupefata, pensou Natasha, *como se a pergunta tivesse sido uma heresia*.

— Para que *serve*? — repetiu Sarah.

— Para que serve fazer esses pequenos movimentos de um jeito tão obsessivo. Dá para ver que é bonito, mas não entendo qual é o objetivo. Metade do tempo, eu nem consigo entender qual é a sua intenção.

Ela havia lavado o cabelo, que, molhado, ainda exibia os sulcos regulares e minúsculos dos dentes do pente. A garota o encarou.

— Por que você fica tirando foto?

Ele sorriu, contente com aquilo.

— Porque sempre tem uma foto melhor para tirar.

Ela deu de ombros.

— E eu sempre posso fazer melhor. *Nós* sempre podemos fazer melhor. Tem a ver com tentar alcançar a comunicação perfeita. E um pequeno movimento do dedo em uma rédea ou um ajuste minúsculo do peso pode fazer isso. Cada vez é diferente porque ele pode estar de mau humor ou eu posso estar cansada, ou o solo pode estar mais macio. Não é só técnica, são duas mentes, dois corações… tentando entrar em equilíbrio. Tem a ver com o que se passa entre os dois.

Mac ergueu a sobrancelha para Natasha.

— Acho que a gente entende — disse ele.

— Mas quando Boo entende — prosseguiu Sarah —, quando nós dois acertamos juntos, não tem sensação melhor. — A menina olhou para o lado, as mãos se fecharam sobre rédeas imaginárias à sua frente, em um gesto inconsciente. — Um cavalo é capaz de fazer coisas lindas, coisas incríveis se você descobrir como pedir do jeito certo. Tem a ver com tentar destravar isso, destravar a capacidade dele… e então conseguir fazer com que ele execute. E, mais do que isso, conseguir fazer com que ele execute porque *quer*. Porque a execução faz com que ele seja o melhor possível. — Um breve silêncio se instalou. Sarah ficou um pouco sem jeito, como se tivesse feito revelações demais. — Só que, bom, ele preferia estar em casa — concluiu.

— Bem, você vai poder levá-lo de volta logo, logo — disse Mac, todo animado. — Depois destas pequenas férias. E nós dois seremos só uma lembrança ruim. Algo para você contar para os amigos.

— Não acho que ele vá ficar muito feliz quando eu não estiver aqui durante a semana — prosseguiu Sarah, como se não tivesse ouvido Mac.

Natasha sentiu a impaciência crescendo dentro de si e assumiu um tom mais ríspido.

— Mas a gente já conversou sobre isso. Mesmo que ele estivesse em Londres, você não poderia vê-lo. Pelo menos aqui tem a certeza de que alguém está tomando conta dele. Por favor, Sarah… — Ela não teve a intenção de parecer irritada, mas estava exausta.

Sarah ameaçou sair da sala, mas se virou para eles.

— Estão vendendo a casa? — perguntou, da porta. — Ouvi vocês conversando quando eu estava tomando banho — completou.

O chalé era pequeno demais para segredos. Natasha olhou para Mac, suspirou fundo.

— Estamos — respondeu ele. — Estamos, sim.

— Para onde vocês vão se mudar?

Ele jogou uma caixa de fósforos para o alto e a pegou no ar.

— Bom, provavelmente vou me mudar para algum lugar em Islington, e não sei bem para onde Natasha vai, mas você não precisa se preocupar. Ainda vai demorar um pouco, muito tempo depois de você voltar a morar com o seu avô.

Ela parou à porta.

— Vocês não estão mais juntos, estão? — Foi mais uma observação do que uma pergunta.

— Não — respondeu Mac. — Só estamos juntos pelo bem das crianças. Você, aliás. — Ele jogou o livro para Sarah e ela o pegou. — Olhe, não se preocupe com a gente — disse ele, ao perceber como ela ficou sem jeito. — Nós somos amigos e não temos problema nenhum em ficar juntos até tudo se resolver. Não é mesmo, Tash?

— É.

A palavra saiu rouca. Sarah a observava, e Natasha sentiu que a menina conseguia ler seus pensamentos, sentir seu mal-estar.

— Eu me viro com o café da manhã — disse Sarah, enfiando o livro embaixo do braço. — Quero ir para o haras o mais cedo possível se vocês concordarem.

E então ela se retirou, fazendo a escada estreita ranger, a caminho da cama.

* * *

Em sua primeira noite na casa de Londres, Mac e Natasha haviam dormido em um colchão no piso empoeirado. Em algum ponto da mudança do apartamento dela, os parafusos que prendiam as duas partes do sofá-cama deles tinham sumido e, exaustos depois de um dia inteiro desempacotando coisas, os dois colocaram o colchão na frente do aquecedor na sala e se cobriram com um edredom. Ela se lembrou disso naquele momento, deitada nos braços dele, embaixo das janelas sem cortinas que davam para a rua escura, com um avião distante cruzando o céu noturno. Estavam rodeados por caixas de papelão amontoadas que ficariam daquele jeito durante meses, o papel de parede de alguma outra pessoa, a sensação estranha de dormir em uma casa que era deles, mas que ainda não parecia ser. Acampados naquele espaço, de algum modo os dois haviam elevado a sensação de alheamento, de irrealidade. Ela ficara ali deitada, com o coração batendo rápido demais, sem nem mesmo imaginar onde eles estariam, no que aquela casa se transformaria, mas aproveitando um pequeno momento perfeito, uma convergência de felicidade e possibilidade que ela desconfiava saber, até mesmo na época, que não duraria muito.

Sentindo o braço dele esticado por cima de seu corpo, o amplo espaço da casa antiga ao redor deles, Natasha se sentia preenchida pela ideia de que eles seriam capazes de fazer qualquer coisa. Como se aquele fosse apenas o ponto de partida de algo tão infinito quanto o céu. E ela se virara para olhá-lo, aquele homem lindo e apaixonante, passando os dedos de leve pelo rosto adormecido dele, dando beijos em sua pele até ele acordar devagar e, com um murmúrio sonolento de surpresa e prazer, puxá-la mais para perto.

Natasha serviu uma taça grande de vinho. Não tirou os olhos da televisão, sem saber ao certo a que estava assistindo. Sentia-se estranhamente exposta e percebeu, com pavor, que seus olhos estavam ardendo por causa das lágrimas. Ela se virou um pouco de costas para Mac, piscou com fúria e tomou um longo gole de vinho.

— Ei — disse Mac, baixinho.

Ela ainda não podia se virar. Nunca conseguira chorar com discrição. Àquela altura seu nariz estaria brilhando feito uma lanterna. Ouviu quando ele se levantou e atravessou a salinha para fechar a porta. Então ele se sentou e desligou a televisão. Ela o xingou em silêncio.

— Você está bem?

— Estou — respondeu ela, meio irritada.

— Não parece.

— Bem, estou.

Ela ergueu a taça mais uma vez.

— Está aborrecida por causa dela?

Natasha aprumou o corpo.

— Não… — Isso não seria o suficiente. — Acho que essa história toda do cavalo é um tanto exaustiva para mim. Na verdade, só o fato de ter uma adolescente em casa já é exaustivo.

Ele assentiu.

— Não tem sido… nada óbvio, não é mesmo?

Mac sorriu.

Não seja simpático, pensou ela, *não faça isso*. Mordeu o lábio.

— É por causa… da casa?

Ela se forçou a assumir uma expressão de indiferença.

— Ah… acho que não tinha como não ser um pouco estranho.

— Eu também não estou me sentindo muito bem, não — confessou ele. — Adoro aquela casa.

Os dois ficaram sentados em silêncio, olhando para o fogo. Do lado de fora, o chalé estava envolto pela noite escura do interior, que abafava o som e a luz.

— Mas foi tanto trabalho… — disse ela. — Todos aqueles anos de planejamento, decoração e imaginação. É só… difícil saber que tudo vai desaparecer. Não consigo parar de me lembrar de como foi da sensação de quando a gente foi para lá, quando a casa era uma desgraça mas cheia de potencial.

— Eu ainda tenho as fotos — admitiu ele. — Uma foto sua derrubando aquela parede dos fundos, toda coberta de poeira, com a marreta…

— É que me parece estranha a ideia de outra pessoa morar lá. Ela não vai saber nada da história, dos corrimãos de madeira de demolição, nem por que a gente colocou aquela janela redonda no banheiro… — De repente, Mac pareceu ficar sem palavras. — Tanto trabalho. E aí, nada. A gente simplesmente segue em frente. — Ela sabia que estava falando demais por causa do vinho, porém de algum modo não pôde se conter. — Parece… que a gente está deixando um pedaço para trás. — O olhar dele encontrou o dela, e Natasha teve que olhar para outro lugar. Na lareira, uma lenha se moveu e provocou uma chuva de faíscas pela chaminé. — Acho que eu não conseguiria dedicar tanto trabalho a qualquer outro lugar — disse ela, quase para si mesma.

Apesar do estalar abafado do fogo, Natasha ouviu Sarah abrir e fechar uma gaveta no andar de cima.

— Sinto muito, Tash.

Ele hesitou, então esticou o braço e pegou a mão dela. Natasha ficou olhando para os dedos dos dois, entrelaçados. A sensação estranha, porém familiar, da pele dele na dela lhe deixou sem fôlego.

Natasha afastou a mão e sentiu as bochechas corarem.

— É por isso que eu não costumo beber — disse ela, levantando-se. — O dia foi longo. E acho que todo mundo se sente assim quando vende um lugar em que passou muito tempo. Mas é só uma casa, certo?

O rosto de Mac não revelava nada do que ele estava pensando.

— Com certeza — disse ele. — É só uma casa.

12

"Os deuses concederam ao homem, de fato, o dom de ensiná-lo por meio da fala e da razão, mas o cavalo, obviamente não está aberto a instruções por meio da fala e da razão."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Apesar da exaustão, o sono de Natasha foi agitado. O silêncio do campo lhe dava uma sensação opressiva, e a proximidade de Mac e de Sarah parecia excessiva no confinamento do chalé. Ela escutou o ranger do sofá quando ele mudou de posição no andar de baixo e os diplomáticos passos descalços em direção ao banheiro quando Sarah foi fazer xixi no meio da madrugada. Achou até que conseguia ouvir a respiração deles e ficou imaginando se isso significava que Mac também escutava cada movimento seu. Dormiu e acordou depois de sonhos breves e agitados em que discutia com ele, ou alucinações de que desconhecidos invadiam sua casa, até que, por fim, quando a luz azul surgiu e o sol ártico cor de laranja se ergueu sobre as árvores distantes, ela parou de tentar manter os olhos fechados. Uma paz baixou sobre ela, como se sua mente tivesse sido convencida por circunstâncias físicas a ficar quieta. Ela continuou ali deitada, olhando para o teto que ia se iluminando, até vestir um penhoar e sair da cama.

Não pensaria em Mac. Permitir-se ficar aborrecida por causa da casa era bobagem. Fixar-se num toque seu era a estrada para a loucura. Tinha ficado bêbada e baixara a guarda. Só Deus sabia o que Conor teria dito se visse aquilo.

Conferiu a hora (seis e quinze) e então escutou o rugido seco que lhe avisava que o timer do aquecimento central começara a funcionar. Deu

uma olhada na porta fechada do quarto, como se pudesse enxergar através dela e ver Sarah dormindo do outro lado do patamar.

Tenho sido egoísta, pensou. *Ela não é burra e sente o meu desconforto. Como deve ser perder tanta coisa, depender tanto de desconhecidos?* O dinheiro, a idade, a vida que tinha davam a Natasha escolhas que Sarah talvez nunca tivesse. Decidiu que, nas semanas seguintes, seria mais simpática, disfarçaria a reserva e a desconfiança que sentia. Faria com que aquela curta estadia fosse útil. Um pequeno ato, mas que valeria a pena. Se ela se concentrasse mais em Sarah, poderia se distrair menos com a presença de Mac. Talvez se impedisse de acabar na mesma situação da noite anterior.

Café, resolveu ela. Faria um café e aproveitaria uma hora de paz.

Abriu a porta fazendo o mínimo barulho possível e saiu. A porta do quarto de hóspedes estava aberta, e Natasha ficou olhando por um momento antes de, por impulso, dar um passo adiante e se encostar nela com delicadeza. Era isso que as mães faziam, disse a si mesma. No mundo todo, mães se apoiavam nas portas dos quartos para observar os filhos adormecidos. Talvez ela sentisse um pouco do que as mães sentiam. Só um pouquinho. De algum modo era mais fácil sentir algo, tentar sentir algo, quando a menina estava dormindo.

Foi interrompida pelo toque estridente do celular e recolheu a mão. Ligações àquela hora da manhã só podiam significar más notícias. *Que não sejam minha mãe e meu pai*, implorou para alguma deidade invisível. *Nem as minhas irmãs, por favor.*

Mas a voz do outro lado da linha não era da família.

— Sra. Macauley?

— Pois não?

Mac estava acordando. Natasha observou quando ele se desenroscou do sofá.

— É a Sra. Carter aqui do haras. Peço desculpas por ligar tão cedo, mas temos um problema. Parece que o seu cavalo fugiu.

* * *

— Como diabo ele saiu de lá?

Mac se sentou e esfregou os olhos. Estava vestindo uma camiseta velha que ela reconheceu, macia depois de tantos anos de uso.

— Ela disse que eles às vezes conseguem abrir as trancas. Tem algo a ver com bater na porta e fazer a tranca pular. Na verdade, eu não estava prestando atenção.

Estava pensando: *ai, meu Deus. O que vamos dizer para a Sarah? Ela vai ficar histérica. E colocará a culpa em nós por forçá-la a trazê-lo para cá.*

— O que faremos?

— O marido da Sra. Carter saiu no quadriciclo para procurar nos campos próximos. Ela vai sair com o quatro por quatro dela. Perguntou se poderíamos pegar um laço e sair com o nosso carro. Ela está com medo de que ele vá para a estrada. Pode ter passado a noite toda fora. — Natasha abraçou a si mesma, tremendo. — Mac, nós precisamos acordar Sarah e contar para ela.

Ele esfregou o rosto. Sua expressão dizia que estava tão apavorado quanto ela com a providência.

— Não — disse ele, vestindo um suéter. — Vamos tentar encontrar o cavalo primeiro. Não adianta nada fazer com que ela entre em pânico se ele simplesmente estiver em um campo próximo. Ela estava tão exausta ontem à noite que, com sorte, quando acordar já vamos tê-lo encontrado.

Havia uma leve geada no solo, e, enquanto eles avançavam pela alameda, os pneus iam amassando a cobertura prateada do asfalto. Seguiam devagar, com as janelas abertas, esforçando-se para ver ou escutar um cavalo marrom grande. Cada sombra que se movia na mata distante, cada marca no solo gelado sugeria alguma presença recente. Natasha tentou formar um mapa mental das alamedas ao redor, se esforçando para imaginar as intenções de um animal no qual ela nunca nem tinha tocado.

— Isto é inútil — disse Mac, não pela primeira vez. — Mal dá para ver por cima das cercas vivas, e o barulho do motor não vai nos deixar ouvir nada. Vamos a pé.

Estacionaram no alto do vilarejo. Natasha se lembrou de que havia um lugar bem ao lado da igreja de onde dava para ver a maior parte do vale. O binóculo de Conor ainda estava no bolso; ela não sabia direito se conseguiria distinguir o grande cavalo de Sarah de qualquer outro que estivesse no campo.

O dia já estava claro, mas o ar ainda permanecia gelado por causa da noite, e ela estava com frio. Pegara um casaco, mas a camiseta que usava por baixo não era proteção suficiente para a temperatura próxima de zero.

Mac estava em cima de um túmulo, olhando para o outro lado do cemitério, estreitando os olhos por causa do sol baixo. Quando lhe entregou o binóculo, Natasha percebeu que estava abraçando a si mesma.

— Você está bem?

— Estou com um pouco de frio. Acho que a gente saiu com pressa demais.

E se Sarah tivesse acordado?, pensou de repente. *E se ela já tiver descoberto que o cavalo fugiu?*

— Tome.

Ele tirou o cachecol e lhe entregou.

— Mas você vai ficar com frio.

— Eu não sinto frio. Você sabe disso.

Ela pegou o cachecol e o enrolou no pescoço. O pano ainda mantinha o calor da pele de Mac, estava tão impregnado pelo cheiro dele que Natasha se sentiu tonta por um instante e disfarçou, afastando-se em direção a uma cerca. Ela conhecia muito bem aquele cheiro, de ervas com um leve toque cítrico. A masculinidade limpa dele. Que tipo de masoquismo era aquele? Ela tirou o cachecol e, assegurando-se de que ele não estava olhando, enfiou-o no bolso e puxou a gola do casaco para cima.

— Não estou vendo cavalo nenhum — disse Mac, baixando o binóculo. — Isto aqui é inútil. Ele pode estar em qualquer lugar. Pode estar atrás de um arbusto grande. Na floresta. Talvez até a meio caminho de Londres. Simplesmente não sabemos há quanto tempo ele fugiu.

— A culpa é nossa, não é?

Natasha cruzou os braços.

— Só estávamos tentando ajudar.

— É. E isso deu muito certo até agora.

Ela chutou o chão e ficou observando os cristais da geada derreterem em seus sapatos. Mac desceu com agilidade e colocou a mão no braço dela.

— Não fique se culpando. Só estávamos tentando fazer o melhor.

Os dois se entreolharam enquanto as palavras dele ecoavam ao redor.

— Precisamos voltar. — Mac passou por ela e seguiu na direção do carro. — Talvez a Sra. Carter já tenha encontrado o cavalo.

Natasha desconfiou de que nenhum dos dois acreditava nisso. Algo lhe dizia que, para Sarah, não havia finais felizes descomplicados.

* * *

Fizeram o curto trajeto de volta em silêncio. Se Mac reparou que ela não estava usando o cachecol dele, não disse nada. O chalé estava silencioso, envolto em escuridão, e eles entraram sem fazer barulho, felizes com o aquecimento.

— Vou ferver a água.

Natasha tirou o casaco, foi para perto do aquecedor e colocou os dedos rosados na superfície quente.

— O que vamos dizer a ela?

— A verdade. Quer dizer, caramba, Mac, talvez ela tenha deixado a tranca aberta. Talvez a culpa até seja dela.

— Ela me pareceu bem rigorosa. Ai, caramba. — Ele passou a mão no queixo com a barba por fazer. — Isso vai ser a maior confusão.

Natasha pegou duas canecas e começou a preparar o café, vendo de soslaio que Mac andava de um lado para outro na sala. Ele estava à janela, abrindo as cortinas, e Natasha percebeu quando a sala se encheu de luz cinzenta, iluminando os detritos da noite: taças de vinho azedo e a lareira cheia de cinzas.

Café, pensou. Então ligaria para a Sra. Carter. E acordaria Sarah.

— Tash.

Ela tensionou o maxilar em um reflexo. Quando ele ia parar de chamá-la assim?

— Tash.

— O que foi?

— É melhor você vir até aqui.

— Por quê?

— Olhe pela janela. A lateral.

Natasha foi até onde ele estava, entregou-lhe uma caneca e espiou o jardim. Diante dela, o que antes tinha sido um gramado certinho e retangular se transformara em uma massa de lama e mato revirado. As lanternas chinesas haviam desaparecido e os caules dos últimos botões que resistiram ao frio estavam quebrados, pisoteados na terra molhada. Na direção do campo aberto, a cerca de chorão feita com cuidado fora derrubada e se tornara uma pilha de madeira quebrada, encostada na macieira. Os vasos dela estavam espatifados sobre as lajotas do pátio. Era um campo de batalha, uma cena de crime. Parecia que uma escavadeira tinha passado por seu lindo jardim, tão bem cuidado.

Natasha tentou assimilar a extensão do caos, com dificuldade de respirar, enquanto seu olhar incrédulo se aproximava da janela embaçada.

Quase não dava para ver Sarah à esquerda do pátio, a uma curta distância, em um banco de jardim, dormindo. Estava enrolada em seu casaco de inverno e coberta com os restos enlameados daquele que tinha sido o melhor edredom de Natasha.

A alguns passos da mão relaxada dela, parecendo gigante no jardinzinho, determinado em pegar as últimas maçãs que restavam nos galhos e com pequenas nuvens de vapor emanando com suavidade das narinas, havia um enorme cavalo marrom.

13

"Para direcionar um cavalo, primeiro é preciso olhar na direção em que se deseja ir."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Sarah se sentou no segundo andar do ônibus, contando o dinheiro que tinha no bolso pela quarta vez. O bastante para duas semanas de aluguel, cinco fardos de feno e um saco de ração; o suficiente para encher o seu armário por mais uma quinzena. Nem de perto o bastante para evitar Maltese Sal. Eram três e quinze. Ele raramente chegava no estábulo antes das quatro e meia. Ela ia deixar o que tinha com Cowboy John, ou enfiaria por baixo da porta da sala dele com um bilhete, e com sorte já teria ido embora antes de precisar ter mais uma conversa com ele sobre isso. Ambas as vezes desde que voltara, Sal mencionara os pagamentos atrasados. Ambas as vezes ela prometera que arrumaria o dinheiro, sem saber muito bem como faria isso.

Só estava aliviada por ter voltado. Boo fora devolvido a Sparepenny Lane menos de uma semana depois de ter sido levado embora. Mac e Natasha não tiveram muita escolha em relação a isso: a mulher do haras havia ficado enlouquecida, falando que passara duas horas andando de carro no escuro, à procura dele, acusando Sarah de ser irresponsável e idiota e perguntando se ela não sabia que tinha arbustos de teixo e alferneiro, além de mais meia dúzia de coisas, que poderiam envenená-lo naquele jardim. Nem Mac ficara do seu lado. Ele e Natasha tinham agido como se ela fosse uma criminosa, só por revirar um pouco de grama. E ela nunca via Mac sendo inflexível. Não estava exatamente com raiva, só tinha aquele olhar de decepção que se lança a alguém antes de suspirar fundo.

Ele ficou com aquela cara de decepção ao acompanhar a ela e a Boo de volta ao haras. Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele lhe dissera que o jardinzinho de Natasha era precioso para ela, que, só porque Natasha não demonstrava muita emoção, não significava que ela não sentia nada. Todo mundo era apaixonado por algo e queria protegê-lo; Sarah sem dúvida deveria saber disso melhor do que a maioria das pessoas.

Ela havia ficado mal ao ver Natasha chorando no corredor. Não tinha se dado conta de como Boo ficaria desajeitado no jardim, só pensou que era um lugar onde ele poderia ficar trancado em segurança. E perto dela. Mac não disse mais muita coisa, porém as lacunas em sua fala a deixaram desconfortável. Ele terminou sugerindo que talvez fosse prudente ela e Natasha ficarem um tempo afastadas.

Ninguém permitiu que ela dissesse o que queria: que não podiam culpá-la por tudo. Ela havia falado para os dois um monte de vezes que não podia ser separada de Boo. Precisavam entender que ela não poderia deixá-lo em um lugar desconhecido, procurando naqueles campos escuros coisas familiares. A maior ironia era que ela havia ficado tão perto de casa justamente para não causar preocupação ou dar trabalho.

O clima ruim durara alguns dias depois de voltarem para Londres. Dava para perceber que Natasha ainda estava magoada. Às vezes Sarah escutava eles dois conversando baixinho, fechando a porta sem fazer barulho quando começavam, como se a garota não soubesse que estavam falando dela. Mac sempre saía do cômodo depois e agia de um jeito forçado e alegre quando a via, chamando-a de "Menina do Circo", como Cowboy John fazia, e fingindo que estava tudo bem. Por um tempo, Sarah temeu que eles a mandassem embora. Mas as coisas voltaram a se acomodar em uma espécie de rotina. Ela passou a acordar cedo e ir ao haras antes da escola. Em alguns dias, Mac até levantava a tempo de lhe dar carona. Naquelas manhãs, ele tirava fotos do haras, de Boo e de Cowboy John, mas então ficou sobrecarregado na escola e não voltou mais.

Na noite anterior, Mac a chamara à cozinha (Natasha estava no trabalho; quase sempre estava) e lhe entregou um envelope.

— John me falou de quanto você precisa — dissera ele ao estendê-lo. — Nós vamos pagar a manutenção de Boo por enquanto, mas você terá que fazer a sua parte. Se descobrirmos que faltou a alguma aula, ou que não estava onde disse, vamos mandá-lo para outro lugar. É um acordo justo?

Sarah assentira, sentindo as notas através do fino envelope branco. Precisou se segurar para não arrancá-lo da mão dele. Quando ergueu os olhos, notou que Mac a observava.

— Então… acha que isso pode fazer com que… pare de sumir dinheiro pela casa?

Ela havia corado.

— Acho que sim — balbuciou.

Sarah não podia contar sobre o dinheiro que devia a Sal, não enquanto os dois ainda estivessem chateados com ela. Não com Mac praticamente a acusando de roubar.

Ela tentara olhar pelo lado positivo. Eles não eram assim tão ruins. O cavalo estava com ela. A vida era como deveria. Ou pelo menos o mais próximo possível disso, sem Vô em casa. E, no entanto, às vezes, quando estava no ônibus pela manhã, ela se lembrava de como Boo ficara naquela arena de areia macia, como parecia quase flutuar, seu prazer de estar em um lugar que lhe permitia usar todo o seu potencial. Ela se lembrou de seu cavalo, longe da fumaça do barulho e dos trens ruidosos, galopando em círculos no cercado verdejante, com a bela cabeça erguida, como se estivesse absorvendo o horizonte longínquo, com o rabo erguido feito um estandarte.

* * *

— Então, como estão as coisas?

Ruth Taylor aceitou a xícara de chá e se recostou no sofá bege macio. Aquele não era o tipo de sala de estar que costumava ver no dia a dia de seu trabalho, pensou ela, observando as obras de arte nas paredes, o piso

de carvalho antigo polido. Era gostoso tomar uma xícara de chá sem ter que ficar pensando nos locais por onde a xícara passara.

— Está tudo bem?

Pegou a pasta de Sarah Lachapelle da bolsa e constatou, desanimada, que tinha mais quatro visitas naquela tarde. Nada de sofá macio nelas. Duas checagens com jovens em busca de asilo em uma pensão sujinha em Fernley Road, um menino que jurava que o padrasto o surrava e uma mãe adolescente viciada em crack em Sandown.

O casal se entreolhou. Definitivamente, pensaram em algo não dito antes de o homem responder.

— Está. Está tudo bem.

— Ela está bem adaptada? Faz… O quê? Quatro semanas?

— Quatro semanas e três dias — respondeu a mulher. A Sra. Macauley havia chegado logo depois de Ruth e estava acomodada na poltrona, com a pasta aos pés, conferindo o relógio sorrateiramente, como se esperasse a permissão para sair correndo de novo.

— E a escola? Algum problema com faltas?

Mais uma troca de olhares.

— Tivemos alguns problemas no começo — disse o Sr. Macauley. — Mas acho que agora resolvemos a questão. Parece que nós conseguimos… chegar a um acordo.

— Deram alguns limites a ela, como nós sugerimos.

— Demos, sim — retrucou ele. — Acho que estamos nos entendendo um pouco melhor.

Ah, mas ele era bonito. Bem o tipo dela, com o cabelo todo bagunçado e olhos brilhantes. *Nem pense*, Ruth se repreendeu. Não se deve pensar em um cliente dessa forma. Ainda mais com a mulher dele sentada bem ao lado.

— A saúde dela está boa — prosseguiu ele. — Ela se alimenta bem. Faz o dever de casa. Tem… os próprios interesses. — Ele se voltou para a esposa. — Não sei mais o que posso dizer, de verdade.

— Sarah está ótima — acrescentou ela, ríspida.

— Não se preocupem, não estou aqui para julgar vocês, nem para avaliar sua capacidade como pais. — Ela sorriu para os dois. — Esta é uma colocação informal, de afinidade, como chamamos, por isso não nos envolvemos muito. Já conversei com Sarah, que disse estar feliz aqui. Mas, só achei que, devido ao histórico recente dela, seria bom dar uma passada para conferir como as coisas estão.

— Como eu disse — retrucou o Sr. Macauley —, está tudo bem, mesmo. Nós não recebemos nenhuma reclamação da escola. Ela não atrapalha o nosso sono com música alta. Só tem seis ou sete namorados. Não usa muitas drogas pesadas. Brincadeira — completou quando a esposa olhou feio para ele.

Ruth deu uma olhada na ficha de Sarah.

— Temos novidades sobre o avô dela? Peço desculpas, sei que deveria ter ligado, mas estamos um pouco sobrecarregados no departamento.

— Ele está melhorando aos poucos — respondeu o Sr. Macauley. — Mas eu não sou nenhum especialista.

Ruth se arrependeu de ter vestido a saia marrom. Fazia as pernas dela parecerem roliças.

— Ah, sim. Lembrei agora. Derrame, não foi? Humm. Não está se recuperando tão rápido quanto gostariam. Tudo bem… ela continua morando aqui? Sei que originalmente achamos que seriam apenas algumas semanas… — Eles trocaram outro olhar. — A rigor, quando passa de seis semanas, é preciso fazer uma revisão, talvez considerar uma ordem especial de guarda, que daria a vocês certa responsabilidade parental.

— Há uma possível complicação — alertou a Sra. Macauley. — Vamos vender esta casa muito em breve. Na verdade, já aceitamos uma oferta.

— E haverá espaço para Sarah na casa nova?

Dessa vez eles não se entreolharam. O marido falou primeiro:

— Ainda não sei.

— Querem que ela volte para a tutela do estado? Devolver a responsabilidade para nós?

Por favor, não digam que sim, desejou Ruth em silêncio. Preciso resolver uma lista de casos assim tão comprida quanto o seu braço. E,

podem acreditar, não tem muitas casas como esta para onde estas crianças possam ir.

— Estamos tentando resolver isso. Apenas não decidimos ainda para onde a gente… humm… vai. Não é mesmo, Tash? Mas com certeza não tem problema ela ficar aqui nas próximas semanas.

Semanas. Tudo podia acontecer em algumas semanas. Ruth relaxou um pouco.

— Vamos torcer para que ela volte a morar com o avô em pouco tempo. — Ela sorriu e olhou ao redor, observando a sala. — A casa de vocês é adorável. Tenho certeza de que não será fácil deixá-la.

Nenhum dos dois falou. Ela colocou as mãos sobre a pasta e se inclinou para a frente.

— E vocês, como estão? Quando não se está acostumado a morar com adolescentes, eles podem se revelar difíceis de lidar.

Ela dirigiu os comentários a Sra. Macauley, que havia falado menos.

— Estamos bem — respondeu o Sr. Macauley.

— Sra. Macauley?

A mulher refletiu antes de falar. Ruth observou no documento à sua frente que ela era advogada. Nenhuma surpresa.

— Está sendo mais cansativo do que eu esperava — respondeu com cuidado. — Mas, bem, eu na verdade não sei o que esperava.

— Algum problema específico?

Ela ponderou sobre a questão.

— Não — respondeu enfim. — Acho que é… principalmente… um jeito diferente de ver as coisas.

— Adolescentes são um ponto fora da curva.

O Sr. Macauley deu um sorriso.

— Pode repetir?

— Eles apresentam os próprios desafios. Mas a escola disse que ela está bem mais adaptada.

— Ela é uma garota bacana — continuou ele. — Tem ímpeto.

— Talvez, se considerarem abrigar outra criança, se sintam melhor com alguém mais novo. Vocês considerariam a possibilidade de se

transformarem em tutores registrados? — *Não adianta enfatizar os benefícios financeiros*, pensou Ruth. Dinheiro não parecia ser problema para aqueles dois. — Estamos com uma demanda enorme nessa área. Muitas crianças necessitadas.

— Sei muito bem disso — disse a Sra. Macauley com a voz baixa.

Enquanto Ruth observava, o marido tocou as costas da mão da esposa com as da sua. Um gesto bondoso. De apoio. Estranhamente, ela corou.

— Vamos pensar no assunto — disse ele. — No momento, estamos vivendo um dia de cada vez.

* * *

Havia um bilhete que fora passado por baixo da porta de seu armário. Ela a abriu com um chute, pegou o pedaço de papel e reparou nos garranchos desconhecidos.

> *Olá, Menina do Circo. Peço desculpa por não ter podido conversar pessoalmente com você, mas precisei voltar para os Estados Unidos. A minha irmã Arlene ficou doente, e como não tem mais ninguém na nossa família (aquela tola espantou três maridos), precisei ir lá cuidar dela.*
>
> *Maltese Sal tem as chaves e vai dar comida para os animais, mas fique de olho para mim, certo?*
>
> *Diga ao Capitão que eu realmente sinto muito por não ir lá neste fim de semana, mas volto daqui a uma ou duas semanas. Vou levar um uísque para ele também se eu conseguir passar por aquelas enfermeiras nazistas.*
>
> *CJ*

Ela dobrou o bilhete com cuidado e o colocou no bolso, sentindo-se estranhamente abalada com a ausência de John. Sabia que ele tinha uma irmã nos Estados Unidos — Cowboy John sempre fazia piadas sobre como ela era feia —, mas nas poucas vezes que ele havia desaparecido para

visitá-la, Vô sempre ficara a cargo de tudo. Agora, sem a presença de nenhum dos dois, o haras parecia desamparado. Não seria por muito tempo, disse a si mesma. Tudo logo se resolveria.

Começou a garoar, e as pedras do pátio ficaram muito escorregadias onde não tinham varrido os restos de feno e comida. Ela pendurou o casaco no gancho e vestiu o sobretudo velho de trabalho de Vô, o que ele usava para proteger as roupas. Ciente, por instinto, de que trabalhar aplacaria sua ansiedade, conferiu a tigela de água de Sheba, então foi dar uma olhada nos cavalos, endireitando tapetes tortos, assegurando-se de que as portas das cocheiras estavam fechadas com firmeza. Ela limpou a cocheira de Boo, trocou o feno e a água dele, conferiu os cascos, espantou as galinhas e um bode novo, não identificado, então conversou com Ranjeet, do restaurante Raj Palace, que fora comprar alguns ovos. Enfim voltou para o armário para calçar os sapatos.

Quando estava para fechar o cadeado se lembrou do dinheiro no envelope. Enfiou a mão no bolso… e se sobressaltou ao sentir um toque suave na nuca. Ela se virou para trás, pronta para atacar.

— O que foi? Acha que sou um maluco que vai atacar você?

Maltese Sal estava alegre demais, com o dente de ouro no canto da boca visível na escuridão da área dos armários enquanto ele agitava o dedo na frente dela.

Sarah estremeceu, com a mão no pescoço.

— Vai deixar uma carta de amor para mim, Menina do Circo?

Pegou o envelope dela; na outra mão tinha um cigarro aceso e os pés estavam plantados firmes e separados no chão, como se enfatizasse a sua posse do lugar. O cheiro de loção pós-barba e de fumaça de cigarro de algum modo se sobrepôs aos odores suaves e doces de feno e forragem.

— Você sabe que sempre pode conversar comigo pessoalmente.

— Dinheiro — disse ela, envergonhada pelo modo como a voz falhara ao falar. — É o seu dinheiro.

— Ah…

Ele aceitou o envelope, tocando de leve em seus dedos.

— Preciso ir andando — disse ela, pegando a mochila, mas Sal ergueu a palma da mão.

Abriu o envelope e olhou o conteúdo. Então franziu a testa e o estendeu para Sarah.

— O que é isto?

— O dinheiro do meu aluguel. Duas semanas. E para o feno e a ração.

Do lado de fora, chovia mais forte. Sheba surgiu atrás deles com o pelo desgrenhado brilhando com gotas reluzentes. Sob os arcos da linha do trem, um dos cavalos relinchou e raspou os cascos no piso de concreto.

— E?

Ele a encarou, esperando uma resposta. Estava sorrindo, mas não era um sorriso de verdade. Sarah engoliu em seco.

— Não entendi.

— É o pagamento atrasado?

— Ainda não.

Maltese Sal sibilou por entre os dentes e sacudiu a cabeça.

— Sabe, você tem sorte por eu ter segurado aquela cocheira para você. Há duas semanas você veio aqui e pegou o cavalo, levou embora e nem avisou. Acha isso educado?

— Não foi minha…

— Deixei aquela cocheira reservada para você, Sarah, apesar de poder dá-la para vinte outras pessoas. Aí você simplesmente aparece aqui de volta com ele como se nada tivesse acontecido. Nem agradece.

— Mas, como eu disse, não foi minha culpa. Foi…

— Querida, não estou nem aí para quem é culpado. A única coisa que estou pensando é que não tenho como saber que você não vai sumir de novo… Com todo o dinheiro que ainda me deve? Você tem as chaves. Até onde sei, você e o seu cavalo podem estar planejando ir até a metade do caminho para Timbuktu amanhã.

Ele se aproximou mais, o colarinho de sua camisa na altura dos olhos dela. Sarah percebeu que não conseguiria engolir sem fazer um barulho notável.

— Eu não vou sumir — disse ela, baixinho. — Sempre pago as minhas dívidas. Vô sempre paga as dívidas dele. John sabe disso.

Nós nunca tivemos dívidas antes, pensou ela.

— Mas John não está aqui. Seu avô não está aqui. E agora este haras é meu, não deles.

Ela não pôde retrucar.

Um trem fez barulho sobre os arcos, as luzes dos vagões iluminaram o haras por um instante, com mil pessoas passando ali em cima, a caminho de casa, de sua vida confortável e segura. Sal inclinou a cabeça, como se ponderasse algo. Então deu mais um passo na direção dela. Estava mais perto, perto demais. A respiração dela ficou presa no peito.

— Seu avô está doente, Sarah — disse ele com a voz mais baixa.

— Eu sei disso — sussurrou.

— O seu avô está doente de verdade, pelo que John diz. Então, você precisa me dizer uma coisa. Como é que vai pagar o que me deve?

A voz dele era suave, musical, como se estivesse cantando, como se aquilo pudesse dissimular a ameaça implícita. Ele estava tão próximo que Sarah sentia o calor de sua respiração no rosto, o cheiro almiscarado da loção pós-barba, da jaqueta de couro, com algo masculino e desconhecido por baixo.

Ela tentou manter o olhar baixo. Tinha ouvido boatos sombrios sobre Maltese Sal. Ninguém se metia com ele. O homem havia passado um tempo na cadeia, tinha amigos barras-pesadas e interesse em coisas sobre as quais não se devia fazer perguntas.

— Então?

— Eu já disse…

— Você não disse nada. Como eu falei, achei que você tinha ido embora. Agora, preciso garantir que serei pago. — Os olhos dele queimavam nela. — Temos que descobrir uma maneira, Sarah.

Ela ficou piscando para ele, tentando não ofegar.

— Temos que descobrir uma maneira de você dar um retorno ao meu investimento.

Você não entende, Sarah teve vontade de lhe dizer, que isso também é tudo que eu quero? Essa coisa da dívida pairava sobre ela, retorcia suas entranhas em um nó de ansiedade sempre que pensava sobre o assunto. Contaminava todas as suas visitas ao cavalo, tanto que encontrava pouco conforto em simplesmente estar com ele. Mas não havia ninguém com quem ela pudesse conversar sobre isso em segurança. Ninguém além de Maltese Sal poderia tirar aquele fardo dela.

— Eu posso cuidar dos cavalos para você — soltou ela.

— Tenho garotos para fazer isso, Sarah.

— Então eu posso cuidar do estábulo nos fins de semana — sussurrou.

— Mas eu não preciso que você faça isso — retrucou ele. — Se você vender ovos ou andar para cima e para baixo com uma vassoura, não tem valor para mim. Compreende isso? O conceito de valor?

Sarah assentiu.

— Eu sou um homem de negócios. Dito isso, tentei relevar as suas circunstâncias especiais. Tentei ser compreensivo. Se fosse outra pessoa, Sarah… — Ele sacudiu a cabeça. — Eu teria perdido a paciência há muito tempo.

Ele deu uma olhada para trás, para além do arco, por onde a chuva escorria pelo calçamento em direção ao portão, que reluzia sob a iluminação de sódio. Por um momento, Sarah achou que ele iria embora. Que havia terminado. Mas Sal se virou de novo para ela.

Deu mais um passo silencioso adiante, deixando-a encurralada na porta do armário. Então ergueu a mão e tirou, com delicadeza, uma semente de feno do cabelo da garota; segurou-a diante do rosto dela antes de jogá-la fora com um peteleco dos dedos calejados.

Sarah manteve o olhar fixo adiante, tentando não estremecer. Maltese Sal sorriu, um sorriso grande e lento, com os olhos lhe dizendo que tudo bem, ele compreendia. Então, enquanto ela tentava retribuir o sorriso, ele colocou a mão no seio direito dela e passou o polegar devagar pelo mamilo. Fez isso com tanta leveza e com uma segurança tão despreocupada que Sarah demorou dois segundos para registrar o que ele estava fazendo.

— Não tem que ser dinheiro, Sarah — disse ele com suavidade.

Então, com um breve sorriso, afastou a mão antes que ela tivesse a chance de erguer a sua em protesto.

A pele dela queimava com a marca dele. Suas bochechas ardiam. O ar ficou preso na garganta.

— Você está crescendo depressa, querida — disse ele, enfiando o envelope no bolso e sacudindo os dedos, como se tivesse acabado de tocar algo quente. — Tem sempre um jeito para uma menina bonita. É só avisar ao Sal.

E ele foi embora, assobiando, pelo portão de arame, enquanto ela ficou ali, paralisada, com a mochila na mão.

* * *

— Vou sair hoje à noite.

Eles enfim tinham fechado a porta quando Ruth saiu.

Ao sair, ela lançara um daqueles sorrisos para Mac — um daqueles levemente abertos demais, que as mulheres sempre lançavam para ele — e, contra sua vontade, Natasha ficara irritada. Ela agradeceu a Deus por ter combinado de encontrar a irmã.

— Certo. De todo modo, prometi a Sarah que a levaria ao hospital depois da escola. Mas vou sair amanhã, se estiver tudo bem por você. — Ele não disse aonde ia.

— Certo. — Natasha deu um passo adiante, mas ele não saiu da frente. — Tenho um compromisso, Mac, e já estou atrasada.

Natasha percebeu que ele estava usando a calça jeans que ela adorava, de um azul bem escuro, macia e lisa, desbotada nos bolsos em que ele sempre insistia em carregar coisas demais, apesar das reclamações dela. Ela se lembrou de estar descansando, apoiada nele, em um fim de semana em que foram viajar, muitos anos antes, com o vento batendo nas orelhas dela e as mãos enfiadas naqueles bolsos de trás.

— Comprei uma coisa para você — disse ele. Pegou atrás de si um saco grande com mudas variadas e lhe estendeu. — Eu sei que é só um

começo… mas você ficou tão triste. — Natasha pegou o saco dele. Sua mão ficou um pouco suja de terra. — Eu ajudo, se você quiser, no fim de semana que vem. Posso pelo menos consertar a cerca.

Ela engoliu em seco.

— Tudo vai voltar a crescer. Um dia. — Ela o encarou e sorriu. — Mas obrigada.

Ela teve uma visão repentina de Mac, rindo e batendo papo, com o cinto de ferramentas preso, ela ternamente substituindo as plantas perdidas. Isso é prudente?, ela teve vontade de perguntar. Nossos caminhos já não tinham se aproximado demais?

Ficaram parados no corredor, cada um perdido nos próprios pensamentos. Quando Mac falou, ficou claro que a mente dos dois tinha seguido caminhos diferentes.

— Não conversamos sobre isso, Tash, mas o que faremos se o velho não melhorar? — Mac se apoiou na porta da frente, impedindo que ela saísse. — Ele não está nada bem, sabe? Não acho que vá se recuperar logo.

Natasha respirou fundo.

— Então ela terá que virar problema de outra pessoa.

— *Problema* de outra pessoa?

— Certo. A responsabilidade de outra pessoa.

— Mas o que faremos com o cavalo?

Ela imaginou o animal andando sem cuidado nenhum pelo seu quintal, deixando um rasto de destroços atrás de si. Naquele dia, a história perdera a graça e a beleza para ela.

— Mac, no dia em que sairmos daqui, deixaremos de ser uma família. Nós não poderemos oferecer um lar a ela, com ou sem cavalo. O seu trabalho não permitirá que tenha a guarda plena, e você sabe que o meu com certeza também não. Nós estamos com dificuldades diárias do jeito que está agora.

— Então, vamos deixá-la na mão.

— É o sistema que vai deixá-la na mão. Ele não tem flexibilidade nem recursos para lidar com alguém feito ela. — Ao ver a expressão dele, Natasha tentou suavizar o tom. — Olhe, talvez encontrem um lugar

temporário para o cavalo em um santuário ou algo assim até arranjarem um lar novo para ela, quem sabe no interior, se ela estiver desesperada para ficar com ele. Talvez seja melhor para Sarah.

— Não imagino que isso seja muito provável.

— Bem, eu posso dar uma sondada. Ver quais são as opções. Sem revelar nada.

Ele ainda bloqueava a porta. O relógio de Natasha lhe dizia que ela se atrasaria para o encontro.

— Você quer que ela vá embora?

— Eu nunca disse isso.

— Mas… parece que não gosta dela.

— Claro que eu gosto.

— Nunca tem nada de bom a dizer sobre ela.

Natasha remexeu na bolsa para esconder o corado das bochechas.

— O que você quer que eu faça? Não me transforme no bandido aqui, Mac. Ela era uma desconhecida. Eu ofereci a minha casa a ela… e, devo completar, no processo menti para o serviço social sobre o nosso relacionamento. Paguei uma fortuna para transferir o cavalo dela para Kent e de volta para cá. Sacrifiquei o meu amado jardim…

— Não é isso que estou dizendo.

— Então o que você está dizendo? Que nós devíamos estar trocando dicas de maquiagem? Eu tentei, certo? Eu tentei levá-la para fazer compras. Ofereci para decorar o quarto dela. Tentei conversar. Já pensou na possibilidade de que ela simplesmente não goste de mim?

— Ela é uma *criança*.

— O quê? Então ela é incapaz de não gostar de alguém?

— Não. Só quero dizer que é função de um adulto superar isso.

— Ah. Então agora você é especialista em criação de crianças.

— Não. Só sou alguém com um pouco de humanidade.

Os dois ficaram se encarando.

Ela colocou as mudas na mesinha do corredor e pegou sua pasta de documentos com as bochechas cor de escarlate.

— Provavelmente é legal ser você, Mac. Todo mundo adora você. Que inferno, aquela assistente social estava quase se sentando no seu colo. E, seja lá por que motivo, você surte o mesmo efeito sobre Sarah, e isso é ótimo para os dois. — Ela pegou o celular. — Mas não me ataque por eu não causar o mesmo efeito, certo? Estou dando o melhor de mim. Estou abrindo mão da minha casa. Estou sacrificando o meu relacionamento só porque vocês dois estão aqui todos os dias, brincando de porcaria de família feliz. Estou batalhando dia a dia. Estou dando o melhor de mim.

— Tash…

— E PARE de me chamar de TASH.

Ela passou por ele empurrando-o, abriu a porta e desceu pelos degraus, ainda escutando a voz dele por cima das batidas fortes de seu coração e se perguntando por que lágrimas tinham surgido em seus olhos.

* * *

— Ok. Você é louca de carteirinha. — Jo tirou as luvas de borracha e foi até a mesa da cozinha, onde Natasha tomava uma taça de vinho. — Mac? Seu ex-marido Mac?

— Mas essa é a questão, não é? Ele ainda não é exatamente meu ex, por isso tem direitos sobre a casa.

— Então você deveria sair. Isso é loucura. Olhe só para você. Está acabada.

Dottie, a filha caçula de Jo, entrou na cozinha mordendo um osso de borracha do cachorro.

— Não, querida. Você vai pegar verme. — Ela tirou o objeto da boca da criança e o substituiu por um pedaço de damasco seco antes mesmo que Dottie tivesse oportunidade de reclamar. — A mamãe e o papai sabem disso?

— Claro que não. Só será por algumas semanas.

— Você tem que sair de lá. Vá para um hotel. Você estava péssima quando morava com ele. Isso não vai ajudá-la em nada a superar, não é mesmo? Pelo amor de Deus, Tash, você só começou a colocar a sua vida

no lugar no meio do ano. Cama, vocês dois! — berrou ela ao som distante de briga vindo da sala. — Preciso colocar esta aqui na cama também. Tudo bem eu sair um minuto para cuidar das crianças? São quinze para as oito.

— Tudo bem.

Natasha se sentiu secretamente aliviada quando a fofa Dottie, com seu rosto gorducho sujo de geleia e cheirando a talco, foi tirada da cozinha. As crianças mais velhas de algum modo tinham perdido tanto da infantilidade que se pareciam mais com pessoas. Mas Dottie era um lembrete agudo e pungente de algo que deveria ser dela. Uma ausência com a qual ainda não tinha feito as pazes.

— Dê boa noite para a tia Tash.

Natasha se preparou para o beijo e se esforçou para parecer natural.

— Não — disse a menininha, enfiando a cabeça nas pernas de Jo.

— Dottie, isso não é legal… Dê boa-noite para…

— Tudo bem. De verdade. — Natasha a dispensou com um gesto. — Ela está cansada.

Ela sabia que a irmã consideraria a reação ríspida como mais um sinal de seu gene maternal defeituoso.

— Me dê cinco minutos para ler uma história para ela.

Jo tinha engordado, pensou Natasha ao observá-la colocar a criança encaixada no quadril com a facilidade fluida de muita prática. Ela vivia reclamando que não tinha tempo, que engravidar acabara com seu corpo enquanto mergulhava mais um biscoitinho em uma xícara de chá.

— Açúcar no sangue — explicava. — Impede que eu grite tanto na hora do lanche.

Por muito tempo, Natasha evitara a casa da irmã. Durante seus abortos espontâneos — dos quais a família só sabia de um —, ela achou que a casa barulhenta de Jo, com desenhos feitos a dedo, as paredes sujas e os brinquedos de plástico espalhados, era um lembrete pesado demais dos bebês que perdera. Ela havia se odiado por não ser estoica o suficiente para superar a inveja daquelas três crianças, porém fora mais fácil fingir que simplesmente estava ocupada demais. A família dizia que ela era determinada, *workaholic*, desde que se matriculara na faculdade de direito.

Ela era a acadêmica, a bem-sucedida. Quando explicava que estava com trabalho demais e não podia ir a um almoço de família, que precisava se preparar para este ou aquele caso, ela sabia que fariam algum comentário indulgente para demonstrar que sentiam sua falta, talvez certa melancolia da parte da mãe por sua aparente incapacidade de dedicar suas energias às coisas mais importantes da vida.

Não tinham ousado mencionar a vida pessoal dela desde que Mac fora embora.

— Pelo menos você tem o seu trabalho — diziam nas poucas ocasiões que ela comparecia, reconfortando a si mesmos com a crença de que, na verdade, essa era mesmo a única coisa que ela queria.

Jo voltou cerca de dez minutos depois, jogou o damasco na pia e depois prendeu o cabelo em um rabo de cavalo.

— Estou louca para ir ao cabeleireiro — disse ela. — Eu havia marcado na semana passada, mas Theo ficou doente. Tive que pagar cinquenta por cento mesmo assim… Que absurdo!

Ela se sentou e deu um longo gole apreciativo no vinho branco.

— Hum. Obrigada por isso. Maravilhoso. Certo. Vou deixar os outros ficarem acordados ou nunca vou conseguir conversar com você.

— E está tudo bem com vocês? — perguntou Natasha, desconfiada de que a irmã sempre a considerava egocêntrica. Mulheres solteiras de certa idade e sem filhos costumavam ser assim. Ela ouvia isso o tempo todo. — E David?

— Nada que duas semanas nas ilhas Seychelles e algumas cirurgias plásticas não possam resolver. Ah, e sexo. Não me lembro do que é *isso*. — Ela riu com desdém. — Mas, bem. Você. Você nunca me conta nada. Pode abrir o jogo.

A vida dela tinha se transformado em uma pequena e estranha bolha intensa, percebeu Natasha. Esta era a normalidade. Mas não tinha uma vida nem um pouco normal.

— Achei que ele só ficaria por duas semanas — disse ela. — Não valia a pena contar.

— Estou falando sério, Tash. Saia de casa. Eu ofereceria um quarto aqui, mas a gente te enlouqueceria em cinco minutos. — Ela tomou mais um gole de vinho. — Você tem dinheiro. Vá se hospedar em um lindo hotel-spa. Faça massagem e manicure toda noite depois do trabalho. Deduza do valor da parte dele da casa. É Mac que está obrigando você a sair de lá. Que coragem a dele.

— Não posso.

Natasha ficou rabiscando com o lápis de cera de uma das crianças.

— Pode, sim. Meu Deus… Eu aproveitaria a oportunidade. Que paraíso!

— Não, eu não posso. — Ela suspirou e se preparou. — Porque meio que assumi a responsabilidade por alguém. Uma menina.

Mais tarde, Natasha se arrependeu levemente por ter visitado a irmã tão pouco nos últimos dois anos porque, contra todas as expectativas, a reação de Jo à novidade foi magnífica. Ela havia feito Natasha repetir a história duas vezes e então, enquanto Natasha explicava, com a voz falhando de tão sem jeito, tinha se levantado da cadeira, ido até o outro lado da mesa e abraçado a irmã mais nova bem apertado, deixando marcas de farinha no terninho escuro.

— Meu Deus, Tash. Que coisa maravilhosa. Que coisa fantástica de se fazer. Eu gostaria que existissem mais pessoas feito você. Acho isso o máximo. — Jo se sentou com os olhos brilhando. — Como ela é?

— Essa é a questão. Não é como pensei que seria. Ela e eu… a gente simplesmente parece não se entender.

— Ela é uma adolescente.

— É. Mas ela se dá bem com Mac.

— Saddam Hussein se daria bem com Mac. Ele é noventa e sete por cento flerte.

— Eu tentei, Jo. A gente simplesmente parece não se encaixar. As coisas não estão como eu esperava…

Jo se inclinou na direção da porta, talvez para garantir que os filhos não poderiam escutar.

— Vou ser sincera com você. Quando fez treze anos, Katrin virou uma vaca. Parecia que a minha filhinha doce tinha desaparecido e sido substituída por um monstro cheio de hormônios. Ela olha para mim com tanto… nojo, como se eu fosse fisicamente repulsiva. Tudo que digo a deixa irritada.

— *Katrin?*

— Você não tem estado muito com ela ultimamente. Fala palavrão feito um caminhoneiro. É respondona. Rouba dinheiro aqui e ali, apesar de David fingir não notar. Mente sobre tudo. É sócia plena no clube das vacas precoces. Posso dizer isso porque sou a mãe dela e a adoro. Se eu não soubesse que a velha Katrin ainda está lá, e não tivesse fé de que um dia ela voltará, já teria expulsado de casa há meses.

Natasha nunca a vira falar tão friamente sobre os filhos. Aquilo fez com que se perguntasse quanto da maternidade ela escolhera deixar de fora, preferindo imaginar a versão cor-de-rosa e nebulosa que sentia ter lhe sido negada. Isso a fez questionar se não estava sendo dura demais com Sarah.

— A questão não é você. E parece que ela passou por muita coisa. Só… esteja lá para dar apoio.

— Eu não sou como você. Não consigo fazer essas coisas.

— Bobagem. Você é brilhante, faz todo um trabalho com as crianças desprivilegiadas.

— Mas elas são clientes. É diferente. Eu estou com dificuldade… E tem mais uma coisa. Fui enganada por um garoto que representei. Ele disse que tinha enfrentado uma viagem terrível, e depois descobri que era mentira. Depois disso perdi a fé na minha capacidade de perceber quando estão me enganando.

— Você acha que ela está te enganando?

— Acho que não está me contando a história toda.

Jo fez que não com a cabeça.

— Ela tem quatorze anos. Haverá um monte de história que você não vai ficar sabendo, amor não correspondido, ou *bullying*, ou problemas de peso, ou alguma vaca na escola que não quer mais ser amiga dela. Elas não contam as coisas para a gente. Têm medo de serem julgadas ou levarem

uma bronca. — Jo riu. — Ou, pior ainda, têm medo de que a gente se meta para tentar resolver.

Natasha encarou a irmã. Como ela sabia tudo isso?

— Olhe, eu duvido que ela esteja enganando você em relação a qualquer coisa importante. Provavelmente só tem uma alma apavorada lá dentro que talvez se sinta feliz em poder se abrir com alguém. Leve a menina para comer fora, só você e ela. Não, não para comer. — Ela roeu uma unha. — É pressão demais. Saiam para fazer algo juntas. Algo de que você gosta. Nada intenso demais. Quem sabe assim ela relaxa um pouco. — Deu tapinhas no braço de Natasha. — Faça isso. No mínimo, vai forçar você a não pensar que aquele infeliz está na sua casa. E lembre-se de que você está fazendo algo maravilhoso só por abrigá-la.

— É uma coisa pequena.

— Nem por isso é menos maravilhosa. Certo. Agora vou colocar aqueles dois terrores na cama.

E Mac?, queria perguntar. Como vou me sentir melhor a respeito de Mac? Mas sua irmã tinha desaparecido.

* * *

O idoso pegou o garfo de Sarah com a mão boa e levou devagar as fatias de manga à boca, com satisfação silenciosa e intensa. Mac comprara um pacote da fruta já fatiada no supermercado a caminho do hospital, e Sarah espetava cada pedacinho e então entregava a ele o garfo de plástico branco, permitindo-lhe a dignidade de comer sozinho.

Mac esperou até terminarem e o Capitão limpar a boca com cuidado com um guardanapo de papel, para pegar a pasta.

— Trouxe uma coisa para o senhor, Capitão — disse ele.

O idoso virou a cabeça na direção dele. Naquele dia parecia mais animado, pensou Mac, com reações mais alertas, a fala um pouco menos confusa. Tinha pedido água duas vezes, com bastante clareza, e disse "*Chérie*" quando viu Sarah.

Ele puxou uma cadeira para o outro lado da cama e abriu a pasta de modo que o conteúdo ficasse bem visível.

— Nós resolvemos decorar o seu quarto.

Antes que pudesse parecer surpreso, o Capitão pegou a primeira imagem, uma ampliação em preto e branco em tamanho A4 de Sarah com o cavalo dela executando o trote estacionário que ela chamara de *piaffe* no parque. O idoso deu uma olhada, então se voltou para a neta.

— Bom — disse a Sarah.

— Ele foi bem naquele dia — contou ela. — Estava realmente me escutando. Se esforçou de verdade. Cada movimento…

— Pequeno ato de beleza — disse ele com cuidado.

Aparentemente comovida pelo repentino arroubo de fala, ela subiu na cama e se acomodou ao lado dele. Apoiou a cabeça no ombro coberto com o pijama.

Mac, tentando não olhar, pegou outra foto.

— Acho que esta foi…

— Ombro para dentro — disse ela.

— *Je ne peux pas voir* — comentou o idoso.

Esperou pacientemente enquanto Sarah colocava os óculos nele, então fez um gesto para que Mac aproximasse a fotografia. Ele mostrou outra foto ao lado da primeira. O Capitão assentiu aprovando.

— Estas são todas para o seu quarto — disse Mac.

Ele enfiou a mão no bolso para pegar a fita adesiva. Começou a colá-las com cuidado ao redor da cama, tapando aos poucos as paredes verde-claras, que só exibiam a cópia de uma aquarela dos anos 1980 e um recado para os visitantes (“Por favor, lave as mãos.”) Afixou mais duas na ponta da cama do Capitão.

Ele observou com cuidado, detendo-se em cada uma delas, como se absorvesse cada mínimo detalhe. Mac teve a impressão de que ele ficaria olhando para as fotos o dia inteiro.

Quando ele contou a Sarah o que ia fazer, no trajeto até o hospital, ela havia examinado as fotos em um silêncio estupefato.

— Elas estão boas? — perguntou Mac, preocupado com o silêncio da menina. — Não incluí nenhuma em que você esteja fazendo coisas que não deve, como ficar empinando e tal.

Sarah sorriu para ele, mas foi um sorriso triste.

— Obrigada — disse ela. Sua voz sugeria que não tinha visto muitos atos de generosidade gratuitos, e que os esperava ainda menos.

— E eu guardei a melhor para o final.

Mac desembalou a foto que mandara emoldurar. Nem Sarah vira. Não era nada caro, só uma moldura de madeira leve com base de papelão, mas, por trás do vidro polido, a fotografia da menina com a bochecha pressionada na do cavalo era colorida e de definição clara o suficiente para o idoso distinguir cada detalhe. Capturava a vulnerabilidade dela, a estranheza de um rosto que ainda não tinha decidido muito bem se seria bonito, pressionado em uma espécie de comunhão etérea com a *finesse* da estrutura óssea do cavalo, que parecia uma pintura. O tom monocromático e a alta resolução davam dignidade, mistério aos dois rostos, coisas que estariam ausentes em cor. Era um de seus melhores trabalhos, Mac sabia. Soubera quase assim que fez a foto. Quando viu a cópia pronta, seu coração bateu mais forte.

— Baucher — disse o Capitão, sem tirar os olhos da fotografia. — Sarah. — Ele pronunciou "Sarrá".

— Eu adoro essa foto — disse Mac. — Foi logo antes de sairmos do estábulo certa manhã na semana passada. Ela nem sabia que eu estava fotografando. Adoro a maneira como a luz do rosto de Sarah passa para o do cavalo. A maneira como os olhos dos dois estão meio fechados, dando a impressão de estarem em algum outro lugar em seus pensamentos.

O homem da galeria tinha concordado. Dissera a Mac que queria exibir o trabalho. Ele adorou. Aquela era uma parte de Londres que estava desaparecendo, dissera. Ecos das crianças com cavalos de Dublin. Só que melhor. Ele tinha sugerido um preço para cada obra que fez Mac arregalar os olhos.

— Talvez façam parte de uma exposição no começo do ano, se você concordar, mas estas cópias são suas. Achei que seria bacana você ter algo

para o qual olhar…

Um longo silêncio se instalou. Mac não era do tipo que costumava ficar inseguro, mas sentiu um calafrio. *É demais*, pensou. *Simplesmente estou lembrando a ele o que perdeu. Ele está com medo de que eu a esteja explorando*. Afinal, quem Mac era para chegar ali como se fosse um salvador, tomando conta do espaço do idoso, decidindo o que ele veria o dia inteiro? Será que encher as paredes dele com aquelas fotos — um mundo que ele não podia desfrutar — era esfregar a imobilidade na sua cara?

Mac deu um passo em direção à parede.

— Quer dizer, se for demais, eu posso…

O idoso estava gesticulando para ele, pedindo que se aproximasse. Quando Mac se abaixou, ele pegou as mãos dele entre as suas e apertou. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— *Merci* — sussurrou com a voz rouca. — *Merci, Monsieur*.

Mac engoliu em seco.

— Não é nada — respondeu, forçando um sorriso despreocupado. — Vou trazer mais na semana que vem.

Foi só então que ele reparou em Sarah. Estranhamente, ela mal tinha falado a noite toda. Ainda estava encostada no avô, com a mão segurando o braço dele com firmeza, como se não quisesse deixá-lo outra vez. Os olhos dela estavam fechados bem apertados, e sua cabeça, virada para o outro lado. Uma lágrima solitária escorreu pela sua bochecha, iluminada pela luz despojada. Ela era uma imagem chocante da tristeza.

Era uma garota tão contida, tão prática, tão obcecada por seu cavalo, que às vezes Mac se esquecia de como devia se sentir perdida. Como devia sentir falta do avô com quem tinha passado a infância. Mais uma vez, ele ficou constrangido e enfiou a fita adesiva na bolsa.

— Muito bem. Sarah, encontro você lá embaixo, se não se importar. Quinze minutos?

Ele colocou a foto emoldurada na cama e saiu do quarto, assombrado pela última imagem do idoso, perplexo, erguendo a mão trêmula em

direção ao cabelo da neta, cujo rosto estava enterrado no ombro dele, na tentativa de esconder as lágrimas.

14

"Longe de mim dizer que, porque um animal não consegue desempenhar todas estas partes com perfeição, deve ser rejeitado imediatamente, já que muitos cavalos vão falhar no início, não por incapacidade, mas por falta de experiência."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Alguns anos antes, quando Mac e Natasha tinham se mudado para aquela rua, o bairro havia sido descrito, com otimismo, como "promissor". Se fosse mesmo, pensara ela na época, levaria um tempo para se concretizar. A rua era caracterizada por uma uniformidade desprezível. Três quartos das casas não viam uma demão de tinta havia cinco, quem sabe dez anos. No exterior, numa rua sem faixas amarelas, carros defuntos sem rodas se equilibravam sobre tijolos enquanto pequenos veículos amassados levavam e traziam famílias para suas atividades.

As casas, com as fachadas vitorianas de estuque rachado e com a tinta descascando, ficavam atrás de pequenos jardins que davam para a rua, quem sabe com uma cerca errante de alferneiro, uma motocicleta coberta com lona ou algumas latas de lixo com tampas descombinadas que não encaixavam. Ela costumava parar para conversar com os vizinhos, o Sr. Tomkins, o pintor caribenho idoso, Mavis e os gatos dela, a família da associação de moradias a baixo custo com oito filhos banguelas. Todos tinham sido simpáticos, comentado sobre o clima, perguntado o que Mac estava fazendo na casa, se ela sabia sobre os planos de introduzir vagas fixas para os moradores, que um centro budista se instalara na rua comercial. Assim como existe uma noção de comunidade em toda rua da capital, naquela também era assim.

O Sr. Tomkins havia ido embora, Mavis fora enterrada fazia muito tempo e a associação tinha se desfeito de suas propriedades, mandando os moradores para só Deus sabe onde. Quase todas as casas haviam sido pintadas de branco-porcelana, com as rachaduras cuidadosamente preenchidas e as portas da frente com alguma cor de bom gosto da Farrow and Ball. Loureiros e arbustos podados ladeavam os degraus de entrada e metade dos jardinzinhos se transformara em espaço pavimentado para carros ou fora fechado por brilhantes grades de ferro ornamentadas e antipáticas. Na frente havia veículos quatro por quatro grandes demais e Mercedes reluzentes. Profissionais estressados se cumprimentavam com acenos de cabeça em meio aos passos apressados indo ou vindo da estação, com o tamanho da hipoteca garantindo que havia pouco tempo para mais do que isso.

Era uma rua afluente, o que fazia com que os poucos moradores antigos se destacassem, as cortinas de renda nas janelas com tinta descascando como lembretes de uma época anterior.

Do ponto de vista financeiro, Natasha sabia que se beneficiara desse processo de modernização, mas, no fundo, sentia um mal-estar profundo com a polarização de seu mundo. Atualmente era uma rua que espelhava suas vizinhas, pequenos oásis de aspirações da classe média rodeados por conjuntos habitacionais que conspiravam para parecerem mais obscuros, severos e ameaçadores, habitados por pessoas que tinham cada vez menos chance de escapar.

Os dois mundos nunca colidiam, a menos que fosse por meio de crimes (o último carro roubado ou casa arrombada, a bolsa furtada no mercadinho), transações comerciais (todo mundo tinha faxineira e babá, claro) ou aqueles que trabalhavam com isso (Natasha representando um menino de doze anos cujos pais alcoólatras se recusavam a levá-lo para casa).

Natasha pensava nisso naquele momento, enquanto entrava de carro no conjunto habitacional Sandown, passando pelos veículos queimados e as luzes da rua que falhavam. Sarah estava sentada ao lado dela em silêncio, agarrando as chaves na mão. Ela não tinha falado nada desde que saíram

da ala do hospital em que o avô estava internado, e Natasha, ainda chocada com o que vira, não tentara puxar papo. Nada tinha confirmado mais a magnitude e a dureza daquilo por que haviam passado do que a visão do idoso com o pescoço frágil sustentado por travesseiros, o rosto um pouco caído em um lado.

— Ele está se recuperando — dissera a enfermeira especializada em derrame, toda animada. — Nós já progredimos muito, não é, Henry?

— Henri — rosnara Sarah. — Pronuncia-se Henri. Ele é francês.

A enfermeira erguera as sobrancelhas para Natasha quando ela saiu.

— Por quanto… Por quanto tempo você acha que ele ainda precisará ficar aqui?

Natasha tinha saído correndo atrás da mulher enquanto Sarah cumprimentava o avô.

A enfermeira olhou para ela como se fosse um pouco imbecil.

— Ele teve um derrame — explicou. — Essa é uma pergunta do tipo "Qual é o comprimento de um pedaço de corda".

— Mas você deve poder me dar uma ideia. Dias? Semanas? Meses? Nós estamos… cuidando da neta dele, então seria bom ter uma ideia.

A enfermeira olhou para trás. Sarah estava arrumando a roupa de cama do avô, conversando com ele enquanto a encarava.

— Você na verdade precisa falar com o médico dele, mas posso dizer com toda a certeza que não é questão de dias — disse ela. — E eu também não apostaria que seriam semanas. Ele sofreu um derrame grave e ainda vai ter uma longa reabilitação.

— É algo que… alguém muito jovem pode administrar? Cuidar dele?

A enfermeira fechou a cara.

— Alguém da idade dela? Não. Nós não recomendaríamos. É responsabilidade demais para uma criança. No momento, o Sr. Lachapelle ainda tem hemiparesia, ou seja, fraqueza em um dos lados do corpo. Precisa de ajuda para tomar banho, para ir ao banheiro. Tivemos alguns problemas com escaras e a fala dele não está cem por cento. Continua fazendo fisioterapia duas vezes por dia. Mas agora já consegue se alimentar.

— Ele vai ficar aqui?

— Nós somos uma unidade de longo prazo. Não acho que seria apropriado colocá-lo em uma casa de repouso por enquanto, não durante sua recuperação — Ela conferiu o relógio. — Sinto muito, preciso ir. Mas ele está progredindo. Acho que as fotos ajudaram, o que é engraçado. Deram a ele algo em que se concentrar. Nós todos gostamos delas.

Natasha olhou para o quartinho, para o trabalho de Mac cobrindo as paredes. O outro Mac de novo, deixando as enfermeiras encantadas, ajudando os doentes, até em sua ausência.

Entraram no enorme conjunto habitacional e foram até o estacionamento de Helmsley House. Começara a chover, e alguns dos jovens que Natasha tinha visto quando conheceu Sarah estavam protegidos embaixo de capuzes, agitando fósforos uns na frente dos outros. Observaram Natasha sair do Volvo combalido, mas se distraíram quando o celular de alguém tocou.

— O que mesmo você quer pegar?

Natasha seguiu atrás de Sarah pela escada úmida. A chuva chiava ao redor delas, entrando pelas calhas quebradas, rodopiando em ralos bloqueados por sacos de salgadinhos e papéis de chiclete.

— Só alguns livros — respondeu ela, completando com algo que Natasha não conseguiu escutar.

Atravessaram o corredor, destrancaram a porta e a fecharam depressa depois que entraram — Natasha se sentiu grata pela proteção sólida da faixa de ferro de Mac no batente. Lá dentro, o apartamento estava frio. Sarah estivera ali pela última vez várias semanas antes, com Ruth, a assistente social, quando tinham desligado o aquecimento e pegado mais coisas para Sarah. Naquele momento, a menina desaparecera dentro do quarto enquanto Natasha esperava na sala. Estava tudo arrumado, mas o cômodo tinha o aspecto frio e negligenciado de um lar vazio havia muito tempo. Todas as fotos tinham sido levadas para o quarto de Sarah na casa deles ou para o hospital, e as paredes estavam vazias e nada aconchegantes.

Ela ouviu o barulho de gavetas sendo abertas e fechadas, e o zíper de uma mala de mão. Sarah não voltaria para aquele apartamento, ela tinha certeza. Mesmo que o idoso se recuperasse, ele não conseguiria subir ou descer aquela escada. A ideia pesou sobre ela. Será que Sarah tinha noção disso? Era uma menina inteligente. O que achava que aconteceria com ela?

Natasha notou uma foto que não para levada: na parede da entrada, Sarah, com três ou quatro anos, no colo de uma mulher de cabelo grisalho com um sorriso que parecia com o da garota. Sarah era como qualquer outra criança: segura, ancorada no abraço da família, os olhos claros livres de medo ou incerteza. Em poucos anos, ela havia passado a depender da bondade de desconhecidos.

Natasha apoiou a cabeça nas mãos. Aquele era o lado negativo da maternidade, a responsabilidade absoluta pela felicidade de alguém.

* * *

— Vamos sair para comer alguma coisa — disse Natasha quando voltaram para o carro e tiraram as gotas de chuva das mangas. — O que você acha de uma pizza?

Sarah a olhou de soslaio e Natasha percebeu, envergonhada, que a menina tinha ficado surpresa com o convite espontâneo. Sarah parecera introvertida nos últimos dias, até mesmo para seus padrões. Pedira para comer sozinha no quarto duas vezes e mal se comunicou, nem com Mac, que antes a fazia rir.

Natasha se lembrou do que a irmã dissera. Era responsabilidade dela tomar uma atitude, pelo menos tentar.

— Ah, vamos. Não estou com vontade de cozinhar, e a noite foi longa. Conheço um lugar legal no fim da rua principal. — Ela tentou parecer animada, relaxada. Meu Deus, teria sido tão bom se Sarah pudesse demonstrar algum entusiasmo, quem sabe prazer. Caramba, quantas vezes ela havia saído em sua vida antiga? — As pizzas são bem boas.

Sarah apertou a mala de mão no colo.

— Tudo bem — respondeu.

O restaurante não estava muito cheio e elas foram acomodadas em uma mesa perto da janela. Natasha pediu pão de alho e dois refrigerantes enquanto Sarah olhava para a rua movimentada e escura com a mala de mão deixada embaixo da cadeira. Escolheu uma pizza de presunto e abacaxi, depois mal tocou nela, remexendo nas fatias tão devagar que Natasha se perguntou se ela estava desenvolvendo algum distúrbio alimentar.

— Então — começou Natasha quando o silêncio entre as duas se tornou desconfortável. — Você sempre se interessou por cavalos?

Sarah assentiu, empurrando um pedaço de mozarela pelo prato.

— Por causa do seu avô?

— Sim.

As sobrancelhas de Sarah se ergueram o suficiente para mostrar a Natasha como ela achava aquela pergunta idiota.

— De que parte da França ele é?

— Nasceu em Toulon, depois morou em Saumur. Na academia.

Natasha insistiu:

— Como ele acabou vindo morar aqui?

— Ele se apaixonou pela minha avó. Ela era inglesa. Foi por isso que ele parou de montar.

— Uau. — Natasha imaginou o interior francês, a mudança para um conjunto habitacional como Sandown. — E o que ele fazia quando chegou aqui?

— Trabalhava na ferrovia.

— Deve ter sido muito difícil para ele. Abandonar os cavalos. A França. A vida toda dele.

— Ele amava a minha avó.

Aos ouvidos de Natasha, aquilo tinha soado quase como uma bronca. Será que as coisas eram mesmo assim tão simples? Se você amasse tanto alguém, o seu ambiente deveria perder a importância e todos os sacrifícios que você fez deveriam desaparecer no passado? Estava claro que os cavalos eram a paixão do idoso, uma paixão que não se extinguira apesar

do exílio autoimposto. Mas como ele se reconciliara com o que havia perdido?

Ela se lembrou da foto da avó de Sarah, uma mulher acostumada a ser amada. Seu rosto não demonstrava nada além de contentamento, apesar da perda da mãe de Sarah. Natasha pensou nas brigas mesquinhas, no acúmulo infindável de mal-estar tóxico que levara ao fim de seu casamento. Será que a geração dela simplesmente era incapaz de conservar o amor em escala tão épica?

— Como você conheceu Mac?

O garfo de Natasha parou a caminho da boca. Ela o apoiou no prato.

— Foi em um avião.

— Você gostou dele de cara?

Natasha refletiu por um momento.

— Gostei. Ele… ele é uma pessoa fácil de se gostar.

Ela pareceu aceitar isso.

Ele conquistou você também, pensou Natasha, um pouco tristonha.

— Quem terminou: você ou ele?

Natasha tomou um gole do refrigerante.

— Bem, não foi tão simples assim…

— Então foi ele quem terminou.

— Se está perguntando quem saiu de casa, sim, foi ele. Mas, àquela altura, nós dois teríamos concordado que precisávamos dar um tempo.

— Você quer voltar?

Natasha sentiu o rubor surgir nas bochechas.

— Esta, na verdade, não é uma questão. Por que está perguntando?

Sarah pegou um pedacinho minúsculo da borda da pizza e colocou na boca. Mastigou, engoliu, então disse:

— Minha vó uma vez me disse que queria que meu avô morresse primeiro. Não porque ela não o amava, mas porque se preocupava em como ele lidaria com a sua ausência. Vó achava que se sairia melhor do que ele.

— Mas você e ele se viraram juntos.

— Ele não é tão feliz como na época em que ela estava viva. Minha vó sempre o fazia rir. — Sarah pensou sobre o assunto. — Eu não consigo fazê-lo rir. Principalmente lá. Ele odeia aquele lugar.

— O hospital? — perguntou, e Sarah assentiu. — Deve ser difícil para ele — disse Natasha, com cuidado.

— Para ele, é pior do que se tivesse morrido.

A faca e o garfo de Natasha ficaram paralisados em suas mãos. As palavras de Sarah provavelmente continham alguma verdade, por mais intragável que fosse. Para alguém que passara a vida ao ar livre, buscando o vigor físico e a agilidade, ficar preso em uma existência como aquela, sendo alimentado e trocado feito um bebê, devia ser quase insuportável.

Ela tentou manter a voz firme.

— Ele vai melhorar — disse, com delicadeza. — A enfermeira disse que ele estava progredindo.

Talvez Sarah não tivesse ouvido aquilo, ou talvez fosse uma contradição ao que ela considerava a verdade, mas ela cruzou a faca e o garfo no prato, mostrando que terminara, apesar da evidência física do contrário.

— Você acha que ele voltará para casa a tempo do Natal?

Natasha ergueu o guardanapo, para ganhar tempo, mas até essa breve hesitação deve ter sido ruidosa.

— Para mim, é impossível dizer. Não sou especialista — respondeu ela, enfim, e Sarah mordeu o lábio e olhou para algo na rua. — Sinto muito, Sarah. — A garota estava muito pálida. Talvez até tivesse perdido peso. Natasha se perguntou se deveria estender a mão. — Eu sei que isso deve ser muito difícil para você.

— Preciso de um pouco de dinheiro.

— Como?

— Preciso comprar algumas coisas para meu avô. Presentes de Natal. Pijamas novos e coisas assim — respondeu Sarah, bem direta.

Desconcertada com a mudança de assunto, Natasha colocou mais um pedaço de pizza na boca e mastigou.

— Do que ele precisa? — perguntou depois de engolir. — Posso comprar amanhã no caminho para o trabalho se você quiser.

— Eu posso comprar se você me der o dinheiro.

— Você não vai ter tempo, Sarah. Todo o seu tempo está tomado por Boo e os trabalhos da escola.

— Posso ir na hora do almoço.

— Isso não faz sentido. Você não pode sair da escola na hora do almoço. Não sei em que outro momento poderia fazer isso.

— Isso é porque eu peguei as moedas do seu pote, não é?

— Não. Só não quero que você perca mais…

— Eu sinto muito, ok? Sinto muito por aquilo. Foi quando eu não podia contar sobre Boo. Eu vou pagar.

— Você não precisa pagar.

— Então me deixe comprar algumas coisas para meu avô. Eu é que preciso escolher os presentes — insistiu. — Conheço o gosto dele. — Ela ergueu a voz por causa do barulho de talheres do restaurante. — Sempre roubam os produtos de higiene pessoal e as roupas dele, e eu não posso comprar nada porque o serviço social pegou os talões da aposentadoria dele. Eu não pediria se não precisasse de verdade.

Natasha limpou os lábios no guardanapo.

— Então vamos juntas no sábado de manhã. Podemos comprar tudo que você acha que ele precisa e eu deixo você no estábulo depois.

Os olhos de Sarah traíram seus sentimentos em relação a essa ideia.

Por que ela queria ir sozinha?, perguntou-se Natasha. Será que não queria comprar pijamas e o dinheiro era para outra coisa? Ou será que sair com Natasha de novo era demais? Ela se sentiu exausta. Sarah olhava pela janela, tão indecifrável e inalcançável quanto no começo.

— Quer mais alguma coisa? Um sorvete? — Sarah negou com a cabeça. Nem sequer olhou para ela. — Vou pagar a conta — disse Natasha, cansada. — E depois, é melhor irmos embora. Eu não avisei a Mac que íamos sair.

* * *

Natasha não confiava nela. Sarah se repreendeu por ter tirado dinheiro do pote de moedas. Se não tivesse mexido nele, poderia ter pegado um pouco naquele momento, quando de fato era importante.

Ela tocou a mala de mão com o pé para ter certeza de que continuava ali. O serviço social levara os talões da aposentadoria e da poupança de Vô para garantir que o aluguel fosse pago, mas ninguém sabia dos títulos. Se conseguisse trocá-los por dinheiro e evitar Maltese Sal mais um pouco, ela talvez conseguisse pagar o que devia. Ela o viu mais uma vez, sentiu a mão no seio, ouviu suas palavras e estremeceu.

Ela precisava daquele dinheiro. Pensou nas outras coisas que pegara: um enfeite antigo de vidro, que tinha enrolado com cuidado em um casaco e que achava que conseguiria vender para o homem na loja de penhores. Os CDs dela, que alguém podia querer comprar na escola. Alguma coisa. *Qualquer coisa.*

— Caramba — disse Natasha. — São dez e quinze. Não pensei que fosse tão tarde.

Ela pegou a carteira para pagar a conta. Colocou o cartão na máquina e ficou conversando com o garçom enquanto digitava a senha.

2340.

Fácil de lembrar.

Ela fechou os olhos e fez uma careta ao pensar o que seu avô diria se soubesse que ela pensara aquilo. Nada poderia justificar um roubo, dissera ele quando um dos garotos do andar de baixo fora levado por uma viatura de polícia pela quarta vez naquela semana. Ao roubar algo, não se ganhava nada. Na verdade, a pessoa se diminuía com o ato. Vô não acreditava nem em crédito. Havia dito que nunca tivera nada pelo qual não pudesse pagar.

Mas, ao caminhar de volta para o carro, seguindo os estalos secos dos saltos altos de Natasha pelo piso molhado, aqueles quatro dígitos foram martelando uma tatuagem ritmada, gravando-se em um canto escuro de sua mente.

* * *

Ele prometera deixá-la em casa e havia pedido que ela esperasse dois minutos na entrada enquanto ele corria para pegar as chaves do carro. Reparou que a luz do quarto de Sarah estava acesa. O carro de Natasha não estava lá. Ela dissera que talvez trabalhasse até tarde, mas ficou surpreso por ela deixar Sarah sozinha durante tanto tempo. Enquanto Mac estava parado à porta, procurando a chave, Maria de repente apareceu atrás dele. Ela grudou nele, enroscando seu corpo comprido e curvilíneo no dele.

— Vamos entrar.

— Não.

— Você me deve isso. Aquele foi o pior filme que eu já vi. Você me deve uma hora e meia da minha vida de volta.

— Anotado. Mas não aqui.

Ela fez uma careta.

— Mas estou com saudade de você. Faz mais de uma semana! Eu mostro as minhas partes brancas — ofereceu, baixando a barra da calça jeans para revelar o abdômen bronzeado. — São muito, muito pequenas — completou com a voz ofegante. — Você terá que olhar *bem* de perto.

Maria era linda, descomplicada e ela o desejava. Mac desconfiava de que ela não o amava, que nem sequer precisava dele, e ele não conseguia evitar gostar dela por isso. Mac precisava dessa robustez, saber que, não importava o que fizesse, não iria magoá-la.

— Querida, eu não posso — disse ele.

— Você me traz aqui nos fins de semana. Por que não agora?

Ele olhou a rua.

— Porque a minha ex vai voltar logo e não é justo.

Maria se afastou dele.

— Não é justo comigo. Grrr! Por que você deixa a sua vida ser ditada por essa mulher infeliz? Você me disse que ela tem namorado, não tem?

— Tem.

— Ela transa com ele?

— Não sei — balbuciou Mac, desconfortável. — Acho que sim.

— É claro que transa. — Maria colocou a mão no peito dele. — Faz muito sexo com aquele velho horroroso. Duas pessoas horrorosas e

pavorosas juntas. Então, como você sabe que ela não está com ele agora?

Mac tentou se lembrar do que Natasha dissera de manhã, se ia sair aquela noite. Ele estava tentando ver o resultado de um jogo de críquete e não prestou atenção.

— Eu não sei.

Maria sorriu.

— Está fazendo um sexo nojento com ele. Sexo de pessoas horríveis e detestáveis. E rindo ao pensar no ex-marido que não tem coragem de transar com a namorada linda dele na própria casa para não deixá-la aborrecida.

Ela deu um sorriso doce para ele, deliciada com seu desconforto.

— Você é uma mulher muito má.

— Ah, eu posso ser muito pior.

— Não duvido.

— Então venha. Você me leva escondida para o seu quarto. A gente faz uma rapidinha e depois vou embora. Vai ser como se voltássemos a ser adolescentes. Bem, como se você fosse adolescente. Para mim, não faz tanto tempo assim.

Ela o abraçou pela cintura, enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça dele e o puxou em sua direção. Mac deu uma olhada no relógio. Não dava para garantir que Sarah estivesse dormindo.

— Que tal irmos para a sua casa?

— Minhas duas primas estão no meu apartamento. E o meu tio Luca. Parece Piccadilly Circus. Com *bigos*.

— *Bigos?*

— É… repolho cozido.

— Bem, isso é excitante.

— Mac… — A voz dela se transformou em um murmúrio rouco. — Mac… Eu gosto da sua casa. — Ela enroscou os dedos no cabelo dele. — Eu gosto do seu quarto. Eu gosto da sua cama…

Ele tentou se manter firme.

— Tenho certeza de que posso aprender a gostar de *bigos*.

Ela estreitou os olhos e deu aquele seu sorriso felino.

— Sabe o que essa palavra quer dizer? Ao traduzi-la?

— Não estou com o meu dicionário de inglês-polonês aqui.

— *Confusão* — sussurrou, roçando os lábios na orelha dele. — Significa *confusão*.

Sarah provavelmente estaria dormindo. Mesmo que não estivesse, será que era tão ruim assim? Ela costumava ficar no quarto quase todas as noites mesmo.

Tinham deixado que ela ficasse com a pequena televisão portátil, já que a menina não queria assistir a nada que os outros queriam. Ou talvez ela só não quisesse ficar com eles.

Maria se afastou um pouco. Olhou para baixo, então ergueu os olhos até os dele.

— Não pode dizer que não está com saudade de mim — observou.

Natasha devia estar na casa de Conor, ele ponderou, ao empurrar Maria porta adentro, enquanto ela dava risadinhas. E Maria era uma mulher que tinha dificuldade de se concentrar. Uma frase antiga invadiu sua mente ainda enquanto tentava expulsar a voz que o alertava contra o que estava fazendo. Tinha a ver com cavalos dados e dentes.

* * *

— As luzes estão acesas, Mac já deve estar em casa — disse Natasha, como se não conseguisse pensar em mais nada para falar. Sua boca estava comprimida em uma linha fina, Sarah percebeu. Ela tirou a chave da ignição e pegou a bolsa do chão do banco de trás, deixando um leve rastro de perfume caro no ar. — Precisa de ajuda com a mala?

Como se ela fosse uma criança.

— Não — respondeu Sarah. — Obrigada.

Ela não largava aquela mala. Em alguns momentos da noite, parecia que se agarrar àquela mala era a única coisa que a mantinha em pé.

— Você vai ter que ir de ônibus amanhã — avisou Natasha enquanto trancava o carro atrás delas. — Mac me mandou uma mensagem de texto

dizendo que ele tem um trabalho cedo, e eu tenho uma reunião. Tudo bem para você?

— Tudo.

— E vamos garantir que seu avô ganhe algumas coisas legais. Vai ser um prazer pagar por elas, Sarah.

Ela abriu a porta de entrada e se virou de frente para Sarah quando a fechou. Estava com aquela expressão de solidariedade, a que provavelmente usava com os clientes. Fazia calor no interior da casa, e Sarah tirou o casaco.

— Não é uma questão de confiança, Sarah. De verdade. Se não confiasse em você, eu não a deixaria ficar na minha casa. Só acho que será melhor nós fazermos isso juntas no sábado à tarde. Eu cuido da minha papelada de manhã e busco você no estábulo. Vamos a qualquer loja que você quiser. Podemos pegar um táxi e ir à Selfridges, se quiser. O que acha?

Sarah deu de ombros. Mesmo sem que a menina tivesse olhado para ela, Natasha percebeu que estava exasperada.

— Olhe, está tarde. É melhor você subir e voltamos a conversar de manhã.

Elas se viraram ao ouvirem um barulho na cozinha. Natasha tirou o cachecol enquanto se dirigia à porta.

— Mac? Eu estava falando para Sarah que…

Ela parou de supetão quando viu uma loira alta só de camiseta masculina e calcinha surgir no corredor com duas taças de vinho. Tinha o tipo de cabelo que se vê em propaganda de xampu, incrivelmente fino e brilhante e pernas bronzeadas que pareciam não ter fim. As unhas dos pés eram conchinhas de esmalte cor-de-rosa.

— Você deve ser Natasha. — Ela sorriu, equilibrando as taças meio desajeitadamente em uma das mãos e estendendo a outra. — Eu sou Maria.

O sorriso era grande, mas nada simpático. Havia um quê de desdém nele. Sarah ficou parada atrás de Natasha, fascinada, enquanto a mão esperava, solta no ar.

Natasha parecia ter perdido a capacidade de falar.

— Mac me falou muito de você — disse a mulher alta, recolhendo a mão sem parecer ofendida. — Eu ia fazer um chá, mas aqui não tem leite de soja, tem? Laticínios fazem *tão* mal para a pele. — Os olhos dela se demoraram no rosto de Natasha por um instante longo demais. — Peço licença. Preciso voltar lá para cima. Tem alguém me esperando…

Com um sorriso, ela passou por Natasha com os seios sem sutiã fazendo volume por baixo da camiseta e deixando no ar um leve perfume almiscarado.

Natasha não se mexeu.

Sarah ficou observando a cena com a boca entreaberta. Natasha estava muito pálida, e os nós de seus dedos estavam brancos agarrados à alça da pasta. Pareceu se sentir como Sarah quando ia chorar e não queria.

Depois de alguns minutos, Sarah deu um passo adiante para sentir o terreno.

— Quer que eu prepare um chá? — Alguém precisava fazer alguma coisa. Era horrível ver uma pessoa passando por aquilo. — *Eu* gosto de leite normal — completou, baixinho.

Mas foi como se Natasha tivesse esquecido que Sarah estava ali. Ela ergueu os olhos, arregalou-os e se forçou a sorrir.

— É… muita gentileza. Mas, não, obrigada, Sarah.

Ela parecia não saber o que fazer.

Sarah abraçava a mala. Sua vontade era se esconder no quarto, mas, se subisse, poderia dar a impressão de ter tomado partido, e ela não sabia muito bem o que pensar sobre o que acabara de acontecer.

— Sabe… — Natasha levou a mão à bochecha. A cor tinha voltado a seu rosto, e ela estava bem vermelha. — Sabe… acho que eu vou…

Ouviram uma porta se abrir e risadas. Então Mac desceu a escada apressado, com as mãos no corrimão. Estava só de calça.

— Tash. — Ele parou no meio da escada. — Sinto muito. Achei que você estava… Achei que Sarah estava…

Natasha o encarou. De repente ela pareceu muito cansada, pensou Sarah.

— Quanta classe, Mac — disse ela, bem baixinho.

Ficou ali parada mais um pouco e assentiu como se confirmasse algo para si mesma. Então deu meia-volta, saiu de casa e fechou a porta com força.

15

"Pois aquilo que um cavalo faz forçado, (...) ele faz sem compreender. Sob tal tratamento, tanto cavalo quanto homem farão muito mais coisas feias do que graciosas."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Sarah estava na cama, abraçando os joelhos bem juntos ao corpo. O edredom de pena de ganso se estendia com leveza sobre seu corpo encolhido, criando um ninho macio, um casulo que ela fingia que nunca mais deixaria. Os lençóis de algodão egípcio ainda exalavam o delicioso aroma do spray de roupa de cama que a faxineira usava quando passava tudo a ferro; tinha lavanda e alecrim. As cortinas, uma seda cinza pesada forrada com voile, deixavam entrar uma luz suave que a protegia de um despertar muito abrupto. Mas, à medida que o quarto, com sua cômoda antiga e seu enorme espelho veneziano, seu pequeno lustre de cristal, ia se iluminando, Sarah se sentia mais sombria.

Não tirou os olhos da parede, concentrando-se na respiração. Se não pensasse sobre a questão, a respiração entrava e saía do corpo normalmente. Não importava o que fizesse, correr, cavalgar, dormir, simplesmente entrava e saía, cumprindo sua função, mantendo a pessoa viva. Assim que se começava a prestar atenção demais nela, transformava-se em algo passivo. Esperando que a pessoa enchesse os pulmões. Ficando presa quando coisas ruins vinham à mente, quando o estômago se contraía de medo.

Naquele momento, não havia como evitá-lo. Ele estaria lá na sexta-feira, sempre estava. Estaria lá no fim de semana. Não iria se contentar

com o que ela juntara até então. Sarah fechou os olhos, afastando os pensamentos à força, inspirou e expirou mais uma vez.

Vô provavelmente estaria acordado; sempre fora de levantar cedo. Será que estava olhando para a parede? Esperando até que a luz do sol revelasse as imagens do cavalo, da neta que amava? Será que estava se imaginando nos cavalos perdidos que havia conhecido, numa concentração silenciosa enquanto eles dançavam em uma arena ampla? Ou será que estava meio sonolento por causa de tanto remédio, babando e sendo limpado com grosseria por enfermeiras terceirizadas que, além de falar com ele como se fosse velho demais para entender as coisas, também o tratavam como se fosse idiota? Sarah apertou os joelhos com mais força e estremeceu.

Na noite anterior, o avô pegara a mão dela em seus dedos trêmulos. A pele dele parecia muito fina, o seu cheiro habitual substituído por algo forte e desinfetante. Ele já não era mais o mesmo. Cada vez que ela o via, independentemente do que dissessem sobre a recuperação, ele estava um pouco mais distante, um pouco mais desesperador, como se as partes que o faziam ser o Vô, o Capitão, o marido adorado da sua avó estivessem sendo expulsas a cada respiração. Às vezes Sarah tinha a sensação de que sabia exatamente como ele se sentia.

* * *

A três quilômetros dali, Natasha acordou com o som da água da banheira do vizinho correndo e divagou sonolenta sobre o egoísmo das pessoas que consideravam aceitável ligar a televisão no volume máximo apesar de serem seis e quinze da manhã. Por que alguém precisava ouvir a televisão enquanto tomava banho? Será que não havia nenhum lugar em que podiam simplesmente ficar em silêncio?

Um noticiário. Seis e meia. Ela conseguiu até deduzir que horas eram através das paredes finas como papel. Levantou-se, sentiu as primeiras pontadas de alerta de uma forte dor de cabeça e, por um momento, esforçou-se para entender onde estava, com uma sensação incômoda de algum acontecimento do qual pouco se lembrava que já indicava um

problema maior. A suspeita crescia dentro dela. E lá estava: uma colcha desconhecida. A bolsa dela pendurada nas costas de uma cadeira. Carpete bege com estampa. Uma garrafa de vinho tinto quase vazia.

A noite anterior voltou à sua mente como uma enxurrada e ela deitou a cabeça nos travesseiros do hotel, de olhos fechados. O jeito como aquela mulher olhara para ela, como se fosse irrelevante. A alegria no olhar que evidenciava segredos expostos, um passado ridicularizado. Como ele pôde fazer uma coisa dessas? Ela enxugou os olhos. Então, por que não faria? O que tinha sido isso, afinal, se não a separação final deles? O que ela poderia esperar dele? Tantas imagens: Mac, quando estavam juntos, rodeado por mulheres que pareciam considerá-la não mais do que um obstáculo. A aparência dele: um homem que virava a cabeça de todas, sempre um degrau acima dela na escala da atração humana, e as mulheres sabiam disso. Elas também haviam deixado isso bem claro para ela. No começo, Natasha não achara que tinha importância, quando ele dirigia todo o seu charme só para ela, quando ela se sentira adorada, necessária, desejada. Em festas ela lhe dissera, de brincadeira, para "ir paquerar", observando quando os olhos dele encontravam os seus depois, dizendo que as outras não eram nada perto dela.

E então, a cada aborto espontâneo, a confiança dela na própria feminilidade foi diminuindo. Pegava-se avaliando em silêncio a fertilidade de outras mulheres, comparando-se de modo desfavorável. Aos seus olhos, as outras pareciam fecundas, perfeitas. Jovens. Ela começara a se sentir velha, seca por dentro. E ali estava ele, deixando todas elas encantadas, talvez já planejando um novo relacionamento com uma parceira mais jovem, mais bonita. Uma que lhe desse filhos. Como poderia esperar que ele continuasse com ela? Ele ficou bravo quando ela disse isso. No fim, fora mais fácil não dizer nada. Conor tinha sido o primeiro homem a fazer com que ela sentisse que Mac é que tivera sorte.

Mac não era dela. Era inteiramente possível que nunca tivesse sido. Aquilo apenas fora disfarçado mais uma vez pelo fato de estarem morando juntos, a proximidade artificial forçada pelas circunstâncias.

Natasha saiu com esforço da cama, foi para o banheiro e abriu as torneiras. Então voltou para o quarto e ligou a televisão. Em volume bem alto.

* * *

O domínio de Sarah sobre passos quase silenciosos deixaria um rastreador indígena envergonhado. Nas últimas semanas, não tinha sido incomum ela aparecer sem aviso atrás dele na escada ou ao lado dele na cozinha. Parecia que ela havia decidido ser a presença menos obstrutiva possível, não ocupar nenhum espaço, não perturbar a casa com som algum. Normalmente, o rangido leve de uma adolescente descendo a escada não o deixaria sobressaltado. Mas Mac já estava acordado havia horas.

Na noite anterior, Maria tinha ido embora um pouco antes das onze, uma boa meia hora depois de Natasha sair. Não adiantaria nada ir atrás dela: Mac não fazia ideia de para onde ela estava indo nem o que iria dizer se a encontrasse.

Maria dera uma gargalhada de desdém quando ele voltou para cima, sentou-se pesadamente na cama e baixou a taça de vinho que estendeu para ele.

— Ela está puta por causa do vinho? Eu compro uma garrafa nova para ela. É só vinho de supermercado mesmo. — Ela deu um gole. — Na Polônia, é muito grosseiro não receber bem as visitas.

Ele tinha certeza de que Maria sabia que não tinha nada a ver com o vinho e, só por um instante, sentiu grande desprezo por ela. Aquilo fora crueldade deliberada, e ela havia se deleitado.

— Acho que é melhor você ir andando — dissera ele.

— Afinal, por que você se importa? — exclamara ela enquanto vestia a calça jeans, requebrando de propósito. — Passou um ano inteiro sem nem vê-la. Vai se divorciar daqui a semanas. Você que me disse.

Ele não pôde responder. Por que não queria magoar Natasha? Por que, quando voltou a morar na casa, tinha pensado, de algum modo idiota e otimista, que eles de alguma forma poderiam se tornar amigos? Que

depois que ultrapassassem a confusão e o trauma do divórcio, aquela mulher engraçada, sarcástica e brilhante poderia continuar fazendo parte de sua vida? Ou por que a visão do rosto dela pálido de choque e de mágoa, a reprovação por trás da fúria que brilhava em seus olhos, iria assombrá-lo madrugada afora?

Mac se levantou, jogou água gelada no rosto, vestiu a calça jeans e desceu a escada com cuidado. Sarah estava na cozinha, vestindo o uniforme da escola bem passado, preparando um sanduíche.

— Desculpe — disse ele, meio sonado. — Eu devia ter preparado o seu almoço.

Ele esfregou a barba por fazer no queixo, imaginando se teria tempo de se barbear.

— É Natasha quem costuma preparar meu almoço — retrucou Sarah.

— Eu sei. Acho que eu não estava raciocinando bem ontem à noite. Você vai para o estábulo? — Olhou para o relógio. — Está meio em cima da hora.

— Eu me viro.

— Daria uma carona para você, mas tenho…

— Eu não preciso de carona — interrompeu a menina.

— Quer uma maçã para Boo?

Ele estendeu a mão até a fruteira e jogou uma fruta para ela, achando que Sarah a pegaria. Aquilo tinha se transformado em uma espécie de rotina para eles. Mas ela deu um passo para o lado e deixou a fruta cair no piso de calcário.

Mac pegou a maçã do chão e examinou as costas magras e firmes, a postura conscientemente ereta dela.

— Está brava comigo?

— Não é da minha conta — respondeu ela enquanto arrumava os sanduíches na mochila.

Mac pegou a chaleira e a encheu de água.

— Sinto muito por ontem à noite.

— Acho que não é para mim que você tem que pedir desculpas.

Ela estava vestindo o casaco.

— Eu não sabia que ela ia voltar — argumentou Mac.

— Mas a casa ainda é dela.

— A casa é *nossa*.

— Tanto faz. — Ela deu de ombros. — Como eu disse. Não é da minha conta.

Ele preparou café para si mesmo, chocado ao perceber como uma menina de quatorze anos podia fazer um homem adulto se sentir tão mal. Ele sabia que Natasha ficaria irritada. Mas não esperava por aquilo.

— Você pode me dar um pouco de dinheiro?

Ela estava parada atrás dele, pronta para sair.

— Claro — respondeu ele, contente de fazer algo, qualquer coisa, que deixasse o clima mais leve. — De quanto precisa? — Ele começou a remexer nos bolsos.

— Cinquenta? — arriscou Sarah.

Ele separou a quantia na mão.

— Tome — disse ele, estendendo uma moeda prateada.

— Cinquenta centavos?

— Você queria cinquenta libras? Muito engraçado. Olhe, eu tenho um trabalho de manhã. Vou pegar dinheiro no caixa eletrônico hoje à tarde. Posso dar dez para você. Para se divertir. Vá comer hambúrguer com os seus amigos mais tarde.

Ela não pareceu tão feliz quanto ele esperava. Mas seria melhor ele não ter que se preocupar com o que faria para o jantar e Sarah estar fora do caminho, em segurança.

Ele precisava falar com Natasha. Mas não sabia o que diabo iria dizer.

* * *

Toda documentação jurídica recebida por um advogado — que não dissesse respeito a assuntos do governo — vinha amarrada com uma fita cor-de-rosa. Esse anacronismo não era apenas uma questão de organização, nem um método antiquado de arquivamento. A fita tinha um significado, simbolizava a capacidade do advogado de não se envolver

emocionalmente com o caso. O advogado era instruído especificamente por sua independência, sua objetividade. Quando a fita era amarrada de novo, a documentação era devolvida. O advogado deixava para trás os fatos do caso.

Dito isso, era mais fácil ser objetiva em alguns casos do que em outros, pensou Natasha, sentada ali diante de Michael Harrington. Estavam reunidos no escritório dele para discutir o caso do divórcio dos Persey, que estava para começar.

— Você parece cansada, Natasha — observou ele, chamando a estagiária. — Espero que os detalhes do caso não estejam tirando o seu sono.

— De jeito nenhum.

— Acho que precisamos ter uma conversa com a Sra. Persey amanhã de manhã. Também estamos aguardando os relatórios dos peritos contábeis. Você pode levá-los à reunião? Eu gostaria ainda de decidir quais testemunhas cada um de nós vai interrogar.

Ele a observava atentamente, e Natasha não soube dizer quanto tempo passara olhando para os papéis.

— Natasha? Você está bem?

— Estou.

— Vai poder comparecer?

Ela deu uma olhada na agenda; o dia já estava terrivelmente cheio.

— Eu arranjo tempo.

— Ótimo. Certo. Acho que, por hoje, é só. — Ele se levantou e Natasha juntou suas coisas. — Não, não. Eu não quis dizer que você precisava sair imediatamente. Tem alguns minutos? Tempo para um drinque rápido?

Ela pensou na noite anterior.

— Posso tomar um chá — disse ela, voltando a se sentar. — Obrigada.

— Muito bem.

A estagiária apareceu à porta.

— Beth, pode preparar duas xícaras de chá para nós, por favor? Açúcar? Os dois sem açúcar. Obrigado.

Abruptamente, ele mudou o rumo da conversa. Falou sobre os filhos adultos, sobre a paixão redescoberta pelo iatismo. Os dois conversaram sobre um advogado que conheciam que se envolvera em um escândalo envolvendo auxílio jurídico.

— Na verdade — continuou ele —, já faz um tempo que quero conversar com você. Estamos reestruturando as coisas por aqui, mudando o equilíbrio das áreas em que atuamos. E é provável que tenhamos uma vaga. — Natasha ficou só ouvindo. — Tenho observado o seu desempenho com interesse. Gostei do seu trabalho em Richmond contra Turner, e do caso dos trigêmeos sequestrados em que atuou. Muitos dos advogados com quem converso falam de você e só têm boas coisas a dizer.

— Obrigada.

— Se abrir uma vaga aqui, você estaria interessada?

Natasha ficou chocada. Quando ela era estudante, Harrington Levinson era considerado o epítome do escritório de advocacia moderno e progressista, com uma reputação espantosa. E Michael Harrington, o fundador, estava lhe fazendo uma proposta.

— Fico muito lisonjeada — respondeu. A estagiária chegou com o chá. Esperaram até ela Sair e fechar a porta. — Devo dizer que há a possibilidade de eu me tornar sócia no meu escritório atual.

— Não sei bem se esse é o melhor passo para você. Sabia que muitos advogados comuns estão escolhendo se especializar nas instâncias superiores? — perguntou. — O caminho está traçado. E nós gostaríamos que você ocupasse essa função. Pode fazer o exame específico na ordem em menos de dois anos.

Ela tentou digerir o que ele estava dizendo, as implicações daquilo. Ela deixaria para trás o caos cotidiano de seu trabalho de advogada de pequenas causas e adotaria a postura mais distante de quem só trata de casos mais complicados, que vão para as instâncias superiores. Não haveria mais o envolvimento diário com a vida dos clientes como acontecia atualmente. Desde Ali Ahmadi, ela já não sabia mais se isso tinha importância.

— Michael, este é um grande passo, obviamente — disse ela, pensando em Conor. — Preciso pensar bem na proposta.

Ele rabiscou algo em um pedaço de papel.

— Estes são os meus números. Não tente falar comigo por meio da telefonista… As pessoas aqui me protegem feito cães de guarda. Mas entre em contato. Pode me procurar para qualquer pergunta que queira fazer sobre a nossa organização: dinheiro, estagiários, escritórios, qualquer coisa.

— Vai precisar de referências?

— Eu sei tudo de que preciso saber sobre você. — Ele sorriu. — Para onde vai agora? Outra reunião?

Ela olhou para a fita cor-de-rosa, forçando-se a lembrar o que supostamente simbolizava.

— Algo do tipo — respondeu enfim, deixando a xícara e o pires na mesa. — Eu ligo para você, Michael. Obrigada. Vou pensar na sua oferta com muita cautela.

* * *

Quase nada a distinguia das outras casas modernas de fachada reta, com feios tijolos marrons e as campainhas como única pista de que aquelas pequenas moradias eram divididas em apartamentos ainda menores. Mas, no chão, ainda esvoaçando solta ao vento, o comprimento da fita de polícia amassada e suja embaixo do arbusto de alferneiro contava uma história própria. As cores contrastantes davam uma pista da gravidade do que havia acontecido atrás daquela porta.

Ela ficou parada na calçada, olhando para as janelas vazias com cortininhas de renda. Onde estaria a vendedora de vinte e seis anos? Será que estava ali, espiando por trás das cortinas, ou ainda no hospital? Estaria com medo demais para voltar para casa? Será que esmiuçara a sequência de acontecimentos que levaram o jovem até ela?

O que fizera Ali Ahmadi escolher aquele endereço específico? Como a jornada épica dele, do outro lado do mundo, tinha acabado nos seis passos

curtos até aquela porta da frente específica? Como uma pequena omissão da parte dela, da parte de outra pessoa, havia levado a um acontecimento tão cataclísmico?

Uma idosa passou por ela empurrando um carrinho de compras xadrez. Natasha deu um passo para o lado e tentou dar um leve sorriso, mas a mulher mal reparou nela com os olhos vermelhos e remelentos e prosseguiu em seu caminho solitário e determinado.

Natasha sentiu um nó na garganta. Talvez não estivesse ali em busca de pistas. Talvez quisesse fazer um pedido de desculpas mudo. Eu devia ter conferido a história dele, disse à mulher, em silêncio. Se eu tivesse conferido o nome da cidade, a distância que ele alegara ter caminhado, poderia ter salvado você. Se não tivesse feito nada para salvá-lo, eu poderia ter salvado você.

Ela foi interrompida pelo celular.

— Você não esqueceu a reunião das quatro e quinze, certo? Achei que já estaria de volta. — Era Ben.

— Adie — respondeu Natasha.

Estava parada ao lado do carro, observando duas meninas que empurravam carrinhos de bebê do outro lado da rua. Ambas falavam ao celular, aparentemente alheias às crianças e uma à outra.

— O quê?

— Cancele. Não vou voltar mais para o escritório hoje.

Houve um longo silêncio.

— O que digo a Linda? Você está bem?

— Estou. Não, na verdade, eu não estou me sentindo muito bem. Vou para casa. Diga que sinto muito. Remarque para mais tarde nesta semana. É Stephen Hart. Ele vai entender.

Depois que desligou o celular, ela se lembrou de que ir para casa não era mais uma opção.

* * *

Jessica Arnold tivera vinte e três namorados, quatorze do ano dela, quatro do ano seguinte e o restante de fora da escola, de Sandown e dos conjuntos habitacionais ao redor. Os namorados atuais dela eram homens mais velhos que esperavam na frente da escola em carros baixos e turbinados que saíam roncando pela rua, tocando música alta, no instante em que ela entrava. Fora para a cama com a maioria deles — o que não era uma ostentação infundada, como muito do que se dizia sobre quem tinha "experiência" no ano dela —, o que estava detalhado em recados rabiscados nos banheiros, nas cartelas vazias de pílula que tinham visto cair da mochila dela e no rosto dos homens nos carros. Eles não eram do tipo que se satisfazia com um beijo demorado em um banco de parque. Jessica exibia as marcas roxas no pescoço como condecorações. Tinha que se comportar assim, como se fosse sua escolha, como se fosse o que ela queria, ou não passaria de uma prostituta.

Se Jessica estava em uma ponta do espectro da atividade sexual do primeiro ano do ensino médio, Sarah ficava à espreita na outra, com Debbie Dermott, que usava óculos grossos e aparelho, e Saleema, que usava burca sempre que estava fora da escola e nunca conversava com meninos, muito menos os beijava. Não era que Sarah fosse feia. Ela só não se interessava muito por eles.

Os meninos que ela conhecia não iam querer saber de Boo nem de seu progresso contínuo dos movimentos da *basse école* para as exigências mais complexas da *haute école*. Eles não iriam querer ir até o estábulo com ela e voltar para casa juntos de ônibus. Iriam fazer comentários idiotas sobre o cheiro do estábulo, iriam berrar e incomodar os cavalos e fumar perto da palha. Eles não entenderiam a sua vida.

Nunca contara ao avô, mas, às vezes, nos poucos momentos dolorosos, tarde da noite, quando ela se sentia sobrecarregada e seu corpo se enchia de um sentimento de perda de algo que ela não entendia, Sarah se imaginava em Le Cadre Noir. Ela seria a melhor cavaleira que já tinham visto. Haveria um lindo jovem capitão com uniforme preto com os alamares dourados. Ele seria um cavaleiro fantástico e compreenderia tudo que ela queria. Ele não andaria em um carro cheio de adesivos e sem

habilitação pelo conjunto habitacional, gabando-se do número de ordens de restrição e infrações por dirigir ilegalmente, e oferecendo beijos babados com gosto de kebab e molho de pimenta. Seria um romance comportado, que também tinha cavalos, com enormes lacunas de conhecimento em seu âmago, lacunas que a mochila de Jessica e os rabiscos na parede do banheiro apenas sugeriam.

Era assim que ela sempre imaginava seu futuro; sabia disso com tanta clareza quanto sabia como seria o futuro de Boo. Mas ela tinha sete libras e quinze centavos da venda de seus CDs e enfeites, as dez libras de Mac e um título que demoraria pelo menos três dias para ser sacado, e apenas com a assinatura de seu avô.

Parecia que essa lacuna seria eliminada mais depressa do que ela pensava.

— Preciso falar com você.

— Trouxe o meu dinheiro?

— É sobre isso que quero falar.

— Então fale.

Ela indicou com a cabeça o outro lado do pátio, onde os homens dele estavam.

— Não com eles ali.

Ele estava guardando suas escovas de tratar os cavalos, cada uma delas reluzente, imaculada, como se nunca tivesse visto a poeira de um cavalo. Enfiou a última no lugar e então olhou para ela, analisando.

— O que você quer, Menina do Circo?

Sarah baixou a voz, torceu a alça da mochila ao redor do pulso esquerdo.

— Eu queria saber… Quanto… quanto você pode abater… se…

Ele não respondeu de imediato. Não sorriu. Não demonstrou surpresa nem prazer. Não caiu na gargalhada, como ela meio que esperava que fizesse, dizendo que era só brincadeira, perguntando que tipo de homem ela achava que ele era.

Sal assentiu de leve, como que confirmando algo para si mesmo, então olhou para ela e deu meia-volta. Foi até onde seus homens estavam, ao

redor do braseiro, com o ar frio transformando a respiração deles em vapor, de modo que não dava para saber o que era fumaça e o que era simplesmente ar frio. Ele gesticulou para o bando, balbuciando algo que Sarah não entendeu. Eles deram de ombros, examinaram os bolsos atrás de chaves e cigarros, jogaram papel no fogo. Ralph a observou do outro lado do pátio, como se a reavaliasse. Talvez fosse só ciúme por ela ter recebido atenção de Sal, mas Sarah desconfiava de que se tornara uma pessoa diferente aos olhos dele. Não mais a neta do Capitão, uma amiga com quem compartilhar uma aventura ou outra, só alguém para ser comercializada, sem valor. Ralph não olhou para ela ao ir embora.

Sarah foi até a baia de Boo e entrou, ajeitou o cobertor dele e apoiou a cabeça em seu pelo quente para absorver um pouco de conforto. A cabeça enorme do cavalo se virou para analisá-la, para ver o que ela estava fazendo, e a menina acariciou seu rosto, percorrendo com os dedos o contorno dos ossos sob a pele macia.

Ela viu Sal pela porta, caminhando alegremente, segurando um cigarro meio solto entre o polegar e o indicador. Ele balançou a cabeça, gritou alguma coisa em maltês e os homens desapareceram pelo portão. Então, quando o último carro saiu, ele fechou o portão e passou a corrente. Estava escuro, e Sheba andava irrequieta de um lado para outro na entrada, talvez esperando que Cowboy John voltasse.

E então ele foi em direção à baia de Boo, assobiando como quem não tem nenhuma preocupação no mundo.

— Então — disse ela, tentando parecer durona, quando ele parou à porta. Tentou imitar as meninas de Sandown, as que ela vira gritar para os meninos de moto. Duronas. Indiferentes. Como se nada pudesse abalá-las. — Como isso seria feito?

Ele agiu como se não tivesse escutado. Deu uma tragada profunda no cigarro, então entrou na baia e fechou a porta. Boo tinha perdido o interesse nela e voltara para o feno, mastigando sem parar atrás dela. Apenas a luz de sódio do poste da rua atingia o lugar. Era difícil distinguir o rosto dele, apesar de Sarah saber que a luz a iluminava, transformando seu corpo em algo laranja fantasmagórico.

— Tire a blusa.

Ele falou aquilo com extrema naturalidade, como se tivesse lhe pedido para trancar o portão.

— O quê?

— Tire a blusa. Eu quero dar uma olhada em você.

Sal deu mais uma tragada no cigarro, sem desviar os olhos dela. Sarah o encarou. *Não* agora, *pensou. Não estou pronta para isso* agora. *Só queria entender o que você estava sugerindo.*

— Mas…

— Se você não quiser resolver a questão… — Ele ameaçou se virar, para ir embora, com o rosto fechado. — Só está brincando comigo. Achei que podia levar você a sério.

Ele tirou o cigarro dos lábios com dois dedos e jogou no chão de concreto. A brasa brilhou por um instante antes de se apagar com a umidade. Então ela viu a expressão fria e severa dele e sua mente disparou.

Antes que se desse conta do que estava fazendo, Sarah tirou a blusa. Estava usando um moletom. Sem o forro felpudo, sentiu o frio em sua pele, a corrente de ar que entrava pela porta penetrando com dedos gelados o que antes estava protegido e aquecido.

Sal se virou. Sarah não conseguia ver os olhos dele, mas sentiu o olhar, extraindo cada pedacinho para decidir qual era o valor dela. Ao que parecia, a decisão não seria dela. Sentiu-se invadida pelo olhar dele, como se Sal pudesse enxergar através de sua pele nua e ver a carne crua por baixo. *Logo tudo estará terminado*, disse a si mesma, forçando-se a permanecer ereta, quase desafiadora em sua postura. *E então não vou dever nada a ele. Tudo vai ficar bem.*

— E o sutiã.

Ele falou devagar, mas era uma ordem. A voz de alguém acostumado a ter o que queria.

Ela verificou se tinha escutado direito.

— Mas o que você quer…? — protestou. — Você não disse…

— Agora vai mandar em mim? Vai ditar os termos? — A voz dele endureceu.

Ela tremia, seus braços se arrepiaram.

Fechou os olhos. Seu coração batia tão forte que ela quase o escutava.

— Tire.

Ela engoliu em seco, então levou as mãos às costas, cerrou o maxilar para impedir que os dentes batessem; não sabia bem se de medo ou de frio. Sem abrir os olhos, tirou o sutiã. Era barato e molenga, um pouco grande demais. Vô estava comprando meias na mesma hora, e ela ficou tão envergonhada com a ideia de ele reparar na sua compra na loja de departamento que saiu correndo sem experimentar. Sal pegou a peça da mão de Sarah e largou no chão ao lado dela. Estava nua da cintura para cima. Sentiu o ar frio na pele, os mamilos endurecendo em protesto. Ouviu quando ele respirou fundo, os passos que o trouxeram mais para perto e percebeu que caíra em um abismo. Um abismo que ela nem sabia que estava lá.

Ela não conseguia abrir os olhos, não conseguia respirar. Ficou ali parada, uma coisa, um nada, saindo de seu corpo para que aquilo não fosse ela, Sarah, ali de pé nua no estábulo, com o cavalo novo de Sal relinchando no arco seguinte e o cachorro latindo ao som de alguém que conversava na rua. Aquela não era ela, com a mão quente e seca daquele homem deslizando pela pele fria dela, com o hálito quente perto do rosto dela, as palavras imundas e estranhas murmuradas no ouvido dela. Um cheiro estranho, desconhecido em suas narinas, o cinto pontudo dele pressionando dolorosamente seu quadril enquanto ele a pressionava na parede de pedra gelada. O mundo real recuou até que sobrassem só ele, aquelas palavras e seu toque insistente, incansável, que não cabia a ela mandar parar. Não era ela. Não era ela. Aliás, o que acontecera com Sarah? Aquilo não era mais sua vida, nem sua família, nem seu futuro. Ela não tinha voz em nada disso. Então, que diferença fazia se aquele homem tomava posse dela, a cada centímetro que apertava e explorava, a cada respiração que exalava? Ela estava hipnotizada, ausente, era um nada.

Não era dela, afinal, a mão que ele apertava e puxava do lado do corpo trêmulo dela em direção ao dele, enquanto os dentes cerrados dela sufocavam o medo. *É uma coisa pequena*, disse mais uma vez a voz repetitiva em sua mente. *Uma coisa pequena, e aí tudo estará terminado*. Ouviu um som de zíper sendo aberto, a respiração ofegante dele crescia em intensidade, rouca. Ouviu as palavras e pensou, estupidamente: *Eu faço?* E sentiu nas pontas dos dedos a calça jeans áspera, então algo macio e quente, porém firme. Algo que seu instinto lhe disse que não deveria tocar.

E ela não conseguiu se conter. Puxou a mão e os dedos dele se fecharam sobre os dela, trazendo-os de volta à pele quente, insistindo, nem tentando convencer. *Mandando*. Mas aquilo despertara algo dentro dela, a libertara. Um grito escapou dela, e Sarah o empurrou, bateu nele, berrou:

— *Saia de cima de mim! Saia de cima de mim!*

Boo se agitou e saltou para os lados, batendo os cascos na parede da baia. Ela então agarrou a mochila e fugiu das mãos dele, foi para longe do armário úmido, correu até o portão, abriu-o e disparou pela calçada, em direção às luzes fortes da rua na hora do rush, ainda vestindo o moletom por cima.

* * *

— Fiquei imaginando se você viria. — Conor estava parado diante dela, com uma caneca de cerveja na mão. — Richard quis falar com você hoje à tarde. Tive que enrolá-lo. — Como ela não disse nada, ele completou: — E Linda está preocupada com você.

Ela se recostou no assento.

— Linda se interessa demais pela vida dos outros. Você pode ver por si mesmo… eu estou bem.

Conor observou as taças vazias na frente dela. Tirou o casaco e se acomodou no assento do outro lado da mesa. Era o fim do expediente e o pub estava enchendo. Ele deu um gole na cerveja.

— Eu liguei para a sua casa. Mas a sua… a sua jovem hóspede disse que tinha acabado de chegar e não sabia onde você estava.

Natasha tomou mais um gole da bebida. Quando se bebe vinho branco demais, ele fica com gosto de suco de uva ácido.

— Eu não estou ficando lá.

Ele a encarou.

— Certo, Natasha. O que está acontecendo?

— Ah, agora você está interessado?

— Olhe, dá para ver que algo está acontecendo com você. Há cinco anos você não perde um único compromisso, e de repente tira a tarde de folga sem motivo aparente.

Ele não completou com: "E você está bêbada." Não precisava.

— Brilhante, Sherlock Holmes. — A voz dela era baixa e contida. Percebeu que adorava Chardonnay, por mais fora de moda que fosse. Por que ela não tinha descoberto isso antes? — Fui dar uma olhada na casa da mulher que Ali Ahmadi atacou.

— Por que diabo você fez isso?

— Não sei.

— Achei que você tinha deixado isso tudo de lado. Por que ainda está preocupada?

Ela piscou várias vezes.

— Porque ainda está me incomodando. Eu fico pensando nela. Fico pensando *nele*.

Um par de mãos morenas e magras em gesto de súplica. Ao redor do pescoço de uma mulher.

— Isso é ridículo, Natasha. Você não está… Não está agindo de maneira racional.

— Ah. Isso deve ser porque estou bêbada.

— Certo. Vou colocar você em um táxi e mandá-la para casa. Vamos, Poderosa.

Ele pegou a mão dela, mas Natasha se desvencilhou.

— Eu não vou para casa.

— Por quê?

— Porque estou hospedada em um hotel.

Ele a encarou como quem olha para uma bomba prestes a explodir.

— Está hospedada em um hotel.

— No Holiday Inn.

— Posso perguntar por quê?

Não, ela teve vontade de gritar. Não, porque você saiu da minha vida há muito tempo, no primeiro sinal de problemas. Não, porque você me ignorou e fez com que eu me sentisse um lixo durante semanas. Não, porque você agiu como se a minha felicidade não importasse.

— Foi mais simples. — Natasha ouviu a pergunta no silêncio dele. Mal o via do outro lado da mesa. Por que ele não ia embora? — Foi mais fácil, ok? Você tinha razão. As coisas ficaram complicadas demais em casa. Eu cometi um erro só de pensar que conseguiria lidar com isso. Está feliz agora?

Conor não disse nada. Ela engoliu em seco e tentou se concentrar nas taças à sua frente, mas elas ficavam se movendo, indo na sua direção. Natasha franziu a testa para elas até se colocarem, obedientes, em uma espécie de ordem.

Ela enfim desistiu e olhou para Conor. Os olhos dele eram bondosos, sua expressão, triste.

— Ah, Poderosa. Sinto muito. — Ele se levantou e deu a volta até o lado dela da mesa, sentou-se e suspirou. — Sinto muito.

— Não se preocupe. Foi uma coisa ridícula de tentar. Eu devia estar louca.

— Bem, é, tem isso. — Ele a abraçou pelos ombros e a puxou para perto. Natasha se escorou nele, um pouco relutante, inflexível em seus braços. — Sinto muito — murmurou no cabelo dela. — Eu sou um idiota ciumento. Nunca quis ver você infeliz.

— Mentiroso.

— Ok. Eu não queria ver você feliz com ele. Mas nunca quis… isso.

— Eu estou bem.

— Obviamente. Mas eu não estou. E a culpa é toda minha. — Ele se inclinou, segurou o rosto dela e o inclinou em direção ao seu. — Venha

para o meu apartamento.

— O quê?

— Você escutou.

Ela se desvencilhou do abraço.

— Conor, eu não sei. A minha vida está uma confusão. Eu me enfiei na maior enrascada e não sei como sair dela.

— Eu sei como. — Ele tirou o cabelo da vista dela. — Venha para o meu apartamento.

— Eu já disse, tenho que…

— Para ficar. — Ele fez uma pausa. — Para morar se você quiser. — Ela não se mexeu, em dúvida se tinha escutado direito. — Deixe Mac resolver a coisa toda — continuou Conor. — Foi ele que meteu você nessa confusão. E você vem… vem morar comigo.

— Você não tem que fazer isso.

— Eu sei que não. Mas, pode acreditar, não penso em outra coisa nas últimas duas semanas. Fico imaginando vocês dois jantando juntos, batendo papo, fazendo… — ele esfregou o rosto — só Deus sabe o quê. Aliás, não me diga se fez, porque não quero saber. Mas isso me levou a pensar. Vamos simplesmente começar com isso.

— "Começar com isso" — repetiu Natasha. — Seu velho romântico.

Ele tinha falado. Oferecera as coisas que ela desejava havia meses, apesar de não ter admitido para si mesma. Talvez fosse o choque da noite anterior, ou das últimas semanas, mas ela não soube como reagir.

— É um passo importante, Conor. Nós dois…

— …um caos. Um caos que combina.

— Você faz isso parecer tão tentador…

— Estou falando sério, Natasha. — Ele hesitou. — Eu amo você.

Ela esvaziou a taça.

— Não sei. Isso meio que saiu do nada.

— Você prefere ficar no Holiday Inn. Sempre soube que você tinha uma queda por aquela rotatória. — Ele falava um pouco rápido demais, com uma risada estridente.

Natasha sentiu uma ternura repentina e pegou a mão dele.

— Vou para lá hoje à noite — disse. Apoiou-se nele e se deixou ser envolvida. Fechou os olhos quando ele apoiou o queixo em seu ombro, alheio aos olhares das pessoas na mesa ao lado. — Mas vamos dar um passo de cada vez.

16

"Quando ele está próximo do inimigo, precisa manter seu cavalo sob controle. Isso (...) lhe permitirá causar o maior dano ao adversário e ser prejudicado o mínimo possível em suas mãos."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Ele ligara quinze vezes entre a noite de segunda-feira e aquela manhã, mas tinha caído direto na caixa de mensagens todas as vezes. No escritório, diziam que ela estava "no tribunal". O fato de já nem perguntarem quem estava falando lhe dava a impressão de que Natasha pedira para não transferirem as ligações dele. Tinha parado de deixar recado, só dizia o nome dela, o nome dele. Havia muito tempo que esquecera o que queria dizer.

Ele se serviu de mais uma xícara de café, xingando o bule de Natasha, que sempre parecia derramar por mais cuidadoso que fosse. Lembrou-se de repente da linda cafeteira italiana que tinham ganhado de presente de casamento, uma Gaggia reluzente, que estava em um depósito qualquer na zona oeste de Londres. Então pareceu estúpido ele ter sido tão obstinado em levar tudo que achava que era seu, mesmo significando que ninguém iria usar. Jurou que daria a cafeteira para Natasha. Não a usara em um ano. Não tinha como sentir falta dela. Mac fizera vários juramentos desse tipo nos últimos dias.

No andar de cima, Sarah dormia. Fora direto para o quarto quando chegou em casa na noite de segunda-feira, não quis comer, beber nem conversar. Andava tão evasiva, evitando contato visual, enfurnando-se no quarto, que Mac desconfiou que ainda estava sendo punido. Na verdade, era estranho ela de repente se mostrar tão leal a Natasha. Mac tinha

vontade de bater na porta, enquadrá-la, lembrá-la de que, *na verdade*, estritamente falando, Natasha é que fora infiel primeiro. Mas, ao refletir sobre a questão, ele se deu conta de como seria ridículo incomodar uma menina de quatorze anos para justificar as próprias ações.

No dia anterior, ela dissera que não estava se sentindo bem, passara o dia trancada no quarto. A pele dela estava pálida, translúcida. Não precisou se esforçar muito para convencer Mac a deixá-la tirar o dia de folga.

Às seis e vinte, cerca de trinta e seis horas depois de Natasha ter saído, ele ouviu uma chave na porta da frente. Ela a fechou sem fazer barulho, tirou os sapatos e caminhou de meias pelo corredor. Vestia o terninho com o qual desaparecera, mas com uma camiseta por baixo. Provavelmente a camiseta dele, pensou Mac.

Os dois se encararam.

— Estou com um caso importante — disse ela. — Só vim trocar de roupa e pegar o carregador do celular.

O rosto dela estava pálido, sem maquiagem, o cabelo ainda meio amassado de dormir. Ela parecia exausta.

— Tentei ligar para você. Um montão de vezes.

Ela mostrou o celular.

— Sem bateria. Como eu disse, preciso do carregador.

Ela subiu os primeiros degraus da escada.

— Natasha, por favor, espere cinco minutos. Precisamos conversar, de verdade.

— Hoje eu não tenho tempo. Preciso estar no escritório em menos de uma hora.

— Mas nós realmente precisamos conversar. Você vai voltar hoje à noite?

Ela parou no meio da escada.

— Vou chegar tarde. E, quando voltar, terei que trabalhar nos meus documentos.

— Ainda está brava comigo? Por causa de Maria?

Natasha fez que não com a cabeça, nada convincente.

Mac subiu a escada, dois degraus de cada vez, a ultrapassou e parou num degrau acima do que ela estava, olhando para baixo.

— Ah, fala sério — disse ele. — Até parece que você não tem namorado. Caramba.

— E até parece que alguma vez eu o trouxe aqui para humilhar você — disparou Natasha. — Olhe, eu não quero fazer isso agora…

— Não. Você nunca quer. Mas, tendo em vista a nossa situação, como Maria estar aqui pode ter humilhado você? Você e eu não estamos juntos. Sempre foi bem aberta sobre ter um namorado. A única coisa que aconteceu foi que vocês se encontraram pessoalmente. Olhe, não estou dizendo que tenha sido diplomático, mas foi um erro inocente. Achei que você tinha saído. Eu nunca convidaria Maria para entrar se soubesse… — Natasha parecia não querer olhar para ele. — Tash?

Quando ela finalmente olhou, seus olhos estavam frios. Parecia estranhamente derrotada.

— Eu não tenho como fazer isso, Mac. Ok? Você venceu. Fique com a casa até ser vendida. Convide quem você quiser para vir aqui. Não me importo mais.

— Você não se importa com o quê?

— Só acho que é melhor para todo mundo se acabarmos com essa enganação agora.

Mac abriu os braços na escada, bloqueando o caminho.

— Opa, opa, opa. O quê? Você simplesmente vai embora? E como isso vai funcionar? O que vamos fazer com Sarah? Você sabe que não posso cuidar dela sozinho.

— Vou embora assim que providenciarmos um lugar para a menina ficar. Ela teria que ir embora em poucas semanas, de todo modo. Só adiantaremos as coisas.

— Você não pode ficar mais um pouquinho? Umas duas semanas?

Ela falou como se tivesse ensaiado:

— Você sabe tão bem quanto eu que o avô dela não vai melhorar. Sarah precisa ir para uma família estável que possa cuidar dela adequadamente. Um lugar em que não seja usada como uma espécie de amortecedor entre

duas pessoas crescidas que parecem incapazes de lidar uma com a outra feito dois adultos.

— É assim que você enxerga a situação?

— Você vai me dizer que não é assim?

Ela forçou o caminho para subir um degrau, fazendo-o recuar para que não se tocassem. Aparentemente, percebendo sua vantagem, ela subiu mais um degrau.

— E o cavalo?

— Acredite se quiser, Mac, o cavalo não está no topo da minha lista de prioridades neste momento.

— Então você é capaz de simplesmente abandoná-la?

— Nem ouse — disse Natasha. — Nem *ouse* usar a menina. Isto aqui é sobre você e eu. Por mais que nós tenhamos nos comportado na frente dela ou de qualquer outra pessoa, isto aqui nunca ia terminar como uma família feliz, Mac, e você sabe muito bem disso. — Os nós dos dedos da mão que agarrava o corrimão estavam brancos. — Faz trinta e seis horas que só penso nisso. Nós nunca devíamos ter oferecido para ela um lar que, para começo de conversa, não era um lar propriamente dito. Nós fomos injustos com ela ao fingir que era.

— Isso é o que você acha.

— Não, isso é o que eu sei. Está na hora de nós sermos honestos… com ela e com nós mesmos. Agora, por favor, me dê licença, eu realmente preciso me trocar.

Ela o empurrou para o lado e subiu o restante da escada.

— Tash. — Ela o ignorou. — *Tash*… não termine as coisas assim. — Mac estendeu a mão para ela. — Por favor, eu cometi um erro.

Natasha se virou para ele com uma expressão que era uma mistura de emoções: raiva, ressentimento, mágoa.

— Então, como devemos terminar, Mac?

— Não sei. É só que detesto isso. Eu detesto você… desse jeito. Só achei que nós…

— O quê? Que nós todos nos despediríamos cheios de ternura e sairíamos velejando em direção ao pôr do sol?

— Eu não…

— Divórcio nunca é certinho, Mac. E quer saber? Às vezes, as pessoas não vão gostar de você. Às vezes, o famoso charme do Mac simplesmente não vai funcionar. E…

— Tash…

Ela soltou um longo suspiro ofegante.

— E eu… eu não posso mais ficar perto de você.

Do lado de fora, um carro estacionou com o som alto demais, inapropriado para aquele horário, tão cedo. Eles estavam a centímetros de distância na escada, nenhum dos dois capaz de se mexer. Mac sabia que devia descer, mas não conseguia erguer o pé. Ele sentia um perfume, um aroma que já não reconhecia mais como de Natasha. Via a mão dela, ainda agarrada ao corrimão em busca de um apoio sem o qual não conseguiria se firmar.

— Sabe o que é o pior de tudo? — Ele se preparou para o golpe verbal seguinte. — Sabe o que eu realmente não suporto? — Mac não conseguia falar. — Isto é igual… Parece igual ao que aconteceu antes de você ir embora da primeira vez.

A voz dela falhou. Então Natasha foi para o quarto pisando firme.

* * *

No andar de cima, Sarah recuou do corrimão e correu para o seu quarto. Os seus ouvidos tiniam com as palavras de Natasha. Tudo estava desmoronando. Natasha ia embora, e ela também teria de partir. *Nós nunca devíamos ter oferecido para ela um lar.* Não conseguira entender tudo o que estavam falando, mas escutara isso. Ficou olhando para o reflexo no espelho. Estava com seu maior moletom, o mais grosso, e meia-calça de lã por baixo da calça jeans. Mas sentia-se paralisada. Será que Ruth iria encontrá-la na escola, com as malas pretas com suas coisas no banco de trás, e ela seria levada para outro lugar? Nem haviam tido coragem de conversar com ela sobre isso.

Sarah ficou sentada no chão, ao lado da cama, e cobriu os olhos com os punhos fechados para não chorar. Durante todo o dia e a noite anterior, ela sentira as mãos de Sal em sua pele, escutara as palavras nojentas dele. Ela havia se esfregado com as loções e os cremes caros de Natasha, tentando apagar o cheiro dele, o rastro invisível deixado por sua boca. Estremecera ao pensar em quem poderia encontrar o sutiã dela, que ficara na baia de Boo. Por algum motivo, a ideia de ele estar ali jogado na palha a incomodava mais do que qualquer outra coisa.

No quarto ao lado, ela escutava Natasha abrindo e fechando gavetas, o clique suave dos armários embutidos.

Ela teria que contar para o avô. Faltaria a escola naquele dia de manhã e, depois de passar no estábulo, diria a ele que precisava que voltasse para casa, que ele *tinha* que voltar para casa. Ela cuidaria dele, não importara o que diziam. Era a única maneira. Se soubesse que o avô estava de volta, Sal a deixaria em paz.

Natasha bateu na porta do quarto.

— Sarah?

Ela se levantou desajeitadamente, forçou uma expressão que não revelava nada.

— Oi — disse ela.

O rosto de Natasha estava manchado, a pele, pálida por causa da privação de sono.

— Só queria dizer que estou um pouco enrolada no momento e acho que vou chegar um pouco tarde hoje à noite, mas quem sabe a gente conversa depois.

Sarah assentiu. *Conversar. Só algumas palavras enquanto eu jogo você de volta na lata de lixo.*

Natasha a examinou com atenção.

— Está tudo bem?

— Tudo ótimo — respondeu Sarah.

— Muito bem. Como eu disse, hoje à noite, nós três. E ligue para mim se você tiver algum problema. Tem o número do meu celular.

Quando Natasha saiu, Sarah ouviu algo se chocar na porta de entrada. Dez minutos depois, quando se esgueirou escada abaixo, encontrou o sapato de Mac.

* * *

O quatro por quatro de Sal estava estacionado na frente do estábulo, uma afronta reluzente e direta, uma visão que fez o estômago dela embrulhar e os braços se cruzarem na defensiva. Ela respirou fundo, apertou bem o casaco em volta do pescoço e então entrou pelo portão de alambrado.

Ele estava no outro extremo do pátio, conversando com Ralph e dois de seus colegas; todos aqueciam as mãos no braseiro e tomavam café em copos de isopor. Ralph a viu e tratou de se ocupar, acariciando um dos cavalos de Sal. Sarah esperou que isso não significasse que ele não dera comida para Boo em seu lugar no dia anterior. Ela não havia aparecido por lá; achou que seria melhor deixar Sal se acalmar por vinte e quatro horas.

Esse não fora seu único raciocínio, mas talvez ela não precisasse ter se preocupado; Sal nem olhou para ela, apesar de provavelmente ter ouvido quando abriu o portão. Sarah rezou para que não tivesse reparado que era ela ou que tivesse chegado à conclusão de que era melhor para eles fingir que aquela noite não acontecera. Quem sabe ele até estivesse envergonhado, apesar de lá no fundo ela desconfiar que Sal nunca tinha se envergonhado de nada.

Foi até o armário e trocou os sapatos comuns pelas botas de montaria, bem ciente das conversas cochichadas do outro lado do pátio. *Por favor, não venha aqui*. Ela lutou com os botões do casaco para se trocar e conseguir sair dali antes que ele tivesse chance de entrar. Preparou a ração da manhã de Boo em um balde, encheu uma rede de feno, pendurou no ombro e foi logo para a baia, de cabeça baixa, determinada a não fazer contato visual com ninguém.

Levou um tempo para ela perceber que a porta da baia estava aberta. Largou a rede de feno.

Boo não estava ali. Ainda havia esterco na forração de palha. Sarah deu uma olhada no pátio. Por que ele tinha sido transferido para outra baia?

Ela saiu procurando pelas outras. Várias cabeças surgiram às portas, malhadas, pintadas, castanhas. Nada do Boo. Sarah sentiu um nó na garganta, e o pânico se instalou em seu peito. Foi quase correndo até onde os homens estavam, com a ansiedade se sobrepondo a qualquer sentimento que tivesse só de pensar em falar com Sal.

— Onde está Boo? — Ela tentou manter a voz calma.

— Boo quem? — Sal nem sequer se virou.

— Boo-ken — balbuciou um dos homens dele, dando uma risada desagradável.

— Onde ele está? Você o mudou de lugar?

— Tem um gato preso em algum lugar? Estou ouvindo um barulho incômodo. — Sal colocou a mão em concha atrás da orelha. — Parece um miado.

Sarah deu a volta no grupo, obrigando-o a olhar para ela. Sua respiração estava acelerada, o pânico se espalhava como o suor frio que cobria sua pele.

— Onde ele está? Onde você o colocou? Sal, isso não tem graça nenhuma.

— Por acaso estou rindo?

Sarah agarrou a manga do casaco dele, mas Sal se desvencilhou.

— Onde está o meu cavalo?

— O seu cavalo?

— É, o meu cavalo.

— Eu vendi o *meu* cavalo se é disso que você está falando. — Ela sacudiu a cabeça de leve, com a testa franzida. — Eu vendi o meu cavalo. Você não tem cavalo nenhum.

— Do que você está falando?

Ele enfiou a mão no bolso, pegou um caderninho de couro, abriu-o e estendeu as páginas para mostrar a ela.

— Aluguel de oito semanas que você me devia. Oito semanas. Mais feno e ração. Os termos do seu contrato estipulam que, se você tiver oito

semanas de aluguel em atraso, o seu cavalo passa a ser meu. Eu o vendi para pagar a sua dívida.

Os sons da rua foram substituídos por um tinido em seus ouvidos. O chão pareceu oscilar perigosamente embaixo dela, um convés em alto-mar. Ela ficou esperando o desfecho, que ele negasse o que a expressão lhe dizia que não negaria.

— Eu vendi o seu cavalo, Sarah, caso ainda não tenha entendido.

— Você… Você não pode vender Boo! Não tinha esse direito! Que contrato é esse? Do que você está falando?

Sal inclinou a cabeça.

— Todo mundo tem uma cópia dos termos e das condições. A sua está no armário. Talvez não tenha reparado. Estou agindo no meu direito como dono do estábulo.

Os olhos dele eram de um tom preto frio de água parada fétida. Olhavam através dela como se Sarah não fosse nada. Ela olhou para Ralph, que chutava uma pedrinha solta. Era verdade. Dava para ver no rosto dele.

Sarah se virou de novo para Sal, com a mente em disparada.

— Olhe. Sinto muito pelo dinheiro. Sinto muito por tudo. Eu vou dar um jeito. Pago o valor amanhã. Só traga o meu cavalo de volta. Eu faço… Eu faço qualquer coisa.

Ela já não se importava se eles escutassem. Faria o que Sal quisesse. Roubaria dos Macauley. Qualquer coisa.

— Você não entendeu? — Sal assumira um tom rude, desagradável. — Eu vendi o cavalo, Sarah. Mesmo que estivesse disposto a recuperá-lo, não teria como.

— Para quem? Para quem você o vendeu? Onde ele está?

Ela o agarrava com as mãos, com força. Sal se desvencilhou.

— O problema não é meu. Sugiro que, da próxima vez, você honre seus compromissos financeiros. — Ele enfiou a mão no casaco. — Ah, sim. Não consegui um preço muito bom por ele. Péssimo comportamento. Igual à dona. — Virou-se para seus homens, esperando a risada inevitável. — Aqui está o que sobrou depois que a sua dívida foi paga. — Enquanto Sarah estava ali parada, sem acreditar, ele separou cinco notas de vinte

libras e lhe entregou. — Então, agora estamos quites, Menina do Circo. Vá procurar outro cavalinho para os seus truques.

Ela percebeu, pelo leve sorriso dos homens, que eles sabiam o mesmo que ela: Sal nunca lhe contaria para quem tinha vendido Boo. Sarah o desagradara e ele se vingara dela.

Sentiu as pernas fracas. Voltou aos tropeços para o armário e se sentou no fardo de feno. Ficou olhando para as mãos, que tremiam, e um longo gemido lhe escapou. No canto do armário, atrás da porta, uma folha branca datilografada, com os supostos termos e condições, brilhava ameaçadora à luz fraca. Ele devia ter posto ali no dia anterior.

Ela apoiou a cabeça nos joelhos e os abraçou, imaginando seu cavalo, amedrontado em um caminhão, jogado em algum canto, com os olhos arregalados, a cabeça erguida de medo. Já estaria a um milhão de quilômetros de distância. Ela batia os dentes. Ergueu a cabeça e, pela fresta da porta, viu os homens conversando, parando para rir de alguma coisa.

— Boo-ken — choramingou um deles, caçoando.

Alguém jogou um cigarro no chão e amassou com o calcanhar da bota. Ralph olhou em direção aos armários, talvez a tivesse visto ali encolhida, em meio às sombras. Então ele também se virou para o outro lado.

* * *

— Bom trabalho — elogiou Harrington quando saíram do tribunal. — Você fez um ótimo trabalho acabando com aquela testemunha. Ótima desenvoltura. Come-çamos bem.

Natasha entregou sua papelada para Ben e tirou a peruca. Ainda sentia o calor da adrenalina, e a peruca pinicava. Tirou os dois grampos do cabelo e enfiou no bolso.

— Amanhã não será tão fácil — observou. Ben remexeu nas pastas dela e lhe entregou uma. — Estes são os relatórios do outro perito contábil que estávamos esperando. Acho que não tem muita novidade aí, mas nunca se sabe.

— Vou analisar hoje à noite.

Conor apareceu no corredor. Piscou para ela, e Natasha esperou até Ben se envolver em uma conversa com Harrington antes de falar com ele.

— Como foi? — perguntou, beijando-a na bochecha.

— Ah, nada mal. Harrington simplesmente acabou com as alegações financeiras deles.

— É para isso que ele é pago. Quer voltar para o escritório primeiro?

Natasha olhou para Ben.

— Não, todos os documentos de que preciso estão lá embaixo. Vamos.

Ele a pegou pelo braço, um gesto possessivo fora do comum.

— Hoje à noite ainda está de pé?

Natasha teve uma rápida visão de Mac na escada. *Até parece que você não tem namorado,* dissera. *Como Maria pode ter humilhado você?*

— Não posso ficar. — Estremeceu dentro do casaco. — Eu disse a Sarah que vamos conversar sobre o futuro dela. Mas um longo banho na sua banheira e uma taça de vinho vão cair muito bem antes de eu ter que fazer isso.

Ele parou.

— Bem, você poderá tomar o vinho, mas talvez precise adiar o banho.

Natasha ficou perplexa.

— Convidei os meninos para virem em casa. Achei que você devia conhecê-los.

— Hoje à noite?

Ela não conseguiu disfarçar o espanto.

— Já esperamos demais. Eu falei com a mãe deles. Achei que você fosse gostar.

— Mas… — Ela suspirou. — Estou bem no meio de um processo importante, Conor. Preferia conhecê-los quando estivesse menos… distraída.

Ele pareceu não se importar.

— Você não tem que fazer nada, Poderosa, apenas sorria e seja a pessoa adorável que sempre é. Basta você estar lá. Que se dane, tome seu banho de banheira. Podemos ficar brincando na sala. Vamos deixar você ser a

mobília. — Ela abriu um sorriso discreto. — Nós damos uma canja para você antes de ser forçada a ficar de quatro para brincar de cavalinho.

A palavra a atingiu, mas Conor estava sorrindo para si mesmo, aparentemente preso em uma visão dos quatro juntos na sala de estar. Natasha pensou em Sarah, na conversa que precisava ter com ela e no que aquilo significaria para a menina. Mas Conor a conduzia em direção à porta.

— E eu vou cozinhar, sua sortuda. O que acha de peixe empanado com pão branco e ketchup?

* * *

Ela não conseguia discernir as palavras na frente do ônibus. Estava sentada no ponto fazia quase uma hora, olhando para os ônibus vermelhos que passavam se arrastando, com um chiado dos freios que expelia uma leva de passageiros na calçada e engolia a seguinte, com as luzes dos freios brilhantes na noite urbana. Não enxergava nada. Os olhos estavam embaçados por causa das lágrimas e os dedos dos pés, entorpecidos por causa do frio. Ela se sentia paralisada, incapaz de decidir que ônibus pegar, mesmo que conseguisse descobrir para onde ia.

Tudo estava perdido. Vô não ia voltar. Boo desaparecera. Ela não tinha lar, não tinha família. Ficou ali sentada no banco de plástico frio, apertando o casaco em volta do corpo e ignorando os olhares desinteressados das pessoas que chegavam, esperavam e então partiam para seguirem com a própria vida.

Ele disse seu nome duas vezes antes que ela escutasse. Estava tão presa em sua dor, tão entorpecida…

— Sarah?

Ralph estava de pé diante dela, com um cigarro preso no canto da boca.

— Você está bem?

Sarah não conseguia falar. Ficou se questionando por que ele fizera aquela pergunta.

Ele se encolheu em um canto para ficar escondido pelo abrigo e pelos corpos das pessoas que formavam fila.

— Eu sinto muito, ok? Não tive nada a ver com isso. — Sarah ainda não conseguia falar. Não sabia muito bem se um dia voltaria a abrir a boca. — Ele fez isso ontem. Disse que você devia um monte de dinheiro para ele, Sarah. Eu tentei, mas você sabe como ele é… Não sei o que você fez, mas ele ficara com raiva de verdade.

Sarah ouvira dizer que mandavam cavalos para o exterior, amontoados em caminhões, sem comida nem água. Alguns ficavam tão fracos que só continuavam em pé por causa da pressão dos outros ao seu redor. Uma lágrima solitária escorreu pela bochecha dela.

— Mas, bem. — Ele deu uma cusparada ruidosa no chão e levou a maior bronca de uma nigeriana. — Se eu te contar uma coisa, você não vai me dedurar para ele, certo? — Sarah levantou a cabeça devagar. — Porque, se você descobrir algo, ele vai saber que fui eu, certo? Por isso, não vou falar com você no estábulo nem na rua nem nada. Vou fingir que não conheço você, ok?

Sarah assentiu. Algo estava se iluminando dentro dela.

Ralph olhou para a menina, depois para trás e por fim deu uma longa tragada no cigarro. Quando exalou, foi difícil saber se era fumaça ou a nuvem quente de sua respiração.

— Ele está em Stepney. Atrás do lugar dos carros. Os Pikey ficaram com ele. Sal vai disputar uma corrida entre a égua cinza e ele depois de amanhã, ele e a trotadora baia.

— Mas Boo não sabe puxar carroça. Nunca fez isso.

Ralph pareceu sem jeito.

— Agora já fez. Sal atrelou Boo à carroça dele e foi até lá antes do café da manhã. — O menino deu de ombros. — Ele até que se saiu bem. Não tão rápido quanto a égua, mas não deu nenhum coice nem nada.

Por causa de tanto treinamento com a rédea comprida, pensou Sarah distraidamente. Ele teria obedecido a tudo que Sal lhe pedisse.

— Onde será a corrida?

— No lugar de sempre. No viaduto. Por volta das seis e meia.

— O que eu posso fazer? Como posso pegar Boo de volta?

— Não tenho nada a ver com isso. Eu já falei demais.

Ele ameaçou ir embora, mas Sarah o agarrou pelo pulso.

— Ralph. Por favor. Me ajude. — A mente dela estava a mil. — Por favor.

Ele fez que não com a cabeça.

— Não posso fazer isso sozinha.

Mas Sarah raciocinava. Ficou ali parada com a outra mão no bolso, enquanto Ralph tragava o cigarro, fingindo que ela não o tocava.

— Tenho que ir, Sarah — disse enfim. — Tenho que ir a um lugar.

— Olhe. Encontre comigo em algum lugar. Não perto da corrida… Em um local onde Sal não possa ver você. Encontre comigo atrás da fábrica de móveis. Com a sela e o bridão de Boo. — Enfiou a mão no bolso, pegou as chaves do estábulo e as colocou na mão dele. — Tome. Você pode pegá-los muito antes de Sal chegar.

— Para que precisa deles?

— Para montar em Boo.

— Como assim? Você vai chegar lá e pegar o cavalo, é? Sair cavalgando nele? "Por favor, senhor, pode devolver meu cavalinho?"

— Só se encontre comigo, Ralph.

— Não. Que vantagem eu levo nisso? Se descobrir que eu tenho alguma coisa a ver com você, Sal vai me espancar.

Sarah não soltou o pulso dele, mas baixou bem a voz para que as outras pessoas no ponto não escutassem.

— Um cartão de crédito gold.

Ralph riu.

— Até parece.

— Com a senha. Eu juro, Ralph, arranjo para você. É de uma pessoa com muito dinheiro. Você vai poder sacar uma grana preta antes de bloquearem. Talvez até milhares de libras.

O garoto examinou o rosto dela, então desvencilhou a mão.

— É melhor você não me enrolar.

— Tem que prometer que estará lá — disse ela. — Se não trouxer o equipamento, não tem acordo.

Ele olhou para trás mais uma vez, então cuspiu na palma da mão e a estendeu para Sarah.

— Sexta de manhã, perto da fábrica de móveis. Se você não chegar até as sete, estou fora.

* * *

Liam cutucou o macarrão com o garfo e franziu o nariz.

— Parece meleca — declarou.

— Não parece meleca coisa nenhuma — retrucou Conor no mesmo tom. — E, Joseph, não chute a perna da mesa assim, querido. Vai derrubar a bebida de todo mundo.

— E tem gosto de meleca — insistiu Liam.

Ele olhou feio para Natasha.

— É só molho pesto. A sua mãe disse que você come isso toda hora.

— Eu não gosto *deste* molho pesto — disse Joseph, empurrando o prato para longe com vigor. Se não fosse a reação rápida de Natasha, o suco dele teria caído na comida dela.

Os meninos não quiseram comer os peixes empanados do pai. Quiseram ir à pizzaria. Fazia quase quarenta e cinco minutos que estavam ali, e ela e Conor mal tinham trocado uma palavra, a não ser para pedir as bebidas.

— Joseph, será que você pode se sentar direito, por favor? Sei que você não se senta assim em casa.

— Mas aqui não é em casa.

— Isto aqui é um restaurante — argumentou Conor. — Então, é ainda mais importante que você se sente direito.

— Mas eu não gostei destas cadeiras. Meu bumbum fica escorregando.

Natasha observou Conor colocar o filho mais novo ereto na cadeira ao seu lado pela décima quarta vez e ficou se perguntando como ele conseguia ficar com aquela expressão de paciência resignada. Jantar com os filhos dele fora igual a pescar com rede ao mesmo tempo que se

negocia com os representantes de duas facções dos Bálcãs em guerra. Cada vez que uma coisa era resolvida, outra guerra começava, fosse por causa do pão de alho, dos guardanapos ou de uma cadeira que parecia ser escorregadia demais para o traseiro de uma pessoa pequena. Tudo isso tinha sido dirigido ao pai deles. Os dois não haviam reparado na presença dela nem tentado incluí-la na conversa.

Será que a mãe lhes dissera como se comportar? Será que tinha instruído os dois a colher informações sobre a namorada do pai? Será que Natasha já era considerada alguém odiado muito antes de conhecê-los?

Sentiu o olhar de Liam sobre si e forçou um sorriso, tentando não pensar no tempo que poderia ter passado preparando os documentos para o dia seguinte.

— Então — disse ela, limpando a boca com o guardanapo. — Vocês gostam de *Locomotiva Thomas*? O meu sobrinho adora.

— Não gostamos — respondeu Liam com escárnio. — Isso é para bebês.

— Mas podemos brincar com uns trenzinhos legais, de adulto, com os personagens de *Thomas*. Eu já vi. — Os dois meninos olharam para ela inexpressivos. — Então, do que vocês gostam? — perguntou Natasha, com determinação. — Quais são os seus hobbies?

— Vocês gostam de andar de bicicleta, não gostam, meninos? — interrompeu Conor. — E de jogar video game.

— Joseph quebrou o meu PlayStation — disse Liam. — E a mamãe disse que não temos dinheiro para consertar.

— Eu não quebrei nada — protestou Joseph, acrescentando baixinho e cheio de raiva: — Cabeça de cocô.

— Mamãe disse que não temos dinheiro. Não temos dinheiro para fazer nada divertido.

— Bem, isso não é verdade — retrucou Conor. — A sua mãe recebe um montão de dinheiro de mim. E, se vocês estão precisando de alguma coisa, deviam me dizer. Sabem que sempre faço o que posso.

— Mamãe fala que você só dá para a gente o mínimo possível.

— Eu quero um Nintendo — pediu Liam. — Todo mundo na escola tem.

— Tenho certeza de que isso não é verdade.

O tom de voz de Conor estava ficando irritado.

— Tem, sim.

— Os meus sobrinhos não têm permissão para jogar video game — arriscou Natasha. — Mesmo assim, eles se divertem muito.

— Bem, são idiotas.

Natasha respirou fundo e pegou um pouco de massa com o garfo.

— Vamos lá, meninos. Vamos contar para Natasha algumas das coisas divertidas que fazemos. Às vezes, andamos de bicicleta no Richmond Park, não é? Gostamos de andar de bicicleta.

— Não — soltou Joseph. — Você gritou comigo porque eu estava muito devagar.

— Eu não gritei, Joe. Só queria que você ficasse em um lugar onde eu pudesse vê-lo.

— Mas as suas rodas são bem grandes e as minhas são pequenas.

— E nós gostamos de patinar no gelo — continuou Conor.

— Você disse que era um assalto — argumentou Liam.

— Acho mesmo que foi um pouco caro, é verdade. — Conor lançou um olhar na direção dela. — Mas, mesmo assim, nós nos divertimos, não?

— Você e mamãe estão sempre reclamando de dinheiro — disse Joseph, desanimado.

Natasha perdeu o pouco de apetite que lhe restara. Dobrou o guardanapo e o colocou ao lado do prato.

— Meninos — disse ela, pegando o casaco. — Adorei conhecer vocês, mas preciso ir.

— Já? — soltou Conor, tocando o braço dela.

— São quase oito horas, e você sabe que tenho coisas para resolver.

— Achei que talvez você pudesse nos priorizar hoje à noite. Tendo em vista a ocasião e tal.

— Conor…

— Vou levar os dois para casa daqui a meia hora. Não vai demorar muito, pelo amor de Deus.

— Olhe. — Natasha baixou a voz. — Coloque-se no lugar de Sarah. Ela é uma criança e terá que mudar de casa pela quarta vez em poucos meses. Poderei passar o tempo que você quiser com os seus meninos depois disso. — Natasha estendeu a mão discretamente para pegar a dele, ciente de que estava sob o olhar dos meninos. — Talvez seja melhor este nosso primeiro encontro ser breve. Vou conhecer seus filhos, Conor, mas primeiro preciso resolver essa confusão. Eu a acolhi. Não posso simplesmente cair fora.

— Certo — retrucou ele curto e grosso. Voltou a atenção para a comida enquanto Natasha tirava a bolsa do encosto da cadeira. Então completou, como quem não queria nada: — Mac estará presente?

— Não faço ideia.

— Não. É claro que não faz.

* * *

Por muito tempo antes de se tornar fotógrafo, Mac tinha usado uma estratégia na vida que, se não fora um presságio para sua carreira, talvez sugerisse alguma aptidão. Quando as situações se tornavam desagradáveis ou emocionais demais, quando não queria lidar com o que estava acontecendo diante de si, Mac desligava o som em sua mente e via a cena de longe, como se fosse tirar uma foto. Emoções cruas eram filtradas por essa lente, reduzidas a uma linda composição, uma combinação extraordinária de luz e linhas. Aos vinte e três anos, ele olhara para o corpo do pai no caixão assim; o rosto familiar imóvel e frio demais, como se tivesse sido deixado para trás havia muito tempo. Ele o enquadrara, observando com o olhar distante como a morte relaxara os músculos do rosto e apagara tensões contidas havia tanto tempo, junto de uma vida inteira de expressões. Ele se lembrou de observar Natasha deitada na cama depois do segundo aborto espontâneo, curvada embaixo da colcha, na posição fetal que inconscientemente lembrava aquilo que ela perdera. Ela já tinha se afastado, tinha se fechado. Ele sentira o vazio dela ecoar em si

mesmo, até ficar quase insuportável; então se concentrara na maneira como a luz brincava nas dobras da colcha, as mechas delicadas do cabelo de Natasha, o ar enevoado de manhazinha.

E era o que ele estava fazendo naquele momento ao observar as duas mulheres sentadas à sua frente, a mais velha acomodada bem ereta no sofá, com terninho de trabalho, explicando para a mais nova por que sairia de casa no dia seguinte e não voltaria mais e por que a menina teria que se mudar para outra casa mais apropriada.

Sarah não gritou, não implorou nem discutiu, como ele temia. Só observou Natasha falar e assentiu, sem fazer perguntas. Talvez já estivesse esperando por isso desde o momento em que chegara. Talvez Mac estivesse se enganando com esperanças de que poderiam fazer aquilo dar certo.

Mas foi Natasha quem chamou a atenção dele. Encostada nas almofadas claras do sofá, com as costas eretas e firmes, parecia que uma tempestade havia passado por ela, deixando para trás um céu que, se não era azul, era calmo; um céu que cobria um caminho comprido demais até onde estava naquele momento. Ela havia se desapegado, observou Mac. O que quer que eu tenha feito na outra noite, eu a libertei. Tal pensamento lhe causou uma dor inesperada e Mac percebeu que ele, ali recuado, era o mais emotivo dos três: só ele tentava segurar as lágrimas.

— Nós vamos dar um jeito, Sarah. — Ele se pegou dizendo quando a sala ficou em silêncio. — Eu pago o aluguel do seu cavalo, se precisar. Nós não vamos abandoná-la.

Finalmente Natasha se levantou.

— Certo — disse ela, olhando-o bem nos olhos pela primeira vez. — Estamos entendidos. Todo mundo sabe o que está acontecendo. Tudo bem para vocês se eu for fazer as malas?

Uma mulher de trinta e cinco anos mais baixa do que a média, com pouca maquiagem e cabelo que não tinha sido penteado desde de manhã. Não era nenhuma modelo nem estilista, não era uma visão de beleza clássica. Mac a observou sair da sala. Diplomática, Sarah fixou o olhar na bolsa de Natasha.

— Você está bem? — perguntou Mac. Do andar de cima, escutavam os saltos de Natasha, que iam e vinham do guarda-roupa.

— Estou — respondeu Sarah, calma. — Na verdade, estou com um pouco de fome.

Ele deu um tapa na própria cabeça e forçou um sorriso.

— Jantar. Eu sabia que estava esquecendo algo. Vou preparar. Você vem para a cozinha?

— Vou em um minuto.

Parecia que ela havia adivinhado que Mac precisava de um momento sozinho. Ou, pelo menos, foi o que ele pensou na hora. Depois descobriu que o motivo fora outro.

17

"Em momentos de perigo, o mestre dá a própria vida para salvar a de seu cavalo."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Sarah estava atrás da van estacionada, a cem metros do cruzamento dos dois viadutos, alheia às nuvenzinhas de respiração que evaporavam no ar úmido à sua frente. Fazia meia hora que estava ali, tempo suficiente para perder toda a sensibilidade nos dedos dos pés naquela manhã fria e seu casaco ficar molhado sob a garoa insistente. Estava ali parada, sob a iluminação pública, naquele pedaço desolado da rua onde o mato se transformava em cidade, sob a teia de pilastras que traçavam a marcha inevitável rumo à urbanização.

Sarah quase perdera a esperança quando viu as primeiras caminhonetes chegarem. Movimentou-se, tentando aliviar a carga da mochila nos ombros, sem desgrudar os olhos deles enquanto descarregavam os passageiros na via de acesso. Mesmo dali dava para ver os homens de Maltese Sal batendo as mãos para espantar o frio, dando risada e trocando cigarros, os espectadores que vinham na caçamba. Era uma corrida importante, a maior que Sarah já tinha visto. A rua secundária embaixo do viaduto estava enchendo com rapidez, com uma fileira de veículos liberando uma pequena multidão, o clima era animado, cheio de expectativa, apesar de ser tão cedo e do ambiente ser tão desolado. A linha de chegada da corrida era ali, no início da rua em que Sarah estava. Olhando para todos aqueles homens e carros, ela percebeu que estava tremendo. Enfiou a mão no bolso e apertou o cartão de plástico.

Eram seis e trinta e cinco.

Ela encolheu os dedos dos pés dentro das botas para testá-los, perguntando-se se conseguiria sair correndo com os pés insensíveis. Os homens estavam reunidos em grupinhos, alguns abrindo guarda-chuvas coloridos, conversando como se só estivessem se encontrando para botar o papo em dia bem cedo pela manhã. Ela havia perguntado a Ralph três vezes se ele tinha certeza, e ele jurara que sim todas as vezes. Mas será que podia confiar nele? Será que a amizade dele superaria a adoração que tinha por Maltese Sal? Será que era uma armação? Sarah ficava pensando em como ele lhe dera as costas no estábulo. Ralph vivia de acordo com as próprias regras: sozinho, interesseiro. Não era confiável. Mas ela precisava confiar nele: não havia opção.

O estômago dela roncava. Eram quase vinte para as sete. Já deviam ter chegado havia muito tempo. Devia ter ocorrido uma mudança de planos. Era outra corrida. Boo não viria, pensou ela, com o coração apertado. Não conseguia sequer pensar no que faria se ele não aparecesse — não tinha um plano B. Tudo estava arruinado desde o momento em que saíra da casa dos Macauley. Ela pensou um pouquinho em Mac e em Natasha, que provavelmente já estariam acordados. Quanto tempo levariam para perceber o que ela tinha feito?

Um carro passou bem devagar, o motorista a observou com curiosidade através dos limpadores de para-brisa, e ela fingiu procurar algo no bolso, tentando parecer uma pessoa normal, a caminho de um dia normal.

Faltavam dezenove minutos para as sete.

Ela ouviu uma voz conhecida que chegou carregada pelo vento.

— Aquele mato ali tem mais verdinhas do que vocês, garotos. Banquem suas apostas.

Cowboy John atravessava o centro da fila de vans, com o chapéu gasto brilhando por causa da chuva, estendendo a mão para cumprimentar os outros. Dali, só dava para ver o brilho do cigarro aceso dele.

— Veio para cá direto do aeroporto? O jet lag afetou sua cabeça, Cowboy.

— Não se preocupem com a minha cabeça. Vocês têm que se preocupar é com as patas daquele cavalo. Já vi cachorros de três patas correrem mais

rápido do que o seu cavalo. — Os outros riram. — Já começaram? Sal me mandou uma mensagem. Disse que ia começar às seis e meia. Eu devia estar na cama, mas o meu corpo está todo zoado por causa da troca de fuso horário.

— Começou lá no Old Axe. Devem aparecer por aqui a qualquer momento.

Jogou a cabeça para trás ao ouvir uma buzina e soltou um grito.

Como que aproveitando a deixa, o trânsito se silenciou, não passaram mais carros, o barulho cessou. Um vácuo tomou conta do local; os homens ficaram imóveis na expectativa da confirmação do que estavam vendo, então avançaram correndo, subindo a via de ligação escorregadia por causa da chuva para ver melhor. E primeiro um pontinho, depois um contorno bem definido: ali estava ele, trotando sem parar no viaduto acima, entre os arreios de uma carrocinha azul-clara, a cabeça erguida de ansiedade enquanto um homem de cabelo grisalho e pescoço grosso puxava as rédeas com força do assento da carrocinha atrás dele. A égua cinza de Maltese Sal, a uma curta distância, passou trotando elegante enquanto Sal se inclinou para gritar um insulto.

Sarah não conseguia tirar os olhos de seu cavalo com o corpo enorme e musculoso preso entre os arreios, suas patas eram um borrão no calçamento duro ao passarem por ela. Boo usava antolhos, que o faziam parecer cego, vulnerável, como se fosse um refém. Tinham saído da via de mão dupla pelo desvio de saída, obscurecido por um instante pelo cruzamento, então viraram em uma curva fluida na direção da pequena multidão quando o trânsito no viaduto acima deles voltou a fluir. Os homens em solo avançaram para a via de acesso para encontrá-los, e Sarah foi para trás da van branca, segurando a respiração. Observou os dois cavalos voltando pela rua secundária, parando atrás das enormes pilastras de concreto. Então se ouviram aplausos, exclamações, o som de portas batendo, uma voz que se ergueu para reclamar. Boo continuou avançando, sem saber se devia parar, e a cabeça dele foi puxada para trás com brusquidão, quase o derrubando.

Sarah ouviu a voz de Cowboy John.

— Mas que diabo *ele* está fazendo aqui?

E se ela não conseguisse? E se tudo desse errado? Sentiu o ar subir até a garganta e parar ali, então sair dos pulmões contidos em um longo estremecimento. *Pense. Avalie.* Sarah passara as horas insones lendo os conselhos de Xenofonte aos homens da cavalaria, e uma frase lhe veio à mente: "Ter avaliado a posição do inimigo com antecedência e da maior distância possível só pode ser útil."

Ela mudou de posição atrás da van branca sem tirar os olhos de seu cavalo. *Eu estou aqui, Boo*, disse Sarah ao se preparar para entrar em ação.

* * *

Mac ouviu Natasha abrir o chuveiro, deu uma olhada no relógio e fez uma careta ao constatar a confirmação do horário surreal. Ficou ali deitado por um momento, levemente consciente de que havia algo que precisava fazer. Então a importância daquela manhã abriu espaço em sua consciência. Ela estava indo embora. Era o fim. A coisa toda estava acabando.

Ele se sentou ereto. Do outro lado do corredor, a água do chuveiro caía, o chiado do exaustor era uma harmonia distante e hesitante. Ela ia querer deixar a casa com a menor comoção possível.

— Eu venho para esvaziar a casa a tempo da mudança — dissera a ele na noite anterior depois que Sarah tinha ido dormir. — Remoções. Inventário. O que for. E posso conversar com a assistente social se você preferir. Mas, a partir de agora, não vou mais ficar aqui. — Natasha mal havia olhado para ele enquanto falava, ocupada com os livros na estante.

— Você não precisa fazer isso, Tash — dissera Mac, baixinho.

Mas ela havia desprezado tais palavras.

— Estou com um processo importante, Mac. O mais importante da minha carreira até agora. Preciso me concentrar.

Não houvera rancor nem raiva. Era a Natasha que ele detestava: a versão fechada e inacessível de sua mulher, cuja postura despreocupada e falsamente agradável apontava para todas as coisas que ele aparentemente fizera de errado em seu casamento.

Ele ouviu a campainha, estridente e invasiva. Carteiro? A essa hora? Natasha não ouviria o som por causa da água do chuveiro. Ele suspirou, vestiu uma camiseta e desceu a escada.

Conor estava à porta. Mac reparou no terno elegante, no queixo bem barbeado e admitiu, não pela primeira vez, que não gostava daquele homem.

— Mac — cumprimentou Conor em tom neutro.

— Conor.

Ele não ia facilitar as coisas. Ficou ali parado, esperando.

— Eu vim coletar Natasha.

Coletar. Como se Natasha fosse algo que ele tivesse pegado emprestado. Mac hesitou, então recuou para permitir que ele entrasse no hall, sentindo um ressentimento amargo a cada passo que Conor dava além do batente da porta. O homem foi entrando como se tivesse algum direito sobre a casa, virou à esquerda para entrar na sala, se sentou no sofá com a confiança relaxada que deriva da familiaridade e então abriu o jornal.

Mac mordeu o lábio e disse:

— Perdoe-me por não ficar e bater um papo. Vou avisar à minha esposa que você está aqui.

Subiu a escada sentindo uma raiva flamejante por causa do que estava acontecendo. O homem sentado no sofá que Mac tinha escolhido e pagado estava esperando para levar sua mulher embora. Mas, ainda enquanto tomava consciência desse urro de protesto de homem das cavernas, outra parte dele respondeu com uma imagem de Maria, quase pelada, segurando duas taças de vinho. O prazer dissimulado dela com a dor de Natasha.

O chuveiro foi fechado. Mac bateu na porta do quarto e esperou. Como não houve resposta, bateu de novo, então abriu a porta com cuidado.

— Tash?

Mac viu o reflexo dela antes de vê-la. Natasha estava em pé na frente do espelho, com uma toalha enrolada no corpo e água ainda escorrendo do cabelo molhado sobre os ombros nus. Ela se encolheu quando Mac entrou e, em um gesto inconsciente, levou a mão ao pescoço. Esse gesto de defesa intensificou a censura.

— Eu bati antes de entrar.

Havia malas feitas pela metade por todo o quarto. *Ela quer sair fazendo a menor confusão possível*, pensou ele.

— Desculpe. Estou distraída. É esse caso…

— Conor está aqui.

Os olhos dela se arregalaram.

— Eu não esperava que ele viesse.

— Bem, ele está lá embaixo, esperando para buscar você. — A frase saiu com um leve sarcasmo.

— Ah. — Natasha pegou o penhoar da cama e vestiu. Curvou-se e começou a secar o cabelo. — Diga a ele… — começou a falar. — Ou melhor, não se preocupe.

Mac passou a mão pela beirada de uma mala aberta. Não reconheceu muitas das roupas que estavam dobradas ali dentro.

— Então, vai ser assim. Você simplesmente vai embora.

— É. Como você fez — retrucou. Aprumou o corpo para pentear o cabelo. — Sarah está acordada?

— Não fui olhar.

— Com tudo o que aconteceu ontem à noite, acabei não comentando… Ela trouxe um formulário que precisa ser assinado. Para um passeio da escola.

— Eu assino.

Natasha colocou a mala na cama e levantou uma camisa, depois outra, na frente do blazer azul-escuro. Quando eram casados, ela sempre lhe perguntava o que achava da combinação e, com muita frequência, escolhia outra roupa. Nos primeiros anos, isso fora uma piada entre eles.

Ele cruzou os braços.

— Então… para onde devo encaminhar a sua correspondência?

— Não precisa fazer isso. Vou passar aqui de vez em quando. Só me ligue se precisar resolver alguma coisa comigo. O que você quer fazer a respeito dos assistentes sociais? Quer que eu ligue quando sair do tribunal hoje à tarde?

— Não. Vou conversar com Sarah primeiro. Para ver quando seria… — Ele não conseguiu dizer "melhor". Nada seria melhor para ela. — Tash…

Ela estava de costas para ele.

— O que foi?

— Odeio isso. Sei que as coisas ficaram um pouco complicadas, mas não vejo por que precisam terminar assim.

— Já conversamos sobre isso, Mac.

— Não, não conversamos. Estamos morando na mesma casa há quase dois meses e não conversamos de verdade nenhuma vez. Não conversamos sobre o que aconteceu entre nós, nem sobre que diabo…

Ele se virou em um movimento abrupto. Conor estava à porta.

— Achei que talvez você precisasse de ajuda com as malas.

Mac reparou que ele usava loção pós-barba. Quem diabo usava loção pós-barba àquela hora da manhã?

— Posso pegar estas que estão na cama, Natasha?

Ela ia responder, mas Mac a interrompeu:

— Se não se incomoda, prefiro que você espere lá embaixo — disse, colocando-se na frente de Conor.

Um silêncio pesado e breve se instalou.

— Eu vim pegar as malas de Natasha.

— Você está no meu quarto — insistiu Mac devagar. — E estou pedindo para sair.

— Não acho que isto seja exatamente…

Mac disparou:

— Escute aqui, cara — disse, percebendo o antagonismo mal controlado em sua voz. — Esta casa é minha, metade dela. Estou pedindo com educação para que você saia do meu quarto, do nosso quarto, e espere no andar de baixo enquanto eu termino a minha conversa particular com a mulher que, pelo menos em teoria, ainda é a minha esposa. *Se* você não se incomodar.

Natasha tinha parado de pentear o cabelo. Olhou para os dois homens, então acenou discretamente para Conor.

— Vou baixar os bancos do carro — disse Conor, retirando-se com as chaves balançando ostensivamente na mão.

O quarto estava muito silencioso. No banheiro, o exaustor desligou.

Mac sentiu os batimentos cardíacos desacelerarem.

— Bem, então é isso.

Tentou sorrir, mas o sorriso saiu torto. Ele se sentiu um idiota. A expressão de Natasha era indecifrável.

— É — respondeu ela, com o maxilar tenso. Voltou a se arrumar. — Eu preciso me apressar, Mac, se não se incomoda. Mas me ligue hoje à noite quando você e Sarah tiverem resolvido tudo.

Ela pegou a roupa e desapareceu no banheiro.

* * *

Tinham sido dois trotadores naquela corrida: a égua de Sal e Boo. Ralph dissera a ela que ninguém esperava que Boo vencesse; havia muito dinheiro apostado contra ele, apesar da boa aparência do animal, e, é claro, ele perdera.

Do ótimo ponto de vista atrás da van, Sarah observou o jóquei descer da charretinha, puxar a rédea e dar um chute forte na anca dele. Boo escorregou para o lado com a cabeça arqueada para trás de dor. Sarah deixou escapar um resmungo de protesto, e seus pés a levaram na direção dele quase sem que ela se desse conta. Então ela percebeu o que estava fazendo, abaixou, fechou os olhos com força e se obrigou a se concentrar para não agir precipitadamente. A cem metros de distância, um dos homens de Sal segurava a égua suada por uma rédea, com as mãos em concha em volta da chama do isqueiro na tentativa de acender o cigarro.

— Juro, Sal, você deu umas vitaminas estranhas para aquele cavalo — disse, guardando o isqueiro no bolso.

— Não foi o meu cavalo que perdeu.

— Ele se assustou com o vento. Daquele lado, nós fomos atingidos com toda a força.

— Como eu disse lá em cima, Terry, esta corrida *acabou*.

Boo estava agitado, infeliz com o peso da carroça, com medo de mais um chute, e o homem, rude, o amarrou ao espelho lateral da caminhonete, falando grosso com ele, com a mão erguida em sinal de ameaça. Sarah atirou balas invisíveis na parte de trás daquela cabeça gorda, chutou-o mentalmente como ele havia feito com Boo. Teve a impressão de que nunca tinha sentido tanta raiva. Forçou-se a respirar e viu Cowboy John a uma curta distância, em uma conversa acalorada com Sal. Ele olhava para Boo, com o chapéu pingando por causa da chuva e sacudindo a cabeça. Sal deu de ombros, acendeu mais um cigarro. John colocou a mão no ombro dele, tentando afastá-lo da multidão, mas assim que Sal se virou foi chamado de volta ao círculo de homens, onde estavam contando o dinheiro.

Ela se acalmara. Observou com a atenção aguçada de um caçador, com o cálculo estratégico de Xenofonte enquanto avançava lentamente em direção à aglomeração, camuflada pelos carros estacionados e pelas pilastras largas e grosseiras dos viadutos que se cruzavam. Estava a poucos passos de Boo, perto o suficiente para discernir o suor em seu pescoço, sua pelagem escurecida pela chuva, perto o bastante para avaliar quantas amarras o prendiam à carrocinha de duas rodas. *Não me chame*, alertou-o. Os homens discutiam ao lado da égua cinza, Sal alegava com grande alarde que ele era o vencedor, que Boo era seu, e outro homem contestava. Argumentou que o cavalo de Sal tinha parado de trotar duas, três vezes. Devia ser desclassificado. Ouviu-se um murmúrio de discórdia, outro de concordância.

— Precisamos ir embora agora — gritou alguém com sotaque irlandês. — Vamos para casa. A polícia vai chegar logo.

Sarah havia passado para o outro lado de Boo e viu o cavalo esticando o pescoço para descobrir quem era, preso pelos arreios, pelos antolhos.

— Sssshiii — disse a ele, passando a mão pela lateral do corpo do animal, que subia e descia com a respiração pesada. Viu suas orelhas irem para trás quando a reconheceu. Ela deu uma olhada nos homens e tirou os paus da charrete dos arreios, abrindo os fechos com dedos ágeis.

As vozes dos homens se silenciaram por um instante e ela se agachou atrás da pilastra com o coração batendo de forma errática. Então as vozes voltaram a se erguer, desta vez em uma franca discussão. Ela espiou, viu dinheiro sendo dividido, disputado, jogado nas palmas das mãos e percebeu que aquela seria sua melhor chance: eles não desviariam o olhar enquanto contavam as notas.

Sarah só tinha mais alguns segundos. Os dedos dela tremiam enquanto tentavam soltar as correias, a adrenalina bombeando sangue em seus ouvidos, abafando o barulho do trânsito acima deles. *Eu vou tirar você daqui, Boo.* Três correias. Duas correias. Só mais uma. Ela murmurava baixinho. *Ande logo.*

Enquanto lutava contra a última correia, com os dedos escorregando no couro molhado, ela ouviu a exclamação que tanto temia.

— Ei! Você! — O homem grandalhão, o que tinha o pescoço maior do que a cabeça, caminhava em sua direção. Seus passos eram largos, carregados de ameaça. — Ei! O que acha que está fazendo?

Boo saltitava, contaminado pela ansiedade dela. Sarah sibilou para que ficasse quieto.

— *Ande logo* — resmungou para a fivela enquanto os outros homens olhavam para trás, percebendo que havia algo de errado ali, que a menina não era uma deles. Então ela viu a expressão confusa de John, o rosto de Sal, quando, chocados, a reconheceram de repente. *Ande logo.*

O homem começou a correr. A última fivela não abria. Ela remexeu na peça, com a respiração curta e audível. E então, quando o homem estava a apenas alguns passos de distância, os paus da carrocinha se soltaram e bateram no chão. Boo estava solto. Sarah agarrou uma mecha da crina dele, tirou a corda do bridão e saltou para cima do lombo de Boo com o medo impulsionando seus pés.

— Vá! — berrou, batendo com as pernas na lateral do corpo dele. O cavalo enorme saiu saltitando pela rua secundária, como se aquele fosse o movimento pelo qual tanto esperava, com seus músculos se retesando embaixo da menina com tanta força que ela teve que entrelaçar os dedos na crina do animal para não ficar para trás.

O caos se instalou. Ela ouviu gritos e o som de motores acelerando, então baixou sobre o pescoço do cavalo e ergueu a voz em pânico.

— Corra! — berrou, puxando a rédea direita desajeitada, as rédeas de charrete eram longas demais e já estavam se enroscando nas patas de Boo.

Ela o guiou para a via de acesso que subia para o viaduto e então, com três, quatro passos, ele estava no alto, ouvindo pneus cantando e buzinas enquanto disparava pelas pistas da via de mão dupla.

E ela estava galopando pelo viaduto, bem acima da cidade, correndo no meio do tráfego, mal prestando atenção nos carros que desviavam para não atingi-la. Não via nada além do campo distante, não ouvia nada além do sangue que disparava pelas veias, não tinha consciência de nada além da perseguição deles. Sabia para onde ir: ensaiara o momento durante a maior parte da noite, repassara várias vezes sua rota de fuga. E ali estava, já se aproximando. Viu a saída à esquerda, abarrotada de carros parados, a algumas centenas de metros adiante; sabia que, depois que chegasse ali e saísse para a esquerda, na direção do parque industrial, eles não conseguiriam mais alcançá-la.

Foi então que o pequeno carro azul deu uma guinada para o acostamento quando o motorista resolveu trocar de faixa tarde demais, não percebendo o cavalo que galopava logo atrás. Ela engoliu em seco, tentando diminuir a velocidade de Boo ao perceber que, com o carro ali e o trânsito parado nas duas pistas, estava bloqueada. Olhou para o outro lado da pista de mão dupla. Não tinha como saltar a barreira do meio sem ser atropelada pelos carros que vinham na outra direção. Não havia saída. Olhou por baixo do braço e notou o quatro por quatro vermelho de Sal, que buzinava enquanto tentava abrir caminho entre os carros. Se ela permanecesse no viaduto, ele iria pegá-la. Sarah engoliu em seco e sentiu o gosto metálico da bile do medo.

Olhou para o carro, ainda avançando na direção dele a toda velocidade, instando-o para que saísse da frente. Ela não tinha muita escolha. *Vô, me perdoe*, disse em silêncio, agarrando um chumaço da crina de Boo e fazendo-o avançar, mirando no capô do carro.

Boo, confuso com o pedido, hesitou, ouviu as pernas dela pressionando em resposta, suas palavras de incentivo, e de repente estava no ar, com o enorme lombo musculoso se esticando embaixo dela ao saltar por cima do carro. E então ela era Xenofonte, ouvindo os sons da batalha embaixo de si, seu corpo inteiro, ela confiando na coragem do animal em que montava. Era todo-poderosa, toda protegida, toda talento. Era fúria e glória, não pedia nada além da sobrevivência. O mundo ficou paralisado. Um grito silencioso lhe escapou. Seus olhos estavam fechados, mas logo se abriram e não enxergaram nada além do céu, os carros que desviavam à sua frente, e então, com o baque do impacto, voltaram ao solo; Boo patinhou pela superfície molhada com Sarah quase caindo do seu pescoço, pendurada, agarrando-se freneticamente às rédeas compridas demais, à crina, a qualquer coisa, para não cair.

Ele galopava pela pista, as patas ligeiras eram um borrão e, com um urro de esforço, Sarah ergueu o braço esquerdo, agarrou o bridão conseguiu montar direito nele. E os dois seguiram em frente, enfim tomando a rua secundária que levava até o canal à medida que o som do trânsito parado e das buzinas descrentes sumia atrás deles.

* * *

— Quem é a sua primeira testemunha?

Natasha mandou outra mensagem para Ben, pedindo-lhe para conferir mais uma vez se estava com os documentos necessários para aquela manhã e se estaria mesmo à espera dela na frente do tribunal em meia hora. Ela estava em um café com Conor.

— O psicólogo infantil. Um dos nossos. Vamos assustar o marido com a sugestão de que podemos corroborar as alegações de violência enquanto Harrington e o outro advogado trabalham com a Sra. P nos bastidores, tentando convencê-la a liberar o acesso do pai à menina em troca de um acordo financeiro melhor.

Eu não sou um completo imbecil, respondeu Ben.

Vamos ver, respondeu ela.

— A mulher vai conseguir o que quer — observou Conor, amargurado. — Ela nunca mais terá que erguer um dedo e o nome de um pai perfeitamente bom será arrastado na lama. Nunca achei que você jogaria sujo.

Natasha o cutucou.

— É o único jeito de manter a menina com a mãe. Fala sério, Conor, é um divórcio. Você faria o mesmo se estivesse no meu lugar. — Ela estreitou os olhos para o outro lado do salão, para o espelho na parede. — Meu cabelo está bom? Harrington acha que haverá jornalistas na porta para este caso.

— Está ótimo.

Ela não podia se dar ao luxo de cometer nenhum erro. Não bastava vencer o caso, era vital também usá-lo como amostra para Michael Harrington. A oferta dele pairava sobre sua consciência, sempre ali, um presentinho para si mesma nos momentos em que se sentia sobrepujada pela confusão que era o restante de sua vida. Seria assim tão ruim cruzar a fronteira? Sem dúvida seria melhor se afastar de todo aquele contato cotidiano com os clientes. Pensou em Ali Ahmadi. Se fosse para o escritório Harrington Levinson, provavelmente não voltaria a cometer esse tipo de erro.

Não tinha contado sobre a oferta para Conor. Não queria admitir para si mesma quais eram os prováveis motivos disso.

Conor encostou o pé no dela.

— Não tenho muita coisa para fazer hoje de manhã, então, depois que deixar você no tribunal, vou levar as suas coisas para casa.

Natasha ficou surpresa.

— Tem certeza?

— Tenho. Mas eu não disse que ia desempacotar nada. Não espere que eu entre no modo dono de casa perfeito assim de repente.

— Obrigada, Conor.

— De nada, Poderosa. Como eu disse, não tenho muito o que fazer na próxima hora mais ou menos.

— Eu me refiro a me deixar ficar na sua casa.

Ele examinou os sapatos, então olhou para ela de um jeito um tanto estranho.

— Por que está dizendo isso? Você não é visita. — Conor franziu a testa. — Está me dizendo que é apenas temporário? Que eu sou um quebra-galho?

— Não seja bobo. Mas, para ser sincera, não sei quanto tempo devo ficar. Não tive oportunidade de refletir sobre nada disso. Só não sei se eu deveria ir direto…

— …da frigideira para o fogo.

— Não foi isso que eu disse. Mas foi você quem observou de um jeito tão delicado que nós dois somos complicados.

— Somos complicações que se combinam. Excelentíssima, por favor, reveja suas afirmações.

Natasha percebeu que tinha chegado sua vez na fila para pedir o café.

— Ah. Desculpe. Um descafeinado com leite desnatado, por favor.

— Também conhecido como Por que se incomodar — soltou Conor. A moça no balcão deu um sorriso amarelo para ele, como se só escutasse aquele tipo de piadinha várias centenas de vezes por dia. — Um *macchiato* duplo para mim.

— Deixe eu terminar este processo, Conor. Não consigo pensar em mais nada agora.

Natasha esperou Conor dizer algo, mas, como não disse, ela enfiou a mão na bolsa, animada.

— Estes são por minha conta. É o mínimo que posso fazer, afinal você não pôde tomar café da manhã por minha causa. Que tal um muffin?

Então ela olhou dentro da bolsa.

* * *

Não o viu em lugar nenhum. Entrou derrapando no pátio da fábrica de móveis e deu a volta até onde as vans de entrega protegiam o estacionamento da vista dos passantes, com a respiração entrecortada e a chuva lhe escorrendo pelo rosto, obrigando-a a ficar limpando os olhos para enxergar direito. Desmontou. Boo suava, abalado pelos acontecimentos dos últimos dois dias, com frio por causa da chuva forte que caía, e Sarah teve que puxar as rédeas para fazer com que ele caminhasse atrás dela.

— Ralph? — chamou.

Nenhuma resposta. Ao redor dela, as janelas vazias do prédio comercial a encaravam sem interesse, sua voz era abafada pelo chiado da água. As portas de ferro da fábrica de móveis ainda estavam abaixadas. Não chegaria ninguém para trabalhar na próxima meia hora.

Seguiu adiante e espiou atrás de uma van estacionada.

— Ralph?

Nada.

Ela limpou a água do rosto e foi perdendo a confiança; a adrenalina da última meia hora foi se esvaindo. Era só uma menina em um estacionamento, procurando confusão.

Ele não ia aparecer. Claro que não. Sarah fora ingênua de achar que ele viria. Aliás, ele talvez tivesse contado a Sal onde haviam marcado de se encontrar. Ela ficou paralisada por um minuto, se dando conta de que, se os homens de Sal aparecessem atrás dela, estaria em um beco sem saída.

Controlou o pânico crescente, tentou pensar de forma estratégica. Ela conseguiria fazer aquilo sem sela? Conseguiria fazer aquilo com o arreio idiota com antolhos? A resposta era simples: ela não tinha muita opção. Não podia arriscar ficar ali esperando por quem quer que fosse encontrá-la. Segurou as rédeas com a mão esquerda e se preparou para montar de novo em Boo.

— Não precisa gritar, Menina do Circo. — Ralph saiu de uma porta e se aproximou dela, saltitante, puxando o capuz por cima da cabeça. — Mas que diabo — soltou ao olhar para o cavalo.

Sarah correu na direção dele, puxando Boo, relutante, atrás de si.

— Você trouxe?

Ele estendeu a mão.

— Primeiro, o plástico.

— Não vou dar calote em você, Ralph.

Ela enfiou a mão no bolso e tirou um maço de notas.

— Cadê o cartão?

— Eu não consegui pegar, mas tenho vinte libras.

— Deixe disso. Acha que eu sou idiota?

— Cinquenta.

— Posso vender a sela por mais do que isso. Cento e cinquenta.

— Cem. É tudo o que tenho.

Ralph estendeu a mão. Ela contou o dinheiro e entregou. Era o dinheiro de Sal. Ficou feliz de se livrar daquilo.

— Onde está a sela?

Ralph apontou para a porta, ocupado em recontar as notas. Sarah pediu que segurasse Boo enquanto o arreava, respirando rápido ao ajeitar a barrigueira. Então se livrou dos antolhos, jogando-os por cima do muro para o terreno baldio que ficava logo atrás, e colocou em Boo o equipamento que era dele.

— Vou te dizer uma coisa, menina. — Ralph enfiou o dinheiro no bolso da calça. — Você tem colhão.

Ela apoiou o pé no estribo e saltou para o lombo do cavalo. Boo recuou, ansioso para sair em disparada outra vez.

— Para onde vai levá-lo? Você sabe que Sal vai atrás de você. Não adianta tentar Stepney ou um dos estábulos de Whitechapel. Acho que você pode tentar ao sul do rio.

— Não vou ficar por aqui. Olhe, Ralph, preciso que você faça mais uma coisa para mim.

— Ah, não. — Ele sacudiu a cabeça. — Você já se aproveitou bastante de mim, Menina do Circo.

— Vá até o hospital de Santa Teresa. Diga ao meu avô… Diga a ele que Boo e eu fomos fazer a nossa viagem de férias. Ele vai entender. Diga que vou ligar para ele.

— Por que eu deveria fazer mais qualquer coisa para você? Cara, você me forçou a acordar às seis e quinze hoje. Isso é praticamente ilegal.

— Por favor, Ralph. É muito importante, de verdade.

Ele deu tapinhas no bolso e saiu saltitando pela rua.

— Eu posso fazer isso — retrucou, com os tênis grandes demais nos pés de doze anos. — Mas sou um homem ocupado…

* * *

— Não posso falar agora, Natasha. Estou saindo de casa.

Mac largou a bolsa de equipamento fotográfico no chão do corredor.

— Mac, o meu cartão de crédito por acaso está na mesa de centro, onde deixei a minha bolsa ontem à noite?

Mac engoliu a resposta que queria dar: ela havia ido embora de casa e não podia querer que ele ficasse correndo atrás das coisas que caíam de sua bolsa. Deu uma olhada pela porta.

— Não. Não tem nada ali.

Um breve silêncio se instalou. Dava para ouvir a conversa ao fundo, o tilintar das xícaras.

— Merda — disse ela.

Mac ergueu a sobrancelha. Era raro Natasha falar palavrão.

— O que foi?

— Ela está aí?

— Não. Olhei no quarto dela. Deve ter saído antes de nós.

— Ela pegou o meu cartão de crédito.

— O quê?

— Você ouviu o que eu disse.

Ele revirou os olhos.

— Está implicando com ela de novo. Você provavelmente deixou o cartão em algum lugar.

— Não, Mac. Acabei de abrir a bolsa e vi que está faltando um dos meus cartões de crédito.

— E tem certeza de que foi ela?

— Acho bem difícil ter sido você, certo? Estou dizendo, Mac, ela pegou a porcaria do meu cartão.

— Mas ela não sabe qual é a senha.

Ele ouviu uma conversa abafada, então Natasha voltou ao telefone.

— Droga. Preciso ir para o tribunal. Não posso chegar atrasada de jeito nenhum. Mac, será que você pode…

— Vou buscar Sarah na escola mais tarde. Vou conversar com ela.

— Não sei se devo bloquear.

— Não bloqueie ainda. Ela não vai conseguir gastar um dinheirão na cantina da escola. Deixe eu conversar com ela primeiro. Tenho certeza de que há uma explicação inocente.

— Uma explicação inocente? Para ter roubado o meu cartão?

— Olhe, nós não temos certeza se Sarah roubou. Vamos primeiro conversar com ela, pode ser? Você não disse que ela queria comprar algumas coisas para o avô?

Houve uma longa pausa.

— É, ela disse, sim, mas isso não torna o roubo aceitável.

Ele voltou a reclamar, mas Natasha o interrompeu:

— Quer saber de uma coisa, Mac? A vida dessas crianças pode ser difícil, mas elas nem sempre são as vítimas.

Mac desligou e ficou parado no hall de entrada. Ficaria irritado com os comentários de Natasha no começo, tinha se forçado a engolir sua resposta instintiva. Não se lembrava de ela ser assim tão cética em relação aos clientes. Não gostava disso nela.

Estava prestes a pegar a bolsa com seu equipamento quando se lembrou do comportamento estranho de Sarah na noite anterior, de ela ter preferido ficar na sala enquanto ele preparava o jantar. Havia achado que ela estava sendo diplomática. Ainda acreditava nisso.

Ficou ali parado mais um instante, então subiu a escada devagar e abriu a porta do quarto de Sarah.

Era impossível entrar no quarto de uma adolescente sem se sentir um intruso. Mac percebeu que, em um gesto inconsciente, enfiara as mãos nos bolsos, por medo de tocar em algo. Não sabia muito bem o que procurava,

só sabia que queria provas de que as coisas estavam como deveriam. Talvez descobrisse que, no fim das contas, ele conhecia aquela menina. Abriu o guarda-roupa e suspirou de alívio. Ali estavam as roupas dela, as calças, os sapatos. A cama estava arrumadinha. Pouco antes de sair do quarto, Mac parou e deu meia-volta.

O porta-retratos com a foto do avô de Sarah não estava lá. Assim como o livro grego sobre equitação. Mac ficou olhando para o espaço vazio na mesa de cabeceira onde as duas coisas costumavam ficar, então entrou no banheiro. Não tinha escova de dentes. Nem escova de cabelo. Nem sabonete. E ali, pendurado atrás do aquecedor, estava o uniforme da escola. Era o único conjunto que Sarah tinha.

Mac correu de volta para o andar de baixo e pegou o telefone.

— Tash? — disse, então xingou baixinho. — Sim, eu sei que ela está no tribunal. Posso falar com ela, por favor? É urgente. Diga… diga a ela que nós temos um problema.

18

"Acho que, se me tornar um cavaleiro, eu serei um homem com asas."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Havia parado de chover. Sarah trotava alegremente pelo infinito matagal nas laterais das estradas que levavam às Docas Reais e ao aeroporto, observando o pelo de Boo ficar cada vez mais claro enquanto secava. Ele tinha se acalmado, sentindo-se seguro com a sensação conhecida de tê-la em seu lombo e com a voz dela, mas o coração da menina ainda batia forte, desconfortável, e seu pescoço doía de tanto olhar para trás.

Os espaços eram maiores ali, o céu era uma infinidade cinza, sem a interrupção de prédios enormes. Ela e Boo podiam avançar com mais rapidez, porém estavam expostos, e a consciência de sua visibilidade fazia com que ela continuasse indo em frente, sempre pelas laterais, onde poderia desviar e mudar de rumo com facilidade caso precisasse. Sarah olhou para os dois lados e então atravessou a estrada de asfalto; os cascos de Boo ecoaram pelo espaço vazio. Quando chegou ao capim, ela voltou a avançar a meio-galope, saltando sobre as valetas de drenagem.

A nuvem cinzenta estava se dispersando e, de repente, ela avistou o aeroporto à sua frente. Tinha pensado em ir para as pontes de Londres, mas achou que estariam muito movimentadas (uma menina montada a cavalo chamaria bastante atenção), por isso se dirigiu para o leste, passando pelas infinitas construções em estilo soviético de Newham e Beckton, e atravessou para as planícies do norte de Woolwich, com os reluzentes arranha-céus de Canary Wharf se apequenando atrás dela.

A hora do rush estava terminando, e o fluxo infindável de automóveis na direção do centro financeiro ia ficando menos evidente. Um ou outro carro ainda passava por ela, talvez em disparada por algum atalho até o túnel Blackwall ou a ilha Dogs, mas nenhum dos motoristas prestava muita atenção nela — um homem comendo um sanduíche ou um rapaz que gostava de velocidade perdido na música altíssima. Sarah usava um casaco impermeável e cobrira a cabeça com o capuz para esconder o rosto. Ninguém parava naquela região a não ser que fosse necessário; ali só havia galpões e hoteizinhos baratos apertados entre vias movimentadas: era o tipo de lugar pelo qual as pessoas apenas passavam, povoado por executivos de nível médio e vendedores sempre em trânsito.

Boo estava se cansando. Conferindo as placas da estrada, ela diminuiu o ritmo para uma caminhada, de forma que o cavalo pudesse retomar o fôlego. Um barzinho sujo se erguia solitário em uma terra de ninguém, onde o capim cinzento só era interrompido por algumas casinhas gastas aqui e ali. Logo atrás delas, havia fileiras de prédios recém-construídos; o Tâmisa, parcamente iluminado por instáveis faixas de sol que escapavam por entre as nuvens; e então, ao fim de uma rua com asfalto quebradiço ladeado por prédios de concreto, o terminal de balsas. Ela diminuiu a velocidade, olhou para trás e conduziu o cavalo na direção do terminal.

* * *

— Sr. Elsworth, poderia informar ao tribunal seu nome completo?

— Eu me chamo Peter Graham Elsworth.

— Obrigada. E pode dizer ao tribunal qual é a sua profissão?

— Eu tenho uma clínica de psicoterapia e aconselhamento especializada no tratamento de crianças, em especial as que sofreram algum tipo de trauma.

— O senhor trabalha com isso há mais de trinta anos e é considerado um dos maiores especialistas no ramo, correto?

Elsworth endireitou levemente a postura.

— Já publiquei trabalhos acadêmicos revisados por pares em diversas revistas científicas, sim.

Natasha olhou para as suas anotações. Atrás dela, a Sra. Persey batia o pé em uma sandália delicada e suspirava de tédio e frustração de forma quase inaudível.

— Sr. Elsworth, o senhor diria que todas as crianças tendem a processar o trauma da mesma maneira?

— Não. Elas processam o trauma de modos tão variados quanto um adulto.

— Então não existe uma reação padronizada a um acontecimento traumático.

— Correto.

— É justo dizer que algumas crianças podem reagir abertamente a um acontecimento traumático, como, por exemplo, chorando ou fazendo confidências a amigos ou adultos, e que outras que passaram por experiências igualmente perturbadoras podem demonstrar pouca coisa?

Elsworth refletiu por um instante.

— Isso depende do grau de desenvolvimento da criança e da relação dela com as pessoas ao redor… Além da natureza do acontecimento traumático, é claro.

— Se uma criança sentisse, por exemplo, que revelar que algo de ruim aconteceu com ela aborreceria o pai ou a mãe, ela poderia preferir guardar segredo?

A peruca que os advogados tinham que usar no tribunal, à qual Natasha ainda não havia se acostumado, estava começando a incomodar. Ela se conteve para não coçar a parte de trás da cabeça.

— Sem dúvida, minha experiência tem sido essa.

O Sr. Persey encarava Natasha. Era um homem alto e largo, com bochechas carnudas e um tom de pele que revelava três boas férias por ano, e tinha um olhar fixo e penetrante que, em outras circunstâncias, teria feito Natasha se sentir muito desconfortável. Não era difícil entender por que a Sra. Persey era tão avoada e histérica.

— Também de acordo com a sua experiência, em um caso em que os pais estivessem, digamos, em conflito, a criança poderia esconder indícios de trauma se acreditasse que isso levaria a mais conflitos na relação?

— Esse é um fenômeno psicológico muito conhecido. A criança tenta proteger o pai ou a mãe quando acha que falar sobre o trauma pode causar ainda mais problemas.

— Mesmo que seja o pai ou a mãe quem está causando o trauma?

— Protesto. — O advogado do Sr. Persey se levantou. — Excelência, já estabelecemos que não há provas de que o Sr. Persey foi violento com a filha em momento algum, e dar prosseguimento a essas perguntas, e com o uso de um vocabulário tão sentimental, é algo que conduz ao erro.

Natasha se voltou para o juiz.

— Excelência, estou simplesmente tentando estabelecer que, em tais casos, a ausência de material óbvio ou provas físicas, ou até mesmo de um testemunho verbal da criança, não significa que não houve trauma.

O advogado do Sr. Persey, um peso pesado chamado Simpson cujo tom de voz parecia um choramingo, bufou bem alto.

— Também é possível argumentar que uma mulher que alega ter um relacionamento violento deveria estar isenta da necessidade de mostrar hematomas. Só que, neste caso, nem a própria criança afirma que a violência aconteceu. — Ele era o tipo de advogado que se considerava bom demais para discutir com um advogado que não tinha licença para atuar nas altas cortes; ainda havia um nível de preconceito surpreendente em relação a advogados feito Natasha.

— Excelência, se me permite prosseguir, vou mostrar que crianças são um caso excepcional por esse exato motivo. Elas têm muito mais tendência a esconder um trauma na tentativa de proteger as pessoas ao redor.

O juiz não ergueu os olhos.

— Prossiga, Sra. Macauley.

Ela havia se debruçado mais uma vez sobre seus papéis quando Ben colocou um bilhete na sua mão. *Ligue para Mac urgente*, dizia. Pega de surpresa, Natasha se virou para Ben e sussurrou.

— O que ele quer?

— Não sei. Só disse que era extremamente importante que você ligasse para ele.

Ela não tinha como fazer isso naquele momento.

— Sra. Macauley? Será que poderia prosseguir?

— Sim, Excelência. — Ela fez um gesto discreto para que Ben se afastasse. — Sr. Elsworth, seria… seria concebível, na sua opinião, que uma criança que tivesse medo do pai ou da mãe pudesse esconder do outro responsável quaisquer problemas na relação com um dos dois?

— Excelência…

— Vou permitir, Sr. Simpson. Sra. Macauley, assegure-se de não se desviar da questão.

Elsworth olhou para o juiz.

— Depende da idade e das circunstâncias, é claro, mas, sim, é concebível.

— Idade e circunstâncias. O que o senhor quer dizer com isso?

— Bom, entre os jovens clientes que já atendi, percebi que, quanto menor for a criança, menos ela conseguirá esconder qualquer acontecimento traumático. Isso tende a se revelar por conta própria, mesmo quando a criança não é capaz de articular sua aflição, por meio de outros comportamentos: fazer xixi na cama, transtornos obsessivo-compulsivos e até mesmo agressões fora do comum.

— E com que idade o senhor diria que uma criança é capaz de esconder aflição… de maneira eficiente? De modo que talvez ele ou ela não apresente nenhuma das características que o senhor acabou de descrever?

— Depende da criança, mas já vi algumas de sete ou oito anos que tinha uma eficiência surpreendente em esconder experiências.

— Acontecimentos profundamente traumáticos?

— Em alguns casos, sim.

— Então, não é impossível que uma criança de dez anos seja capaz de fazer isso.

— Certamente não.

— Sr. Elsworth, já ouviu falar da síndrome de alienação parental?

— Já, sim.

— Ela é… fazendo uma citação, "um distúrbio em que as crianças têm uma preocupação obsessiva com relação ao desprezo e/ou à crítica do pai ou da mãe. Em outras palavras, um aviltamento que é injustificado ou exagerado". Para o senhor, essa seria uma definição correta?

— Eu não sou especialista nisso, mas, sim, essa definição me parece correta.

— Sr. Elsworth, o senhor é, como disse, um acadêmico que teve seu trabalho publicado em revistas científicas de psicologia muito renomadas durante vários anos. O senhor acredita na existência clínica da síndrome de alienação parental?

— Não acredito. Mas não tenho certeza se isso é uma…

— Certo, vou reformular a pergunta. Pode me dizer quantas crianças o senhor já tratou?

— Em geral? No meu consultório? Ao longo dos anos, bom, milhares. Mais do que duas mil, talvez.

— E já aconteceu de um de seus jovens clientes exibir o que o senhor compreende como síndrome de alienação parental?

— Já tratei muitas crianças que foram convencidas a ficar contra o pai ou a mãe, inclusive várias que desenvolveram uma animosidade em relação a um dos pais que acabou durando muitos anos. Tratei diversas crianças profundamente prejudicadas pelo divórcio dos pais. Mas não posso dizer que acredito que tais estados psicológicos sejam indícios de uma síndrome. Acho que isso seria certo exagero.

Natasha deixou essa última resposta pairando no ar por um momento.

— Sr. Elsworth, sabe alguma coisa a respeito do nível de relatos falsos em relação a violência física ou sexual contra crianças durante processos de divórcio ou de disputa de guarda?

— Sei que existem diversos estudos recentes sobre esse fenômeno, sim.

— Estudos revisados por especialistas? Feitos por acadêmicos respeitados? O senhor poderia nos dar uma ideia das conclusões mais recentes sobre esses relatos, sobre quantos deles são falsos?

— Acredito que o estudo mais recente, publicado em 2005, mostrou que nesses casos, o número de relatos falsos é muito pequeno. Acho que um cruzamento de estudos feito naquele ano mostrou que a taxa de alegações falsas em contexto de custódia varia entre um e sete vírgula seis por cento.

— Entre um e sete vírgula seis por cento. — Natasha assentiu, como que confirmando a informação para si mesma. — Então, mais de noventa por cento seriam alegações de violência válidas. Será que isso reflete a sua experiência clínica?

Elsworth hesitou.

— Na minha experiência, Sra. Macauley, uma proporção muito pequena dos casos de violência contra crianças costuma ser relatada, tanto durante quanto fora de situações em que há disputa de guarda.

Natasha reparou no sorriso de satisfação de Michael Harrington. Por pouco ela não conseguiu segurar o seu também.

— Não tenho mais perguntas, Excelência.

* * *

No trajeto do norte para o sul, a balsa de Woolwich estava vazia. Alguns minutos depois de seus ocupantes mais recentes, todos usando ternos, terem desembarcado do outro lado e rumado para a ferrovia de Docklands, a fileira de bancos da *Ernest Bevin* estava desocupada. Quando a balsa aportou, Sarah hesitou, mas então conduziu Boo pela longa rampa até o deque dos carros e o posicionou bem longe da cabine. O cavalo olhou ao redor e se agitou um pouco sobre a superfície coberta de óleo quando os motores começaram a vibrar, mas pareceu não ficar perturbado com esse meio de transporte estranho. Não havia caminhões nem carros a bordo, só a menina, Boo e o deque vazio. Ela olhou para trás mais uma vez, desejando que a balsa avançasse, rezando para não avistar aquela caminhonete. Racionalmente, Sarah sabia que era pouco provável que a houvessem seguido, mas o medo se embrenhara até seus ossos. Ela via

aquela caminhonete em todo lugar, um espectro que dobrava esquinas e estacionava na frente dela; uma ameaça sempre presente.

Enquanto Sarah estava ali parada, com as rédeas de Boo firmes na mão, o condutor saiu da cabine. Era um homem alto, magro e levemente recurvado e barba grisalha. Ele ficou imóvel por um momento, como se quisesse confirmar o que estava vendo, então caminhou devagar na direção dela. Sarah segurou as rédeas de Boo com mais força e se preparou para uma discussão. Mas, ao se aproximar, o homem sorriu.

— Esse deve ser o primeiro cavalo que vejo aqui em trinta anos — disse ele. O condutor ficou parado a alguns passos de Boo, balançando a cabeça. — Meu pai trabalhou na balsa nas décadas de 1930 e 1940. Ele ainda se lembrava da época em quase todo o movimento aqui era de veículos puxados a cavalo. Posso fazer carinho nele?

Quase fraca de alívio, Sarah assentiu sem dizer nada.

— Que garoto adorável, não é? — O homem passou a mão no pescoço de Boo. — Que animal lindo. Os cavalos em cima, os homens embaixo, ali na frente; antes era assim. — Ele apontou. — Claro, isso foi antes de todas essas balsas. — O condutor apontou para a enorme ponte amarela e branca da embarcação. — Ele é bonzinho, não é? Bem-comportado?

— É — balbuciou Sarah. — É, sim.

— Qual é o nome dele?

Ela hesitou.

— Baucher — respondeu. Em seguida completou, sem saber muito bem por quê: — É em homenagem a um cavaleiro francês famoso.

— Um nome importante, hein? — O homem esfregou a testa de Boo. — Um nome importante para um garoto importante. Eu tenho um cartão-postal dos velhos cavalos que puxavam charretes a bordo. De anos atrás. Espere um pouco que mostro para você depois que dermos partida.

— Quanto custa? — disparou ela. — Para ele, quer dizer. Quanto a gente tem que pagar?

O condutor pareceu surpreso.

— Você não tem que pagar nada aqui, não, querida. Ah, não. Ninguém paga para atravessar com esta balsa desde 1889. — Ele riu. — Foi mais ou

menos quando eu comecei… — O homem caminhou mancando de volta à cabine e desapareceu.

A balsa vibrou e então começou a se afastar com suavidade da margem norte do Tâmisa, rumo às águas turvas e agitadas. Sarah ficou sozinha no deque aberto ao lado de seu cavalo e, absorvendo o ar úmido, olhou para a extensão desolada do rio, os guindastes que se avultavam, a cobertura brilhante da barreira do Tâmisa e os prédios azuis e prateados da refinaria de açúcar Tate.

Estava com fome. Nas doze horas anteriores, não tinha lhe ocorrido que seu estômago pudesse sentir qualquer coisa que não fosse um nó de ansiedade. Tirou a mochila das costas, abriu e achou um biscoito. Quebrou um pedacinho e deu para Boo, cujos lábios aveludados ficaram pressionando o casaco dela com insistência até que Sarah cedesse e lhe desse mais.

Ela estava, com seu cavalo, no meio de um rio, em alguma terra intermediária, uma paisagem idílica da qual ainda não tinha exatamente despertado. Mas talvez não fosse tão estranho; só mais um cavalo em uma linhagem que se estendia para mais de um século antes. E, conforme a distância em relação à margem aumentava, a respiração de Sarah foi se normalizando e seus pensamentos clarearam, como se ela estivesse saindo de uma enorme sombra. A caminhonete ficara na margem norte, com toda a confusão, a ansiedade e o medo que a haviam sufocado durante meses. Tudo estava bem simples. Percebeu que sorria, exercitando músculos que pareciam ter se atrofiado nas semanas anteriores.

— Pronto — disse ela, dando mais um pedaço de biscoito para Boo. — Está na hora de seguirmos em frente.

* * *

Ben entregou outro bilhete: *Ele ligou quatro vezes para Linda.*

Natasha deu uma olhada no papel enquanto ajeitava a peruca, tentando forçar o grampo através da tela. Havia pouco tempo que os advogados sem licença para litigar nas altas instâncias tinham recebido o privilégio de

usar peruca; ela fora contrária à adoção da peça, mas os sócios do seu escritório haviam pedido que usasse. Disseram que os adversários a levariam mais a sério. Natasha desconfiava que eles simplesmente queriam cobrar mais dos clientes, e a peruca tornava isso possível.

— Ligue de volta — sussurrou ela, entregando o celular desligado para Ben. — O número dele está nos contatos. Diga que não posso falar até o intervalo.

— Linda disse que ele parecia enlouquecido. Tinha alguma coisa a ver com… Sarah ir embora.

Do outro lado da sala, Simpson tentava desconstruir o testemunho de Elsworth. Ele teria que se esforçar muito para isso, pensou Natasha. O psicólogo era um dos melhores do ramo, e o preço que cobrava para testemunhar como especialista era prova disso.

— Diga a ele que vamos resolver quando ela vai embora depois que os dois conversarem sobre o meu cartão. E diga que não posso atender nenhum telefonema, então não adianta ficar me ligando.

Ela começou a tomar notas, tentando organizar os pensamentos.

— Você acabou com ele, certo? — Do outro lado da bancada, os dedos magros da Sra. Persey se fecharam em seu pulso. — Tudo o que você disse prova que ela sofreu violência da parte dele. — Os olhos da mulher estavam arregalados e, apesar da maquiagem cuidadosamente passada, seu cansaço era evidente.

Natasha olhou para o juiz, que observava a conversa das duas e parecia não estar gostando nada daquilo.

— Vamos conversar sobre isso lá fora. Mas, sim, tudo correu bem — sussurrou ela, inclinando-se para a frente para se concentrar em Simpson.

Em poucos minutos, Ben voltou. *Ela não vai embora, já foi*, dizia o recado. *Desapareceu.*

Ela rabiscou: *??? Para onde?*

Ele não sabe. É alguém da sua família?

Natasha afundou a cabeça nas mãos.

— Sra. Macauley — disse a voz à frente dela. — Está tudo bem?

Ela endireitou a peruca.

— Tudo bem, Excelência.

— A senhora precisa de um intervalo?

Ela pensou rápido.

— Se Vossa Excelência permitir, um assunto urgente e inesperado exige a minha atenção.

O juiz se voltou para Simpson, que olhava para ela com uma fúria mal disfarçada, como se ela tivesse planejado aquela situação.

— Muito bem. Retomamos em dez minutos.

* * *

Mac atendeu o telefone antes mesmo de o aparelho tocar.

— Ela foi embora — disse ele. — Caiu fora e levou metade das coisas dela.

— Você ligou para a escola?

— Tentei ganhar tempo. Liguei e disse que ela estava doente. Achei que, se ela estivesse lá, eu poderia dizer que tinha me enganado.

— Mas ela não está lá.

— Ela foi embora, Tash. Fotos, escova de dentes, tudo.

— Ela deve estar no estábulo. Ou com o avô.

— Liguei para o hospital. Ninguém foi visitá-lo hoje. Eles têm certeza absoluta. Estou indo para o estábulo.

— Ela não vai abandonar o cavalo — argumentou Natasha, confiante. — Pense nisso, Mac. Ela não abandonaria o cavalo e também não se afastaria demais do avô. Ele é mais importante para Sarah do que qualquer pessoa.

— Espero que você tenha razão. Não estou gostando nada disso.

Mac parecia preocupado, o que era bem incomum.

Ela de repente pensou em Sarah, silenciosa e aceitando tudo de um jeito estranho na noite anterior. Natasha percebera que havia algo errado, mas ficara tão grata por a menina aceitar calmamente a reviravolta que se aproximava que nem pensou em questionar.

— Preciso voltar para o tribunal. Me ligue quando chegar ao estábulo. Ela está com o meu cartão de crédito, lembra? Como você disse, é provável que só tenha saído para comprar a porcaria de um pijama novo para o avô às minhas custas.

* * *

O caubói estava encostado em um carro enferrujado, conversando com um dos garotos, enquanto Mac se esforçava para abrir o portão e tentava ignorar o cachorro, que rosnou um alerta quando ele entrou. Mac deu uma olhada no arco da ferrovia: a baia do cavalo estava aberta. Dava para ver que não havia ninguém ali.

— Hum… Sr…. hum… John? Mac… Lembra-se de mim? Sou amigo da Sarah.

O caubói enfiou o cigarro na boca e apertou a mão de Mac. Pressionou os lábios.

— Ah, eu me lembro de você, sim — retrucou.

— Estou procurando a Sarah.

— Você e todo mundo — disse o velho. — Daqui até as docas de Tilbury. Não tenho ideia do que andou acontecendo por aqui desde que viajei.

O menino olhou de John para Mac e de Mac para John.

— Eu já disse, John, não passei muito tempo aqui.

— Você não serve para nada mesmo.

— Eu não me envolvo com nada, não. Você sabe disso.

— Ela esteve aqui? — perguntou Mac.

— Só vi a Sarah por um segundo. Ela nem chegou a me contar o que estava acontecendo. É uma confusão, isso é certo.

Cowboy John balançou a cabeça, triste.

— Espere aí… Você *viu* Sarah? Hoje?

— Ah, vi, sim. Vi Sarah às sete da manhã. Da última vez que a vi, ela estava em disparada pelo viaduto, como se aquele cavalo de circo

desgraçado tivesse asas. Como a garota nunca se matou fazendo isso é entre ela e o Todo-Poderoso.

— Ela saiu andando a cavalo?

— Andando? — Cowboy John olhou para Mac como se ele fosse idiota. — Você não está sabendo?

— Sabendo de quê?

— Passei a manhã toda à procura dela. Ela foi embora. Pegou aquele cavalo antes que qualquer um percebesse o que estava fazendo e foi embora.

— Foi embora para onde?

— Bom, se eu soubesse, ela estaria aqui agora!

Cowboy John sugou os dentes, irritado. O menino acendeu um cigarro, o rosto inclinado em cima da chama do isqueiro.

Mac foi até o armário de Sarah.

— Você tem a chave disto?

— Este lugar não é mais meu. Eu dei…

— Eu tenho — disse o menino. — Ela me deu uma cópia para eu dar comida para o cavalo quando ela não estivesse aqui — explicou ele.

— E você é…

— Dean.

— Ralph — corrigiu Cowboy John, empurrando o menino com seus longos dedos negros. — O nome dele é Ralph.

O garoto remexeu no bolso e pegou um enorme molho de chaves. Foi examinando uma a uma com cuidado e enfim encontrou a que correspondia ao cadeado. Mac abriu a porta. O armário estava vazio. Não havia sela no suporte, não havia bridão, só uma pescoceira e algumas escovas em uma caixa.

— John? Você está dizendo que acha que ela foi embora com o cavalo?

Cowboy John ergueu os olhos para o alto e cutucou Ralph, que estava ao seu lado.

— Mas como ele é esperto, não é mesmo? — comentou. — É, Sarah levou a porcaria do cavalo e me deixou com uma enorme pilha de cocô no lugar dele. Algumas pessoas aqui estão muito, muito insatisfeitas. Tenho a

sensação de que um monte de coisa andou acontecendo por aqui e não estou sabendo. — Ele olhou cheio de segundas intenções para Ralph. — Mas, em primeiro lugar, eu preciso achar um jeito de dizer a Le Capitaine no hospital que não faço a menor ideia de onde a preciosa menininha dele se meteu.

Mac fechou os olhos durante um bom tempo. Suspirou fundo.

— Somos dois.

* * *

O sol estava em seu ponto mais alto, e, levando-se em conta a época do ano, não era lá muito alto. Ele dera a volta e seguia na direção de Sarah, fazendo com que ela estreitasse os olhos sob do capuz. A menina fez alguns cálculos de cabeça para tentar descobrir aonde conseguiria chegar antes que escurecesse e Boo ficasse cansado demais para prosseguir.

Um cavalo de resistência talvez pudesse andar oitenta, quem sabe cem quilômetros por dia. Ela lera sobre isso. Animais assim tinham que ser treinados aos poucos até alcançar esse padrão, seus músculos iam endurecendo com o trabalho lento e incansável, e o lombo e os quartos se fortaleciam com cavalgadas regulares nas montanhas. As ferraduras precisavam ser checadas e as patas, protegidas.

Boo não havia desfrutado de nenhuma dessas precauções. Sarah conversava com ele, enquanto avançavam pelos subúrbios em um trote ligeiro, seguindo as placas para Dartford. Sentiu os passos dele ficando mais pesados e notou em suas orelhas e em seu passo ritmado a esperança de que ela pedisse para que andasse mais devagar. Ainda não, disse-lhe em silêncio, pressionando de leve as pernas, um leve ajuste no assento. Ainda não.

O lugar onde se encontravam no momento era mais movimentado, e a visão de uma menina montada a cavalo atraía olhares curiosos e um ou outro grito de motoristas de van ou de crianças reunidas na fila da lanchonete. Mas ela mantinha a cabeça baixa, comunicando-se somente

com o cavalo. Em geral, Sarah conseguia passar pelas pessoas antes que elas se dessem conta do que tinham visto.

Só depois de encontrar uma rua tranquila ela se arriscou a usar um caixa automático. Apeou, conduziu Boo pela calçada, tirou o cartão de Natasha do bolso e digitou o número que sabia de cor. Estava tatuado em sua mente. A máquina chiou e examinou o pedido dela durante um tempo que pareceu interminável. O coração de Sarah acelerou. Àquela altura, talvez eles já soubessem. Natasha teria descoberto o que ela fizera, a extensão de sua traição. Sarah tivera vontade de deixar um bilhete para eles, de explicar, mas não conseguiu encontrar as palavras, os pensamentos ainda turvos por causa do medo, do choque e da sensação de perda. E ela não podia arriscar que alguém soubesse aonde ia.

Finalmente a mensagem piscou na tela. Quanto dinheiro ela queria? *Dez, vinte, cinquenta, cem, duzentas e cinquenta libras?* Depois das semanas que passara economizando tanto, preocupada com cada libra, os números pareceram estonteantes. Ela não queria roubar, mas sabia que, quando percebessem que havia levado o cartão, os Macauley o bloqueariam. Não haveria mais dinheiro.

Talvez essa fosse sua única chance.

Sarah respirou fundo e tocou no teclado.

* * *

Ele estava esperando na frente do tribunal quando Natasha apareceu, ao meio-dia. Estava de costas para ela e deu meia-volta quando escutou sua voz.

— Alguma notícia?

— Ela levou o cavalo.

Mac observou Natasha registrar a informação em estágios: primeiro, uma espécie de incapacidade apática de digerir o que ele dissera, depois a mesma descrença que ele próprio havia sentido. Uma risada meio acanhada com o tamanho do ridículo daquela ideia.

— Como assim ela levou o cavalo?

— Estou dizendo que fugiu com o cavalo.

— Mas para onde ela pode ir com um *cavalo*?

O olhar de Natasha desviou do rosto de Mac e foi parar atrás dele, em Cowboy John, que vinha gingando pelo corredor, cantarolando enquanto avançava. Ele tinha demorado um pouco para conseguir subir a escada.

— Não entendo por que você não podia ter telefonado — reclamou ele, arfando, e colocou a mão com força no ombro de Mac.

O caubói cheirava a couro velho e cachorro molhado.

Mac deu um passo para trás, fazendo com que o velho chegasse mais para a frente.

— Natasha, este aqui é… Cowboy John. Ele cuida do estábulo onde Sarah deixa o cavalo.

— Eu cuidava. Caramba! Se eu tivesse tomado conta das coisas, nunca teríamos nos metido nesta confusão.

Cowboy John apertou a mão dela rapidinho, então se abaixou e tossiu em um lenço.

Natasha fez uma careta, com a mão ainda estendida. Um pequeno grupo de pessoas os observava discretamente. Mais para o fim do corredor, uma mulher loira e magra com roupas caras ficou tão chocada que se calou de repente.

— Então, o que vamos fazer?

— Encontrar Sarah seria um começo. Acho que devíamos nos dividir e começar a perguntar por aí. Uma menina montada em um cavalo daqueles deve chamar atenção.

— Mas você disse que passou a manhã toda procurando por ela e não descobriu nada. John a viu perto do mato — explicou Mac.

John tocou na aba do chapéu, olhando para o nada com os olhos cheios de água.

— Ela sabia para onde ia, é só o que posso dizer. Estava com uma mochila nas costas e saiu em disparada.

— Ela planejou tudo. Temos que avisar a polícia, Tash.

John balançou a cabeça com veemência.

— É melhor não envolver gente xereta. Foi isso que meteu Sarah nessa confusão, para começo de conversa. Além do mais… a polícia? Nananinanão. Aquela menina não fez nada errado. Ela armou uma confusão, sim, mas não fez nada errado de verdade…

Mac olhou para Natasha. Nenhum dos dois falou nada. Ele esperou, irritado com a reticência dela. Então, para lembrá-la do que ela própria declarara, disse:

— Você é quem falou que temos a obrigação legal de informar se ela sumir. — Natasha deu uma olhada no corredor e estreitou os olhos. — Tash?

O que ela disse em seguida fez Mac baixar a cabeça, sem saber bem se tinha escutado direito.

— Olhe, eu não quero informar às autoridades por enquanto. Ela voltou da última vez, não foi? — Natasha se virou de novo para John. — Você conhece Sarah. Para onde ela pode ter ido?

— O único lugar para onde aquela menina iria é para o avô dela.

— Então, vamos até lá — disse Mac. — Vamos conversar com ele. Quem sabe tem alguma ideia. Tash? — Ela ficou ali parada encarando-o. — O que foi?

— Eu não posso ir, Mac. Estou no meio de uma audiência.

— Tash, Sarah *desapareceu*.

— Eu sei muito bem disso, mas ela já desapareceu antes. E eu não posso simplesmente largar tudo toda vez que ela resolve desaparecer durante algumas horas.

— Vou dizer uma coisa, acho que ela não pretende voltar logo — soltou Cowboy John, tirando o chapéu e coçando o topo da cabeça.

— Eu não posso abandonar este caso. — Natasha apontou para o fim do corredor, para a loira magra que, naquele momento, estava enrolada em um xale de caxemira como se fosse uma vítima de acidente. — Este é o maior caso da minha carreira. Você sabe disso. — Natasha não conseguiu olhá-lo nos olhos e ficou um pouco corada. O estômago dele se contorceu de raiva. — Eu não posso simplesmente largar tudo, Mac.

— Então peço desculpas por ter incomodado — disse ele, ríspido. — Ligo para você na casa do Conor quando ela aparecer, pode ser?

— Mac! — protestou Natasha, mas ele já tinha lhe dado as costas. De algum modo, quase nada que ela fizera antes o decepcionara tanto quanto aquilo. — *Mac!*

Ele escutou Cowboy John arrastando os pés e arfando atrás dele.

— Ai, caramba, você vai mesmo me fazer passar por todos aqueles degraus de novo?

* * *

"Quanto mais largo o peito, mais bonito e forte é o animal. (…) O pescoço então protegeria o cavaleiro e o olho veria o que está na frente da pata."

Ela não se lembrava de uma só ocasião em que Vô a abraçara; não do jeito que Vó a abraçava, como se aquilo fosse tão natural para ela quanto respirar. Quando chegava da escola, Sarah ia até a poltrona da avó e ela a puxava para o avental de nylon que usava em casa, fazendo o perfume quente e doce, um cheiro parecido com o de talco, encher as narinas da menina, que se acomodava no peito coberto de matelassê, uma fonte eterna de amor e segurança. Quando dava boa-noite a Sarah, a avó a abraçava por mais tempo do que o necessário e depois repreendia a si mesma por isso.

Depois que Vó morreu, Sarah, tomada pela tristeza, às vezes se encostava em Vô, que a envolvia com um dos braços e dava tapinhas em seu ombro. Mas não era um gesto que ele fazia com naturalidade, e a menina sempre tinha a sensação de que o avô ficava um pouco aliviado quando ela se recompunha. Sarah sentira a falta de contato humano como se fosse uma dor muito antes de compreender o que de fato lhe fazia falta.

Certo dia, mais ou menos um ano antes, o avô estava sentado na mesa da cozinha quando ela chegou do estábulo mais cedo do que de costume e perguntou o que ele estava lendo. Sarah já vira aquele livro tantas vezes que ele nunca lhe despertara a curiosidade. O avô colocara o volume com cuidado no tampo laminado da mesa e começara a falar sobre um homem

que tinha a habilidade de um poeta, o domínio do campo de batalha de um general e que fora um dos primeiros a defender uma parceria com o cavalo que não fosse baseada na crueldade nem na força. Vô leu alguns trechos para ela. As palavras, se não fosse pelo tom antiquado da tradução, poderiam ter saído de qualquer manual moderno sobre hipismo: "Portanto, sempre que é induzido a se comportar de acordo com as atitudes que assume naturalmente, quando está mais ansioso para exibir sua beleza, há de demonstrar que ele tem prazer em ser montado e que aquilo lhe confere uma aparência nobre, arrebatada e atraente."

Sarah se aproximara um pouco mais do avô.

— É por isso que eu sempre digo a você para nunca perder a paciência com um cavalo. É preciso tratá-lo com bondade e respeito. Está tudo aqui. Ele é o pai do adestramento de cavalos — explicara Vô, dando tapinhas no livro.

— Ele devia amar mesmo os cavalos — comentara Sarah.

— Não. — Vô balançara a cabeça em um gesto enfático.

— Mas ele disse…

— Não tem nada a ver com amor — explicara ele. — Não tem nem uma menção ao amor no livro. Ele não é sentimental. Faz todas as coisas, demonstra toda essa *douceur*, porque entende que é assim que se extrai o melhor que o animal tem a oferecer. É assim que homem e cavalo triunfam juntos. Não com esse negócio de beijinho, beijinho. — Ele fizera uma careta, e Sarah rira. — Não tem nada a ver com emoção. Ele sabe que o melhor para o cavalo e para o homem é que simplesmente se compreendam e se respeitem.

— Não entendi.

— O que um cavalo deseja não é ser um cachorrinho de colo, *chérie*. Ele não quer ser enfeitado com fitas, não quer que cantem para ele como essas meninas bobas fazem no estábulo. Um cavalo é *dangereux*, poderoso. Mas pode ser obediente. Para motivar um cavalo a fazer o que você quer, a protegê-la, você precisa compreender as coisas que ele próprio quer fazer. Assim, você consegue obter algo lindo.

Vô ficara olhando para Sarah, tentando se assegurar de que ela havia entendido. Mas ela se sentia decepcionada. Queria acreditar que Boo a amava. Queria que ele fosse atrás dela no pátio não porque ela talvez tivesse comida, mas porque precisava estar com ela. Não queria pensar nele como o meio para um fim.

O avô deu tapinhas na mão dela.

— O que Xenofonte pede é melhor. Ele pede respeito, o máximo de cuidado possível, consistência, justiça, delicadeza. Será que o cavalo ficaria mais feliz se ele falasse de amor? *Non*. — A menina estivera determinada a não concordar com o avô. — Mas com certeza dá para ver que existe amor no que ele faz — dissera Vô, com o canto dos olhos se enrugando. — Há amor no que ele faz, no que ele… propõe. O simples fato de ele não falar disso não significa que o amor não está presente em cada palavra do livro. Está ali, Sarah. Em. Cada. Pequena. Ação. — Ele batera na mesa.

A menina não tinha percebido na ocasião, mas nesse momento se dava conta: aquilo fora o mais próximo que ele chegara de lhe dizer quanto a amava.

* * *

Os dois haviam descansado nas proximidades de Sittingbourne, onde Sarah permitira que Boo pastasse nas beiradas verdejantes dos campos com a rédea comprida, ela própria com fome suficiente para enfim se permitir comer um dos pãezinhos que trouxera. Acomodou-se em uma alameda tranquila, sentada em cima de um saco plástico para se proteger da grama molhada, e observou a cabeça de seu cavalo se levantar quando ele se distraía da pastagem por um corvo distante ou, em uma ocasião, um cervo ao lado de uma mata.

Sarah cavalgara com rapidez pelo terreno aberto, galopando pelas beiradas dos campos arados, seguindo trilhas de terra quando possível, permanecendo nas beiradas para proteger as patas de Boo. Durante todo esse tempo, mantivera a estrada à direita, escutando o ruído distante do

trânsito, ciente de que não se perderia enquanto estivesse perto da via. Boo ficara energizado com o verde. Tinha empinado várias vezes quando Sarah o deixara correr solto em uma reta plana e longa, agitando a cabeça de animação e com o rabo erguido. Ela se flagrara dando risada, incentivando-o para que avançasse, apesar de saber que devia reservar a energia dele para as horas que viriam depois.

Quando é que ele tinha ficado livre assim? Quando é que os olhos dele haviam se enchido apenas com horizontes verdejantes ao longe, seus cascos acolhidos pelo piso macio? Quando é que ela fora tão livre? Durante alguns quilômetros gloriosos, Sarah se permitiu esquecer o que estava deixando para trás e se concentrar apenas no simples prazer de estar conectada àquele animal maravilhoso, compartilhando do prazer dele naquele ambiente, sentindo a alegria de uma força superior disposta a se aderir a ela. Os dois dispararam pelas beiradas dos campos, saltando os arbustos e as valetas cheias de água parada. Boo, contagiado pela disposição dela, avançava cada vez mais rápido, recusando-se a desacelerar ao atravessar pequenas alamedas, preferindo saltá-las, com as orelhas eriçadas, as patas longas engolindo o solo.

Acho que, se me transformar em cavaleiro, serei um homem com asas.

Ela ganhara asas, como Xenofonte. Fez com que o cavalo fosse mais rápido, engolindo em seco, rindo, com lágrimas se acumulando nos cantos dos olhos e escorrendo pelo rosto na horizontal. Ele mordeu o bidão com mais força, esticou o corpo e correu do jeito que os cavalos fazem desde o início dos tempos, por medo, por prazer, pela glória de fazer aquilo. Ela permitiu. Não importava para onde ia. O coração dela estava acelerado, transbordante. Era disso que Vô havia falado: da *passage*, da avaliação cuidadosa do que poderia ser conquistado, não do tempo interminável que era gasto para aperfeiçoar um movimento das patas dele e nem das rodas. Uma frase do avô voltava toda hora à mente dela, ritmada, acompanhando as batidas dos cascos de Boo no solo.

"É assim que você vai escapar", dissera ele.

É assim que você vai escapar.

* * *

— Segunda visita desta tarde. Ele *vai* ficar contente. — A enfermeira tinha acabado de fechar a porta quando eles chegaram ao quarto do Capitão. Ela hesitou. — Preciso dizer que ele não tem passado muito bem nos últimos dias. O médico vai fazer uma consulta hoje à tarde, mas desconfiamos que ele tenha sofrido outro derrame. Talvez vocês tenham um pouco de dificuldade para entender o que ele diz.

Mac viu a expressão desolada de John. Ele já havia insistido para fazer um longo intervalo e fumar no estacionamento antes de entrar, para conseguir encarar a provação que teria pela frente.

— Segunda visita? — indagou Mac. — A neta dele esteve aqui?

— Neta? — disse ela, animada. — Não… um menino. Ele parecia conhecê-lo. Um garoto bonzinho.

Cowboy John mal pareceu assimilar a informação. Balançou a cabeça de leve, como se estivesse se recompondo, e os dois entraram no quarto.

A cabeça do Capitão estava apoiada no travesseiro, a boca, um pouco aberta. Em poucos dias, ele parecia ter envelhecido mais dez anos.

Cada um se posicionou de um lado da cama, acomodando-se nas cadeiras com todo o cuidado para não acordá-lo. Mac batucou os dedos nos joelhos, perguntando-se se eles deviam mesmo estar ali. John deu uma olhada no idoso, então focou o olhar em uma das fotos de Sarah e Boo e nas desgastadas fitas de decoração de Natal penduradas nas paredes ao seu redor.

— Gostei das fotos — comentou. — É bom para ele poder vê-las.

O caubói e Mac esperaram por um tempo. Nenhum dos dois queria acordar o idoso para lhe dar a notícia catastrófica de que ambos o tinham desapontado da pior maneira possível. A respiração do Capitão era superficial, como se cada inspiração fosse um esforço, uma reflexão tardia de um corpo cansado demais para fazer qualquer coisa além de existir. A mão esquerda dele, que fora forte um dia, tornara-se uma garra atrofiada em cima do peito, mal coberta pelo lençol. As bochechas estavam fundas, a pele, seca e transparente, exibindo as veias arroxeadas de maneira

dolorosa. Um copo transparente, cheio até a metade de chá leitoso, fora colocado na mesinha ao lado dele, com um bico rígido que saía da tampa.

Mac rompeu o silêncio.

— Não podemos contar para ele, John — sussurrou.

— Você não tem o direito de *não* contar para ele. Sarah é a pessoa mais próxima do homem. Ela desapareceu, ele tem o direito de ajudar a gente a encontrar a menina.

Como é que ele conseguiria fazer isso?, Mac queria questionar. Como é que saber da situação poderia surtir qualquer outro efeito além de deixar o idoso arrasado? Mac apoiou os cotovelos nos joelhos e deixou a cabeça cair. Preferiria estar em qualquer lugar que não aquele. Queria estar vasculhando as ruas, conversando com pessoas. Preferiria ir a uma delegacia confessar sua incompetência como aspirante a pai, interrogando os amigos de Sarah. Uma menina e um cavalo não podiam simplesmente evaporar. Era impossível que ninguém os tivesse visto.

— Ora… ora, Capitaine…

Mac ergueu os olhos. Cowboy John sorria.

— Como vai, seu filho da mãe preguiçoso? Já está cansado de ficar deitado nessa cama?

O Capitão virou a cabeça devagar na direção dele. O movimento pareceu exigir um esforço fora do comum.

— Você quer alguma coisa? — John se inclinou para a frente. — Um copo d'água? Algo mais forte? Tenho um pouco de uísque no bolso.

O caubói sorriu. O Capitão piscou. Talvez estivesse demonstrando animação. Ou talvez tivesse apenas piscado.

— Ouvi dizer que você não está passando muito bem.

O velho olhou firme para ele.

Mac percebeu que até John estava vacilando: ele se virou para Mac, então voltou-se para o idoso.

— Capitaine, eu… eu preciso contar uma coisa. — Ele engoliu em seco. — Preciso contar que Sarah fez algo meio maluco.

O idoso continuava encarando-o, àquela altura sem piscar os olhos azuis.

— Ela fugiu com aquele cavalo. E… e pode ser que, quando eu sair daqui, ela já tenha voltado para o estábulo e esteja nos esperando. Mas, preciso dizer, acho que ela… — Cowboy John respirou fundo. — Acho que ela pegou o cavalo e foi para algum lugar.

Atrás dele, Sarah sorria em preto e branco com o corpo inclinado para a frente, apoiada no pescoço do cavalo, com uma mecha solta do cabelo na boca.

— Não queríamos deixar o senhor preocupado — disse Mac. — E ela tem ficado bem com a gente. De verdade. Anda feliz, o mais feliz possível sem o senhor… e com toda a certeza nunca deu nenhum motivo para nos preocuparmos de verdade. Mas, hoje de manhã, eu entrei no quarto dela, e aquele livro dela e uma mochila tinham desaparecido. E quando olhei no banheiro…

— Mac… — interrompeu John.

— …a escova de dentes dela não estava lá. E é bem provável que o John tenha razão e agora ela esteja lá, rindo de nós, mas eu fiquei imaginando se tem algum lugar em que o senhor acha que ela possa estar, se…

— Mac, cale a boca, caramba — interrompeu o caubói. Mac parou. John indicou o idoso com a cabeça. — Ele está tentando falar — disse, inclinando-se e tirando o chapéu para aproximar a orelha da boca do velho. Os olhos dele encontraram os de Mac. — Ei? — disse ele, confuso.

Mac se inclinou para a frente no lugar do caubói, esforçando-se para escutar o suspiro por cima do barulho dos aparelhos e a conversa das enfermeiras no corredor. O idoso se sentou ereto.

— Eu sei — repetiu.

Mac percebeu que o idoso não tinha se alterado em absoluto com a revelação. Não havia vestígio de ansiedade em sua expressão. Os olhos de Mac foram ao encontro dos de John.

— Ele disse que *sabe*.

19

"Um cavalo desobediente não é apenas inútil, mas também com frequência faz as vezes de um traidor."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

A chuva tinha se firmado mais ou menos no meio da tarde. No começo eram só alguns pingos incertos, mas o peso deles (e a fatia de céu escuro que se aproximava com rapidez) servia de aviso para o que estava por vir. Foi como se a luz do dia tivesse se apagado em minutos, sem o cair paulatino da noite, sem a graduação suave do pôr do sol: em um momento havia luz e então, em um intervalo que pareceu durar poucos minutos, tudo estava preto e com uma chuva pesada e insistente.

O motorista freou com uma derrapada diante dela. Sarah puxou Boo para trás, apreensiva, mas o homem colocou a cabeça para fora da janela.

— Sua idiota! Você deveria estar usando uma faixa reflexiva — berrou. — Eu podia ter atropelado vocês dois.

Quando ela conseguiu falar, sua voz saiu esganiçada, tomada pelo medo.

— Desculpe. Eu… eu me esqueci de trazer.

— Então vá para a estrada principal — retrucou ele, com as luzes de freio piscando. — Onde dá para ver você.

Já estava escuro. A chuva caía sem parar já fazia quase uma hora, e Boo, com sua animação dissipada depois de tantos quilômetros extras, caminhava e trotava meio arrastado, com a cabeça tão baixa quanto Sarah permitia, a crina emplastrada no pescoço. A menina tentou incentivá-lo, mas também estava exausta. A mochila cheia de coisas que ela havia acreditado que fossem de valor incalculável tinha pesado sobre seus

ombros nos dezesseis quilômetros anteriores, e seu bumbum estava tão dolorido que ela mudava de posição a intervalos regulares, tentando em vão encontrar um jeito de ficar confortável. A sela ia escurecendo por causa da água e, apesar do casaco impermeável, sua calça jeans estava ensopada. Ela sabia que, se ainda precisasse cavalgar por muito tempo, o tecido áspero e molhado arranharia a pele gelada. Mas ainda enxergava as luzes da cidade. Prometeu ao cavalo que eles logo descansariam.

Quando Sarah chegou à estrada de pista dupla, o trânsito era ensurdecedor. Ela ficou pelas beiradas e ignorou o brilho dos faróis dos carros e o barulho atordoante, abrindo caminho por entre os caminhões que se enfileiravam no acostamento alargado, todos parados na última parte da estrada de alta velocidade. Passou por cabines com as cortinas fechadas, dando indicação de que motoristas dormiam lá dentro; em outras, pequenas televisões lançavam sombras em movimento pelos interiores coloridos e com aparência de lares, enfeitados com objetos brilhantes. Ela viu caminhões tchecos, caminhões poloneses, fotografias de famílias e pôsteres de mulheres nuas, cartazes feitos à mão avisando que "Este caminhão é vistoriado regularmente" e que "Imigrantes ilegais serão processados". Alguns motoristas a viram quando passou; um deles gritou algo que ela não entendeu direito.

Boo estava cansado demais para se incomodar com qualquer uma daquelas coisas. Começara a ficar sem equilíbrio; suas patas avançavam com muita dificuldade. E então ali estava: a enorme placa arqueada por cima da estrada principal. Sarah aprumou o corpo e segurou as rédeas com firmeza. Quando chegou ao topo da colina, viu as balsas de janelas reluzentes paradas no porto, o elegante labirinto de viadutos guiando o trânsito na direção delas.

Mais três quilômetros. Ela sentiu o germe de algo parecido com animação dentro do peito. Passou a mão pelo pescoço do cavalo exausto, implorando a ele que aguentasse mais um pouco.

— Você consegue — murmurou. — Só falta a gente chegar até lá. E eu prometo que nunca mais vou sair do seu lado.

* * *

— Pode informar o seu nome para o tribunal, por favor?

— Constance Devlin.

— E, por favor, diga sua profissão.

— Sou professora na escola Norbridge. Sou a titular do quarto ano e ocupo essa posição há onze anos.

Ela fez uma pausa para beber um pouco de água e deu uma olhada na claraboia, onde a chuva batia.

— Srta. Devlin, há quanto tempo conhece Lucy Persey?

— Bom, a escola é pequena. Eu a conheço desde que ela começou no jardim de infância e dei aula para ela no ano passado. Também dou aula particular de idiomas, e Lucy vem fazendo aula extra há quase dois anos.

— A senhorita poderia falar um pouco mais alto? — pediu o juiz. — Não consigo escutá-la direito.

A mulher ficou vermelha. Natasha sorriu para ela, tentando dar uma força. Fora do tribunal, Constance Devlin havia sido uma testemunha estranhamente nervosa. Dissera várias vezes a Natasha que não estava nada contente de ser arrastada para aquela situação. Aquilo não era responsabilidade dela, que nunca estivera em um tribunal. E a professora tinha certeza de que a escola também não estava nada contente por ela se envolver em um caso de divórcio. Natasha entendera tudo de imediato: a mulher era do tipo solteirona e só se sentia à vontade no próprio ambiente, um mundo de meninas boazinhas, a atmosfera velada e rarefeita de uma escola exclusiva. Ela devia ser dedicada ao trabalho e se desmanchar em lágrimas quando colocavam a marca errada de remédio para má digestão na sala dos professores.

— Eu preferiria de verdade que me fizessem o menor número possível de perguntas. — As mãos trêmulas traíam o tom cuidadoso e determinado com que ela falava.

— Diria que conhece bem os seus alunos, Srta. Devlin? — Natasha usou o tom de voz mais suave possível.

— Conheço. Provavelmente melhor do que a maioria dos professores. — Ela olhou para o juiz, torcendo o lenço nervosamente por entre os dedos roliços. — Nossas turmas são bem pequenas. É uma escola bem… pequena e boa.

— E, desde que passou a conviver com Lucy Persey, o que a senhorita acha dela?

Constance Devlin hesitou.

— Bom, ela nunca foi o que se pode chamar de aluna de destaque. Até mesmo no jardim de infância era um pouco tímida. Mas sempre foi uma menininha alegre. Ela é inteligente. Tem um bom domínio dos números, e seu nível de alfabetização está bem acima da média. — Sorriu um pouco ao pensar na criança. Depois ficou séria. — Mas, no ano passado… ela retrocedeu um pouco.

— Retrocedeu um pouco?

— As notas caíram. Teve dificuldade na escola.

— A personalidade dela chegou a mudar?

— Na minha opinião, ela foi ficando cada vez mais fechada.

Ben entrou no tribunal e se sentou em silêncio atrás de Natasha. Ela esperou por mais um bilhete, mas ele só lhe entregou uma pasta com boletins escolares, e a mente dela divagou. Mac devia estar no hospital. Será que, se tivesse encontrado Sarah lá, teria ligado para avisá-la?

— Diz aqui, Srta. Devlin, que Lucy faltou muito à escola.

— Em diversas ocasiões, sim.

— Uma média de quinze dias a cada semestre. Os pais estavam cientes?

— Eu… parti do princípio que sim. Costumamos lidar com a Sra. Persey.

— Costumam lidar com a Sra. Persey. — Natasha deixou essas palavras no ar. No banco, ela viu o Sr. Persey cochichando em tom de urgência com seu advogado. — E quais foram as justificativas que a Sra. Persey deu para as faltas da filha?

— Não foi nada muito específico. Ela dizia que Lucy não estava se sentindo bem. De vez em quando era uma dor de cabeça. Houve vezes em que não deu justificativa alguma.

— E o que a escola achou dessas faltas?

— Nós ficamos um pouco preocupados com a quantidade. E… com a mudança no comportamento de Lucy.

— O fato de ter ficado mais fechada e passado a ir mal nos estudos?

— Isso.

— Srta. Devlin, há quanto tempo a senhorita é professora?

A respiração dela ficou mais pesada, a voz se exaltou um pouco.

— Vinte e quatro anos. — Ela observou o tribunal quando falou.

Natasha deu um sorriso de incentivo para a mulher.

— De acordo com a sua experiência, quando a personalidade e o desempenho acadêmico de uma criança mudam e, além disso, ela passa a faltar à escola com cada vez mais frequência, qual seria a explicação?

— Protesto. — Simpson estava de pé. — Isso é pedir para a testemunha extrapolar.

— Acredito que a experiência da Srta. Devlin nesse assunto seja válida, Excelência.

— Reformule a sua pergunta, Sra. Macauley.

— Srta. Devlin, de acordo com a sua experiência, a senhorita acredita que tais mudanças de comportamento sugerem problemas em casa?

— Protesto, Excelência.

— Sente-se, Sr. Simpson. Eu gostaria que a pergunta fosse reformulada, Sra. Macauley.

— Em casos em que há problemas em casa, Srta. Devlin, quais seriam, na sua opinião, as mudanças de comportamento mais comuns que se tornam evidentes na escola?

— Bem… — A Srta. Devlin olhou, sem jeito, para o Sr. Persey — …eu diria desempenho ruim… talvez um comportamento mais fechado ou impulsivo. Pode variar entre esses dois.

— E, durante sua carreira de professora, a senhorita deu aulas para muitas crianças que tinham problemas em casa dos quais a escola estava ciente?

— Ah, sim — respondeu ela, um tanto cansada. — Infelizmente, o fato de as crianças estudarem em uma escola particular não garante que elas

não tenham problemas com a família.

— Srta. Devlin, se houvesse algo seriamente errado em casa; se, digamos, Lucy tivesse sofrido algo ainda mais grave do que o trauma do divórcio, a senhorita acha que conseguiria perceber?

Um longo silêncio se instalou, tão longo que o juiz parou de fazer o que estava fazendo e ficou batucando com a caneta, na expectativa. Natasha, enquanto esperava a mulher organizar os pensamentos, rabiscou um bilhete para Ben: *Mac ligou?*

Ele balançou a cabeça.

— Srta. Devlin? — interveio o juiz. — Ouviu a pergunta?

— Ouvi, sim — respondeu ela em um tom de voz baixo e preciso. — Ouvi, e a reposta é que não sei. — *Droga*, pensou Natasha. A Srta. Devlin colocou as mãos na madeira à sua frente. — Só sei que, quando uma criança fica muito quieta, significa que ela está sofrendo. Em Lucy, o silêncio, a falta de alegria com as coisas que antes a deixavam contente, o afastamento dos amigos, tudo isso me indica que ela está sofrendo. — A professora respirou fundo. — Mas eu não sei exatamente o que crianças feito Lucy sofrem, porque elas não confiam o suficiente em nós para contar. Não falam nada para os professores, e não contam nada aos pais porque não sabem ao certo se eles não vão ficar bravos ao ouvirem algo que não querem. Então, não, Sra. Macauley, as crianças não nos contam nada porque, na maioria das vezes, ninguém escuta mesmo. — Todos no tribunal ficaram imóveis. A Srta. Devlin passara a falar diretamente com os pais, com o rosto corado, a voz aumentando de volume e de urgência. — Vejo isso semana após semana, ano após ano. Observo o mundo dessas crianças desmoronar, a vida que elas conhecem se dissolver sem que elas tenham o menor controle sobre isso. Elas não têm poder para decidir onde vão morar, com quem vão passar o tempo, quem vai ser a nova mamãe ou o novo papai… Nossa, às vezes elas não podem opinar nem no próprio sobrenome novo. E nós, os professores, que deveríamos servir de modelo para essas crianças, temos que dizer a elas que está tudo bem, que a vida é assim, que elas só têm que aceitar e seguir em frente. Ah, e ainda por cima garantir que tirem notas boas.

— Srta. Devlin… — interrompeu o juiz.

No entanto, parecia que uma barragem se rompera.

— Mas não é. É uma traição. É uma traição, e todos nós ficamos em silêncio porque… Bom, porque a vida é dura, e às vezes essas crianças precisam aprender isso, não é mesmo? É só a *vida*. Mas, se os senhores pudessem olhar para essas situações a partir da posição que ocupo, essas crianças perdidas, *perdidas*, vagando por aí, mais solitárias do que se pode acreditar… Todo o potencial desperdiçado… Bom, sinceramente, para mim não faz diferença se a criança apanhou ou não. — Ela enxugou o rosto com a mão gorducha. — Ah, sim, eu sei o que está me perguntando, Sra. Macauley. Sim, foi o que eu disse: para mim, não faz diferença. E o fato de eu estar aqui e de estarem pedindo para que eu especifique exatamente qual pedacinho daquela menina está doendo e de quem é a culpa, para ver quem ganha mais nessa picuinha marital pavorosa, com toda a sinceridade, faz com que eu seja cúmplice.

A Sra. Persey estava sentada em um silêncio paralisante; o marido dela, do outro lado da sala, cochichava, furioso, com o advogado dele:

— Não vou ficar aqui escutando isso! Essa mulher é obviamente histérica.

— Srta. Devlin… — disse Natasha, hesitando porque a mulher ergueu a mão.

— Não — disse a professora, com firmeza. — Você me pediu para participar disto, então eu vou falar tudo. Ah, sim, todos vão sobreviver. — Ela assentiu com sarcasmo. — Como vocês sem dúvida dizem a si mesmos, essas crianças vão crescer um pouco mais rápido e ficar um pouco mais sábias. Mas querem saber o que mais? Elas vão parar de confiar. Vão ficar um pouco mais céticas. Vão passar a vida inteira esperando o momento em que tudo vai desmoronar de novo. Porque é raro, é *raríssimo*, alguém ser capaz de conter a própria dor e, ainda assim, oferecer a uma criança o apoio e a compreensão de que ela precisa. Pela minha experiência, a maioria dos pais e das mães não tem tempo nem energia para garantir que isso aconteça. Talvez eles sejam apenas egoístas demais. Mas como é que eu vou saber? Eu não sou mãe. Não sou nem

casada. Não passo de uma das pessoas azaradas que são pagas para recolher os cacos.

Ela parou. O tribunal estava em total silêncio, em expectativa. O escrivão, que estava digitando em certa velocidade, parou e ficou esperando. Mas a Srta. Devlin respirou fundo. Quando parecia ter se recomposto, ela se virou para o juiz.

— Por favor, pode me dar permissão para me retirar? Eu gostaria muito de ir embora.

O juiz parecia completamente estupefato. Olhou para Natasha. Ela assentiu sem dizer nada e percebeu que Simpson fazia o mesmo.

A professora pegou a bolsa e saiu caminhando determinada na direção da porta. Ao passar pela fileira em que o casal Persey estava, parou. As orelhas dela ficaram rosadas e sua voz falhou conforme falava:

— Vai ser muito fácil Lucy seguir pelo caminho errado. É só pararem de escutá-la.

Natasha ficou parada, observando a mulher baixinha e vestida com esmero desaparecer pela porta de madeira pesada. Ouviu um murmúrio de insatisfação à direita. De repente, viu a cena como que do ponto de vista de outra pessoa, enquadrada feito Mac faria: os pais, para variar, mais furiosos com um inimigo comum do que entre si; o estagiário dela sorrindo com um prazer só dele diante da reviravolta inesperada; o juiz cochichando com o escrivão. Então ela começou a tirar os grampos da peruca.

— Excelência. Eu gostaria de pedir um recesso.

* * *

— Você quer o quê?

Ela estava no guichê de bilhetes para passageiros a pé, o casaco pingando no chão da enorme construção modular. Havia tirado o capuz, mas ainda assim a visão de uma menina de botas e calça jeans molhadas chamava a atenção. Sarah sentia uma queimação vinda dos olhos dos outros passageiros, fixos nela.

— Uma passagem — disse ela, baixinho. — Para uma pessoa e um cavalo.

— Você está brincando?

O homem gordo olhou para a fila atrás dela em busca de apoio. Estão vendo o que ela está me pedindo?, era o que dizia a sua expressão.

— Eu sei que vocês aceitam cavalos. Eles atravessam o canal o tempo todo. — Ela mostrou o passaporte de Boo. — O meu cavalo até veio da França.

— E como você acha que ele chegou aqui?

— Em um barco.

— Ele veio remando?

Sarah ouviu risadas abafadas atrás dela.

— De balsa. Eu sei que eles atravessam o tempo todo. Olhe, tenho dinheiro. E nós dois temos passaporte. Eu só preciso…

Ele gesticulava para alguém sentado a pouca distância, atrás do enorme vidro. Uma colega, com o mesmo blazer de cor berrante, levantou-se e se aproximou do guichê. Ela examinou a aparência desgrenhada de Sarah e o passaporte na mão da menina.

— Você não pode levar o cavalo com os passageiros normais — disse a mulher depois que o homem lhe explicou a situação.

— Eu sei disso. — A ansiedade endureceu a voz de Sarah. — Não sou burra. Só quero saber como posso comprar uma passagem para ele.

— Ele tem que estar em uma carreta. Você precisa contratar uma empresa especializada. Ele precisa de documentação do veterinário. Há regras do governo para o transporte de animais de fazenda.

— Ele não é um animal de fazenda. É um Selle Français.

— Por mim, ele pode ser até um pequinês. Mas existem controles rigorosos em relação à travessia do canal por animais, e, a menos que você possa me convencer de que duas daquelas pernas são falsas, ele está sujeito a essas regras.

— Você pode me ajudar? Pode me dizer onde eu encontro uma empresa assim? É urgente, de verdade. — As paredes da sala úmida e com iluminação forte pareciam estar se fechando em volta dela. Sarah amarrara

Boo à grade branca do lado de fora e, pela janela, o via ali parado, obediente, mesmo com um grupo pequeno de pessoas ao seu redor, com crianças se esticando dos braços dos pais para tocá-lo. — Eu preciso fazer a travessia ainda hoje — disse ela, e sua voz falhou.

— Não tem como você fazer isso, não sem a documentação. Não podemos simplesmente embarcar um cavalo em uma balsa para passageiros.

Alguém estalou a língua em sinal de desaprovação. De repente, Sarah se sentiu exausta, e lágrimas de frustração fizeram seus olhos arderem. Não adiantava. Dava para perceber pelo tom de voz de todos eles. A menina se virou sem falar nada e caminhou em direção à porta.

— O que ela achou que era isto aqui? Escolinha de montaria?

Ao sair do recinto Sarah escutou as pessoas rindo, atingida pela brisa fria.

Desamarrou Boo. Uma empresa de transporte? Documentos? Como é que ela ia saber de tudo aquilo? Olhou para a balsa. A rampa estava abaixada e os carros percorriam devagar a distância entre a terra firme e a embarcação, guiados até as filas estreitas por homens de coletes em cores néon. Seria impossível passar por eles. Não havia chance alguma. Um enorme soluço suprimido foi subindo pelo seu peito. Como podia ter sido tão burra?

Um homem se aproximou dela e examinou Boo de cima a baixo com o tipo de olhar que demonstrava que entendia de cavalos.

— Você está participando de algum tipo de cavalgada com patrocínio? — perguntou ele.

— Não. Sim — respondeu ela, enxugando os olhos. — Estou. Estou participando de uma cavalgada com patrocínio. Preciso chegar à França.

— Ouvi o que você disse lá dentro. Você precisa de um local de estabulação.

— Estabulação?

— É tipo um hotel para cavalos. Tem um lugar assim a uns seis quilômetros daqui, seguindo pela estrada. Lá vão poder resolver a situação para você. Tome. — Ele rabiscou um nome em um cartão de visitas e

entregou para ela. — Volte até a rotatória, pegue a terceira saída e siga por uns cinco ou seis quilômetros que você vai encontrar o lugar de que estou falando. É bem básico, mas é limpo e não vai sair muito caro. De qualquer forma, parece que o seu cavalo precisa descansar um pouco.

Sarah ficou olhando para o cartão. Estava escrito "Sítio Willett".

— Obrigada — gritou ela, mas o homem já tinha ido embora, e a voz dela foi carregada pela brisa do mar.

* * *

Natasha se recostou na cadeira e ficou passando o cavalo de prata de uma das mãos à outra. O objeto escurecera um pouco, e ela o esfregou, observando o cinza se transferir para os seus dedos.

Richard, o sócio sênior, estava conversando com um cliente. A voz ribombante dele e a acústica péssima da construção antiga significavam que o som se propagava pelo corredor como se ele estivesse na sala ao lado. Estava rindo, um som cordial, explosivo. Por um instante, Natasha se perguntou quanto Linda já tinha escutado de suas conversas telefônicas ao longo dos anos: as vistorias do carro, os papanicolaus que ela perdera, as objeções balbuciadas de seu casamento falido. Ela nunca havia pensado em como suas palavras poderiam ser audíveis.

Eram quinze para as quatro.

As pastas à frente dela estavam organizadas, empilhadas e etiquetadas. Com cuidado, ela colocou o cavalinho em cima da pilha. Sarah, ao seu modo, não era diferente de Ali Ahmadi. Vira uma oportunidade e a aproveitara; aquele era o caminho de todas as crianças cujos primeiros anos as haviam forçado a depender apenas de si mesmas. O comportamento da menina, apesar de imprevisível, não era inexplicável.

E, mesmo que estivesse irritada, Natasha sabia que não podia culpar a garota. Ela culpava a si mesma por pensar que poderia absorver Sarah em sua vida sem nenhum custo, sem reverberações para atribular sua existência tão cuidadosamente organizada. E, assim como no caso de Ali Ahmadi, ela havia sido recompensada em dobro.

Natasha levara quase quarenta minutos para convencer a Sra. Persey de que Richard era a pessoa certa para assumir o caso.

— Mas eu quero você — reclamara a cliente. — Sabe como o meu marido é. Você disse que estaria presente.

— Nós instruímos Michael Harrington por um motivo. Ele é o melhor advogado nessa área. Acredite em mim, Sra. Persey, a minha ausência não trará nenhuma desvantagem para a senhora. Com sorte, volto daqui a um ou dois dias e, enquanto isso, Richard está absolutamente a par de tudo, pronto para a senhora.

Natasha tinha sido forçada a oferecer um desconto no pagamento, pela "inconveniência". Richard disse rispidamente que o dinheiro teria de sair dos honorários dela. Natasha desconfiava que a Sra. Persey nem sequer repararia se aquilo apareceria ou não na conta final (e sem dúvida repararia menos do que Natasha no valor total), mas a mulher era o tipo de pessoa que precisava sentir que saíra ganhando em qualquer situação. Se isso era o necessário para manter a cliente, disse Richard, era o que precisava ser feito. Seu pequeno bufo de desprazer quando Natasha proferiu as palavras "emergência na família" fez com que ela de repente sentisse solidariedade pelas colegas com filhos.

— Natasha? Isso é algum tipo de piada?

Conor entrou na sala sem bater. Natasha já esperava que ele aparecesse.

— Não, não é — respondeu ela, levantando-se e mexendo em uma gaveta em busca das chaves. — É verdade, vou passar o caso Persey para outra pessoa e, sim, todo mundo é capaz de se virar muito bem sem mim por alguns dias. Com sorte, talvez eu esteja de volta amanhã.

— Você não pode simplesmente largar a porcaria do caso. É importantíssimo, Natasha. Está nos jornais.

— Richard vai assumir na minha ausência. Ela tem o Harrington para o acordo financeiro e, depois de hoje, eu ficaria muito surpresa se eles não concordarem com as questões da custódia. Nossa tímida Srta. Devlin pode nos ter feito um favor.

Conor estava do outro lado da mesa, com as mãos apoiadas no tampo.

— A Sra. Persey quer *você*. Não pode ficar dando uma de babá para ela durante toda a preparação e cair fora sem mais nem menos bem no meio de tudo.

— Já conversei com ela sobre isso. Não tenho mais nenhuma testemunha para interrogar. Posso deixar o resto para Harrington. — Conor balançou a cabeça, mas ela continuou falando: — Conor, nenhum dos dois está preocupado de verdade com o bem-estar de Lucy. Este caso tem a ver com dinheiro e com quem se dá melhor na vingança. Quase todos os divórcios são assim, como você bem sabe.

— Mas para onde você vai? — perguntou Conor.

— Não sei direito.

— Não *sabe direito*?

Linda entrara na sala com uma xícara de chá e Ben a seguira.

— Isto é interessante — murmurou ela.

— Emergência na família — disse Natasha, fechando a pasta.

Conor a encarou.

— A menina. Achei que você ia devolvê-la para a assistência social. A essa altura ela já devia ser problema de outra pessoa. — Natasha lhe disse com o olhar que ficasse quieto. Ela percebeu a curiosidade de Ben e Linda. — Deixe o Mac cuidar disso.

— Não posso.

— Mac? — repetiu Linda, já sem fingir que não estava escutando. — Mac, o seu ex? O que ele tem a ver com qualquer coisa?

Natasha a ignorou.

— Mac não sabe nem por onde começar — argumentou. — Não pode resolver isso sozinho.

— Ah, sim. Afinal de contas, é sempre preciso largar tudo pelo Mac.

— Não é assim.

— Então deixe a polícia cuidar do caso. É roubo.

Linda colocou a xícara de chá na mesa.

— Será que eu posso ajudar de alguma forma?

Natasha ficou em silêncio.

Conor estava com o maxilar cerrado.

— Natasha, preciso dizer que, se você abandonar esse caso agora, significa cometer suicídio profissional no que diz respeito a este escritório.

— Eu não tenho escolha.

— Não seja tão dramática.

— "Suicídio profissional"? Quem está sendo dramático?

— Natasha. É o *divórcio dos Persey*. Você instruiu Michael Harrington. O desfecho desse caso pode definir se você se torna sócia ou não. Pode criar uma boa reputação para este escritório. Você não pode simplesmente largar tudo para sair correndo atrás de uma criança fujona que, para começo de conversa, provavelmente enganou você para que a acolhesse.

Natasha se levantou e foi até a janela.

— Lin, Ben, será que vocês poderiam nos dar um minuto a sós, por favor? — Ela esperou os dois saírem. Tinha a forte desconfiança de que ficariam escutando atrás da porta, por isso baixou a voz. — Conor, eu…

— Você não pegou a menina roubando? E nunca teve muita certeza em relação a ela. Desde o primeiro dia.

— Você não sabe da história toda, Conor.

— Por que será?

— Certo. O que você faria, então, se fosse um dos seus filhos?

— Mas ela *não* é *sua* filha coisa nenhuma. Esse é o maldito problema.

— Eu sou legalmente responsável por ela. Ela é uma menina de quatorze anos.

— Uma menina que você estava xingando hoje de manhã por roubar seu cartão de crédito.

— O fato de ela ser uma ladra não me absolve da responsabilidade.

— Mas vale a pena destruir sua carreira por causa de uma ladrazinha? Caramba, Natasha, faz só algumas semanas que você estava nervosa achando que o garoto com o problema dos quilômetros percorridos pudesse acabar com a sua carreira. E agora você está prestes a jogar tudo fora por uma maldita adolescente que você nem está representando.

Ela ouviu as palavras dele da mesma forma que uma daquelas crianças poderia escutá-las: *maldita*, *ladra*, quanto desprezo. Natasha pegou o

casaco.

— Olhe — disse ele. — Sinto muito. Não era minha intenção falar assim. Só estou tentando proteger você.

— Isso não tem nada a ver com tentar me proteger, não é, Conor? Não tem nada a ver com proteger a minha carreira.

— O que você está querendo dizer?

— Isso tem a ver com o Mac. Você não suporta saber que eu a acolhi junto com ele e que o desaparecimento dela significa que agora eu tenho de lidar com ele.

— Ah, fala sério.

— Então qual é o problema?

— Eu sou sócio deste escritório, Natasha. Se você sumir no meio do caso, não perdemos só dinheiro. A nossa reputação vai sofrer um tremendo golpe. E você não acha que vai ficar difícil pegarmos uma porcaria de caso importante se as pessoas pensarem que serão deixadas na mão bem no meio do processo?

— Quem precisa saber? Pode ser que eu já esteja de volta amanhã. E vou explicar tudo ao Harrington. Ele vai entender.

— Que bom, porque eu não entendo. Você vai jogar *tudo* — ele deu uma ênfase horrível à palavra — fora por uma menina de quem nem gosta e por um ex-marido que transformou a sua vida em um inferno. Muito bem, boa sorte. Espero que valha a pena — disse ele, com um tom de voz gélido.

A construção daquele prédio nunca fora das mais sólidas, mas daquela vez a batida da porta foi suficiente para derrubar vários livros da estante.

* * *

Boo ouviu o barulho antes dela. Estivera tão cansado no quilômetro anterior que Sarah tinha quase chorado de culpa a cada passo. Ia arrastando os cascos, com a cabeça bem baixa, implorando com cada músculo relutante que ela lhe permitisse parar. Mas Sarah não tinha escolha: dolorida, com os ossos entorpecidos pelo cansaço, ela implorava

para que o animal avançasse. Finalmente, quando viu a placa indicando que o Sítio Willett estava a um quilômetro de distância ladeira acima, à direita, ela apeou e foi andando para permitir que Boo tivesse pelo menos aquele breve descanso; as lágrimas de exaustão se misturavam às gotas de chuva que escorriam pelo seu rosto.

E então escutaram o som, que chegou até eles carregado pelo vento furioso: um choque distante, um grunhido e um relincho, vozes de homem exaltadas. Em seguida, os barulhos desapareceram quando o vento mudou de direção.

O efeito daquilo sobre Boo foi elétrico. Ele ergueu a cabeça, esqueceu a exaustão e parou, com o corpo todo sintonizado ao som inesperado. Vô lhe dissera certa vez que cavalos eram criaturas céticas. Sempre esperavam o pior. Por mais corajoso que fosse, Boo começou a tremer, e, enquanto se esforçava para escutar com atenção, Sarah teve que conter um calafrio. O som, ainda que baixo, alertava sobre algo terrível à frente.

Os dois continuaram avançando, Boo com o passo delicado e meio trôpego de uma criatura com medo de ver o que havia adiante e, ainda assim, incapaz de se segurar e não olhar; o equivalente equino de uma mulher vestindo penhoar em um filme de terror.

Pararam ao portão e observaram a cena à frente. Um enorme caminhão-baú estava estacionado no meio do pátio com a traseira acesa à vista deles, o inesperado vermelho brilhante chamando muita atenção no meio do breu. Uma mulher com uma jaqueta acolchoada pairava na ponta da rampa com as mãos no rosto enquanto, dentro do caminhão, dois homens se esforçavam para segurar um cavalo que parecia estranhamente recurvado, a traseira forçada para baixo, a parte da frente fora de vista. Parecia que uma divisória tinha meio que caído em cima dele, e os dois homens, berrando e gesticulando entre si, tentavam soltá-lo.

Havia sangue por todo lado. O líquido cobria o chão e tinha respingado nas laterais metálicas da traseira; chegou até Sarah em uma névoa fina que fez com que ela sentisse um leve gosto metálico. Boo expirou e recuou de medo.

— Não consigo estancar. Preciso de outra atadura, Bob.

Um dos homens estava ajoelhado ao lado do pescoço do cavalo, injetando algo ali. Deixou a seringa de lado. Os braços dele estavam cobertos de algo escarlate, o rosto, sujo de vermelho. As patas do cavalo se agitavam em convulsões e o homem mais pesado, que estava perto da traseira, xingou quando um casco atingiu seu joelho.

— O veterinário está chegando — berrou a mulher. — Mas vai demorar alguns minutos. Ele está no Jake.

Ela entrou no caminhão e tentou tirar a divisória de cima do cavalo.

— Nós não temos alguns minutos.

— Posso ajudar em alguma coisa?

A mulher se virou e examinou Boo e o capacete de montaria de Sarah: símbolos básicos que mostravam que a menina podia ser útil. Ela indicou uma cocheira com a cabeça.

— Coloque o cavalo lá, querida, e me ajude a levantar isto.

— Ela não tem seguro, Jackie — resmungou o homem mais velho enquanto tentava soltar um pino no chão.

— Sem ela não vamos conseguir tirar isto daqui — argumentou o homem na traseira com um sotaque irlandês carregado. — Caramba, meu velho, como foi que você se meteu nesta confusão? — A cabeça dele desapareceu atrás da divisória. — O sedativo não está adiantando nada. Você tem outra seringa, Jackie?

Sarah enfiou Boo na baia e correu de volta para o caminhão.

— Tem um armário ali no escritório — vociferou a mulher para ela. — Está aberto. Encontre um frasco que diz… Ai, caramba, o que é mesmo?… Romifidina e uma seringa e traga para cá, pode ser?

Ela saiu em disparada, energizada pelo clima terrível, pelas batidas e pela agitação desesperada que continuava vindo do caminhão. Remexeu no armário até encontrar um frasco pequeno e transparente e uma agulha envolta em plástico. Quando voltou, as mãos da mulher já estavam estendidas, à espera.

— Ai, meu Deus, Jackie, acho que ele quebrou.

Ela ouviu a voz desesperada vindo do caminhão. Sangue escorria pelos tapetes de borracha para o pátio de pedras. Sarah ficou observando o

líquido se espalhar em formas ovais oleosas ao redor de cada pedra.

— Dê o sedativo a ele, mesmo assim. Não vai fazer a menor diferença para ele se tiver quebrado, mas, se isso ainda não houver acontecido, pode ser que ele permaneça imóvel por tempo suficiente. Cadê a porcaria do veterinário?

— Venha aqui. — Jackie fez um gesto para Sarah. — Tente segurar isto.

Sarah subiu no caminhão e pegou a parte de baixo da divisória, que estava mal fixada. Tentou segurar a base, já escorregadia por causa do sangue. Focou a atenção no pátio, tentando não olhar para o cavalo ao seu lado.

Jackie rasgou a embalagem plástica da agulha com os dentes. Abriu a tampa do frasco, enfiou a agulha no líquido e puxou o êmbolo, então entregou a seringa para o homem que estava mais para o fundo do caminhão. Sarah deu um pulo quando uma das patas traseiras deu um coice em sua direção.

— Está tudo bem aí com você, querida?

Ela assentiu sem dizer nada. Os dois homens estavam ensopados de sangue; havia uma poça nojenta ao redor da traseira do cavalo, escorrendo em um movimento calmo, lúgubre, quase pulsante. Sarah percebeu que sua calça jeans e seu casaco já estavam sujos.

— Calma, rapaz, muita calma agora. — O irlandês tentava tranquilizar o animal. — Pronto. Os olhos dele estão fechando, Jackie. Acho que esta funcionou. Mas só posso examinar a pata quando tirarmos a divisória.

As costas de Sarah doíam, mas ela não podia dizer isso a eles. Ergueu um pouco cabeça quando faróis entraram no pátio e a cegaram, então ouviu a batida de uma porta de carro e passos molhados. Um homem ruivo corria rampa acima com a maleta já aberta.

— Ah, droga, isto aqui não está nada bonito.

— Achamos que ele pode ter quebrado a pata, Tim.

— Tem muito sangue aqui. Há quanto tempo ele está sangrando assim?

— Faz alguns minutos. Amarrei um torniquete na dianteira, mas a pata sofreu um impacto enorme quando ele caiu.

As patas do cavalo estavam imóveis, ele só dava um coice fraco de vez em quando. Sarah observou o veterinário se abaixar, de costas para ela, e começou a examiná-lo. A visão do que ele fazia era bloqueada pelo irlandês e pela parte da divisória que ainda não tinha caído.

— Não entendo como ele fez isso. Entrou em pânico quando descarregamos o potro e de algum jeito conseguiu subir e passar a pata por cima. Quando tentou voltar para trás, puxou tudo para cima dele mesmo. Foi tão rápido, não dá para acreditar.

— Eu nunca deixo de me surpreender com os problemas que os cavalos arranjam para si mesmos. Vamos tirar esta divisória daqui para eu examinar o cavalo melhor. Vocês, garotas, segurem a ponta de trás, e vamos puxá-lo na nossa direção para soltar a parte da frente.

Sarah se preparou, começara suar, prestando atenção na mulher de cabelo encaracolado, já corada de tanto esforço, ao seu lado. A jaqueta dela cheirava a sangue e fumaça de cigarro. Enfim a enorme divisória central se soltou. Eles viraram a peça e a tiraram com cuidado do caminhão, depois a carregaram rampa abaixo e a apoiaram na lateral do veículo.

Jackie limpou as mãos na parte da frente da calça jeans, aparentemente alheia às marcas que deixara ali.

— Está tudo bem com você?

Sarah assentiu. A calça dela também estava vermelho-escura.

— Vamos — disse a mulher. — Não tem nada que você possa fazer agora. Vamos para o escritório. Vou preparar um chá. Quer uma xícara?

A ideia de um chá quente era tão tentadora que Sarah ficou sem palavras por um instante. Seguiu Jackie até o pequeno escritório e se sentou onde a mulher indicou. A cadeira de plástico cinza ficou manchada no mesmo instante com o sangue das roupas dela.

— Este negócio é uma dureza desgraçada — disse Jackie enquanto enchia o bule. — Só perdemos uns dois a cada ano, mas isso sempre acaba comigo. A culpa não é do Thom. Ele é cuidadoso. — Ela olhou para trás. — Açúcar? É bom para o choque.

— Sim, por favor.

A menina estava tremendo. Tivera um vislumbre do cavalo quando a divisória fora retirada: ele se parecia com Boo.

— Vou colocar duas colheres para você. E duas para mim também. Cavalo desgraçado.

Em uma das paredes, havia um grande quadro branco com os nomes de quatorze cavalos anotados. Documentação, diretrizes do Departamento de Agricultura e uma lista de telefones de emergência estavam penduradas do lado de cada um. Diversas transportadoras tinham pregado cartões na parede ao lado de um ou outro cartão de Natal e fotos de cavalos sem nome. Sarah reconheceu Jackie junto de um deles.

— Tome. — A menina aceitou o chá, agradecida pelo calor da xícara em suas mãos geladas. — Vou esperar eles terminarem para preparar o chá deles. Se conseguirem salvá-lo, ainda vai demorar um pouco.

— Você acha que ele vai sobreviver?

Jackie balançou a cabeça.

— Duvido. Nunca vi um cavalo se meter em uma situação dessas. Ele deve ter batido a pata com toda a força para entortar a divisória daquele jeito. E esses puros-sangues têm patas tão esguias… — Ela desabou em uma cadeira atrás da mesa e deu uma olhada no relógio. Então se virou para Sarah como se visse a menina pela primeira vez. — Está tarde para você estar montando. Você não é daqui, é?

— Eu… disseram que eu devia falar com você. Preciso de um estábulo para passar a noite.

Jackie a examinou com atenção.

— Você está indo para algum lugar?

Sarah deu um gole no chá e assentiu. Se os meses anteriores tinham lhe ensinado algo, era que ela deveria falar o mínimo possível.

— Você parece muito nova.

Sarah encarou a mulher.

— É o que todo mundo diz — retrucou, forçando um sorriso.

Jackie abriu um livro grande à sua frente.

— Bom, com certeza podemos oferecer uma cocheira para você. Afinal de contas, parece que vamos ter uma sobrando. Qual é o nome do seu

cavalo?

— Baucher — respondeu Sarah.

— Passaporte?

Sarah enfiou a mão na mochila e entregou o documento para Jackie.

— Todas as vacinas dele estão em dia — observou.

Jackie folheou o passaporte, rabiscou um número e o devolveu a Sarah.

— Cobramos vinte e cinco por noite, com feno e ração incluídos. Se quiser ração seca é mais caro. É só você me dizer do que ele precisa que providencio.

— Podemos ficar uns dois dias? Preciso resolver a próxima etapa da minha viagem.

Jackie batucou na mesa com a caneta esferográfica.

— Pode ficar quanto tempo quiser, querida, desde que pague. Só me deixe um telefone para contato.

— Não posso ficar aqui?

— Só se quiser uma cama de palha. — Jackie suspirou. — Você não está hospedada em algum lugar?

— Achei que vocês também hospedassem pessoas aqui.

— Não trabalhamos com humanos, querida. Não vale a pena. Os motoristas costumam dormir nos caminhões, e os outros ficam em alguma pousada. Mas posso lhe dar um telefone se você quiser. Aqui. — Ela apontou para uma lista na parede. — O Crown costuma aceitar hóspedes de última hora. Quarenta libras por noite com banheiro no quarto. A Kath vai cuidar bem de você. As coisas ficam tranquilas por lá nesta época do ano. Vou ligar para ela.

— Fica longe?

— Uns seis quilômetros ladeira acima.

Os ombros de Sarah desabaram. Ela ficou em silêncio por alguns minutos e esqueceu que precisava controlar a voz.

— Eu vim até aqui a cavalo — disse, por fim, com a voz abafada pela gola. — Não tenho como ir até lá.

Ela estava muito cansada. Não conseguiria ir mais a lugar nenhum. Imploraria para que aquela mulher a deixasse dormir no chão do

escritório.

Um tiro abafado soou.

As duas ergueram o olhar. Jackie pegou um maço de cigarros de uma gaveta à sua frente, tirou um com um gesto rápido e bateu a ponta na mesa. Esperou um instante antes de voltar a falar.

— Você disse que veio até aqui a cavalo? De onde?

O coração de Sarah ainda reverberava por causa do tiro.

— É… complicado.

Jackie acendeu o cigarro, recostou-se na cadeira e deu uma tragada profunda.

— Você está metida em confusão? — A voz dela havia endurecido.

Sarah conhecia aquele tom. Era o tom de alguém que imaginava o pior possível sobre o outro.

— Não.

— Aquele cavalo é seu?

— Você viu o passaporte dele.

A mulher a observava fixamente.

— Meu nome está nele. Olhe, ele me conhece. Faço ele me chamar se for necessário. É meu desde que tenho quatro anos.

O veterinário estava saindo do caminhão pois a questão estava resolvida.

— Temos um quarto vazio nos fundos. Vinte e cinco libras e eu incluo um jantar, já que você não tem para onde ir. Prometi a Thom que ia dar comida para ele hoje à noite, então mais uma pessoa na mesa não vai fazer muita diferença. Mas… — Ela se inclinou para a frente. — Não vou registrar que você está aqui. Tem alguma coisa errada. Posso dar abrigo a você, mas não quero me envolver.

As duas foram interrompidas quando a porta se abriu. Os homens entraram e encheram a salinha. O irlandês balançou a cabeça.

— Ah, que pena — balbuciou Jackie. — Pronto, sente-se aqui, Thom, vou fazer um chá para você. E você, Bob. Sente-se ao lado da…

— Sarah — disse ela, mantendo as mãos em volta da xícara, com medo de perder a chance de ficar ali se fizesse algo ou falasse demais.

— Fratura na pata da frente e artéria perfurada. Coitado, não tinha a menor chance. — O rosto do irlandês estava lívido de choque, com manchas vermelhas nos lugares em que ele devia ter encostado sem perceber. — Tim nem teve tempo de assinar a papelada dele. Está com uma égua dando cria. Entra um, sai outro, não é?

— Ah, que se dane o chá. — Jackie bateu a tampa no bule. — Isto aqui está pedindo uma dose de remédio. — Estendeu a mão para a outra gaveta da mesa e tirou uma garrafa de líquido cor de âmbar. — Mas não para você, Sarah.

Os olhos dela brilharam com o aviso.

Jackie adivinhara sua idade, pensou a menina. Não se envolveria mais do que o necessário.

Sarah ficou de cabeça baixa.

— Eu prefiro chá — disse.

20

"Nunca lide com ele quando estiver passando por um arroubo passional. Raiva, impaciência, medo: (...) praticamente qualquer emoção humana mina a comunicação eficiente com um cavalo."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Apesar da chuva, ela já estava na frente do escritório, desajeitada com seu terninho elegante e seus saltos altos, andando pela calçada de um lado para outro com passos curtos e impacientes. Assim que viu o carro dele, correu em sua direção com a bolsa e a pasta embaixo do braço. Mac se sentiu aliviado: ainda existia uma parte de Natasha que ele entendia. Sorriu ao se inclinar sobre o banco para abrir a porta do carona para ela, que entrou, alheia às buzinas que soavam atrás deles.

— Achei que você…

— Não diga nada — interrompeu ela, com o maxilar tenso e o cabelo escorrido por causa da chuva. — E, assim que a encontrarmos, você e eu não teremos mais nada que tratar entre nós. Certo?

O sorriso de Mac sumiu. Ele estava prestes a entrar no fluxo do trânsito, mas parou.

— Obrigada, Mac, por ter vindo até o outro lado da cidade para me pegar — disse ele, irônico.

— Você quer que eu agradeça? Certo. Valeu, Mac. Não tenho como dizer que estava ansiosa por este passeiozinho. Melhor assim? — O rosto dela ficou vermelho de raiva, com pontos de cor nas bochechas.

— Você não precisa vir junto, sabe? Já deixou isso bem claro.

— Ela também é minha responsabilidade. Você deixou *isso* bem claro.

A paciência de Mac já estava por um fio.

— Quer saber de uma coisa? Isto aqui já está difícil o suficiente sem que eu tenha que lidar com as suas merdas. Se quiser vir comigo, beleza, mas, se vai agir assim, deixo você em casa agora e vamos em carros separados.

— Lidar com as minhas merdas? Você faz ideia do que eu tive que largar para sair à procura dela? Ou do que isso acabou de causar à minha reputação?

— É um prazer ver você de novo. — Natasha se sobressaltou quando Cowboy John enfiou a cabeça pelo espaço entre os bancos da frente. — Só achei melhor lembrá-los que vocês têm plateia. — Ele finalizou acendendo um cigarro.

Natasha se virou para Mac, boquiaberta.

— Ele entende de cavalos — explicou Mac. — E conhece Sarah desde que ela era bem pequena. — Como Natasha não disse nada, completou: — Você vai resolver a questão do cavalo quando encontrarmos os dois, Tash?

Ela remexeu na bolsa.

— Então, onde ela está? Vocês tiveram alguma notícia? Preciso voltar para o meu trabalho o mais depressa possível.

— É — balbuciou Mac, enfim saindo com o carro. — Porque, afinal de contas, você é a única que tem um emprego de verdade.

— Eu estou no meio de um caso importante, Mac.

— É. Você já disse isso.

Natasha se virou no assento para ficar de frente para ele.

— O que está querendo dizer?

— Estou querendo dizer que a única coisa que você fez foi falar de como esta situação é difícil para você. Como está atrapalhando a sua vida. Como *eu* atrapalhei a sua vida.

— Isso não é justo.

— Mas é verdade. Você já parou para pensar na possibilidade de que uma parte dessa confusão seja culpa sua?

Cowboy John se recostou no assento e colocou o chapéu por cima do rosto, resmungando:

— Ai, meu Senhor.

— *Minha culpa?*

O trânsito estava péssimo. Mac colocou o braço direito para fora da janela e forçou a entrada em outra faixa igualmente lenta.

— É. Sua — respondeu ele. Talvez fosse porque ele sentia que tinha passado o dia todo andando em círculos. Talvez fosse medo de onde a menina pudesse estar. Talvez fosse apenas a visão de Natasha, toda arrumada com seu terninho elegante, sempre tratando-o como se fosse o inimigo, o culpado, um bode expiatório conveniente. — Foi você quem caiu fora, Natasha. Foi você quem se ofereceu para cuidar dela e depois chegou à conclusão de que era difícil demais. — Mac sentiu o ultraje no silêncio dela, mas não deu importância. — Você acha que a inconveniência é só para você neste caso? Eu tive que cancelar trabalhos, e John tem coisa melhor para fazer. — Mac deu uma guinada no volante e foi para a faixa do meio. O carro parecia encolher ao redor dele. — Se você não tivesse caído fora, se tivesse tratado Sarah como prioridade em vez do seu orgulho ferido, talvez não estivéssemos metidos nesta confusão.

— Você está pondo a culpa em *mim*?

— Só estou dizendo que você tem um papel nisso tudo.

Natasha passara a berrar.

— Bom, quem foi que levou a namorada para casa e ficou desfilando com ela de calcinha na frente da Sarah?

— Eu não fiquei desfilando com ela!

— A mulher estava quase nua. E entrei na minha casa, na nossa casa… e lá estava uma porcaria de uma modelo pré-pubescente toda glamorosa com um sorriso sarcástico para mim, só de calcinha!

— A casa de vocês parece legal — comentou John.

— Você acha que para Sarah foi legal ver isso? Sendo que até então estávamos nos fazendo de família feliz perto dela?

— Ah, não venha dizer que *aquilo* teve algo a ver com a fuga da Sarah.

— Bom, não ajudou a criar um clima muito harmonioso, não é mesmo?

— Eu já pedi desculpa. — Mac bateu com a mão no volante. — Eu disse que não ia voltar a acontecer. Mas, fala sério, até parece que você não levou o seu namorado para a nossa casa, certo? Para o meu quarto.

— O quarto não é *seu*.

— O quarto era nosso.

— Só melhora — observou John, dando uma tragada no cigarro.

— Ele não ficou em casa *nenhuma vez* enquanto você estava morando lá. Então não me venha…

— Só porque você tinha outro lugar para ir.

— Ah. — Ela se recostou no assento com os braços cruzados. — Estava mesmo me perguntando quanto tempo ia demorar até você tocar nesse assunto.

— Tocar em que assunto?

— Na minha outra casa. Bem que me avisaram. — Natasha balançou a cabeça. — Eu devia ter escutado.

Mac olhou para ela.

— De que diabo você está falando?

— Que você ia usar isso contra mim na hora de negociar um acordo.

— Ah, pelo amor de Deus, você está sendo ridícula. Acha que eu me incomodo com a porcaria da sua casinha alugada? Não ligaria nem se você tivesse um cruzeiro para passar os fins de semana.

— Sem querer interromper… — John se inclinou para a frente mais uma vez e soltou uma nuvem de fumaça. — E, podem acreditar, eu passaria *horas* escutando vocês dois. Mas não estamos meio que perdendo o rumo?

O coração de Mac batia desconfortavelmente nas costelas.

Natasha estava sentada o mais longe possível de Mac no carro pequeno e um pouco carregado demais, como se ele estivesse contaminado, como se ela preferisse estar em qualquer outro lugar do mundo.

— Será que vocês dois, pessoas adoráveis, podem dar uma trégua? — perguntou o caubói. — Só até encontrarmos Sarah? Seria tão… legal.

Os três ficaram em silêncio enquanto Mac dirigia pela cidade rumo ao leste. O maxilar dele estava tenso.

— Por mim, tudo bem — falou Natasha, bem baixinho. Pegou o guia de ruas. — Afinal, para onde estamos indo?

— Ela vai adorar a resposta. — John riu.

Mac manteve o olhar firme à frente.

— Para a França — respondeu ele, jogando o passaporte de Natasha no colo dela. — Sarah está indo para a França.

* * *

Eles levaram toda a extensão engarrafada do túnel de Blackwall para explicar o que ocorrera no hospital. Natasha perguntara várias vezes se eles tinham escutado direito, se o idoso estava mesmo com a cabeça no lugar, até que Cowboy John começou a ficar irritado.

— Ele está doente, mas é tão esperto quanto você, moça — resmungou.

Mac percebeu que ele não gostava de Natasha. Olhou feio para ela, do mesmo jeito que olhava para os gansos ruidosos do pátio dele, com clara desconfiança.

— Mesmo que vocês tenham ouvido direito, acho bem difícil acreditar que Sarah pense que tem uma chance real de cavalgar até… Onde é mesmo?

— Olhe no mapa. — Mac apontou para o papel, sem tirar os olhos da estrada. — Fica no meio da França.

Natasha estreitou os olhos.

— Mas ela não vai chegar até lá, vai?

— Ela não vai passar do litoral. A menos que aquele cavalo consiga atravessar o canal da Mancha a nado.

— John e eu achamos que ela não vai chegar nem a Dover. — O carro saiu do túnel, embaixo do céu que ia escurecendo e o coração de Mac se apertou quando viu que o trânsito continuava intenso e lento do outro lado também. Deu seta para a direita e entrou na estrada de pista dupla. — Ele acha que o cavalo vai precisar descansar muito antes de chegar lá.

Natasha tossiu para demonstrar sua insatisfação e então baixou a janela. Fungou e então se virou no assento. Um silêncio pressagioso tinha se instalado.

— Isso aí é o que estou pensando? — perguntou ela.

— Como é que eu vou saber? — respondeu o caubói. — Não leio os seus pensamentos.

— É… maconha?

Ele tirou o cigarro enrolado de entre os dentes e o examinou com cuidado.

— Espero que seja, sim, pelo preço que paguei.

— Você não pode fumar isto neste carro. Mac, diga a ele.

— Bom, moça, não dá para eu sair para fumar, não é?

Natasha deixou a cabeça afundar de leve nas mãos. Mac olhou para John pelo espelho e fez um breve gesto de solidariedade para ele.

Natasha ergueu a cabeça e respirou fundo.

— Sabe, Sr. Cowboy, ou seja lá qual for o seu nome, eu gostaria muito que você não fumasse drogas no carro. Pelo menos não enquanto estivermos presos no trânsito. — Ela estava sentada na beirada do assento, de olho nos carros dos dois lados.

— Assim eu não fico enjoado. E, além do mais, estou ficando estressado de ver vocês dois brigando. E isso não é nada bom para um velho feito eu. Vocês viram o que aconteceu com o Capitão.

Natasha engoliu em seco. Parecia que o pavio dela estava chegando ao fim com rapidez.

— Deixe eu ver se entendi. Se não permitirmos que você fume substâncias ilegais no carro do Mac, você vai vomitar ou morrer de estresse?

— Isso mesmo.

Mac observou ela se esforçar para controlar a respiração. Pareceu demorar um pouco. Pela primeira vez em dias, ele teve vontade de sorrir.

* * *

Houvera uma época, de acordo com Cowboy John, em que a hora do rush de Londres só durava isto: uma hora. O trânsito começava a ficar lento e as filas se alongavam logo depois da saída da escola, e era raro a situação melhorar em menos de quatro horas. Não podiam ter escolhido um horário

pior para sair, observou ele, tão casualmente quanto um observador descompromissado — ou talvez alguém que tivesse acabado de fumar um grande baseado quase inteiro. Ah, e, se não fosse incomodar, ele precisava fazer xixi. De novo.

Só para deixar as coisas mais tensas, tinha começado a chover forte. O carro de Mac estava parado em uma fila comprida na rodovia A2, a sequência de luzes traseiras vermelhas parecendo o rabo de um dragão enorme quase visível por entre os limpadores de para-brisa que guinchavam por cima do vidro.

Natasha passara a meia hora anterior em silêncio, enviando mensagens pelo celular, folheando documentos e fazendo anotações. Tivera uma conversa breve, acalorada e em voz baixa com outra pessoa sobre o caso em que estava trabalhando, além de uma conversa cochichada com outra pessoa que Mac desconfiava que fosse Conor. Quando Natasha fechou o celular, ele se sentiu levemente realizado. Mexeu no rádio pela décima quinta vez, tentando encontrar o boletim de trânsito mais recente.

— Não sei por que você fica fazendo isso — explodiu ela. — É óbvio que estamos presos no trânsito.

Mac deixou passar. Dava para ver que as conversas ao telefone a tinham deixado nervosa. Explicar que ele queria ver se havia alguma notícia sobre acidentes com cavalos não ajudaria em nada.

— Tenho a sensação de que ela já deve ter saído de Londres a esta altura — disse Mac, batucando no volante. — Acho que devíamos pegar a próxima saída da A2, quem sabe seguir por uma estrada secundária. Ela deve ter pegado um atalho bem antes daqui. Se tivermos sorte, podemos até ultrapassá-la. — Ele colocou a mão para fora da janela e alguém permitiu que entrasse na faixa adjacente. — Sugiro irmos tão longe quanto acharmos que ela pode ter ido. Se não conseguirmos encontrá-la até as oito, acho que devemos ligar para a polícia.

No banco de trás, só dava para enxergar o chapéu de John. Ele assentiu.

— Parece um bom plano — disse o chapéu. — Mas continuo não achando muito bom esse negócio de polícia.

— Porque aí você vai ter que jogar as suas drogas pela janela?

— Querida, você vai ter que arrancar a droga do meu cadáver.

— Também podemos providenciar isso — retrucou Natasha, com doçura.

Mac olhou para ela.

— Também pensei em outra coisa. Se cancelarmos o seu cartão de crédito, ela não terá dinheiro nenhum. Terá que dar meia-volta e retornar.

Natasha refletiu sobre a questão.

— Mas, se ficar sem dinheiro, ela vai correr mais perigo.

Cowboy John se intrometeu:

— Acho que ficar sem dinheiro não vai impedi-la de seguir em frente. Ela é muito determinada.

— Depende da quantia que ela já sacou — ponderou Mac. — Mas, se ela puder tirar mais, não dará para saber até onde pode ir. Estamos praticamente facilitando a fuga dela.

— Vocês têm certeza absoluta de que ela pegou o cartão? — questionou John. — Vou dizer, conheço essa menina há muito tempo, e ela não é do tipo que rouba.

Mac esperou que Natasha dissesse algo, talvez mencionando os peixes empanados no supermercado, o dinheiro que sumira da casa deles. Mas ela ficou parada, parecendo refletir profundamente sobre algo.

— Tash?

— Se Sarah continuar usando o cartão, o rastro vai denunciar por onde ela esteve — disse Natasha, pensando em voz alta. — Tem um serviço para o qual podemos ligar para pedir os detalhes da última transação. — Ela se virou para Mac e, pelo menos dessa vez, não parecia acusá-lo de nada. — Em geral a informação fica disponível cerca de duas horas depois que o cartão é usado. É a nossa melhor chance de descobrir onde ela está sem envolver a polícia. E, se ela se hospedou em um hotel, bom, maravilha. Podemos ir direto para lá. — Ela se permitiu dar um leve sorriso. — Pode até ser que a encontremos hoje à noite.

Cowboy John soltou uma longa nuvem de fumaça.

— Ela não é tão boba quanto parece, essa sua mulher.

— Eu não sou mulher dele — retrucou Natasha, ríspida, digitando um número de telefone. — Abra a janela, Cowboy. O carro está fedendo. — Quinze minutos mais tarde, ela disse, triunfante: — Dartford. Tirou cem libras em Dartford em algum momento antes do meio-dia. Estamos no caminho certo.

* * *

Tinha parecido tão simples no guia de estrada, pensou Natasha, passando o dedo pela fina linha vermelha. A rodovia A2 seguia um trajeto bastante reto, passando por Sittingbourne, Gillingham e entrando em Canterbury. Mas, conforme o carro se deslocava pela estrada no escuro, com as filas andando e parando, a chuva e o vapor da respiração de três pessoas que embaçava as janelas o tempo todo, não havia sinal de que uma menina e seu cavalo tivessem existido um dia, muito menos passado por ali.

Natasha estava sentada em silêncio. Quanto mais ela se afastava de Londres, mais pesada ficava a massa sólida que se formara em seu estômago. A cada quilômetro que percorriam, ela entendia um pouco melhor a magnitude da tarefa que tinham pela frente. Sarah poderia estar em qualquer lugar em um raio de oitenta quilômetros. Poderia ter ido para o leste a partir de Dartford. Poderia ter calculado que iriam procurá-la em Dover e ter decidido ir para um dos portos menores. Pior ainda, eles podiam ter entendido tudo errado, e a menina talvez não estivesse indo para a França coisa nenhuma.

Quando os três chegaram a Canterbury, Natasha se convenceu de que tinham ido longe demais. A menina nunca teria chegado até aquele ponto, disse aos homens. Era só conferir o clima. Ela forçava os olhos e avistava formas imaginárias à luz fraca, distraída por pessoas e por um ou outro carro sob a iluminação pública.

— Acho que deveríamos voltar — sugeriu Natasha.

Mas Mac insistiu que Sarah devia ter seguido aquele caminho e que, se não estava ali, significava que eles deveriam continuar avançando.

— Ela saiu mais ou menos às sete da manhã — observou Mac. — Pode ter percorrido uma distância e tanto a esta altura.

Ele estava debruçado no volante e examinava o horizonte escuro.

John parecia incerto. O cavalo era forte e faria qualquer coisa que a menina pedisse…

— O que foi? — Natasha se virou para ele. — O que você ia dizer?

Estava escuro dentro do carro, e o rosto do caubói estava escondido.

— Eu ia dizer: a menos que eles tenham sofrido um acidente.

Às sete horas o trânsito havia melhorado um pouco, e as placas indicando Dover se tornaram mais frequentes. Eles pararam quatro vezes, nos momentos em que John anunciara, mais uma vez, quando precisava esvaziar a bexiga ou quando havia placas de pousadas ou hotéis perto da estrada. Mas, quando Natasha entrava para perguntar se uma menina e um cavalo estavam hospedados nesses locais, os atendentes da recepção invariavelmente olhavam para ela como se fosse louca. Não podia culpá-los: parecia maluquice para ela também.

Cada vez que voltava para o carro, Natasha perguntava aos dois homens se tinham certeza de que o avô da menina dissera que ela estava indo para a França, até que Mac lhe pediu para que parasse de tratá-los como se fossem imbecis. E, durante todo o tempo, as leais mensagens de texto de Ben informavam a Natasha o que acontecia na reunião dos sócios — realizada sem ela.

Linda disse para não se preocupar

Essa foi a última mensagem. Natasha achou que era um sinal de que deveria se preocupar, sim.

Em algum momento da meia hora anterior, os três tinham perdido um pouco da esperança. Mac ficava repassando uma equação matemática, tentando calcular até onde uma menina e um cavalo se deslocando a cerca de vinte e cinco quilômetros por hora conseguiriam chegar, considerando que as condições do tempo eram adversas e eles não tinham comida.

— Acho que ela vai parar em algum lugar nos arredores de Canterbury — concluiu ele. — Ou talvez devêssemos voltar para Sittingbourne.

— Eles devem estar molhados demais — disse John, tristonho, limpando a janela com a manga.

— Acho que devíamos parar em algum lugar, ligar para os hotéis e perguntar se alguém a viu — sugeriu Natasha. — Mas vou precisar de outro telefone. O meu está ficando sem bateria.

Mac enfiou a mão no bolso e lhe entregou o celular. Natasha pegou o aparelho e se flagrou pensando no último ano do casamento deles, durante o qual o telefone de ambos havia ficado escondido com suas mensagens incriminadoras de flerte, um sintoma do que estava desmoronando.

— Obrigada.

No fim das contas, ela não queria usá-lo. Não queria se arriscar a ver mensagens daquela mulher, ligações perdidas que apontassem para coisas que ele talvez preferisse estar fazendo.

— Preciso fazer xixi — declarou John, mais uma vez.

— Bem, temos que abastecer — disse Mac. — Voto em irmos para Dover. Se é para lá que ela está indo, não importa se estivermos na frente.

— Mas, se ela tiver parado em Canterbury, só chegará a Dover amanhã.

— Bom, não sei o que mais sugerir — disse Mac. — Não dá para ver nada. Podemos passar a noite toda dirigindo no escuro sem conseguir nada. Vamos para Dover e então fazer o que você sugeriu, Tash: parar em algum lugar que tenha um telefone fixo. Podemos fazer algumas ligações e aproveitar para comer alguma coisa. Está todo mundo exausto.

— E depois? — Natasha colocou o celular de Mac com cuidado no painel.

— Bom… acho que rezamos para descobrir onde ela está por meio do seu cartão de crédito. Depois disso, não tenho a menor ideia.

* * *

O hotel era de uma rede multinacional com instalações simples, com dois blocos baixos de tijolinhos cor de vinho unidos por uma passarela de vidro. Natasha estava parada na enorme área da recepção, amarfanhada e suada em seu terninho, de repente desesperada para se sentar e não fazer

nada, para comer e beber algo. Mac, à frente dela, conversa com a recepcionista, que sorria para ele, um sorriso que obviamente não era do tipo corporativo. Natasha reparou nisso, mal-humorada, e se virou para o outro lado. Cowboy John estava acomodado em uma poltrona reclinável perto da parede, com as pernas abertas, a cabeça baixa entre os ombros ossudos. Natasha percebeu que os hóspedes mantinham certa distância dele ao passar e se sentiu meio constrangida por ele. Então, quando o caubói ergueu a cabeça e deu uma piscadela lasciva para uma moça, ela percebeu que era provável que sua solidariedade fosse um desperdício.

— Certo — disse Mac, guardando a carteira no bolso. — Consegui um quarto duplo e um de solteiro.

— Mas precisamos de três quartos.

— Só sobraram esses. Se quiser tentar outro hotel, pode ir, mas estou exausto. Para mim, isto aqui está de bom tamanho.

Em que quarto você vai dormir?, era o que ela queria perguntar, mas o rosto de Mac exibia seu cansaço, então ela só o seguiu até os elevadores.

Foi John quem resolveu a questão.

— Vou tomar um banho e comer alguma coisa — disse ele, pegando uma chave de Mac quando as portas se abriram no segundo andar. — Liguem para mim quando souberem qual será o nosso próximo passo.

Ele saiu andando pelo corredor e, de repente, ela e Mac ficaram sozinhos e acanhados no elevador.

O quarto, assim como todo quarto de hotel em que Natasha já dormira, ficava na ponta mais distante do prédio. Os dois caminharam pelo corredor acarpetado em silêncio. Quando chegaram à porta, ela ia dizer alguma coisa, mas Mac lhe entregou a chave.

— Você faz os telefonemas. Vou até o terminal da balsa para ter certeza de que ela não está lá.

— Você não vai comer?

— Como alguma coisa na rua.

Natasha observou as costas dele desaparecerem pelo corredor, o arqueado inesperado de seus ombros, e compreendeu todo o peso da responsabilidade que Mac sentia por Sarah.

A imagem do desespero dele a impeliu para dentro do quarto, onde se sentou e parou por um instante, tentando não pensar no que estava acontecendo com sua carreira em sua ausência, no ex-marido que caminhava pelas ruas chuvosas de Dover, na ausência horrível e vergonhosa das coisas que ela deveria estar sentindo no lugar daquele ressentimento. Natasha Macauley fez o que sempre fizera quando a vida real ficava difícil demais: colocou água para ferver, pegou um caderno e uma caneta e começou a trabalhar ao telefone do hotel.

* * *

Eram quase dez e meia quando Mac voltou. Ela pegara uma lista telefônica emprestada na recepção e havia ligado não apenas para todos os hotéis de Dover, mas também para todos os hotéis e pousadas num raio de quinze quilômetros dali. Ninguém ouvira falar de Sarah Lachapelle nem vira uma menina com um cavalo. Natasha ficou em dúvida se devia ligar para Mac, mas isso não adiantaria de nada. Ele teria telefonado se tivesse descoberto algo, assim como ela faria.

Cowboy John havia ligado de seu quarto meia hora antes e anunciado que, se nada mais fosse acontecer, ele ia fechar os olhos durante algumas horas. Ela dissera que tudo bem, rezando para que ele não colocasse fogo no quarto. Com o pescoço duro e exausta, ela pediu comida e uma garrafa de vinho, então caminhou pelo quarto. Estava esticando os braços por cima da cabeça quando ouviu as batidas na porta.

Mac estava parado no corredor. Não disse nada quando passou por ela e se sentou pesadamente em uma das camas de solteiro. Ele se deixou cair para trás e usou um braço para proteger os olhos da luz do teto.

— Nada. É como se eles tivessem evaporado.

Natasha serviu uma taça de vinho e a estendeu para ele. Mac se ergueu em um movimento cansado e aceitou. Seu queixo estava cinzento com a barba por fazer, e ele ainda carregava o cheiro da maresia fria nas roupas.

— Rodei a cidade inteira. Até caminhei pelas praias, caso ela estivesse lá.

— Você foi até a administração das balsas?

— Perguntei ao pessoal que leva os veículos. Achei que eles repariam se alguém tivesse ido até lá. Disseram que todos os animais precisam ser transportados em caminhões. Ela não pode passar daqui, Tash. Não tem como.

Os dois ficaram em silêncio, tomando vinho.

— E se ela tiver ido para outro porto? Presumi que fosse Dover… Mas e se ela foi para Harwich? Ou Sittingbourne?

— Ela não estava indo na direção de Harwich.

— Não temos a menor ideia do que estamos fazendo — disse ele. — Acho que deveríamos ligar para a polícia.

— Você está subestimando Sarah. Ela planejou isso, Mac. Pegou o meu cartão de crédito. Deve estar segura em algum lugar.

— Mas você ligou para todos os hotéis.

Natasha deu de ombros.

— Então talvez ela não tenha chegado até aqui. Não posso ligar para todos os hotéis do sul da Inglaterra. Caramba… Pode ser que ela esteja em um sítio. Ou em um estábulo. Talvez tenha um amigo aqui por perto. Ela pode estar em um milhão de lugares.

— E é por isso que deveríamos ligar para a polícia.

Natasha se sentou na beirada da outra cama e soltou um urro de frustração.

— Ai, meu Deus, Sarah. Que porcaria de brincadeira é esta?

As palavras escaparam da boca de Natasha antes que ela se desse conta de que tinha falado em voz alta.

— Não acho que ela esteja de brincadeira, Tash.

— Você acha que ela roubou o meu cartão por acaso?

— Acho que ela estava desesperada.

— Por quê? Demos a ela tudo o que pediu. Cuidamos do cavalo. Eu ia levá-la para comprar o que ela quisesse para o avô. — Natasha balançou a cabeça. — Não — disse. O medo e a exaustão a deixavam severa. — Acho que era tudo trabalhoso demais. Ela não gostava das nossas regras nem das nossas rotinas. Não gostava de não poder sair para ver o cavalo sempre que

quisesse. Nós a obrigávamos a ir para a escola, Mac, e não deixávamos ela ir e vir quando bem entendesse. Forçamos a ordem no caos. Esse é o jeito dela de se vingar.

— De se vingar?

— Você está partindo do princípio de que ela pensa como nós. De que *é* como nós. Mas precisa reconhecer que ela sempre foi completamente fechada, desde o começo. Não fazemos a menor ideia de quem é a verdadeira Sarah Lachapelle. — Ela ergueu os olhos e percebeu que Mac a encarava. — O que foi? — perguntou quando isso começou a ficar irritante.

— Caramba. Como você ficou durona.

Aquilo foi como um golpe.

— Eu fiquei durona — repetiu Natasha, devagar. Um nó surgiu em sua garganta e ela o forçou a se dissipar. *Por que você acha que isso aconteceu?,* era o que tinha vontade de retrucar. *Quem você acha que me deixou assim?* — Certo, Mac. Por que você sempre acha que Sarah é a vítima em tudo isto?

— Porque ela tem quatorze anos? E ela não tem ninguém.

Ela pensou em Ali Ahmadi.

— Isso não faz dela um anjo. Ela nos roubou, levou o meu cartão, escondeu informações. E agora fugiu.

— Você sempre enxergou o pior lado dela.

— Não, eu simplesmente não olhei para ela através de lentes cor-de-rosa.

— Então por que está aqui? Por que se dá ao trabalho de tentar encontrá-la?

— Enxergá-la como ela é não impede que eu me preocupe com o bem-estar da garota.

— Será que isso tem mesmo a ver com o bem-estar de Sarah? Ou será que a questão toda tem a ver apenas com o fato de você não querer ser considerada por todos um fracasso?

— Mas que diabo você quer dizer com isso?

— Não cai muito bem para você, não é? A defensora jurídica das crianças perdidas não é capaz de tomar conta da única menina que acolheu. Acho que é por isso que você não quer chamar a polícia.

— Como tem coragem de dizer uma coisa dessas? — Natasha se segurou para não jogar o vinho na cara dele. — Eu vejo essas crianças todos os dias. Eu as vejo impotentes e patéticas no tribunal, aí tenho que parecer alegre enquanto elas ficam me xingando quarenta minutos depois, quando eu as mando para algum lugar que vai abrigá-las. Eu sei que, na metade do tempo, elas só vão sair dali para roubar mais um carro ou mais um monte de roupas. Eu conheço essas crianças. Já fui enganada por elas. Não são burras e nem sempre são impotentes. — Natasha tirou os sapatos e os jogou no chão. — Em alguns aspectos, Sarah é uma menina decente, mas não é nem melhor nem pior do que qualquer uma das outras. E o fato de eu enxergar isso não faz de mim uma pessoa má, independentemente do que você queira pensar a meu respeito.

Ela entrou no banheiro, bateu a porta e se sentou na tampa da privada. Estendeu as mãos para a frente, percebeu que estavam tremendo e então jogou um tapetinho de banheiro e duas toalhas na porta, em uma expressão de fúria impotente.

Não havia som algum vindo do quarto.

Ela ficou ali sentada enquanto os minutos passavam, esperando escutar Mac se levantar e sair do quarto. Ele não ia querer ficar no mesmo cômodo que ela, da mesma forma que ela não queria estar com ele. Diria que era melhor ele dividir o quarto com Cowboy John.

Mas o pior de tudo era que havia um fundo de verdade no que Mac dissera. Natasha não queria envolver a polícia. Não queria ter que explicar as circunstâncias sob as quais acolhera Sarah, sua total incompetência em cuidar da garota ou de pelo menos garantir sua segurança básica. Se eles a encontrassem, Sarah poderia ser passada discretamente para outra pessoa mais capaz.

Ela suspirou fundo, ofegante. Ah, era fácil para Mac se sentir ultrajado, ser o mocinho da história mais uma vez. Era fácil ser o cara bacana quando aquilo não tinha nenhum custo pessoal para ele. Aquela havia sido

a história do casamento dos dois. Natasha apoiou a cabeça nas mãos, inalou o cheiro de produto de limpeza barato do banheiro e esperou sua mente se acalmar. Não queria que Mac visse como a afetara. Não queria que ele visse absolutamente nada dela.

Quando saiu para o quarto, com a expressão recomposta, os pensamentos zunindo com a discussão ensaiada, tudo estava em silêncio. Mac estava dormindo na cama, com o braço ainda cobrindo o rosto. Ela caminhou em silêncio até a outra cama de solteiro e ficou olhando para ele, aquele homem que era quase seu ex-marido, arrasada pela proximidade dele e pelo fato de não gostar dela.

Percebeu que não conseguia parar de olhar para Mac e se deu conta de como o vira pouco nos dois meses anteriores. Seus olhos foram atraídos para os braços dele, para o peito sob a camiseta desbotada. Quantas vezes ela havia se enroscado naquele abraço apertado? E quantas vezes, lembrou a si mesma, dera as costas para ele, com os olhos fechados com força para segurar lágrimas silenciosas? Como ele podia desprezá-la a tal ponto depois de todo o amor que demonstrara por ela?

Natasha serviu o resto do vinho em sua taça e virou tudo de uma vez, em um gole longo e cheio de ressentimento. Então, quase com relutância, estendeu a mão até a colcha dobrada na ponta da cama de Mac e a ajeitou sobre ele, até cobrir o peito.

Apagou a luz. Não foi para a própria cama; em vez disso, sentou-se à janela e ficou olhando para o estacionamento varrido pelo vento, para o breu distante do mar, contra todas as esperanças, ainda quase achando que avistaria a forma da sombra de uma menina em cima de um cavalo avançando pela rua escura.

Quando Natasha acordou, com o pescoço duro e os braços e as pernas desajeitados na cadeira, o quarto estava iluminado pela luz azul aquosa do amanhecer e Mac não estava lá.

21

"Se deseja que um cavalo aprenda a desempenhar uma tarefa, seu melhor plano será, sempre que ele fizer o que você deseja, demonstrar alguma gentileza em troca."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Sarah estava terminando a última baia de Jackie e se sobressaltou com o som da voz de Thom.

— Eu não tive intenção de assustar você — disse ele, do outro lado da porta da cocheira.

— É só que… não ouvi você chegando. — Ela falou dentro do cachecol, com o hálito quente direcionando para a pele.

— Vim ver se você quer tomar café da manhã. Jackie está preparando. Ela está feliz da vida por você cuidar de todos os cavalos para ela.

Sarah estreitou os olhos ao sol baixo.

— Acordei cedo. E ela lavou a minha calça e tal…

— Ah, tem boa educação *e* ética de trabalho. Os seus pais fizeram alguma coisa certa.

Ele sorriu. Havia passado a hora anterior lavando o grande caminhão. Ela meio que tinha percebido a mangueira de alta pressão atrás do estábulo, a água esguichando em superfícies metálicas, uma esfregação esporádica e o assobio animado e determinado dele. Na noite anterior, durante o jantar, Thom ficara desanimado, ainda abalado pela morte do cavalo. Ficara remexendo a comida, resistindo a todos os esforços de Jackie para animá-lo. Sarah também permanecera quieta, tão exausta com os acontecimentos do dia que estava à beira da catatonia. Devorara a refeição quase em silêncio e então, quando seus olhos perderam o foco de

tanto cansaço, fora se refugiar no quartinho, agradecida. Jackie e o marido obviamente gostavam de ter uma desculpa para receber visita: ela ainda escutava risadas e conversas quando caiu no sono.

Sarah acordara logo depois das seis e meia, um pouco atordoada com o entorno. Então, quase que por reflexo, sua memória voltou e ela saltou da cama, ainda de camiseta, e saiu correndo da casa para ver Boo.

Quando ele enfiou a cabeça por cima da porta da cocheira e soltou o ar pelo focinho, ela voltou a respirar aliviada. Entrou na cocheira tremendo com o ar frio da manhã. Boo estava quieto em cima do manto emprestado, mostrando poucos sinais da jornada que empreendera na véspera. Sarah conferiu as patas dele, ergueu seus cascos e então, sentindo-se mais segura, encostou o rosto no pescoço dele antes de voltar para a casa. Sem conseguir pegar no sono de novo, ela se vestiu e saiu para limpar a baia dele.

Cuidar dos outros cavalos não tinha sido um ato de caridade, apesar do que Thom parecia pensar: na ausência de um plano claro, ela precisava fazer o possível para garantir acomodação por mais uma noite. Havia um sistema de estabulação do qual ela não fazia a menor ideia antes: pôneis em trânsito durante a imigração de uma família; cavalos de corrida e outros que participavam de eventos, que valiam centenas de milhares de libras, a caminho de novos lares. Todos, assim como ela, estavam à espera de uma vida desconhecida. Os cavalos de menor valor, os feridos e doentes, aqueles que iam para o continente em caçambas de gado, não tinham esse descanso. Permaneciam a bordo até serem descarregados no matadouro.

— Ontem… aquilo foi muito difícil de ver. Espero que você não tenha tido pesadelos.

Os olhos de Thom estavam acostumados a sorrir ou tinham passado muito tempo estreitados ao sol. Dava para ver que era irlandês mesmo antes de abrir a boca.

Sarah se inclinou em cima do ancinho e imaginou o cavalo sacrificado.

— Você acha que ele sofreu muito?

— Não. Eles entram em estado de choque. Que nem os humanos. E daí o veterinário deu cabo dele bem rápido.

— Você está triste?

Ele deu de ombros, parecendo surpreso.

— Ah… não. Ele não era meu. Eu não sou dono dos cavalos. Só os levo de um lado para outro.

— O dono dele vai ficar triste?

— Não leve para o lado pessoal, menina, mas é provável que não. Ele só era um cavalo de corrida ruim com patas bambas. Foi vendido pelo dono em um lote para um negociador francês. Para ser sincero, quando liguei hoje de manhã, ele estava mais preocupado com o seguro.

Sarah tirou um pouco de lama seca do piso da cocheira com a ponta da bota.

— Qual era o nome dele?

— Do cavalo? Ah, caramba, agora que você perguntou…

Ele olhou para cima. Então Sarah se sentiu livre para examiná-lo direito; ela reparou, com uma emoção estupefata, que a mão esquerda dele não era de verdade, e sim feita de um tipo de borracha cor da pele.

— Diablo — disse Thom, olhando para ela de repente. Sarah corou, acanhada por ter sido pega observando-o. — Não, Diablo Blue. Esse é o garoto. Certo. Posso dizer a Jackie que você vai entrar logo? Preciso ir a Dover para consertar a divisória.

Ela pensou a respeito. Talvez fosse pelo fato de ele ter ficado tão mais abalado do que Jackie e o marido na noite anterior, ou pela maneira como ele acariciava o focinho dos cavalos quando passava por cada baia, sem nem se dar conta de que estava fazendo aquilo. Talvez fosse aquela mão. Mas algo em Thom lhe dizia que ele não era uma ameaça.

— Posso pegar uma carona com você? — perguntou ela, vestindo o casaco. — Preciso passar num caixa eletrônico.

* * *

Teoricamente, Thom Kenneally morava na Irlanda, mas passava boa parte da semana transportando cavalos entre a Inglaterra, a Irlanda e a França. Ele disse a Sarah que tinha sido jóquei até perder parte do braço em um acidente a cavalo. Desde então, tivera dificuldade de se firmar em um emprego até começar a transportar animais.

Nem todo mundo era capaz de fazer aquilo, explicou Thom. Muitos cavalos relutavam em embarcar, e não bastava ter paciência e um jeito calmo para conseguir transportá-los em segurança; era necessário saber decifrá-los, perceber se iam refugar, dar coice ou recuar quando chegassem ao alto antes de colocarem a pata na rampa, às vezes antes mesmo de eles próprios saberem. Ele transportava cavalos velhos, animais de evento experientes e, de vez em quando, cavalos de corrida com patas esguias, tão valiosos que faziam com que Thom dirigisse coberto por uma fina camada de suor frio. Até a noite anterior, ele só tivera uma fatalidade em seis anos. Mas, não, aquilo não o desanimaria.

— Eu me encaixo bem neste trabalho — disse. Ele e Sarah haviam deixado a divisória com um soldador, que prometera aprontá-la até o meio-dia. Thom levaria a carga que sobrara depois do almoço. — Eu gosto dos cavalos. Além do mais, a minha namorada é do tipo independente. Ela precisa de espaço.

— Ela gosta de cavalos?

Ele sorriu.

— Não muito. Acho que ela sabia que, se o esquema não fosse esse, eu me mudaria para um estábulo de corrida em algum lugar. Pelo menos agora ela não tem que lidar com os animais o dia inteiro.

— Eu adoraria fazer isso — disse Sarah, ficando corada.

— Tem um caixa eletrônico ali.

Ele diminuiu a velocidade do caminhão e encostou em frente a uma loja de conveniência. Sarah desceu da cabine e atravessou a rua correndo. Tirou o cartão do bolso, colocou-o na máquina e digitou o número, olhando para trás para conferir se Thom a observava, então prendeu a respiração.

Sarah meio que esperava que o cartão fosse ser recusado pela máquina com um apito, ou até mesmo, em seus piores pesadelos, um alarme. No entanto, para sua enorme surpresa, a máquina funcionou normalmente. Ela tirou mais cem libras e enfiou as notas bem no fundo do bolso, pedindo desculpas em silêncio a Vô, a Mac e a Natasha. Foi quando estava prestes a correr de volta para o outro lado da rua que reparou no telefone público antiquado, vermelho, com a porta envidraçada. Thom parecia estar lendo o jornal, então Sarah aproveitou e entrou na cabine e franziu o nariz com o previsível fedor de urina. O telefone aceitou o cartão de crédito e ela discou o número do hospital.

A ligação chamou, firme e distante. Quando ela estava a ponto de desistir, enfim ouviu um clique.

— Ala de derrame.

— Eu poderia falar com o Sr. Lachapelle? — Ela precisou gritar por causa do barulho de um caminhão que passava.

— Quem?

— O Sr. Lachapelle. — Ela cobriu a outra orelha com a mão. — É Sarah, a neta dele. Pode passar a ligação para ele? Está no quarto número quatro.

Houve uma pequena pausa.

— Só um minuto.

Sarah ficou parada no pequeno cubículo, olhando para a rua movimentada sem focar em nada específico. Da cabine, Thom viu onde ela estava e assentiu, como se dissesse que não era preciso se apressar.

— Alô? — Dessa vez era uma voz diferente.

— Ah. Gostaria de falar com o Sr. Lachapelle. É Sarah.

— Olá, Sarah. Aqui quem fala é a irmã Dawson. Vou levar o telefone até ele. Mas preciso dizer que ele piorou um pouco. Está muito barulhento aí do seu lado, talvez você não consiga escutá-lo direito.

— Ele está bem?

A freira hesitou por um momento, o suficiente para fazer o coração de Sarah se apertar.

— Que horas você vem aqui? Posso providenciar alguém para conversar com você e a família que a acolheu.

— Não posso — respondeu ela. — Não posso ir aí hoje.

— Certo. Bom, ele está… bem. Mas a fala não está muito boa no momento. Você precisa falar alto para que ele entenda. A ligação está bem ruim. Vou passar o telefone para ele.

O som de passos, uma porta rangendo. Uma voz abafada:

— Sr. Lachapelle, é a sua neta. Vou colocar o telefone na sua orelha. Tudo bem?

Sarah prendeu a respiração.

— Vô?

Nada.

— Vô?

Um longo silêncio. Talvez um som. Era difícil saber com o barulho do trânsito. Sarah tampou a outra orelha. A enfermeira voltou a falar:

— Sarah, ele está escutando. Seria melhor se você só falasse com ele agora. Não espere uma resposta.

Sarah engoliu em seco.

— Vô? — repetiu. — É Sarah. Eu… Eu não vou poder ir aí hoje.

Um barulho, então um incentivo abafado da enfermeira.

— Ele está escutando, Sarah.

— Vô, estou em Dover. Precisei pegar o Boo. As coisas ficaram difíceis para a gente. Mas estou ligando para dizer… — A voz dela falhou. Ela fechou com força os olhos, tentando manter a compostura e não deixar que a voz transparecesse seu verdadeiro estado de espírito. — A gente vai para Saumur, eu e Boo. Não pude contar para você antes de sairmos.

Sarah aguardou, tentando escutar algo, tentando avaliar a reação dele. O silêncio do outro lado da linha era doloroso de tão opressivo. Ela tirou um milhão de conclusões daquele silêncio e sentiu sua determinação se esvair conforme a falta de resposta se arrastava.

— Sinto muito, Vô — berrou ela no bocal. — Mas eu não teria feito isso se não fosse necessário. Você sabe. Você sabe. — Ela havia começado a chorar, enormes lágrimas salgadas caíam no piso de concreto. — Foi o

único jeito de manter Boo a salvo. De me manter a salvo. Por favor, não fique bravo — sussurrou, ciente de que ele não ia escutar.

Ele continuou sem dizer nada.

Sarah chorou em silêncio até a enfermeira retornar à linha.

— Você disse tudo o que queria? — perguntou, animada.

Sarah limpou o nariz na manga. Ela o via com tanta clareza, deitado, o rosto feito uma máscara de ansiedade e de fúria mal contida. Mesmo que o avô estivesse confinado à cama e a tantos quilômetros de distância, ela sentia o calafrio da desaprovação dele. Como ele poderia entender?

— Sarah? Você ainda está aí?

Ela fungou.

— Estou — respondeu, forçando a voz a ficar mais aguda. — Estou, sim, não escutei o que você disse. Um caminhão acabou de passar. Estou em uma cabine telefônica.

— Bem, não sei o que você falou, mas ele quer que eu diga… — Os olhos de Sarah se fecharam sobre as lágrimas que os inundavam. — Que ele disse "bom".

Uma breve pausa.

— O quê?

— É. É isso com certeza. Ele disse "bom". Está assentindo para mim. Certo? A gente se vê em breve.

* * *

Quando voltou para o caminhão, ela se virou para a janela do carona para esconder os olhos vermelhos. Sentou-se e deixou o cabelo cair em cima do rosto, esperando o barulho da chave na ignição.

Bom. A palavra silenciosa de Vô ainda ressoava em seus ouvidos.

Thom não deu a partida no caminhão. Quando ela enfim olhou na direção do banco do motorista, percebeu que ele a observava com muita atenção.

— Certo, garota. Vai me contar o que está acontecendo?

* * *

Ele não ia cair naquela história de cavalgada patrocinada. Com a voz firme, Sarah lhe contara a história, a que havia ensaiado mentalmente durante boa parte da manhã, com os olhos limpos e a expressão neutra.

— Até a França — repetiu ele. — Você está fazendo uma cavalgada patrocinada até a França. Para arrecadar dinheiro para vítimas de derrame. E não tem documento algum.

— Achei que ia conseguir tudo em Dover. Ia perguntar a você o que fazer.

Os dois estavam em um café na beira da estrada. Thom comprara para ela uma xícara de chá e um muffin, que estava no prato à sua frente, molhadinho e sólido em seu pacote de plástico.

— E está viajando sozinha.

— Eu sou muito independente.

— Dá para perceber.

— Então, você pode me ajudar?

Ele se recostou na cadeira e a examinou por um minuto. Depois sorriu.

— Bem, vou lhe dizer uma coisa, Sarah. Vou ser o seu patrocinador. Pode me dar os seus formulários de patrocínio.

Os olhos dela se arregalaram por um instante e Sarah desviou o olhar, mas ele percebeu.

— Acho… que ficaram na minha mochila.

— Que coisa.

— Mas você vai me mostrar como conseguir os documentos para Boo viajar?

Ele fez menção de dizer algo, mas se conteve. Em vez disso, olhou para a janela, através da qual dava para ver os carros, carregados com pesados bagageiros de teto, fazendo fila para entrar no terminal da balsa. Sarah ficou brincando com a embalagem do muffin meio úmido. Não tinha data de validade nele. Podia estar ali havia três anos.

— Minha enteada é um pouco parecida com você — contou Thom, calmamente. — Quando tinha a sua idade, ela costumava se meter em tudo

que é tipo de confusão, principalmente porque não colocava nada para fora e achava que podia resolver tudo do jeito dela. No final, e quero dizer bem no final — ele deu um sorriso amarelo, focado em alguma lembrança —, conseguimos convencê-la de que nada é tão ruim que não se possa contar para alguém. Sabia disso? Nada.

Mas Sarah sabia que ele estava errado. Para começo de conversa, ela se metera naquela confusão justamente porque dissera a verdade. Se não tivesse contado a Natasha a verdade sobre seu avô naquela primeira noite…

— Sarah, você está com algum problema?

Ela fez um esforço para se manter praticamente inexpressiva. Então se virou para ele e teve a estranha sensação de que precisava pedir desculpas. Não é nada pessoal, tinha vontade de dizer, mas será que não percebe? Você pode ser igual a todos os outros. É bem-intencionado, mas não se dá conta do mal que causa.

— Eu já disse — respondeu ela, sem alterar a voz. — Estou fazendo uma cavalgada patrocinada.

Os lábios dele se apertaram, e sua expressão não era muito antipática mas sim um pouco resignada. Tomou um gole de café.

— Jackie quase não deixou você passar a noite lá ontem, sabia? Ela tem faro para confusão.

— Eu paguei o que ela pediu.

— Pagou, sim.

— Não sou diferente de ninguém.

— Claro que não. É só uma adolescente qualquer sem transporte que está tentando atravessar o canal da Mancha com um cavalo.

— Eu já disse. Posso pagar você também se é o que quer.

— Não tenho dúvidas disso.

— Bom, então pronto.

Sarah ficou esperando que ele erguesse os olhos do café. Thom parecia achar aquilo fascinante.

— Que tal me dar aquele cartão de crédito?

— O quê?

— O cartão que você usou para sacar dinheiro.

— Eu pago em espécie. — Sarah sentiu um nó no estômago.

— Prefiro o cartão de crédito se vou ajudar você. Não é nada de mais, certo? — O olhar dele encontrou o dela. — A menos, é claro, que o seu nome não seja o mesmo que está no cartão…

Sarah empurrou o prato para longe e se levantou.

— Quer saber de uma coisa? Eu só precisava de uma carona. Não preciso de você pegando no meu pé só porque pedi uma carona até o caixa eletrônico. E não preciso que você fique me interrogando, ok? Se não vai ajudar, me deixe em paz.

Com isso, Sarah disparou porta afora e foi andando pelo estacionamento na direção da rua principal.

— Ei — chamou Thom enquanto ela se afastava. — *Ei*. — Como a menina não se virou, ele berrou: — Você não vai conseguir a documentação sem um veterinário. Vai demorar dias, talvez até semanas. E é preciso ter dezoito anos para assinar tudo. Tenho certeza de que você não tem dezoito anos, Sarah. E não sei por quanto tempo Jackie vai deixar você ficar aqui, por mais baias que limpe. Você precisa repensar.

Ela parou.

— Menina, acho que você deveria pensar em voltar para casa. — A expressão dele era bondosa. — Você e o seu cavalo.

— Mas eu não *posso*. Simplesmente não posso. — Para seu pavor, lágrimas tinham se acumulado em seus olhos, e ela piscou com fúria para tentar se livrar delas. — Eu não fiz nada de errado, ok? Não sou uma pessoa má. Mas não posso voltar.

Thom continuou observando-a. Ela olhou para baixo, tentando evitar o olhar dele. Era como se ele pudesse ver tudo, a desonestidade e a vulnerabilidade dela. O olhar dele não era como o de Maltese Sal, que parecia despir cada pedacinho dela. Em vez disso, tinha certa solidariedade. Era *pior*.

— Olhe, eu realmente preciso chegar lá. — Os carros passavam em alta velocidade por eles na estrada. Por um momento, ela pensou em como era injusto que os cavalos metálicos tivessem autorização para atravessar o

canal com tanta facilidade. — Não posso contar mais nada. Mas preciso chegar à França.

Sarah tinha deixado o casaco no caminhão. Ficou parada no estacionamento frio, com a brisa do mar fazendo seu cabelo bater nas orelhas, e cruzou os braços. Thom a observou por mais um tempinho, então se virou. Sarah se perguntou se ele voltaria para o caminhão, mas o homem deu alguns passos e parou. Por fim, virou-se para ela mais uma vez.

— Então… se eu não ajudar, o que você vai fazer?

— Vou achar quem me ajude — respondeu ela, em um tom desafiador. — Sei que posso encontrar alguém.

— É isso que me preocupa — balbuciou ele, resignado. Hesitou como se refletisse. — Certo. Talvez eu consiga levar você para a França. — Ela tentou interrompê-lo, mas ele continuou: — Sim, você e o seu cavalo. Mas preciso que você me conte tudo. Esse é o acordo, Sarah. Não vou ajudar até você me contar o que está acontecendo.

* * *

"Diablo Blue" relutava em subir a rampa. Ele bufou, fincou as patas dianteiras na base e exibiu a parte branca dos olhos. Com o pescoço musculoso tenso e as orelhas indo para a frente e para trás, tropeçava desajeitado por causa da sensação desconhecida das bandagens acolchoadas de proteção que Thom enrolara em suas patas.

Thom não se exaltou: ficou tranquilo ao lado dele, conversando gentilmente com o cavalo quando o animal se recusou a avançar, relaxando a tensão na corda comprida nos momentos em que o animal parava de puxar para trás por um instante. Ele tinha pedido a Sarah que colocasse a rédea, e então, enquanto ela observava, passou a corda comprida pelo bidão, por cima da cabeça e das orelhas do cavalo e, depois, puxou-a até o outro lado.

— Quando recua, ele sente a pressão — explicou Thom. — É tipo uma consequência do mau comportamento, e ainda é mais delicado do que

outros aparelhos que os transportadores usam. Ei, está tudo bem. Não fique tão preocupada. Não precisamos ter pressa.

— Jackie disse que voltaria à uma e meia.

— Ah, já estaremos longe antes disso. — Thom se sentou na rampa e esticou o braço para acariciar o focinho do cavalo, parecendo ter todo o tempo do mundo.

Sarah não compartilhava da tranquilidade dele. Jackie faria perguntas, exigiria explicações. Pior ainda, talvez convencesse Thom de que estava cometendo um erro.

— Ela só foi comprar ração. Olhe, por que você não me deixa tentar?

— Não — respondeu Thom. — Você está tensa demais. Aliás, ficar aí parada não está ajudando. Vá esperar na cabine.

— Eu não…

— Vá para a cabine. Assim será mais rápido.

O tom de voz dele não dava espaço para discussão. Os cavalos que já estavam no caminhão se agitavam, ansiosos. Um deles mordeu um fardo de feno e então colocou a cabeça marrom por cima da divisória para espiar o que estava acontecendo do lado de fora. Sarah olhou para trás, ansiosa, para o enorme cavalo baio na ponta da corda de Thom, então obedeceu.

Ela se acomodou no banco do carona, então enfiou a mão no bolso para conferir se o cartão de crédito estava ali.

— Quanto você está disposta a pagar pela sua passagem? — perguntara Thom. Ela dera um passo para trás, com medo de ter avaliado mal o homem. — Vamos voltar rapidinho para o café.

Depois disso, Sarah o tinha desprezado, considerando-o apenas mais um trambiqueiro, mais um aproveitador, até que ele sacou o celular da jaqueta. Os dois estavam sentados a mesma mesa em que haviam discutido um pouco mais cedo. O muffin dela ainda estava lá, no pacote de plástico.

— Clive? Aqui é Thom Kenneally. Eu queria falar sobre aqueles cavalos. — Ela tinha ficado em silêncio ali diante dele, sentada à mesinha de fórmica, enquanto Thom explicava ao desconhecido (que ele conhecia o suficiente para perguntar sobre os filhos) que estava com um problema no caminhão. — Vou dizer, cara, pode ser que eu tenha alguns problemas com

o seguro antigo. Os soldadores disseram que tinha um pino faltando na divisória, nada que eu pudesse ter visto, mas para eles é uma questão. Sabe do que estou falando? Se isso acontecer, vai acabar com a sua chance de recuperar algum dinheiro, e o preço do meu seguro vai disparar. É… é, sim, não é? Então. Esse seu Diablo Blue, estou vendo na documentação que ele não estava na liga da Orquídea do Deserto, sabe do que eu estou falando? — Ele riu. — Nossa, foi mesmo? É, bem que eu achei que ele não era dos melhores. Queria saber se você pode me fazer um favor: me deixar compensá-lo com um pouco de dinheiro e não registrar esse incidente. Será que isso funciona para você? Assim é menos incômodo para todo mundo.

Eles conversaram por mais uns cinco minutos, durante os quais Thom garantiu a Clive que o conserto estava bom e que, sim, ele ficaria contente de pegar os dois cavalos na sexta. Esperava que continuassem trabalhando juntos etc. etc. Quando o telefonema enfim foi encerrado, o sorriso determinado demorou um tempinho para sair dos lábios de Thom. Ele guardou de volta o celular na jaqueta.

— Certo, menina. Você deve ao Sr. Clive trezentos e cinquenta paus pelo cavalo morto dele. Se voltarmos ao caixa eletrônico, você acha que consegue tirar essa quantia com aquele cartão?

— Não estou entendendo…

— É o preço dos documentos novos do seu cavalo — disse ele. — Deus me ajude por me envolver nisso, mas esse é o preço da sua passagem.

* * *

Demorou dez minutos, durante os quais ela roeu as duas unhas que lhe restavam até a carne, para que Sarah escutasse o barulho de cascos e um baque abafando que lhe dizia que a rampa finalmente fora erguida. Então ela ouviu o som de pinos sendo fechados e travas de segurança sendo colocadas no lugar. A porta do motorista abriu, deixando entrar uma lufada de ar frio, e Thom entrou na cabine.

— No fim das contas não foi tão ruim, não é? Os outros dois viajam bem. Vão ajudar. — Ele sorriu. — Pode respirar aliviada agora.

Thom deu a partida no motor. O caminhão vibrou e o enorme motor rugiu e ganhou vida. Sarah afivelou o cinto de segurança.

— Você deixou um bilhete para Jackie?

Ele ajustou o retrovisor.

— E o dinheiro. Disse que tinha mudado meu trajeto e ia para Deal — disse ela.

— É assim que se faz. Ah, vamos lá, menina. Não precisa ficar tão tensa. Temos suspensão a ar aqui… é supertranquilo para os cavalos. É mais confortável para eles do que para a gente. Aposto que ele já estará mastigando feno antes de chegarmos ao fim da alameda.

Sarah não podia dizer a Thom que não era o comportamento de Diablo Blue que a amedrontava. Era o receio de que os oficiais da alfândega talvez prestassem atenção demais à descrição dele. Era o receio de que alguém que entendesse de cavalos percebesse que Diablo Blue crescera cinco centímetros nas três semanas desde que seus documentos de viagem haviam sido emitidos.

— Você tem certeza do que está fazendo? — perguntou Thom. — Ainda dá tempo de desistir, sabe? Tenho certeza de que tudo pode se ajeitar se conversarmos com a família que está cuidando de você.

Bom, dissera Vô. *Bom*. A enfermeira garantira.

— Só quero ir embora. Agora.

Sarah olhou pelo retrovisor. Atrás das cocheiras, fora de vista, o cavalo que era Baucher estava embaixo de uma lona, esperando que o abatedouro local o levasse. Os passaportes e os documentos de viagem estavam em uma pasta esgarçada no painel à frente dela.

— Certo. — Thom girou o enorme volante e o caminhão entrou na estrada principal. — Então vamos pegar o *bateau* grandão, eu, você e o Sr. Diablo Blue.

22

"Um cavalo muito vivaz deve ser impedido de disparar a toda velocidade e absolutamente proibido de disputar corrida com outro; porque, via de regra, os cavalos mais ambiciosos são os mais vivazes."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Cowboy John se sentou com o quarto prato de ovos, bacon e pão frito da refeição e esfregou as mãos.

— Nada mal — disse ele, enfiando o guardanapo na gola da camisa. — Nada mal mesmo para comida de beira de estrada.

Mac deu mais um gole no café.

— Não sei como alguém consegue tomar café da manhã quatro vezes seguidas — comentou, dando uma olhada no bufê saqueado.

— Eu paguei — disse John. — Melhor fazer valer a pena.

Na verdade, eu *paguei*, observou Mac em silêncio. Mas era um alívio estar com uma pessoa animada, por isso não disse nada. Ao redor deles, o salão de café da manhã do Tempest International estava cheio de viajantes, vendedores falando ao celular, mães estressadas perseguindo criancinhas ao redor de mesas com cereal derramado e pais se escondendo atrás de jornais. De vez em quando, uma garota muito pálida, com jeito de imigrante do Leste Europeu, se aproximava e se oferecia para encher a xícara de café, ocasiões em que John anunciava: "Nossa, claro! Obrigado!"

O velho caubói parecia rejuvenescido naquela manhã, com o sorriso um pouco mais espontâneo embaixo do chapéu marrom gasto, o colarinho e os punhos da camisa bem passados. Mac, que com frequência parecia usar a mesma roupa havia dias, sentiu-se perversamente desgrenhado na

companhia de John. Acordara antes do amanhecer e, incapaz de dormir e na ausência de algo mais útil a fazer, caminhara outra vez pela praia deserta, observando as balsas irem e virem à luz fraca, escutando os gritos desamparados das gaivotas que voavam lá no alto e imaginando, com um nó no estômago, onde Sarah poderia estar.

Voltara pouco depois das oito, entrara no quarto e encontrara Natasha não na poltrona perto da janela, onde estava na hora em que ele saíra, mas enrolada na outra cama de solteiro. O quarto estava tranquilo, apenas o murmúrio abafado das vozes no corredor rompia o silêncio. Havia puxado os joelhos até o queixo, em uma posição curiosamente infantil. O cabelo cobria parte de seu rosto e sua testa estava franzida, embora estivesse dormindo. Na mesa, apesar da hora, o celular dela piscava com mensagens silenciosas. Mac pensou em dar uma olhada, para o caso de Sarah ter resolvido ligar, mas se deteve ao pensar que Natasha poderia acordar e ver que ele estava invadindo sua privacidade. Em vez disso, ele tomou um banho, fazendo o possível para se sentir limpo com o sabonete do hotel, que não fazia espuma, e desceu para tomar café da manhã. No salão, encontrou Cowboy John, que parecia já estar ali fazia um tempinho.

— Então, qual é o plano para hoje, chefe? — John passou um pedaço de pão frito em uma poça de ovo.

— Não faço a menor ideia.

— Bem… eu andei pensando, e posso apostar que ela está em algum lugar por aqui. Aquela menina nunca foi a lugar nenhum desde que a conheço. Ela não tem como nadar até a França com aquele cavalo. Então, na minha opinião, ou vai tentar encontrar um local para deixar o animal e vai para a França sozinha, e nesse caso acho que um de nós podia ficar esperando na bilheteria, ou ela vai perceber bem rápido que está num beco sem saída e vai ficar por aqui enquanto pensa no que fazer.

— Acho que é quase impossível que ela abandone o cavalo. — Mac se lembrou da breve estadia em Kent.

John sorriu.

— Foi exatamente o que pensei, meu rapaz. Portanto, ela só pode ter chegado aqui e ficado, é o mais provável. Então, não vamos chamar a

polícia por enquanto. Só precisamos cobrir todas as possibilidades. Vamos ligar para os estábulos e perguntar nos hotéis se alguma menina fez check-in usando o cartão de crédito de Natasha.

Mac se afundou na cadeira.

— Do jeito que você fala, parece tão simples.

— Em geral os melhores planos são simples, e, a menos que você tenha uma alternativa…

Natasha apareceu à mesa com o cabelo molhado e uma expressão desconfiada, como se esperasse ser criticada por ter sido a última a se levantar.

— Sente-se aqui. — Mac puxou uma cadeira. — Quer café?

— Não queria ter dormido até tarde. Você devia ter me acordado.

— Achei que um descanso lhe faria bem. — Ele viu um vestígio de algo passando pelo rosto dela e percebeu que Natasha tentou esconder o que estava sentindo. Como era fácil uma observação inocente ser mal interpretada quando qualquer conversa vinha carregada de um histórico.

— O seu celular — disse ela, entregando o aparelho para ele. — Você deixou no quarto. A sua namorada ligou.

— Deve ser sobre um trabalho que eu ia fazer hoje de manhã… — disse Mac, mas Natasha já estava se afastando na direção do bufê.

John se inclinou para perto dele.

— Andei pensando em outra coisa.

Mac mal escutava. Natasha estava perto da cesta de pães, balançando a cabeça enquanto falava rápido ao celular.

— Talvez estejamos nos preocupando demais.

Mac se voltou para a mesa mais uma vez.

— O avô dela. Ele treinou aquele cavalo muito bem, melhor do que todos os que já vi, e faz muito tempo que convivo com cavalos.

— E daí?

— Ela está em segurança com ele.

— Está em segurança com quem? — Natasha se sentou com um pedaço de torrada preso entre os dentes.

— Com o cavalo. John acha que Sarah está em segurança com ele.

Natasha colocou a torrada no prato.

— Então ele é igual a um cavalo de faroeste? Vai lutar com as cobras que a atacarem? Vai avisar quando os índios estiverem se aproximando?

Cowboy John tombou o chapéu para trás e olhou feio para ela. Virou-se especificamente para Mac.

— O que estou querendo dizer é que ela pode correr mais rápido do que os outros, fugir de situações indesejadas. E muita gente se intimida com cavalos. Sujeitos que poderiam querer abordar uma menina nova sozinha vão deixá-la em paz. — Ele remexeu o café. — Para mim, ela está muito mais segura em cima daquele cavalo do que estaria sem ele.

Natasha tomou um pouco de suco.

— Ou ela pode ser jogada de cima dele. Ou cair embaixo dele. Ou ser atacada por alguém que queira roubar o cavalo.

John olhou com cautela para ela.

— Nossa, você é tão otimista. Dá pra entender por que é advogada.

A jovem garçonete estava perto da mesa deles. Mac sorriu e ergueu a caneca. Quando a moça se afastou, ele percebeu que Natasha olhava para ele. De um jeito nada simpático.

— Acho que Mac preferiria que eu fosse garçonete.

— Mas que diabo você quer dizer com isso?

Ela dirigiu seus comentários a John:

— Quero dizer que ele era um desses homens que costumava comentar como gostava de mulheres inteligentes. Até que "inteligente" passou a significar "complicada" e "sabichona", e ele resolveu que, em vez desse tipo de mulher, prefere garçonetes e modelos de vinte e dois anos. — Ela corou.

— Você está dizendo que tem algo de errado com isso? — John riu.

Mac se refugiou em seu café.

— Talvez eu só tenha achado mais fácil andar com pessoas que não ficavam irritadas comigo o tempo todo.

Esse comentário a atingiu. Mac viu quando ela ficou vermelha e, curiosamente, sentiu-se envergonhado.

John se levantou, rígido.

— Bom, pombinhos, vocês com certeza me lembraram do motivo pelo qual fiquei solteiro. Se quiserem traçar um plano de ação, vou escovar os dentes. Volto em cinco minutos.

Os dois o observaram enquanto ele saía gingando pelo restaurante. Natasha mastigou a torrada.

— Desculpe — disse ela, olhando para o prato. — Eu não devia…

— Tash?

Ela olhou para Mac.

— Podemos fazer uma trégua? Só até encontrarmos Sarah? Estou achando isso tudo… um pouco exaustivo.

Um lampejo mínimo de raiva passou pelo rosto de Natasha. Ele percebeu o que ela não disse: "Exaustivo? Você acha que a culpa é minha?"

— Você tem razão. Como eu disse, sinto muito.

Do outro lado do salão, John tirara o chapéu para a garçonete. Mac observou quando ele fez uma mesura cortês.

— Certo. Qual é o plano? Porque não tenho nenhum.

— Ela não tem como chegar muito longe — disse Natasha. — Acho que devíamos esperar até… quatro horas? Se Sarah não aparecer até lá, tudo bem, ligamos para a polícia.

* * *

Natasha e Cowboy John estavam em um banco de frente para a bilheteria, as cabeças enfiadas nos casacos para tentar se proteger do vento enquanto as gaivotas berravam lá no alto. Tinham ligado para quase todo o sul da Inglaterra naquela manhã dos dois quartos de hotel, e então, agitados de ansiedade e cansados de ficar parados, foram encontrar Mac na rua. O tempo havia se arrastado, cada hora que se passava sem que eles tivessem notícias de Sarah fazia com que se sentissem mais agitados. Ficaram esperando do lado de fora da construção modular sem graça, observando o fluxo contínuo de passageiros a pé que desembarcavam de ônibus e entravam para comprar passagens ou só para usar o banheiro. De vez em

quando, Ben ligava para perguntar alguma coisa, em geral uma dúvida de Richard, e ela berrava a resposta para se fazer ouvir por cima da brisa que vinha do mar. Cowboy John se levantou algumas vezes para caminhar pelo trecho de asfalto e fumar, impassível, erguendo a mão esguia para segurar o chapéu de vez em quando.

— Não estou gostando nada disso — disse ele, olhando para o mar. — Sarah não é assim.

Natasha mal escutou o que ele falara. Estava pensando no que Linda contara quando perguntara se Conor a tinha defendido na reunião dos sócios na noite anterior.

— Ele tentou — respondera ela, com um tom de voz que sugeria que ele não havia se esforçado muito. — O engraçado é que foi Harrington quem realmente defendeu você. Em uma teleconferência. Eu… Hum… Por acaso estava escutando. Ele disse que a sua estratégia tinha sido… inovadora, que sair quando você saiu não faria diferença para o caso. — Ela parecera surpresa por Natasha não ficar mais contente com a notícia.

Tudo correra bem na manhã no tribunal. Richard interrogara o médico da família e Harrington fizera o mesmo com o perito contábil, acabando com as alegações do Sr. Persey sobre perdas financeiras. O homem ficara tão abalado, contou Ben, que depois Harrington dissera que se surpreenderia se eles não fechassem um acordo no dia seguinte. Natasha comentara que isso era ótimo, tentando ignorar a inveja e a sensação de perda que aquilo lhe suscitava.

Mac estava indo na direção dela, batendo as mãos e com o cabelo soprado pelo vento. Observá-lo fez com que ela tomasse consciência de seu terninho amassado, do cheiro meio rançoso da blusa. Seus pés doíam de tanto andar pela cidade com os sapatos que usava para ir ao tribunal. Teria que comprar roupas se não encontrassem Sarah logo.

— Nenhum sinal?

Natasha balançou a cabeça.

— Ninguém se lembra de ter visto um cavalo. Mas disseram que ontem à noite os funcionários na bilheteria eram outros. E não nos deixaram ver as listas de passageiros por causa das leis de proteção de informações.

Mac xingou baixinho, sem abrir a boca.

— Nada da operadora de cartão de crédito?

— Isso não significa nada. Às vezes demora algumas horas para uma transação ser processada.

Estavam ficando sem ideias. E, na ausência de um plano concreto, a urgência do dia anterior foi se esvaindo aos poucos, substituída por uma melancolia estranha.

O dia se arrastou. Eles se separaram e se revezaram para caminhar ou percorrer de carro as ruas de Dover, ou ficar no quarto do hotel ligando para todos os números da lista telefônica. O dono de uma loja de doces na rua Castle jurou ter visto uma menina a cavalo na noite anterior, mas não sabia de nada além disso. Mac, cada vez mais frustrado, parava transeuntes, lojistas, funcionários da balsa. Cowboy John se recolheu em seu quarto, telefonou para os mesmos hotéis para os quais haviam ligado na noite anterior, só para garantir, e acabou caindo no sono. Natasha atendeu a mais ligações do trabalho, explicou que, no fim das contas, não, não estaria de volta à noite e percorreu as ruas úmidas de Dover lutando contra uma sensação de desespero arrasadora.

Os três combinaram de se encontrar às seis em um bar à beira-mar. Natasha queria comer no hotel, mas John dissera que enlouqueceria de vez se passasse mais um minuto naquele buraco dos infernos todo certinho. O bar, intocado pelas extravagâncias da moda, era impregnado de cheiro de cerveja e cigarro velho. Ao se sentar, o caubói pareceu relaxar.

— Ah, agora sim — repetia, dando tapinhas nos assentos de veludo puído, como se estivesse se sentindo em casa.

Natasha esperou até os homens irem pegar bebida antes de discar o número. Sentou-se e tapou a outra orelha para conseguir escutar apesar do barulho da televisão acima dela, que vociferava placares esportivos.

O telefone chamou oito vezes antes que ele atendesse. Natasha se perguntou se ele teria visto de quem era a ligação e estava ponderando se atendia ou não.

— Conor?

— Aham.

— Só queria saber como você está.

— Acharam a menina?

— Não.

— Onde você está?

— Em Dover. Ela com certeza veio para cá, mas nós não conseguimos localizá-la. — Quase instantaneamente, Natasha desejou ter omitido o "nós".

— Certo.

Um longo silêncio se instalou. Natasha olhou para Mac, que estava atrás dela, batendo papo com a atendente do bar, talvez explicando o que ele e John estavam fazendo ali. Ela viu a moça erguer as sobrancelhas e balançar a cabeça. Tinha presenciado aquela mesma reação tantas vezes ao longo das vinte e quatro horas anteriores que nem precisava escutar as palavras.

— Conor?

— Diga.

— Eu só queria saber… — Ela passou os dedos pelo cabelo. — Eu queria ter certeza de que está tudo bem entre a gente. Detestei deixar as coisas assim.

Houve uma leve demora antes que ele respondesse.

— Você queria ter certeza de que está tudo bem entre a gente?

— Sinto muito por ter saído daquele jeito, mas você precisa entender que eu não podia deixar tudo nas costas do Mac.

Natasha ouviu o som da respiração dele por cima do barulho da televisão.

— Você não entende, não é mesmo, Poderosa?

— Eu já expliquei sobre o trabalho. Ouvi dizer que Harrington foi muito bem no tribunal hoje. A minha ausência…

— Não. Você não entende. — A voz dele estava mais suave.

— Não entendo o quê?

— Natasha, você não pediu nenhuma vez. Quando estava quase jogando fora a sua vida inteira por causa dessa situação, você não pediu a minha ajuda nenhuma vez.

— O quê?

— Você nem pensou em me pedir ajuda, não é verdade? O que isso significa para a nossa relação?

Mac ria junto com a moça.

— Não achei que você… — respondeu ela. — Levando em conta a sua…

— Não. Você não pensou em pedir ajuda. Não sei o que está acontecendo entre você e Mac, mas não quero me envolver com alguém que nem consegue ser sincera em relação aos próprios sentimentos.

— Isso não é justo. Eu…

Mas ele já tinha desligado.

* * *

Sarah balançava um pedaço de pão no ar, alheia ao fato de que sua voz inglesa alta atraía a atenção dos franceses que jantavam nas mesas adjacentes.

— Eles são um tipo de irmandade, sabe? Usam chapéu preto e uniforme preto…

— Ah. Eu sabia que tinha a ver com moda — brincou Thom.

Sarah ignorou o comentário.

— …e conseguem convencer os cavalos a fazerem absolutamente qualquer coisa. Eles pulam uma cadeira de mais ou menos trinta centímetros de largura. Tem noção de como é difícil fazer isso?

— Posso imaginar.

— Vô sempre disse que a primeira vez em que se sentiu compreendido foi quando chegou ao Le Cadre Noir. Como se só existissem poucas pessoas no mundo que falavam a língua dele, e todas moravam naquele lugar.

— Eu conheço essa sensação.

— Mas eles se esforçavam tanto… Ele começava a treinar às seis da manhã e, às vezes, treinava o dia todo, trabalhando com vários cavalos, vários movimentos. Alguns estavam no estágio da *basse école*, o mais

básico, e outros eram da *haute école*. Cada cavalo é especializado em movimentos específicos. Vô tinha o cavalo preferido dele, que era especializado no *capriole*. Você sabe o que é isso?

— Não.

Ela suspirou ruidosamente.

— É uma das coisas mais difíceis que se pode pedir para um cavalo fazer. É um movimento que vem de uma manobra de batalha e é feito há milhares de anos. O cavalo dá um salto, usando as patas traseiras, e aí, quando está, tipo, no ar, dá um coice. Antigamente, eu ficava imaginando como seria estar em um campo de batalha, partir para atacar alguém e o cavalo do seu inimigo saltar e… Iá! — Ela fez o gesto dos cascos traseiros do cavalo indo para trás.

— Assustador.

— Bom, devia funcionar, se não as pessoas não continuariam fazendo a mesma coisa durante tanto tempo.

Sarah fizera questão de pagar a conta. Thom não se sentira completamente à vontade de ter seu jantar financiado por um cartão de crédito roubado, mas ela garantiu que devolveria cada centavo quando Vô melhorasse, e Sarah era muito convincente.

Quando chegaram à França e seguiram pela *autoroute*, ela foi ficando cada vez mais animada. Era difícil imaginar que aquela menina tagarela e cheia de confiança habitava o mesmo corpo que a adolescente quieta e cautelosa da noite anterior.

— John, amigo do Vô, sempre brinca dizendo que o que a gente faz são truques de circo, mas não tem truque nenhum. Só dá para entender vendo. Os cavalos fazem os movimentos porque adoram. Eles têm que ser treinados para quererem fazer. Assim, quando se apresentam, não sentem nenhuma pressão, nenhuma tensão. Por isso, evoluem bem devagar, pouco a pouco, para entenderem como executar o movimento sem resistir. — Ela encheu a boca de mousse de chocolate. — É assim que eles são treinados para correr?

Thom quase engasgou com o café.

— Não. Na verdade, não. Não mesmo.

A porta do restaurante do posto de gasolina abriu e fechou, e mais uma família francesa entrou. Os dois observaram, comendo, enquanto a mãe falava com as duas crianças e apontava para as coisas que elas podiam comer no bufê.

— Então, há quanto tempo você e o seu avô estão sozinhos?

— Quatro anos.

— Você não manteve contato com a sua mãe?

— Ela morreu antes da minha avó.

— Sinto muito.

— Eu, não. Não quero parecer horrível, mas… ela era o tipo de pessoa que causa problemas. Eu era bem pequena quando ela me abandonou. Mas sinto saudade da minha avó. — Sarah se sentou em cima dos pés e pegou um pedaço de chocolate. — Eu, Vó e Vô: a gente era muito feliz. As pessoas não acreditam quando digo que não sinto saudade da minha mãe, mas nunca senti. Nem por um dia. Todas as coisas do tempo em que eu estava com ela me dão uma sensação ruim. Não me lembro de muita coisa, mas me lembro de ter medo. Quando os meus avós me levaram para morar com eles, nunca mais tive medo. Um dia — disse ela, apontando para os campos franceses —, vou trazer Vô de volta para cá. Era para a gente ter vindo fazer uma visita em novembro, sabe? Ele queria tanto… Mas aí teve o derrame e tudo ficou… — Ela se calou, então pareceu se recompor. — Acho que vai ajudar quando ele souber que estou aqui. Quando ficar bom, ele poderá vir para cá. Vai ficar feliz.

— Você parece bem segura de que pode fazer tudo isso acontecer.

— O meu avô era um dos melhores cavaleiros da França. Ele conseguia fazer um cavalo flutuar, fazer coisas que eu não sabia que eram possíveis. — Sarah colocou o chocolate na boca. — E eu só estou tentando cavalgar alguns quilômetros.

Thom olhou para ela, aquela criança, com seu cavalo que viajava de forma clandestina no caminhão. Ela fazia tudo parecer totalmente racional.

* * *

Natasha fechou o celular e soltou um palavrão. Estava escuro e os três andavam de carro sem destino por Dover, depois de terem ido até um caixa eletrônico localizado em uma área industrial da cidade, bem parada àquela hora, cheia de oficinas mecânicas e prédios comerciais genéricos. De acordo com a empresa de cartão de crédito, aquele tinha sido o último lugar onde Sarah havia sacado dinheiro. Estar tão perto e, mesmo assim, não ver sinal dela aumentava a tensão dentro daquele carro pequeno. Ninguém mencionou a promessa anterior de ligar para a polícia: eles *sabiam* que ela devia estar por perto. Aquele pedacinho de plástico era a prova. Mas por que uma menina com um cavalo pararia em um lugar como aquele?

Natasha se virou no assento para ficar de frente para Cowboy John.

— Diga uma coisa, John. Como o avô de Sarah foi parar naquele apartamento. Não era… Bom, não é um lugar muito legal, não é?

— Você acha que ele tinha a intenção de morar em um lugar como aquele? Acha que era isso que ele queria da vida?

Mac deu de ombros.

— Não sabemos nada sobre ele, a não ser que parece ter criado uma menina impossível.

John se recostou no assento com um ar de contentamento quase palpável.

— Certo. Vou contar sobre Henri. Ele veio de uma família com uma situação bem difícil. Filho de camponeses de algum lugar no sul da França. Tinha problemas com o pai, e, quando era jovem, fez de tudo para cair fora o mais rápido possível e entrou para o Exército.

Natasha apostara que John era o tipo de homem que gostava de contar histórias e ficou contente de escutar; assim, não precisava pensar em mais nada. Mac não se incomodaria: ele adorava saber mais sobre a vida das pessoas; isso derivava de anos tentando agradar os indivíduos que fotografava.

— Lá Henri acabou montando a cavalo, na cavalaria montada ou algo assim, e na década de 1950 ele conseguiu se aprimorar até ser aceito pelo Le Cadre Noir, que estava se recuperando depois da guerra. — O caubói

olhou bem para os dois à sua frente. — Isso não é pouca coisa, sabem? Eles são, tipo, os melhores do país. É uma academia de elite. Cara, ele adorava aquele lugar. Quando falava dele, ficava com o corpo um pouco mais aprumado… Sabem como é?

— Então como foi que ele acabou em Sandown?

— Mulheres. — John olhou feio para Natasha, como se ela devesse assumir um pouco da responsabilidade. — Ele se apaixonou.

Le Cadre Noir estava em uma das primeiras turnês internacionais em 1960 quando Henri Lachapelle reparou na mulher baixinha de cabelo escuro na frente da plateia. Ela compareceu a todas as três apresentações. A grande piada era que ela na verdade não gostava de cavalos; tinha ido com uma amiga, mas ficara maravilhada com o rapaz com o colarinho preto engomado que fazia montar a cavalo parecer algo mágico.

Certa noite, Henri saiu para falar com ela depois da apresentação e, como descreveu para John anos mais tarde, sentiu que sua vida inteira tinha sido um ensaio para aquele momento.

— Acho que ele não tivera muita experiência em termos de amor, e o golpe foi forte — disse John, acendendo mais um cigarro. — Eles passaram mais três noites juntos e depois se comunicaram por carta e se visitaram durante seis meses, se encontrando sempre que possível. O problema era que, quando estava longe dela, Henri ficava de mau humor. Vocês sabem como são os jovens apaixonados, e Henri nunca foi de fazer as coisas pela metade. Parou de prestar atenção, e as apresentações dele foram afetadas. Começou a questionar as coisas que lhe diziam na academia. Por fim, disseram a ele que teria que obedecer às regras ou ir embora e, em um acesso de raiva, ele se mandou. Veio para a Inglaterra, casou-se com a moça e…

— Viveram felizes para sempre — concluiu Natasha, lembrando-se da fotografia. Da mulher que parecia muito amada.

John olhou ainda mais feio para ela.

— Está de brincadeira? — perguntou. — Quem vive feliz para sempre?

23

"Um cavalo desobediente não é apenas inútil, mas costuma fazer o papel de um verdadeiro traidor."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Antes mesmo de completar um ano na Inglaterra, Henri Lachapelle percebeu que havia cometido um erro terrível. Não era culpa de Florence: ela o amava, estava sempre bonita e tentava ser uma boa esposa. Não era culpa dela que sua ansiedade em relação à felicidade dele fizesse Henri se sentir um pouco mais do que culpado, ou que isso frequentemente se manifestasse em uma espécie de irritação.

Ele pedira a mão de Florence em casamento na noite do Le Carrousel, sem fôlego, ensanguentado e ainda coberto de areia. As pessoas que estavam assistindo nas cadeiras ao redor dela tinham se levantado e comemorado. Os dois caminharam pelas ruas de Saumur durante horas, desviando-se dos bêbados e das motocicletas, planejando o futuro em comum, cimentando a paixão, agitados com seus sonhos. Na manhã seguinte, ele não aparecera para o treino da manhã. Em vez disso, arrumara seus poucos pertences na mala e pedira para falar com Le Grand Dieu. Informara que desejava ser dispensado de sua posição.

Le Grand Dieu observara o olho roxo e a bochecha inchada de Henri, e colocara a caneta na mesa. Houve um longo silêncio.

— Sabe por que nós tiramos as ferraduras de trás dos nossos cavalos, Lachapelle? — perguntara.

Henri piscou em um gesto dolorido.

— Para não machucarem os outros cavalos?

— E para que, quando estiverem aprendendo a encontrar seu equilíbrio, quando se agitarem, se debaterem e derem coices, como é inevitável que aconteça, eles não se machuquem por acidente. — Ele colocara as mãos na mesa. — Henri, se você fizer isso, vai se machucar da forma mais feia que pode imaginar.

— Com todo o respeito, senhor, não acredito que eu possa ser feliz aqui.

— Feliz? Você acha que vai ser feliz se eu liberar você?

— Acredito que sim, senhor.

— Não existe felicidade neste mundo a não ser a alcançada pelo amor ao próprio trabalho. Este é o seu mundo, Henri. Qualquer tolo consegue ver isso. Não se pode isolar um homem de seu mundo e achar que ele será feliz.

— Com todo o respeito, senhor, eu já me decidi. Gostaria de ser liberado.

Ele tinha se sentido bem por estar tão determinado, por enxergar o futuro com tanta clareza. O único momento em que chegou perto de mudar de ideia foi quando caminhou pelo pátio coberto para ver Gerontius pela última vez. O maravilhoso cavalo relinchou quando Henri se aproximou, fuçou seus bolsos e então apoiou a cabeça no ombro do cavaleiro enquanto ele fazia um agrado em seu focinho. Henri conteve as lágrimas. Nunca tinha se separado de alguém que amava; antes de Florence, nunca amara ninguém. Apenas aquele cavalo magnífico e gentil.

Ele fechou os olhos e sentiu o cheiro tão familiar do pelo quente do animal, sentindo a maciez aveludada das narinas dele, a imutável sensação de graça de estar na presença daquele cavalo. E então Henri Lachapelle cerrou os dentes, colocou a mala no ombro, virou-se e caminhou na direção dos portões da L'École du Cavalerie.

* * *

Os primeiros meses na Inglaterra tinham sido toleráveis, com as provações mascaradas pela satisfação tranquila que ele sentia como homem recém-

casado. Florence reluzia com a atenção dele; um milhão de vezes por dia, ele via as pequenas características da esposa que lhe permitiam justificar sua decisão. A família dela, apesar de obviamente um pouco cautelosa em relação ao jovem francês que arrebatara a filha, agia com educação. Os pais dela não se mostravam tão contrariados quanto o pai dele, independentemente de quem ele levasse para casa. Por esperteza, Florence lhe dissera para vestir o uniforme quando fosse apresentado a eles; com a guerra ainda fresca na memória, era difícil para a geração dos pais dela ver qualquer defeito em um homem de uniforme.

— Vocês não estão pensando em se mudar para a França, estão? — indagara o pai dela várias vezes. — Florence é uma moça muito apegada à família. Ela não se daria bem tão longe de casa.

— Meu lar é aqui — dissera Henri, com convicção. E Florence, sentada ao lado dele, tinha corado de prazer.

Ele firmara residência e, poucas semanas depois de sua chegada à Inglaterra, se casara com Florence no Cartório de Registros de Marylebone, tão depressa que os vizinhos passaram os meses seguintes olhando desconfiados para a cintura da recém-casada sempre que passavam. Henri procurou emprego em Londres e nos subúrbios, tentando um posto de instrutor de montaria, mas as cavalgadas por prazer ainda eram reservadas aos ricos. Nas poucas vezes em que aceitaram fazer um teste com ele, seu fraco domínio do idioma, o sotaque impenetrável e as opiniões formais a respeito da montaria não lhe permitiram conquistar muitos admiradores. Por sua vez, ele considerou a postura dos ingleses em relação aos cavalos incompreensível: a abordagem do hipismo era pouco refletida, baseada no campo de caça, desleixada, inexata e, pior, nada gentil. Eles pareciam se preocupar mais em dominar o cavalo do que em trabalhar com ele ou incentivá-lo a atingir seu máximo potencial.

Henri ficou decepcionado com a Inglaterra. A comida era pior do que aquilo que ele recebia na cavalaria. As pessoas pareciam se contentar em comer apenas enlatados; havia poucas feiras em que se podia comprar comida fresca e barata; o pão era esponjoso e sem gosto; a carne era moída em uma papa marrom e reformatada em pratos esquisitos: trouxas, risoles,

tortas. Em raras ocasiões, ele levava produtos frescos para casa e os preparava pessoalmente: salada de tomate, peixe temperado com as poucas ervas secas que conseguia encontrar. Mas os pais de Florence arregalavam os olhos à mesa de jantar, como se ele tivesse feito algo subversivo.

— Um pouco forte demais para mim — observava a mãe dela. — Mas obrigada, Henri. É muita gentileza sua tentar.

— Acho que não é do meu gosto — dizia o pai, empurrando o prato para o centro da toalha de mesa.

Ele se sentia sufocado pelo horizonte cinzento opressivo e voltava para a casa estreita em Clerkenwell, revelando que tinha sido "dispensado" mais uma vez, quase sempre sem receber o pagamento devido. Era impossível argumentar em uma língua que ele ainda não entendia. As refeições em família eram tensas. O pai de Florence, Martin, perguntava na hora do chá se ele já encontrara outro trabalho e, quando a reposta era não, perguntava também se ele pensava em melhorar o inglês um pouco para conseguir um emprego "adequado". Aparentemente, isso significava uma função que incluísse ficar sentado atrás de uma escrivaninha.

Florence apertava a mão dele embaixo da mesa.

— Henri é muito talentoso, papai — dizia ela. — Eu sei que alguém logo vai achar um trabalho para ele.

O cavaleiro passou a se sentir grato pela barreira da língua impedir qualquer conversa que não fosse completamente superficial.

À noite, ele sonhava com Gerontius. Cavalgava até a place du Chardonnet, acomodado em um meio-galope lento e gingado, pedindo ao seu velho cavalo corajoso que trocasse a pata dianteira aqui, que dobrasse o casco em uma *passage* ali. O animal dançava, dava piruetas, erguia-se nas patas traseiras em um *levade* perfeito, e Henri via o mundo disposto a seus pés. E então inevitavelmente acordava no apertado quarto em que Florence crescera, com a mobília marrom sem graça, a vista para a rua comercial e a mulher, com o cabelo preso em bobes, roncando baixinho ao seu lado.

Depois de um ano, ele não conseguia mais disfarçar a magnitude de seu erro. Os ingleses eram piores do que os parisienses: ficavam desconfiados

quando ele abria a boca, e os homens mais velhos balbuciavam comentários disparatados sobre a guerra, achando que ele não conseguiria entender. As pessoas que o cercavam não tinham fome de aprendizado nem de se aprimorar. Pareciam se preocupar apenas em ganhar dinheiro, o qual gastavam com bebida nas noites de sexta-feira, com uma espécie de determinação sombria. Ou ficavam trancadas em casa, mesmo quando o tempo estava bonito, com as cortinas fechadas, hipnotizadas pelos novos aparelhos de televisão.

Florence notou a infelicidade dele e tentou compensá-la, amando-o mais, elogiando-o, garantindo a ele que as coisas iriam melhorar. Henri só enxergava o desespero nos olhos dela, sentia sua adoração se transformar em apego e anunciava que, na semana seguinte, sairia para procurar emprego mais uma vez, apesar de saber que não havia nenhum trabalho a ser encontrado. As tentativas da esposa de disfarçar sua decepção só serviam para alimentar a culpa e o ressentimento dele.

Em abril, quase quinze meses depois de chegar à Inglaterra, ele reuniu coragem para escrever a Varjus. Não era um bom comunicador, por isso foi breve:

> *Meu caro amigo,*
> *Será que eles me aceitariam de volta? É difícil demais viver apenas com a gravidade.*

Ele colocou a carta no correio sentindo uma culpa enorme, mas também esperança. Florence compreenderia. Ela não podia querer um marido que não ganhava nada, que não podia lhe dar um lar. Acabaria se adaptando à França. E, se não conseguisse (nesse ponto ele sentia a vergonha se embrenhando bem fundo), seria mesmo tão ruim se ele nunca mais voltasse? Ela com certeza não era feliz do jeito que as coisas estavam. Sem dúvida entenderia que homem nenhum poderia continuar longe daquilo que amava.

Henri pensava na carta percorrendo seu caminho pelo continente durante mais um jantar interminável. Era frango. A Sra. Jacobs tinha

cozinhado até que a carne ficasse com textura de couro e preparara um molho de queijo. Ao lado do frango havia um montinho de legumes irreconhecíveis, picadinhos até não poder mais.

Henri permaneceu em silêncio, levando pedacinhos à boca com o garfo de forma diligente enquanto o Sr. Jacobs balbuciava, sombrio, algo sobre "aquele sujeito russo" ir para o espaço. Ele parecia considerar a exploração do Sr. Gagarin uma afronta pessoal.

— Não sei o que eles querem mandando homens para o céu — observou, pela terceira vez. — Isso vai contra as leis da natureza.

Henri logo percebera que o Sr. Jacobs não era um homem que gostasse de mudanças, e, àquela altura, tinha certeza de que o casamento da filha com um francês se encaixava na categoria "desprezível".

— Eu acho emocionante — arriscou Florence. Henri ficou surpreso: ela raramente expressava uma opinião que pudesse contradizer o ponto de vista do pai. — É romântico — completou, cortando um pedaço de frango com cuidado. — Gosto da ideia de que tem alguém lá em cima, entre todas as estrelas brilhantes, olhando aqui para nós. — Ela sorriu para Henri, um sorriso secreto.

Ele percebeu que a mãe dela sorria para os dois.

— Florence tem uma coisa para contar, Henri — disse a Sra. Jacobs ao perceber que o genro estava confuso.

Florence limpou a boca e colocou o guardanapo no colo. Corou um pouco.

— O que foi? — indagou ele.

— Eu ia guardar segredo mais um pouco, mas não consegui. Contei para mamãe. Vamos ter que colocar mais um lugar na mesa.

— Por quê? — perguntou o Sr. Jacobs, desviando a atenção do jornal. — Quem vem aqui?

Florence e a mãe caíram na gargalhada.

— Ninguém vem aqui, papai. Eu… Eu estou começando minha família… — Ela pegou a mão de Henri embaixo da toalha da mesa. — Vamos ter um bebê.

Bom, as pessoas sem dúvida faziam as coisas de um jeito diferente na França, observou a Sra. Jacobs ao marido naquela noite, muito tempo depois de o jovem casal se retirar para o quarto. Apesar de toda a conversa sobre os franceses serem muito sofisticados, ela achava que nunca tinha visto um homem ficar tão chocado.

* * *

Henri estava saindo de casa quando encontrou o carteiro na entrada. Varjus, como lhe era típico, respondera à carta em uma semana. Ele rasgou o envelope e leu, com uma expressão impassível, as palavras escritas com pressa.

> *Le Grand Dieu é um bom homem, um homem compreensivo. Acho que, se você o abordar com humildade, talvez ele perdoe o seu erro. Mais do que tudo, ele sabe que você é um cavaleiro! Anseio pelo seu retorno, meu amigo.*

— Boas notícias, amigo? — perguntou o carteiro, enfiando uma revista dobrada na caixa de correio do número quarenta e sete.

Henri amassou a carta em uma bola e o enfiou no fundo do bolso.

— Sinto muito. Não falo inglês — respondeu.

"Dois caminhos", dissera o Le Grand Dieu. Por que ele não o alertara de como eles se transformariam em um só com tanta rapidez?

* * *

Henri abriu a porta da frente e entrou no corredor estreito. O cheiro de repolho cozido demais tomava conta do ambiente, e ele fechou os olhos por um instante, temendo em silêncio pela comida que seria servida naquela noite. Então um som o deteve. Na sala, do outro lado do papel de parede em relevo, ele escutou soluços ruidosos.

A porta da cozinha se abriu e Florence apareceu. Ela foi traçando seu caminho por entre os móveis e ergueu o rosto para dar um beijo nele.

— O que foi? — perguntou ele, torcendo para que ela não detectasse o álcool em seu hálito.

— Eu disse a eles que, depois que o bebê nascer, nós vamos para a França — respondeu.

Sua voz estava calma e as mãos, unidas na frente do corpo. Com a palavra "França", houve mais uma rodada de soluços.

Henri olhou para a mulher, confuso.

Florence pegou as mãos dele.

— Ando pensando nisso há muito tempo. Você me deu tudo… *tudo*. — Ela olhou para baixo, para o ventre. — Mas sei que não é feliz aqui, Henri. E é difícil demais achar que isso vai acontecer, com a cabeça tão fechada das pessoas, e com a coisa dos cavalos ser tão diferente aqui e tudo o mais. Então, eu disse a mamãe e papai que, assim que nos recuperarmos do parto, você vai cuidar de mim lá. Como você já deve ter percebido, a mamãe não aceitou muito bem. — Ela ergueu a mão para tocar no rosto dele. — Será que Le Cadre Noir aceita você de volta, querido? Tenho certeza de que, quando eu conseguir me virar, vou poder cuidar de uma casinha lá perto para você. Vou aprender francês. Vamos criar o bebê lá. O que acha? — Talvez desconcertada pela falta de resposta dele, Florence começou a mexer no punho da camisa. — Eu queria sugerir que fôssemos agora. Mas estou insegura em passar pelo parto sem saber falar com os médicos… E mamãe ficaria fora de si se não pudesse estar comigo. Mas eu disse a eles que nós vamos depois que o bebê nascer. Espero ter feito a coisa certa… Henri?

Que inglesa linda e corajosa. Henri ficou sem palavras, comovido. Ele não a merecia. Florence não fazia ideia de como ele chegara perto… Henri deu um passo adiante e enterrou o rosto no cabelo dela.

— Obrigado — sussurrou. — Você não faz ideia do que isso significa. Vou me assegurar de que o nosso futuro seja melhor… para nós e o nosso bebê.

— Eu sei que sim — respondeu ela, baixinho. — Quero que você volte a voar, Henri.

* * *

Ele ouviu o bebê chorar antes mesmo de chegar à casinha, um choramingo agudo que ecoava pela rua silenciosa. Antes de abrir a porta do quarto, já sabia o que ia encontrar.

Ela estava debruçada sobre o berço, fazendo barulhinhos para acalmá-la, agitando inutilmente as mãos por cima da criança. Quando Henri se aproximou, Florence se virou. Estava pálida, e seus olhos demonstravam longas horas de ansiedade.

— Há quanto tempo ela está chorando?

— Não faz muito. Mesmo. — Ela aprumou o corpo e deu um passo para o lado. — Só desde que a mamãe saiu.

— Então por quê…?

— Você sabe que tenho medo de pegá-la no colo sem você aqui. Minhas mãos pararam de funcionar de novo. Derrubei uma xícara hoje à tarde e…

Ele rangeu os dentes.

— *Chérie*, não tem nada de errado com as suas mãos. O médico disse que não tem. Você só precisa ser confiante.

Ele tirou Simone do bercinho e abraçou com habilidade a bebê minúscula, que se aquietou imediatamente. A boquinha da filha se abriu e fechou perto da camisa dele, procurando leite. Florence se sentou na poltrona no canto, estendeu os braços para recebê-la e só os fechou em volta da neném quando teve certeza de que ela fora entregue em segurança ao seu abraço.

Enquanto a mulher amamentava o bebê, Henri tirou as botas e as deixou ao lado da porta. Tirou o paletó e colocou água no bule para ferver. Enfim tinha encontrado um emprego na ferrovia. Não era muito ruim. Nada era tão ruim após saber que aquilo seria temporário. Nenhum dos dois falou, e o silêncio só era quebrado pela bebê, que mamava ávida, e por um ou outro carro passando do lado de fora.

— Você saiu de casa hoje?

— Eu queria… mas, como disse, fiquei com medo de pegá-la no colo.

— Os seus pais nos deram um carrinho. Você podia ter colocado a Simone nele.

— Desculpe.

— Não precisa pedir desculpa.

— Mas eu sinto tanto… Henri…

Ela não precisava pedir desculpa. Podia simplesmente ser menos complicada em relação a tudo. Se ficasse menos ansiosa em relação à criança e parasse com essas reclamações ridículas sobre mãos que supostamente não funcionam mais e da tontura imaginária já estava bem.

— Nervos — dissera o médico quando, poucas semanas depois do nascimento de Simone, Florence começara a reclamar que seu corpo não estava funcionando como deveria.

Parecia que isso acontecia às vezes com mães de primeira viagem, o médico confidenciara a Henri e à mãe dela no corredor estreito, depois de examiná-la. Enxergavam terrores, perigos que não existiam. Às vezes chegavam até a ter alucinações.

— Pelo menos ela se apegou à criança — observou ele. — Ela e o bebê devem passar um tempo com a avó. Só até ela ficar um pouco mais… confortável com a maternidade.

O que Henri poderia ter dito? Ele assentira, imaginando como é que eles não percebiam que cada átomo de seu corpo já se desviava na direção do canal da Mancha.

Florence estava chorando de novo. Ele a observou com a cabeça baixa, tentando enxugar as lágrimas reveladoras da camisola de algodão de Simone, e sentiu que um peso sufocante o envolvia. *Quanto tempo mais?*, tinha vontade de berrar para ela. Pensava em Gerontius, que talvez estivesse à espera dele naquele exato momento, com a cabeça por cima da porta da baia.

— Sinto muito. Sei que você achou que a França seria a resposta para nós — disse ela, baixinho.

Pronto, ali estava. A coisa nunca dita que pairava entre os dois havia semanas. Ela não daria conta sozinha, e ele não podia arriscar que algo acontecesse com a criança. Não era possível retornar ao Le Cadre Noir *e* estar presente para dar apoio à esposa. Não tinha família com quem deixá-la, nem dinheiro para pagar uma babá.

Teriam que ficar ali, ao alcance dos pais dela.

Henri se levantou e caminhou até a poltrona dela.

— Vou escrever a Monsieur Varjus — disse.

Ela ergueu os olhos.

— Quer dizer que…

— Vamos ficar na Inglaterra mais um pouco. — Ele deu de ombros, com os dentes cerrados. — Tudo bem. De verdade.

Outra pessoa montaria o cavalo dele.

Os dedos da bebê se abriam e se fechavam na pele exposta da mãe, exigentes, rapsódicos.

— Talvez quando eu estiver me sentindo um pouco melhor… — sussurrou Florence.

E, no ano seguinte, haveria novos cavaleiros, écuyers*, esperando para tomar o lugar dele.*

Quando ela abraçou o pescoço de Henri, soluçando seus agradecimentos nos ombros doloridos do marido, ele percebeu, cheio de culpa, que a única coisa que sentia era desespero. Seu segundo pensamento foi ainda pior: como é que uma mulher incapaz de usar as mãos podia prendê-lo com tanta força?

* * *

— Foi mais ou menos um ano depois disso que a gente se conheceu. Ele estava trabalhando no trilho em cima do meu estábulo. Era a primeira vez que via cavalos desde que tinha saído da França, quer dizer, cavalos que não estavam puxando uma carroça. — Cowboy John colocou o chapéu para trás. — Levantei a cabeça uma tarde e flagrei Henri olhando para minha égua velha como se fosse uma miragem. Naquela época nós dois

éramos novos na área, dois forasteiros. Acenei para que ele descesse, e ele comeu os sanduíches que tinha levado para o almoço na frente da cocheira, afagando o focinho da égua com a outra mão o tempo todo. Muita gente achava que ele era um pouco rígido demais, mas eu gostei dele. A gente se dava bem. Durante anos, passamos um tempão no meu escritório, tomando chá, falando sobre o sitiozinho que ele teria na França um dia, sobre a escola de hipismo que montaria lá quando ganhasse algum dinheiro.

— Era isso que Florence queria? — perguntou Natasha.

Ela havia ficado tão envolvida com a história que percebeu ter esquecido, por um instante, por que estavam naquele carro.

— Ah, Florence teria feito praticamente qualquer coisa que aquele homem lhe pedisse. Acredito que ela se sentia culpada de verdade por ter prendido Henri daquele jeito. Ela sabia, assim como ele, que não conseguiria se virar sozinha na França com aquela doença. Ela gastava quase toda a sua energia tentando recompensá-lo por isso.

— Não entendi. Doença?

John olhou para eles com a testa franzida.

— Vocês não sabem?

— O quê?

— Sarah não contou para vocês? A avó dela tinha… Ah, como chama mesmo?… Esclerose múltipla. Passou anos em uma cadeira de rodas. Sarah ajudou o avô a cuidar da velha mais ou menos desde que aprendeu a andar.

* * *

Os três haviam desistido de Dover e resolveram seguir pelo litoral, na direção de Deal. Mac dirigia no escuro, dizendo nomes de hotéis em voz alta para o caso de Natasha ainda não ter ligado para algum. Ou não ter ligado duas vezes. Ela continuava conversando com John, com a imaginação focada nas provações de Henri Lachapelle.

— Do jeito que Sarah fala dos avós, parecia que eles eram muito próximos.

John deu uma gargalhada de desdém.

— Eles eram próximos, com certeza, mas a vida toda daquele homem é cheia de arrependimentos.

— Você está falando da mãe de Sarah?

— Ai, caramba, Simone era uma confusão só. Era explosiva, vivia discutindo… o oposto dele. Enquanto ele guardava os problemas para si, ela colocava tudo para fora. Florence não conseguia dar conta, não tinha forças para isso, e ele tentava deixá-la na rédea curta, como faz com Sarah. Era um disciplinador à moda antiga, um pouco demais para o gosto de alguns. Não gostava que ela se misturasse com os garotos locais, que ficasse fora de casa até tarde. É provável que a condição de Florence tenha feito com que ele fosse mais protetor do que seria normalmente. Mas Simone não aceitava. Aaah, não. Brigava com ele por cada centímetro. Quanto mais ele a puxava para um lado, mais ela puxava para outro. — O caubói acendeu outro cigarro. — A parte triste é que agora ele sabe que fez tudo errado com ela. Devia ter relaxado. Na verdade, eram mais parecidos do que achavam. Mas é difícil, sabe? Quando se acha que está perdendo uma coisa, nem sempre se age do jeito mais inteligente.

Natasha olhou para Mac; ele estava envolvido na história de John.

— Quando Henri percebeu o que estava fazendo de errado, a filha já estava tão afundada nas drogas que ele não conseguiu trazê-la de volta. Então, durante uns quatro, cinco anos, ela fugiu para Paris e os pais não tiveram nenhuma notícia. A não ser quando ela precisava de mais dinheiro, claro. Caramba, quase deixou os dois de coração partido. Eu sei que ele se culpa. E aí, há dez, onze anos, Simone apareceu à porta deles com uma menininha, dizendo que não conseguia cuidar dela. Tivera um bebê na França. Nunca contara nada aos pais. Foi o maior choque da vida deles. Ela disse que ia se ajeitar por aqui e passou a deixar a criança com os avós. Cada vez era por um pouco mais de tempo, e ela não aparecia quando deveria. No fim, eles entraram com um processo para ficar com a guarda e conseguiram. Simone nem compareceu à audiência. No começo ele ficou irritado… Era superprotetor em relação a Florence, então achou

que ter que cuidar da menininha era um fardo extra para ela. Mas, para dizer a verdade, os dois ficaram bem felizes de ter Sarah com eles.

Cowboy John sorriu.

— No dia em que conseguiram a guarda, parecia que os dois tinham ganhado uma nova chance na vida. Henri voltou a pensar em cavalos e eles ficaram felizes. Pelo menos eu nunca tinha visto os dois tão felizes juntos. Foi um golpe quando descobriram que Simone havia morrido, mas acho que também deu certo alívio. Ele passara anos procurando por ela, mandando dinheiro, dando um jeito nas confusões em que ela se metia, tentando endireitá-la… Não que Sarah saiba nada disso. Vocês devem entender, ele queria proteger a menininha de tudo isso… De algumas coisas que ele sabia… Nenhuma garota precisa saber desse tipo de coisa sobre a mãe…

John estremeceu.

— Mas, bem, Florence morreu faz o quê? Uns quatro anos. Depois do enterro, eles receberam uma oferta do governo, um tipo de incentivo financeiro para abrir mão do apartamento no térreo, do qual as autoridades precisavam para outras pessoas com dificuldade de locomoção. Bem, ele aceitou o dinheiro, se mudou para aquele apartamento em Sandown e gastou a quantia que ganhara com Baucher, aquele cavalo dele que é um Rolls-Royce. E, a partir de então, voltou a parecer ele mesmo mais uma vez. Tudo isso para dar uma vida melhor para Sarah.

— Ele queria que a neta fosse feito ele — refletiu Natasha.

Cowboy John balançou a cabeça.

— Quer saber de uma coisa, Srta. Dona Advogada? Ele queria exatamente o contrário. Ah, pode pensar o que quiser sobre ela, mas Sarah é a única coisa em que aquele homem sentiu que acertou — disse ele, mirando o vazio com os olhos lacrimosos.

* * *

A menina tinha caído no sono. Thom dirigiu noite afora, olhando para ela de vez em quando, enroladinha no banco da frente, com a cabeça apoiada

na janela. E então, quase que por reflexo, o monitor do circuito de câmeras focado no cavalo dela, separado no meio dos outros dois, mostrava-o vigilante, como se não se permitisse relaxar e estivesse se preparando para o próximo estágio de sua jornada.

Ele não contara a Kate o que estava fazendo; sabia o que ela diria. A namorada diria que ele estava louco, iria acusá-lo de ser irresponsável, de arriscar a vida da garota. Thom sabia que se a enteada dele, Sabine, tivesse fugido daquele jeito, pegando carona com um desconhecido para outro país, eles ficariam transtornados de medo e preocupação.

Mas como explicaria que precisava permitir que a menina fizesse aquilo? Mesmo depois de ouvi-la falando sem parar nas últimas horas, ele a invejava um pouco. Quanta gente tinha a oportunidade de correr atrás de um sonho? Quanta gente sabia o que queria? Quando ela falou sobre sua viagem, sobre seu amor pelo cavalo, sobre a vida descomplicada que imaginava para si mesma e sobre o avô, Thom percebeu como era fácil se envolver e se acomodar com a rotina e as preocupações do cotidiano.

Mas nada disso o impediu de se preocupar e de pensar várias vezes que deveria parar o caminhão na beira da estrada e ligar para a polícia. Deu mais uma olhada no monitor. O cavalo ergueu um pouco a cabeça e, por um momento, olhou diretamente para a câmera. “Cuide bem dela, amigão”, disse Thom, baixinho. “Só Deus sabe de como ela vai precisar de toda a ajuda do mundo.”

* * *

Às oito e quinze, eles pararam em um fast-food para usar o banheiro. Apesar de Natasha observar que ele andava indo ao banheiro com muita frequência, John pediu um café grande com duas colheres de açúcar e foi até o telefone público ligar para o hospital. Rotina, anunciou ele, alegre. Gostava de ir até lá ou ligar todos os dias. O velho gostaria de saber o que estava acontecendo.

— O que você vai dizer a ele? — perguntou ela.

— A verdade. Que a gente sabe que ela está por perto, mas que ainda não descobriu exatamente onde. Mas ele é um velho sabido. Deve ter dito a ela aonde ir para a gente não encontrá-la.

Essa ideia o fez rir, e Natasha o observou enquanto ele se afastava aos risos em direção ao telefone.

Ela chegou à mesa e colocou uma bandeja plástica na frente de Mac, tentando não reparar que ele tinha fechado o celular no mesmo instante, como se conferisse uma mensagem de texto.

— Se eu disser "surpresa", você vai me bater? — perguntou ele.

— Ela nunca contou.

— Nós nunca perguntamos.

— Mas ela nunca disse nada. Conversei com ela sobre os avós, e a única coisa que disse é que eles eram felizes.

— Talvez essa fosse a única coisa que ela considerava importante — argumentou Mac, misturando creme no café.

Ela estendeu o café preto quando John voltou, mas ele balançou a cabeça com uma expressão sombria.

— Pessoal, vou ter que ir embora. Henri não está muito bem. E como Sarah não está presente… Bem, alguém precisa ficar com ele.

— Ele está muito mal?

— Só pediram que eu fosse até lá. Bem, pediram que Sarah fosse, mas eu disse que não seria possível no momento.

Ele remexia nos bolsos em busca de trocados, conferindo quanto tinha. De repente, pareceu cansado e um pouco frágil.

Natasha se levantou e enfiou a mão na bolsa, esquecendo o café.

— Levamos você até a estação. Aqui — disse, entregando um pouco de dinheiro a ele. — Leve isto para pagar a passagem.

— Não preciso do seu dinheiro, moça — retrucou John, irritado.

— Não é para você, é para ele. Para que não fique sozinho. Ah, pelo amor de Deus, pegue um táxi da estação — insistiu ela. — Você merece.

Enquanto o caubói olhava para as notas que ela estendia, sua expressão sabichona de desdém pareceu sumir do rosto enrugado pela primeira vez. Ele aceitou as notas e tocou o chapéu num gesto de agradecimento.

— Bom, obrigado. Ligo para vocês quando souber como ele está.

Antes que Natasha se desse conta de que a ausência repentina do humor mordaz de Cowboy John a tinha desconcertado mais do que qualquer outra coisa que havia acontecido até aquele momento, os três já estavam no carro para deixá-lo logo na estação.

Quando chegaram ao estacionamento da estação o celular dela tocou. Natasha abriu o aparelho.

— É, sim — disse ela, olhando para John, que já ia saindo do carro. — Desculpe… pode repetir? — A ligação estava ruim e ela fez um gesto para que Mac desligasse o motor. — Tem certeza?… Muito obrigada pela informação… Sim, eu entro em contato.

— Está tudo bem? — perguntou John, segurando a porta de trás aberta. Estava ansioso para sair, mas algo no rosto de Natasha devia ter detido ele.

Natasha fechou o celular.

— O que foi? — perguntou Mac. — Não fique aí parada…

— Era a operadora de cartão de crédito. Vocês não vão acreditar. Ela está na França.

24

"A melhor proteção contra o fracasso (...) está no conhecimento completo dos poderes do seu cavalo."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Sarah sonhava com cavalos, sangue e estradas. Acordou com uma rajada de vento frio e viu Thom espiando pela porta do motorista. Ela se aprumou no banco do carona. O relógio no painel do caminhão lhe dizia que eram quinze para as oito.

— Bom dia.

Ele estava vestido e com a barba recém-feita, como se já estivesse acordado havia um tempo.

— Onde estamos?

O local tinha uma claridade curiosa, como se o mundo todo fosse alguns tons mais claro do que na Inglaterra. A uma curta distância, ela viu um estábulo imaculado, cor de mel, com telhado baixo de telhas vermelhas, ladeado por uma cerca viva densa e com o topo bem reto. Havia arbustos de teixo bem podados ladeando os portões e um homem cuidava de uma cocheira, usando um ancinho para colocar a palha suja em um carrinho de mão de forma bem-humorada.

— Perto de Blois — respondeu ele. — Você teve uma boa noite de sono.

— Cadê o Boo? — Aquele mesmo pânico por reflexo.

— Está falando do Sr. Diablo? Ele está no estábulo. — Thom apontou o polegar na direção das cocheiras. — Chegamos aqui ontem de madrugada, mas você estava dormindo profundamente e não achei justo colocar os

dois para fora no meio da noite. Ele está na terceira baia à esquerda. Está bem. Ficou um pouco agitado quando chegamos aqui, mas está ótimo.

Ela piscou e viu o focinho de Boo tentando alcançar uma rede de feno.

— Esta noite fica por minha conta. Mas preciso voltar para Calais, Srta. Sarah, então acho que chegou a hora de nos despedirmos.

Sarah tentou organizar os pensamentos enquanto Thom a ajudava a descer do caminhão e lhe entregava dois croissants que havia pedido ao dono do estábulo. Ele abriu um pequeno mapa em que tinha marcado o melhor trajeto até o Le Cadre Noir.

— São uns cem, cento e dez quilômetros daqui, na direção sudoeste — explicou, apontando para uma estrada vermelha comprida. — Eu levaria você até lá se pudesse, mas não posso perder mais quatro horas. O tempo está lindo para uma cavalgada, e essas estradas são bem tranquilas. Acho que você não vai ter muito problema. É só não se apressar, certo?

Com um calafrio repentino, Sarah percebeu que estava perto de seu destino. Viu o nome no mapa. Na comparação com o tamanho da França, estavam a apenas alguns centímetros de distância.

— Tem outro estábulo bem aqui. — Ele fizera um círculo em um vilarejo com uma caneta esferográfica. — Aqui está o telefone, só para garantir. Bom, já liguei para lá, então eles já sabem da sua chegada. Acho que vai poder fazer uma refeição lá hoje à noite, mas eu tentaria comer alguma coisa antes, só para garantir. E não se esqueça de que eles estão esperando um cavalo chamado…

— Diablo Blue — respondeu ela.

— Você vai ficar bem? — Thom estava sério, com o rosto tomado de preocupação.

— Vou, sim — respondeu ela.

Estava segura de que ia mesmo. Tinha conseguido atravessar o mar, certo? Viajava com o melhor cavalo da França e com a bênção do avô.

— Aqui está o meu telefone. Pode me ligar se arrumar alguma confusão. Caramba, ligue para mim quando chegar ao seu destino. — Thom colocou o mapa dobrado na mão dela. — Apenas ligue para mim. Vou ficar contente em saber que está tudo bem com você.

Ela assentiu e enfiou o pedaço de papel no fundo do bolso.

— E não converse com ninguém. Principalmente se for uma pessoa do meu tipo. Só… mantenha a cabeça baixa e siga em frente até chegar lá.

Sarah assentiu de novo, dessa vez com um sorrisinho silencioso.

— Está com os euros que a gente trocou?

Ela enfiou a mão na mochila e tateou o envelope.

Thom suspirou.

— Deus me ajude. Você é a carona mais estranha que já conheci. Mas boa sorte para você e para aquele seu velho cavalo.

Ele hesitou, como se ainda não tivesse certeza de estar fazendo a coisa certa.

— Vai ficar tudo bem comigo, Thom — afirmou Sarah. Sentiu uma pontada por ele estar indo embora; tinha se sentido segura com Thom. Nada poderia acontecer com ela ou Boo sob o cuidado dele. Sentiu uma breve e inesperada inveja da enteada dele, de cujos problemas fizera questão de solucionar. Depois de um momento, completou: — Mas obrigada.

— Bah — disse Thom. Ele deu um passo à frente e estendeu a mão boa. Sarah a apertou, sentindo-se um pouco acanhada. Os dois sorriram, como se estivessem pensando a mesma coisa. — Foi um prazer viajar com você, jovem Sarah. — Ele esperou até que a menina montasse, então voltou caminhando para o caminhão. — E o seu avô parece ser um ótimo sujeito — berrou, virando-se para ela de repente. — Aposto que ele vai ficar feliz da vida quando souber que você chegou lá.

* * *

Os campos da França eram mais amplos do que os do caminho até Dover; eram extensões planas e vastas sem limites à vista. Mas o solo era parecido com o da Inglaterra: de um marrom forte e argiloso, não arado, apenas revirado em montes aleatórios que pareciam um mar revolto. Boo, descansado, trotava alegre pelos acostamentos gramados, com as orelhas eriçadas para a frente, obviamente feliz de estar em terra firme. A raça

dele tinha uma pelagem de inverno apenas um pouco mais grossa do que a de verão. Thom devia tê-lo escovado enquanto ela estava dormindo, porque estava imaculado. Os dois avançavam por uma região desconhecida, mas nem tanto: era a terra das histórias do avô dela, um idioma que escutara desde muito cedo. Vendo-o em outdoors e em placas de estrada, Sarah se sentiu um pouco como se o país falasse com ela. Como se esperasse que ela entendesse.

Ela passou por pequenos vilarejos com ruas tranquilas, civilizadas e fileiras uniformes de casinhas, tudo de pedra cinzenta, com exceção das floreiras bem cuidadas nas janelas e das venezianas pintadas de cores fortes. Um homem passou caminhando com duas baguetes e um jornal embaixo do braço. Ele assentiu cumprimentando-a, como se uma menina montada a cavalo não fosse nada incomum.

— *Bonjour* — disse ele.

— *Bonjour* — respondeu ela, sentindo uma leve alegria ao falar.

Era a primeira palavra em francês que proferia desde que chegara ao país. Parou em um bebedor para animais na praça, e Boo bebeu com vontade, agitando as orelhas para a frente e para trás de um jeito cômico enquanto matava a sede. Ela apeou ali e descansou durante meia hora, jogou água fria no rosto, comeu seus croissants e permitiu que uma mulher se aproximasse com dois filhinhos de expressão solene para que fizessem carinho nele. A mulher observou que Boo era bonito, e Sarah respondeu, em francês, que a raça Selle Français era conhecida por isso. Ela crescera ouvindo o avô dizer aquilo, mas ouvir a própria voz fazendo tal afirmação a deixou constrangida.

— Ah — disse a mulher. — *Comme le Cadre Noir*.

Ouvir o nome mencionado com conhecimento de causa foi uma alegria. A mulher falara do lugar como alguém poderia mencionar o ginásio local ou o conjunto habitacional onde Sarah morava em Londres.

Ela voltou a montar e seguiu na direção de uma placa que indicava Tours. Saiu pelo outro lado do vilarejo, passou por um moinho de vento e por uma ponte e, em poucos minutos, estava em campo aberto outra vez. Passou por baixo de rodovias, por um grande campo cheio de turbinas

rodopiantes, ouvindo o *tump*, *tump*, *tump* de sua ampla rotação elegante como se fosse o coração dela batendo. Sarah, com o espírito mais leve a cada quilômetro, começou a cantar algo que Vô cantava para ela quando era pequena. Baixou o cachecol do rosto, sentindo uma animação crescente. "*Ah ah, Monsieur Chocolat! Oh, oh, Monsieur Cacao…*" A voz dela ecoava pelos campos cobertos de geada. Boo acompanhava o ritmo e agitava a cabeça, pedindo para ir mais rápido. Impaciente para chegar e sabendo que estava a apenas algumas horas de seu destino, ela o incitou a avançar, com o ar frio retesando sua pele, seu corpo se alimentando da energia dele. Os sentidos de Sarah pareciam mais aguçados, como se cada célula de seu corpo absorvesse aquela nova paisagem. Eram apenas ela e seu cavalo, livres, sem ninguém a observá-los; ela sentiu essa liberdade como qualquer outro viajante a cavalo a sentira ao longo de mil anos.

Estou na França, e é lindo, Vô, disse em silêncio. Imaginou o avô na cama, sonhando exatamente com as estradas pelas quais ela viajava naquele momento, pensando com satisfação no que ela estava prestes a fazer. Talvez ouvindo a voz dele, as instruções dele, Sarah aprumou o corpo um pouco, corrigiu o ângulo das pernas, encurtou as rédeas e começou a avançar a meio-galope, com as patas de Boo movendo-se com ritmo e elegância pela faixa de grama. Se Vô os tivesse visto, talvez assentisse aprovando.

* * *

Mesmo quando criança, ela sempre detestara viagens longas de carro. Nunca se lembrava dos acampamentos alegres, dos trailers à beira-mar, das feiras, dos sorvetes, dos parentes felicíssimos que seus irmãos rememoravam depois. Quando pediam que contasse sobre as viagens da infância, Natasha se lembrava apenas das estradas infindáveis, dos quilômetros entre saídas pontuados por gritos: "Já está chegando?", os pais discutindo no banco da frente, os chutes e beliscões disfarçados das irmãs, apertadas ao lado dela no banco de trás. Ela se lembrava do leve cheiro de vômito quando alguém, inevitavelmente, enjoava no carro.

Atualmente ela era quase trinta anos mais velha, mas o pavor nunca tinha sido superado pelo suposto prazer da estrada, pela animação de chegar a um novo destino. Durante o casamento deles, Mac adorava viagens de carro nas férias, parava onde o acaso os levasse, e era capaz de dirigir a noite toda se achasse que seria divertido, mas ela desejava em segredo que tivessem estabelecido um itinerário. A incerteza de não ter uma refeição e uma cama reservada com que contar a deixava desconcertada; e sua perspectiva suburbana, como Mac parecia enxergar aquilo, fazia ela se sentir ao mesmo tempo inadequada e culpada por estragar a diversão dele. Nos últimos anos do relacionamento, eles tinham se contentado (para a insatisfação de ambos) com pacotes turísticos. Natasha se acomodava à beira da piscina, lendo, tentando disfarçar os documentos de trabalho que levara escondidos, enquanto ele andava de um lado para outro nas instalações do hotel, como que tentando se lembrar de onde tinha deixado algo, e acabava bebendo com os novos amigos no bar.

Na noite anterior, o cartão de crédito de Natasha fora usado em um posto de beira de estrada na França. A operadora do cartão dissera que o problema era que a transação tinha aparecido apenas como "La Bonne Route, Paris", descrição que englobava sete lugares daquele tipo no norte da França.

— Bom, acho que deveríamos ir para o lugar dos cavalos — opinara Mac na balsa, na noite anterior.

Eles tinham conseguido embarcar o carro em uma travessia tarde da noite. Natasha ficou sentada quase em silêncio, olhando para o escuro e para as águas agitadas pela janela embaçada, tentando unir o que ouvira da operadora de cartão de crédito com o que julgava possível. Como Sarah poderia ter atravessado o canal da Mancha com um cavalo? Como conseguira chegar à França? Nada daquilo fazia o menor sentido.

— E se não for ela? — indagou Natasha.

Mac lhe entregou uma garrafa de água e apoiou os pés no assento ao lado dela, que se afastou um pouco deles.

— Como assim? — Ele tirou a tampa da sua garrafa e bebeu. — Meu Deus, que sede. — Ele não tinha se barbeado, o queixo estava coberto por

uma camada de penugem.

— E se ela tiver vendido o cartão, ou se houver sido roubada? E se estivermos seguindo a pessoa errada?

— É possível, mas seria uma coincidência absurda a pessoa também querer ir para a França. Além disso, não temos mais nenhuma pista, não é verdade?

Natasha apontou para o mapa na mesa.

— Olhe essas distâncias aqui, Mac. John disse que um cavalo conseguiria percorrer de cinquenta a sessenta e cinco quilômetros por dia, no máximo. Já teria sido bem difícil conseguir chegar a Dover com aquele tempo. Como é que ela teria conseguido atravessar o canal da Mancha com um cavalo e depois cavalgar até o meio da França? E, olhe só, Saumur fica a quase quinhentos quilômetros de Calais. Ela não tem como chegar tão longe.

— O que você quer dizer?

Ela se recostou no assento.

— Que deveríamos voltar. — A voz dela estava carregada de incerteza. — Ou talvez ligar para a polícia.

Mac balançou a cabeça.

— Olhe, agora estamos comprometidos com um plano de ação. Acho que deveríamos ir para Saumur.

— Mas e se tivermos nos enganado?

— E se não tivermos? Faz sentido ela ir para lá. O avô acha que é para lá que ela está indo. O seu cartão de crédito diz a mesma coisa.

Natasha olhou pela janela.

— Eu acho… Acho que fizemos tudo errado. Devíamos ter ligado para a polícia ontem de manhã. Você tem razão, eu não gostaria de envolver a polícia porque não queria que essa situação se tornasse pública. Eu admito. Mas agora a coisa toda já foi longe demais, Mac. Nós dois somos supostamente responsáveis por uma menina de quatorze anos que está perdida, talvez em um país que ela não conhece. Acho que devíamos ligar para a polícia quando desembarcarmos. É a atitude mais responsável.

— Não — retrucou ele, decidido. — No momento em que ligarmos para a polícia, ela perde o cavalo. Ela perde tudo. Não. Ela só está perdida no sentido de que não sabemos onde está. Ela pode saber exatamente aonde está indo. Acho que está bem.

— Essa decisão não é sua.

— Eu sei. Mas eu assumo a responsabilidade se não der certo.

— Ela está sob a minha responsabilidade também.

Quando o olhar de Mac era tão fixo, ela ainda ficava um pouco agitada.

— Quer saber de uma coisa? Se você quisesse mesmo ligar para a polícia, teria feito isso ontem. Você sabe muito bem, Tash, que nenhum de nós dois quer que a polícia se envolva, ainda que por motivos diferentes. — Ele nunca tinha sido tão decidido a respeito de algo quando os dois eram casados. — Mas, bem, estamos aqui agora e temos uma ideia do destino dela. Acho que deveríamos ir até o lugar dos cavalos e esperar por Sarah lá.

A mágoa deixou a voz de Natasha mais severa do que ela esperava.

— E, se você estiver errado, se ela não estiver em segurança, se não estiver onde achamos que está, tudo bem para você aceitar as consequências disso, de verdade?

Desde então eles mal tinham se falado. Mac saiu com o carro da balsa em Calais e continuou dirigindo até de madrugada. Ele não pegou a *autoroute*, optando por estradas menores, aquelas pelas quais um cavalo poderia circular, prestando atenção à escuridão enquanto dirigia.

Natasha cochilou e acordou com o som da voz dele. Estava falando ao celular, com um tom baixo e insistente.

— Não é isso — disse ele. E um tempo depois: — Não, não, querida. Não acho que seja uma boa ideia. Eu sei. Eu sei.

Natasha, acordada e pouco à vontade, ficou com o rosto virado, os olhos fechados, determinada a manter a respiração regular até que Mac desligasse. Deixou passar mais dez minutos antes de dar um bocejo exagerado. Àquela altura, Mac sugeriu que eles encostassem em uma parada para tirar um cochilo. Já passava de uma da manhã e havia pouca chance de encontrarem um hotel.

— Não vamos dormir por muito tempo — disse ele. — Umas duas horas no máximo. Aí seguimos em frente.

Depois da tensão silenciosa da hora anterior, Natasha ficou feliz em aceitar. Saíram da estrada vazia para o estacionamento de um posto de gasolina parcialmente iluminado por um poste solitário. Não havia mais nenhum carro no lugar e, do outro lado de uma cerca viva baixa e malcuidada, os campos planos do Somme pareciam tristonhos no escuro, imbuídos do peso de sua história. O motor foi desligado e ficou em silêncio.

Os dois ficaram ali de mau jeito, um ao lado do outro, uma paródia surreal, pensou Natasha, de uma espécie de encontro amoroso, um prelúdio para um primeiro beijo.

Mac, talvez sentindo a mesma coisa, agiu com distanciamento e educação e lhe ofereceu o banco de trás. Com um agradecimento igualmente educado, ela passou para trás, enrolou o paletó em forma de travesseiro e apoiou a cabeça nele, ciente de que, pela manhã, seu terninho estaria ainda mais amassado.

— Quer o meu casaco emprestado? Não estou com frio.

— Não, obrigada.

Ele caiu no sono, do mesmo jeito que fazia quando estavam casados, como se caísse de um precipício. Como o assento de Mac estava inclinado para trás, Natasha conseguia ver o perfil dele à meia-luz, relaxado, o braço dobrado por cima da testa, e ouvia o som fraco e regular da respiração dele.

Natasha não dormiu. Estava em um carro que não era dela em um país estrangeiro, a mente na mesma velocidade dos carros a distância, pensando em sua carreira perdida, em um homem em Londres que não a amava mais, em uma menina que estava perdida naquele momento, em algum lugar sob o mesmo céu, uma rede de infelicidade e solidão tendo ela no centro. Ficou com frio e se arrependeu de não ter aceitado o casaco de Mac; se lembrou de um cliente antigo, um menino que passara meses dormindo em um estacionamento. Ela vencera o caso, estivera totalmente

determinada a vencer, mas não se lembrava de imaginar como aquilo teria sido para ele.

Enquanto isso, durante as horas que se estendiam, o homem com quem ela achara que passaria a vida toda — o homem que jurara amar; o homem com quem, em um universo paralelo, devia estar de conchinha em uma cama de casal, ouvindo os filhos dormirem — se mexeu e murmurou no banco da frente, a um milhão de quilômetros de distância daquele lugar. Talvez estivesse desejando, em sonhos, uma amante distante de pernas compridas. Natasha ficou ali deitada no escuro e compreendeu, para sua surpresa, que, no fim das contas, o divórcio não era uma dor finita.

* * *

— Linda? Natasha.

— Como estão as coisas? Você resolveu os seus… problemas familiares?

Todos sabiam. Conor devia ter contado tudo. Natasha observou a blusa amassada, a meia-calça que desfiara, tudo bem visível à luz implacável da manhã.

— Não. Ainda não.

— Onde você está? Quando vai voltar?

Os dois tinham dormido por horas e haviam acordado pouco depois do amanhecer. Mac passara a mão entre os assentos da frente e sacudira o ombro dela. Quando abriu os olhos, confusa e desorientada, Natasha demorou vários segundos até se lembrar de onde estava. Depois de mais algumas horas silenciosas e turvas, eles pararam em um posto para irem ao banheiro.

— Não… sei bem. Está demorando mais do que esperávamos. Posso falar com Ben?

— Ele saiu. Com Richard.

— Richard? Por que ele saiu com Richard?

— Ninguém ligou para você?

— Não… por quê?

— É o casal Persey. Eles fizeram um acordo. O outro lado veio falar conosco hoje de manhã para fazer uma oferta. Mais do que ela esperava. E ela concordou com visitas com hora marcada. Richard diz que só Deus sabe se a mulher vai respeitar esses termos, mas por enquanto eles entraram em acordo.

— Graças a Deus.

— Ele saiu para comemorar com ela. Levou Michael Harrington e Ben. Eles vão ao Wolseley tomar um café da manhã com champanhe. Ela já é outra mulher. Eu disse a Ben que se cuidasse… Ela o olha como um leão faminto encara uma gazela.

Richard nem tinha se dado ao trabalho de ligar para ela. A gratidão fugidia que Natasha sentiu pelo casal ter entrado em acordo sumiu, temperada pela consciência de que ela não receberia nenhum crédito por aquele desfecho. Aos olhos de Richard, ela não fazia mais parte do processo.

Naquele instante, Natasha percebeu que não se tornaria sócia. Não naquele ano. Talvez nem dali a vários anos.

— Lin? Será que… — Ela suspirou. — Ah, deixe para lá.

Uma dor forte penetrou sua têmpora. Ela estava parada no estacionamento de um posto de beira de estrada na França, com roupas que vestira dois dias antes, esfregando a cabeça enquanto examinava os veículos que passavam feito borrões. Como fora parar ali? Por que não tinha feito o que aconselhava a todos os estagiários e mantido a cliente a uma distância segura? Como não adivinhara que o caos da vida dessas crianças era, na verdade, contagioso?

— Então, como você está?

— Tudo bem — mentiu ela.

— Ninguém aqui está entendendo tudo isso direito — disse Linda, com cuidado. — Você escondeu suas cartas na manga.

— E agora estou pagando por isso, certo?

— Algumas pessoas acham que talvez você pudesse ter lidado melhor com a situação.

Natasha fechou os olhos.

— Preciso desligar, Lin. Ligo mais tarde.

Mac estava voltando pelo estacionamento. Aquilo era o purgatório, pensou ela: sua carreira destruída, sua vida pessoal em frangalhos, ela e o ex-marido destinados a ficarem presos em um carro minúsculo pelo resto da vida, discutindo picuinhas enquanto tentavam justificar as péssimas decisões que haviam tomado.

— Ah! Natasha! Quase me esqueci de contar. Recebemos uma visita aqui bem cedo pela manhã. Você nunca vai adivinhar quem era.

Mac havia parado para dizer algo a duas mulheres mais velhas que tinham acabado de sair do carro. O que quer que ele tenha dito fez as duas começarem a rir, e ela viu o largo sorriso que ele não lançava para ela desde muito antes de sair de casa. Algo se apertou em seu peito.

— Hein?

— Ali Ahmadi.

Natasha parou de prestar atenção em Mac.

— O que você disse?

— Há! Eu sabia que isso prendaria a sua atenção. Ali Ahmadi.

— Mas isso é impossível! Ele está sob custódia. Por que deixaram ele sair antes de o caso ser julgado?

Linda riu.

— Aquele garoto que saiu no jornal era *outro* Ali Ahmadi. Você sabia que Ahmadi é um dos sobrenomes mais comuns no Irã? Parece que é basicamente um João da Silva iraniano. Mas, bem, o Ahmadi que você representou veio aqui para dizer que conseguiu ser aceito em uma escola técnica e as aulas começam em setembro. Um garoto bacana. Trouxe um buquê de flores para você. Coloquei na sua sala.

Natasha se sentou em uma mureta com o celular colado na orelha.

— Mas…

— Eu sei. Devíamos ter checado. Quem ia pensar que existem dois Ali Ahmadi? Mas é legal, não é? Devolve a fé da gente na natureza humana. Bem que eu não conseguia imaginar esse menino como um marginal violento. Ah, e devolvi aquele pingente de cavalo que queríamos mandar para ele. Espero que você não se incomode. Ele ficou feliz.

— Mas… Mas ele mentiu sobre a distância que percorreu. Ele me fez representar o caso do jeito errado.

— Foi exatamente o que ele disse para Ben. Como a intérprete veio junto, pegamos o arquivo e pedimos que ela desse mais uma olhada nas anotações da tradução. E ela deparou com uma coisa interessante.

Natasha ficou em silêncio. Linda continuou:

— Ali Ahmadi disse mesmo que viajou quase mil e quinhentos quilômetros em treze dias, mas não disse que *caminhou*. Foi isso que nós, e a intérprete também, entendemos. Antes de ele sair, Ben perguntou… Ah, você não acreditaria como o inglês dele ficou bom! Incrível! Mas Ben perguntou como ele conseguiu chegar tão longe. Ele explicou que andou uma parte do caminho e depois pegou carona em um caminhão. Então estendeu aquele cavalinho. Ele percorreu uma parte montado em uma mula ou algo assim. Mas o negócio é o seguinte: ele nunca mentiu para você.

Natasha perdeu o fio da meada de qualquer outra coisa que Linda estava tentando lhe dizer, onde tinha colocado as flores, quando ligaria de novo. Ela apoiou o rosto nas mãos, exausta, e pensou em um menino que havia segurado as mãos dela em um gesto sincero de agradecimento, um menino que viajara quase mil e quinhentos quilômetros em treze dias. Um menino que só tinha dito a verdade, sempre.

Quando Natasha ergueu os olhos, Mac estava a alguns passos dela com dois copos de isopor nas mãos. Ele desviou o olhar de supetão, como se a estivesse observando havia algum tempo. Natasha fechou o celular.

— Ok, você venceu — disse ela, pegando o café. — Vamos para Saumur.

* * *

Ela pegara o caminho errado. Examinou de novo o pequeno mapa, já gasto de tanto ser dobrado, que não parecia explicar por que a estrada que deveria ter levado a Tours e depois mais alguns quilômetros até o estábulo que Thom havia reservado a levara a uma área industrial sem fim. Fazia

alguns quilômetros que ela avançava mais ou menos ao longo de uma estrada de ferro, mas o mapa de Thom não mostrava a ferrovia e Sarah não fazia ideia se estava indo na direção certa. Confiara em seu instinto, acreditando que em algum momento surgiria uma placa indicando Tours ou outro marco no caminho. Mas nada aparecera, e a paisagem verdejante se transformara aos poucos em algo que lembrava os arredores de Londres, uma expansão de concreto com galpões amplos e vazios, estacionamentos, enormes pôsteres desolados anunciando supermercados de grandes redes, com os cantos soltando e balançando ao vento. De vez em quando, um trem passava com um rugido, fazendo Boo se sobressaltar, e então o silêncio se instalava, interrompido apenas por um ou outro carro que passava.

O sol tinha começado a descer, a temperatura caía e Sarah foi perdendo a esperança de que tivesse escolhido o rumo correto. Ela parou, consultou de novo o mapa, depois o céu, tentando entender se ainda estava indo na direção sudoeste ou se, na verdade, ia para o sudeste. Nuvens tinham tapado o sol, dificultando a interpretação das sombras. Ela estava com fome e arrependida por não ter parado nas feiras simpáticas pelas quais havia passado. Tinha ficado muito ansiosa e só queria seguir em frente. E estivera tão certa de que, àquela altura, já teria chegado ao estábulo.

A paisagem havia ficado mais desolada; os prédios com as janelas tapadas pareciam não ser ocupados fazia um bom tempo. Ela parecia estar chegando a algum lugar: o trilho se dividira e se transformara em mais trilhos, com fileiras de vagões parados, fechados e cobertos de pichações, uma teia de postes e cabos acima dela. Preocupada, Sarah decidiu voltar pelo mesmo caminho. Suspirou fundo de exaustão e começou a virar Boo.

— *Que fais-tu ici?*

Ela se virou sobre a sela e viu cinco motos e bicicletas motorizadas, duas com passageiros na garupa. Dois motoqueiros usavam capacete, o resto, não. Fumavam, olhavam feio. Ela conhecia esses garotos pois eram como aqueles que moravam no conjunto habitacional dela.

— *Eh? Que fais-tu ici?*

Ela não queria falar. Sabia que o sotaque iria denunciar que era estrangeira. Deu as costas para eles e continuou seguindo em frente, virando Boo para a esquerda. Algo lhe dizia que não conseguiria passar por eles. Torceu para perderem o interesse e irem embora.

— *Tu as perdu les vaches, cowboy.*

As pernas dela apertaram o corpo de Boo em um gesto involuntário. Um cavalo bem treinado detecta a menor tensão em seu cavaleiro, e esse movimento, com um leve aumento de tensão na rédea, chamou a atenção de Boo.

— *Hé!*

Um deles passou acelerando por ela. Sarah ouviu os outros atrás, falando obscenidades, conversando. Com expressão impassível, ela continuou avançando, sem saber se estava se dirigindo para um beco sem saída. O terreno industrial era enorme e compreendia construções do tamanho de galpões e estacionamentos desertos. Pichações em vermelho e preto nas paredes revelavam a ausência de movimentação, talvez até de esperança.

— *Hé! J'ai parlé à toi!*

Ela ouviu uma moto acelerando, e seu coração bateu, disparado.

— *Eh! J'ai parlé à toi! Putain!*

— *Allez-vous en* — disse ela, tentando parecer mais confiante do que se sentia. *Vão embora.*

Os garotos começaram a rir.

— *Allez-vous en!* — repetiu um deles, imitando a voz dela.

A escuridão caía, e Sarah começou a trotar. Ela se sentou muito ereta e ouviu as motocicletas cantando pneu e acelerando atrás dela. Havia mais luzes adiante. Se ela conseguisse voltar à estrada principal, eles teriam de deixá-la em paz.

— *Putain! Pourquoi tu te prends?*

Um dos motoqueiros a alcançara, então recuara. Sarah sentiu o cavalo tenso, as orelhas agitadas, esperando um sinal que ainda não tinha sido dado. Ela tocou o pescoço dele, tentando ganhar conforto do animal, tentando esconder dele seu pânico crescente. Eles vão embora em um

instante, disse-lhe em silêncio. Vão se cansar e vão deixar a gente em paz. Mas a motocicleta deu um cavalo de pau na frente dela. Boo parou abruptamente, com a traseira baixa e a cabeça inclinada para o alto. Mais duas motos a rodearam, de modo que, nesse momento, havia três na frente dela. O cachecol envolvia seu rosto, o capacete estava afundado por cima dos olhos.

Alguém jogou um cigarro no chão. Ela permaneceu sentada, imóvel, acariciando o ombro de Boo em um gesto inconsciente.

— *Putain! Tu ne sais pas qu'il est impoli d'ignorer quelqu'un?*

O garoto parecia norte-africano. Indicou Sarah com a cabeça.

— *Je… je dois aller au Tours* — disse ela, tentando fazer a voz não tremer.

— *Tu veux aller au Tours…* — A risada dele era desagradável. — *Je te prendrai au Tours. Monte à bord.* — Ele deu tapinhas no assento e todos deram risada.

— *Il y a quoi dans ce sac?*

Ela olhou de um para outro.

— *Rien* — respondeu. *Queriam a mochila dela.*

— *Il est trop plein pour rien.*

Um dos garotos, de pele clara, com a cabeça raspada enfiada embaixo de um boné, tinha descido da moto. Sarah tentou manter a respiração regular. Eles são iguais aos garotos do conjunto habitacional, disse a si mesma, estão se exibindo uns para os outros. Você só precisa mostrar a eles que não está com medo.

O garoto caminhou devagar na direção dela. Usava uma jaqueta cáqui suja, tinha um maço de cigarros no bolso de cima. Parou a alguns passos de distância e então, sem aviso, saltou para a frente berrando "Rá!".

Boo assoprou pelo focinho e deu um salto para trás. Os garotos riram.

— Calma — murmurou ela, pressionando as pernas em volta dele mais uma vez. — Calma.

O garoto de boné deu uma tragada no cigarro e avançou de novo. Sarah deduziu que eles não iam mais parar. Tinham sentido o cheiro de alguma brincadeira nova, de alguma tortura fresca. Com discrição, ela avaliou a

distância, tentando detectar a melhor rota de fuga, a saída. Eles deviam conhecer a área, deviam ter passado horas fazendo aquilo, acelerando as motos por ali, passando o tempo, procurando pontos fracos para saquear e destruir por pura frustração e tédio.

— Rá!

Dessa vez, ela estava pronta, e Boo recuou, mas não saltou. Ela o segurava firme entre as pernas e as mãos, dizendo-lhe em silêncio para não se mover, negando-lhe a oportunidade de sentir medo. Mas o cavalo estava inseguro. Ela percebeu o olho de Boo virando para trás, o pescoço tenso e arqueado, e sentiu a boca de Boo na ponta da rédea, mexendo ansioso no freio. Quando as motos aceleraram mais uma vez, ela soube o que tinha de fazer.

— *S'il vous plaît* — pediu ela. — *Laissez-moi la paix.*

— *Renvois-moi et je te laisserai la paix.* — Ele fez um gesto para a mochila dela.

— *Hé! Putain! Renvois-le ou j'en fais du pâté pour chien!*

O garoto norte-africano disse algo sobre carne de cavalo, e aquela palavra foi todo o incentivo de que Sarah precisava. Ela fez Boo se levantar, assinalando as instruções em silêncio com as pernas. Ele se recusou a escutar durante alguns segundos, ainda transtornado pela ansiedade, mas então seu treinamento se sobrepôs e ele começou a trotar sem sair do lugar, obediente, com as patas se erguendo com cuidado, ritmadas, duas de cada vez, em uma versão exagerada de *piaffe*.

— *Regardez! Un cheval dansant!*

Os garotos começaram a desdenhar, acelerando as motos, chegando cada vez mais perto, levemente distraídos com o que ela fazia. Sarah engoliu o medo e tentou bloquear o barulho, concentrando-se, reunindo a energia de Boo, juntando um centro de força secreto no cerne dele. A cabeça do cavalo baixou até o peito, as patas foram se erguendo. Ela sentiu a ansiedade dele, seu coração apertado com a confiança que tinha nela, e percebeu que estava pronto para fazer o que ela pedia, apesar do medo. Sarah ouviu um dos garotos berrar alguma coisa, mas o som se perdeu no sangue que pulsava em seus ouvidos.

— *Alors, comme ça on se fait valser, hein?*

O garoto que estava a pé tinha chegado mais perto. O sorriso dele estava mais severo, desdenhoso. Ele a fez pensar em Maltese Sal. Sarah usou a perna direita para fazer Boo se afastar discretamente dele. Saltitante em um *terre à terre*, incentivado pelo impulso crescente dela, o cavalo também ia absorvendo a tensão, e Sarah quase não conseguiu segurá-lo. Uma energia perigosa e animosa crescia entre os garotos. Dava para sentir a fome de confusão e de caos deles. Sarah quase escutava os pensamentos deles enquanto calculavam as possibilidades. *Por favor*, disse a Boo. *Só uma vez. Você tem que fazer isso por mim.*

— *Faites-la descendre!* — gritou um dos garotos, fazendo um gesto para que os outros a tirassem de cima de Boo.

Ela sentiu a mão que se estendia para a sua perna. Era a deixa de que precisava. Fincou os calcanhares nas laterais do corpo de Boo, dizendo com o jeito de se sentar que era para ele se erguer, se erguer, então gritou:

— Hup!

E ele saltou, acima dos garotos, como se tivesse dado um pulo sísmico, e deu um coice. *Capriole!* O mundo parou e, por um segundo, Sarah viu o que os homens deviam ter visto nas batalhas dois mil anos antes: o rosto dos oponentes cheio de terror quando os enormes animais se erguiam, desafiando a gravidade, com as patas transformadas em armas suspensas.

Embaixo dela, alguém soltou um grito de medo, de ultraje. Duas motos tombaram e o garoto que estava a pé caiu de bunda no chão. Quando os cascos dianteiros de Boo atingiram o solo, ela se lançou para a frente e fincou os calcanhares nas laterais do corpo dele.

— Vá! — berrou. — Vá!

E o cavalo enorme saltou por cima das motocicletas, fez uma curva e disparou pela estrada asfaltada, pelo mesmo caminho de onde tinham vindo.

* * *

Em um quarto escuro de hospital, a várias centenas de quilômetros de distância, Henri Lachapelle, com a cabeça inclinada para o lado, onde tinha sido colocada pelas enfermeiras do turno da noite, acordou e olhou para a imagem borrada do cavalo a seu lado, esperando até que ficasse mais nítida e mais sólida. De algum modo, o animal se aproximara enquanto ele dormia e, naquele momento, olhava para ele, seu olho iridescente vidrado no dele com certa sutileza reconfortante, uma paciência aparentemente infinita. Os olhos do próprio Henri, secos e doloridos, se fecharam e se abriram várias vezes em meio a uma confusão avassaladora. Então: *Gerontius!*, exclamou ele, cheio de gratidão. O cavalo piscou devagar, baixando o focinho, como se o reconhecesse, e ele tentou se lembrar de como tinham ido parar ali. Pouca coisa estava clara; deixar-se levar por essas novas marés havia ficado mais fácil, aceitar as doses de remédios sem lutar, os rostos de desconhecidos.

Ele sentia o couro duro das botas ao redor das panturrilhas, a sarja preta macia do colarinho em volta do pescoço, e ouvia a risada distante dos colegas *écuyers*, que se preparavam em algum lugar ao longe. O cheiro de fumaça de lenha, açúcar caramelado e couro quente penetrava suas narinas, as brisas suaves do vale do Loire atingiam sua pele. E então ele estava montado, passando pela cortina vermelha, com as mãos enluvadas leves nas rédeas de couro, os olhos vidrados calmamente entre as orelhas eretas do cavalo. Sentiu as patas longas e fortes de Gerontius se moverem embaixo de si, aqueles passos únicos e elegantes, tão familiares para ele quanto seu andar, e uma alegria profunda, um tipo de euforia, se espalhou dentro dele. Gerontius não iria decepcioná-lo; dessa vez ele provaria do que era capaz. Dessa vez, ele seria *um homem com asas*.

Porque dessa vez algo estava diferente: ele mal precisou transmitir seu pedido ao cavalo. Havia uma telepatia entre eles, uma compreensão que nenhum Grand Dieu tinha pensado em lhe revelar. Antes que suas esporas sussurrassem nas laterais do cavalo, antes que ele transferisse o peso do corpo ou proferisse uma única palavra, Gerontius se antecipara a ele. *Mas que nobre criatura*, pensou Henri, maravilhado. *Como pude abandoná-lo durante tanto tempo*?

O cavalo arqueou o pescoço, foi para o centro da arena, com o pelo sedoso brilhando sob as luzes dos arcos, os cascos se erguendo embaixo dele, os dois no centro de um vórtice de expectativa… E então, com um *whoosh*, ele estava sobre as patas traseiras, em uma altura impossível, sem tremer nem se esforçar, com a cabeça orgulhosa fixa e firme, olhando para a plateia como se tivesse o direito de ter sua conquista glorificada pelos espectadores. E Henri estava ali, inclinado atrás dele, as pernas firmes, as costas perfeitamente retas, engolindo em seco de êxtase ao compreender que era isto: os dois estavam no ar, e ele nunca mais precisaria descer.

E foi aí que ele a viu. A garota de vestido amarelo, de pé no assento à sua frente, com as mãos esguias erguidas sobre a cabeça. Ela batia palmas, seus olhos estavam cheios de lágrimas de orgulho, e deu um sorriso.

Florence!, exclamou ele. *Florence!* O aplauso que tomou conta de toda a plateia encheu os ouvidos e o coração dele. O som era ensurdecedor, as luzes explodiam à sua frente, *Florence*, de modo que aquilo se transformou em tudo e o elevou ainda mais, abafando o apito agudo e distante dos aparelhos, as vozes cheias de urgência, a porta da ala do hospital que se abriu de supetão.

* * *

Mac batia à porta do quarto dela.

— Pronta? Madame disse que o jantar era às oito, lembra?

Natasha tinha vestido a calça de corte ruim e a camisa vermelha de algodão fino, os únicos itens no hipermercado local que serviam nela, e disse, cansada:

— Preciso de cinco minutos. Encontro você lá embaixo.

Ela ouvira os passos dele ecoando pelo corredor, ricocheteando nas paredes cobertas com painéis de madeira, e remexeu na bolsa em busca de rímel, algo para dar um pouco de vida ao rosto pálido e exausto.

Os dois haviam chegado à cidade pouco depois das cinco. A primeira parada tinha sido a École Nationale d'Équitation, o lar do Le Cadre Noir, mas os portões estavam fechados. Uma voz se fez escutar pelo interfone,

aparentemente irritada com a insistência de Mac em tocar a campainha, revelando que o lugar não estaria aberto ao público até duas semanas depois do Natal. E a resposta para a segunda pergunta de Mac foi que não, nenhuma menina inglesa aparecera ali com um cavalo. Nem Mac nem Natasha falavam bem francês, mas a fluência não fora necessária para detectar o tom de descrença sádica na voz do homem.

— De qualquer forma, ela nunca conseguiria chegar aqui antes de nós — observou Natasha. — É melhor encontrarmos uma base e trabalhar a partir de lá.

Ela havia ligado para a operadora de cartão de crédito mais uma vez, porém não houvera nenhuma atividade nova. Sarah não sacara dinheiro desde a noite anterior. Natasha não sabia se achava isso bom ou ruim.

O Château de Verrières ficava no centro da cidadezinha medieval; os fundos davam para a École de Cavalerie. O château era amplo, ornamentado, lindo; o tipo de lugar em que eles tinham se hospedado no início do relacionamento, quando estavam tentando provar algo um para o outro, quando Mac usava loção pós-barba e a elogiava por qualquer coisa que vestisse. Quando Natasha ainda achava engraçados ou graciosos alguns comportamentos que acabariam se transformando em motivo de reclamação dois anos mais tarde.

— Acho que tanto faz ficarmos em um lugar bacana ou em uma rede de hotel — disse Mac.

Ele tentava parecer alegre, mas Natasha sabia que, desde que tinham chegado a solo francês, os medos dele haviam aumentado, assim como os dela. Os dois tinham sido cuidadosos um com o outro nas últimas horas. Era como se a situação tivesse tomado uma proporção tão grande, tão pesada, que não havia mais espaço para outros sentimentos. Talvez fosse o fato de nenhum dos dois continuar tão confiante quanto estava no começo.

Ela chegou ao andar de baixo e encontrou Mac acomodado na frente de uma enorme lareira, explicando a situação à dona do château. A francesa escutou a história com uma incredulidade educada.

— Vocês acham que a criança cavalgou de Calais até aqui? — repetiu ela.

— Sabemos que ela está vindo para Le Cadre Noir — explicou Mac. — Só precisamos achar um jeito de conversar com alguém de lá, para descobrir se ela apareceu por aqui.

— Monsieur, se uma menina inglesa de quatorze anos tivesse aparecido aqui desacompanhada e montada a cavalo, Saumur inteira saberia. Tem certeza de que ela consegue chegar até aqui?

— Sabemos que ela sacou dinheiro nos arredores de Paris ontem à noite.

— Mas são mais de quinhentos quilômetros…

— É possível — disse Natasha, com firmeza, pensando em Ali Ahmadi. — Sabemos que é possível. — Ela e Mac trocaram um olhar.

— Não há ninguém lá agora — explicou a mulher. — Se quiserem, posso ligar para os gendarmes e perguntar se há registro de algo assim.

— Isso ajudaria muito. Obrigado — disse Mac. — Aceitamos toda ajuda possível. — Então, quando a chatelaine desapareceu para checar a comida, ele perguntou a Natasha: — Você está bem?

— Estou.

Ela ficou olhando pela janela, desejando que a menina surgisse de trás das árvores, na ponta da cerca viva. Passara a ver Sarah em todo lugar; atrás de carros estacionados, fugidia no final de alamedas estreitas. *Ela vem para cá.* Mas, quando se lembrava de Ali Ahmadi, Natasha não pensava no triunfo da força de vontade dele, no buquê de flores que a esperava no escritório, mas sim nos próprios fracassos. Ela sentia, com um temor nauseante, que cometera um erro colossal.

Frente a frente com Mac no jantar, em um ambiente tão romântico, ela percebeu que não estava com fome e, em vez de comer, bebeu. Três, quatro taças se esvaziaram sem que ela notasse. Em um acordo tácito, os dois resolveram não falar sobre Sarah, mas Natasha não conseguia pensar em nada a dizer e não sabia para onde olhar. De frente para Mac, ela olhava para as mãos dele, sua pele, o cabelo castanho desgrenhado. Estranhamente, ele também não estava falando muito. De vez em quando, soltava pequenos sons de aprovação.

— Delicioso, não é? — disse ele, antes de perceber que Natasha mal tocava na comida no prato.

— Ótimo — respondeu.

Ele parecia cauteloso, como se não soubesse muito bem o que dizer a seguir, e a falta de jeito de Mac alimentou a dela, de modo que, quando ele recusou a sobremesa, dizendo que ia tomar um bom banho, os dois murcharam um pouco de alívio.

— Talvez eu vá dar uma volta aqui por perto — disse ela.

— Tem certeza? Está bem frio lá fora.

— Preciso de um pouco de ar.

Natasha tentou sorrir, mas não conseguiu. O ar frio fez com que ela exalasse forte, apertando o casaco em volta do corpo. O local tinha um leve cheiro de fumaça de lenha. À direita, ela viu a fachada clássica da academia e, a uma curta distância dali, as ruas largas e calçadas com pedras cor de mel de Saumur.

Natasha caminhou na direção de uma castanheira e, ao chegar até ela, olhou para o céu por entre os galhos elegantes. Uma extensão vasta e negra, sem a poluição das luzes urbanas, brilhava com um milhão de luzinhas piscantes. Ela já não estava mais pensando no trabalho, no processo que perdera, em seu relacionamento destruído. Não ousava pensar em Sarah e em onde a menina poderia estar. Em vez disso, pensou em Ahmadi, que não havia mentido para ela. Ficou com vergonha pela rapidez e pela facilidade com que sua opinião sobre ele se corrompera.

Ela não sabia muito bem quanto tempo ficara ali quando ouviu passos no caminho de cascalho. Era Mac, e o coração dela deu um salto.

— O que foi? É a polícia? — perguntou ao perceber que ele segurava o celular. — Encontraram Sarah?

O cabelo dele estava seco, o que significava que não tinha tomado banho.

— Era o Cowboy John. — A expressão de Mac era séria. — É o avô da Sarah. Ele morreu hoje à noite.

* * *

Ela não conseguiu falar nada. Esperou que ele desse uma de Mac, que risse e pedisse desculpa, dissesse a ela que tinha sido uma piada sem graça. Mas ele não fez nada disso.

— Caramba, Tash — disse Mac, por fim. — O que faremos agora?

Ela conseguia escutar os estalos suaves dos galhos da árvore com a brisa e sentia, com uma clareza maravilhosa, o frio em seu rosto.

— Encontraremos a menina — respondeu, com a voz estranha e aguda a seus ouvidos. — Precisamos encontrar Sarah. Não sei o que mais nós…

Algo começou a subir em seu peito, uma sensação horrível e desconhecida de sufocamento que a encheu de pânico por um instante. Natasha passou por ele e continuou caminhando rápido, então correu na direção do château. Passou pelo corredor cavernoso e elegante e subiu a escada de mogno até seu quarto. As lágrimas caíram antes mesmo de ela se deitar na cama grande, com os braços sobre a cabeça. Deixou a colcha pesada absorvê-las, sem saber ao certo por que chorava: pela menina, sozinha em um país desconhecido, cuja última conexão com a família querida fora rompida, pelo menino órfão cuja história ela interpretara mal, ou até pela confusão catastrófica em que tinha transformado sua vida. Talvez libertados pelo álcool, pela estranheza de seu entorno, pelo país estrangeiro, pelo deslocamento dos dois dias anteriores, os soluços de Natasha fizeram seu corpo inteiro estremecer, parecendo emergir das maiores profundezas. Ela chorou em silêncio, sem saber como conseguiria parar.

* * *

Sarah ouvia as motocicletas atrás dela. Disparava a galope, respirando em fôlegos curtos, tomada pelo medo. Boo corria com o pescoço bem reto, os cascos soltando faíscas no solo à luz que ia enfraquecendo. Ela virou a cabeça dele para a direita e voou na direção de algo que parecia uma estrada, ouviu pneus cantando atrás de si e mais um grito ameaçador de "*Putain!*" e percebeu que estava em um estacionamento de supermercado.

Ela galopou pelas vagas, mal reparando nos casais chocados empurrando carrinhos de compras e em um motorista que parou no meio da ré. As motos tinham se espalhado, ela as via de soslaio. Tentou puxar Boo para trás — se chegasse muito perto do supermercado, haveria gente demais para os garotos fazerem alguma coisa com ela —, mas o pescoço dele estava rígido, inflexível. Boo, apavorado, estava perdido em um mundo só seu.

Sarah se inclinou para trás; as faixas da estrada eram um borrão embaixo dele.

— Boo! Ôa! — berrou ela, mas percebeu, apavorada, que não conseguiria parar.

Reconhecendo que deveria simplesmente continuar avançando, ela saltou um pequeno trilho e um buraco no asfalto, passou voando por um estacionamento vazio e viu que tinha chegado ao limite do terreno, que o preto além do muro baixo era o campo vazio. Ergueu-se nos estribos, puxando um lado da rédea, um velho truque que deveria ter feito com que ele começasse a andar em círculo e diminuísse a velocidade.

Mas Sarah não percebera como o muro estava próximo, como tinha criado um ângulo impossível para o animal. Assim como o cavalo, ela não vira o desnível do outro lado do muro, então ele saltou, ainda cego de medo, e foi só quando as patas dele encontraram o vazio que os dois perceberam o erro do cavalo.

O som das motos desapareceu. Sarah voou para o céu escuro, mal ciente de um grito que talvez fosse seu. E então Boo tropeçou, a cabeça dele sumiu embaixo dela e Sarah estava caindo. Viu um lampejo de uma superfície de estrada iluminada, ouviu um barulho horrível e tudo ficou preto.

* * *

Como ninguém respondeu quando ele bateu discretamente à porta, Mac girou a maçaneta, com medo de que o gesto causasse mais algum novo antagonismo entre eles. Mas não podia voltar para o seu quarto: ela

parecia muito perdida, o rosto pálido ao luar, a segurança de sempre dissipada.

— Tash? — arriscou, baixinho. Repetiu o chamado, então abriu a porta devagar.

Natasha estava na cama com dossel, com os braços cruzados sobre a cabeça. Mac achou, por um instante, que talvez estivesse dormindo. E então, quando estava para fechar a porta sem fazer barulho, viu o movimento dos ombros dela e escutou o som abafado de um soluço. Ficou imóvel. Natasha não chorava na frente dele havia anos. Durante muito tempo depois de enfim ir embora, quinze meses antes, ele ficara se lembrando da expressão dela no corredor, o maxilar tenso, o rosto totalmente impassível enquanto permanecia parada em seu terninho e o observava levar as coisas dele para o carro.

Mas isso parecia ter acontecido séculos antes.

Mac caminhou meio incerto pelo assoalho de madeira. Natasha se encolheu quando ele colocou a mão em seu ombro.

— Tash?

Ela ficou ali deitada, sem reação. Mac não sabia muito bem se ela não conseguia responder ou se simplesmente queria que fosse embora.

— O que foi? — perguntou. — Qual é o problema?

Quando ela tirou o rosto das cobertas, ele estava pálido e inchado de tanto chorar. O que sobrara do rímel tinha escorrido pelas bochechas, e Mac conteve o impulso de limpá-las.

— E se não encontrarmos Sarah? — Os olhos dela brilhavam.

A profundidade evidente da dor dela era chocante e a transformava em uma estranha para ele. Mac não conseguia tirar os olhos dela.

— Vamos encontrá-la. — Foi a única coisa que ele conseguiu dizer. — Não estou entendendo, Tash…

Ela se ergueu e se sentou, puxou os joelhos para baixo do queixo e enterrou o rosto neles. Precisou repetir duas vezes antes que Mac entendesse o que estava dizendo.

— Ele confiou em nós.

Mac se sentou na cama ao lado dela.

— É verdade, mas…

— Você tinha razão, a culpa é toda minha.

— Não… não… — murmurou ele. — Foi uma coisa idiota de se dizer, e eu não deveria ter dito. A culpa não é sua.

— É, sim — insistiu ela, com a voz distorcida pelas lágrimas. — Eu falhei com ele. Eu falhei com ela. Nunca cuidei dela como deveria. Mas foi muito…

— Você foi ótima. Como você mesma disse, fez o melhor que pôde. Nós dois demos o nosso melhor. Não tínhamos como saber que isso ia acontecer.

Mac estava surpreso pelo fato de que algo que tivesse dito pudesse provocar uma reação daquelas nela. Fazia muito tempo que Natasha parecia inatingível por qualquer coisa que ele fizesse.

— Ah, Tash, foram só palavras… Eu estava com raiva…

— Não. Você estava certo. Eu não deveria ter caído fora. Se eu tivesse ficado… talvez se tivesse conseguido fazer com que ela se abrisse um pouco mais… Mas eu não conseguia mais ficar perto de você. Eu não conseguia mais ficar perto *dela*.

Mac via os braços finos dela na camisa vermelha, marcada pelas manchas escuras das lágrimas. Sua vontade era estender a mão para ela, mas tinha medo de que, se ele fizesse isso, Natasha voltasse a se fechar.

— Você não conseguia mais ficar perto de Sarah? — indagou, baixinho, num tom cuidadoso.

O rosto dela estava imóvel, os soluços tinham parado.

— Ela me mostrou como eu nunca seria boa nisso. Ter Sarah em casa me fez ver… que talvez haja um motivo para eu não ter tido filhos. — Engoliu em seco. — E as coisas que aconteceram com ela desde então me mostraram que eu estava certa. — A voz de Natasha falhou, e ela voltou a soluçar, tremendo, o corpo pequeno de repente.

Mac ficou estupefato com a tristeza repentina dela pelos bebês perdidos.

— Não, Tash — disse ele, baixinho, pegando na mão dela. Os dedos estavam molhados de lágrimas. — Não… Não, Tash. Não é isso… Fala

sério… — protestou, com a própria voz falhando. Ele a puxou para perto, abraçou-a e ninou-a, sem tomar plena consciência do que estava fazendo. — Ai, meu Deus. Não… Você teria sido uma ótima mãe, eu sei disso.

Ele apoiou o rosto no alto da cabeça de Natasha, sentindo o cheiro conhecido do cabelo dela, e percebeu que a lágrima que escorria por sua bochecha era dele mesmo. Então sentiu os braços de sua mulher envolvendo seu corpo. Ela se agarrou a ele, uma mensagem silenciosa de que talvez ele tivesse sido necessário, desejado, de que, no fim das contas, ele tivera algo a oferecer a ela. Os dois ficaram ali no escuro, abraçados, em luto tardio pelos filhos que haviam perdido, pela vida juntos que haviam renegado.

— Tash… — murmurou ele. — Tash…

Os soluços dela se aquietaram e, no lugar do som deles, uma pergunta silenciosa preencheu o ar do quarto, inscrevendo-se sobre a pele nos pontos onde os dois se tocavam. Mac levantou o rosto dela nas mãos, as pálpebras vermelhas, a pele molhada, tentando decifrá-la, e viu algo ali que fez qualquer raciocínio desaparecer.

Mac baixou o rosto até o de Natasha e, com um murmúrio, beijou o lábio inferior dela, usando as mãos para traçar os contornos do rosto dela, estranho e, no entanto, muito conhecido. Por um instante, ele sentiu a hesitação dela, e alguma parte distante dele também empacou — *O que é isto? Será que deveríamos parar?* —, mas então os dedos esguios dela estavam entrelaçados nos dele e sons delicados de um bichinho escapavam dela enquanto seus lábios procuravam os dele.

E Mac a apertava, deixando escapar um suspiro de alívio e desejo. Beijou o pescoço e o cabelo dela, abriu os botões da blusa amassada, sentiu o cheiro de almíscar da pele dela e ficou atrapalhado de tanto desejo. Sentiu as pernas dela se engancharem nas suas costas e observou, com alguma parte distante de si que ainda raciocinava, que ela nunca tinha sido assim. Pelo menos não nos anos anteriores. Que aquela Natasha era uma pessoa nova e que seus sentimentos em relação a isso eram mais complicados do que ele era capaz de começar a destrinchar.

Mac abriu os olhos e a observou à luz fraca que vinha da janela, viu o rímel borrado, o cabelo sem lavar, o pulso fraco no pescoço arqueado e pálido. O carinho que sentiu foi sufocado por algo obscuro e masculino que respondia a algo dentro de si que ele não fora capaz de confessar a ela no tempo em que tinham estado casados. Aquilo não era voltar a percorrer um terreno conhecido. Ele nem sequer reconhecia aquela pessoa.

— Eu quero você. — Mac ouviu a voz dela em seu ouvido como se isso fosse uma surpresa para ela. Natasha estava rouca com algo dentro de si, algo faminto e desesperado. — Eu quero você — repetiu, e Mac, já tirando a camiseta por cima da cabeça, compreendeu que, apesar de ela não ter feito exatamente uma pergunta, só havia uma resposta possível.

25

"O cavaleiro em si se encontra em extremo perigo se algo acontece com seu cavalo."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Um pássaro branco voava em círculos sobre ela; movia-se em círculos enormes, preguiçosos, emitindo um som monótono que foi ficando cada vez mais alto e então, quando se tornou insuportável, recuou. Sarah piscou, incapaz de distingui-lo com clareza sob a luz forte que brilhava por trás, implorando em silêncio para que ficasse quieto.

Ela ficou ali deitada, imóvel, enquanto o volume do barulho aumentava, mas dessa vez o solo tremeu embaixo dela, o que a fez franzir a testa, ciente da dor na cabeça, no ombro direito. Por favor, desejou, chega. É barulho demais. Os olhos dela voltaram a se fechar, bem apertados, contra a invasão brutal de seus sentidos. Finalmente, quando se tornou insuportável, o barulho parou. Ela sentiu uma vaga gratidão antes de ser interrompida por outro som. Uma porta batendo. Uma exclamação.

Ai, pensou ela. *Meu ombro*. E depois: *estou com muito frio, não consigo sentir os pés*. A luz ficou mais fraca e ela abriu os olhos um pouquinho e viu uma forma se avultando sobre ela.

— *Ça va?*

O pânico tomou conta dela antes que seu consciente tivesse entendido por quê. Algo estava errado, muito errado. Sarah piscou e esqueceu a dor ao distinguir os contornos de um homem olhando de cima para ela. Deu-se conta de que estava estirada em uma valeta de drenagem. Conseguiu se erguer um pouco e se arrastou para trás até encostar num poste.

Homens. Motos. Pavor.

O homem do campo ficou a alguns metros dela, com uma expressão preocupada, a enorme máquina amarela agrícola a curta distância, a porta aberta de onde ele deveria ter descido.

— *Que faire?* — perguntou.

Os olhos de Sarah se recusavam a entrar em foco. Ela olhou ao redor, começando a distinguir o amplo campo arado, as construções distantes do parque industrial. O parque industrial. Um salto no escuro.

— O meu cavalo — disse ela. Levantou-se de um salto e soltou um grito de dor involuntário. — Onde está o meu cavalo?

O homem recuava, gesticulando para que ela ficasse onde estava.

— *Je telephonerai aux gendarmes* — disse. — *D'accord?*

Ela já avançava cambaleando pela estrada, tentando esclarecer as ideias, a vista.

— Boo! — berrou. — Boo!

Ela não reparou na desconfiança do homem enquanto seus dedos grossos e quadrados hesitavam sobre os botões do celular. Se tivesse reparado, poderia ter entendido. Drogas?, suspeitava. Loucura? Com um dos lados do corpo coberto de lama, seu rosto estava machucado; algum tipo de confusão?

— *Tu as besoin d'aide?* — perguntou, com cautela.

Ela não escutou.

— Boo! — berrou, arrastando-se até um poste, fazendo careta ao tentar manter o equilíbrio. O corpo dela doía; sua visão se recusava a ficar clara. Mas até ela conseguia ver que o campo estava vazio, a não ser por alguns corvos distantes, o vapor da respiração dela. Sua voz simplesmente desapareceu no ar parado da manhã.

Ela se voltou para o homem.

— *Un cheval?* — implorou. — *Un cheval brun? Un Selle Français?*

Ela tremia, uma mistura de frio e medo. Aquilo não podia estar acontecendo, não naquele momento, não depois de tudo aquilo. O medo tomou conta dela com força, fazendo com que despertasse e a incapacitando com a enormidade do que tinha acontecido. Era algo grande

demais, uma perspectiva pavorosa demais. Ele não podia ter ido embora. Claro que não podia ter ido embora.

O homem estava parado à porta de sua máquina.

— *Tu as besoin de mon aide?* — perguntou mais uma vez, menos insistente, como se torcesse para que a estrangeira afirmasse que não, que estava bem.

Na verdade, Sarah, que já avançava mancando pela estrada, sem saber muito bem onde procuraria primeiro, estava ocupada demais gritando o nome do cavalo para escutá-lo. O puro choque de Boo ter ido embora sobrepujou a dor que ela sentia no ombro, as marteladas repetitivas em sua cabeça.

Ela tinha quase chegado ao fim do campo arado antes de perceber que o cavalo não era a única coisa que havia desaparecido.

* * *

A quase cinquenta quilômetros dali, Natasha também acordou com uma sensação inesperada de ausência. Antes mesmo de entender que o som que escutara era Mac desaparecendo no banheiro, já estava ciente da ausência do corpo ao lado do dela. Ainda sentia o peso do braço dele, o comprimento sólido da perna dele pressionado atrás da dela, a respiração dele quente no pescoço dela. Sem ele, Natasha ficava sem chão, como se flutuasse solta no espaço em vez de estar bem aninhada em uma cama de casal grande. *Mac*.

Ouviu quando ele levantou a tampa da privada e abriu um leve sorriso com aquela indicação de domesticidade. Afundou-se ainda mais nas cobertas, perdida no ar abafado que falava de horas de prazer, de desejo atendido e retribuído. Pensou nele, nos lábios dele, nas mãos dele, no peso dele, na intensidade com que seus olhos a haviam examinado, como se todo o ano anterior não tivesse sido varrido, mas tornado irrelevante devido à força dos sentimentos dos dois. Natasha pensou nas próprias ações, na sua falta de inibição, no desejo, aquela coisa que tinha despertado tão inesperadamente, como se fosse algo bem separado de

quem ela acreditava ser. Foi como se as discussões passadas, as crueldades, as coisas que haviam impedido que fossem eles mesmos um com outro tivessem exacerbado tudo. Ela o surpreendera, sabia disso, assim como tinha surpreendido a si mesma. Quanto tempo fazia que ela não se sentia a melhor versão de si mesma aos olhos dele?

Deslizou para o lado dele da cama, inalando a marca ainda quente da pele dele. Ouviu a descarga, o som de água corrente enquanto ele lavava as mãos. Seria errado ela se enroscar nele de novo antes de se levantarem e retomarem a busca? Seria errado usar os lábios, as mãos, a pele dele para se fortalecer para o dia que teria pela frente? Como seria tomar banho naquela banheira enorme de pezinhos, reivindicar o corpo dele, centímetro por centímetro ensaboado? *Eu o amo*, pensou, e a consciência desse fato lhe veio como um alívio, como se significasse que podia parar de lutar.

Ela suspirou de contentamento. Então, de maneira prosaica, esfregou os olhos, ciente do rímel borrado da noite anterior, tentou ajeitar o cabelo, que estava colado atrás da cabeça. O corpo dela queimava, atiçado pela ansiedade, e pediu a ele, em silêncio, que se apressasse. Queria senti-lo grudado nela, em volta dela, dentro dela. Sentiu uma fome do físico dele que acreditara não existir mais em si. Ela nunca havia se sentido assim com Conor. Sentira desejo físico, sim, mas tinha sido como saciar um apetite que os dois reconheciam, não essa sensação agitada e visceral de fazer parte de um todo, de sentir uma ausência, ainda que temporária, feito uma amputação.

Foi nesse ponto que ela ouviu a voz. No começo, achara que era alguém no corredor, mas, ali deitada, esforçando-se para escutar, percebeu que Mac estava falando. Saiu da cama, enrolada na colcha, foi descalça até o banheiro, hesitou por um momento, então encostou a orelha na porta de carvalho.

— Querida, vamos conversar sobre isso mais tarde. Você… você é impossível. — Ele estava rindo. — Não, eu não… Maria, não quero conversar sobre isso agora. Eu já disse, ainda estou procurando. Sim, vejo você no dia 15… Eu também. — Riu de novo. — Preciso desligar agora, Maria. Falo com você quando chegar em casa.

Durante anos depois disso, Natasha se esforçaria para dissociar o cheiro de cera da premonição de um desastre. Afastou-se da porta, já sem sorrir, o ardor transformado como que com alquimia em gelo em seu sangue. Tinha acabado de chegar à cama quando ele saiu do banheiro. Natasha acalmou a respiração, esfregou o rosto, sem saber muito bem como se mostrar a ele.

— Você acordou — observou Mac.

Natasha sentiu o olhar dele. A voz dele estava rouca pela falta de sono.

— Que horas são? — perguntou ela.

— Oito e quinze.

O coração dela batia de forma desconfortável.

— É melhor irmos andando — disse ela, olhando para o chão em busca das roupas. Ela não o encarou.

— Quer sair da cama? — Mac pareceu surpreso.

— Achei que seria uma boa ideia. Precisamos falar com a polícia, lembra? Madame… ia ligar para nós.

Ela viu a calcinha embaixo da cômoda de nogueira. Ficou vermelha ao pensar como a peça tinha ido parar ali.

— Tash?

— O que foi?

Vestiu a calcinha, de costas para ele, com a colcha escondendo o corpo.

— Você está bem?

— Estou. — Ajeitou a calcinha no quadril e se virou para ele. Manteve o olhar alerta, neutro. Por trás dele, desejava uma morte lenta e dolorosa para Mac. — Por que não estaria?

Mac tentava avaliar o humor dela. Sorriu e deu de ombros, um pouco incerto.

— Só acho que devíamos agir logo — prosseguiu ela. — Lembrar o que estamos fazendo aqui.

E antes que Mac pudesse dizer algo, ela já tinha pegado suas coisas e entrado no banheiro.

* * *

O gendarme conversara com a administração do Le Cadre Noir antes de ir ao château.

— Não há notícia de uma menina assim por aqui — disse ele na sala de estar enquanto tomava um café trazido por Madame, que tinha ficado a uma distância discreta. — Mas garantiram que vão informar a vocês, com certeza, se ela aparecer. Vocês vão ficar aqui?

Natasha e Mac se entreolharam.

— Acho que sim — respondeu Mac. — Este é o único lugar em que Sarah pode aparecer. Vamos ficar até ela chegar.

A história deles tinha suscitado no policial a mesma reação que em Madame: uma leve descrença, a pergunta no ar sobre como pretensos pais podiam tolerar a ideia de uma criança viajando sozinha até tão longe.

— Posso perguntar por que acham que ela irá para o Le Cadre Noir? Estão cientes de que se trata de uma academia de elite?

— O avô dela. Ele foi um membro, ou seja lá como chamam, há muito tempo. Era ele que parecia acreditar que Sarah viria para cá.

O inspetor pareceu satisfeito com a resposta. Fez mais algumas anotações no bloquinho.

— E ela está com o meu cartão de crédito. Sabemos que foi usado no caminho para a França — completou Natasha. — Tudo indica que está vindo para cá.

A expressão do policial não revelava nada.

— Vamos colocar os gendarmes em um raio de oitenta quilômetros em alerta. Se alguém a vir, vamos informar a vocês. — Ele deu de ombros. — Mas não será fácil distinguir uma menina andando a cavalo por aqui… vocês precisam compreender que, em um lugar como Saumur, estamos rodeados de pessoas assim.

— Nós compreendemos — disse Natasha.

Depois que o policial foi embora, os dois ficaram em silêncio. Natasha olhou para a sala, para as cortinas pesadas, para as aves empalhadas em caixas de vidro.

— Nós podíamos sair de carro por aí — sugeriu Mac. — Acho que é melhor do que ficarmos aqui o dia inteiro sem fazer nada. Madame disse

que ligaria se acontecesse algo.

Ele fez menção de tocar no braço dela, mas Natasha se afastou, ocupando-se com a bolsa.

— Acho que não faz sentido nós dois sairmos — ponderou ela. Teve vontade de socá-lo quando Mac assumiu uma expressão levemente magoada. — Vou dar uma volta na academia. A gente se fala.

— Isso é ridículo. Por que vamos nos separar agora? Natasha, vamos juntos.

Houve uma pausa curta. Ela juntou suas coisas, recusando-se a olhar para ele.

— Ok — disse, enfim, e saiu da sala.

* * *

Havia pegadas de cavalo na outra ponta do campo arado. Ela tentara correr quando as viu, mas a lama grossa, pegajosa e pesada prendia as botas dela, impossibilitando até o mais lento dos movimentos. Ela finalmente chegara ao fim, mas, depois de algumas pegadas lamacentas no asfalto, o rastro de Boo tinha desaparecido.

Ela caminhou durante mais uma hora, ziguezagueando pelos campos, entrando nos bosques, com a voz rouca de tanto gritar, até que chegou ao vilarejo seguinte. Àquela altura estava tremendo, com o corpo gelado e vazio. O ombro doía, sentia pontadas de fome no estômago. Carros passavam a toda velocidade por ela, sem reparar ou sem se importar; de vez em quando buzinavam quando ela se aproximava demais da estrada.

Foi quando chegou ao vilarejo que viu a pequena fileira de lojas. O cheiro de pão da *boulangerie* era apetitoso e reconfortante, completamente fora de alcance. Enfiou a mão gelada no bolso e tirou três moedas. Euros. Não conseguia lembrar como foram parar ali: Thom tinha colocado o dinheiro dela num envelope que estava na mochila desaparecida. Troco. De alguma transação breve no dia anterior. Ela olhou para as moedas, para a *boulangerie*, e depois para o telefone público na praça do outro lado da

rua. Havia perdido tudo: seu passaporte, os documentos de Boo, o dinheiro que tinha, o cartão de crédito de Natasha.

Só havia uma pessoa que talvez pudesse ajudá-la. Enfiou a mão no bolso de dentro do casaco para pegar a foto de Vô; estava amassada e ela tentou alisá-la com os polegares.

Atravessou a praça com passos rígidos, entrou em um *bar tabac* e pediu para usar o telefone.

— *Tu as tombé?* — perguntou a mulher atrás do balcão, simpática.

Sarah assentiu, de repente ciente de suas roupas, da lama.

— *Pardonnez-moi* — disse, conferindo se não tinha deixado um rastro de pegadas.

A mulher observava o rosto dela de testa franzida, preocupada.

— *Alors, assais-toi, chérie. Tu voudrais une boisson?*

Sarah sacudiu a cabeça.

— Inglês — disse, com a voz só um pouco mais alta do que um sussurro. — Preciso ligar para casa.

A mulher olhou para as moedas na mão de Sarah. Estendeu o braço e tocou no rosto da menina.

— *Mais tu as mal à la tête, eh? Gérard!*

Alguns segundos depois, um homem de bigode surgiu atrás do balcão com duas garrafas de xarope cor de cereja, que colocou na superfície de madeira. A mulher balbuciou para ele, gesticulando na direção de Sarah.

— Telefone — disse ele.

Sarah se levantou e se dirigiu ao telefone público, mas ele sacudiu o dedo.

— *Non, non, non. Pas là. Ici.*

Ela hesitou, sem saber se aquilo era seguro, mas concluiu que não tinha muita escolha. Ele ergueu a tábua do balcão e a conduziu por um corredor escuro. Havia um telefone em uma pequena cômoda.

— *Pour téléphoner* — disse o homem. Quando ela lhe estendeu as moedas, ele sacudiu a cabeça. — *Ce n'est pas nécessaire*.

Sarah tentou lembrar o código da Inglaterra, então ligou.

— Ala de derrame.

O som de uma voz em inglês teve um efeito inesperado: fez com que ela de repente sentisse saudade de casa.

— É Sarah Lachapelle — disse com a voz firme. — Preciso falar com o meu avô.

Houve um silêncio.

— Pode esperar um momento, Sarah?

Ela ouviu murmúrios, do tipo que se escuta quando alguém cobre o bocal do telefone com a mão, e olhou ansiosa para o relógio, não querendo que a ligação saísse muito cara para o casal francês. Via a mulher pela porta, servindo café, conversando animada. Provavelmente estavam falando dela, a menina inglesa que tinha caído do cavalo.

— Sarah?

— John? — Ela ficou surpresa com a voz dele, esperava a de uma enfermeira.

— Onde você está, menina?

Ela ficou paralisada. Não sabia o que dizer a ele. Será que Vô não veria problema em Sarah contar a John onde estava? Ou será que ele ia querer que ela prosseguisse? Dizer a verdade antes não tinha dado muito certo.

— Preciso falar com Vô. Pode passar o telefone para ele, por favor?

— Sarah, você precisa me contar onde está. Tem gente a sua procura.

— Não — retrucou ela com firmeza. — Não quero falar com você. Quero falar com Vô.

— Sarah…

— É importante, John. Importante de verdade. Por favor, faça isso por mim. Por favor, não dificulte as coisas… — Ela estava quase chorando.

— Não posso, querida.

— Pode, sim. Falei com ele anteontem. Se você colocar o telefone na orelha dele, ele pode escutar o que eu…

— Sarah, menina, seu avô se foi.

Ela ficou olhando para a parede. Alguém tinha acabado de ligar uma televisão no bar e ela escutou o barulho distante da torcida e os comentários animados de um jogo de futebol.

— Para onde ele foi?

Uma longa pausa.

— Sarah, meu amor, ele se foi.

Ela sentiu um frio subir por seu corpo.

Sarah sacudiu a cabeça.

— Não — disse.

— Meu amor, você precisa voltar para casa agora. Está na hora de voltar para casa.

— Você está mentindo — disse ela. Seus dentes batiam.

— Querida. Sinto muito.

Sarah bateu o telefone. O corpo todo dela tremia, e precisou se sentar. Deslizou, sem fazer barulho, até o piso de linóleo e ficou ali sentada enquanto a sala girava lentamente ao seu redor.

— *Alors!*

Ela não sabia dizer quantos minutos tinham se passado, mas percebeu de longe a mulher gritando para chamar o marido e dois pares de mãos a ajudando a se levantar. Foi levada até o salão principal do bar e colocada sentada com cuidado em um dos sofás com assento de couro vermelho; então a mulher pôs uma caneca fumegante de chocolate quente na frente dela e desembrulhou cubos de açúcar, que despejou na bebida.

— *Regardez!* — disse outro cliente. — *Elle est si pâle!*

Outra pessoa murmurou algo sobre choque. Ela os ouvia como se estivesse longe. Percebeu mais rostos, sorrisos compreensivos. Alguém tirou o capacete de montaria dela e Sarah sentiu vergonha do cabelo sujo, da lama sob as unhas. Não tinha sobrado mais nada. Vô se fora. Boo se fora.

A mulher esfregava a mão dela e a incentivava a tomar o chocolate quente. Ela deu um gole educado, se perguntando se ia vomitar.

— *Tu as perdu ton cheval?* — perguntou alguém, e o cérebro dela parecia tão estranho que ela precisou tentar várias vezes antes de conseguir assentir.

— *De quelle couleur est il?*

— *Brun* — respondeu por reflexo.

Ela se sentia leve, ouvia tudo como se estivesse longe. Perguntou-se, por um instante, se sairia flutuando se soltassem a mão dela, se iria para a atmosfera e desapareceria. Por que não? Não havia mais ninguém para ancorá-la à terra, ninguém que se importava com ela. Não havia nada a que se dirigir, nada a que voltar. Boo provavelmente estava morto, estirado em uma valeta como a que a abrigara até ser encontrada. Os garotos podiam tê-lo perseguido por quilômetros. Podia ter sido roubado, atingido por um carro, absorvido por aquele vasto país para nunca mais ser visto. E Vô… Vô tinha morrido enquanto ela estava longe. Nunca mais veria suas mãos, nunca mais veria as escovadas fortes dele, de um lado para outro, o maxilar travado com o esforço. Nunca mais ficariam diante da televisão comentando as notícias. Nada fazia sentido.

Teve uma visão repentina de si mesma, um pontinho, completamente sozinha no universo. Não havia mais lugar para ela, ninguém, não tinha mais um lar. Essa súbita percepção foi tão impactante que Sarah achou que talvez fosse desmaiar. Então percebeu que as pessoas não tiravam os olhos dela e desejou que fossem embora. Pensou, de maneira abrupta, que poderia se deitar no sofá e dormir por cem anos.

Havia murmúrios preocupados. Sentiu as pálpebras caírem, então a mulher forçou a caneca em seus lábios de novo.

— *C'est la secousse* — disse alguém, que de fato levantou as pálpebras dela para conferir.

— Estou bem — disse Sarah, imaginando como era possível dizer algo tão verdadeiro e tão falso ao mesmo tempo.

— *Mademoiselle*. — Um homem magro com um cigarro estava de pé diante dela. — *Le cheval est brun?* — Sarah ergueu os olhos para ele. — *Il est de quelle taille? Comme ça?* — Ele indicou com a mão um ponto bem no alto, perto do ombro.

De repente, ela conseguiu se concentrar. Assentiu.

— Venha, venha — disse ele. — Por favor, venha.

Sarah sentiu o braço da mulher, que a amparava, e de repente se sentiu grata. Suas pernas pareciam não lhe pertencer mais. Pareciam fracas, como arames que dobram à menor pressão. Ela piscou, o brilho da luz da

manhã era forte demais depois da escuridão do bar. E então a mulher estava entrando no banco de trás de um carro com ela e o homem magro se acomodou no da frente. *Podem estar me levando para qualquer lugar*, pensou Sarah distraidamente. Estava fazendo tudo o que Vô lhe dissera para não fazer. De algum modo, não conseguiu reunir a energia necessária para se importar. *Porque Vô não está mais aqui*. Ela deixou as palavras rolarem em sua mente, mas nada aconteceu. *Não consigo sentir nada*, pensou.

Depois de uns três ou quatro quilômetros, entraram em um sítio, por um caminho cheio de máquinas agrícolas enferrujadas e enormes torres de palha em rolos envoltos com plástico preto brilhante. Um ganso chiou irritado quando desceram do carro, e o homem magro o espantou.

Então, ao dobrar a esquina de um galpão enorme, ela o viu: estava em um estábulo para vacas com a sela e o bridão posicionados na beirada do portão.

— Boo? — disse ela, sem acreditar, esquecendo a dor no ombro.

— *Il est le vôtre?* — perguntou o homem.

Boo relinchou, como se disse uma resposta conclusiva.

— *Le fermier l'a trouvé ce matin, en haut par le verger. En tremblant comme une feuille, il a dit.*

Ela mal ouviu o que ele disse. Desvencilhou-se da mulher e disparou na direção do cavalo. Subiu no portão e meio que caiu do lado de dentro, com os braços em volta do pescoço dele, o rosto molhado de lágrimas pressionado em seu pelo.

Quem poderia pensar que uma menina pudesse chorar tanto por um cavalo?, disseram eles no *bar tabac* mais tarde, muito tempo depois de ela ter sido despachada com mais uma xícara de chocolate quente e meia baguete. Ela havia chorado sem parar por meia hora, enquanto enfaixava os pobres joelhos ensanguentados do cavalo e o acariciava e lhe dizia palavras carinhosas; Sarah se recusou a sair do lado dele. Não era muito normal ver uma garota tão emotiva por causa de um animal.

— Ah. Sabem como são essas meninas — disse a mulher do bar enquanto passava um espanador nas garrafas. — São apaixonadas por

animais nessa idade. Eu também era assim. — Ela fez uma pausa e indicou com a cabeça o marido, que tinha se distraído do jornal por um momento. — Ainda sou, é claro — completou, com uma gargalhada de desdém e, ao som das risadas dos clientes, voltou para a cozinha.

* * *

Mac esperou Natasha entrar no carro antes de dar a partida. Ela mal tinha falado com ele a manhã toda. Cada vez que ele tentava alguma coisa, fazer alguma referência ao que havia acontecido, ela adotava a expressão que Mac chamava de rosto matrimonial, demonstrando desaprovação reprimida e recriminação não dita. Era difícil saber como reagir àquilo: ela sentira desejo por ele na noite anterior, ele não tinha forçado nada. Por que diabo ela o estava tratando daquele jeito?

Mac sabia que tinha feito a coisa certa, mas era difícil reconciliar a criatura sedenta e passional da noite anterior à mulher fria e fechada ao lado dele. Havia acordado enroscado nela, com os lábios pressionados na nuca dela enquanto dormia, e o primeiro pensamento que teve foi uma espécie de animação. Havia possibilidades: algo se abrira entre eles, se revelara. Ele pensara que talvez não fosse tarde demais. Não era só sexo, apesar de aquilo ter sido uma surpresa para ele. Parecia que ela tinha retirado uma camada de si mesma, permitido que só ele visse algo que mantivera guardado por muito tempo. Depois, ela tinha chorado mais uma vez, só que de alívio, e, abraçado a ela, sussurrando para ela, Mac sentira que ela lhe confiara algo. Ele se surpreendera por terem desperdiçado tanto tempo ficando longe um do outro.

Eu quero você.

Então, como explicar aquela manhã? Mac sabia que amava aquela mulher complicada, de temperamento instável, mas não estava certo de ter energia para ficar sempre derrubando as barreiras que Natasha parecia tão determinada a erguer entre eles. Você está certa, disse a ela em silêncio. Os homens realmente se enchem de mulheres "difíceis", e é por isto: vocês pegam uma situação gloriosa e criam algo tóxico com ela.

— Você me ouviu falando ao telefone hoje de manhã? — perguntou de repente.

Natasha nunca fora boa em mentir. Suas bochechas coraram.

— Não — respondeu.

— Nós não estamos juntos, eu e Maria, se o problema é esse. Nós somos amigos. Era para estarmos fazendo um trabalho juntos hoje. Tive que cancelar.

Ela fez um gesto com a mão.

— Olhe. Chegamos.

— Ela está com um namorado novo — disse ele, mas Natasha já tinha saído do carro.

Estacionaram na frente da École National d'Équitation, e Mac a seguia até a administração, onde uma jovem com o cabelo preso em um rabo de cavalo e a pele brilhante denunciando uma vida ao ar livre os cumprimentou com apertos de mão. Ela pediu desculpas pelo mal-entendido do dia anterior: não tinham compreendido a situação, explicou, nem a conexão deles com o Le Cadre Noir.

Enquanto Natasha explicava, Mac aproveitou para examinar algumas das fotografias em sépia de cavalos paralisados no ar em ângulos impossíveis, homens com quepes e uniformes com alamares acomodados sobre eles com aparência calma, como se não estivessem fazendo nada de mais ao montar um animal equilibrado sobre duas patas num ângulo de quarenta e cinco graus. Mais para cima, havia a fileira de honra; todos os *écuyers* do Le Cadre Noir desde o século XIX, com os nomes, só um ou dois por ano, escritos em dourado. Um lhe saltou aos olhos: Lachapelle, 1956-60. Pensou no idoso, que provavelmente nunca soube que o tempo passado ali tinha sido celebrado, que havia sido homenageado daquela maneira, e se sentiu triste por alguém que poderia ter passado a vida toda buscando a beleza, a excelência, ter passado os últimos anos de sua vida onde passou. Ele entendia um pouco melhor o desejo ardoroso, as instruções rígidas que o idoso dava a Sarah. O que mais alguém poderia querer para os filhos que não a perfeição e a beleza? Ou satisfação na arte de buscar essas coisas?

— Olhe — disse ele, pegando uma pasta com fotografias. — Esta é Sarah com o cavalo. Dá para ver o rosto dela um pouco melhor nesta aqui.

A mulher as examinou, então assentiu.

— Ela monta muito bem.

Foi difícil saber se ela só estava sendo simpática.

— O nome do avô dela é Lachapelle. É ele.

Mac apontou para a foto na fileira de honra.

— Ele está com vocês? Temos vários encontros. Temos uma publicação, *Les Amis du Cadre N*...

— Ele morreu ontem à noite — contou Natasha.

— Foi por isso que ela fugiu?

— Não — disse Natasha e olhou para Mac. — Achamos que ela ainda não sabe.

A mulher devolveu as fotos para Mac.

— Sinto muito por não podermos ajudar mais, porém, se soubermos de algo, Madame, Monsieur, claro que vamos avisá-los. Querem conhecer as instalações já que estão aqui?

Um rapaz foi incumbido de lhes mostrar o lugar, e entraram no Carrière Honneur, uma ampla arena-escola de areia onde um homem usando um chapéu preto cavalgava um cavalo castanho saltitante, observado por uma dúzia de cavalos imaculados em uma fileira de baias. Ele cavalgava a meio-galope para um lado, depois para outro, fazendo a montaria respirar ruidosamente por causa do esforço.

Enquanto caminhavam, o rapaz explicava: era ali que os cavalos de apresentação ficavam, lá eram mantidos os de adestramento, do outro lado, os de salto. No total, eram cerca de trezentos animais. Um mundo de ordem, de padrões elevados atingidos e conservados. Mac ficou com um sentimento curioso de segurança por aquele lugar ainda existir.

— Por que estamos passeando? — Natasha de vez em quando resmungava enquanto caminhavam por uma avenida arborizada até o bloco de baias seguinte, a arena de areia seguinte, um mundo dedicado a uma busca que nenhum dos dois compreendia.

Mas Mac sabia que Natasha se sentia como ele: o que mais podiam fazer? Pelo menos ali tinham compreendido melhor qual era o objetivo de Sarah. A várias centenas de quilômetros de casa, aquilo paradoxalmente era o mais próximo que tinham chegado dela.

Natasha abriu o celular.

— Vou tentar a operadora de cartão de crédito de novo. Já se passaram algumas horas.

— Estão passando férias aqui? — perguntou o guia num inglês carregado de sotaque quando Natasha se afastou.

— Não exatamente — respondeu Mac.

— Fotógrafo — disse o rapaz, apontando para a bolsa de Mac.

— Sou, sim. Mas não estou aqui a trabalho.

— Devia fotografar Le Carrousel. É a apresentação que marca o fim do ano letivo. Todos os *écuyers* se apresentam.

— Me dê licença por um minuto. — O celular dele estava tocando.

— O que foi? — perguntou Natasha, interrompendo a ligação com a operadora.

Mac deu as costas para ela e passou a mão na cabeça enquanto escutava.

— Ah, meu Deus — disse ele e fechou o celular.

— Ela sabe — adivinhou Natasha. — Ela sabe que o avô morreu.

Mac assentiu.

Natasha levou a mão à boca.

— Então ela sabe que não tem mais nada.

Mac se perguntou se tinha ficado pálido como ela. Ficaram se entreolhando, alheios aos cavalos, à beleza do entorno.

— Bloqueie o cartão, Tash — disse ele finalmente. — Se ela resolver não vir para cá precisamos impedir que vá para outro lugar.

— Mas aí ela correrá mais riscos. Precisamos garantir que ela tenha dinheiro para comer, para dormir em algum lugar. Está fazendo muito frio à noite.

— Mas podemos passar semanas correndo atrás dela pela França. Há um milhão de lugares onde se pode parar um cavalo. Precisamos dar um

fim nisso.

— Eu sei, mas tirar a única fonte de apoio que ela tem não é a solução.

— Se tivéssemos cortado o apoio financeiro na Inglaterra, ela não teria chegado tão longe. — Parecia que ele estava culpando Natasha. Mac não pôde evitar.

— Ela teria encontrado um jeito

— Mas estamos procurando há dois dias e duas malditas noites e ainda não temos a menor ideia de onde ela…

— Monsieur? — O jovem guia pressionava o walkie-talkie na orelha. — Monsieur? Madame? *Attendez, s'il vous plaît* — disse rápido em francês. E então: — Tem uma menina inglesa aqui. Uma menina com um cavalo. Mademoiselle Fournier disse que é para vocês me acompanharem.

* * *

Não foi como ela havia imaginado, uma chegada triunfal. Durante os dois primeiros dias de viagem, ela havia imaginado aquilo várias vezes, o êxtase quando chegasse ao lugar que com certeza passaria a sensação de ser um segundo lar para ela. Era o seu destino. Estava em seus ossos, como o avô dissera.

Mas, nos últimos oito quilômetros, Sarah tinha se agarrado às palavras como uma muleta, aquilo que a fazia seguir em frente. Havia se arrastado por Saumur, alheia às ruas largas e elegantes, às construções antigas, à beleza atemporal da beira do rio. Boo, exausto, atraía olhares curiosos com os joelhos enfaixados, de vez em quando um passante demonstrava desaprovação, como se ela não devesse montar um animal machucado. Ela sabia que não parecia menos estranha com o rosto machucado e as roupas enlameadas. Doze quilômetros, oito quilômetros, quatro quilômetros… Tinha implorado a ele que continuasse seguindo em frente, travara o maxilar com força para não chorar por causa da dor no ombro, a dor de cabeça que não ia embora.

Quase soluçou quando viu as placas indicando a École de Cavalerie, então reconheceu em uma rua residencial a fachada georgiana da

construção em forma de ferradura. Mas não havia cavalos: os homens que caminhavam pelos pátios não usavam preto, mas sim a camuflagem de guerra moderna.

— *Le Cadre Noir?* — perguntou a um deles quando atravessava a place du Chardonnet.

— *Non!* — Ele olhou para Sarah como se fosse louca. — *Le Cadre Noir n'a pas été ici depuis 1984. C'est à St Hilaire de Fontaine*. — Ele apontou para uma rotatória. — *C'est pas loin d'ici… cinq kilometres?*

Por um instante, ela achou que não conseguiria avançar. Mas se aprumara e seguira as instruções do soldado, passando por várias rotatórias, atravessando uma cidadezinha e então — tão longe que Sarah temeu ter se perdido de novo — subiu um longo caminho verdejante, flanqueado por campos de cavalos.

E, de repente, ali estava, maior do que ela imaginava, de aspecto mais moderno. Aquela não era a antiguidade elegante das fotos de Vô, um pátio cheio de gente uniformizada. Havia portões de segurança, seis arenas de dimensões olímpicas, restaurantes, estacionamentos, uma loja para turistas. Sarah entrou pelos portões abertos sem que quase ninguém prestasse atenção nela, com os olhos quase fechando de exaustão, até ver a placa "Grand Manège des Écuyers", que lhe dizia que sua jornada tinha chegado ao fim.

Ela guiou Boo pela arena coberta depois da entrada, onde as próximas apresentações estavam listadas com o preço dos ingressos, percorreu todo o comprimento e deu a volta por trás, onde serragem, pegadas de cavalo e um caminho de concreto do estábulo revelavam uma rota equina. Do outro lado das enormes portas de madeira, ela escutou uma voz masculina. Endireitou um pouco o corpo, respirou fundo e então se inclinou para a frente, com uma careta de dor, e bateu várias vezes na porta. Um breve silêncio se instalou ali dentro, rompido por alguém dando uma instrução: "*Hup!*" Sarah respirou fundo e bateu de novo, a mão insistente nos painéis de madeira.

Ouviu um pino deslizar e a porta se abriu para revelar um interior cavernoso: uma catedral moderna com piso de areia. Nas laterais havia

vários cavalos, todos montados, os cavaleiros vestidos com o uniforme preto e dourado que ela conhecia da infância, como se fizessem uma espécie de ensaio. O ar era silencioso, reverente, com cada homem concentrado nos movimentos de seu cavalo reluzente e musculoso.

O homem que abrira a porta a encarou, então deu uma bronca nela em francês, agitando os braços. Sarah estava tão cansada que mal distinguia o que ele dizia, mas o interrompeu:

— Preciso falar com o Grand Dieu — disse ela, a voz falhando de cansaço. — *Je dois parler au Grand Dieu*.

Houve um breve silêncio estupefato, e ela aproveitou a falta de ação momentânea do homem para passar por ele. Boo eriçou as orelhas.

— *Non! Non!*

Um homem com um walkie-talkie corria apressado atrás dela.

— *Que faire?*

Um idoso com um quepe veio na direção deles do outro lado da escola. O rosto dele era marcado por rugas, tinha os olhos fundos. O uniforme preto dele era imaculado, engomado, como se segurasse o corpo dentro dele.

— *Désolé, Monsieur*. — O homem mais jovem tinha pegado as rédeas de Sarah e puxava Boo na direção da saída. — *Je ne sais pas ce que…*

— *Non!* — Sarah forçou Boo a avançar e deu um tapa na mão do homem. — Solte o meu cavalo. Eu preciso falar com Le Grand Dieu.

O homem se aproximou dela com seu cavalo. Olhou para os joelhos cobertos de ataduras de Boo, depois para Sarah.

— *Je suis le Grand Dieu*. — Ela se sentou um pouco mais ereta. — *Mademoiselle* — disse ele, com a voz grave e séria. — *Vous ne pouvez pas entrer ici. C'est Le Cadre Noir. C'est pas pour…*

— Eu preciso montar para você ver — interrompeu Sarah. — *Je… je dois monter mon cheval pour vous*. — Tinha consciência de que os outros cavaleiros aos poucos iam parando de fazer o que faziam, que ela havia se transformado no centro das atenções. — Eu não posso voltar. Você tem que me deixar montar.

Ele estava erguendo a mão para lhe mostrar o caminho da saída.

— Mademoiselle, sinto muito, este lugar não é para você. Você e seu cavalo não estão em condições…

Sarah viu outro homem falando em um walkie-talkie, talvez chamando a segurança. Em pânico, ela enfiou a mão no casaco e tirou de lá a foto de Vô.

— *Monsieur! Regardez! C'est Henri Lachapelle*. Você o conhece. Ele esteve aqui. — Ela colocou a foto na frente dele com o braço esticado e a mão tremendo. — Você o conhece.

Ele parou, pegou a foto dela. O outro homem no momento falava com urgência, gesticulando na direção de Sarah.

— Henri Lachapelle? — indagou, observando a imagem com atenção.

— *Mon grandpère*. — Um nó tinha se formando garganta dela. — Por favor. Por favor. Ele me disse para vir aqui. Por favor, deixe que eu monte para você.

O idoso olhou para trás, para os outros cavaleiros, depois mais uma vez para a foto. Enquanto ele observava a imagem, o outro homem atravessou apressadamente a arena, segurando o walkie-talkie. Murmurou algo no ouvido do idoso e indicou com a cabeça o aparelho.

Os dois olharam para Sarah.

O idoso a examinava.

— Você… Você veio cavalgando da Inglaterra até aqui? — perguntou ele devagar.

Sarah assentiu, mal ousando respirar.

Ele sacudiu de leve a cabeça, como se tivesse dificuldade para entender.

— Henri Lachapelle — murmurou. Então se afastou devagar dela, criando nuvens de areia com as botas reluzentes. Sarah ficou imóvel sobre Boo, sem saber o que fazer. Seria esse o jeito dele de mandá-la embora? Observou o homem com o walkie-talkie indo atrás dele. Então viu que gesticulavam para que os outros cavaleiros se afastassem, mandando que se alinhassem nas laterais da escola.

O Grand Dieu se posicionou na extremidade da ampla arena. Encarou Sarah por um bom tempo, então assentiu.

— *Commence*.

* * *

Ninguém sabia direito onde a menina estava: o guia primeiro entendeu mal e os levou para uma das arenas externas, antes de uma conversa urgente fazer com que voltassem pelo mesmo caminho. Natasha se apressou atrás de Mac, com bolhas nos pés por causa dos sapatos que usava no tribunal, tentando não se deixar levar pela euforia.

— Talvez não seja ela — disse a Mac, tentando não demonstrar animação.

Ele tinha erguido a sobrancelha.

— Quantas outras meninas inglesas a cavalo você acha que tem por aqui?

O guia fez um gesto para os dois. Haviam passado apressados por pátios, por longos estábulos, onde cavalos comiam calmamente em suas baias, pelo vigoroso ar de inverno, até que, no lado de fora de uma construção branca alta, Natasha reconheceu a mulher de rabo de cavalo que os recebera.

— *Ici, Madame* — disse ela, acenando. — Ela está no Grand Manège des Écuyers. Nossa arena de apresentações. — Quando Natasha passou por ela, a moça sorriu, com os olhos arregalados. — Ela veio mesmo da Inglaterra? Sozinha? *C'est incroyable, eh?*

— É — respondeu Natasha. — É mesmo.

Estavam de volta ao saguão de entrada, embaixo das fotografias, da fileira de honra dos antigos integrantes. Outra porta se abriu e ela viu que Mac, à sua frente, tinha parado de supetão. Ninguém disse nada. A construção era enorme, um monumento para a arte da cavalaria. O seu interior ecoava e estava salpicado de homens vestidos de preto montados a cavalo. Era como entrar em uma era antiga, pensou Natasha. Podiam ter voltado quinhentos anos no tempo. O homem com o walkie-talkie murmurou algo para a moça, que fez um gesto para que eles a seguissem até os assentos da plateia, que ficavam abaixo.

Ela sentiu a mão de Mac puxando a manga de sua camisa.

— Tash, olhe — disse, baixinho.

Natasha seguiu a linha de visão de Mac enquanto descia os degraus atrás dele, até chegarem à lateral da arena.

Sarah cavalgava bem devagar em direção ao centro. O cavalo dela, o animal impetuoso e reluzente que exibira uma saúde tão robusta no Kent, estava esfolado e enlameado. Duas ataduras improvisadas faziam volume nos joelhos dele e havia carrapichos grudados no rabo. Os olhos estavam vazios de exaustão. Mas foi Sarah que ela observou: a criança estava tão pálida que parecia fantasmagórica, etérea. Um enorme ferimento mantinha um olho meio fechado; as costas e a perna direita estavam cobertas de lama. Ela parecia pequena demais para o cavalo enorme, as mãos magras estavam vermelhas de frio. A menina parecia alheia a tudo isso: estava totalmente concentrada no que fazia.

A uma curta distância, um idoso se postava com o corpo ereto de maneira nada natural, vestindo o paletó e a calça de montaria pretos. Ele observava Sarah, enquanto ela fazia Boo trotar, andar a meio-galope, formar pequenos círculos elegantes ao redor dos homens montados nos próprios cavalos, que observavam impassíveis. Natasha percebeu que não conseguia tirar os olhos dela. Sarah parecia outra pessoa, frágil e mais velha do que realmente era. O cavalo desacelerou até um trote, então se moveu na diagonal pelo amplo espaço, com os cascos se projetando para a frente em um movimento cadenciado, como se cada passo se sustentasse por um breve instante no ar. E então, aprumando-se, de um jeito quase impossível, ele desacelerou até fazer os passos sem avançar.

O rosto de Sarah era uma máscara de concentração, o esforço se revelava nas sombras em volta dos olhos, na tensão do maxilar. Natasha observou os movimentos minúsculos dos calcanhares da menina, as pequeninas mensagens enviadas pelas rédeas. Via o cavalo escutando, aceitando, obedecendo apesar do cansaço, e compreendeu que, embora não entendesse nada de cavalos, aquilo a que assistia era belo, algo que só podia ser alcançado por meio de anos de disciplina incansável e trabalho infinito. Natasha olhou para Mac, que estava ao seu lado, e percebeu que ele também via. Ele estava inclinado para a frente, com os olhos grudados na menina, como se desejasse que ela fosse bem-sucedida.

As patas do cavalo se moviam para cima e para baixo, uma dança ritmada, a cabeça enorme baixa em obediência à tarefa. Só as gotas de cuspe que saíam de sua boca denunciavam o esforço que o movimento lhe custava. E então ele se deslocou, dançando em círculos ao redor dos próprios quartos traseiros, uma manobra controlada e fluida que fez Natasha ter vontade de aplaudir pela elegância, pela improbabilidade daquilo. Sarah murmurou algo bem baixinho para Boo, esticou a mãozinha para agradecer-lhe; um pequeno gesto que trouxe lágrimas aos olhos de Natasha. Então, quando o cavalo de repente se ergueu nas patas traseiras, equilibrado, absorto no esforço de lutar contra a gravidade, ela estava chorando, com lágrimas escorrendo pelas bochechas enquanto assistia à menina perdida e o cavalo machucado dando tudo de si. Percebeu que experimentava um sentimento de posse.

Sentiu a mão de Mac segurar a sua e a apertou, grata por seu calor, sua força, de repente com medo de que soltasse a sua. E então Sarah cavalgava a meio-galope pela beirada da arena ampla, em um ritmo bonito, lento, controlado, quase lento demais para ter movimento, com o corpo tão imóvel como se tivesse sido esculpida. E, quando Natasha olhou para o idoso, percebeu que os outros, nos cavalos, haviam tirado os chapéus e os levado ao peito em um gesto formal, e um por um foram saindo na mesma direção, atrás dela, com a cabeça baixa, como que em uma saudação ao que tinham visto.

Mac largou a mão de Natasha, pegou a câmera e começou a fotografar. Enquanto procurava um lenço de papel, Natasha percebeu que estava contente. O que Sarah fizera era magnífico. Alguém deveria registrar aquilo.

Boo diminuiu o passo até um trote e, depois, uma andadura. Os homens voltaram a colocar os chapéus e se entreolharam como se até eles estivessem surpresos pelo que se pegaram fazendo. Enquanto a menina ia até o centro da arena, de frente para o idoso, eles se retiraram para as laterais para observar. Sarah, pálida com o esforço do que conseguira fazer, parou o cavalo bem na frente dele, com as quatro patas bem alinhadas, os ombros brilhantes com o suor do esforço e da exaustão.

— Ela conseguiu — murmurou Mac. — Sarah, sua linda, você realmente conseguiu.

A menina, com a respiração pesada, baixou a cabeça para saudar o idoso, uma guerreira retornando da batalha. O idoso tirou o chapéu e assentiu em resposta. Mesmo do lugar em que estava sentada, Natasha percebeu como a menina o observava com atenção, como cada átomo dela estava ansioso para ouvir a avaliação dele. Deu-se conta de que estava prendendo a respiração e mais uma vez pegou na mão de Mac.

O Grand Dieu deu um passo adiante. Olhou para Sarah como se tentasse enxergar algo nela que ainda não tinha visto. Seu rosto estava sério; seus olhos, bondosos.

— *Non* — disse. — Sinto muito, mocinha, mas *non*.

Ele estendeu a mão e acariciou o pescoço do cavalo.

Os olhos de Sarah se arregalaram como se ela não acreditasse no que havia escutado. Agarrou a crina de Boo, então se voltou para a área da plateia, vendo Natasha e Mac talvez pela primeira vez. Então, com um suspiro quase imperceptível, escorregou do cavalo, desmaiada.

26

"Excesso de luto pelos mortos é loucura; porque é uma injúria aos vivos, e os mortos nem sequer tomam conhecimento."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

Ela ficou em silêncio no curto trajeto de volta ao château, aceitando sem protestar a mão de Natasha segurando a sua, talvez ali para reconfortá-la, talvez por medo de que pudesse desaparecer mais uma vez. Não a forçaram a falar; ficou subentendido que aquele não era o momento para perguntas.

Quando chegaram ao château, Natasha levou Sarah para o seu quarto, tirou a roupa dela como se fosse uma criança bem menor e a deitou na cama grande. Quando ela tapou seus ombros magros com a coberta, a menina fechou os olhos e dormiu. Natasha se sentou ao lado dela e deixou a mão no arco do corpo adormecido, como se aquele pequeno contato humano pudesse oferecer conforto. Não se lembrava de já ter visto alguém assim tão pálido, tão vazio. Após ter se permitido avaliar a escala das coisas pelas quais Sarah tinha passado, estava profundamente abalada.

Durante alguns minutos depois de o Grand Dieu ter dado seu veredicto, o caos se instalou. Quando Sarah caiu na areia, Natasha e Mac correram para dentro da arena; Mac recolheu o corpo que parecia sem vida e o Grand Dieu segurou o cavalo. Mais ou menos ciente dos gritos de exclamação, das mãos de Mademoiselle Fournier na frente do rosto quando Mac passou, Natasha se lembrou de ter ficado surpresa com a facilidade com que ele levantou Sarah, como se ela não pesasse nada, e de como ficara comovida com a maneira com que ele a abraçou. Alguns minutos depois, enquanto Sarah ia voltando a si aos poucos em uma sala

ali perto, os dois haviam se posicionado um de cada lado dela, com Natasha aninhando sua cabeça. A natureza épica da jornada da menina a separara brevemente deles, transformando-a em alguém a quem nenhum dos dois sabia como reagir.

E então Sarah olhou para Mac, sem compreender, e voltou a fechar os olhos, como se o que tinha visto fosse demais para assimilar.

— Está tudo bem, Sarah. — Natasha se pegou dizendo enquanto acariciava o cabelo embaraçado e suado dela. — Você não está sozinha. Não está sozinha agora. — Mas a menina parecia não ter escutado.

O médico residente, chamado da outra extremidade da École Nationale, diagnosticara a clavícula quebrada e hematomas severos, mas afirmara que a menina precisava mais do que tudo de descanso. Trouxeram chá. Orangina. Biscoitos. Sarah foi forçada a comer e beber, o que fez com gosto. Vozes falaram com urgência em francês. Natasha mal as ouviu. Segurou a menina, que parecia incapaz de se manter de pé, tentando lhe passar força de vontade e coragem. Tentando se desculpar por todas as formas que a decepcionara.

C'est incroyable. A história tinha se espalhado depressa pela École Nationale, e grupos de pessoas surgiram, algumas com calça de montaria e quepe, para ver a menina inglesa que cavalgara por metade da França.

C'est incroyable. Natasha escutou a frase cochichada enquanto Mac carregava Sarah até o carro. Natasha observou, de longe que os olhares que os seguiram tinham um pouco menos de admiração. Como se o triunfo de Sarah só pudesse ter sido conquistado por causa de alguma deficiência da parte dela e de Mac. Não se sentiu ressentida com isso; na sua opinião, eles provavelmente tinham razão.

Boo foi levado ao centro veterinário para fazer curativos e passaria a noite no estábulo. Era o mínimo que podiam fazer por um animal como ele, observou o Grand Dieu. Mac contou depois que ficara um tempo diante da baia, olhando por cima da porta enquanto Boo, alimentado, hidratado e com novos curativos, baixou o corpo na palha espessa e rolou, com um gemido baixo de prazer, na forração funda e dourada.

— *Alors* — dissera o idoso, sem olhar para Mac. — Cada vez que acho que sei tudo sobre cavalos, surge algo a mais para me surpreender.

— Eu sinto o mesmo com os humanos — retrucou Mac.

O Grand Dieu tocou o ombro dele.

— Vamos conversar amanhã — disse o Grand Dieu. — Venham me ver às dez. Ela merece uma explicação.

Sarah finalmente estava dormindo, e Natasha a observava como se o preço de mantê-la por perto fosse a vigilância eterna. O fim da tarde se transformou em noite, o céu escureceu até ficar preto. Natasha havia comido uma barra de chocolate, bebido uma garrafa de água do minibar e lido algumas páginas de um livro deixado por um hóspede anterior. Sarah não se mexia. De tempos em tempos, assustada com a imobilidade da menina, Natasha se aproximava de mansinho para conferir se estava respirando, então voltava para sua cadeira.

Quando saiu para o corredor, em algum momento depois das oito, Mac estava à sua espera. Parecia que ele aguardava ali havia algum tempo. Natasha notou que novas rugas marcavam o rosto dele, a tensão dos últimos dias se revelando. Ela fechou a porta sem fazer barulho. Ele se levantou.

— Ela está bem — disse Natasha. — Mas apagou. Quer ver…

Mac sacudiu a cabeça. Então suspirou fundo e tentou sorrir.

— Nós a encontramos — disse ele.

— É.

Natasha se perguntou por que nenhum dos dois parecia sentir a alegria que esperavam.

— Fico pensando… — soltou ele. — O jeito como ela estava… O que poderia ter acontecido…

— É, eu sei.

Ficaram ali, imóveis. O corredor cheirava a cera velha; os tapetes antigos abafavam o som. Natasha não conseguia tirar os olhos dele.

Mac deu um passo mais para perto e indicou o quarto dele com a cabeça.

— Quer dormir no meu? Quer dizer, se ela está na sua cama, você não tem onde…

Sempre haveria outra Maria.

Quando ela falou, seu tom de voz foi neutro, profissional:

— Acho… Acho que ela não deve ficar sozinha. Vou dormir na cadeira do quarto. Eu não me sentiria…

— Acho que você tem razão.

— Acho que tenho mesmo.

— Estarei aqui ao lado se precisar de mim.

Ele tentou sorrir, com a expressão triste e de quem sabe demais, como se a volta de Sarah também tivesse lhe permitido avaliar como haviam chegado perto do triunfo e do desastre. E, apenas por um instante, ela não conseguiu se segurar: seus dedos tocaram as novas rugas embaixo dos olhos dele.

— Você também precisa descansar — disse ela com delicadeza.

O jeito como ele a olhou fez Natasha perceber que estava perdida. Toda aquela vulnerabilidade, aquele amor… uma porta de aço deslizando para revelar algo que ela achava que havia desaparecido fazia muito tempo.

E então passou. Mac olhava para os próprios pés.

— Estou bem — disse ele sem encará-la. — Vocês duas, durmam bem. Amanhã de manhã, me chamem.

* * *

Sarah dormiu tão pesado que, quando acordou, levou vários minutos para entender onde estava. Ergueu a cabeça do travesseiro com os olhos coçando e viu através da janela comprida as folhas distantes de uma castanheira. Um carro passou, e o som a despertou.

Ela se sentou ereta na cama, ciente do cheiro rançoso de sua pele, das roupas suadas. Então viu Natasha. Ela estava encolhida em uma poltrona com um cobertor puxado até o queixo, com os pés descalços meio descobertos.

Sarah se lembrava vagamente da sensação das mãos dela acariciando seu cabelo, do surpreendente timbre de medo e alívio na voz dela quando disse seu nome. Então se lembrou da arena, da pena nos olhos do Grand Dieu quando disse *non*.

Algo dolorido se alojou em seu peito. Voltou a se recostar nos travesseiros brancos e macios e ficou olhando para o teto tão, tão alto — a única barreira visível entre ela e um mundo enorme e vazio.

Non, dissera ele.

Non.

* * *

— Se ela não quiser falar, acho que não devemos forçar — disse Natasha esperando no corredor grandioso enquanto Mac pagava a conta.

Olhou na direção dos degraus, onde Sarah esperava no banco de trás do carro com a têmpora apoiada na janela. A menina parecia olhar para o nada.

— Não é só que ela não quer falar sobre o avô, Mac. Parece que ela não quer falar sobre nada.

A polícia havia encontrado o passaporte dela com a carteira vazia e alguns de seus pertences na estrada para Blois. Ela não saiu da inércia nem quando lhe entregaram o precioso livro surrado de Xenofonte.

Mac pegou o cartão de crédito e agradeceu Madame, que insistira em preparar um pacotinho de comida para a menina. Todos instavam Sarah a comer, pensou Natasha, como se a comida pudesse preencher os enormes buracos que tinham engolido sua vida.

— Ela está exausta — ponderou Mac. — Tem se agarrado a essa ideia há sei lá quantos anos, talvez mais do que imaginamos, e acabou de saber que não vai acontecer. O avô dela morreu. Ela cavalgou oitocentos quilômetros ou mais. Está chocada, cansada e frustrada. E é uma adolescente. Acho que diz no manual que ela vai passar um bom tempo sem falar conosco.

Natasha abraçou a si mesma.

— Acho que você tem razão.

O sol se abria de vez em quando, como se brincasse de gato e rato com as nuvens cinzentas pesadas, mas nenhum deles reparou que o curto trajeto do château até Le Cadre Noir era pitoresco. O porteiro claramente fora avisado de que eles viriam; Natasha o flagrou espiando o banco de trás do carro deles com curiosidade quando entraram.

Mademoiselle Fournier estava à espera deles na frente do estábulo principal. Ela cumprimentou os dois com beijos, como se aquilo por que haviam passado tivesse feito com que ficassem íntimos, então segurou Sarah pelos ombros, sorridente.

— Como está se sentindo hoje, Sarah? — perguntou. — Tenho certeza de que precisava dormir.

— Estou bem — balbuciou a menina.

— Quer ver o seu cavalo enquanto esperamos Monsieur Varjus? Baucher passou uma noite muito confortável. Achamos que ele deve ser forte. Está logo ali…

Ela tinha começado a conduzi-los até o bloco quando Sarah a interrompeu:

— Não — respondeu. Um silêncio breve e constrangedor se instalou. — Eu não quero. Não agora.

O tom de desculpa de Mac foi perceptível:

— Acredito que Sarah deva querer falar logo com o Grand Dieu.

O sorriso de Mademoiselle Fournier não se abalou.

— Claro que sim, eu devia ter pensado nisso. Poderiam me acompanhar?

As paredes da sala eram tomadas de fotografias, certificados e medalhas. Natasha observou Mac examinar cada imagem com atenção.

Monsieur Varjus entrou como se chegasse de outra tarefa mais importante. Trouxe consigo outro homem, que apresentou como Monsieur Guinot, algo a ver com a administração do curso. Sarah se sentou entre ela e Mac. Natasha reparou que a menina parecia ter encolhido, como se houvesse decidido ocupar menos espaço no mundo. Natasha fez menção de segurar a mão dela, mas se conteve. Desde que acordara naquela manhã,

Sarah tinha voltado a erguer o muro ao redor de si. A vulnerabilidade do dia anterior desaparecera.

O Grand Dieu estava vestindo seu uniforme preto, as botas muito brilhantes, o cabelo suado, que denunciava as horas anteriores passadas em cima de um cavalo. Ele se sentou a sua mesa de trabalho e examinou Sarah por um instante, como se mais uma vez estivesse surpreso por uma criança daquele tamanho ser responsável pelo que ele havia testemunhado no dia anterior. Ele explicou em um inglês carregado de sotaque que Le Cadre Noir não aceitava mais do que cinco novos integrantes a cada ano, em geral apenas um ou dois. Havia um exame, supervisionado por alguns dos cavaleiros mais experientes do país, para o qual a idade mínima era dezoito anos. Para ser aceita, além de passar em todas as provas, ela teria que ser cidadã francesa.

— Sarah, você pode ser, se nasceu na França — observou Natasha.

Sarah não disse nada.

— Fora isso, Mademoiselle, eu gostaria de dizer que o que fez foi magnífico. Você e o seu cavalo. "Um bom cavalo faz os quilômetros ficarem curtos." Sabe quem disse isso? Seu George Eliot. — O idoso se debruçou na mesa. — Se você satisfizer os requisitos do nosso sistema, não há motivo para, daqui a alguns anos, você e seu cavalo não voltarem para cá. Você tem tanto habilidade quanto coragem. Conseguir fazer aquilo na sua idade é… — ele sacudiu a cabeça — …algo que ainda tenho dificuldade em aceitar. — Ele olhou para as próprias mãos. — Também gostaria de lhe dizer que o seu avô foi um ótimo cavaleiro. Senti muito por ele ter ido embora. Acredito que teria se tornado um *maître écuyer*. Ele ficaria muito orgulhoso da sua habilidade.

— Mas você não vai me aceitar.

— Mademoiselle, eu não tenho como acolher uma menina de quatorze anos aqui. Você precisa entender.

Sarah desviou o olhar, mordendo o lábio.

Mac falou:

— Sarah, você ouviu o que Monsieur Le Grand Dieu disse. Ele a acha talentosa. Talvez nós possamos encontrar um jeito para você e Boo

continuarem treinando e talvez um dia voltem para cá. Tash e eu queremos ajudar.

Sarah olhava para os tênis muito brancos, que Mac comprou naquela manhã junto de uma muda de roupa. Um longo silêncio se instalou.

Do lado de fora, Natasha escutava cascos no concreto, um relincho distante. *Sarah, por favor, diga alguma coisa.*

A menina encarou o Grand Dieu.

— Pode ficar com o meu cavalo? — indagou ela.

— Como? — O idoso piscou, estupefato.

— Pode ficar com o meu cavalo? Baucher?

Natasha olhou para Mac e viu a própria confusão refletida no rosto dele.

— Sarah, você não vai querer abrir mão de Boo.

— Não estou falando com você — retrucou ela com firmeza. — Estou falando com ele. Quer ficar com o cavalo?

Os olhos do idoso se dirigiram aos de Natasha.

— Não sei se é o momento para…

— Acha que ele é talentoso? *Est-ce que vous pensez qu' il est bon?*

— *Mais oui. Il a courage aussi, c'est bien.*

— Então dou o cavalo para você. Não quero mais ele.

A sala ficou em silêncio. O homem do administrativo murmurou algo no ouvido do Grand Dieu.

Natasha se inclinou na direção deles.

— Senhores, acredito que Sarah ainda esteja muito cansada… não acho que ela…

— Pare de explicar o que eu quis dizer! — A voz dela preencheu a salinha. — Estou dizendo que não quero mais ficar com ele. Monsieur pode ficar. Quer ficar com ele? — O tom de voz dela era insistente, imperioso.

O Grand Dieu observou Sarah com cautela, como se avaliasse sua seriedade. Ele franziu a testa.

— É isso que você quer, de verdade? Entregá-lo ao Le Cadre Noir?

— É.

— Então, sim, eu aceito, agradecido, Mademoiselle. Ele claramente é um cavalo de enorme talento.

Algo em Sarah pareceu relaxar. Ela havia trincado o maxilar com tanta força que dava para Natasha ver o contorno de um músculo na bochecha dela. Sarah endireitou os ombros e se virou para ela.

— Certo. Podemos ir agora?

Foi como se todos estivessem paralisados. Mac ficou de queixo caído. Natasha tinha começado a se sentir enjoada.

— Sarah… esta é uma grande decisão. Você ama aquele cavalo. Até eu sei disso. Por favor, pense um pouco sobre o assunto. Você passou por muita…

— Não. Eu não preciso pensar. Só quero que alguém, pelo menos uma vez na vida, me escute. Boo ficará aqui. E se vamos voltar, quero ir agora. *Agora* — repetiu ela, já que ninguém se moveu. — Ou então vou sozinha.

Foi a deixa de que precisavam. Todos se levantaram ao mesmo tempo, Mac lançou um olhar confuso para o idoso enquanto seguia Sarah para a luz do sol.

— Madame — disse Le Grand Dieu quando estavam a uma distância em que Sarah não conseguiria ouvir. Pegou a mão de Natasha. — Se ela quiser visitá-lo, ou mesmo se mudar de ideia, tudo bem. Ela é jovem. Muita coisa aconteceu…

— Obrigada — disse Natasha. Ela teria dito mais, porém algo ficou preso no fundo de sua garganta.

Ele olhou pela janela, para onde Sarah estava ao sol, com os braços cruzados, chutando uma pedra.

— Ela é igualzinha ao avô.

* * *

A chuva começou a cair ininterruptamente pouco depois de deixarem Saumur, com as nuvens de tempestade formando um bloco assustador no horizonte e indo na direção deles. Seguiram no carro em silêncio. O

automóvel de Mac ia abrindo caminho pela água acumulada e ele prestava atenção na estrada.

Natasha quase sentia inveja dele: o silêncio no carro pequeno havia se tornado opressivo, o tempo que tinha para ficar sozinha com seus pensamentos era indesejado. De vez em quando, ela olhava no espelho do para-sol e via o reflexo da silhueta magra no banco de trás, que olhava para o cenário que passava. O rosto de Sarah estava impassível, mas o ar de tristeza que emanava dela era tão esmagador que impregnava todo o carro. Duas vezes, Natasha tentara dizer a Sarah que não era tarde demais, que podiam voltar para pegar o cavalo, mas na primeira vez Sarah a ignorou e, na segunda, tapou os ouvidos com as mãos. Natasha ficou tão perturbada com a atitude da menina que sua voz sumiu.

Dê tempo a ela, repetia para si mesma. Coloque-se no lugar dela. Ela perdeu o avô, o lar. Mas Natasha não conseguia compreender aquilo: por que uma menina que lutara tanto para ficar com seu cavalo, a única coisa que lhe restava no mundo, sua conexão com o passado e talvez com o futuro, abriria mão dele assim com tamanho desapego?

Ficava lembrando os últimos minutos da visita ao Le Cadre Noir. O Grand Dieu os havia acompanhado até o estábulo.

— Eu gostaria que você visse o seu cavalo antes de ir embora, Sarah — pediu ele. — Para garantir que considera a condição dele satisfatória.

Natasha entendera a motivação dele: o Grand Dieu achava que a menina mudaria de ideia ao ver Boo, que seria forçada a contemplar os verdadeiros desdobramentos de sua decisão.

Mas Sarah caminhara com certa relutância na direção do estábulo e parou a alguns passos de distância, longe demais para ver direito por cima da porta alta.

— Por favor — suplicou ele. — Veja como Boo parece melhor esta manhã. Veja os curativos que o nosso veterinário fez nele.

Vamos lá, Sarah, implorara Natasha em silêncio. Acorde. Veja o que está prestes a fazer. Ela já não se incomodava mais com a perspectiva de se responsabilizar por Boo. Àquela altura, ela teria feito qualquer coisa, qualquer coisa mesmo para aliviar o sofrimento da menina. Mas Sarah só

deu uma olhada rápida no trabalho do veterinário. Mesmo quando o cavalo enfiou a cabeça por cima da porta e emitiu um som de cumprimento que parecia emanar das profundezas de sua barriga, ela não se aproximou dele. Com os ombros rígidos, as mãos enfiadas um pouco mais fundo nos bolsos e depois com o mais discreto dos acenos de cabeça na direção do Grand Dieu, Sarah dera meia-volta e fora para o carro enquanto o cavalo, com as orelhas eriçadas, procurava por ela.

Não eram apenas Sarah e suas perdas que preocupavam Natasha. Enquanto a chuva caía, escondendo as luzes de freio dos veículos à frente e camuflando a estrada, ela se pegou observando as mãos de Mac ao se aproximarem de Calais. Quando saíssem do carro dele na Inglaterra, estaria tudo acabado para ela também. Haveria um acordo para ver quem ocuparia a casa nas últimas semanas antes da venda, algumas negociações sobre as questões financeiras e então ele iria embora para sua nova casa, e ela ficaria sozinha, recolhendo os cacos do que havia restado de sua vida. Ela não tinha nada. Havia perdido a casa que adorava, colocado sua carreira em risco e destruído um potencial relacionamento. Havia perdido o homem que amava. Foi terrível perceber que não queria mais a vida que se estendia à sua frente.

Natasha fechou os olhos. Quando os abriu, observou a cidade abaixo da estrada, avistou uma menina andando de bicicleta, inclinada, movendo-se pela rua vazia com uma graça determinada que não combinava com o tempo chuvoso. Natasha de repente se lembrou da viagem de trem, meses antes, quando vira uma menina montada num cavalo que se apoiava nas patas traseiras em uma ruazinha de Londres. A imagem ficara gravada em sua memória não por ser tão improvável, mas sim pela calma, pela sensação da menina e do animal trabalhando em harmonia. Mesmo em uma fração de segundo, Natasha havia percebido isso.

E então uma voz surgiu em sua mente: o tom hostil e agudo de Constance Devlin, sua testemunha: *Vai ser muito fácil Lucy seguir pelo caminho errado. É só pararem de escutá-la.*

— Mac, pare o carro — disparou Natasha.

— O quê? — questionou Mac.

— Pare o carro. — Natasha só sabia que não podia permitir que a viagem prosseguisse. Mac encostou e, quando olhou, confuso, ela saiu do carro e abriu a porta de trás. — Venha — disse para Sarah. — Você e eu precisamos conversar. — A menina se encolheu para longe dela, como se estivesse louca. — Não — disse Natasha, sem saber direito de onde vinham as palavras. — Nós não vamos sair daqui, Sarah, até você e eu conversarmos. Venha. Comigo.

Ela pegou a mão da menina e a puxou para fora do carro. As duas andaram na chuva até um café do outro lado da estrada. Ela ouviu a reclamação de Mac e a própria determinação ao dizer a ele que as deixasse em paz.

— Certo.

Natasha puxou uma cadeira e se sentou. Não havia mais nenhum cliente; ela nem sequer sabia se o lugar estava mesmo aberto. Uma vez diante de Sarah, não sabia ao certo o que queria dizer. Só que não podia continuar naquele carro, rodeada pela dor e pelo sofrimento silencioso sem fazer *alguma coisa*.

Sarah lhe lançou um olhar de profunda desconfiança e se sentou ao seu lado.

— Certo, Sarah. Eu sou advogada. Passo a vida tentando prever o jogo que as pessoas vão fazer, tentando estar um passo à frente delas. Sou muito boa em avaliar pessoas. Costumo descobrir o que as move, mas, no seu caso, estou com dificuldade.

Sarah ficou olhando para a mesa. Natasha então continuou:

— Não consigo entender por que uma menina que mentiu, roubou e enganou os outros para ficar com um cavalo, uma menina que só tinha um objetivo na vida, que girava em torno daquele cavalo, jogaria tudo fora.

Sarah não disse nada. Virou-se para o outro lado com as mãos apoiadas nos joelhos.

— Isto é algum tipo de birra? Acha que, se jogar tudo para o alto, alguém vai mudar as regras para beneficiar você? Porque, se for isso, vou logo avisando que não vão mudar nada. Aqueles homens trabalham de

acordo com princípios estabelecidos há trezentos anos. Não vão mudar nada por você.

— Nunca pedi que eles mudassem nada — explodiu Sarah.

— Então ok. Não acredita que estão sendo sinceros quando dizem que você será boa o suficiente um dia? Não sei, talvez você não possa se dar ao trabalho de tentar?

A menina não respondeu, por isso Natasha prosseguiu:

— É por causa do seu avô? Você tem medo de não conseguir cuidar do cavalo sem a ajuda dele? Nós podemos ajudá-la, Sarah. Sei que você e eu não começamos da melhor maneira, mas foi… foi porque nós não fomos sinceras uma com a outra. Podemos melhorar isso.

Natasha esperou. Estava ciente de que parecia falar com uma cliente. Mas não conseguia evitar. Essa é a minha voz, disse em silêncio para si mesma. É o melhor que posso fazer.

Mas Sarah simplesmente ficou ali parada.

— Podemos ir para casa agora?

Natasha fechou os olhos com força.

— O quê? É isso? Você não vai dizer nada?

— Só quero ir embora.

Natasha sentiu uma onda de irritação que lhe era familiar. Por que você tem que dificultar tanto as coisas, Sarah?, teve vontade de gritar. Por que está tão determinada a se magoar? Mas, em vez disso, respirou fundo e disse, com toda a calma:

— Não. Não podemos ir embora.

— O quê?

— Eu sei quando alguém está mentindo e sei que você está mentindo para mim. Então, não. Não vou levar você a lugar nenhum até me contar o que está acontecendo.

— Você quer a verdade.

— Quero.

— *Você* quer conversar sobre a verdade. — Sarah deu uma risada amarga.

— Quero.

— Porque você *sempre* diz a verdade. — Assumira um tom de deboche.

— O que você quer dizer com isso?

— Hum… tipo que você ainda está apaixonada por Mac, mas não conta para ele? — Sarah indicou com a cabeça o carro onde Mac, que mal era visto pela janela lavada pela chuva, examinava um mapa da estrada. — É tão óbvio que chega a ser ridículo. Nem no carro você sabe o que fazer quando está perto dele. Vejo você olhando discretamente para ele. O jeito como vocês se esbarram o tempo todo sem querer. Mas você não conta para ele.

Natasha engoliu em seco.

— É complicado.

— Sim, é complicado. Tudo é complicado. Porque você sabe, assim como eu… — A voz dela falhou. — Você sabe, assim como eu, que às vezes contar a verdade piora as coisas em vez de melhorar.

Natasha olhou para o outro lado da estrada, para Mac.

— Você tem razão — disse, enfim. — Certo? Você tem razão. Mas, seja lá o que sinto por Mac, eu consigo lidar com isso. Quando olho para você, Sarah, vejo alguém que está jogando fora uma chance na vida. Vejo alguém que está criando mais sofrimento. — Ela se inclinou para a frente. — Por quê, Sarah? Por que está fazendo isso consigo mesma?

— Porque é o que tenho que fazer.

— Não, não é. Aquele homem disse que você poderia se tornar boa o bastante daqui a alguns anos se…

— Daqui a alguns anos.

— É, daqui a alguns anos. Sei que parece um tempão quando somos jovens, mas vai passar voando.

— Por que você não pode simplesmente deixar para lá? Por que não pode confiar que vou tomar a decisão certa?

— Porque esta não é a decisão certa. Você está destruindo o seu futuro.

— Você não entende.

— Eu entendo que você não precisa eliminar todo mundo da sua vida só porque está sofrendo.

— Você *não* entende.

— Ah, acredite em mim, eu entendo, sim.

— Eu tive que abrir mão dele.

— Não, estou lhe dizendo que não tinha que fazer isso. Meu Deus! O que o seu avô queria mais do que tudo para você? O que ele diria se soubesse o que você fez?

Sarah a encarou de supetão. Sua expressão era feroz. começou a berrar:

— Ele entenderia!

— Não tenho certeza de que ele…

— Eu *tinha* que abrir mão dele. Era o único jeito de protegê-lo!

Um silêncio repentino se instalou. Natasha ficou imóvel.

— Protegê-lo?

A menina engoliu em seco. Então Natasha viu: um brilho no canto dos olhos de Sarah, um tremor nos nós dos dedos esbranquiçados. Quando voltou a falar, seu tom de voz era suave.

— Sarah, o que aconteceu?

De repente, de maneira abrupta, Sarah começou a chorar, um som terrível, carregado de pesar. Chorou como Natasha havia chorado trinta e seis horas antes, com soluços sufocantes de perda e desolação absolutas. Natasha hesitou apenas por um instante, então puxou a menina para perto, abraçando-a com força, murmurando palavras de conforto.

— Está tudo bem, Sarah. Tudo bem.

Mas, quando os soluços foram diminuindo e Sarah começou a sussurrar uma história assombrosa de solidão, de segredos, de dívida, de medo e de um caminho sombrio que não tomou por um triz, os olhos de Natasha se encheram de lágrimas.

* * *

Através do para-brisa embaçado, Mac observava Natasha abraçando Sarah com tanta força que havia uma espécie de fúria naquilo. Ela começara a falar, assentindo, e, seja lá o que estivesse dizendo, a menina concordava. Mac não sabia o que fazer; parecia claro que Natasha tinha algum plano em mente. Ele não queria interromper se ela estivesse conseguindo

arrancar alguma explicação sobre as atitudes da menina nos últimos três dias.

Então, ficou esperando no carro, observando, aguardando, na esperança de que Natasha tivesse algum jeito de melhorar as coisas. Pois ele sabia muito bem que não conseguiria fazer isso.

Uma mulher se aproximou da mesa, provavelmente a proprietária. Natasha pediu algo e, enquanto Mac observava, ela se virou para ele. Fizeram contato visual, os olhos dela de repente ficaram brilhantes, e então fez sinal para que ele se juntasse às duas.

Ele saiu do carro, trancou a porta e foi até onde elas estavam sentadas, embaixo do toldo. As duas sorriam, tímidas, como se constrangidas por terem sido pegas tão próximas uma da outra. Sua mulher, sua quase ex-mulher, pensou Mac, com uma pontada, estava linda. Quase triunfante.

— Mac — disse Natasha. — Houve uma mudança de planos.

Ele olhou para Sarah, que pegava algo na cesta de pão à frente.

— Essa mudança de planos incluiria um cavalo? — perguntou enquanto puxava uma cadeira.

— Incluiria, com certeza.

Mac se sentou. Atrás deles, o tempo estava abrindo.

— Graças a Deus por isso.

* * *

Por todo o caminho de volta para a Inglaterra, Natasha ficou com Sarah no banco de trás, as duas conversando bem baixinho, erguendo a voz de vez em quando para incluir Mac. Não voltariam para Saumur; Sarah disse a eles que conhecia um homem em quem confiava para trazer Boo de volta. Tinham ligado para Le Cadre Noir, que, para o alívio visível de Sarah, parecia estar esperando a ligação deles. O cavalo estava bem. Ficaria em segurança ali até alguém ir buscá-lo. Não, disse Natasha, não achava que Sarah fosse voltar pessoalmente…

— Precisamos organizar um enterro — explicou, baixinho.

De vez em quando, Mac olhava para as duas cabeças, organizando, conversando, aparentemente em perfeita comunicação. Sarah ficaria com Natasha. Estavam considerando todas as opções: internatos (Natasha ligou para a irmã, que ouvira falar de um que aceitava cavalos) ou estábulos longe daquela área de Londres. Não haveria mais problemas com Sal, garantiu-lhe Natasha. Sem a assinatura de Sarah no contrato de aluguel, a alegação dele de que tinha direito sobre o cavalo era infundada, e Natasha enviaria uma carta dizendo-lhe exatamente isso e instando-o a manter distância. E Boo ficaria em segurança. Encontrariam outro tipo de vida para ele. Algum lugar onde pudesse correr por campos verdejantes.

Natasha, pensou Mac, estava fazendo o que sabia fazer melhor: organizar. Hora ou outra, quando Henri Lachapelle era mencionado, o rosto de Sarah se fechava um pouco e Natasha estendia a mão para apertar a dela ou só para lhe dar um tapinha no ombro. Pequenos gestos de gentileza para lhe dizer, repetidas vezes, que não estava sozinha.

Mac assistiu a tudo isso pelo retrovisor, sentindo sua gratidão abafada pela estranha sensação de exclusão. Sabia que Natasha não o estava deixando de fora de propósito, que independentemente do que tivesse acontecido entre os dois ele também manteria Sarah em sua vida. Talvez essa fosse a maneira delicada de Natasha dizer a ele que a noite que passaram juntos fora um erro, que, longe da atmosfera intensa da busca, ela queria voltar à existência mais estável com Conor. O que fora aquilo, afinal? Uma espécie de prenúncio do fim? Um desfecho? Ele não tinha coragem de perguntar. Disse a si mesmo que às vezes as ações falavam mais do que as palavras, e, nesse aspecto, o que Natasha dizia estava bem claro.

Quando chegaram a Calais, Sarah enfim telefonou para o homem que disse que poderia transportar o cavalo dela de volta para a Inglaterra. Ela pegou o celular de Natasha, foi para o outro lado da pista e ficou ali por um tempo, como se precisasse que a conversa fosse particular. Mac ficou surpreso em como Sarah pareceu tranquila com a perspectiva de deixar Boo em outro país, até refletir sobre o assunto: não havia nenhum outro lugar (a não ser com ela) em que Sarah gostaria que Boo estivesse.

— Você está muito calado — observou Natasha enquanto Sarah falava ao telefone a certa distância, caminhando entre os carros na fila para a balsa, pressionando a mão esquerda na orelha.

— Acho que não há nada que eu precise dizer. Vocês duas parecem ter resolvido tudo.

Natasha então lhe lançou um olhar confuso, talvez percebendo o tom exaltado de sua voz.

— Pronto — disse Sarah ao voltar antes que um deles pudesse dizer alguma coisa. — Thom quer falar com você.

Sarah ficou perto de Natasha quando ela pegou o celular, como se a distância entre as duas tivesse sido eliminada.

Mac observou Natasha falando, seus pensamentos estavam tão densos e complexos que ele não conseguia entender direito o que ela dizia. Algo havia mudado nela, seu rosto estava mais suave, mais iluminado. A maternidade lhe fora negada, mas era como se Natasha houvesse encontrado um novo propósito. Mac se virou para o outro lado, de repente ciente de que não conseguia esconder os próprios sentimentos.

— Não, realmente não há necessidade… Tem certeza? — perguntou ela, e então, depois de uma pausa: — É, eu sei.

Ele voltou a se virar para ela quando encerrou a ligação. Natasha olhava para Sarah.

— Ele não quer aceitar nenhum pagamento. Não quer nem discutir. Disse que vai para lá no meio da semana e então trará Boo de volta.

O sorriso de Sarah foi breve e surpreendente, como se estivesse tão estupefata quanto Natasha com o gesto de generosidade.

— Mas tem um porém — completou Natasha. — Ele disse que, em troca, você tem que convidá-lo para a sua primeira apresentação.

A beleza da juventude, pensou Mac mais tarde, era que a esperança ainda podia ser restaurada. Às vezes só eram necessárias algumas palavras de incentivo para reacender uma fagulha da confiança de que o futuro poderia ser maravilhoso, em vez de uma série infindável de obstáculos e decepções.

— Parece um bom negócio — observou Natasha.

Sarah assentiu.

Ah, se aquilo também valesse para os adultos, pensou Mac ao se dirigir para o carro.

* * *

Natasha remexeu a chave na fechadura, abriu a porta da frente para o corredor escuro e acendeu a luz. Passava um pouco da uma da manhã e Sarah, morrendo de sono, entrou e subiu a escada no piloto automático, como se estivesse em casa. Natasha foi atrás dela, arrumou a cama para ela, entregou-lhe uma toalha limpa e, finalmente, quando teve certeza de que a menina ia dormir, desceu a escada devagar.

Era a primeira vez em quarenta e oito horas que Natasha se sentia confiante de que Sarah não voltaria a fugir. Algo tinha mudado; houvera uma mudança sísmica entre elas. Natasha percebeu que, apesar da responsabilidade que acabara de assumir, apesar de saber que estava assumindo vários anos de compromisso financeiro e uma montanha-russa emocional, ela sentia — em algum nível profundo — uma espécie de animação que não sentia havia anos.

Mac estava no sofá da sala com as pernas compridas esticadas, os pés no pufe estofado de linho, as chaves do carro ainda na mão. Estava com os olhos fechados, e Natasha se permitiu olhar por um tempo para ele, absorvendo as roupas amassadas, a presença masculina indiscutível. Ela se forçou a desviar o olhar. Continuar olhando era masoquismo.

Ele bocejou, ergueu o corpo e Natasha fingiu estar ocupada, com medo de que ele sentisse seu escrutínio. Reparou que o chão estava forrado de fotografias, inúmeras fileiras de cópias de vinte e cinco por trinta e oito centímetros, alinhadas sobre o assoalho de madeira polida onde ele devia tê-las deixado dias antes, na manhã em que descobrira que Sarah tinha desaparecido. Foi quando percorreu com o olhar as séries de imagens em branco e preto, os cavalos no meio de um movimento, os tons brilhantes do rosto velho e enrugado de Cowboy John, as imagens que anunciavam a

sede renovada de Mac por aquilo que ele fazia melhor, que Natasha se deteve em uma específica.

A mulher estava ao celular. Sorria, alheia às atenções da câmera, rodeada pelos galhos nus de um jardim, com a luz baixa e suave atrás de si. Ela também era bonita: o sol de inverno refletia em sua pele, seus olhos estavam enternecidos com um prazer desconhecido. O olhar da câmera não era um reflexo frio de uma imagem capturada: era íntimo, um conluio secreto com a pessoa fotografada.

Natasha observou a imagem por vários segundos antes de perceber que a mulher era ela. Parecia uma versão idealizada dela, alguém que não conhecia mais, que acreditava estar enterrado havia muito tempo no amargor do divórcio. Sentiu algo dentro de si se apertar e se romper.

— Quando você tirou esta foto?

Mac abriu os olhos.

— Há algumas semanas. No Kent.

Ela não conseguia desgrudar os olhos da imagem.

— Mac? É assim que você me vê?

Natasha enfim teve coragem de olhar para ele. O homem à sua frente tinha novas rugas de tristeza no rosto; sua pele estava pálida de cansaço, os lábios tensos como se aceitassem a decepção de antemão. Ele assentiu.

O coração de Natasha começou a bater mais rápido. Pensou em Henri, em Florence, em Sarah, confessando toda a verdade, cheia de coragem, para uma desconhecida em um dia chuvoso.

— Mac — disse, sem tirar os olhos da foto. — Preciso contar uma coisa para você. Preciso contar mesmo que acabe sendo a coisa mais idiota e mais humilhante que já fiz na vida. — Ela respirou fundo. — Eu amo você. Sempre amei, e, mesmo que seja tarde demais para nós dois, preciso que você saiba que sinto muito. Preciso que saiba que deixar você partir será para sempre o maior erro da minha vida. — A voz dela tinha começado a falhar, tomada pela falta de ar. Natasha segurou a foto nas mãos trêmulas. — Então, agora você sabe. E, se não me ama, tudo bem. Porque eu contei a verdade. Saberei que fiz tudo que podia, e, se você não me ama, não há absolutamente nada que possa mudar isso. — Então ela

concluiu, apressada: — Na verdade, não estará tudo bem. Na verdade, vai me matar um pouquinho. Mas, mesmo assim, eu precisava contar para você.

O habitual charme descontraído dele o abandonara.

— E Conor? — questionou, quase bruscamente.

— Acabou. Nunca foi…

— Caralho — disse. Então se levantou. — Caralho.

— Por que você…? — Ela se levantou, chocada com a explosão dele, o xingamento que não era de seu feitio. — O que você…

— Tash — disse ele, pisando nas fotografias, que deslizaram pelo chão encerado.

Mac estava a centímetros dela. Natasha prendeu a respiração. Estava tão próximo que dava para sentir o calor de sua pele. *Não diga que não*, ordenou ela em silêncio. *Não faça alguma piada horrível nem encontre uma razão diplomática para ir embora. Não vou conseguir fazer isso pela segunda vez.*

— Tash. — Ele pegou o rosto dela com ambas as mãos. Sua voz era grave, falhada. — Minha mulher.

— Quer dizer…

— Não me afaste de novo. — As palavras dele eram quase raivosas. — Não me afaste.

Natasha tinha começado a pedir desculpas, mas as palavras se perderam nos beijos, nas lágrimas. Mac a pegou no colo e ela se enganchou nele com as pernas, sua pele contra a dele, o rosto enterrado em seu pescoço.

— O caminho de volta será longo — observou Natasha, muito mais tarde, quando subiram a escada para o quarto, com ela segurando dois dedos dele. — Você realmente acha que podemos…

— Um passo de cada vez, Tash. — Mac levantou a cabeça na direção da menina que dormia acima deles. — Mas pelo menos sabemos que é possível.

EPÍLOGO

"Um cavalo é uma beleza. (...) Ninguém se cansa de olhar para ele enquanto se exibe em seu esplendor."

XENOFONTE, *SOBRE EQUITAÇÃO*

O trajeto da casa que Mac construíra na ruazinha atrás de Gray's Inn Road demorava quarenta e cinco minutos durante o dia, mais trinta minutos se fosse a hora do rush. Natasha olhou para o relógio, calculando que só tinha alguns minutos para terminar com a papelada até a hora de sair.

— Vai conseguir fugir do trânsito?

Linda chegou com uma pilha de documentos que precisavam ser assinados.

— Provavelmente, não — respondeu Natasha. — Não em uma sexta-feira.

— Bem, tenha um bom fim de semana, de todo modo. E não se esqueça do advogado novo que chega na segunda, às nove. O especialista em imigração.

Natasha se levantara e ia colocando as coisas na bolsa.

— Eu não esqueci. Não fique até muito tarde, ok?

— Vou ficar mais um pouco. Quero organizar as pastas. Aquele temporário bagunçou todo o meu arquivo na semana passada.

O escritório Macauley e Associados enfrentara um início difícil, mas, depois de quase um ano e meio, Natasha começava a achar que a decisão de abrir o próprio escritório tinha sido acertada. Não havia muito sentido em ficar no Davison Briscoe; não era só pelo fato de Conor ter recebido tão mal a notícia — talvez ele acreditasse que Natasha e Mac estavam juntos muito antes de voltarem —, mas porque as feridas do caso Persey ficaram visíveis na maneira como Richard não a tratava mais como possível sócia. Na verdade, desde que Natasha voltara, ele mal parecia vê-

la como uma adição valiosa para o escritório. Quando descobriu que Richard convidava Ben para almoçar com mais frequência do que falava com ela, Natasha percebeu que estava na hora de cair fora.

Graças a Deus por Linda. Ter sua assistente de confiança abandonando o barco com ela para administrar seu escritório a manteve de pé, não apenas do ponto de vista profissional, mas também emocional. Natasha suspeitava de que Davison Briscoe quase sentira mais falta de Linda Blyth-Smith do que dela.

— Bom fim de semana, Lin.

Natasha pendurou o casaco no braço, pronta para descer a escada apressada.

— Você também. Espero que tudo corra bem.

O trânsito da Gray's Inn Road já estava pesado, com as filas serpenteando até o West End. Ela levou alguns minutos para vê-lo, encostando do outro lado da estrada. Olhou para os dois lados da estrada e então correu entre os carros que se moviam devagar, segurando o monte de papel no peito.

— Bem na hora — disse Mac quando ela se inclinou para beijá-lo. — O serviço está bom para você?

— Você é maravilhoso. — Natasha largou os papéis no piso dos bancos traseiros. — E você — disse ela, virando-se para o bebê radiante na cadeirinha no banco de trás — sujou todo o casaco do seu pai de banana.

— Está de brincadeira — disse Mac, olhando para trás. — Como pôde fazer isso, cara?

— Ela vai ficar muito orgulhosa de nós.

Natasha riu ao colocar o cinto de segurança e olhar ao redor, para a lata de lixo ambulante que era o carro de Mac.

A presença de Mac e Natasha em tais eventos tinha se tornado piada. Os dois invariavelmente chegavam no carro cada vez mais combalido de Mac, com resquícios de golfadas nas roupas ou com o leve cheiro do que tivesse explodido na fralda no caminho. Rodeados pelos quatro por quatro reluzentes e pelos enormes Mercedes dos outros pais, os dois perceberam que pareciam alunos travessos. No dia que haviam levado Cowboy John

junto para visitar (nada de maconha, nem um pouquinho, fizeram-no prometer), Mac se deliciara especialmente em apresentá-lo à mulher do diretor como "o antigo professor de Sarah".

— Ensinam muitas acrobacias de circo aqui? — perguntara Cowboy John, inocente. E então, quando a mulher olhou para ele sem entender nada, completou: — Moça, gostaria de comprar algumas bandejas de abacates bem gostosos?

John morava a uma hora da escola de Sarah, em um chalé de tábuas brancas com seus dois cavalos idosos em um campo próximo, e continuava vendendo frutas e legumes de procedência incerta aos passantes. Quando Sarah voltou da França, ele pedira desculpas a ela, estranhamente constrangido, dizendo que a havia decepcionado. Havia decepcionado o Capitão. Ainda não entendia muito bem o que Sam Hill Sal aprontara; John pagara a dívida do Capitão e Sal sabia disso. Sarah olhara para Natasha.

— Eu devia ter contado para você — disse, baixinho. — Eu devia ter contado para alguém.

Em um acordo tácito, nunca mais voltaram a falar do estábulo de Sparepenny Lane.

— Então, o que é mesmo que vamos fazer? — perguntou Mac.

O trânsito percorria lentamente Westway, despejando o trânsito de Londres para os subúrbios verdejantes e além.

— É uma… — Natasha pegou a carta na bolsa — …comemoração de fim de ano para os alunos mais talentosos. Vamos ouvir alguns tocando instrumentos, uma leitura de poesia… — Mac suspirou — …e Sarah cantando. Não, é sério — afirmou quando ele virou a cabeça. — Sarah…

— …vai fazer o que Sarah faz. Nem vai reparar na nossa existência — interrompeu Mac, entrando na fila de carros. — Quando chega perto de Boo, a cabeça daquela menina vai para algum lugar nas nuvens.

* * *

Todo mundo conhecia a fala das mães que trabalham fora sobre a impossibilidade de equilibrar a criação das crianças e o trabalho, pensou Natasha enquanto atravessavam a cidade devagar. Mas era impossível assimilar a agitação do malabarismo enlouquecedor até se estar nessa situação. No caso de Natasha, ela acolhera duas crianças e um cavalo no período de nove meses. A grande ironia foi, depois de todos aqueles anos de conselhos sobre reduzir os níveis de estresse, beber menos, pensar em coisas positivas e fazer sexo em horários propícios, ela ter engravidado durante os três dias mais atribulados e cheios de bebida de sua vida.

Mas os dois concordaram, ali deitados, um de cada lado dele, olhando para as pernocas gorduchas, as bochechas, o cabelo igual ao de Mac, que essa era a beleza daquilo. Ele foi gerado porque tinha de ser.

O chalé de Kent havia muito tempo não era mais usado, substituído por um novo chalé alugado; a casa de Londres não fora vendida. Mac, Natasha e o bebê passavam os dias úteis lá enquanto Sarah estava em um internato exclusivo logo depois da extremidade noroeste da estrada M25, um dos poucos no país que, além de aceitar cavalos, também ofereciam treinamento no nível de que Sarah precisava. O preço era absurdo, mesmo com a bolsa de estudos dela.

— Mas, ei — dizia Mac quando a conta do semestre chegava e eles desabafavam um pouco à mesa da cozinha —, ninguém disse que ter uma família saía barato.

Eles não se importavam de gastar dinheiro. No internato, Sarah tinha desabrochado, era igual a todo mundo em meio aos outros adolescentes cujas famílias estavam ausentes por diversos motivos. E, apesar de nunca ter se destacado academicamente, ela havia se esforçado, feito amigos e, o mais importante, adquirido um leve brilho de felicidade.

Nos fins de semana, quando iam para o chalé alugado a seis quilômetros da escola, e Sarah ficava com eles, as conversas eram dominadas não apenas pelos relatos sobre o comportamento de Boo na arena, suas várias conquistas ou pequenas decepções, mas também cada vez mais pelas atividades dos amigos dela. Sarah nunca seria uma menina das mais gregárias, porém levara algumas amigas para conhecê-los.

Adolescentes bacanas, educados, focados, já pensando na vida depois da escola.

Da mesma maneira, Sarah nunca seria a pessoa mais aberta ou afetuosa: havia uma distância natural, um muro que logo se erguia quando ela se sentia infeliz ou insegura. Mas, à vontade com eles no chalé, ela falava sem parar de David, Helen e Sophie, e do cavalo de alguém que se recusou a entrar no trailer quando eles foram ao evento em Evesham, e Natasha e Mac trocavam um olhar de satisfação à mesa da cozinha. Tinham percorrido um longo caminho. Cada um deles.

* * *

O terreno da escola estava cheio de carros, com a pintura brilhante criando uma colcha de retalhos reluzente de um dos lados do campo de críquete. Pais e mães caminhavam pelo gramado, as mulheres de salto alto riam, agarrando-se aos maridos enquanto afundavam no solo. Sarah os vira antes mesmo que o guardador apontasse uma vaga para o carro de Mac. Correu na direção deles com a calça de montaria e a camisa branca imaculada brilhando.

— Vocês vieram — disse quando Natasha saiu do carro, sentindo a saia colar na parte de trás das pernas.

— Não perderíamos por nada — disse Mac, beijando-a na bochecha. — Como você está, querida?

Mas Sarah já estava abrindo a porta traseira do carro.

— Oi, Henry, meu soldadinho! Olhe só para você! — Soltou o cinto de segurança dele e então o pegou no colo. Segurou-o à sua frente e sorriu quando ele tentou pegar seu cabelo. — Ele cresceu de novo!

— Sua camisa vai ficar toda suja de banana. Oi, querida. — Natasha deu um beijo nela, percebendo que o bebê não era o único que tinha crescido. A cada semana que a viam, Sarah ia se transformando em mulher. Havia pouco da menina magrinha que haviam conhecido. Estava mais alta do que Natasha, tão sólida e reluzente quanto seu cavalo. — Então, estão preparados?

— Estamos. Boo está indo muito bem. Aah, senti tanta saudade de você. Senti, sim.

Sarah abraçava Henry, causando a mesma reação de alegria que sempre despertava nele.

Henry aglutinara a nova família deles, pensou Natasha, como sempre fazia. Quando tinham revelado a gravidez de Natasha a Sarah, várias semanas depois de terem se recuperado do choque, as assistentes sociais ficaram preocupadas de que ela pudesse se sentir excluída, que talvez aquilo agravasse a sensação dela de instabilidade. Mas Natasha e Mac achavam que aconteceria o contrário, e tinham razão. Tudo fora muito mais fácil com aquela pessoazinha que ela podia amar incondicionalmente.

Foram até a arena, onde os assentos já estavam sendo ocupados. Um menino de uniforme lhes entregou um programa com os eventos da noite. A interpretação de Sarah de Le Carrousel ganhou destaque, notou Natasha, com orgulho.

— Querem que eu cuide dele no fim de semana? — Sarah ia dizendo, soltando habilmente os dedos de Henry de seu cabelo. — Eu não me incomodo. Não tenho planos para este fim de semana.

— Achei que você tinha uma festa. — Natasha remexia a bolsa em busca de um lenço umedecido. As manchas de banana já iam se formando nos ombros cobertos de branco de Sarah. — Você não ia a algum lugar com as meninas da escola?

Foi um olhar muito discreto, mas Mac o captou.

— Ops. O que foi?

— Como assim? Não posso me oferecer para ficar de babá?

O tom de Mac era severo, mas tinha um tom de brincadeira.

— O que você está aprontando, mocinha?

— Reservei lugares ótimos para vocês. Olhem, não guardei nenhum para Henry, mas achei que vocês ficariam com ele no colo. Daqui, vão conseguir ver tudo.

Mac hesitou.

— Vamos lá. O que foi?

Ele sempre fora melhor do que Natasha em decifrá-la. Sarah tentou parecer acanhada, mas estava radiante.

— Fui aceita no curso.

— Que curso?

— Em Saumur. O curso de verão. Seis semanas com Monsieur Varjus. Recebi uma carta hoje de manhã.

— Sarah, isso é incrível. — Natasha a abraçou. — Que bela conquista. E você achava que não tinha chance.

— Os professores daqui mandaram um CD com vídeos nossos e uma carta de recomendação. Monsieur Varjus disse na carta dele que viu sinais claros de progresso. Ele, na verdade, escreveu pessoalmente para mim.

— Bem, isso é maravilhoso.

— Eu sei. — Sarah hesitou. — Mas é muito caro. — Ela sussurrou a quantia.

Mac assobiou.

— Isso é um monte de horas trabalhando como babá.

— Mas tenho que fazer esse curso. Se me sair bem, terei vantagem quando me candidatar. Por favor! Eu faço qualquer coisa.

Natasha imaginou a minivan que ela e Mac tinham analisado na concessionária na semana anterior e então a viu desaparecer.

— Nós vamos dar um jeito, não se preocupe. Quem sabe sobrou um pouco do dinheiro do seu avô…

— Mesmo? *Mesmo?*

Alguém a chamava, com a voz se sobrepondo ao barulho da multidão. Sarah olhou para trás, depois para o relógio e xingou baixinho.

— É melhor você ir.

A orquestra estava afinando os instrumentos. Sarah entregou Henry para Natasha, desculpou-se baixinho e saiu correndo na direção do estábulo.

— Obrigada! — berrou, acenando por cima do público. — Nem sei como agradecer! Eu pago de volta algum dia. De verdade!

Natasha deu um abraço bem apertado no filho enquanto a observava se afastar.

— Você já pagou — disse, baixinho.

* * *

Sarah ajustou a cintura, aprumou o corpo e passou a mão de leve nas trancinhas que passara a manhã toda fazendo na crina de Boo. Daquele espaço, atrás das telas improvisadas, dava para ver a plateia se ajeitando, e Sarah flagrou Natasha entregando Henry a Mac e depois remexendo na bolsa. Uma câmera. Viu quando Mac a pegou dela e sacudiu a cabeça num gesto carinhoso.

Sarah adorava as fotos de Mac: as paredes do seu quarto no internato estavam tomadas dessas fotos. Depois da morte de Vô, Mac pegara todas as fotos antigas que encontraram no apartamento de Sandown — fotos dela com a avó, antigas imagens em tom de sépia de Vô montado em Gerontius — e fizera cópias, usando algum recurso digital para torná-las mais nítidas, maiores, deixando o rosto de Vô mais visível. No dia do enterro, ele e Natasha haviam emoldurado algumas e colocado no quarto dela para que as encontrasse quando voltassem para casa.

— Sabemos que não somos a sua família original — tinham dito a ela naquela noite. — Mas gostaríamos de ser a segunda.

Sarah nunca perguntara por que haviam colocado o nome do bebê de Henry, mas desconfiava que sabia o motivo. Ele unia os dois lados da vida dela. Às vezes ela até achava que via um pouco de Vô nele. Mesmo que não fizesse sentido. Ainda via Vô em toda parte: nas coisas que Boo aprendera; ouvia a voz dele em sua cabeça sempre que montava. *Olhe só, Vô*, dizia a ele em silêncio.

O ar da noite estava impregnado do cheiro forte da grama recém-cortada, com um leve toque de morango da tenda de chá armada atrás da arena. Houve um breve silêncio, então a orquestra começou a tocar, a música de violino com a qual tinham passado horas ensaiando. Sarah viu as orelhas de Boo se eriçarem ao reconhecer o som, sentiu o animal ajustar o peso embaixo dela enquanto se preparava para a tarefa que tinha pela frente.

Naquela noite, eles provavelmente pediriam comida fora para o jantar no chalé do outro lado do vilarejo. Mac brincaria com ela sobre meninos e Natasha pediria ajuda para dar banho em Henry. Ela sempre pedia como se Sarah estivesse fazendo um enorme favor, apesar de as duas saberem que ela adorava dar banho no bebê. Em dois meses, ela estaria na França.

Sarah de repente experimentou uma sensação de estar… se não no lugar onde deveria, então no lugar a que pertencia. Não poderia querer mais.

Olhou para o Sr. Warburton, seu instrutor de montaria, que murmurava as batidas da música enquanto segurava a rédea de Boo.

— Está pronta? — perguntou, olhando para ela. — Lembre-se do que eu disse. Calma, em frente, direto e leve.

Sarah se sentou um pouco mais ereta, pressionou as pernas no cavalo e saiu cavalgando.

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível sem a ajuda técnica e o apoio de várias pessoas. Gostaria de agradecer especialmente a Nicola McCahill e ao advogado John Bolch. Qualquer erro sobre o mundo jurídico é de minha total responsabilidade ou foi fruto de algum ajuste necessário para o enredo.

Também agradeço a Yolaine e Thierry Auger, do Château de Verrières em Saumur, aos fotógrafos Mark Molloy e Andrew Buurman, a Sheila Crowley, da Curtis Brown, a Carolyn Mays, Auriol Bishop, Eleni Fostiropolous, Lucy Hale, da Hachette UK, a Linda Shaughnessy e Rob Kraitt, da AP Watt.

Sou grata também a Annabel Robinson, da FMCM, a Hazel Orme e Francesca Best. A Cathy Runciman pela tradução do francês, por servir vinho e pela amizade infinita, e a Hannah Mays, Chris Luckley e Sonya Penney, pelas valiosas informações durante a primeira viagem ao Le Cadre Noir.

Estendo meus agradecimentos a Drew Hazell, Cathy Scotland e Jeannie Brice, além de a Barbara Ralph e John Alexander.

Aos diversos integrantes do Writersblock; vocês sabem quem são.

Também agradeço a Simon e Charlotte Kelvin, cuja generosa doação beneficente significa que vão aparecer de alguma forma no meu próximo livro.

À minha família, Lizzie, Brian Sanders e Jim Moyes, e mais do que tudo a Charles, Saskia, Harry e Lockie. Cavalgar é pesquisar. De verdade.

* * *

Em 2007, li uma matéria na revista *Philadelphia Weekly*, do jornalista Steve Volk, sobre uma menina de quatorze anos chamada Mecca Harris. Ela passava todo o tempo em que não estava na escola em um estábulo

urbano na Filadélfia, aprendendo o amor pelos cavalos e a habilidade de montar com a Philadelphia Black Cowboys, instituição que oferece às crianças dos bairros mais carentes da cidade a chance, por meio dos cavalos, de buscar outro modo de vida.

Ela tinha uma habilidade nata e determinação, e foi escolhida para jogar polo contra Yale, com o time Work to Ride, formado exclusivamente por negros. No segundo semestre de 2003, ela recebeu a ficha de inscrição para uma escola de polo de grande prestígio na Califórnia, mas nunca chegou a preenchê-la.

No dia 15 de outubro de 2003 Mecca Harris, a mãe dela e o namorado da mãe foram encontrados mortos em casa, um crime supostamente ligado a drogas.

Essa história ficou na minha cabeça não por causa das imagens comoventes de Mecca, uma jóquei pequenina e magrinha, com as tranças visíveis sob o capacete de montaria. Mas porque, apesar de a minha vida não ter sido tão cheia de privações quanto a dela, eu poderia ter sido aquela menina. Passei minha adolescência em estábulos urbanos espalhados pelas ruas vicinais de Londres; minhas arenas eram os parques locais. Os cavalos me mantinham longe de confusão (por mais que os meus pais discordassem) e criaram uma paixão que dura trinta anos.

Atualmente moro em um sítio. Tenho um cavalo nos campos verdejantes e não sob um arco de ferrovia. Mecca Harris também deveria ter seus campos verdejantes. Este livro é dedicado a ela e a crianças como ela, para quem os cavalos podem ser uma saída.

SOBRE A AUTORA



© Stine Heilmann

JOJO MOYES nasceu em 1969 e cresceu em Londres. Trabalhou como jornalista por dez anos, nove deles no jornal *The Independent*, de onde saiu em 2002 para se dedicar integralmente à carreira de escritora. É autora de *A última carta de amor*, *Como eu era antes de você*, *A garota que você deixou para trás*, *Um mais um*, *Baía da Esperança*, *O navio das noivas* e *Depois de você*, publicados pela Intrínseca. *Como eu era antes de você*, seu romance de maior sucesso, ocupou o topo da lista de mais vendidos em nove países e foi adaptado para o cinema. Com mais de 20 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, Jojo Moyes é uma das poucas escritoras a ter emplacado três livros ao mesmo tempo na lista de *best-sellers* do *The New York Times*. A autora mora em Essex, na Inglaterra, com o marido e os três filhos.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



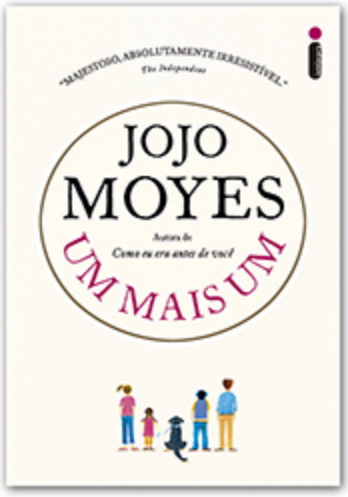
A última carta de amor



Como eu era antes de você



A garota que você deixou para trás



Um mais um



Baía da Esperança



O navio das noivas



Depois de você

LEIA TAMBÉM



Escola de equitação para moças
Anton Disclafani



Pequenas grandes mentiras
Liane Moriarty



Um presente da Tiffany
Melissa Hill